

G930 SI38N V.1 LAC



THE LIBRARY
OF
THE UNIVERSITY
OF TEXAS

G930
Si38n
v.1

1204P 63 OF V1 \$4.8
list
when
sold V

*Ensaio Critico de FARIAS
BRITO inscrito no livro "O MUN-
DO INTERIOR", a respeito da
obra*

*"Nova Luz Sôbre o
Passado"*

*de autoria de A. SERGIPE pseu-
domino do Dr. JUSTINIANO
DE MELLO E SILVA, nascido
a 8-1-1852 e falecido a 8-2-1940.*

UM ESCRITOR NOSSO:

NOVA LUZ SOBRE O PASSADO

Um escritor nosso, em uma obra formidável e estranha que publicou sob o pseudônimo de A. Sergipe, ocupa-se também com êsse problema da queda e da corrupção do homem. E vai mais longe, muito mais longe do que todos os outros que por qualquer modo trataram do assunto; porque, pretendendo haver descoberto uma chave com a qual se julga habilitado para descobrir o segredo dos mais antigos mistérios, e fazer revelações nunca tentadas, nem sequer pressentidas, propõe-se a reconstruir a história primitiva do mundo, e faz uma longa exposição, desenvolvendo uma história realmente inaudita, uma espécie de romance cósmico, a história tragicômica, monstruosa e sombria, de um pavoroso crime, do crime com que a humanidade fez a sua entrada no mundo.

Essa obra, aliás, foi, entre nós, muito mal recebida pelos críticos, naturalmente porque a não compreenderam. Foi considerada por alguns como coisa monstruosa. Outros condenaram-na como amontoado de extravagâncias, sem significação e sem nexos, obra sem dúvida de algum maníaco. Estes decerto não perceberam o sentido da obra; não sabiam de que se tratava, nem eram capazes de compreender a gravidade dos problemas que eram agitados. Tais apreciações, entretanto, pesaram no espírito público, e até no ânimo do governo; tanto assim que a obra estava sendo publicada por conta da Nação, em virtude de lei do Congresso, mas depois destas apreciações, parece que o governo mandou suspender a publicação. Foi dado à publicidade apenas o primeiro volume, que, aliás, só por si, é já um trabalho enorme, de perto de 700 páginas. Não sei se o resto do manuscrito terá desaparecido com o incêndio que ultimamente devorou o edifício da Imprensa Na-

cional, onde muita cousa de valor, ao que se diz, foi consumida. E o mais completo silêncio fez-se sobre a obra de A. Sergipe.

E' de lamentar, pois essa obra é para ser encarada com atenção e respeito, ainda quando de fato se chegasse a provar que realmente é a obra de um louco; porque é evidente, qualquer que seja a sua significação, que pertence ao número destes trabalhos extraordinários que valem por toda a vida, por todo o pensamento, por todo o esforço e por toda a alma de um homem. E onde está um homem, está a humanidade, com toda a sua história de crimes e misérias, de sonhos e aspirações; por conseguinte com todas as suas ilusões e decepções, com todas as suas lutas e sofrimentos. Mas a crítica, leviana e banal, examinando a obra de A. Sergipe, não considerou o que havia ali de esforço e dedicação, de sacrifício e trabalho, e atendendo somente ao que lhe era mais cômodo, procurou fazer espírito, dando explosão ao caráter grotesco das suas cogitações. Apedrejou o autor, qualificou-o de louco e lançou-o ao desprezo, como se um louco não fosse digno somente de piedade. A obra de A. Sergipe, entretanto, merece ser examinada e deve ser tomada a sério, e ainda que seja encarada como um simples romance, obra de pura imaginação, não deixa de despertar interesse. A exposição é magnífica e o estilo é sempre límpido e às vezes até grandioso. Se se trata de um louco, é de certo um louco bem singular.

E' verdade que A. Sergipe, por vêzes, nos fala em um certo tom cabalístico e estranho que lembra a linguagem dos profetas. De certo modo é — como uma espécie de decifrador de profecias que se apresenta; e neste sentido toda a sua exposição, de si mesma, é um milagre. Isto torna-o suspeito; dá-lhe o aspecto de um personagem que vem de outro mundo, uma espécie de fantasma, a fazer revelações do ignoto. Além disto, o seu método de demonstração é complicado e em grande parte arbitrário, e algumas vezes parece mesmo que sua imaginação desvaira. Seu processo de prova, fundado principalmente no exame da estrutura das palavras e na interpretação das raízes primitivas da linguagem, é, por um lado, difícil e vago, e por outro lado, de uma uniformidade apavorante. Se sua narrativa tivesse sido feita de modo mais simples, não tirando partido tão amplo dos elementos linguísticos, que, a serem empregados da maneira por que o faz o autor, prestar-se-iam para tudo, — e fundando-se de preferência no sentido das lendas que, em verdade, interpreta com felicidade, e nos documentos mitológicos, como na tradição dos mais antigos

povos; enfim, se tivesse adotado um método mais em harmonia com os hábitos tradicionais do pensamento — é de supor que sua obra tivesse sido melhor compreendida. Mas é que o processo linguístico é a alma mesma do sistema; porque o mecanismo das línguas conforme sustenta o autor, foi propositalmente constituído, de modo a que pudesse ser um dia descoberta e reconstruída a história primitiva do mundo. E os primeiros dominadores do planêta, os mestres da linguagem, assim fizeram, porque previam que a civilização que representavam, havia de desaparecer. E êles tudo previram, e a própria existência de A. Sergipe que havia de ser o futuro intérprete dêste segredo, foi por êles prevista e determinada, bem como o momento e o lugar em que devia aparecer.

Não é meu propósito fazer a defesa de A. Sergipe, nem tampouco analisar a sua obra. Estas reflexões têm por fim simplesmente render homenagem a seu trabalho. O que pretendo aqui é unicamente consignar a sua idéia. Esta consiste precisamente no seguinte: que anteriormente à civilização atual, a terra foi teatro de outra civilização infinitamente superior, que foi exterminada em consequência de uma crise cosmológica por que passou o planêta, e por efeito de um grande crime. Esse crime foi, exatamente, o fato com que começou sua história a humanidade atual, e foi obra sua. E' o que se chama na lenda o pecado original. E' daí que vêm tôdas as imperfeições do homem; o que o torna desgraçado e impotente contra si mesmo e contra a natureza; porque nascido do crime, conserva, por fatalidade orgânica e inevitável o estigma e a desgraça do crime, e é esta a razão por que sua história tem sido, até — agora, e continuará a ser, talvez indefinidamente, uma série de calamidades, uma sucessão indefinida de guerras e traições, de lutas e perfídias, uma comédia horrível e maldita. Mas — cousa singular! — todos os outros autores que se ocupam do dogma da queda, interpretam-no no sentido teológico, e explicam a queda como a consequência de um crime contra Deus. A. Sergipe, entretanto, que como já disse, nos fala em tom que lembra a linguagem dos profetas, trata da questão, sem recorrer a nenhum elemento sobrenatural; dá aos fatos mais extraordinários interpretação natural; faz história e não teologia; e neste sentido pode dizer-se que é único no seu sistema.

Eis aqui, em síntese, a sua concepção, pondo de parte o seu modo de exposição e os seus processos de prova, e considerando somente o que consta do único volume que foi publicado: A terra era habitada em começo por uma humanidade

inteiramente diferente da humanidade atual, — a velha raça branca asiática que tinha a água ou a linfa por emblema —: que havia atingido o mais alto grau de cultura e de ciência; que vivia na paz e na concórdia, entregue ao trabalho fecundo e produtor que dá o domínio dos elementos e ao gozo das alegrias mais íntimas, na consciência do seu poder e da sua perfeição. Era uma sociedade de homens retos e impecáveis, uma espécie de sociedade de Deuses; e são Estes homens que de fato representam na Bíblia o papel da divindade. E quando a Bíblia, o grande livro, como a chama A. Sergipe fala do Senhor, de Jeová ou de Eloim, o que aliás está de acordo com a pluralidade d'este último nome, refere-se, não a uma entidade qualquer sobrenatural ou metafísica, mas a êsse homem, ou a essa sociedade pré-adâmica. E êsse homem ou essa sociedade, como a imagina A. Sergipe, tinha um poder e uma sabedoria incomparáveis; e, como o homem primitivo de Renouvier, era um ser perfeito, e exercia a soberania no planêta e tinha o império da natureza. “Sucedeu, porém, diz A. Sergipe, “que a confiança da antiga raça na fixidade de nosso planêta foi abalada, e a noção de um grande perigo surgiu com o resultado das observações feitas. A obliquidade da ecliptica, não há duvidar, coincidindo com chuvas abundantes, data dessa época, memorável e funesta para a humanidade da primeira leva”. E' que o planêta envelhecia, atingira o máximo da potência criadora; mas a datar daí entrara na fase da decadência e os representantes e autores da civilização primitiva teriam de desaparecer, por não dispor mais a terra dos elementos necessários e da força suficiente para uma condição superior de vida.

E sucedeu que, por essa época, como efeito mesmo do abalo por que passou o planêta, raças inferiores foram produzidas, seres informes, negros selvagens e cruéis, organismos de natureza mal definida, efeito do esgotamento do planêta e pronuncio da dissolução e da morte. Entre estas raças selvagens, produto mórbido da energia criadora e transformista, no momento grave da crise de um mundo, destacavam-se os etíopes ou boximares e os líbios ou marmáridas. Estes últimos constituíram-se um grave perigo contra a civilização, porque inconscientes e brutos, eram ao mesmo tempo ambiciosos e ferozes, e os asiáticos viviam sob a ameaça permanente das suas irrupções. Eram como uma força cega que ameaçava desabar envolvendo tudo na noite de sua inconsciência. Isto deu lugar a que o homem que representava a civilização em perigo tratasse de arrancar da barbaria uma das tribos selva-

gens. A humanidade primitiva tinha horror ao manejo das armas e por si mesma não poderia defender-se. Isto repugnava-lhe. Era preciso, pois, tirar dos próprios selvagens o elemento de defesa. E os boximanes foram para isto os escolhidos. Estes brutos foram assim tirados da selvageria em que jaziam no golfo de Guiné e transportados para o Egito, onde foram estabelecidos, gozando de tôdas as vantagens da civilização, entrando em contato com o homem que era o representante da vida superior e recebendo a influência da civilização. Era como se tivessem sido tirados do nada, para se verem logo transformados em dominadores do mundo. Este fato, segundo A. Sergipe, é que forneceu o assunto para a narrativa do Gênesis, e os boximanes é que representam na lenda o papel de Adão, pois foram como um homem que a raça civilizada tivesse criado, tirando-o do lôdo. Eles não possuíam a linguagem articulada e falavam por "trejeitos e grito confusos". Seus educadores ensinaram-lhes a arte da palavra, ao mesmo tempo que lhes deram a noção do sentido das cousas e o conhecimento da vida, instruindo-os igualmente na arte da guerra, isto é, organizando-os em corpos regulares de resistência para o caso de se tornar necessária uma luta de defesa contra os líbios. Tal é o sentido do fato de que faz menção a Bíblia quando diz que Deus, depois de ter criado o homem, do barro, animou-o com seu sôpro de vida. Esse sôpro é o da instrução e da palavra. E assim transformados, os boximanes foram estabelecidos no Egito, em uma região que a raça civilizada, de um deserto, havia transformado em um paraíso pelo trabalho da arte e da ciência. Para dar uma idéia do poder e da ciência desses homens extraordinários, basta considerar que o Nilo foi uma obra d'arte por eles levada a efeito, para fertilizar aquela região, de si mesma estéril e inabitável. O Egito é, pois, o paraíso de que fala o Gênesis. E os boximanes foram ali colocados, como um corpo de combatentes, a fim de defenderem contra as ameaças dos líbios a sociedade asiática, ou a obra da civilização e da moral. Daí o nome que lhes foi dado de etíopes (*ethiopus*). E a raça civilizada educava aqueles bárbaros com interesse e com amor. E' que tinha a previsão de que havia de desaparecer e preparava assim aqueles que estavam destinados a substituí-los na posse do planêta. Educava-os com amor; inculcia-lhes a fé na eficácia do trabalho; fortalecia-os com o ensino da ciência e das artes; criava-os à sua imagem e facultava-lhes o gozo de tôdas as delícias do paraíso, onde haviam sido estabelecidos: alimentava uma ser-

pena, porque os monstros haviam de trair os seus benfeitores e exterminá-los, cometendo o mais inaudito dos crimes.

E assim realmente succedeu. Os líbios que representam no Gênesis, segundo a interpretação de A. Sergipe, o papel da serpente, seduziram e atraíram a si os etíopes. Havia deveres a êstes impostos. A moral para êles, no seu estado natural, era "uma cousa estranha, incompreensível", mas à luz do ensino que recebiam, nasceram para a consciência e um costume lhes foi imposto. Tudo lhes era permitido, exceto "tentar contra a pureza das mulheres asiáticas". Era êste o fruto proibido, ao mesmo tempo que a árvore da vida representa os asiáticos ou os homens da sociedade perfeita e divina que habitavam no Egito e tratavam da educação da nova sociedade. Pois bem : os líbios convenceram os etíopes de que se violassem a lei, tornar-se-iam iguais a seus educadores, isto é, iguais aos deuses; e êstes bárbaros, que eram ambiciosos, facilmente se deixaram excitar à prática do crime. A vaidade cegou-os, quando a serpente sedutora lhes fez sentir que se tornariam "como uns deuses, conhecendo o bem e o mal, enquanto os seus olhos se abriam". E foi logo combinada entre estas duas tribus selvagens a mais monstruosa e estupenda das traições. Entenderam-se as duas serpentes. "No posto militar que ocupavam, os aliados dos brancos conspiraram com os seus benfeitores e urdiram êsse pacto de morte que terminou pela dominação dos selvagens sobre os civilizados". O morticínio foi tremendo: tudo foi levado a ferro e a fogo. "Matou os homens, aprisionou as mulheres, eis o que fez a tribo rebelde, auxiliada pela outra contra quem fora postada para defender". Era a revolta da criatura contra o criador. "E os piores inimigos dos asiáticos, foram os que êstes amparavam, alimentaram, vestiram, ensinaram a falar por sons articulados, adestraram na arte militar ou na tática da guerra, base do poderio desta tribo tenaz, hipócrita e feroz".

A. Sergipe faz com seus processos próprios e com seus métodos particulares de demonstração e de análise, a exposição minuciosa desse monstruoso crime e descreve os sofrimentos horríveis por que passaram os asiáticos que, entretanto, desaparecendo do planêta, deixaram o perdão para seus algozes. Os selvagens, destruindo tudo, tinham particular interesse em poupar as mulheres asiáticas. Estas, aprisionadas pela soldadesca feroz, eram distribuídas pelos capitães e chefes. Os brutos acreditavam que era pelo contato com elas que se haviam de transformar em deuses. E só por êste motivo eram aqueles seres divinos poupados, mas para terem de so-

trier um suplício maior que a morte, sendo entregues à concupiscência feroz daqueles "animais com forma de homens", daqueles brutos cabeludos e horríveis, e reduzidas à condição de escravas. E foi da ligação destes monstros com as suas vítimas indefesas que resultou a humanidade atual como um produto híbrido de dois elementos antagônicos cujo contato representa o mais horrível dos sacrifícios: um mal maior que a morte, a dor suprema. É a ligação entre a noite africana e a luz da civilização asiática: entre o véu da brutalidade etíope que se estendeu como "um lençol fúnebre" sobre o mundo, e a bondade infinita da raça superior que sendo sacrificada, perdoa, e procura salvar aquêles mesmos que a perderam; entre o bem e o mal; entre a verdade e o erro; entre a morte e a vida. É em que consiste o pecado original que pesa como uma fatalidade, com todo o terror de um sentença irrevogável, sobre os destinos da civilização atual. É que somos o produto de um crime e este crime persiste através de todas as gerações que se sucedem, sendo que é deste fato que resultam todas as imperfeições físicas e morais a que está sujeito o homem: produto, ao mesmo tempo, do crime e do sacrifício; o que faz com que sejamos capazes, a todo o momento e em todas as circunstâncias, dos atos mais heróicos e dos crimes mais infames; indicação certa de que todo o homem encerra dentro em si, ao mesmo tempo, um anjo e uma besta.

A. Sergipe coloca-se em um ponto de vista singular quanto ao modo por que compreende e explica a origem das raças que atualmente dominam o planeta. Supõe-se que foi da Ásia que saíram os povos que civilizaram a Europa. Segundo A. Sergipe, ao contrário, a primitiva raça civilizada asiática extinguiu-se totalmente; e o que se chama civilização no momento que atravessamos da vida do planeta, é tudo obra da noite africana que se estendeu sobre toda a superfície do planeta. E os "Árias que passam como antepassados dos povos indo-europeus", são também provenientes da raça que foi tirada do lodo, e a própria palavra o explica, pois, ao que diz o autor, "Árias" vem de "hara" e "hara" significa "pocilga de porcos".

Também é curiosa a maneira por que A. Sergipe explica a origem dos deuses. É que os bárbaros, destruindo os seus benfeitores, contavam que haviam de substituí-los em tudo, e assim imaginavam que haviam de transformar-se em deuses: o que dependia, como sabemos, do contato com as mulheres asiáticas, ou do uso do fruto proibido. Era este o seu principal sonho e a sua maior sedução. E é dominados por

esta sedução que se faziam adorar como deuses, os principais chefes dos bandos da obra defast a de demolição com que começou a história do homem. De modo que as principais divindades que eram adoradas nos centros primitivos da civilização atual, como quase todos os imortais que habitavam o Olimpo, existiram de fato e foram simplesmente assassinos e ladrões, chefes das hordas de bárbaros e dos bandos de assassinos que fizeram desaparecer a civilização da face do planêta. E é dêste modo que o autor expõe o que acredita ter descoberto sôbre o "dédalo obscuro da história primitiva em que pela primeira vez se penetra".

O homem atual, é pois, um homem decaído. Também o mundo moderno, como o descreve A. Sergipe, com tôdas as suas invenções e progressos, comparado com o que já houve em outras eras, e uma cousa horrível, digna de seu passado, "Anarquia Crônica, essencial e invariável" — eis a situação real das sociedades ditas civilizadas. O que se chama civilização é, nos nossos dias um esforço, contínuo, desesperado, mas sempre impotente, para resistir à tendência furiosa para a decadência e para a barbaria. "A Ásia, berço da civilização", diz o autor, "é pela metade selvagem, e a Europa vê a seus pés a terra dos negros, que foi um centro de admirável cultura. Na América ainda vagueiam nas florestas ou nos descampados as tribus nômaes que emigraram da Ásia para destruir o trabalho dessa humanidade primitiva, que não teve senão sucessores capazes de ombrear com os aventureiros europeus do Século XVI, iletrados ou inutilmente cruéis". E insistindo o autor sôbre o valor da civilização superior que foi destruída, lembra a grandeza extraordinária das cidades e monumentos desaparecidos de que apenas ficou uma lembrança vaga e incerta. "A celebridade de Elefantina e Filé" diz êle, "corresponde à grande civilização de que foram teatro: os cais e templos que se encontram, atestam ainda a grandeza e a magnificência de um remoto passado e contrastam dolorosamente com a miséria atual".

A raça civilizada poderia ter reagido contra os bárbaros e dispunha dos meios suficientes para exterminá-los, punindo-os com a morte. Mas isto seria, não puni-los, mas libertá-los do horror de seu crime. Por isto resolveram os asiáticos, depois de madura reflexão, "abrir mão do poder", e preferiram à reação o sacrifício. Punir com a morte os autores do monstruoso crime, seria premiá-los com vida eterna, pois "morrer", na língua de A. Sergipe, "traduz-se por gozar a vida eterna" e foi isto que se evitou pelo perdão concedido aos selvagens

assassinos e raptores". Mas a civilização e a moral é que desapareceram da face do planêta, onde se desenrola a vida desolada e triste de uma humanidade impotente e miserável, que, a todo momento e em todas as circunstâncias, repete, nos casos singulares, como no conjunto das suas operações, o mesmo quadro invariável e desolador do drama primitivo: a vitória dos maus e o sacrifício dos bons.

Nesta indagação escabrosa sôbre a humanidade primitiva e sôbre as circunstâncias remotas que determinaram a condição atual do homem, é inegável que o escritor brasileiro entrou mais fundo que todos os outros no âmago da questão. E há razão nisto para felicitar a inteligência brasileira e em particular êsse valioso Estado de Sergipe, tão fecundo em inteligências vigorosas. Devemos, porém, crer na interpretação do temerário escritor? E' realmente aceitável, o seu método? São de natureza a gerar a convicção, os seus processos de prova? E' legítima a chave que acredita haver descoberto e de que se serve, na convicção de que conseguiu alcançar os mais extraordinários resultados?... A. Sergipe, sem dúvida, age de boa fé. Seria clamorosa injustiça afirmar o contrário. Não se concebe mesmo que alguém que tenha lido o seu livro, duvide da boa fé do autor. Tudo realmente na obra de A. Sergipe demonstra o interesse pela verdade e a alta preocupação moral; tudo reflete a sinceridade do autor. Mas a sinceridade não basta para garantir a verdade. E' sempre nosso dever respeitar tudo o que é sincero; mas, por ser sincera uma concepção, não se segue que seja verdadeira. E erros gravíssimos podem gerar a convicção mais profunda, sendo defendidos com interesse e paixão e até com sacrifício da vida. A. Sergipe argumenta principalmente com a interpretação das raízes da linguagem. Realmente a linguística oferece um poderoso instrumento de investigação histórica e lança muita luz sôbre certos pontos obscuros. Demais tôda a palavra, sob certo ponto de vista, encerra uma história e neste sentido poder-se-á dizer que o mecanismo das línguas é como uma espécie de algebra do pensamento, em que sucessivamente se vai realizando a história viva dos acontecimentos, concretizada em fórmulas imutáveis e fixas. Mas essa história é vaga e incerta, e sem dúvida nos dá indício das evoluções dos espíritos, mas apenas em seus caracteres gerais e em suas linhas menos acessíveis a determinações precisas. Como partir daí para desenrolar acontecimentos, coordenando fatos, determinando lugares e precisando datas? Imagine-se que empreendesse alguém reconstruir a história de nosso país, que é de ontem,

pelas nossas lendas e pela interpretação semântica dos nomes dos nossos homens e das nossas cousas? Que se poderia esperar que saísse daí? Pois tal é o processo de que se serve A. Sergipe, não para interpretar um determinado fato, não para retificar este ou aquêlê ponto da história, mas para reconstruir, totalmente e debaixo de um ponto de vista inteiramente novo, a história primitiva do mundo.

Sua concepção é, sem dúvida, interessante, e a interpretação que nos dá dos acontecimentos da história, não deixa de ser curiosa, e lança uma certa luz sôbre alguns fatos obscuros que pareciam inexplicáveis. Mas será sua exposição verdadeira? Seus processos e análises não convencem e parecem antes resultado de uma exaltação exagerada da imaginação. Vê-se, como já disse, que o autor é sincero; mas não será vítima de uma convicção que a tal ponto se arraigou no seu espírito que terminou por transtornar-lhe a razão quanto à apreciação dos argumentos que formula, que lhe parecem evidentes, mas simplesmente porque prespõem a concepção que o domina?

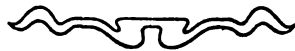
E' possível que no resto da obra a cousa se esclareça. Mas por enquanto ficamos na dúvida e no terreno em que se aventurou A. Sergipe, não poderemos ainda passar além do domínio das conjecturas. Em todo caso é justo reconhecer no seu ponto de vista dá-se uma interpretação positiva e real ao problema das origens. E a exposição que nos faz, mesmo quando se deva considerar como romance, é grave e solene, e não deixa de ter originalidade e grandeza. E se fôsse verdadeira, seria a história da humanidade uma monstruosa tragédia, onde as cenas que se sucedem, oferecem desde o início, a alternativa e a sucessão contínua de dois fatos: o crime, e o sacrifício e a imolação contínua da virtude: drama horrível de dor e desespero; tragédia de sangue e de extermínio. E seria também a mais justa e a mais merecida das expiações. E' certo que o ser que sofre esta expiação, o homem, vem da ligação dos dois elementos, o asiático e o bárbaro, e dêste modo representa não sômente o crime, como ao mesmo tempo a vítima do sacrifício. Isto explica o interesse e dedicação da raça superior, dos homens da primeira espécie que habitaram a terra, pelos destinos da humanidade. O autor dá algumas vêzes aos representantes da civilização primitiva, aos homens da raça pré-adâmica o nome de raça astral; o que significa sem dúvida que essa sociedade de seres superiores deriva da luz infinita que anima o Universo. Esses homens foram suprimidos do planêta. Mas isto não deverá significar que tenham

sido eliminados do ser. Sem dúvida continuam a existir. Apenas saíram do planeta que se tornara incompatível com a sua natureza superior, e habitam agora em algum mundo desconhecido na região das esferas luminosas. Mas sofrem ainda pelas vítimas que ficaram e velam pelo nosso destino. E o Cristo deverá ter sido um enviado que mandaram, para abrandar o coração endurecido dos homens. E o cristianismo é como uma lâmpada sagrada acêsa na noite impenetrável que envolve a superfície da terra.

O autor no volume publicado, não se ocupou dêste último assunto: mas é de supor que seja assim que interpreta o cristianismo.

(Extraído do livro "O MUNDO INTERIOR", de
FARIAS BRITO).

NOVA LUZ SOBRE O PASSADO



NOVA LUZ SOBRE O PASSADO



A HUMANIDADE PRIMITIVA
E OS POVOS PELASGICOS

RESTITUIÇÃO HISTÓRICA PELA INTER-
PRETAÇÃO CIENTÍFICA DOS MYTHOS,
LEGENDAS, MONUMENTOS, LINGUAS,
TEXTOS, USOS E TRADIÇÕES

POR

A. SERGIPE

O EGYPTO E O MUNDO

I



BRAZIL ☙ RIO DE JANEIRO
IMPrensa NACIONAL ☙ 1906

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

THE LIBRARY
THE UNIVERSITY
OF TEXAS

A' memòria de sua Mãe

O. D. C.

O Auctor.

A FAUSTO CARDOZO

Estava talvez nos destinos das descobertas que este livro—*Nova Luz sobre o Passado*—, começa a propagar, o de apparecerem no momento em que a terra sergipana, amada tão effusivamente por FAUSTO CARDOZO, associa ao luto de uma perda nacional o sangue que vae derramando para instituir um regimen politico de ordem, progresso e liberdade.

A communicação anticipada, feita á imprensa desta cidade, sobre o proximo apparecimento daquella obra, cujo primeiro fasciculo começa a ser distribuido, não mereceu, talvez por menos-cabo, uma simples referencia ao menos, em attenção aos possiveis leitores do livro que FAUSTO CARDOZO annunciou com primorosa e exaltada eloquencia nas columnas de honra do *Jornal do Commercio*, a 27 de outubro de 1905.

Mas o luto nacional pela morte violenta do grande sergipano vem supprir todas as deficiencias, quer as presumidamente voluntarias da imprensa periodica, quer as do auctor desse trabalho de ordem scientifica, tão cheio de sorpresas, cuja repercussão está previamente afian-

çada, porque a verdade, articulada pela sciencia e movida pela sinceridade do pensamento, caminha por si mesma e não depende, para o definitivo triumpho, de recommendações graciosas e prolaças.

O livro, que entregamos ao publico legente, numa edição resumida ou insufficiente, será tão extraordinario para a nossa actualidade litteraria, como o ideal de que se abroquela para as justas do direito e da liberdade, transumido pela primeira vez das origens mysteriosas, impenetraveis, da historia.

A *Nova Luz sobre o Passado* não leva prefacio porque os acontecimentos do mundo teriam, por traças do destino, de tecer o commentario prévio e a critica decisiva sobre as soluções urgentes, que a humanidade esperava de quem quer que fosse sinceramente inspirado na paixão do bem geral e num divino desconhecido.

A importancia daquella obra não pôde ser justamente aferida pela obscuridade e despreço entre os influentes, dominadores e despotas da hora presente, do novo interprete, que apparece trazendo nos fatigados braços a solução de problemas formidaveis, e a formula definitiva de todas as civilisações que se expandem desordenadas ou incoherentes no circulo atormentado da terra.

O nome amado da soberba mentalidade brasileira que foi o sergipano FAUSTO CARDOZO, solicita o exame dos competentes sobre a obra, que, antes de publicada, communicára ao sonhador sublime a certeza de que a liberdade não se institue entre os povos por milagres de pura convenção, mas pelo esforço impertito, diuturno, das gerações que se identificam lealmente com os ideaes vindos de longe, plantados nas almas, e contidos numa semente tão fragil quanto dispensadora de rebentos viçosos.

Parece que o sangue de um martyr da liberdade e de um vidente extraordinario das cousas que se elaboram secretamente na mente dos homens e nas entranhas do planeta, seria necessario para fecundar a nova arvore da vida pensante que, segundo a expressão de FAUSTO CARDOZO, vai frondejar sobre toda a superficie da terra.

Mas o desaparecimento do grande amigo, que tornou possivel a publicação da *Nova Luz sobre o Passado*, deixando desamparado e solitario o novo luctador das verdades prometidas, empresta á hora presente, que devia ser de galas, com a tristeza do luto, toda a gravidade excepcional deste momento da vida brasileira. Na solidão em que vivemos, applicamos ao mal-

logrado e saudoso amigo inseparavel as ultimas
palavras que elle nos dirigiu ao despedir-se para
a lucta que deveria ser a sua eternidade glo-
riosa :

EU TE LEVO NO CORAÇÃO.

A. Sergipe.

Rio, 31 de agosto de 1906.

NOVA LUZ SOBRE O PASSADO

LIVRO I

ASPECTO PHYSICO DA AFRICA : NOMES DESSE CONTINENTE.
— AS RAÇAS PREHISTORICAS.— A FIGUEIRA E AS TRIBUS
NEGRAS.— ATLAS E HIMALAYA.— MYTHO DE LIBIA.—
ETHIOPIES E ABYSSINIOS PRIMITIVOS.— GUINÉ E SEU VALOR
HISTORICO.— AS TRES PRIMEIRAS TRIBUS ROMANAS.—
SEMONES LATINOS E MYTHOLOGIA SLAVA.— SAB, SA-
BEUS, SABINOS.— INDIGETAS E BOSCHIMANS.— A LEI DO
POLLEGAR.— ANTHROPOMORPHOS AFRICANOS.— EVO-
LUÇÃO E ORIGENS DE NOSSA RAÇA.

Basta lançar os olhos sobre uma carta da Africa, dizem os geographos, para que se veja quanto é compacto esse continente. O aspecto physico dessa grande e mysteriosa secção da terra contrasta com o da Europa, aonde o oceano penetra por toda a orla da costa, formando golfos e enseadas e decortando-a num sem numero de abrigos para o navegante. Mas a fôrma geral dessa immensa mole de terras, que se suspende sobre tres mares, á semelhança de um largo vaso de bordas salientes, foi desde os tempos prehistoricos perfeitamente descripta pela raça civilisada que colonisou as terras africanas e lhes deu nomes diversos, cuja significação primitiva ficou até agora ignorada.

Entre os europeus, o continente negro é denominado *Africa*; entre os turcos, *Efrikia*; entre os arabes, *Alkebulan*; entre os indos, *Bezecat*; e os gregos o chamaram a principio *Libya*. Divergem as opiniões sobre a origem do nome que prevaleceu para nós, querendo alguns que elle provenha da voz arabica *Aprigia*, que significa *exposto ao sol e ao ar*, e acha-se em geral maior semelhança na derivação semítica, mas prendendo-a ao vocabulo *phe-rik*, que fala de *espiga*, por ser a Africa um celleiro abundante e muito fertil em grãos. A verdade é que todas as palavras, das quaes se presume descender o nome do continente, servem como de illustração ou commentario a uma mesma raiz, donde se tirou a denominação mais corrente, como havemos de demonstrar.

Acha-se no latim a palavra *Africa*, a par de *Afri* (Africanos), e numa só designação foram envolvidos os homens e as feras, como se prova approximando o adjectivo *africanus*, de *africanæ* (feras da Africa). *Africa*, era uma especie de *bolo para os sacrificios*, e mais tarde se nos deparará a idéa de *expição* ligada ao nome e aos costumes da raça selvagem que brotou dos areaes africanos. A offerenda consagrada aos deuses designava-se por *libum*, donde *Libia* (libi via), e tambem por *placenta* que em vernaculo significa a *massa carnuda na extremidade do cordão umbilical*, assim como, na linguagem dos botanicos, designa o *orgão vascular a que se prendem os grãos do fructo*. Ora, *umbilicus*, diz o mesmo que *pino* e *centro*, donde se deduz a circumstancia de que o *sol* estava no *meio da carreira*, quando a *Libya* serviu de *abrigo* para a humanidade que chegara do *centro do mundo* (*gremium, centrum*). Pelo *meio da carreira solar* se deve entender o da *nação mascula e viril* (*masculum si-*

du), que veio do Oriente para a Africa, podendo ser designada, sem exaggero, pelo epitheto de *oculus mundi* (sol, ornamento do mundo). Quanto á *massa carnuda* (corpora fusa), por ella se caracteriza a migração dos povos asiaticos, que foram os primeiros representantes de nossa especie no espaço e no tempo, e por isto *umbilicus*, fala de *ponto central* e de *agulha do relógio do sol*.

Mas o *orgão vascular a que se prendem os grãos do fructo*, dá-nos tambem a *fôrma* do continente (vas), semelhante á *massa carnuda* ou compacta, aonde pullulam *ceaes* e *gente miuda* (granum). Si a voz arabica mencionada, *Aprigia*, quer dizer *exposto ao sol e ao ar*, não é outra a significação da palavra latina *aprica*. *Apricus*, transcripção de *africus*, falla de *quente e sereno*, além de *exposto ao sol*, e estas significações traçam como uma inha delimitativa entre a humanidade *placida* e *venturosa*, que se transportou da India para a Africa (serena gens), e as tribus *ardentes*, *inflammadas* (aestuans, flagrans), que se achavam estabelecidas nessa parte do mundo. Como, entretanto, *apricus* (abrigado, exposto ao sol) seja synonimo de *tectus* e *opertus*, em qualquer destes vocabulos se encontra a idéa de *cousa encoberta*, *mysteriosa*, assim como de *denso*, *cerrado*, *compacto*. *Tectura* é o nome do *emboço* ou da *caiadura* (opus albarium), e por esta accepção desde logo se descobre a presença da *raça branca* no paiz primitivamente habitado por negros, que, entretanto, participaram mais tarde dessa *alvura* em fôrma de arrebique. Por *operta*, se indicam os *mysterios* ou cousas occultas, e sabe-se que o fetichismo africano nasce de um pendor vicioso para surprehender as causas remotas dos phenomenos, confundindo-as com as causas apparentes e fallazes. Dessa tendencia derivam,

por emprestimo, os dogmas e ficções religiosas, que são como crystallisações das erronias dominantes entre os povos selvagens. Por isto é que o nome *Africa* termina pelo dyssillabo *rica* (véo), que se liga ás significações de *nebula* e *obumbratio* (nuvem, escuridão), entre as quaes se destaca a de *bagatellas, ninharias sonoras* (nebulæ).

Si examinarmos o nome dado á Africa pelos turcos, ou *Efrikia*, veremos que elle significa principalmente *alimpar esfregando*, como exactamente praticaram aquelles colonisadores ferozes num mundo impuro e habitado por eunuchos (castrare, præparare, radere). O termo *frik* (de Efrikia), prende-se a *frigor* (calefrio), e a civilisação musulmana na Africa póde ser comparada ao frio symptomatico das febres palustres, que ataca por accessos, deixando no organismo dos doentes a debilidade e o cansaço. *Motio* (calefrio) dá, comtudo, idéa de um *movimento* ou agitação, que *degrada* e *abate*, em vez de virilisar e enaltecer; enquanto *horror* (calefrio) fala de alguma cousa que *faz tremer*, como o *temor religioso*, associado ao espanto produzido pelo *som estridente das trombetas*. A terminação *ia* (de Efrikia) designa uma das *filhas de Atlas* como responsavel dessa degradação de uma raça joven; mas o que ninguem crerá sob palavra, os auctores do crime assignalado são originarios do continente africano, e para elle deveriam regredir como os suppostos caucasicos da Europa.

O pavilhão turco da *cor do sangue*, exhibe a imagem de uma *estrella* ao lado da de um *crescente*. *Sanguis* (sangue) diz o mesmo que *germen, origo, stirps* (procedencia, origem, raça), e, portanto, prende os musulmanos da Europa e da Asia aos *vermelhos* da Africa, designados pelo *crescente* (luna acuta). *Luna* (lua) diz o mesmo que

noite, trevas, ignorancia (nox, tenebræ), e a idéa traduzida por *acuta* fala da fôrma *pontuda*, qual a da Africa; da *cor viva*, como a da *bandeira*; do *frio agudo* ou penetrante, como o das febres periodicas. Logo, o termo considerado *frik*, se ajusta perfeitamente ao conceito enunciado por *luna acuta* (crescente), o qual, por sua vez, se trava estreitamente como de *genesis* (estrella), tambem expresso por *semina* (raça, origem). Da *noite africana* sahiram os turcos; e por *erythræus* (vermelho) se pôde particularisar o sitio da migração desse povo para a Asia (Mar Erythreo ou Vermelho). Como, entretanto, *sidus* (estrella), tambem designe o sol, eis que nos apparece na Africa, ás margens do Mar Vermelho, a multidão de homens brancos e civilizados, cuja acção sobre o planeta pôde ser comparada com a do astro por excellencia, que tudo esclarece e reanima.

Si examinarmos o nome dado pelos arabes ao continente negro, notaremos que *Alkebulan*, fornece por *alke* (alce), a designação de uma especie de quadrupedes (alcis), semelhante ao *asno* no tamanho, e á *cabra*, na fôrma. Por *asinus* (asno) devemos entender o *seio* ou golfo da Asia (Asiæ sinus), de onde partiram os homens que representam na civilisação africana o que na mecanica se induz da *mó superior da atafona* (asinus). Por essa imagem se descreve o papel de *victimas* exercido pelos asiaticos; pois *mola* (moinho) diz o mesmo que *sacra farina*, substancia que se usava nos sacrificios e servia para cobrir a cabeça das hostias. Por outro lado, *farina* tem a significação de *pó*, e *pulvis* traduz-se por *carreira, liça, trabalhos, afans*; de modo que os colonisadores da Africa serviram de *bolo* ou fogaça sagrada (*libum*), para alimento de extranhos, como nos revela o termo *far* (de *fa-*

rina), ligado a *rinu*, explicado pelo vocabulo *renatus* (renascido, immortalisado). O *pão divinizado* (*renatus*), que se mostra na pratica dos cultos, sempre renascente, traduz a *tarefa* ingente dos nossos antepassados da raça culta, e por isso vem associado á imagem da *cruz*, traçada sobre o dorso do animal symbolico (*asinus*). A fôrma de *cabra* do alce relembra a *viagem* ou carreira (rota) desses primitivos renovadores do planeta, que construíram o *Nilo*, e por isto *melo* (cabra) é o mesmo nome latino do rio sagrado do Egypto.

O termo *keb* (de *Alkebulan*) conduz a *cæptum* (designio, empresa), e marca o momento em que *começou a ser despedaçada a porta africana* (*porta cœpta refringi*). Isto se deduz pela comparação do elemento *alk*, reductivel á voz *arcus* com a terminação *an* do nome arabe, que se converte em *annus*, synonymo de *janus*, gerador de *janua* (*porta*). As *portas* do Atlas, conhecidas dos geographos, foram rasgadas na montanha pela picareta; e *arcus* = *janus* combina a idéa de *cousa bifronte* com a de *triumpho*, para esculpir a noticia do encontro entre duas raças que olhavam para pontos oppostos do horisonte da vida. Uma, que caminhava para o occidente, devia succumbir antes que a outra conhecesse o sol, que desde o berço lhe vem brilhando na consciencia (*occidere, oriens*). Confirma-se ainda a nossa declaração pelo termo *bul* do nome arabe: *bull*, diz *empol*a, e allude ás bolhas que se geram na agua fervente, como designam os *pregos* postos por enfeite nas almofadas das portas. Na idéa de *empola* se poz a de *pustula* ou *peste* (pusula, vomica), e na de *prego*, a de *canna do leme* (*clavus*). Bem se vê agora que entre os tropicos de *Cancro* e de *Capricornio* (*portæ solis*) viram-se as duas humanidades, uma das quaes personificava todas

as corrupções da terra, enquanto se encontravam na outra todos os attributos precisos para dominar no mundo. O sol desse momento da historia ainda se manifesta pelas *ferruras* do nosso sangue; e si olharmos para os homens e as classes que dirigem os povos, vemos que elles não perderam a funcção de *pregos proprios para enfeite*, ou de *lemes immoveis* (trabali clavo beneficium figere).

Pela noção de *agua fervente* (bulla) nos informam igualmente da temperatura que então se fazia de mister para a vida das multidões chegadas do Oriente, e sob cujo influxo surgiram para a vida as tribus de origem africana. A estirpe nobre vem indicada pela palavra *bull*a (ornamento patricio), assim como se inscreve nesse vocabulo latino a designação dos homens que se purificaram ao calor do fogo (pustulatus), mas semelhantes a pustulas pestilentas (vomica, pusula). Os Indos conheciam a *Africa* pelo nome de *Beṛecat*, e neste vocabulo descobre-se o termo *bes* ou *ves* (de *vesica* e *bestia*), mas juxtaposto ao elemento *cat*, que se prende a *catena* (cadeia, atadura, gradação). Por essa fórma nos advertem de que a *vaidade* humana embebe as suas raizes na *escravidão*, ou representa o movel que nos devolve á servilidade, passando por *gradações*, da ferocidade bestial, para os alardes da vangloria. *Beṛecat* encerra tambem a raiz de *secessus*, que annuncia um *divorcio* ou separação na *origem* (pes), e *sectio* ou *seclura*, accrescenta que a *narr*ação desse acontecimento ignorado tem veias e filões occultos, como os dás *minas*. *Bes* liga ao numero *oito* a producção dessa *vaidade*, oriunda de uma separação por golpe; mas *tertiarius numerus* (oito) explica incidentemente que o facto denunciado deve ser posto entre *oito* e *seis* (sete), e veremos adiante que essa computação

está firmada sobre dados incontrastáveis. Os *dous terços* (*tertia pars*), indicados por *bes*, deixam adivinhar que os successos relatados por aquellas palavras estão circumscriptos a uma *terceira região* (*tertia regna*), que lembra a pintura idealisada do *inferno*, e suppõe a divisão de um paiz em nomos ou comarcas, pois *pars* ou *regio* fala de *limites* e de *povos* (*finis, populus*). Finalmente, o termo *zecat*, integrando-se em *siccatus*, prende á memoria desse momento da historia a imagem de seres que *tixham seccuras na bocca*.

Para os asiaticos, o continente africano era, como figuravam, a *massa carnuda*, que se prende ao *cordão umbilical* ou ao centro productor da raça branca primitiva (*umbilicus terræ*). Mas a palavra *massa*, fala dos ethiopes ou mauritanios (*Massæsili*), particularisando-se pelo nome do povo a fórma do nariz (*sili*), que era romba ou chata. E assim como a *placenta* vem depois do *feto*, pode-se dizer que os indigenas da Africa eram mais jovens ou novos do que os civilisadores do planeta, oriundos da Asia (*orien*). O vocabulo *torosus* (*carnudo*) prende-se a *tornare* (*fazer ao torno*), e a *torpere* (*entorpecer-se, estar dormente*), prova de que a languidez conhecida de nossa civilisação emprestada participa dos effeitos da temperatura na zona torrida. Tambem as *vehemencias* (*torrens*) de character entre os povos modernos, são como um brazeiro que as condições meteorologicas puzeram no sangue de nossa estirpe. Entretanto consideremos a conformidade de significações entre as vozes *torus* e *torosus*, pois a primeira repete a noção expressa pela segunda, mas accrescentando a idéa de *camada* e de *atadura*, que veremos explicada pela de *amor illicito* (*torus*). *Torus* fala ainda de *tranças* (*cirri*

decussatim inter se implexi), fôrma do cabello, muito conhecida dos mestiços. Si de *torus* transitarmos para *torvus* (turvo), ahi se manifesta o complexo de *agro*, *feroz*, *horrivel*, ajustado aos traços da physionomia dos actuaes senhores da terra.

Não percamos de vista a palavra *africia* (bolo do sacrificio), que pelo seu synonymo *turunda* nos representa novamente a *multidão da atadura pelo amor illicito* (tori unda), mas *posta em movimento*, emquanto *circulus* (bolo) descreve o *circulo* de sua rota. Aquelle que fabrica os *bolos sagrados* chama-se *fictor* (deus creador), o que deixa suppôr terem os asiaticos, creadores das instituições africanas, promovido a vinda ou approximação daquelles que a legenda figura cobertos com as folhas da *figueira* (*fictor*, *ficus*). Si tomarmos o dissyllabo terminal de *africia*, que, segundo as leis da linguagem, vale por *chia*, acharemos indicada certa especie de *figo*, e por *ficus*, volta a noção da arvore que produz o fructo nomeado. Ainda em *ficus* se apura a fôrma da região africana, que se compara a certa *massa carnuda* (carnosidade), e si estendermos o exame comparativo, *libum* (bolo), dá-nos pela terminação (bum) o radical de *pomus* (pomo, arvore fructifera), emquanto o thema *lib* prende-se a *libido* (amor violento, devassidão). Eis, pois, que reapparece o *amor illicito*, vinculado ao episodio edenico da *figueira* e do *pomo prohibido*, pois *lib* entra ainda nas palavras *libitum* e *libertas*, para realçar o concurso da consciencia criminosa, instruida dos limites traçados entre o *bem* e o *mal*. Concurrentemente, descobre-se por *popanum* (bolo para sacrificios), uma determinação da raça que apparece sob nome ficticio na legenda biblica : *num*, entra em *Nomades* (ethiopes), e

papa designa o *sacerdote inferior que derrubava a vítima com uma pancada na cabeça*. Note-se, entretanto, que a raiz *lib*, de *libamen* (primícias), faz conhecer a equipolencia entre *primitivæ* (começo, primeiro estado das cousas), e *genesis* (nascimento).

Pode-se desde logo fazer constar que a fôrma do *figo* representa a *cabeça conica, afunilada*, dos homens negros, postos em paralelo com as *excrecencias carnudas* (*ficus*). Estes dolicocephalos, para usarmos do termo scientifico, tinham com a *figueira* uma commum propriedade qual a de *reçumar um leite branco*. *Candens lac* falla de *força* ou vigor semelhante á das chammass ou brazas (*succus candens*), e veremos que esse *humor inflammado* caracteriza os ethiopes, attrahidos pelos asiaticos, e por estes adoptados como filhos. E' o que se faz ainda perceptivel pela voz *agnatio*, que fala de *excrecencias* e de *adopção*, achando-se por estes indicios o primeiro esboço de uma instituição bem conhecida dos romanos.

Pela analyse se póde resolver *ficus*, em *figere cussim* (fixar o caruncho), e como fiança dessa conversão temos a palavra *carica* (figo), que encerra por *caries* a idéa de *podridão*, emquanto *rica* renova a noção, já considerada, de *véo*, e portanto de *cegueira* e *ignorancia* (nebula, obumbratio). A *figueira*, conhecida pelo nome de *albi-cerata*, serve como de supplemento para a característica dos primitivos ethiopes. *Alvi cera* é a *pintura do ventre*, que ficou até agora *occulta* ou dissimulada (celata), e por *cera* (mistura de cera e pêz ou breu) se restabelece a coloração da pelle dos selvagens, que, á semelhança da *figueira*, no dizer dos antigos, vieram do mar. Os chinezes teem nos seus pagodes um idolo alto, de vinte pés, que elles chamam o *deus da immortalidade*. E' o *Ventre*, re-

presentado sob a fôrma de um homem extremamente grosso e repleto, com a barriga nua, de volume extraordinario, prodigioso. Sua physionomia é risonha e serena. Elle está sentado com as pernas em cruz. Essa descripção convém aos ethiopes, refeitos pelo tratamento carinhoso dos brancos; mas, quando chegaram ao termo de sua longa e accidentada viagem, elles pareciam *fantasmas* como nos revela a propria palavra *albicera* pelo termo *bis*, que se ajusta a *visiones*. Os prodigios de *vinde pés*, então descarnados e tenues como as sombras dos mortos, retratavam-se em suas pégadas enormes, e por isto *vestigium* (pé, passo) liga-se a *vicini* (vinde), para indicar os *entes insupportaveis*, que estavam na vizinhança (*vicinum senium*) da gente que os acolhia confiante. As *pernas em cruz* do idolo deixam perceber que os ethiopes eram *zambros* ou cambaios; e pela analyse de *venter* (ventre) se trahe a natureza moral desses anthropomorphos, agitados por emoções subitas e contradictorias (*ventorum tela*), além de refalsada (*celata*).

Sycomorus, designação latina da *figueira do Egypto*, grava o conceito que os civilizados fizeram desse *montão de assassinos* (*sicariorum cumulus*), transportados do occidente para o oriente da Africa. Si approximarmos *sycosis*, de *sycomorus*, renova-se o traço do desenho conhecido sobre a *excrescencia* humana, que offerece pontos de comparação com o fructo da figueira. As folhas dessa planta, com que se cobriram da nudez os nossos primeiros antepassados, segundo a legenda, firmam por *coma* (folha) o destino attribuido a essa antiga turma de sicarios, que fez surgir no espirito dos asiaticos, e pela primeira vez, a idéa de perfidia ou de ingratição. *Coma* (folha) combina-se com o seu homonymo para falar

da profissão ou emprego deferido aos selvagens ethiopes: a *nigilia* (coma) explica-se pela função de *guarda nocturno* (vigilia), e deste modo nos informam que os seres excrescentes foram os primeiros *soldados* da terra. Por sua vez, *celsa* (figueira egypcia) faz comprehender que gente *grande, elevada, excelsa* (celsa), precisava para guardar os seus *celleiros* (cella), contra inimigos errantes ou nomadas (el, *errans*), da segurança offerecida por homens *ligeiros* (celox), como aquelles que andavam á cata do que estava guardado ou escondido (celati indagator). E mais longe teremos noticia detalhada desse pacto de honra, celebrado entre os habitantes brancos da Africa (Egypto), e os individuos que se retrataram nos vocabulos examinados.

Voltemos ao nome indo da *Africa*, que é *Bezecat*. O termo *bez* é o mesmo que figura como radical de *becca*, variante de *mecca*, que designam no arabe um *ajuntamento* ou multidão de povo. Por essa mó de gente, que ainda hoje peregrina para a cidade sagrada da Arabia (Mecca), no intuito de visitar a *pedra negra*, se restabelece a noticia de um facto antiquissimo, qual o da vinda dos ethiopes para o Egypto. *Lapis niger* (pedra negra) allude ao *basbaque* ou estúpido de *cor fusca*, já posto pelas indicações da linguagem em presença do interprete moderno. Os arabes chamavam *Behist* ao seu *paraizo*, tambem chamado *Minu*, e tanto *becca* (ajuntamento de povo), como *mecca* e *behist*, se enfileiram num plano geral para recordar a mesma ordem de factos, ignorados até agora. *Becca* se ajunta a *peccatum*, para lembrar o *peccado*, posto pelo *Genesis* no *Eden* (paraizo); e *mecca*, prendendo-se a *micatio*, esboça a imagem de alguma cousa que *brilha* (micans), emquanto a noção de *couce* (mi-

catio), suggerindo a de *tronco* (truncus), faz pensar em *gente sem cabeça*, ao lado de *homens decapitados*, e desta arte a *estupidez* dos ethiopes (truncus) apparece em scenario longinquo, situado nas *origens* mesmas de nossa raça (truncus). *Behist*, ou o *paraizo*, transforma-se na *historia de um trajecto* ou viagem (vehæ historia), que começa pelo *erro* (peccatum), e termina por *inversão de idéas* (hysterologia), como resulta da comparação entre a civilisação antiga e aquella que domina no planeta. Finalmente, o arabe *Minu* (paraizo) entrosa-se com *mecca* ou *micatio*, para restaurar essa parte da tragedia, banida da memoria humana, em que homens apparecem reduzidos a *pedaços esmigalhados* (minuere). Este quadro tira tambem do termo *sec* (de Bezecat) as linhas principaes de seu desenho (sicarii secant captos).

Insistiremos sobre o termo *cera* (de *albicera*), que, pelo significado de *pintura*, descreve os ethiopes como privados da linguagem articulada, segundo se lê na expressão *res mula* (pintura). A *cousa muda*, que viera de longe para o Egypto, estava para o homem *branco* (albus), na relação do *peç* (cera) para os *favos de mel* (ceræ), ou de um *cosmetico* (cera) para as paginas que os asiaticos guardavam nos archivros (ceræ cellarum). O termo *bicera*, do citado vocabulo latino, dá-nos por *visceratio*, a circumstancia de um *banquete em que eram comidas as victimas immoladas*, e *viscera* fala de *corações*, onde residia o *logro* (viscus), mas gottejando sempre, como as substancias pegajosas que manam de certas arvores (viscum). Para conquistar a *immortalidade*, o *ventre* tornou-se *armadilha* (viscum), ou trama de subversões e desgraças (venter = ventorum tela). *Aracia* (figueira branca) leva a pensar num *soccorro* ou protecção, que se volem em *cippo funerario* (ara), facto

este que se dilata para a *base* ou raiz da especie humana, assentada numa posilga (*hara*). *Acia*, por sua vez, traduzindo a idéa de *agulhada*, ajusta-se com *belone* (agulha), para restituir o nome dos *Pelasgos* (*pellis laxæ acus*), pois houve um *costuramento* de duas *pelles soltas* para formar uma terceira, que é a nossa (*pellis omnis laxæ acus*).

Belone apparece na fabula como a inventora da *agulha*, e por *inventrix* (inventora) se chega ao conhecimento de *certa mulher sanhuda, que veio de fóra* (*inveniens trux uxor*). *Uxor* é a *manta*, que os asiaticos chamaram ao seu uso, e já vimos que o *auxilio*, tirado de longe, transmutou-se em *cippo funerario* (*ara*). Que os *Pelasgos* foram como a *agulha* que serziu as pelles de colorações diferentes das raças africanas, prova-se ainda pelo nome do *Atlas* dado ao systema de montanhas que orla e atravessa o continente negro. Ninguém atinou ainda com o sentido dissimulado da palavra *Atlas*, que se resolve em *acus atræ laxitatis* (agulha do espaço negro), designando, ao mesmo tempo, o *afrouxamento* das fibras produzido pelo clima torrido, e o das cores primitivas por effeito da fusão ethnica (*harmoge*). *Atl*, no egypcio, significa *região*, e no mexicano *agua*. Ora, *região* traduz-se por *populus* (povo), e *agua*, por *unda* (multidão em movimento), donde se conclue que os *Pelasgos*, sahidos da Africa, são prolongamentos desse *cordão umbilical* (*umbilicus = acus*), que, segundo nos disseram, se prende á *massa carnuda* do territorio africano, circumdado pelo *Atlas*. O nome mauritanio do *Atlas* é *Dyris*, palavra que agglutina os termos *dura res* (cousa cruel, inexoravel), e, consequentemente, repete o thema envolvido pela palavra *inventrix*, approximada de *belone*. E assim como a corda de cristas do *Atlas*

divide as aguas, que correm para o Mediterraneo ou para as terras baixas do Sahara, o nome dos *Pelasgos* assigna uma repartição semelhante das multidões barbaras, que emigraram da Africa para o mundo, ou da Mauritania para o centro do continente.

Emquanto o *Atlas* demarca os vastos dominios da raça negra, o *Hymalaia* symbolisa o poderoso vôo das aguias, que se sentiam attrahidas para o disco solar. O vocabulo *Hymalaia* desarticula-se na expressão *huniatus Laiades* (Edipo sepultado), e *Edipus*, diz o mesmo que *ethicæ* ou *editioris typus* (imagem da moral, representação de um ser eleito por nascimento). Era cego o celebre personagem das tragedias de Sophocles e de Euripides, porque, durante millenarios de estudo e de experiencia, não se lhe deparara, nem mesmo nos animaes ferozes domados pela cultura humana, um ser tão ignobil, tão falsidico, tão desnaturado, como os selvagens, que os brancos acolheram no pensamento de tornal-os melhores. O incesto de *Edipo* explica-se pela palavra *prosatrix* ou *genitrix* (mãe), que se transforma por argumento em *prosapia trux*, *trux genus* (familia selvagem, geração cruel, terrivel). O commercio dos asiaticos do Egypto com os ethiopes é representado como *ajuntamento illicito*, *estupro*, *incesto*, tão differentes ou antagonicas eram as condições dessa aproximação, repugnante e temeraria. Os *pés inchados* do filho de Laius fazem referencia aos *soldados infantes*, que foram o primeiro modelo do *guerreiro jactancioso* e *fanfarrão* de Plautus (tumidi pedes). Entretanto, a resposta do oraculo, figurada pela fabula, envolve funebre prophécia e mostra que os asiaticos tiveram o presentimento dos males que lhes advieram pela adopção dos ethiopes. O monte *Citheron*, onde foi exposto *Edipo*, vale pela

teia de completo desuso (sitûs tela omnis), indicação succinta da trama ou cilada que inesperadamente rompeu a tranquillidade incauta de homens, que não acreditavam nem tinham noção da perfidia selvagem. O *Edipo* suspenso da arvore pelos pés é como a imagem physica de uma attitude do sentimento, compartilhado pelos homens brancos quando os seus *soldados* (pedes) os levantaram até o pensamento e a doutrina que tem a *cruz* (arbor), como symbolo. Os que padeceram morte affrontosa, por fementida crueldade de seus filhos adoptivos, foram como os Christos dessa humanidade primitiva, que se impregnou de luz divina, pois o martyrio das victimas abriu pela primeira vez as portas do perdão e da misericórdia para os algozes.

¹ Tocámos de relance na palavra latina designativa da Africa, *Libya*, e lhe fixámos os termos pela forma *libi via* (caminho do bolo sagrado), como agora os desenvolvemos pela expressão *libertatis via* (methodo, percurso da liberdade). Pelo *bolo dos sacrificios* (libum) nos advertem de que as religiões e os cultos foram amassados por uma sciencia eminente e offerecidos nesse banquete de esperança e de fraternidade, onde se congregam os individuos e os povos sob os influxos de uma crença commum, que veremos alargar-se ainda até á universalidade. Pelo *caminho da liberdade*, que deveremos entender compendiosamente? Os sacrificios, o sangue derramado, os tormentos e as torturas, o martyrio, emfim. Mas o *paraizo*, que se localisava no Oriente, passa para o Occidente africano, e a legenda liga-lhe o aspecto de um *jardim* aprazivel, porque as *flores* representam o *sangue da terra*, e os *fructos*, o trabalho paciente e perseverante das gerações, preocupadas das necessidades do futuro. Os antigos falavam de um *céo da Africa* (libyca axis),

e das *areias libycas*, onde rugia o *leão africano* (*libyca fera*) e se espreguiçavam as *serpentes* (*libyca pestis*). Também lhes mereceram particular menção os cabellos ricos, lanosos, que associavam ao nome da Libya (*libyci crines*), e deste modo nos revelam a presença de uma raça vermelha ou aleonada, sem deixar por isto de ser negra ou escura, comparavel pelos instinctos aos leões e ás serpentes, mas que, no decorrer dos tempos, deveria lembrar o *ferro* onde se *revolvem as couceiras das portas* (*libyca axis*), pois lhe está commettido pelas leis da historia o encargo de pugnar pela liberdade e desaforar-se de todos os despotismos á cata de penosos e sangrentos sacrificios. A elle cumpria romper as portas de todas as Bastilhas e libertar o pensamento, manietado pelo fanatismo e pela intolerancia, civil ou religiosa.

Pode-se desde logo adivinhar a morada dos Libyos, quando os asiaticos aportaram á Africa. *Libya*, diz pelo radical o mesmo que *ripa* (praia do mar), donde se deduz que as tribus vermelhas eram o que os latinos chamavam *riperenses* (situados ao longo da costa). Pela significação de *syrtis* (praia esteril) se chega a fixar um dos pontos do norte africano occupados pelos Libyos: as praias tempestuosas das duas Syrtes. Os habitos bellicosos dessas populações africanas se denunciavam pela voz *arena* (praia), que designa os *campos de batalha*.

Por *aridum* (praia) póde ser representada a existência miseravel da gente (*aridus victus*), que se caracteriza physicamente pelas *pernas seccas* (*arida crura*), e *compleição abrasante* (*arida febris*). Não tinham linguagem articulada, pois a sua voz imitava o estampido secco e agudo (*aridus fragor*) dos trovões de estio (*aridus unde aureis terget sonus ille*). Esses ascendentes dos Numidas da época ro-

mana são oriundos dos areiaes interiores da Africa septentrional, como nos revela a palavra *siccum* (praia), que accumula o significado de *logares seccos* e *continente*. A tribu vermelha, que vivia sedenta, pela escassez da agua (*siccus*), era tão desprovida de idéas (*siccus*), e extremamente ignorante, como *vigorosa* pela constituição muscular, e a mesma *sobriedade* forçada desses selvagens, que lhes dava o aspecto de *esqueletos*, manifestava-se, atravez dos *dentes agudos* (*sicæ dentium*), sob a fôrma de um *punhal* que se afia para alguma empreza de morte (*cum arbore et saxo evacuant*).

Dizem os mythographos que *Libia* era uma filha de *Epapho* e de *Cassiope*, que desposou *Neptuno*, do qual teve *Ageior* e *Belo*: della viria o nome dado a uma grande região da Africa, generalisado ao continente. Examinemos essas indicações: *Epaphus* fala de uma *fusão* assinalada, já por *tosquia*, já por *evacuação repelida* (*epaphæris fusio*).

Como aquelle nome da fabula encerre o elemento *pappus* (pappus), que diz *velho* ou *ancião*, é de mister cogitar de *patres*, sobre os quaes se exercesse a acção da *tonsura*. Logo, os *Libyos*, para se fundirem com o elemento desconhecido, que se dá como existente, exerceram sobre os representantes de uma tribu mais antiga actos hostis, que se compararam á *tosquia* exercida sobre as ovelhas. Mas o acontecimento supposto foi seguido do que poderemos chamar *descarga de humores* (egestio), explicado pela voz *desurgere* approximado de *desurrectio* (evacuação).

Depois que os *Libyos* tosquiaram os *patres* ou anciãos, *puçeram-se de pé*, ou passaram da attitude humilde, agachada, em que viviam, para uma situação imponente. Veremos mais longe que a *ficção* corresponde perfeita-

mente á realidade historica. *Cassiope*, mãe de *Libia*, deixa-se conhecer pela analyse, já feita, da palavra *genitrix* ou *prosatrix* (genus trux, prosapia trux), que designa os *ethiopes*. *Ope* (de Cassiope) entra na designação — *æthiops*, emquanto o termo *cassi* restabelece a noticia da *armadilha* (cassis), preparada pelos auxiliares da raça branca contra seus protectores e mestres (ethiopes). O vocabulo *æthiops* (negro) combina a noção de *auxilio* (ops), com a de *moral*, e já vimos que os asiaticos são representados como pharóes inextinguiveis da *ethica*, ou dos sentimentos superiores que a crearam.

Cassiope desposou *Neptuno*, porque o deus do elemento liquido é tambem o das *empresas difficeis* (mare), e *nepx tonus* retrata o *escorpião da corda da balista*, a quem se attribue a tosquia dos *patres ethiopes* (libyos).

Resta, para descobrir todo o sentido *occulto* do mytho citado, dizer porque a filha de *Epapho* apparece ao lado de *Agenor* e *Belo*, que exterminou seus filhos. *Agenor* resolve-se em *agenonxis ora*, e como ahi se leia o termo *gen* (genus), aquelle nome designa o paiz onde os *homens não podiam indicar os seus ascendentes*, visto como não possuiam registros genealogicos, nem conservavam a memoria do passado pelos annaes historicos. *Belo*, por sua vez, entra na palavra *belone*, para designar aquella mesma *agulha*, que assignala as fusões e migrações dos povos pelasgicos, como ficou explicado. O *animal corpulento* (bel-lua), que vimos indicado pela imagem do *deus da immortalidade* (ventre), apparece agora para caracterisar a *gente guerreira* (bellicosa gens), que, por um lado, descende dos *ethiopes*, e por outro dos *libyos*, sem excluir os *asiaticos*. Os carthaginezes chamavam-se *Agenoridas*, como productos, que eram, da fusão africana, e vamos encon-

trar *Belo* entre os assyrios e os babylonios. Podemos adiantar que o rio phenicio, assim denominado, symbolisa a caudal ou torrente pelasgica, transportada da Africa para a Asia anterior, como percorreu os campos da Grecia, atravessou a Europa occidental, e veio ainda banhar as regiões andinas e atlanticas da America.

A *fogaça sagrada* ou *bolo dos sacrificios*, que os antigos chamavam *libum*, era composta de *farinha*, de *mel*, de *leite* e de *sesamo*. Estas diversas substancias valem como emblemas : a *farinha* representa o trabalho do proletario dos campos ; o *mel*, as *doçuras*, que os poderosos tiraram da *escravidão* dos negros e das fadigas extenuantes da classe operaria ; o *leite*, a *força* ou vigor (lac, succus), que se arma em guerra e faz as vezes de *soldado* ; o *sesamo*, o *emigrante*, que vai de terra em terra em procura de pão para si e para a familia andrajosa, e sabe-se que o *oleo* dessa planta, oriunda do Egypto, é muito precioso, porque não se *coagula* nunca. O *abre-te*, *Sesamo*, das *Mil* e *uma noites*, passou dos mysterios da lenda para as realidades terriveis da hora presente, na Europa aristocratica. O *proletario canta alguma cousa* (dehiscere), e a sua influencia se estende, se derrama, como o *oleo* da planta africana, para produzir os *Cesares*, que tardam (sesamum = *Cæsares amati humi*).

O *paraíso* da terra, que a legenda prefigura, dil-o claramente qual seja no futuro a palavra *paradisus*, empregada na Vulgata. *Paratus Esus* (Eso aparelhado) é o que nos revela aquelle vocabulo, pondo a *divindade gaulleza*, a quem era *offerecido o sangue humano*, nos umbraes desse templo phantastico e dessa idade de ouro, que uma escola moderna quiz entrever no longinquo dos tempos porvindouros. O *empenho*, o *esforço para adquirir a todo*

custo (paratio), será como a primeira pedra do edificio, cuja armadura fará lembrar os instrumentos de supplicio e de tortura. Os miseraveis da época teem sempre nos labios o lemma de uma desforra sanguinolenta e terrivel, que se retrata neste conceito latino: *habeo paratum ultorem* (está preparado o meu vingador). Os Cesares romanos ou gaulezes foram produzidos por estas disposições vingadoras das massas humanas, excluidas do banquete da opulencia parasita. Aquelle que a corrente dos dias vai impellindo para o governo autocratico do futuro será como a desnudação dos instinctos egoistas e concupiscentes das minorias actualmente senhoras absolutas dos destinos humanos. O momento é, portanto, azado para rasgar os véos da doutrina salvadora que os nossos queridos maiores da raça culta construíram lentamente pelo conhecimento de nossas necessidades, de nossas virtudes mesquinhas e defeitos vultuosos, a qual veio silenciosamente transitando atravez das religiões e dos systemas philosophicos, das justas pacíficas e das guerras hediondas, dos sonhos consoladores e das realidades tremendas, para deter e prevenir a quédia de uma civilisação, esquecida ou ignorante de sua origem e desviada do seu prumo cosmopolita e christão. E dir-se-ha que não nos fundamos em vãs esperanças, nem nos induz o pensamento de projectar a nossa individualidade sobre as ancias e desesperos da multidão.

A situação geographica da Libya, propriamente dita, era ao oeste do Egypto, mas deu-se tambem aquelle nome, ou de *Libya interior*, ás regiões que demoram ao sul do Atlas, aonde ficam Marrocos e o Sahara. Marrocos teve o nome de *Mauritania*, e esta dividia-se em *Cesareana* e *Zingitana*, a primeira, a leste, e a segunda, no

occidente. Ahi estão os reinos de Fez, de Marrocos e de Alger. A Barbaria ou Mauritania foi a patria primitiva dos *homens cor de fogo*, que se differenciavam, como já dissemos, dos ethiopes, cuja cor era escura (mixto de cêra e breu), segundo definiu-a a palavra *cera*. Isto se prova tambem pela palavra *maurusius* (coisa da Mauritania), em cuja structura entraram os termos *mauri* e *ruseus*, sendo que este é o mesmo vocabulo latino *russeus* (cor de fogo). Assim, podemos dizer que os *libyos* sahiram da Mauritania, o os *abyssinios* ou ethiopes vieram de uma região que ficava mais á esquerda, junto do golfo de *Guiné*. Eram estes povos mais antigos do que os outros nomeados, pois *abassini* é palavra formada por intermedio de *abba* (pater, pai), vocabulo a que se liga *sini*, destacado de *sinister* (esquerdo), e de *sinus* (golfo). Torna-se, portanto, facil reconstituir a historia primitiva desses famosos selvagens, que, na Africa, não se libertaram ainda da barbaria. Por *sinus* se entende tambem o *vestido*, e em *tegmen* (cobertura, vestuario) se envolve a idéa de *tutela*, tal como veremos que os ethiopes exerceram sempre sobre os libyos.

Tegmen (cobertura) descende de *tegere*, e este verbo fala de *cousa cerrada, densa*, assim como *vestis*, de *lucrum* e *pêllo*.

Homens *pelludos*, de cor *sombria*, como a noite, que lhes dão como emblema, eis o que eram physicamente os *ethiopes* ou *abyssinios* da velha idade; mas si elles appareceram pela primeira vez na região designada, dahi se ausentaram, passando da *esquerda* para a *direita*, como diz o nome, que se decompõe por outra fôrma, em *abire* (ausentar-se), e *sinis* (de *sinister*), *esquerdo*. Do *golfo* (sinus), que banha o territorio occidental

da Africa, os futuros dominadores do mundo seguiram na direcção do norte até fazer a volta das regiões que ficam á margem do Mediterraneo. Vejamos o que se póde inferir da palavra *æthiopis*, que é o nome de uma *herva magica*, semelhante pelas folhas á *alface*. *Lactuca* (alface) diz, por *lac*, o mesmo que *succus* (poder, vigor), e como se trata de um *succo branco*, semelhante ao da *figueira* (lacteus), pode-se deduzir que a raça suprema de hoje descende dos *ethiopes* ou dos negros de Guiné. E' ocioso advertir que o *succo* é um *extracto*, e que a alface passa de *verde* para *amarella*, assim como os mulatos progridem da *cor mesclada* para a *branca*. Ora *tuca*, termo de *lactuca*, quer dizer *acepipes proprios para temperar a sopa*, e esta, no caso figurado, é a raça nova sahida da fusão entre negros e asiaticos.

Os *acepipes*, a que se faz referencia, teem no latim o nome de *cupedia* (gulodice), razão por que se deu aos conquistadores da Italia a designação de *Liguros*. *Ligurire* é *comer com soffreguidão*, á semelhança dos selvagens. O alliado de Eneas, *Cuparo*, passa por chefe dos *Liguros*, porque *cupa* fala de *manivella do moinho de azeite*, e *pistrinum* (moinho) conduz a *pistrinus* (bolo), synonimo de *libum*, donde *Libya* (Africa). Por outro lado, *paro* (de *Cuparo*) é o nome de um *navio de guerra*, e participa das accepções dadas a *classis* e *abies*; e si *classis* allude á distribuição do povo romano, *abies* fala de *taboinhas* que eram *engessadas* para a escripta. O *gesso* lembra a *raça branca* de hoje, e a *manivella* do moinho a mudança que se operou por força do tempo e do clima (*manubrium versatilis*), pois *manubrium* diz o mesmo que *extremilas* ou *extrema idade* (*extrema ætas*), e que *extrema pars* ou *região polar*. Por sua

vez, a *escripta* (nota) é uma *indicação* sobre as *malhas naturaes* da humanidade moderna, sobre a qual pesam os *ferretes*, *opprobrios* e *baldões* de uma origem vergonhosa ou infame. Descobre-se, finalmente, na palavra *aethiopes* o elemento *ethicus*, e este fala de *costumes*. Mas *costume* diz o mesmo que *indole* (natura), e *lex* (regra), sendo que *mores* fala tanto dos bons como dos máos costumes.

A *lei* ou regra que se affirma pela instituição da moral já sabemos donde tirou nascimento, e por isto *ops* (de *aethiops*) explica que os selvagens *aethiopes* serviram de *auxilio* para a sancção do preceito *ethico*. Esse encargo, que devia melhorar gente tão viciosa, foi exercido pelo modo indicado na palavra *more* (tolamente, de maneira insana). Entretanto nota-se que semelhante cooperação dos negros aos brancos foi diuturna, como se illage de *morare* (demorar). Que o apoio prestado foi *militar*, prova-se pela comparação entre *ops* (abundante) e *opia* (abundancia), que fala de *tropas*, *exercito*.

Importa apurar o facto já conhecido, pela circumstancia de logar. A tribu *abexin* exerceu a commissão de que a investiram na parte norte da Africa, como nos revela o termo *ethi*, approximado de *etesius* (vento nord-éste). Vimos assignalar-se como patria dos *aethiopes* terrenos adjacentes ao golfo de Guiné, e um novo cotejo de palavras vai proval-o ainda. Faz-se a contraprova pela analyse do nome *Guiné*: acha-se no archaico *quinan* um synonymo de *uter* (utero). Essa maternidade se reflecte sobre a fôrma do golfo africano, que imita a do *utero* humano; e por *isso* se exprime collateralmente a idéa do *principiar*, sendo que *in*, se põe por *isue* (vaes tu?). *Ina*, diz *entranhas*, noção analogá á de *utero*, e o syno-

nimo *venter* nos descobre a imagem dos homens que já vimos representados pelo idolo chinez. Por outro lado, *sinus* (madre, golfo) entra como elemento da palavra *abassini* (abyssinios), e pela idéa de *madre* (matrix), põe-nos em presença da *raça hedionda dos brutos* (materia trux), que já vimos descripta duas vezes pelos vocabulos *genitrix* e *prosatrix* (mãe). Si tomarmos novamente a voz *ine* (inire), que fala de *principio*, acha-se por *principio* a noção de *leis moraes*, expressa por *ethi* (de *aethiops*), emquanto *sinus* (asylo) se entrelaça, pelo sentido, com *ops* (soccorro, protecção), graças á ligação commum de *subsidiium* (asylo, soccorro).

Fica, por essa fórma, rigorosamente analytica, restituído o nome dos *ethiopes* (æthiops), sobre os moldes do vocabulo *Guiné*.

A' pergunta feita, *vaes tu?*, só poderão dar resposta os descendentes dos ethiopes, que são os modernos senhores da terra.

Mas prosigamos em nosso exame. Os geographos portuguezes ainda dizem ignorar si o nome *Guiné* era dado ao paiz antes da descoberta, ou si designava apenas uma povoação á margem do Niger. Como existisse na ribanceira daquelle rio, tambem chamado *Genka*, uma localidade com o nome de *Ghenea* ou *Ginea*, entrou-se a suppor que este bem podia ter sido applicado a toda a costa de Guiné. Entretanto convem notar que *gena* se traduz por *palpebra* ou capella do olho. Ora *oculus* fala de *cousa superior, excellente*, como se dizia serem os *patres* da segunda época do mundo, ministros dos deuses da primeira; e por isto *pili oculorum* (pestanas) comprehendendo na intenção da linguagem os *soldados da gente notavel*, que se estabeleceu no Egypto. *Pilus* (nada) con-

duz a noticia do *Nilo* (Nilus), pelo radical *nil*, e *tautones* (palpebras) preñde o nome desse rio ao da constellação do *Touro* (taurus), lembrando o instrumento de tortura que apparece na legenda de Phalaris. Qual seja o *boi* ou touro que fez o *grande estroñdo* (tonescere), inexistente até agora para a surdez da sciencia pelasgica, diremos mais longe; mas fique desde logo indicado que *Phalaris* diz o mesmo que *pharia arista* (espiga egypcia). E não passe sem reparo que a *capella do olho* (cella oculi) desenha por *palpebra* o quadro já entrevisto de *braços que se agitam* (palpitantes brachia), ou de *pulsos que latejam* nas crises precursoras da morte (palpitare).

O litoral de Guiné, diz um geographo, dirige-se a principio para suéste, mas dobra-se de repente para éste, no cabo das Palmas; depois e á grande distancia corta em angulo recto para o sul após as vinte boccas do Niger. A porção de mar comprehendida entre estas duas inflexões do litoral, denomina-se golfo de Guiné, o qual representa a unica invasão importante do oceano nestas ribas e que ainda assim é demasiadamente largo na entrada. Os *Kongs*, quasi desconhecidos, cobrem o paiz desde o oceano até a origem dos rios que vão alimentar o Niger. Como estes montes se erguem no extremo norte do paiz, fica a Guiné situada em pleno meio dia pela direcção geral de sua costa para léste; em consequencia do que poucas regiões ha mais francamente tropicaes do que este litoral condemnado a um sol flammejante, a copiosas chuvas, a iracundos cyclones; nenhum existe que maior variedade de plantas e de festões vegetaes offereça nos valles de seus rios, rios na parte inferior, mas que durante toda a travessia dos montes são torrentes violentas e traiçoeiras, formadas de pegos, de aguas dormentes e de rapidos. Parecerá incrível que por

essa descripção topographica se possa restabelecer a historia primitiva da tribu africana, que encontrámos no Egypto.

Pelo litoral, que se dirige a principio para sueste, se deve entender, no paralelo supposto, a patria da origem dos Ethiopes. *Littus* (litoral) é synonymo de *arvum* (paiz), e esta palavra latina desdobra-se na expressão *arbor humi* (arvore da terra), que se explica por *arbor fici* (figueira), si não esquecermos as indicações anteriores. Desse ponto da costa, aquelles selvagens dirigiram-se a principio para sueste, e occuparam mais tarde a região marcada pelo nome de cabo das *Palmas*. O latim *palma* designa a parte do tronço donde sahem os renovos, e *truncus*, associa a idéa de *raiz* ou origem de *homem estúpido*. Sabe-se que *estúpido* ou bronco se traduz por *æthiops* (negro, ethiope), alludindo-se pelas *palmas* ás *victorias* futuras da tribu que encontramos no estado selvagem. A nossa palavra *cabo* se ajusta á locução latina *extrema pars* (parte ultima, extrema), que allude á secção oriental da Africa, onde fica o Egypto, e por *manubrium* (cabo) se reitera a imagem significativa do *moinho de azeite*, offerecida como explicação historica, já examinada.

Não pararam os Ethiopes no cabo das Palmas, pois os *renovos*, de que nos falaram, segundo a descripção geographica, seguiram rumo sul e transpuzeram as vinte boccas do Niger. Essas vinte *embocaduras* de um rio, cujo nome se prende ao da *raça negra* (niger), representam, no plano narrativo, os *começos* (introitus), que veremos celebrados, da tribu ethiope, quando violando um *domicilio* sagrado (domus introita), proclamou pelas tubas de guerra (bucca) o vigor explosivo da nova raça, que é senhora do planeta (viginti (vinte): *vigor gentis*).

Pode-se perceber agora porque os negros da Costa de Guiné têm a *palmeira* (palma), como fetiche principal, enquanto os egypcios consagravam essa arvore ao *sol*, e por ella representavam o *anno*.

Essa consagração exprime um voto dos nossos maiores da grande raça, e por isto *sacrare* (consagrar) envolve a idéa de *maldição*, achando-se em *religio* (religião) um como echo da dor aversiva produzida pelo *sacrilegio* dos ethiopes. Também a palavra *tuba* (trombeta) serve na lingua turca para designar a *arvore da vida, que foi posta no meio do paraizo*. Essa *arvore* nos foi ha pouco indicada pelo vocabulo *arvum* (arvore da terra), e o instrumento que accende nas almas o enthusiasmo guerreiro, transporta o pensamento do *som* para uma imagem de *morte violenta*. Dahi por-se na palavra *arbor* a significação de *cruz, patibulo*. Quando a nossa sciencia, ainda nas faixas, puder transformar os *sons* em *imagens*, veremos que a *trombeta* emite phosphenas de *sangue jorrante*, de *corpos retalhados*, de *mutilações horribeis*. *Truncus* (arvore) corresponde a *corpo decapitado*, e aquelles que falam actualmente as linguas têm tanta consciencia das palavras que proferem, como o ethiope selvagem, quando chacinava cadaveres, lobrigaria os destinos de sua crueldade truculenta, e perceberia as ancias tumultuosas da alma moderna, que se revê nas revoluções e tristezas do passado.

A consagração da *palmeira* ao *sol*, como faziam os egypcios, vale por incitamento á languidez torpida de nossa raça: a *victoria* (palma), que não tiver como força impulsiva o amor da *verdade* (lux), e por *meta* a *defesa* legitima (parma), que a consciencia escuda, terá de nivelar os vencedores com esses selvagens facinorosos, que abriram para os seus descendentes o caminho dos grandes

crimes e das calamidades moraes do planeta. Notemos de passagem que *parma* (escudo), tanto diz *arma dos parricidas*, como *instrumento de producção* (parricidæ arma, partûs arma), e a escolha nos compete.

Descobre-se nas raizes das linguas testemunhos inequivocos sobre os acontecimentos perdidos na longa e basta floresta dos tempos prehistoricos. Os themas sanskritos *tubh*, *tup*, reforçam a licção que tiramos do turco *tuba*, pois exprimem a noção de *ferir*. O hebreu *tub* fala de *bom*, e esta significação lembra as victimas virtuosas e meigas do furor selvagem. O sitio da tragedia inedita está representado pelo tupy *tyba* (sitio abundante), que retrata o *paraizo da terra*, e o som temeroso das trombetas de guerra (*tuba*). O galibi *tobu* (pedra) caracteriza o *estupido* (lapis), que se faz annunciar pelo som estupendo (*tubus*), e mostra a *figueira* (topias ficus), posta sob os cuidados do jardineiro africano (topiaria). No archipelago de Tonga dá-se o nome de *Tubo-toti* ao *deus tutelar dos viajantes*, e como a expressão latina *tuba tutelar**is*, consigna as funcções ordinarias e a marcha batida dos soldados rebeldes do Egypto; pela palavra *socius* (tutelar) se descobre o facto ignorado de uma cooperação vinda do lado do Mar Vermelho (Topazos), em prol dos assaltantes e contra as victimas dessa investida sanguinaria.

Os mythos guaranys de *Tupaberaba* e *Tupacanunga* servem de commentarios para o texto que vamos restabelecendo sobre a teia das palavras. O primeiro faz a ligação entre a *trombeta* (*tuba*), e a *saccola* do soldado (pera), reunindo os dous objectos sob o conceito do *pater abyssinio* (*abba*). O segundo, por sua vez, assignala pelo confronto das idéas de *tuba* e de *canis*, a circumstancia já considerada de serem os *guardas* ou *vigias* da gente sacrificada, os

trombeteiros dessa empreza nefaria, como se diz claramente por *uncatio* (encurvamento das unhas), approximada de *pravitas* (curvadura, depravações, maldade, perversidade), noções estas que se enredam com a de *golfo* (sinus). Devemos accrescentar que os mythos lembrados correspondem respectivamente ás palavras *raio* e *trovão*.

E' tempo de travarmos conhecimento com os montes de Guiné, ainda mal conhecidos, que apparecem na descripção graphica transcripta.

São os *Kong*, nome que se desenvolve na locução equivalente *cukeare unguibus* (apertar com as unhas), como fazem as aves de rapina quando estrangulam os passaros incautos. *Cuneus*, é a *formatura militar á maneira de cunha*, e esta indicação nos revela a manobra dos ethiopes para envolver os asiaticos, então entorpecidos e languidos por effeito de uma revolução cosmica. A gente cor de pez (ungen) faz pensar na substancia resinosa, que na linguagem hieroglyphica era o emblema da *aversão* (pez). Pela *aversão* se entende o *tedio* ou estado molesto dos asiaticos (*taedium*), ao mesmo tempo que o *horror* nascido de uma acommettida traiçoeira, inesperada (*mens aversa ab aliquo*), e a phrase *non erit fuga eis* retrata a premeditação dos algozes. Nas inscripções cuneiformes a *divindade* e, portanto, o principio das cousas, vem graphada pela imagem de uma *estrella*. *Sidus* (estrella) fala tambem de *furacão*, *tempestade*, conduzindo nosso exame para a idéa de *influencia maligna dos astros*, que no conceito dos modernos é assumpto pouco versado, e mesmo indigno da sciencia. O momento que uma estrella desconhecida fixa no espaço está caracterisado pela voz *stella*, onde se lê uma

observação coherente com os factos apurados pela analyse e comparação lexicas. *Statuere telâ*, expressão absumida pelo vocabulo *stella*, informa que a *divindade*, confundida com o *direito* e a *justiça* (*fas*), na primeira epocha da vida do planeta, manifesta-se em nossos dias por uma *trama*, que determina todos os actos da vida humana. De uma *trama* ou *cilada* (*te'a*, *machinamen*), que se en-sopou no sangue dos justos, data o horoscopo, ainda indecifrável, dos nossos destinos, e monta para perfeito conhecimento da verdade, que entrevemos obscura, despojar os preconceitos e velleidades, que nos lançaram, entretanto, como a criança inexperta, nos braços de um mysticismo incongruente e abstruso.

O paiz originario dos ethiopes conhece uma lingua geral (portugueza) ou lingua franca chamada *sabir*. Saberemos mais adiante o que este nome significa, mas convem de prompto aproveitar a indicação para descobrir a origem do casaco ruço, que os colonisadores de Guiné trazem sobre a antiga pelle cor de pez (*birrum*). Atravez dessa vestimenta, que tanto nos envaidece, apparece o nome de uma tribu miseravel, conhecida pelo nome *Sab* (*Boschimán*). *Bir*, exara-se em *pyra* (*fogueira*), e este simples facto leva a pensar na terra das *pyramides* (*Egypto*). Sabe-se que o *Dahomé*, cujos reis tornaram-se celebres pelo seu furor sanguinario, está situado na Costa de Guiné, ou na Nigricia maritima. Aquelle nome geographico é um novo testemunho sobre os *homens mudos* (*tacentes homines*), que procuramos. Por outro lado, *Judah*, paiz da mesma região, é a terra dos *cere-monias*, e sob este aspecto sobreleva a propria China. Si pedirmos ao hebreu, por *ieudah* (*Juda*), a significação de *celebre*, reproduz-se o termo *ir* (*ira*), de *sabir*, por

censere (ser celebre), enquanto *sab* (de *sapiens*), se mostra através de *sappius* (pinheiro), e este vocabulo latino corresponde a *picea*, donde *picearia* (fabrica de pez).

Si estamos lembrados, o *pez* representa os *ethiopes*, já pela côr, já pelo emblema hieroglyphico da *aversão*, que considerámos ha pouco. Desta arte o *ethiope* se absorve no *Boschiman* (Sab), ao passo que as *ceremonias* do reino africano (Judah) valem por uma *indicação* (indigitamenta), de *tudo quanto diŕ respeito ao molde do pêz* (ceræmoniæ), e particularmente dos *indigenas* de Guiné. Os *encantamentos* glosados pela palavra *indigitamenta* (ceremonial) estão como articulados ao termo *mon*, de *ceræmoniæ*, o qual produziu *monstrificus* (sobrenatural) e entrou na expressão *artes monstrificæ* (bruxarias).

Não erraria aquelle que visse nos *Juidas* de Guiné os futuros compatriotas do rei Salomão. Elles, como os hebreus do exodo, adoram uma *serpente*, e esta, entre os negros do reino africano, é de cor *parda*, mas rajada de *amarello* e *fusco*. Pela combinação destas cores teremos a dos *ethiopes* primitivos.

Essa serpente é quasi do tamanho e da grossura do *braço*, e passa por inoffensiva, bem que se bata valentemente contra as venenosas de outra especie. Propõe-se desta guiza, pelos costumes do reptil africano, a impressão que se produziu a principio no espirito dos asiaticos, ou a crença que estes affagaram, quando alliciaram *braços* selvagens para defesa do Egypto contra os selvagens peçonhentos de outra camada. Os *Juidas* apparecem carregados de fetiches e os collocam ao pescoço dos cães e das ovelhas; tambem guardam nos cantos das casas pequenas figuras de argila ou de madeira, preludiando assim o culto romano dos deuses lares, ou o palestineo

dos teraphim. Parecerá estranho que aquelles selvagens pendurem ao pescoço dos cães e das ovelhas multidões de fetiches. Mas lembremos-nos de que esse costume é pura retratação de um facto historico : os asiaticos, que foram os primeiros objectos da adoração selvagem ou negra, confiaram-se a *cães*, isto é, *sabujos* (canis), e a *ovelhas*, isto é, *estupidos* (ovis), como nos haviam declarado. Pelos *cães*, devemos tambem entender as *cadeias* (canis), que a boa fé dos nossos maiores da grande raça forjou para os descendentes pela adopção dos ethiopes.

A palavra *fetiche*, cuja etymologia se desconhece, resolve-se em *foedus textile* (alliança tecida), e attesta um acontecimento da historia primitiva de nossa raça, que repercutiu sobre o futuro da maneira denunciada pela voz *foetiditas* (infecção, máo cheiro).

As tres primitivas tribus romanas, conhecidas pelos nomes de *Ramnenses*, *Titienses* e *Luceres*, perpetuaram a divisão natural dos povos que encontrámos na Africa. A primeira representa o *espinheiro alvar* (rhamnus), symbolo de uma *intelligencia* (nus), que se expandiu por todo o ambito da *terra* (spina alba), entre espinhos e abrolhos (tribulus, sentes), para cahir, finalmente, nas *garras aduncas* do negro africano (sentes).

Ella symbolisa o *dorso* ou columna vertebral do organismo produzido pela mescla das tres raças (spina), e no *Himalaya* ha como uma imagem dessa força ingênita da velha humanidade. *Ramosus amnis* (corrente que tem muitos braços) explica a palavra *rhamnenses*, mas o termo respectivo *enses*, que significa *autoridade* e *poder* (ensis) accrescenta que os asiaticos serviram para os seus descendentes degenerados, como a *bainha* para uma *espada* homicida.

Os *Titienses* são aquelles que confundem a *espada* com a *honra* (titulus ensis), e cujo epitaphio ou summario da vida, no fim dos tempos, concordará fielmente com a historia dos começos, pois são os mesmos *ethiopes que trazem ao pescoço uma inscripção funeraria* (titulus), que os distingue. Os *Luceres*, finalmente, dizem pelo rotulo, que sahiram dentre os *homens de fogo*, que atearam incêndios, e são portadores da sciencia do futuro (lux, lampas, lumen). Constituem, por certo, a *vegetação mais vigorosa* (luxuria), que brotou do tronco africano. Foi *deslocando os membros*, contrahindo esfoladuras e aleijões (luxare), que os creadores do quarto estado, e as figuras miseraveis da plebe, deram o *fausto* e a *sumptuosidade* (luxuria), a uma sociedade, que adormeceu ingrata e descuidada sobre os frouxeis do trabalho escravo. O termo *ceres* (de *Luceres*), accrescenta que esses romanos de todos os tempos representam a *producção*, o *pão para a bocca* (Ceres), e tudo quanto a industria, guiada pela sciencia, vae ousando e architectando á custa do trabalho humano. A *mistura de cêra e resina* (cera), que o seu nome destaca, diz que não ha mais verdadeiros *Luceres* na terra, pois se fundiram desde muito com os homens côr de pez e com os brancos.

Os nomes *Nubius* e *Sab* se ajuntam na phrase *sabeax nubes*, e associam a memoria dos *Sabeus* á dos *Sabinos*, estes representantes famosos da aristocracia italica. Por que essa homonymia? A *espessa cabelleira* dos futuros dominadores da Arabia, da Media e da India, está designada pela palavra *nubes*, assim como o aspecto *severo, carregado*, dos *patres*, que floresceram em Roma (nubilus). Aparece, por outro lado, a instituição do *casamento* (nubilis, nubere), ligada ao nome dos *Nubios*; e

ver-se-ha que não se trata no caso de meras coincidencias, mas de uma tecedura que encerra todos os fios da historia ignorada de nossa raça.

Conta-se nas divisões geographicas da Africa antiga o paiz chamado *Marmarica*, a oéste do Egypto. Ahi fica a cordilheira indicada pelo nome de *Gran Catabalmos*. E' a região a que se deu depois o nome de *Barca*, referida pela expressão *marmarica fera* (elephante). Acha-se no vocabulario latino a fôrma *marmaritis*, com a significação de *herva de admiravel côr, que nasce entre os marmores da Arabia e serve aos feiliceiros*. Si compararmos as noções que nos offerece a nomenclatura geographica, acharemos que o *elephante* (*dens libycus*, *dens indicus*) dá testemunho na região de duas raças, já conhecidas pelas designações de *Libyos* e *Ethiopes* (*indus*). Pela analyse, entretanto, da palavra *marmaritis*, se fica informado de outra circumstancia: *marmor*, synonymo de *lapis*, indigita o *estupido*, que pelos costumes (*more*), se assemelhava ao *faisão* (*ithys: ave polygama*). *Ophites* (marmore mosqueado), põe-nos em presença da *serpente* de Guiné (*ophiucus*), posta como signo no céu africano. Pela *Barca* se aponta o *esquife*, a tumba preparada (*parata arca*), prova de que os libyos e ethiopes andavam por essas alturas, antes de chegarem ao Egypto. A *planta que nasce entre os marmores* é o *cogumello*, e *fungus*, diz o mesmo que *estupido*, emquanto por *Catabalmos*, nome da cordilheira marmarica, se repetem as noções de *barca* (*catta*), de *animal mosqueado* (*catta*), de *estupidez* (*Battus=lapis*), accrescentando-se a idéa de *instrumento proprio para bater e machucar* (*battuarium*), como addicto aos *costumes* dos seres indicados (*mos*). Por outro lado, estabelecida a comparação entre *marmarites* e *aglaophotis*

(planta dos feiticeiros), se apura um conceito igualmente applicavel á característica dos selvagens *ethiopes*: *acris ops fotûs isiphonei* (terrível auxiliar da fomentação cruel). Estas indicações conduzem á descoberta de novos factos, como traçou o itinerario dos *ethiopes*, vindos do sopé da cordilheira do Atlas. Em caminho esses viajantes tiveram de terçar os chuços com as populações *libycas*, habitantes da margem do Mediterraneo: é também o que nos revelam pela *fomentação feroz* ou cruel. Os primeiros inimigos da raça branca no Egypto foram os *Libyos*, e sabe-se que o nome *Marmarica* se applicava por extensão á Libya ou mesmo á Africa. A região entre Cyrene e o Egypto tinha como habitantes os *Marmaridas*, também conhecidos pelo nome de *Libyos*, e os escriptores antigos diziam que elles eram *ligeiros na carreira*, assim como que se jactavam de possuir hervas de virtude efficaz contra a *mordedura das serpentes*.

Os *Marmaridas* ou *Libyos* distinguiram-se a principio dos *Nubios* ou *Ethiopes*, como ainda demonstra a palavra *marmor*, approximada do nome da tribu de Guiné. Por *marmor*, se entende o *mar tranquillo*, e este qualificativo corresponde a *innubis* ou *innubilus*, no qual se destaca a negação opposta á idéa de *Nuba* e *nubes*, sendo que *innuba* reforça a nossa illação. Por *mar tranquillo* não se allude á indole mansa que porventura tivessem os *Marmaridas*, porquanto a phrase *mare jacet* (o mar está calmo ou tranquillo), fala de um perigo permanente, e por *jacere*, se entende também a acção de *arremessar* ou *dardejar*. O segundo termo da voz *Marmarica* diz *lenço* ou *véo* (rica), e por *sudarium* (lenço) chega-se á idéa já expressa por *innubilus* (*sudus*, *sudum*), e concummitantemente a de *suor* ou fadiga (*sudor*), já insinuada por *mare*

(coisa difficoltosa). Nós chamamos *sudario* á *mortalha*, noção também subministrada por *sinclon* (lenço); e deste modo nos adverte de que os *Marmaridas* envolviam os habitantes da margem esquerda do Nilo numa tunica semelhante á que devorou as carnes de Hercules. Por outra parte, nota-se em *vitalia* (vestidos dos defuntos), a noção de *vida* e *duração*, de fórma que a mortalha estava estendida sobre um corpo animado. A luta entre os civilizados e os selvagens, que occupavam as duas regiões fronteiras, perdurou, por consequencia (*vitalis*), e nella estava empenhada a existencia mesma de populações numerosas. Em todo caso, aos *Marmaridas* serviram de *marco milliario* nos destinos da raça branca: *marmor*, diz o mesmo que *tumulo*.

Os antigos não duvidavam de comparar aos *carra-patos* os povos vermelhos que lhes sugaram o sangue, e entraram na mescla das tres raças. Em *Marmarica* se mostra o facto pelo radical de *ricinus*. Os *Ombrios*, que pertencem ao ramo ethiope (*umbra*, *nubes*), eram chamados *Pediculos* ou *piolhos* (*pediculus*), e um annexim latino nos guarda a impressão produzida pelo genio das duas raças africanas: *in alium pediculum vides, in te ricinum non vides*. Da alliagem entre os dous povos negros resultou que as tendencias differentes, representadas por aquelles insectos, produzissem a *ulcera* moral, de máo character, que se adscrive ao nome dos *Pelasgos*; e o termo *gos* ou *gus*, de *pelasgus*, leva a pensar numa especie de *adivinhação por meio de um crivo* (coscionomania). A cura difficil da chaga, que chamamos *carrapato*, lembra a palavra *noma* (*ulcera roedora*), que se integra por *Nomades* (*ethiopes*), e dahi nasceu a variação de nomes, que por *caries* (*podridão*), diz *Carios*;

por *scytale* (serpente), fala de *Scythas*; por *umbra* (noite), ou *ombria* (tempestade), designa os *Ombrios* ou *Sabinos*; não fallando nas demais denominações que embarçam os ethnologos. Não se conhece a origem da nossa palavra *carrapato*; mas lembremo-nos de *foedus* ou *pactus* (alliança), transportado num *carro de bagagem* (carrago): este transporte nos informa de que houve um elemento (sublatio) na fusão das raças selvagens, que as *elevou* pelo composto; e o insecto parasita traça nos seus habitos a causa dessa elevação ou superioridade. Foi *sorvendo* ou extorquindo o *sangue superior*, que a *bagagem* se volveu em *vehiculo*, ou a materia bruta em força de propulsão. Eis porque o *tique*, francez, de origem ignorada, prende-se ao latim *tuca* (temperos), e ao grego *teikos* (muro), equivalente de *munilio* (acção de fortificar). Não precisamos adduzir que *murus* significa *ajuda, protecção, defesa*, além de *levantamento de terra*, e por *terra* se entende os *homens* e as *nações*.

Uma cidade do reino de Barca, que se dá como pertencente á Marmarica, *Parætorium*, offerece um vestigio, cuja importancia reconheceremos mais tarde. O nome da cidade distribue-se na expressão *paratio edonum omnium* (preparação de todos os gulosos), e por *tonus* se indica uma *tinta branca*, alludindo-se assim ao sangue asiatico absumido pela fusão pelasgica. Sigamos, porém, para oéste, aonde estava a Cyrenaica, também conhecida pelo nome de Pentapola.

Os *Nazamoxes* habitavam ao sul dessa região, e viviam em parte, como se conta, alimentados com lagostas. Sabe-se que a Cyrenaica foi uma provincia da Libya, mas aquelle nome se explica por *syrus necans* (vassoura

que mata), enquanto *scopæ* (vassoura) declara que os habitantes dessa região formavam feixes ou molhos, e para melhor dizer, estavam distribuídos em pequenas fracções, como os indígenas americanos. O perigo offerecido por essa porção de territorio africano affirma-se na voz *scopulus*, que accrescenta a noção de *negro* (pullus), unida á de *comedor* (esculentus: *que come*). Por sua vez, *Pentapola* fala de *cinco cidades* (pentapolis), mas de origem negra (pulla) e como *arx* (cidade) fala tambem de *morada* ou habitação elevada, vê-se que havia nessa região, e na serra, uma localisação de selvagens distribuida em cinco porções ou *molhos* distinctos. Os *Nazamonies*, que habitavam ao sul dessa região, foram sempre tidos por *Lybios*, e a côr que os distinguia está descripta pela voz *nasamonites* (pedra côr de sangue com veias negras). Mas os *soldados* (munifex) passaram por ahi.

Ao occidente da Cyrenaica fica o paiz que costeia o Mediterraneo, formando dous golfos profundos: a grande Syrte e a pequena Syrte. Nas ribanceiras da grande Syrte viviam os *Psylos*, dados como encantadores de serpentes, e os *Lotophagos*, os comedores de lodo. A' margem da pequena Syrte ficava a ilha de Menix. O mar que banha o paiz era chamado da *Lybia*. Não se pôde duvidar que os habitantes desse territorio eram libyos, e *Psylli* (psylos), falla de *nariçes chatos* (sili), achando-se por *psila*, a noção de *panno liso sem pello de um lado*. Por *pannus*, nos indicam os *farrapos*, que serviam de *vestidura* para esses povos, e a *falta de pello num dos lados* do panno deixa suppôr que os *Psylos* se vestiam de *pelles*. Que os ethiopes passaram por esses sitios, dil-o a voz *psecas*, approximada de *Psylli*, pois

lembra o *cabelleireiro* (fictor), ou *artifice*, que machinou a perda dos asiaticos (artifex scelerum). Por sua vez *cinerarius* (cabelleireiro) prende-se a *cinerarium* (sepultura), e os ethiopes são comparados ás *columnas que assignalam tumulos* (cinerari fines). Os *comedores de lodão* (Lotophagi) são os mesmos ethiopes, porque a *acrifolium* (lodão) conduz por *coma* ao conhecimento dos homens das *vigilias* (folium=coma), e desenha o moral da gente leviana como as *folhas*, que era *acerbo e perigoso* (acer). *Comer lodão*, é participar das propriedades dessa planta (esse), e *lotus* (lodão) revive a coloração da pelle dos selvagens de Guiné, que era semelhante ao *lodo* ou terra amassada (lutum). Quanto ao futuro alviçamento desses negros, ahí está o vocabulo *lutus* (alimpado), para indicá-lo, e o mesmo se apura pelo termo *acus* (alimpadura), de *Pelasgus* (pellis lassæ acus). Finalmente, o nome da ilha de *Menix* descobre desde logo o *nucleo de Menes* (Menes nux), o rei egypcio, que encontraremos mais longe personificando a raça mestiça.

Não percamos a ultima indicação: *Menix*, quadra exactamente com o latim *menis* (pequena lua), voz correspondente a *damna lunæ*. Como *luna* significa *noite*, e tudo quanto nella ou durante ella se pratique, eis que a designação topographica marca o primeiro momento das *calamidades* pelasgicas (damna lunae), ou esse começo do reinado das trevas densas da ignorancia invencivel que durante tantos millenarios perdurou no mundo. O satellite da terra, como se sabe, cerca-se de immenso descredito na linguagem da horoscopia e da geomancia, ahí figurando como padroeiro dos jogadores, espiões, estellionatarios, meretrizes, gatunos, officiaes de justiça e procuradores de causas. Um celebre occultista sustentava que

os egypcios se abstinham de cebolas, por causa da antipathia que estas raizes tinham pela *lua*; e, como se vê, elle não inventou a tradição, cuja origem e significado lhe passavam despercebidos. A *cebola* representa as *raizes embebidas no solo africano* (bulbus), que são os asiaticos, oppostos pela indole e pelas idéas ás tendencias subversoras e anarchicas da raça selvagem; mas, sob outro aspecto, pela supposta *antipathia* se traduz a opposição entre *Libyos* e *Ethiopes*, os segundos dos quaes representavam o *peixe cabra* (cepa), que vinha das *origens* da Africa (cephalus, caput), enquanto os primeiros podiam ser comparados ao *satellite da terra*, e, portanto, dos *homens* (terra), que os sujeitavam sempre á sua influencia e ominoso dominio. A *lua*, astro que symbolisava os *Libyos*, emprestou os *cornos* legendarios aos *Ethiopes*, que por este e outros motivos foram chamados *Boschimans* (bos : boi), e referidos aos arcanos, como já nos disseram, do signo do *Taurus* (touro).

Nos hieroglyphos egypcios a *lua* era representada por uma *cruz*, enquanto nos peruvianos se exprimia a noção de *noite* por um *mocho* ou *cruz negra*. Como a palavra *luna*, ha pouco referida aos dous elementos ethnicos do Egypto, designa ao mesmo tempo a *lua* e a *noite*, eis que a linguagem ideographica põe o interprete no encalço da *estrella* assyria, que nas inscrições cuneiformes designa a *divindade*. Realmente, *statera* (cruz) resolve-se na mesma expressão que se agglutina no vocabulo *stella* (statuere telà). Além da *teia* asiatica, fabricada para envolver todos os nossos conhecimentos, temos a *trama* ethiope (machinamen), tão terrivel pelos effeitos aos destinos da raça branca. A *divindade*, neste caso, deixa de ser positivamente a *estrella*, que illumina os caminhos da exis-

tencia pelasgica, para ser a *traição*, pintada, na memoria dos tempos, com as côres do *sangue* e das *chammas*. Dahi o que se póde chamar a lição posta, de modo velado, na palavra *divinus*, que tambem significa *adivinho*, e pertence á mesma familia de *devius* (desencaminhado, apartado do recto caminho). Por outro lado, *divinus* diz pela terminação *nus* (sciencia), que houve na terra uma *sabedoria desviada de sua verdadeira trilha* (*devius nus*), e desta arte se resume a historia de um povo, já designado pela voz *Sab*, destacada de *sapientia*, a qual entra num dos nomes hebreus conferidos aos *exercitos* e á *divindade*, que estes representam (*sevaoth*, *Sebaoth*). A *cruz* hieroglyphica passa, portanto, a ser uma *balança* (*statera*), onde o *valor* das cousas se computa, de um lado, pelo *mocho* agoureiro, que não póde encarar a luz do dia, e, do outro, pela *cruz negra*, emblema da esperanza e da redempção, para a raça maldita, sahida da *noite* africana.

Invoquemos o nome latino do *mocho*, que é *bubo*, para descobrir na America (Perú) um vestigio precioso, como antos outros, que desde agora serão produzidos. *Bubo* entra em *bubile* (curral de bois, presepe), e si adiante tivermos de ver a mangedoura da legenda christã transferida para o Egypto, lembremos, por emquanto, que o *boi* de Guiné (*Boschiman*, *Sab*) reapparece ligado á imagem da *cruz*, para revelar-nos a primeira fonte de *padecimentos* atrozes que formam o tecido da vida pelasgica. Compararemos agora o nome *Boschiman*, que ligamos aos *ethiopes*, com este ultimo. Desde logo, pelo termo *opes* (poder), se reproduz o elemento *man* (*manus*), que entra na voz *Boschiman*, e si recorrermos á palavra *Æthiope*, que designa a ilha de *Lesbos*, descobre-se por *bos*, o radical daquelle nome, unido ao de *lesão*, *offensa* (*læsis*). Tomado

o termo *chim*, de *Boschiman*, veremos reproduzido o *atalho* ou caminho desviado seguido pelos *adivinhos* de Guiné (semita), e por esta approximação, se nos depara o *curso da estrella* (semita), que nos foi indicada pelo hieroglypho da escriptura assyria. *Chem*, amolda-se ainda a *semina* (estrella), sem omitir que se trata de um tronco ou *raiz* humana, localisando no Egypto a *semente* negra que descobrimos em Guiné. De facto, a região nilotica era chamada por seus habitantes *Kimit*, *Kimet*, e mais tarde *Kimi*, *Kime*, donde se tirou a palavra *chimica*. A combinação dos elementos dos corpos, que se operou pela fusão das raças egypcias, serviu de base para a denominação ligada ás operações alchimicas, ainda fechadas á nossa ignorancia. *Kimi*, diz, no egypcio, *a negra*, emquanto os areaes, onde nasceram os libyos, são chamados *Doshi* (o vermelho). A idéa de *negro* gera a de *Niger*, o rio occidental da Africa; e si traçarmos sobre *Doshi* a expressão litteralmente analogia — *ducunt osi*, notaremos que os *aborrecidos* Ethiopes *guiavam* os seus compatriotas *vermelhos*, apesar da *antipathia* que separava as duas raças africanas.

O mesmo se apura pela variante *Doshi*, em que se mostra a *palma da mão* (hir), graphicamente inserta na voz *Boschiman* (manus), emquanto *hircus*, aponta o *bode* do conhecido annexim latino: *mulgere hircos* (pretender um absurdo), que não poude ser ordenhado.

O termo egypcio *Chemi* (Egypto), reporta-nos aos genios bemfazejos e tutelares adorados pelos selvagens das Antilhas (Caraibas). As *estrellas* eram *Chemens*, de que o sol figurava como chefe. Os viajantes notavam que esses genios se assemelhavam aos *penates*, mas os *morcegos* que vôam durante a noite, emquanto os homens

dormem, confundiam-se para os *Caraibas* com os *Chemens*. A interpretação dessa crença religiosa torna-se facil, desde que se coteje *chemen*, com *semina* (estrellas). A *estrella* que symbolisa a felicidade humana, duplicada, segundo dissemos, pela confluencia de duas tradições, representa por uma parte a influencia asiatica (albus: *bom*), e por outra, o pensamento que conduziu os ethiopes a se libertarem de seus protectores (*commodus*; *bom*, *commodo*). Como as duas raças se fundissem numa unica, a crença supersticiosa absorveu pela antithese o parallelismo do facto historico, donde tirou suas raizes. Os *genios bons* tornam-se os *morcegos*; os *soldados*, que guardavam os seus protectores, e por isto chamados *tutelares*, convertem-se nas *harpías* que lhes sugam o sangue.

Uma vez por todas, observemos que as religiões, os cultos, os mythos, as legendas, os usos e as tradições offerecem sempre esse duplo aspecto, de que o *deus romano* (Janus) é o modelo primitivo, emquanto a *garganta*, ou corredor do Egypto (luna), serviu de typo para essa criação mythologica, e sem o presentirmos, entranha-se pela linguagem em todos os nossos pensamentos.

O problema até hoje insolúvel para a glotica e a mythographia, dos deuses *Semones*, resolve-se de modo inesperado pela identificação desses heróes divinizados da velha Roma com os *Boschimans* de Guiné. *Semones*, inscreve a 'expressão *simius munificus naevis* (soldado de nariz chato que faz carnificina). Os espiritos protectores e tutelares são os mesmos *Chemens*, dos *Caraibas* e *Zemes*, do Haiti.

A *Cybele* dos Slavos, *Zemina*, pertence a identica origem, porque *seminis minatio*, diz o mesmo que *ameaça da planta nova*, e esta definição se ajusta perfeitamente,

já aos compatriotas do *Menes* egypcio, já á *posteridade* (semen) pelasgica, a quem se conceitua de *callejada e dura* (callum solorum), emquanto *solum*, discerne os *pontos de apoio* da selvageria africana (solivagum lumen solum). *Cybele*, descontadas as referencias á gente asiatica, representa a mesma *cebola* (cepa), que manifesta antipathia pela *lua*, mas armada de *busina* (cepa bellici, bellica).

Ella se mostra ainda sob o nome slavo de *Znicz*, e como *deus do fogo*, que recebia as homenagens mais geraes, os prisioneiros e despojos dos inimigos, não se distinguia da *Zimtzerla*, que fazia nascer as flores na primavera, segundo a fabula russa. *Flores e primavera*, traduzem-se pela mesma palavra *ver*; e ahi se retratam os *vermes* e as *feras* (vermes, feræ), que fizeram brotar o *pigmento* da humanidade nova (pigmentum: flores). Si approximarmos a raiz *sem*, do chinez *seng*, teremos a idéa de *produzir*, ao passo que *singultus*, lembra o *estertor* e os *arrancos da morte*, e *singultim*, de *gaguejar* ou do *falar balbuciante* da gente barbara ou grosseira. Os *productores da barbaria* reapparecem na Chaldea e na Assyria, por *Sin* (deus lua), e por *scingali* (deuses da terra), no Congo. O phenicio *sen*, fala do *dente*, e o galibi *senebui*, de *chegar, vir*.

O *dens libycus* ou *indus*, que designa as *presas* do elephante africano, exerce attracção sobre a raiz, que designa o *nucleo* barbara (dente: *nucleus*) *chegado* ás Guyanas; e a palavra citada, *senebui*, rasga a cortina do mysterio historico, para dar-nos a physionomia moral da gente que se ajusta ao emblema do *collar reservado para os criminosos* (senilis boia).

Os *Sermões* latinos estão, portanto, bem photographados pelos seus congeneres do continente negro.

O termo *chi* (de Boschiman), radica-se em *chimerinus*, nome do tropico do Capricornio, e foi no circulo paralelo ao equador que se mostraram pela primeira vez os selvagens ethiopes ou abissinios (Sab). Em *chimera*, se incluye o mesmo thema de *Chimerinus*, para dar-nos a definição dessa horrifica pintura, synthese de *cabra*, *leão* e *dragão*, transmittida pelos autores da *fabula*, que foram os mesmos da linguagem articulada. Já se nos depa-ram a *cabra* e o *leão*, e agora pelo *dragão* se faz perceber que a *Chimera* africana se alistara sob *bandeiras militares* (draco). Os dous quadrupedes valem pelas raças *negra* e *vermelha*, que se fundiram mais tarde num só todo ethnico; e o *dragão*, que annuncia alguma cousa para o mundo nos estandartes militares da China, symbolisa o producto dessa combinação genesica, pois *draco* se discrimina por *mover*, *arrastar*, *absorver pela agulha* (trahere acû), e já vimos que esta é como um signal de presença dos Pelasgos.

Os *vomitos de fogo* do passado prehistorico annunciam os que vieram mais tarde, e são como a imagem desse futuro abrasante e cruento, que aguarda, para manifestar-se, algumas imprudencias e leviandades, apenas, de nossa raça e dos prohomens da politica européa e americana. *Chymera*, resolve-se, para lição da historia, em *chymi æra* (era da força), e nós atravessamos a idade das violencias premeditadas, das manias conquistadoras, das expansões dos povos pelo ferro e pelo fogo. A *Chimera* africana elaborou, combinou, amalgamou contagios, e o exemplo europeu, desencadeando sobre a Asia a peste da falsa civilisação do occidente, inoculou massa phosphorica, substancia pensante, no dragão chinez, que tem patas de bronze e saltos de serpente.

Que os Ethiopes vindos para o Egypto não excediam de *mil*, prova-se pela palavra *chiliarcha* (capitão de mil soldados), approximada de *Boschiman*. Aquella expressão latina prende-se pelo radical a *chia* (casta de figos), e deste modo particularisa os auxiliares abexins; e a voz *archa* (*de chiliarcha*) designa os dous *limites* (arca), ligados pelo itinerario dos negros de Guiné. O *sarcophago* (arca), destinado a encerrar o cadaver da raça, vem igualmente apontado por *arca*, em cotejo com *arcanus* (magico, occulto), que exara a idéa de *calado* (silens), e, portanto, designa os *homens alalicos*. O *Boschiman* está, por consequencia, definido pela phrase que lhe explica o nome indecifrável: *bos chimerinus manus* (boi oriundo do tropico do Capricornio e armado em guerra). Passamos de leve sobre terem certas tribus africanas o costume de empregar rebanhos bovinos como exercitos e vencerem por este meio tropas bem ordenadas. *Manus*, terminação de *Boschiman*, descreve a projecção dos beiços na physionomia ethiope, pois designa a *tromba do elephante*, e a raça que foi repellida pelos Boers, Cafres e Hottentotes, tem os labios grossos, carnudos e pendentes. Esses selvagens, pequenos e degenerados, cujas pernas são muito curtas, receberam, dizem, de seus vizinhos o nome de *Sab*, e, como vimos, os habitantes da Nigricia maritima falam uma lingua mesclada, chamada *sabir*. O plural do nome *Sab*, é *San*, e neste som se refaz o echo da pergunta que fizeram pelo nome *Guiné* (vaes tu?). *San*, é *sanus* (valido, são, intacto), como se mostram os descendentes dos Ethiopes, que somos nós todos, latinos, slavos, germanos, arianos ou semitas. Os habitantes da terra expiam o *pecado original*, isto é, o crime dos seus avoengos do Egypto, como se declara pelo verbo *sonare* (expiar, pagar),

e não podemos discutir nem a realidade do castigo, nem a justiça da comminação que trazemos no *sangue* (san). A idéa do plural por *San*, envolve propositalmente a de *multitudo*, *amplitudo numeri*, em ordem a não exceptuar ninguém da relação expressa pelo conjuncto pelasgico.

Os futuros *Sabeus* ou *Sabinos*, que se firmaram politica e religiosamente na instituição do *poder paterno* (manus), e do culto dos *manes*, apparecem-nos agora sob o aspecto rude e repugnante dos *Boschimans*. Na figura que temos sob os olhos mostra-se a tanga de *pello de cabra*, mas que não foi despojada do pello. Dá-se ao nome *Sab* a traducção de *indigena*, palavra esta que restaura a denominação do seu lugar de origem, pois o termo *Gena* (de *indigena*), é o mesmo que se incorpora na voz *Ghenea*, productora, segundo vimos, de *Guiné*. Mas *Ghenea*, resolve-se em *gena ahenna* (face de bronze) para informar-nos sobre a côr fusca dos boschimans, e ao mesmo tempo offerece-nos o typo da impudencia característica desses selvagens, dados como *ladrões* refalsados pelas tribus vizinhas. *Indigena*, grava por *indigere*, a situação penosa desses pygmeus africanos, que carecem de tudo, e vivem na mais extrema penuria. E' curioso que o nome da tribu africana (*Sab*) descreva por approximação o theatro das campanhas boschimans; de facto, *sabulum* colloca os vizinhos dos hottentotes nos *areaes*, e sabemos que elles percorrem ainda hoje o deserto *Kalahari*. Por outro lado, a palavra *Kalahari* extrema a idéa de *duro*, *callejado* (callosus), fala de *dureza moral* (callositas), sem esquecer pelo termo *hari*, daquelles que os latinos chamavam *porcos*, *immundos*, *impudicos* (haræ), sem perceberem a retorsão da affronta sobre si mesmos. Quem diria que os *calata comitia*, dos romanos, fossem uma rememoração

de scena africana? O nome indicado diz que os boschimans foram *convocados* (calatus), e prende-se este facto á noticia de uma *calamidade* (calamitas), já descripta por outras palavras. *Hari*, diz por *aridum*, que esse acontecimento teve por scenario a margem do mar, e um terreno resequido (aridum).

Os *indigentes* do Kalahari trazem á memoria os *Indigetas* latinos, que são para a sciencia verdadeiro enigma. Os heróes divinizados, que apparecem sob aquelle nome, são os mesmos descendentes dos selvagens africanos, que vimos indicados pela palavra *Semones*. *Semones*, prende-se a *simius* (bugio, macaco), e por *Indigetes*, se allude ás *indicações* (indigitamenta), que registramos, auctorizados pelos costumes cerimoniaes do reino africano (Judah). A differença real que existe entre as duas collecções de genios tutelares, é que os *Indigetes* vieram para Roma *por mar*, e os *Semones*, *por caminhos desviados*. Isto se prova pela analyse comparada dos nomes: *indigetes*, fala de *unda*, por *ind* (mar), e repete a noção pelo termo *getes* (cette), que designa os *peixes corpulentos*. Os *Indigetas* são *Getas*, que entraram na *formação* ethnica do povo romano, como os *Semones*, que penetraram na cidade do Palatino *por caminhos estreitos e azinhagas* (semita), são os *homens de nariç chato* (simus), cuja procedencia descobrimos. Os romanos e os barbaros, que os venceram, são da mesma origem parental: mas *indigentes setæ*, nos informa que elles não eram mais os homens *pelludos*, emigrados por mil da orla do golfo de Guiné. Entretanto, aos boschimanos ajusta-se a mesma expressão *indigentes setæ*, mas traduzida por esta: *carecedores de barba*. O *Zamolxis* dos getas representa os mesmos *San* do de-

serto de Kalahari, mas que passaram pela *vida effeminada dos porticos* (mollitia xysti). Em todo caso, o termo *molx* (de *Zamolxis*) lembra o *impudico* de outr'ora (mollis, mollitudo), mas que se deixou *enleiar* pelos attractivos da civilisação (mulcedo, mulcere). Os modernos ligam o nome *Zamolxis*, ao gothico *sel-mahtis*, ou ao noruego *soel-matti*, compostos que significam *bom genio*. Nenhuma observação fariamos a essa etymologia, si aquellas palavras de cunho germanico ou scandinavo não se resolvessem, por sua vez, em *selectio mattica* (selecção das grandes queixadas), para definir-nos os prognathas da Africa transportados para as *doçuras* (mat-tya) da vida europea. Os *Ases* da Gethica são os mesmos *Anses* dos Godos, e os *Oesir* dos Etruscos, como adivinharam os philologos sem darem razão sufficiente de sua descoberta. *Ases*, diz o mesmo que *asiæ caesio* (cortadura de centeio), para consignar os effeitos da cravagem sobre o corpo humano; e foi por meio de incisões gangrenosas que os Pelasgos formaram diversos centros de actividade collectiva ou se disseminaram pelo mundo. *Anses*, diz o mesmo que *antiqua caesio* (velha cortadura), e *Oesir*, faz patente a causa politica de semelhantes divisões (*Esûs sili ira*), pondo o dedo sobre o *furor sanguinolento do deus da força* ou da auctoridade publica (vis, auctoritas). Considerada a origem commum de *Latinos* e *Sabinos*, é facil discernir por estes nomes os *Semones* e os *Indigetas*: aquelles primeiros vieram por terra (lateris tinus) e os segundos por *mar* (Sab pinûs), para o territorio em que deviam travar grandes e famosas batalhas.

Devemos affastar a supposição de que o nome *Boschiman* fosse creado pelos colonos hollandezes, que

vieram ao paiz habitado pelos *San*. O erro nasceu da concordancia da palavra com a expressão das linguas germanicas applicada aos *homens dos bosques*; mas não se daria a uma raça tão bem caracterisada um nome que conviria antes a todos os selvagens que habitam regiões cobertas de florestas. A sciencia está comtudo inçada de hypotheses tão pouco seguras como essa, e tempo virá em que se fale na *inepcia scientifica* do *seculo da luz*. Como homens negros, os *Boschimans* poderiam ser comparados á madeira do *buxo* (*busch*), que é *amarellada* (*buxus*), mas *buxus*, mostra pelo *taboleiro do xadrez*, o mesmo radical que entrou na palavra *Guiné* (*quincunx*). Pintam por essa maneira desviada os costumes dos *Boschimans*, pois as *peças do xadrez* são chamadas *latrokes* (ladrões), e o jogo respectivo *latrunculorum ludus*. A *flauta*, designada por *buxus*, mostra o *limite* oriental do itinerario ethiope, porquanto *tibia* (flauta) se discrimina em *Thebarum via* (caminho de Thebas). A *fistula* moral de nossa especie já se denuncia pelo nome latino da *flauta* (*fistula*), e com esta se desatam pelos dominios pelasgicos os sons mysteriosos da *gaita de Pan*. O *deus dos pastores* (*Pan*) é uma creação moldada sobre a physionomia da gente *esfarrapada* (*pannosus*), que passou como o *pão* (*panis*), pela masseira ou cylindro da raça industriosa; mas a *panthera* africana deveria assignalar-se por uma *trama* sanguinaria (tela), antes que atingisse o grão de cultura precisa para ler as *Pandectas*.

Digamos uma palavra sobre o *aleijão do dedo pollegar*, visivel naquelles selvagens. *Pollex* (*pollegar*) fala de *lei negra* ou ethiope (*pulla lex*), e si *ella se eleva para cima do punho*, pelo mesmo facto, na intenção da linguagem, se observa que houve uma *insurreição da indole* ou ca-

racter selvagem (*lex*) contra a *auctoridade* (*manus*), que se representa pela *mão* tomada como *medida* (*pugnus*, *ratio*). O *instincto* sobrelevou os limites traçados pela auctoridade da razão; e nesta licção do passado se encerra um prenuncio, que devemos considerar devidamente, antes de vê-lo justificado pelo futuro. O que ha de instinctivo e selvagem no homem só provisoriamente se deixa dominar pela força dos habitos e das luzes adquiridas; donde deriva para a politica o conhecimento anticipado dos perigos que, á semelhança dos fogos subterraneos, ameaçam continuamente o solo em que pisamos e as construcções do passado. Por outra fórmula, nos advertem ainda de que as *leis* não dominam os *punhos* postos sobre o timão do carro da terra: ellas devem conter os que governam, e mesmo traçar uma rota nova sobre a noção de poder e auctoridade publica, fatalmente carregada para o terreno do privilegio pelas tendencias absorptoras das minorias dirigentes em todo o mundo civilisado. O dedo mais grosso da mão tambem se chama *hypate*, e esta palavra lembra a figura de rhetorica, pela qual se trocam as relações dos casos (*hypallage*). Aquelles, realmente, que constituem o elemento mais numeroso e avultado das sociedades modernas são os menos considerados e protegidos pelas legislações vigentes, de modo que o *caso directo* passa a fazer as vezes do *caso obliquo*, e quem poderia governar sem contraste é governado com injustiça. *Hepatia*, que lembra a *cor do bronze de Corinthe*, e portanto o *negro* africano de que descendemos, accusa pela fórmula *hepatia* as *entranhas* dos homens que governam os povos, como discrimina a causa das decepções e desenganos soffridos pela humanidade. O termo *pate* registra a idéa de *soffrer* (*pati*), que se entrelaça na linguagem

com a de *revelar* (patefacere); e estas indicações estão ainda explicadas por outra significação de *hyppathe* (dedo pollegar); porquanto designa a *corda mais grave* ou baixa da lyra, e *tormentum grave* (corda baixa ou grave) aponta para a camada humana condemnada a todos os supplicios e torturas.

A pelle de *Boschiman*, segundo os viajantes, é de um amarello escuro ou sujo, semelhante á do velho couro curtido; as orelhas são salientes e a bocca se projecta em labios espessos, lividos e salientes. Os cabellos formam pequenos feixes ou torcidas, e as maxillas accentuam-se pelo prognatismo. Em vez de convexo, o perfil dessa gente é concavo como o dos macacos, e o craneo tem o character dolicocephalo, presumindo-se que o cerebro seja muito reduzido. O que, porém, excita mais a attenção é a direcção particular do pollegar, dedo que os sacerdotes phrygios costumavam amputar: elle é puxado para cima do punho e menos opponivel. Ora, o nome *Boschiman* traça, pelos seus termos integrantes, a caracteristica dos *macacos* (*simius*), que se entrelaça com a do *touro* (*bos*) e do *homem*, mas este distanciado da realidade conhecida e assimilado com sua *sombra* (*manes*). Trata-se de um *fantasma* humano. Pelo *fantasma* se allude á *vana species*, ou *gente futil, frivola, embusteira, velhaca*, e tambem *necessitada, indigente*, mas que incha de vaidade sob os trapos como alguns hespanhoes de nossos dias. O *chimerico* posto nos *sonhos* de homem acordado está indicado pela palavra *fantasma*, e sem maior exame ousamos imaginar que as *visões* do somno possam ser explicadas pela fusão primitiva de dous cerebros em diferentes grãos de desenvolvimento e cultura. Em todo caso, o termo *chim* (de *Boschiman*) fixa-se em *chymera*,

attrahindo *simius* (macaco), e destes vocabulos combinados se desenlaçam as *imagens mudas*, que se nos offercem no sonho. As idéas do cerebro mais alto tornaram-se fantasmas do entendimento inferior; mas o tempo e a educação vão lentamente desenrolando os fios dessa meada mental, sem desfazer o dualismo de origem. Dahi o perigo de comprimir a marcha do pensamento, ou de feril-o por ameaças de pena.

A steatopigia boschiman torna-se notavel nas mulheres, as quaes transportam os filhos sobre a garupa que lhes deu a natureza. As crianças põem-se de pé sobre essa especie de eirado, enquanto as mães marcham a passos apressados. Eis o modelo da celebre *Venus Callipygia*, e não devemos esquecer que a supposta obscenidade da lingua osca vem traçada pelo mesmo nome dos Boschimans (oschi). Estes selvagens ungem-se de graxa de antilope, e limpam as mãos depois da comida sobre a pelle do ventre. Tambem elles se annunciam ao longe pelo cheiro rançoso que se exhala de certa banha extrahida das nymphas de formiga, com que se untam; mas *unctus* (untado) traduz-se por *immundo*, *breado*, de modo que o costume preserva a noticia da cor, já verificada, desses africanos. O *cabrito monte*, que é antilope, dá pela voz *caprea* o conceito da opposição figurada entre ethiopes e libyos, como disse o proverbio: *jungere capreas lupis*. A palavra *antilope* grava essa *antipathia* (*antipathia lupis*), e a banha que fornece o quadrupede para uso do *Sab*, representa a *terra gorda que serve de adubo para outra* (*adepts*), maneira de alludir á mestiçagem das duas raças negras (terra: *homem*, *povo*). A contribuição dos asiaticos para esse producto vem expressa pela mesma palavra *adepts*, que diz *alburno*,

e bem se vê que de semelhante combinação sahiram os Pelasgos, cujo nome termina pelo mesmo radical de *custos* (boieiro), synonymo de *nomas* (ethiope). A *banha* em questão, traduzida por *ungen*, põe-nos em face de *Guiné* (guen, guiné), e revoca o nome dos montes dessa parte da Africa (Kong, unguen). *Kong*, é como uma adherencia de *conamen* a *unguium*, e por ella se restitue a noticia do *esforço* que dependeu do emprego das *garras*. Finalmente, e para abreviar, ligue-se o termo *deps*, de *adeps* (banha), a *dipsas*, e facilmente se constroe a phrase: *adest Thebis dipsas* (está em Thebas presente a vibora).

Os selvagens levados para o Egypto eram *dipsomaniacos*: a já notada *agulha da base*, nos destinos da raça pelasgica, apresenta-se agora sob a figura de *Bacchus* (basis acûs), e por isto os gregos davam a esse nome a significação de *sandeu*.

Os pygmeus de Guiné não attingem a maior altura que 1 m. 20, 1 m. 40, e habitam em cavernas artificiaes que fabricam, tapando-as com ramagem. O escudo de couro, celebre nas tradições pelasgicas, apparece com o cafre, visinho do boschiman, mas este dispõe de um arco que mede um metro de altura, e costuma envenenar as frechas, dizem, com o veneno de uma *serpente amarella*.

Não sabe ainda, ou esqueceu a arte de forjar o ferro o antepassado de nossa raça, e continuará na vida de caçador, pois não revela habilidade para nada mais. Farpeia o hippopotamo e mesmo o elephante, mas lança-se aos cadaveres para devorar as entranhas, á maneira de *butio*, e esta comparação se dilata pela historia adiante dos Pelasgos. As cebolas de ixia, o alho selvagem, a gomma de acacia, servem para alimentação

do boschiman em tempo de penúria. O sapo, o lagarto, as cobras, despertam, entretêm a voracidade desses pantophagos. A metade de um carneiro não espanta a glotoneria de um desses anões, os quaes, si passam misérias atrozes, também manifestam uma aptidão ingênita para engordar. Os *Liguos* da Itália eram assim mesmos, e si lhes deram também o nome de *Siculos*, foi por causa da extrema magreza primitiva, logo substituída por fortes polpas adiposas. Ninguém mais ladrão do que esses boschimans; e a historia de *Hercules* e de *Cacus* repete o que se observou entre os membros dessa tribo a respeito dos cafres, cujos rebanhos são pilhados a cada momento. Depois de pegarem o gado alheio, os antepassados do salteador romano levam-n'o para logar seguro, e o abatem immediatamente até a última cabeça.

Cada mancebo boschiman não deve tomar a principio sinão uma só mulher; mas desde que a primeira envelhece, pôde ser substituída, e torna-se escrava de sua substituta. Também as bestas de carga são mais felizes do que as mulheres entre esses degenerados africanos. Os paes mostram-se dubiamente dedicados á prole, e quando morrem as mães, os filhos são sacrificados e enterrados com ellas. Observa Wood que os *Bosjemans* (Buschman, Boschiman) não têm palavras para distinguir uma *donzella* de uma *mulher casada*, confusão que aliás se perpetuou pelo vocabulo latino *virgo*. O costume matrimonial romano de levantar a noiva acima do limiar da porta, encontra-se entre os abyssinios, assim como entre os pelles-vermelhas do Canadá e os chinezes, como informa Lubbock. Basta para explicar semelhante costume tomar a palavra *vestibulum* (limiar), que se traduz por *introito*, *começo de um assumpto*. Os

primitivos abyssinios celebraram o seu *primeiro casamento* pelo rapto das mulheres brancas; e *efferre vestibulo*, é tirar e levar para fóra por estreia, como fizeram os boschimans do Egypto, ajudados pelos seus comparsas da raça vermelha. Os creadores da linguagem ligaram o nome *Janus* a *janua*, e ambos a *limen* (porta, limiar da porta), mas por *limus*, nos falaram de *expurcicia*. Assim, quando se levantava a desposada no momento em que franqueava a soleira de sua nova habitação, figurava-se que ella não devia tocar com os pés essa cousa *nojenta*, *igkobil* (*limus*), que podia polhuil-a, pon-do-se por essa fórma no symbolo uma diatribe contra a primeira manifestação da impudencia desordenada na terra; e a santificação do casamento pelo culto representa um como protesto dos sentimentos superiores contra os baixos instinctos do selvagem, herdados, aliás, pelos homens de maior cultura. Assim, puzeram a *expição* religiosa ao lado do materialismo criminoso, e *limen*, lembrará sempre o *corruptor Menes* do Egypto.

São, por certo, notaveis, surprehendentes, as affinidades que iremos destrinchando, entre os costumes privados e a historia exterior dos povos pelasgicos. Vimos que os boschimans tomam uma só mulher, mas quando esta attinge á velhice a substituem por outra, e fica subordinada á substituta, como aliás acontece entre muitos povos polygamos. O interessante nesse caso particular resulta da correspondencia perfeita desse costume com um acontecimento determinante de nossa civilização. *Uma mulher* representa, na fórma da dicção latina, a *mulher por excellencia* (*una mulier*), e veremos mais longe qual o conceito adaptavel aos seres intelligentes, ternos, dedicados, que protegeram e guiaram os pri-

meiros passos do homem selvagem, na passagem difficil da ignorancia para a cultura, e foram a providencia da raça pelasgica. A linguagem, sempre attenta e vigilante, sublinhou o exemplo dessa transição pela palavra *mulier*, onde se combinou a idéa de *abranda-mento* com a de *bronze* (*mollitudo æris*). O homem de alma dura e cor de bronze, que inaugurou o novo regimen moral, social e politico do nosso planeta, não poderia attingir á relativa cultura sinão pelo desbastamento de seus costumes insociaes, de suas tendencias egoistas e sanguinarias. Foi esta a missão da *primeira mulher*, a quem elle se uniu pela execução de um crime horripilante: o *Boschiman* adquiriu certa flexibilidade indispensavel para afeiçoar-se á situação que lhe foi preparada pela disciplina militar, e pelo uso da palavra, que lhe era estranha.

Todas as mulheres desse connubio polygamo, que está nos habitos do *Boschiman*, como mais tarde nos dos latinos da plebe, ficam subordinadas não sómente ao preceito tradicional da tribu, mas á influencia de um facto historico, em virtude da qual nenhuma mulher poderia disputar superioridade áquella que abriu para o homem selvagem a perspectiva de mais alevantado destino.

Outro costume, que é deveras singular, observado entre os povos selvagens, não teve até agora explicação satisfactoria: referimo-nos á repugnancia dos noivos pelas sogras. E' extremamente indecoroso que uma sogra fale ao seu genro entre os indios da America, segundo relatam os viajantes; e entre os omhaws não ha relações entre os paes da esposada e o genro. O mesmo se consigna a respeito de povos asiaticos e africanos; e Taylor pondera que é difficilimo imaginar que estado de

cousas pôde engendrar semelhante costume. Os boschimans, quando tomam mulher, segregam-se dos paes della, e si por acaso os 'percebem, cobrem a face como para significar ruptura dos laços da antiga affeição. Parecerá incrível que tudo isso nos possa ser explicado por factos historicos, já estabelecidos pela nossa narração. *Socrus e socera*, palavras latinas, registam, entretanto, as causas dessa antipathia sem explicação conhecida. Em *socrus* (sogro) se percebe, por disjunção de termos, a idéa de *golpe cruciante* (*succisio cruciabilis*), e já sabemos o que representa, no plano da historia primitiva, a imagem da *cruz*, traçada pelos hieroglyphos. Por outro lado, *socera* (sogra) liga a idéa de *força* ou violencia (*succus, vis*), a de *pintura*, que já foi particularisada pela noção de *mistura*, em que entram o *pêz* e a *cera* (*cera*). O *sogro* e a *sogra* retratam, portanto, pela intenção da linguagem, os alarves que se revoltaram no Egypto contra seus protectores abnegados. A dor soffrida pelos irmãos das victimas do conluio selvagem perpetuou-se sob a forma de uso e tradição. E' o que explica tambem não poderem os noivos encarar os sogros desde a hora do casamento: esta circumstancia se retrança no facto historico, pois os boschimans raptos e criminosos não puderam enfrentar a physionomia reprehensiva e severa dos juizes que deviam julgal-os e... perdoar-lhes. Tambem *patraster* (sogro) desvenda o *astro extincto, executado* (*patraster: patratus, obitus aster*), que revive pela *estrella* de nossos destinos, e como si talhasse pela forma tosca e mysteriosa da *cruz* o signo protector da existencia pelasgica, notamos que este refulge, sempre visivel, no horisonte do Brasil. A *execução* que se representa pela voz *patraster*, é a *perfeição* que poderemos attingir (*aster perfectus, susceptus*),

sob o influxo da *estrella*, que illumina o céu de nossa patria ; e á sua luz cobrarão força os povos para entronisar a justiça e a liberdade.

Uma fórmula sagrada dos romanos, que se encerra nas palavras *Cerus Manus*, ficou até hoje fechada a toda interpretação razoavel. Entretanto, notemos que *Cerus* se resolve em *cera rustica* (pintura rustica, cera sylvestre), e referida essa indicação a *manus* (mão de obra, mão armada), teremos a chave do problema, que se explica pela historia geral dos Pelasgos. Sabemos qual seja a *pintura*, que lembra a *cera* e o *pez* dos ethiopes ou boschimans, investidos de uma missão militar que elles trahiram. A linguagem religiosa fixou a tradição, cujo sentido se perdeu ou foi propositalmente sonogado á curiosidade frivola das gerações passadas. Não era tempo de revelal-o; e hoje mesmo nem todas as intelligencias estão preparadas para sopesar o alcance illimitado dessa revelação que se trava intimamente com a questão de nossos destinos. Ao desmedar o novello de factos, mais velhos do que a historia conhecida, deve o interprete, como aquelles que o lêem, estar sempre alerta e de sobreaviso, porquanto, si as provas em que se basêa a narração são innumeras, e dão habitualmente a impressão de massa compacta, que se dilata e affeição ao molde da analyse e da comparação, não raro, antes a cada momento, um mesmo fio conduz ao mais remoto passado pela visão clara e experiencia do presente. Para exemplificar, tomaremos a mesma expressão *Cerus Manus*, cuja significação restituimos: ahi se lê tambem uma allusão á Russia contemporanea, que está agora mesmo esperando da *mão celeste* o *orvalho* preciso para aplacar as coleras do povo e amenisar a impassibilidade hirsuta dos Governos (coe-

lestis manûs os Russiæ). Póde-se dizer que a Russia é actualmente o paiz das *lagrimas* (ros), como representa o *poder militar da terra* (manus). *Manus*, lembra um golpe ou estocada no pé, que os *Slavos* avançam para o oriente (pé dianteiro); e faz pensar numa *sonnia perdida*, ligada á noticia de feitos militares. A *mão* inclemente da *cirurgia*; a *industria*, que está sendo sangrada; a intervenção das *letras* no debate da *turba*; a *tromba*, que deruba e despedaça, tudo está previsto pela palavra *manus*, e completado por vocabulos que a ella se filiam (manus, manesis, mangonium, mania). Emquanto isto, *rus*, que se prende a *russeus* (vermelho carregado), lembra a *ignorancia dos camponios* (rusticitas), e manda *esquadrinhar* as causas do conflicto temeroso (ruspari), nos documentos do passado, onde *cerus* denuncia alguma cousa de *contrafeito* (cerussatus).

Proseguindo na pista dos boschimans, não percamos o facto que sobre elles refere Lichtenstein : um Bosjeman, tendo matado uma feiticeira, esmagou-lhe a cabeça com grossas pedras, a enterrou, e depois accendeu um grande fogo sobre o tumulo para que ella não sahisse da cova e não viesse atormental-o. Aqui ainda se depara com uma revivescencia de facto historico, operando sobre o espirito selvagem como crença supersticiosa. A pobreza moral dessa gente reflecte-se sobre a linguagem, que não póde ser utilmente empregada sem auxilio de signaes ou gestos expressivos. Assim, esses selvagens não se fazem entender no escuro, e para conversarem precisam accender o fogo. O viajante citado affirma que aquelles negros não possuem nomes proprios, e, o que é mais, não parece comprehenderem que lhes falta alguma cousa para distinguir um individuo de outro. Si como ha quem diga, não

podem os boschimans contar além de tres, porque só possuem tres nomes de numero, é preciso reconhecer, com algumas autoridades, que elles chegam até dez em seus calculos arithmeticos. Os adjectivos numeraes primitivos são *t'a*, *t'oa*, *quo* (um, dous, tres), e teremos de reconhecer que elles valem como epitome da historia primitiva dos ethiopes, que são os mesmos boschimans, tambem chamados *San* ou *Sab*.

T'a (um), é a syllaba radical de *tata* (pai, pessoa que alimenta as crianças), e este vocabulo latino envolve a significação de *unus* ou *unicus* (um por excellencia). O individuo por excellencia, que deu a *pater* (pai) a nova accepção de *deus*, manifesta-se agora, já como *aio dos selvagens*, comparados a *crianças* (pullus), porque eram *negros* inexperientes (pullus), e padeciam fome; já como victima da ingratição de seus filhos adoptivos, facto demonstrado pela analyse da voz *pater*. *Pati telam* (soffrer a trama) restitue o pensamento primitivo posto no vocabulo *pater*; e este nos informa ainda do *esmagamento* produzido pela *machinação* selvagem (pactu terere), ligada á noticia de uma primitiva *alliança*. Por sua vez, *genitor* (pai) lembra o *ventre* que vimos em caminho para Thebas (genius iturus), facto ainda rememorado por *parens* (pai), que se resolve em *paratus ensis* (espada, combate aparelhado); e a *mão* de *Boschiman*, que representa um *poder* futuro (ensis, manus), ficou para sempre gravada na phrase equivalente a *gladius* (espada), sob a fórmula de *gratia Ius* (favor, agradecimento de Io). E' que a *Isis* da primeira época se transformou na *vacca* furibunda (bos), do subsequente periodo, e um mesmo mytho abrange os dous aspectos do acontecimento oriundo da infeliz *alliança* promovida entre asiaticos e bos-

chimans. *Creator* (pai) reforça o testemunho fornecido por seus synonymos: *creæ actor* (creator) representa *aquelle que fez gyrar a immundicia* em torno do mundo, depois de *revolve-a* como os suínos. *Abba* (pai) denuncia os *ladrões de gado* (abactus), ha pouco descriptos pelas narrações dos viajantes, e que vieram desde a *base* (a basi) das gerações pelasgicas, sob a fôrma de um *beijo* traiçoeiro (basiun), e com o nome de *Abassini* (abyssinios). Finalmente, *bajulus* (pai que alimenta) mostra ao lado do genio compadecido das miserias selvagens o *mariola*, que *alugou seus prestimos* e serviços (*locata cervix*), para se tornar mais tarde *trapaceiro* e *ladrão* (circumventor). O português *mariola* reproduz a scena da *margem do mar* (maris ora), durante o encontro de asiaticos e boschimans, sendo que *ulus* (de *bajulus*) fala do *boi selvagem* da Africa (uru), assim como *baj*, de *estufa* (baix), traz á lembrança o *banho incendiario*, que relataremos mais longe.

Como tenhamos necessidade de limitar-nos, passemos ao vocabulo da lingua boschiman, que designa o numero dous (t'oa).

T'oa guarda o radical de *duo* ou *tuo*, e copia o latim *dualis* ou *dua*, archaico de *duo*, para gerar *duapondo* (peso de duas libras). *Libra* figura a *balança*, em que os asiaticos puzeram dous pesos: um representa o *bolo libyco* (libum), e o outro, a *salvação* (liberatio) da raça posta em sitio estreito pelos selvagens vermelhos.

A idéa de *Bacchus* (Liber) apparece nesse momento como uma *agulha* ou ponteiro (acus), que lhes indicou a *base* (basis) de um calculo desgraçado; e o nome do *deus das borracheiras* denuncia o erro ou excesso praticado pela grande raça. O *carregador* ou *mariola* (liburnus) apre-

sentou-se nessas horas angustiosas como uma promessa de melhor futuro; mas *foa* ou *dua*, conduz á significação de *duplex*, por *duarius* (grosseiro, dissimulado, ardiloso). A gente *duplice*, que marcharia para o Egypto em duas metades (*duplex*), devia tornar-se dentro de um seculo o *marco funerario* da civilisação e grandeza do orbe que habitamos. Si o *exame* (libra) foi mallogrado pela inexperiencia dos instinctos da multidão negra em má hora alliciada pelos asiaticos, *pondus* (libra) acota os *embaraços*, *penas*, *enfados*, *amofinações*, que terminaram por um *choque*, tudo causado ou determinado por essa captação no meio selvagem, precursora da ruina do mundo antigo. Notemos que *dualis* confirma terem os boschimans marchado em *duas alas* (*duabus alis*).

Consideremos, finalmente, o numero *quo* (tres) de contagem boschiman. Esse vocabulo, que se articula em *quotus* e *quotidianus*, faz pensar no que é *pequeno*, *insignificante*, *ordinario*, e pela idéa de *familiar*, associa os prediçados, que artolamos, a uma *herança intima* (familia, *familiaris*). Não precisamos de accrescentar que a *vulgaridade* de nossa origem é a mesma dos *homens em geral* (*vulgaritas*) e, por mais extranho que se affigure o facto denunciado, será reconhecido pela *opinião commum* (*vulgaris opinio*). Mas *vulgar* traduz-se tambem por *tenuis* (pequeno, magro, pobre, pêco, fraco), e nesta palavra se estampa a impressão mesquinha dos nossos maiores da raça branca ao travarem conhecimento com os seus futuros auxiliares, tirados de Guiné. Comparada a noção de *tenuis* com a que se desdobra do termo *chimán* (de boschiman), teremos a prova de que os selvagens do occidente africano estavam reduzidos a *sombras* de si mesmos (*simius imago manium*), ou como bugios, que eram, suscitavam a

imagem de seres impalpaveis, como os lemures e os penates. A verdade é que os boschimans não tinham ainda contrahido as fórmulas grossas e adiposas, que o mytho chinês do *ventre* perpetua. Pelo significado de *quo* (tres), estabelecemos a evidencia dos factos pelo enlace das palavras e dos conceitos.

De facto : *tres*, diz por *tressis*, que o valor dos novos aliados da raça culta era *diminuto*, e poderiam ser comparados a *moços de estribaria, que não valiam dois reaes* (non *tressis* agaso). Entretanto, *trini* (tres) aggrava por antithese a estimativa dessa mercadoria humana : *threnos inire* (*trini*) fala de *encetar os threnos e lamentações*, sendo certo que os primitivos ethiopes foram o primeiro annuncio das catastrophes que feriram os civilisadores da terra.

Si indagarmos sobre que porção do conjuncto selvagem recahiu a escolha dos recrutadores, *tres*, approximado de *quot*, serve para facilitar-nos o resultado desse breve exame. A voz *tres* diz pela fórmula analytica *triens aes*, que o bronze boschiman contribuiu por um terço de sua totalidade para a constituição das forças auxiliares dos asiaticos. E quanto á natureza do designio, manifestado por este recrutamento, é facil surprehendel-a pelo pensamento do mytho chinês do *Quonin*. Essa divindade familiar tem por funcções o trato caseiro e as produções da terra. Representam-na de ordinario guardando a seu lado duas crianças : uma tem as mãos juntas, e a outra um copo. *Quotidiana naenia* (canto fúnebre de todos os dias) explica a estrutura intencional do nome *Quonin*, e as crianças que cercam a divindade representam a tragedia, cujos actos, personagens e scenario vamos restabelecendo de passagem.

Os meninos personificam as duas *forças* selvagens (*manus junctæ*), que acommetteram os brancos do Egypto; mas uma dellas foi impellida pelo delirio ou furor irresistivel de que o *copo* ou a embriaguez é o symbolo escolhido. *Patera* (copo) reproduz a deducção construida sobre a palavra *pater* (pai): *pati telam* e *tela patens* representam uma *trama* que se patenteia, causando soffrimento. Dahi a *nenia* que os seculos repetem, sem consciencia da idéa ou do facto que se dissimula sob o frivolo entrecho; e os *contos para crianças* (*naenia*) se propagam, immortalizando a dôr de uma raça pela vibração da curiosidade futil de outra.

A evolução, com que sonham os modernos, não raiou ainda para essa raça mysteriosa, hoje confinada nos desertos da Africa central.

O homem não *evolue*, si dermos a esta palavra o sentido geralmente acceito, de força ingênita, de capacidades naturaes que se desdobram por si mesmas, sob a influencia da hereditariedade e do meio. Ella traduz, entretanto, um facto, si entendermos restrictamente por evolução o effeito continuo desse primitivo impulso, que se reproduz em nossa raça sob a fórma de incitamento e de estimulo para preparar e obter melhores condições de existencia, ou, numa palavra, realizar o progresso cambaleante de nossa especie.

O homem progride, como o estudante que vai lendo novos livros, sem esquecer a lição dos antigos, e creando uma continuidade abstracta sobre opiniões divergentes, mas comparando, discernindo e adivinhando, si as faculdades divinatorias se exercerem nos limites da disciplina perpetuada pelos methodos. A civilização é como o pergaminho escripto ou papyro, que vamos desenro-

lando para nossa cultura mental (evoluer), e onde vamos a corrente impassivel, ininterrupta, dos factos e das idéas, existia realmente um trabalho intencionalmente dirigido para desfazer os empecos de nossa viagem para melhor destino. Dessa nova fórmula, que synthetisa as operações da lei historica, deve ser deduzida a importancia ou a necessidade de uma *educação* sempre attenta para conservar os progressos obtidos, e amplificar-os por applicações novas, que sejam uteis ao maior numero possivel de nossos semelhantes. Os antigos não se adstringiram á faina de tornar menos penosa a situação transacta da nova humanidade; elles se empenharam, com a coragem e a constancia das organizações divinas, na obra, para nós incerta, e mesmo despiciente, do futuro remoto, mas não haverá motivos para desfalecimentos, si compararmos a nossa situação presente com a que se denuncia pelo quadro da miseria africana, e principalmente dos nossos antepassados da estirpe negra, segundo a relação dos viajantes.

« Um Bosjesman, disse Lichtenstein, apresentava a verdadeira physionomia do pequeno macaco azul da Cafraria. A vivacidade de seus olhos, a flexibilidade de suas sobranceiras, tornavam essa comparação accentuadamente exacta... As narinas e os cantos da bocca, que digo? — as proprias orelhas moviam-se involuntariamente... De outro lado, não havia um só traço em todo o seu rosto que indicasse a consciencia de uma intelligencia, tão limitada quanto fosse. Tornou-se celebre o dito de Haeckel sobre esses rudes africanos: « para quem quer que estude sem preconceitos a natureza, os boschimans approximam-se mais do gorillo e do chimpanzê do que de um Kant ou de um Goethe ».

O gorillo é chamado em Mongpwe *Ngena* e esta palavra tem, segundo du Chaillu, diversas variantes: *Engena*, *Ingena*, *Gina* e outros. E' para notar que o nome *Guiné* deriva de cada uma dessas bases morphicas, que firmam o conceito historico, agora formulado sobre a tribu boschiman. *Engena* ou *Ingena* repete por *inguinis*, *gena*, a idéa que já considerámos, de *figura do ventre* (ventris facies), e a divisão em *duas alas* dos auxiliares recrutados no Egypto pelos asiaticos está agora representada pela voz *inguen* (bifurcação). *Furca* (bifurcação) é synonymo de *arbor* (cruz), e pela accepção de *esteio* ou escora designa os cooperadores dos brancos, levados de Guiné para o Egypto (adminiculum.) Por outro lado, *Ingena*, prende-se a *ingenium*, equivalente de *machina* (machina de guerra), emquanto por *ingerere* se menciona o trabalho de *recrutar* ou reunir. Não se faz mister, para comprovação dos factos, prolongar o exame daquelles nomes; mas adduzamos que *Gina* prende o termo *gina* a *ginnus* (anão, aborto) e a *hinnus* (mulo), achando-se por *musimo* (mulo) a relação entre os *musas* do mundo antigo e os *macacos* de Guiné, também designados por *chim* (simius), na palavra *Boschiman*.

Du Chaillu reconhece a semelhança entre o gorillo e o homem, não esquecendo os olhos falsos e sombrios do pitheco, o olhar máo, os traços que evocam os dos Satyros, e onde se percebe como uma fervura de furor. O grito queixoso ou de afflicção emittido por esse animal, é *hoo*, *hoo*, *hoo*, maneira por que os latinos exprimiam a surpresa, o espanto ou admiração (ho). Quando o gorillo é velho, todo o corpo parece cinzento, e o notavel do caso é que na traducção *analytica* da voz latina *cineraceus* (cin-

zento) se fala de uma *fusão calculavel e disposição commum* (cinnus rationalis, cinnûs ratio usualis) considerada digna de menção ou *curiosa* (erastes). Insinua-se pela conformidade morphica entre *cinnus* e *sinum*, que o *bugio cinzento* está no *intimo* do selvagem da Guiné, pois aquelle segundo vocabulo se verte por *seio*, *golfo* e *rêde* (rete=tela), emquanto o outro designa a *jarra onde se bate a nata*. Aquelle que tem por natureza o cabello encrespado é chamado *cincinnatus*, e este signal descriptivo ajusta-se com *cinctus*, para trazer á memoria o *soldado da trama*, nascido junto ao *golfo* de Guiné (guin—cin), e, ao mesmo tempo, mostrar a sua ascendencia, representada pelo *gorillo* (jarra onde se bate a nata). Para dar toda a força probante ás nossas deducções, recorramos á palavra *gorillo* para comparar os detalhes de sua significação com os resultados que apuramos por intermedio da voz *cineraceus* (cinzento). *Colla elocata* (cabeças apreçadas, alugadas), eis o que se enuncia pela estrutura da palavra *gorillo*, explicada ainda pela phrase correspondente *chori elocutio* (acção de fallar das Musas), que manifesta um *designio*, seguido de uma *inscripção funebre* (elogium), e estas referencias já ficaram esclarecidas. O termo *illo* (de *gorillo*) attesta a *ruina das Musas* ou dos asiaticos (elisere), assignalada por uma invasão de *aguas sujas* (eluvies, unda lutea), ou cafila de *ebrios* (elucus), que são os mesmos *mariolas* (locata cervix), conduzidos de Guiné. Por outro lado, *curam illudere* desenvolve a palavra *gorillo*, para accentuar que os animaes africanos trahiram os seus deveres como *guardas* ou soldados que eram.

Os braços longos, as pernas curtas, a quasi ausencia de pescoço, approximam o macaco africano dos habitantes primitivos de Guiné. Si cremos no asserto de Huxley, o

gorillo é, dentre todas as espécies de bugios, aquella que mais se avizinha do homem pela dimensão e estrutura geral do corpo e notadamente pela conformação do braço, da mão, do pé e da bacia, ao passo que permanece abaixo do chimpanzê pela fórma do craneo e do cerebro. Tratam os naturalistas de um menos conhecido macaco africano, o *kooloo-kamba*, que vive na Africa occidental. Tem a face lisa, a fronte elevada e grandes olhos, que lhe emprestam a physionomia de um chinês ou de um esquimau. Tem barba no queixo, é dotado de faces e possui uma orelha analogá á do homem.

Si cotejarmos, entretanto, os vocabulos *gorillo* e *kooloo*, desde logo se percebe que elles pertencem á mesma familia. No primeiro caso fixa-se a idéa de um *collo* ou *pesçoço que falha* (*collum eludere*), e no segundo, ladeia-se essa descripção pela de um *pé* ou haste (*collum*), que serve de *passagem*, de *ensejo*, de *assento* (*locus*), mas affirmando sempre que o simio indicado é o mesmo individuo que chamamos mariola (*colla locata*). O *pé* e a *passagem*, que se effectuou opportunamente (*locus*), informam que o *kooloo-kamba* representa o *tronco* da ordem dos *gorillos*, ou que estes são descendentes daquelles por uma *transição*, cujo alcance os modernos naturalistas comprehendem. *Passagem*, traduz-se por *via* (*methodo*), e *traducere* (passar), fala da *transferencia de nova ordem para outra*, caso que allude ás metamorphoses da natureza (*subvectio*, *subvehere*). Como se trate da hypothese, figurada, de nova *viagem*, o nome do simio (*kooloo kamba*) não esqueceu os *jarretes* (*gamba*), necessarios ao ser viajante ou transformista, que se chama *evolução*. Por sua parte, *gamba* inscreve a noticia dos *rodeios* e circumvoluções precisas (*ambages*), para que

se effectue a *permutação* supposta (cambire), e não percamos de vista que as operações assignaladas se relatam exclusivamente pelos nomes das duas ordens de macacos.

Gorillo é transcrição perfeita de *corylus* (avelã); e a expressão *abellinæ nuces* (avelãs) inclui idéas de *pae* (abba), de *avançada* (bellicum), e de *linhagem* (lina), sendo que *nuces* designa os *fructos de casca dura*, e portanto o *desenvolvimento de um tronco humano, que está encoberto* (incrementum ligni duri). O mais *cruel* dos animaes (durus) é o *homem*, cuja evolução natural se consigna na indicada phrase, ao mesmo tempo que nol-o apontam como o *gráo mais avançado* da transformação dos seres. O craneo mais perfeito do *chimpanzé* suscita o exame desta palavra (chimpango), onde se combina a fôrma *simius* ou *chimi*us (bugio), com *pangere* (compôr, cimentar, fincar). A *complexidade* maior do cerebro, attestada pelo desenvolvimento da fôrma craneana, marca a transição do macaco para o homem, aliás definida pela voz *chim* (de boschiman), e vem de molde accrescentar que o termo *kamba* (gamba), já considerado, é um dos nomes dados á *Guiné* (Gamba). Logo, somos informados pelos processos da linguagem, que a região occidental da Africa abrigou os tres antepassados de nossa especie, facto aliás documentado pela palavra portugueza *gambiarra*. Este vocabulo designa a *rampa superior de luzes no palco dos theatros*; donde a comparação da especie humana oriunda de *Guiné* (Gamba), com a parte mais elevada de uma *encosta* (clivus), habitada por feras (cavea), e já se vê que estas só conhecem e raciocinam por effeito de um artificio ou concessão estranha. Mas *clivus* (rampa) guarda a memoria de uma *fusão* (vus, fusio), que se operou pelo *tor-*

mento de uma raça (crisis=tormentum), e *superposição* de outra (crisis=superpositio).

Entretanto, as transformações naturaes que se realisaram entre os diversos antepassados do homem foram figuradas pelos creadores da linguagem como uma *luta* em que os contendores derribam uns aos outros (*gambito*: *gambæ itus*), e assim, á natureza pôde ser applicado o conceito da phrase italiana: *fare buona gamba*.

Resta notar que no italiano a idéa de *haste* ou *tronco* é expressa por *gambale* e *gambo*; assim como em francez, o *gancho* com que o vidreiro tira a barra do fogo chama-se *gambier*. Esta indicação não é ociosa, pois mostra que as palavras são como fios de uma teia maravilhosamente tecida, para abranger todos os conhecimentos e perpetuar a memoria de factos ignorados.

A criação do homem é representada como um trabalho, em que a natureza faz diversas *paradas*, servindo-se de uma de suas produções para extrahir outras.

Será facil imaginal-a nesse trabalho munido de um *forcado de caça* (ancon, tridens); pois as palavras *conamentum*, *copula* (gancho), traçam a figura de um instrumento, que *prende* e *ergue*, *transporta* e *encadeia*, mas actuando sempre de lados oppostos ou fronteiros, por meio de um só *modelo* ou typo original (exemplum). Revive por essa imagem a *rampa illuminada* (gambiarra), pois o forcado de tres dentes apparece na historia como arma dos *retiarrii*, e este vocabulo agglutina a idéa de *rede* (rete), ou *trama*, a de *theatro*, mas implicada na relação de *curso da vida* e *periodos de tempo* (areæ). Pela approximação de *aries* (machina bellica) se adverte que o lento, mas infatigavel caçador, vai no seu caminho tropeçando e ferindo (arietare) ou açulando matilhas e derrubando victimas.

Esse lado máo, inclemente da natureza, retrata-se nas fa-
çanhas sanguinolentas dos *Boschimans* em sua marcha
de Guiné para o Egypto. A terra estava cansada de pro-
duzir maravilhas inoffensivas, e vieram os selvagens
negros para o mundo. Mas não se extinguiu ainda a 'cel-
lula mansa e boa da natureza, bem que o pigmento afri-
cano lhe alterasse a contextura, e si não poudes viver nos
corpos, renasce como imagem na consciencia humana.
Repetir o nome dos nossos antepassados *Boschimans*,
é afirmar que o *poder* de nossa raça decadente representa
uma *usurpação* (vos assumpsistis manus anūs), e um
despojamento dos *velhos* senhores do planeta. *Bos* e *vox*,
si lembram o *mugido*, que era a linguagem do primitivo
ethiope, nos revelam igualmente que a nossa animal-
idade, barbara ou selvagem, póde transformar-se pela
simples transmissão do pensamento e acção do discurso
(vox, verbum).

LIVRO II

CONTINUAÇÃO DOS NOMES GEOGRAPHICOS.— CARACTERES PHYSICOS E MORAES DOS LIBYOS.— INSTITUIÇÕES PELAS-GICAS.—PRINCIPIO DA DECADENCIA HUMANA.— O EGYPTO E A RAÇA BRANCA.— LINGUA E MONUMENTOS ETRUSCOS : INTERPRETAÇÃO.— O VASO DE DUAS AZAS.— HISTORIA DO NILO RESTAURADA PELOS NOMES INDIGENAS : ORIGEM DESSE RIO.

Continuando no exame dos nomes geographicos, e seguindo a direcção de léste para oeste, encontraremos depois da *Sirtica*, o paiz de Carthago, que tinha entre os Latinos a denominação de Africa. O rio que banha essa região era o *Bagradas* (Magriola). Conhece-se a divisão do paiz da *Biçacenia* e *Zeugitana*. O rio recorda os *passos de Bacchus gravados* .barro branco (Bachi gradus tasconio), e tambem o *veado* africano (addax), que doudejara por esse valle. Os glotologos prendem a voz *Bagradas*, ao phenicio *Mas-k-ar*, nome de *Hercules*, e este semideus era de origem libyca. Alli moravam os Libyos, como nos indica *addax*, mas que emigraram, pois *bachari*, entre os antigos, imitava o *som de um cantaro que se esvasia*. A divisão geographica (Bizascenia), falla de um *vaso de metal feito á maneira de alforge* (bisaccium) ou de *sacola* (pellis), e o *metal* lembra a *fusão* dos Libyos com os Ethio-pes (opus fusorium). O *vaso* é como um emblema dos Libyos, pois lhes dão na legenda o epitheto de *bagagem*

(vas). Essa gente está ligada historicamente á construcção das pyramides, como se collige da comparação de sentidos entre *metallum* e *metallis* (pyramidal). Trata-se da *raiz* dos Pelasgos, porque *talus* significa *pé* (Pediculus), e falla de *homens avermelhados*, indicando-se por *talla* a *pellicula* interior das *cebolas*. Esses antepassados de nossa raça não tinham *moral*, e só procuravam a propria utilidade: é o que nos diz o vocabulo *accœnitus*, approximado de *Biçacenia*, accrescentando a essa significação a de *pedagog*, porquanto o mestre das crianças as acompanhava, á semilhança do que acontecia entre Libyos e Ethiopes ou Boschimans. Os habitantes da primitiva Carthago constituíram a *força*, de que tantas vezes se fala na legenda, posta por aluguel ao serviço dos *homens enlodados* (cœnum) e que são os Ethiopes ou Sabinos (luteus). Isto mesmo se apura da palavra *Biçacenia* (vis ad cœnum), aonde se lê tambem o nome da filha de *Midas* (Ia); de modo que os grandes comilões, quaes eram os Etruscos, segundo os testemunhos antigos, foram comprados por uma *ceia* (cœna), devendo-se ter em vista que sahiram de uma *barraca de ramos* (scena), e chegaram a fazer o segundo papel no theatro do mundo (scena minore agere aliquid). Em numero, os Libyos excediam doze vezes os Ethiopes (bis ad cœnum, seni); e a sua emigração fez-se na direcção do *Nilo*, porquanto *cœnum*, tem a mesma significação de *homo nili* (homem de nada).

O nome de *Zeugitana*, dado á segunda divisão geographica de Carthago, encerra a idéa de *canna que serve para caçar aves* (zeugitae).

Sabe-se que a *charamela de Pan* é designada pela palavra *canna*, assim como que *Zeuxidia*, apparece na fabula como sobrenome de *Juno*, tambem chamada *Pe-*

lasga. *Canna*, traduz tambem a noção de *vasilha*, e por *vaso*, designa-se mais uma vez os progenitores africanos dos Etruscos. Em *arundo* (*canna*), acha-se a idéa de *setta*, repetida por *calamus*, palavra que fala de *garfo para enxertar* e de *vara para caçar aves*. Por *calamus*, chegamos á *calamitas* (destruição causada pela saraiva), que nos reporta á *calamidade* ou infortunio da raça branca, comparada com as aves, ou semelhante a cousas raras e felizes (*alba avis*). *Aucupari* (caçar aves), traduz-se igualmente por *empregar muita assiduidade* ou diligencia em alguma cousa; e *aucupium*, é o nome da *cavillação* ou modo de enganar. A designação que vemos dada a essa parte do paiz é como uma historia compendiosa da raça que dahi se transportou para as duas margens do Nilo, aonde exerceu constantes vexações sobre os seus vizinhos, por ella atacados improvisamente ou de surpresa, como praticam os selvagens.

Foi na *Zeugitana* que se estabeleceram os Ethiopes, segundo se deprehende da voz *tanacæ* (costellas de porco), e de *anas* (passaro aquatico). Os homens de *pernas curtas* estão por essa fórma bem caracterisados. A palavra portugueza *costella* designa um *instrumento para apanhar passaros*, ha pouco nomeado (*calamus, canna*), mas que no latim se chama *peda*, donde *Pediculus* e este nome lembra a da *genti empada* ou que se *arrimava no tanchão etrusco* (*pedatus*).

Trata-se exactamente daquelles que figuram na legenda como as *azas do caldeirão pelasgico* (*costæ aheni*), acoimados de *glutões* (*porcus, liguriens, Liguri*). *Latus*, synonymo de *costæ*, faz principalmente referencia ao *lado esquerdo*, e foi dessa parte do continente que vieram os Ethiopes. *Latus alicui tegere*, é *cobrir o lado*

esquerdo de alguém ou dar-lhe a direita; e foi realmente o que praticaram esses recémchegados (*Ethiopes*), que estão, além do mais, indicados pela palavra *tegere*, que encerra a idéa de *sombra* (*umbra*, *Ombrios*). Já se alludiu ao *pé* (*pedes*), dos *Ethiopes*, agora se diz que eram velozes na carreira, pelo radical de *citus*, que se acha em *Zeugitana*. A palavra hespanhola *gitano* (errante, bohemio), apparece tambem no vocabulo geographico, e póde ser approximada do francez *gîte* (covil, caverna). O curioso é que *gîte*, guarda na lingua a que pertence a noção de *buraco aonde se acoita a lebre* e nas legendas occidentaes esse pequeno quadrupede, é dado como emblema dos *Thracios*, *Ombrios* ou *Phrygios*, os quaes se amputavam um dos dedos da mão, e por isto mais ainda se pareciam com aquelle animalejo.

Aqui uma distincção se faz de mister: o termo *git*, entra na palavra *Getuli*, e sabemos que os povos assim chamados, situados pelas cartas geographicas antigas, em região ao sul do Atlas, devem ser os mesmos *Ethiopes nigrítos*, que demoravam á margem *oriental* do Niger. Já se vê que os desertores do golfo de Guiné, depois de se misturarem com os seus parentes de nordeste, foram occupar a terra de Carthago ou o paiz a que se dá o nome de *Zeugitana*. Mas os *Ethiopes* do sul ou maritimos, é que tiveram na historia a denominação de *Abys-sinios*, como já demonstrámos, prova de que os selvagens oriundos da costa de Guiné prevaleceram nos cruzamentos, e já ficou dito que eram os mais antigos. Ora, *gito*, significa em nossa lingua *o cano por onde corre para o molde o metal fundido*; e assim somos informados de que os *Getulos* ou *Ethiopes negros* entravam na fusão ethnica, a que acabamos de referir-nos, sendo o

paiz em que habitavam o ponto de passagem, para o norte, das populações vindas do sul do continente. Na botanica, *gît* ou *githo*, designa a planta, de que tratou Plinius, por nós chamada *nigella bastarda*. Ora, *nigela*, é palavra formada com o radical de *Niger* (nome do rio africano); e a noção de *bastardo*, que se lhe annexa na versão portugueza, bem mostra que os *Getulos* eram Ethiopes oriundos de um cruzamento entre familias irmãs (incesto concubitus). *Nothus* (filho bastardo), applica-se ao descendente de animaes pertencentes a *especies* diferentes; e por *notialis*, se chega á certeza de que o elemento meridional da raça prevaleceu na fusão. *Noti*, falla de *conhecidos*, *amigos*, *domesticos*, significações pelas quaes se affirma a *intimidade* de relações ou mesmo a incorporação num mesmo todo desses dous grupos de Ethiopes. Finalmente, dá-se o nome de *nigella* a duas plantas da familia das ranunculaceas, e *nigellar*, traduz o facto de *gravar com esmalte negro*. A *nigella* é assim chamada por causa da *côr negra* (nigra) das suas sementes; entretanto, a que os botanicos denominam *arvensis*, offerece alguma variedade no tom chromatico das flores, que vai do *amarello* (luteus), ou *ceruleo*, no calix, até ao *azul carregado* das petalas, e os estames deitados sobre os folliculos da corolla, são muitas vezes cinzentos. De modo que por essa diversidade de côres nos informam daquellas que distinguiam os Ethiopes Boschimans, dos *Getulos nigritos*. O calix da *nigella* assemelha-se a uma *estrella*, e por *sidus*, se entende a *tormenta* ou furação, além de ter a mesma significação de *sol* (soalheiro). A casta ethiope, que viveu sempre sobreposta á plebe libyca ou etrusca, tambem apparece na legenda sob o nome de *sidus* (estrella). Da *Zeugitana* passa-

ram os Ethiopes para a *Syrtica*, segundo nos informa a denominação dada a uma cidade dessa ultima região (Giti), e não precisamos dizer que os *Epirotas* sahiram dessa origem ethnica. Observemos ainda que as *ranunculaceas* lembram as *rãs marinhas* (rana marina), sem esquecer o *pucaro de barro* (culullus), tambem designado pela palavra *urceus*, que nos traz á memoria o *urso* da Europa (ursus), ou o mytho de *Arcas* (Arcarii, Arcades).

Deste passo chegamos á *Numidia*, cujo nome põe-nos em presença de individuos que se parecem com os *Ethiopes* (Nomades). Esse paiz, segundo os geographos antigos, se estendia até a Mauritania, e o seu rio principal chamava-se *Amsagas*. Novamente se affirma que os *Numidas* constituíam a raça de *Juno*, porquanto *nummus*, é o nome da *moeda*, e *Moneta*, era um epitheto da mulher de Jupiter. O termo *midæ*, de *Numidæ*, relembram-nos a gente que se fazia descender de *Midas* e que sahiu das faldas do Atlas (Ia). Eis como nos apparece desde a Africa o rei, que se condecorava com *orelhas de asno*, como refere a fabula. O rio, que banha a Numidia, diz-nos pelo nome (Amsagas), que nas respectivas margens appareceram os homens, que são considerados como uma das *alas* (ansa, ala) dos bruxos ou feiticeiros, espalhadas agora pelo mundo. *Saga*, significa *feiticeira*, mas por *sagum* ou *saga* se entendia tambem a *guerra*, e o *saio felpudo*, que era o vestido militar dos Romanos. Deste modo, o *saio* romano recordava o *avental* ou tanga dos Numidas. Os povos, que habitavam essa parte da Africa, dispunham, talvez como qualidade innata, do *faro dos cães* (sagacitas). A *sagacidade*, de que tanta gente se orgulha, pertence tambem aos *cães de busca* (catulus sagax). E' ocioso dizer, que os habitantes

da *Numidia* seriam, sob a relação moral, uma como *chaga cancerosa que corroe as carnes* (nomæ), caracter este que se figurou depois pelo nome dado aos *Carios* (caries, *podridão*). Aonde hoje demoram a colonia da Algeria e o reino de Marrocos, ou na antiga *Mauritania*, só habitavam Ethiopes, pois a terminação do nome geographico (tania) approxima-o de *Zeugitana*, paiz marítimo, occupado, como vimos, pelos emigrados do golfo de Guiné, depois de fundidos com os *getulos negritos*. Deu-se mesmo o nome de *Tingitana* ao paiz que hoje forma o reino de Fez e o imperio de Marrocos; e portanto elle era o *centro* (medium) ou séde da gente que foi como uma *tinctura* (tingere) para os selvagens que vieram da costa do sul ou da Africa equinoxial. As *costellas* do javali africano (tanacæ), tomavam nova camada de pêz e ficavam mais lustrosas: os que vinham, eram, como dissemos, *immundos, sujos*, como os Boschimans (illotus), mas a côr do *porco* vem a preponderar (sus), pois os mestiços são em maior numero do que os negros, podendo-se dizer que não ha mais brancos primitivos. *Maurus*, é *morus* e por esta identificação morphica nos avisam de que os *Numidas* eram uns *tolos, insensatos, extravagantes* (morus). *Morus*, falla ainda de *amoreira*, cujo fructo tinge de negro, mas que é de côr *escura, esbranquiçada* ou *cerulea*, sendo que na *amora* se encontra sempre a *pinta negra*. Os Latinos davam aos *mestiços* a designação de *ibrida*, e esta palavra designa os individuos provenientes da união entre gente sylvestre e gente domestica, e da qual se compõe a humanidade actual. Representamos por isso o *animal*, que nem é de uma, nem de outra das especies indicadas: os povos que habitam o planeta são *bigeneri*, como é a *mula*.

Um outro rio, que corre na Numidia, é o *Malvāna*, e a palavra *malva* lembra a planta de folhas *crespas* ou *caracoladas* e de flôres *purpurinas*, e esta *côr* (purpureus) estava, para os antigos, entre o *azul* e o *rubro*. Sabe-se quanto o *roxo* (purpureus) dá que fazer aos nossos aristocratas, em cujas veias circulam globulos de sangue africano. Os antigos tornaram celebre a *côr purpurea*, tingindo com ella as tunicas dos senadores, como para despertar a memoria da *malva* ou da tintura ethiope, e, de facto, *vanus*, de *malvanus*, fala de uma cousa *mentirosa* ou *falsa*, qual se figurava o *sangue azul* dos patricios. Finalmente, *morus*, tambem significa *negro*; e de tal modo, somos prevenidos de que foi tomada no caso como termo de comparação a *amoreira preta*, de folhas agudas e rudes ao tacto, e cuja madeira é empregada nas obras dos *torneiros*, entre os quaes devemos contar Jupiter (ter, terere). A escala chromatica percorrida pela cutis dos Pelasgos, desde o negro retinto até ao amarello claro e ao rôxo, acha-se, felizmente, indicada pelos fructos da arvore, que podem regredir do branco ao rubro e emfim ao negro, phenomeno que tambem se nota até nas familias dos cardeaes. Esses Ethiopes, que são comparados com a *malva* e com a *amoreira*, constituiram a nação que se chama *Numida*, depois dos cruzamentos e fusões por que passaram, merecendo ser ethnicamente descripta por Sallustio e por Strabão. Foi-lhes dado a principio o nome de *Numades*, e dizem que por serem excellentes cavalleiros, montando animaes que não levavam freio, applicaram-lhes o epitheto de *Infræni*.

E' de presumir que semelhante alcunha veio do papel que esses selvagens representaram na historia do mundo: ora pondo o freio e coagindo (infraenare), ora

mostrando-se impudentes, petulantes e reveis a todo jugo ou regra (infraenis). Essa raça era ao principio *alalica*, segundo demonstra o nome que a distingue ; pois *numen*, significa *aceno*, e as legendas, que examinámos, nos informam serem os primitivos Ethiopes como *meninos que não fa'am* (infans).

Dahi as *attelanas*, aonde figuravam personagens mudos, ou os *pantomimos*, que arremedavam com geitos e tregeitos.

Esse genero comico teria nascido da impressão produzida pelos antepassados dos Pelasgos, quando entraram em contacto com os homens brancos, a quem devem as linguas que ainda hoje falam de modo incorrecto, sendo certo que nada produziram de notavel na litteratura e nas artes, apezar dos modelos incomparaveis que tiveram. Os antigos habitantes da Numidia (Nomas) só nomeavam as cousas (nominare) por meio de *acenos* (numen); mas as ideias de *divinidade*, *credito*, *poder* (numen), estão-lhes para sempre associadas, e foi, portanto, na Africa, e entre os Africanos, que brotaram as raizes de todos os cultos da terra. A discriminação dos povos em nacionalidades e centros politicos separados ou distinctos, resultou da tendencia selvagem, que já mostrámos nos Boschimans, em virtude da qual as tribus são propellidas para a fragmentação, formando as familias nucleos independentes, que apoucam e neutralisam o espirito mais geral de sociabilidade. O *nomos* egypcio tornou-se o modelo dessa divisão regional, que teve como base um principio de governo ou de administração ; mas a traducção, que se dá em nossa lingua e na ingleza áquella palavra latina (comarca, comark), prova que os *comicos* ou pantomimos da Numidia podem nisso

como em outras creações mirabolantes reclamar patente ou privilegio de invenção. Os Latinos chamavam *comarchus* o governador do bairro ou villa, mas por *archos*, chega-se á ideia de *governo*, tantas vezes symbolizado por *Janus* (*arcus*, *anus*), a quem se conferia uma aptidão comica decidida ou descommunal (*comicus*). O vocabulo *comarca* ou *comark* lembra as *tranças* numidas (*coma*, *cirri decussatim inter se implexi*) ; e as *aspas* da cabelleira falam da *cruz* (*decussis*), que encetou da Africa o seu trajecto pelo mundo, até que achou guarida em nossos templos, como emblema da *redempção* dos homens, apesar das significações expressas pelas palavras *redemptio* (empreitada) e *liberatio* (acção de *Bacchus*).

Os empreiteiros da salvação dos homens sahiram da Numidia, donde tambem nos vieram os *compradores de demandas* e *rendeiros de tributos* (*redemptores*).

Vimos que *numen* (aceno) dá testemunho sobre a capacidade comica dos *Numidas*, apesar de não serem talhados para oradores, pela simples razão de *não saberem falar*. *Annuere* (acenar) confirma a deducção que tirámos do vocabulo *arcus*, pois encerra na sua estrutura o termo *anus*, assim como *minuere* (dar signal com a cabeça), fala de *entranhas* (*ina*). Os selvagens, si não podiam exprimir-se por vozes articuladas, *cabeceavam* (*nutare*) ; mas como *nutus* dá ideia de *propriedade dos corpos*, vê-se que o *mutismo* era como um defeito inherente ou organico dos primeiros africanos. A expressão *nutus conferre loquaces* (fazer-se entender por acenos expressivos), guarda a memoria de um tempo em que os homens se dividiam em dous grupos physiologicamente inconfundiveis. Si a *palavra* é como o sêllo do

animal racional, devemos admitir, em face de inequívocos testemunhos, que os selvagens da Africa rasqueavam a inferioridade dos mammíferos caudatos, ou que não eram seres dotados de razão. Ligou-se á *mão*, com que os negros se faziam comprehender, mas que designa também a *tromba* do elephante, a noção de *governo* (*manus*), e assim tornou-se fácil a transição de *numen* para *nomus*, assim como de *comicus* para *comarcus*. Por *nutus*, chega-se mais uma vez ao nome de *Janus*, pois aquelle vocabulo latino tem o mesmo radical de *nutrix*, synonymo de *anus* (velha que acompanha donzellas). Trata-se de uma *donzella*, que não é ainda *casadoura* (acerba virgo) e ninguém ignora que por *virgo* se entendia a *deusa da caça* (virgo dea), também chamada *Jana*.

A semente da decadencia ou fermento da podridão moral procede da Africa; e basta para proval-o percorrer as significações de *nutare* e *nutamen* ou *nutatio*, comparando-as com as de *nomae* e *nome*. Por outro lado, o nome dos Numidas conduz ao dos *Sabinos*, por *Numentanus*, assim como por *Numa* (presumido rei de Roma). Juno, o symbolo da raça nova, apparece nessas aproximações morphicas, designada por *nummus* (Moneta), e com a deusa o *equuleo* ou *machina* para atormentar os reos (*numella*). A *esquadra de soldados* (*numerus*), os *graos e dignidades* (*numerus*) figuram no mesmo plano etymologico com os *deuses* e as *magestades humanas* ou *divinas* (*numen*). Entretanto a satyra versificada devia nascer ao mesmo tempo que se rompia a harmonia e a proporção do mundo antigo; e por isto pôz-se na palavra *versus*, synonymo de *numerus*, a ideia de cousa revirada ou destruida (*vertere, versus*).

A historia primitiva dos Numidas ou dos *Ethiopes negros* está assim reconstituída; mas faz-se de mister accrescentar que esse povo se fundiu finalmente com os Libyos, segundo o testemunho da palavra *Massilaeus*, que fala da nova familia de *Nomades*. Sabe-se que os habitantes da Numidia se dividiam em *Massilianos*, a léste, e *Masesilianos* ao occidente, denominações essas que falam de uma *condensação* (massare), ao passo que mostram o parentesco dos habitantes da Campania e de Marselha (*Massicus*, *Massilia*), com as tribus africanas. Sob o nome, portanto, de *Tartaros* ou *Scythas* (*Massagetæ*), de *Marselhezes*, de *Campanios*, se comprehendiam os habitantes da *Mauritania*, chamada *Cesariense* (*Massasyli*), que depois constituíram a raça mestiça, tambem denominada *pelasgica*. Os selvagens que habitavam ao oriente da Mauritania eram de *cor negra*, segundo se depreheende da voz *maurus* ou *morus*, approximada do seu derivado *Mauritania* e o mesmo se póde dizer dos *Mas-saesilios* (do oeste), devendo-se entender a indicação que nos é fornecida pelo termo *massa*, de dous modos diferentes. *Massa*, tanto significa a *massa de farinha*, que é *branca*, como a de *ferro*, que é *negra*. Os descendentes europeus dos Ethiopes já tinham passado pela *lavagem*, que os tornou brancos (*Pelasgos*, *pellis acus*, alimpadura da pelle), quando se fez a distincção entre os grupos dos habitantes da Mauritania. Entretanto semelhante divisão ethnica e geographica nos informa que um grupo separou-se ou rompeu com seus vizinhos da mesma raça (*cæsus*), e esta circumstancia está referida pelo proprio nome dos *Masesilianos*. Ambos os grupos compunham-se, porém, de *narizes chatos* (*silus*), e foram os antepassados dos *Satyros*, pois *silli*, faz referencia ao genero

satyrico, que se dava erroneamente como de origem grega, quando é certo que os Hellenos e os Latinos não inventaram nada que se aproveite. Quanto á indole dessa gente, podemos pedir noticia ao vocabulo *siliceus* (cruel, inexoravel, empedernido); e já se sabe que o aio de Bacchus (Silenus) foi um mudo (*silentus*), que aprendeu mais depressa a montar nos asnos e a beber, do que as regras da *grammatica*.

Os *taciturnos* eram tambem *solitarios* (*silens*); e si lhes devemos a invenção dos *supplicios* e as quinquilharias das ordens honorificas, não lhes podem contestar a fundação dos *conventos* e o gosto pela vida ociosa dos cenobitas e anachoretas (*silentium*).

Entrelaç-se com o nome dos *Massilios* o dos *Troyanos* (*Ilius*), e não devemos esquecer a proposito daquelles selvagens a *massa de myrrha*, em que a *Phenix*, passaro fabuloso do Egypto, depunha o corpo paterno, do mesmo modo que os Ethiopes pela reproducção e fusão constantes com os Libyos e com os brancos, adquiriram a côr amarella ou avermelhada dos seus reproductores. Dissemos que ao sul do Atlas habitavam os *Getulos* e os Ethiopes nigrítos, situados nas circumvisinhanças do Niger occidental. Abaixo, na região percorrida pelo rio *Daradus*, demoravam os *Daradas*, *Perorsi* e *Pharusi*, populações sobre as quaes as noticias escasseiam. Dos *Pharusios* falam os mythographos, dizendo que estes povos vieram da *Asia* quando Hercules foi alli procurar as *maçãs das Hesperides*. Viviam em covas debaixo da terra, andavam inteiramente nus, cobertos somente com pelles de serpentes e de grandes peixes: é a informação que se colhe em Plinius e Strabão. Dá-se o nome de *Dahra*, já a um territorio montanhoso da Al-

geria (provincia de Oran), aonde habitam os Kabylas, já á região de Marrocos entre o Tafilet, o Sahara e a provincia de Sus. Ptolomeu dizia que o *Daradus* lançava-se no oceano Atlantico ao norte do cabo *Arsenarium* (Cabo Verde), e hoje suppõe-se que é o rio de Sus, ou mesmo o Senegal. Os *Perorsos* eram, segundo Plinius, povos do interior da Africa.

A verdade é que o nome dos *Daradas* apparece em muitos outros, taes como o dos *Dardanios*, o dos *Dardos* (da Apulia), o dos *Daremas* (proximos do golfo Arabico), o dos *Dari* (da India aquem do Ganges), e sabe-se que *Darilus* constituia uma parte da *Ariana* (Aria). As *artes magicas* tinham alguma relação com os *Daradas*, pois lhes davam o nome de *dardanæ artes*. Os mythos de *Priamo*, de *Eneas*, de *Hellenus*, de *Ganimedes*, de *Paris*, guardam ainda na fabula o traço da procedencia africana (*dardanius senex*, *dux*, *vates*, *advena*). Como *dar*, se ponha por *tar*, chega-se facilmente á origem tão obscura dos *Daradas*, pois podemos affirmar que elles pertenciam á mesma especie de *veados* (*tarandus*), imaginada na legenda para representar os Libyos. Mas por essa pista attinge-se tambem á procedencia de diversos povos, como os *Tarentinos*, os *Tarraconenses*, os *Tarsenses*, os *Tartessios* (Andaluzes), e outros. O segundo termo do vocabulo *Daradae* é o mesmo que já vimos applicado ao *veado africano* (*addax*). Não se trata, porém, de um povo primitivo, mas de uma *formaçã tardia* (*tardus*), e contemporanea do apparecimento de Jupiter (*Taranis*). Pode-se adiantar ainda que os *Daradas* se introduziram por meio da força (*adactio*) no paiz em que apparecem mais tarde.

Vejamos quem eram os *Perorsos*. A' primeira vista podemos attribuir-lhes uma feição pouco original. Elles

eram *Pelasgos*, pois o radical de *pera* (alforge) e o termo *orsus*, nos dizem que estes povos marcam o primeiro momento da fusão operada entre as tribus africanas. *Peroriga*, que se pôde approximar de *Perorsus*, fala daquelle que *lança o cavallo á egua para a cobrir*, e dado esse exordio, sabe-se qual a *peroração*. Os *Pharusi*, que se diz provirem da Asia, nasceram nas margens do Nilo (Pharia unda), e teriam alguma semelhança, pelo menos moral, com os *crocodilos* (pharia piscis), dentre os quaes sahiram os dominadores do Egypto (Pharaós). Trata-se de uma população que se desaggregou de outras da mesma origem, porquanto *Asia*, palavra que pareceria designar a vasta região da terra, traduz aqui a ideia de *centeio* (asia, secale), e por *secare*, se comprova o facto da divisão ou ruptura dos *Pharusios*. Os *pomos das Hesperides*, que Hercules foi buscar á Asia, como diz a fábula, são as *molestias verecundas* ou venereas, pois *mala* (fructos) significa tambem *desgraças*, e *Hesperus*, é o nome da *estrella* de Venus. *Hesperis*, é a antiga designação de *Berenice*, cidade da *Cyrenaica* (Africa). A historia primitiva dos Pelasgos está cheia dessas e outras peripecias: as dissidencias entre os habitantes de um mesmo paiz se manifestavam, ora pelas armas, ora pelas rupturas, que determinam a retirada dos discolos, e não foram estes os unicos que regrediram á selvageria. Essa gente era como o *centeio espigado* (asia), que facilita os *partos*, sem perder a propriedade de corromper e gangrenar.

Voltamos á região banhada pelo Nilo, conhecida pelos Chaldeus, sob o nome de *Mizraim*, pelos Arabes chamada *Mezr*; *Khami*, pelos Coptas e *Egypto*, pelos Europeus. O Egypto, dizia Herodoto, é um dom do Nilo, na parte

onde abordam os Gregos (o Delta), e' o mesmo se pôde dizer de todo o paiz pantanoso que se estende a montante do rio no espaço que se pôde percorrer durante tres dias de navegação. Esse historiador, vendo as conchas que apparecem no deserto, pensava que o mar penetrara outr'ora mais pelo interior das terras, e, assim, o paiz dos Pharaós era como uma *terra adquirida*, segundo a sua expressão. Pensava-se na antiguidade e acredita-se ainda hoje que o Egypto fôra um braço de mar aterrado gradualmente e convertido em terra secca pelo limo do rio. Rennel, citado por Ch. Lyell, declara que a configuração e composição do baixo solo não permitem duvidar que o oceano lavava antigamente a base dos rochedos sobre os quaes descansam as pyramides de Memphis, cujo pedestal é actualmente banhado pela inundaçã do Nilo, numa elevação de 70 ou 80 pés acima do Mediterraneo. O sabio geologo, que transcreve essa opinião, concorda em que a base do delta foi consideravelmente modificada desde a época (presumida) de Homero. As menções feitas pelos antigos geographos sobre as cheias do Nilo fortificam a crença que prevalece sobre a gradual composição do solo conquistado ao mar. « Quando se considera, diz Volney, a projecção sobre uma carta, vê-se que o terreno situado na linha do rio, esse solo formado de materia extranha, tomou uma saliencia semicircular, e que a linha da praia da Arabia e da Africa que elle sobreleva, tem uma direcção reentrante para o fundo do delta, o que prova ter sido semelhante terreno um golfo que o tempo encheu ou aterrou. »

Resta saber si esse aterro foi feito, como se suppõe, por um sublevamento gradual do solo e por accumulo ou deposito das materias carreadas pelas aguas vindas do in-

terior das terras, ou si ahí está uma obra colossal emprehendida e realisada pela mão do homem; mas a questão será decidida pelos documentos historicos, que teremos de percorrer. Consideremos, porém, antes, os nomes dados ao Egypto nas linguas a que nos referimos: o *arabe*, o *copta*, o *grego* e o *latim*.

Meṣr, designação arabe, corresponde ao latim *messis*, accrescentando-se um *r*, como letra final. O *rho*, grego, que evidentemente é uma abreviatura phonica de *rodere*, (roer), dá pela combinação com o resto do vocabuloa ideia de uma *mercadoria* ou substancia corrosiva, e não se poderá contestar que, já no ponto de vista climaterico, já sob a relação dos destinos da raça branca, o Egypto foi uma colheita desgraçada (mala merx). Sabe-se que a colonisação do Egypto será sempre considerada impossivel para os Europeus, cuja descendencia se extingue rapidamente no paiz.

O nome copta *Khemi* poderia ser destacado de *semita* (caminho estreito), para representar a longa planicie entre montanhas, qual é realmente a configuração do Egypto. Um arabe fez della esta exacta descripção: «Um deserto arido e uma campina magnifica no meio de duas montanhas, das quaes uma tem a fôrma de collina de areia, e a outra, do ventre de um cavallo etico ou do dorso de camelo.» A ideia de *metade*, que se descobre na palavra copta (*Kemi*, semi), conduz á de cousa incompleta, cujo desenvolvimento não se operou de modo integral; mas por *moderatio*, synonymo de *medietas*, se apura uma outra noção que já vimos prender-se á historia da Africa: a de *governo*.

Miṣraim, como ao Egypto chamam os Chaldeus, formou-se por intermedio dos termos *misṣ* (vitriolo), *radix*

(raiz, amago), e *imus* (cousa inferior ou do sub-sólo). Pelo *vitriolo* se deve entender os *saes*, de que está saturado o sólo egypcio. « Por toda parte nesse paiz, onde se cava, diz um viajante, encontra-se uma agua salobra, contendo soda natural, sal marinho e um pouco de nitro. As pedras são roídas de soda, e acham-se nos sitios humidos longas agulhas crystallisadas, que se tomariam por salitre. »

Chegamos, finalmente, ao nome europeu do Egypto. Primeiro que tudo, devemos notar o parentesco morphico entre *Ægyptus* e *Egaeon* (Archipelago), *Ægipan* (deus Pan), *Ægira* (ilha e logar de Achaia), *Ægeus* (rei de Athenas), *Ægides* (Theseu), *Æguia* (ilha junto a Morea), omitindo outras approximações por brevidade. Essa ligação entre o nome da região africana e os que acabamos de mencionar demonstra mais uma vez que a historia da Europa é um prolongamento da do paiz dos Pharaós. No vocabulo *ægis*, depara-se a idéa de *peito d'armas* ou *escudo de Jupiter*, assim como de *parte mais solida da arvore larico*. O coração do *pinheiro* (medulla), falla da *vida dos lares* (cor laricis), pois *pinus* (nao, pinheiro), é synonimo de *trabs* (telhado, tecto). Assim, do Egypto sahiram ao mesmo tempo o *peito d'armas* e o *culto dos penates*, que póde ser considerado como o emblema do mysticismo selvagem e da insociabilidade egoista da raça que se formou pelo cruzamento entre brancos e negros. Convém lembrar, que se associou o nome de *Egypto* ao dos *Ethiopes* (*Ægyptini*); mas como *tinus* signifique *loureiro*, devemos convir, que essa tribu africana deveu o seu predomínio á gloria militar (laurea). Dahi proveem as *coróas de louro*, que ineptamente são disputadas pelos homens, e desde então o *triumpho* é o melhor argumento

que se poz ao serviço da força bruta. Ora, *tinus* (lonreiro), lembra os *Thynos* ou povos da Thracia, Pelasgos temíveis, a quem se deve a conquista do mundo com a subversão das antigas instituições da raça civilisada. O nome desse povo transformou-se no de *Neptunus*, pela concurrencia do termo *nepos* (libertino, dissipador). Como esse deus seja a personificação do imperio sobre o mar, em cujas profundezas habitava ocioso, consideram-no como dissipador ignaro, que suscitava os *monstros marinhos* para assolarem as costas, á maneira dos piratas. Por cumulo da irrisão, davam ao despota dos mares uma *concha* por navio; de modo que elle era mais um *caracol* (*limax*), e uma *lesma* do que um navegador. *Thynus*, significa tambem o *annel* ou argolinha; e desde logo se percebe que o primeiro pirata, de que reza a historia, tinha os *cabellos crespos* (*annullus*), e portanto era um *mutato*. Trata-se de um *pato*, porque *ansula*, synonimo de *thynus*, encerra o radical de *anser*, e mais uma vez se confirma a origem maritima dos Ethiopes. A *fivela*, que se via no rosto dos sapatos usados pelos patricios romanos, está aqui designada por *ansula* (*lunula*); e, do mesmo modo, descobre-se em *fibula* (*fivela*) a noção de *gato* ou *cinta de ferro*, com que o patriciado prendeu as populações que lhe cahiam sob as garras aduncas.

Voltando ao nome do *Egypto*, podemos decompô-lo em *egenus* (necessitado), e *itus* (jornada); mas a jornada, a que se allude, é a dos *Indicos* (*indigus*). *Indigus* (necessitado), é a transcripção perfeita de *indicus* (cousa da India); de modo que nos achamos novamente em face de uma indicação historica, que dá testemunho da habitação da raça branca na Africa. Acha-se em *ægithus*, homophono de *Ægyptus*, a significação de *ave inimiga*

dos asnos, e como esta mereça o nome de *avis alba*, *admissa*, pôde-se concluir que por essa imagem se figura o encontro entre homens civilizados e selvagens, sendo que estes são comparaveis aos alludidos quadrupedes. Foi uma *fatalidade* (necessitas), que levou os primitivos Indos ás terras africanas. A *visinhança* do Egypto com a Asia pôde ser traduzida pela palavra *necessitas* (proximidade); e a verdade é que da morada dos Indos na região africana nasceu um *parentesco* ou *communidade* de sangue (propinquitas, necessitudo), com os Negros do continente occidental, fusão esta que se manifestou pela producção dos *Pelasgos*. E' esse novo Egypto, occupado por mestiços, que apparece na fabula como *filho* de *Neptunus* e de *Libia* e irmã de *Danao*. Dizem-no *filho* de *Neptunus*, porque este era o *pato*, que sahiu do golfo de Guiné; e fazem-no *irmão* de *Danao*, porque os Gregos (*Danaus*), são descendentes de *Belo*, rei do Egypto. *Belus*, diz o mesmo que *hyalus*, e a *cor viva do vidro* (color satur hyali), sendo o *verde escuro* (*myrteus*) que é o *baio carregado*, fica por este modo restabelecida a *belleza* da epiderme ethiope.

Vitrum (vidro) tambem fala de *pastel* (planta officinal), chamado *isatis*, palavra onde se lê o nome de *Isis* e dos *Atticos*.

A *herva que serve para tingir* (*vitrum*) sahiu da Africa para a Grecia e dahi para toda a Europa; e não precisamos lembrar que *Isis*, é o symbolo da *noite* (luna). Os cincoenta filhos de *Egyptus* casaram com cincoenta filhas de seu irmão, chamadas as *Danaides*, que mataram os maridos na primeira noite das nupcias, á excepção de *Hypermnestra*, que perdoou a *Lynceu*. Por *cincoenta filhos*, devemos entender as *principaes da raça pelasgica*

(viscera patricie), que formaram a classe patricia (gens), investida dos privilegios do culto (quinquaire), e pelas cincoenta filhas, a descendencia ou geração (soboles) que perdeu gradualmente a *côr paterna* (quinquaire) pelo cruzamento com os brancos do Peloponeso (puella, Ellia, eliquare). *Quinquageni* (cincoenta) decompõe-se nos termos *geni* e *quinquaire* e é sabido que *genius*, designa a divindade que preside aos nascimentos, e ao mesmo tempo dá idéa de *barriga* e de *sensualidade*. O nome de *Danaides* resolve-se em *id est Danai* (gregos), e si ellas mataram seus maridos, é que estes (mariti olentes), como bodes que eram, foram *subsumidos* no sangue asiatico, de modo que as presumidas assassinas tornaram-se pela metade africanas (de medio tollere). Em *Danaides*, descobre-se ainda o elemento *itys* (faisão), e dizem que essa ave de plumagem colorida, é oriunda de Colchides, sitio da Asia de onde partiram Pelasgos que se estabeleceram na Grecia. *Hypermnestra* perdoou a *Lynceu*, porque o nome da filha de *Danao* ou dos gregos significa ao mesmo tempo o *sol* e a *lua*, quando esta se acha na primeira phase minguante (menis), e *estrix*, quer dizer *comedora*. *Lynceu* apparece como emblema dos animaes ferozes, pois *linx*, diz o mesmo que *chaus*; e assim, aquelles que tinham vista de *lince*, abstiveram-se de todo commercio amoroso (parcere), com a raça da *noite* (luna), que começara por engolir ou devorar o *sol*, isto é, o sangue asiatico. Ora, como os *lobos cervazes* (chaus) são os *patricios*, nota-se que elles trataram de apurar a sua raça, privando-se de toda a mistura com os *pardos*, phenomeno este que se observa em todas as aristocracias, originarias aliás da mais negra das tribus africanas. Foi desse modo que a *côr branca* poude aſinal

prevalecer nos paizes hyperboreos, de que fala o nome de *Hypermuestra*. O sol septentrional (hyperion) poud engendrar a illusão em que ainda estão os germanos sobre a origem pura de sua raça.

O que se conclue da fabula resume-se no seguinte : em sua primeira phase a *lua* ou *noite* africana prevaleceu sobre a côr branca dos Indo-europeus; mais tarde os mestiços da grey patricia que emigraram para o norte, puderam adquirir a tez de seus antepassados da Índia, guardando apenas a porção de tintura ethiope, que se denuncia em alguns exemplares da familia européa, sendo certo que no sul da Europa ha mais gente morena, do que no lado superior do continente. *Danao fôra avisado pelo oraculo*, isto é, pelo *copo*, de que seria lançado para fôra do throno por seus genros, noticia que o levou a mandar que suas filhas degollassem os maridos. Já se sabe que esses *genros* representam a geração nova (progenies), que se distinguia pela *cor de bronze* (genere, aes aeris), e donde sahiram os *futuros senhores* da raça (herus sobolis); mas aquellas que cumpriram a ordem paterna foram condemnadas a encher nos infernos um *tonel desfundado*. *Cadus* (tonel) é tambem uma *medida attica para vinho*; e assim a descendencia de *Dnao* viu que o oraculo tinha razão, pois teve de dobrar-se ao jugo de uma casta, que soffria de sêde inextinguivel, e para quem não havia fundo nos odres.

Os plantadores de vinhas conheceram o rigor desse supplicio imposto ás *Danaides*; mas devemos notar que *dolare puellas* é phrase de significação obscena. *Dolium* (pipa) conserva o radical de *dolor* (pena) e de *dolum* (frapaça); mas por *fundum adimere* (tirar o fundo) se entende igualmente *confiscar os bens de raiz*, como prati-

caram os novos senhores da Grecia, já conhecidos, que são como os creadores da *propriedade privada*.

Dissemos, que a palavra *Ægyptus* podia ser decomposta em *itus* e *egens*, synonimo de *indigus*, mas dessa etymologia resulta a affirmação de que os Indos, primeiros colonisadores do paiz, consideravam-nos como um *canal*, pois *itus* diz o mesmo que *via*. Apparece pela primeira vez a idéa de que esse territorio conquistado ao mar e ao deserto era como uma *estrada* aberta pelo homem, que viera da Asia. Sabe-se que o *Nilo* tinha antigamente o nome de *Ægyptos*, e que a terra por onde corre o rio foi tambem chamada *Potamia*. Ora, *potamitis* é uma *planta que causa loucura*, quando *bebida*, e *amia pota* traduz a idéa de *arvore que se embebe*, pois *peixe* (amia) tem o nome de *arbor* (arvore). Por essa imagem faz-se claramente referencia a uma *transplantação* (planta); e pela *bebida*, tirada da planta ou da arvore, se exprime um estado pathologico, que começa pela *embriaguez* e acaba pela *loucura* (aliquem ad insaniam adigere). *Potio* (bebida) é tambem o nome do *veneno*, e bem se vê que o *toxico* representa aqui o *succo para tingir* (venenum); de modo que a tinctura da qual se embebeu a raça branca foi a causa desse estado de loucura permanente em que vivem os *Pelasgos*. Os negros, que se impregnaram do succo asiatico, deram nascimento aos *mestiços*, e nestes o sangue que lhes advinha dos brancos foi, por sua vez, um alimento para essa vaidade doentia, que se manifestou no patriciado. Diz-se *insania*, da *grandeza desmedida* com que sonham os vaidosos; e foi essa vaidade frenetica que desaprumou a humanidade do eixo normal. Tambem os alienistas já observaram que os *maniacos* principiam por ser *vaidosos* em excesso.

Pela *transplantação*, de que se falou, fizeram certo: que nem *negros*, nem *brancos*, eram os *indigenas* do Egypto; mas, ao contrario, que os habitantes desse paiz, vindos de outra parte, chegaram a tomar um aspecto physico e moral differente daquelle que os distinguia no principio. Por *translata arbor*, chega-se á noticia de uma *arvore* ou geração que se transformou; mas a idéa de *pompa* ou de *grandeza desmedida*, indicada por *insania*, é agora reproduzida pela palavra *translatus*, prova de que nessa região asiático-africana nasceram os ascendentes do rei, a que a legenda deu o nome significativo de *Numa Pompilius*. Em suas *Inscrições geographicas* pretende Brughsch que o nome *Ægyptus* foi tirado da palavra *Hakaptah*, com que seria designada *Memphis* ou a cidade de *Ptah*. *Acca*, é o nome de uma *meretriz trigueira*, que se finge ter existido em Roma, bem que ella represente na realidade a raça mestiça que partiu da Grecia para Roma, e cujos reis foram nutridos por uma loba (*Acce Larentia*), depois de abandonados á sombra de uma figueira (*ficus*). Descobre-se tambem no termo *Acce* um dos elementos formativos da voz *acacia* (arbusto espinhoso oriundo do Egypto). *Acacacesius*, era um dos sobrenomes de *Mercurius*, symbolo das tendencias viciosas dos Pelasgos. Si examinarmos o segundo termo do nome egypcio, acha-se que, phonicamente, é o mesmo preterito do verbo *apisce* (*aptus*), que traduz a noção de *alcançar* ou *conseguir*. Ora, *conseguir*, tem como fórma correspondente no latim a de *sibi comparare* ou *conciliare*; mas aquelle que *se põe em paralelo*, supõe por isto mesmo um antagonista, e não raro, como é sabido, o prurido da vaidade conduz o presumptuoso á luta e á *compeição* (*comparatio*). *Conciliare* é tambem fazer officio

de *alcoviteiro*, profissão que se concilia perfeitamente com a das *meretrizes*; e *productor* (alcoviteiro), é justamente aquelle que serve de *guia* (dux) ou conduz os outros para diante, como faziam os patricios. Para os Latinos, os *deputados* e *arautos* eram rufões e assim, por *leno*, chegaremos ao epitheto de Bacchus (Lenaeus). Eis ali o personagem que, á força de beber da *planta indica* (uva), ha pouco chamada *potamitis*, acabou na sandice; e esta mesma é a significação que se tira de *bacchari* (cabecear, doudejar). Não se pôde sustentar que um dos nomes indicados dêsse nascimento ao outro, pois os creadores da linguagem não podiam ficar adstrictos á imitação, em assumpto onde brilham pela originalidade. Mas não é possível contestar que o vocabulo *Hakaptah* repete o pensamento que vimos traduzido por *Potamia*, designação dada ao Egypto.

Como o diphthongo latino sirva para agglutinar as palavras, cujas letras iniciaes correspondem aos elementos significativos que as formam, *Aegyptus* decompõe-se nos vocabulos *agere itus* (fazer a estrada) e *itum egere* (fazer andar o caminho), alludindo-se nos dous casos á criação de um rio no logar onde havia um areal adusto. Não se admirem aquelles que não lidaram ainda com as provas do facto: o *Nilo* é um *canal* construido pela mão do homem, assim como o Delta representa uma criação do rio, mas prevista e planejada pelo genio que os produziu. O mesmo nome de *Delta* põe no encalço desse facto, pois encerra os termos *tellus erecta* (terra levantada), e *Deltoton*, que falla de *constellatio*, exprime a *acção conjunta de homens* (actio constans terræ). Já que approximamos a palavra *deltoton*, de *delta*, convém notar que a terminação daquella palavra latina não se differença de

othonna (planta que produz o cravo), e sabe-se que o cravo é originario da India. A constellação de que falamos chama-se *triangulo*, e esta é a configuração do *Delta*. *Triangulus* encerra a idéa de *tres discussões*, pois esta é a significação de *angulus* (*angulus litterarum*); pelo que se prova terem os constructores do Delta ponderado com a maior attenção a empreza que levaram a cabo (*diligens et accurata consideratio*). A circumstancia de servir o Delta para escoadouro das aguas do Nilo está expressa por *discutere* (lançar fóra), palavra em que tambem se allude á existencia de muitas boccas do rio (*discursare*).

Antes de procurarmos a nascente do Nilo, tarefa que nos correrá talvez mais facil e feliz do que para tantos geographos e viajantes, attentemos para a etymologia dos nomes dados ás boccas ou escoadouros do *rio sagrado*. Das sete boccas, de que tratam os antigos geographos, a mais oriental chama-se *Pelusiana* e a mais occidental, *Canopica*. Os outros ramos ou canaes receberam os nomes de *Sebennytico*, de *Sais*, de *Merdesiano*, de *Bolbitico* e de *Bocolico*. *Pelusiano* ou *Pelusio* faz referencia a uma cidade que se diz situada a vinte estadios de distancia do mar, e accrescenta-se que esse nome significa *lago* ou *pan-tano*. Descobre-se, entretanto, naquella palavra, os elementos *usio* e *pellis* (uso do alforge), para dizer que o canal foi obra das mãos, que nelle penetraram (*pellem detrahère alieni*). Os lagos, que deram o nome á bocca *Pelusiana*, alludem já ao limo do rio (*limne*, *limus*), já á fôrma esgue-lhada ou obliqua (*limus*), que lhe deram. O mesmo se pôde dizer dos *pan-tano* (*limosa vorago*), achando-se em *vorago* a idéa de *abertura*, que por *aperitio*, deixa suppor a intervenção da *vontade* e allude a uma descoberta (*aperire*). O nome da bocca occidental, *Canopica*, proviria de *Canopus*,

cidade que dista doze milhas de Alexandria ; mas ha uma divindade egypcia tambem assim chamada. Adoravam essa divindade sob a fórma de um *vaso grande* tendo em cima uma cabeça humana ou a de um gavião. A fabula conserva a memoria de um desafio, que se teria effectuado entre os sacerdotes de *Canopus* e os *Chaldeus*, mas em que estes foram derrotados por aquelles, visto como o *deus* fez jorrar grande quantidade de agua, apagando o *fogo* que lhe fôra opposto pelos adoradores do elemento igneo. Ora, *cano opus* vale o mesmo que *cano signum*, porquanto a palavra que agglutinou aquelles dous termos latinos significa *estrella vizinha ao pólo antartico*. *Canere signum*, diz por sua vez que para o lado da indicada bocca do rio *houve signal para batalha*, e sabe-se, que o *astro* (sidus), situado nas proximidades do pólo antartico, symbolisa a progenie patricia, a qual, pelos seus primeiros representantes, surgiu abaixo da linha equinoxial ou nas costas do golfo de Guiné, e que serviu de *tropa auxiliar* dos brancos (opes). Aquelles que escreveram essa historia, inteiramente ignorada em nossos dias, da raça indica na Africa, não perderam o ensejo para dizer-nos que os Ethiopes, personificados pelo mytho de *Canope*, vieram do lado occidental do continente, aonde fica situada a bocca do rio chamado *Canopica*. Por outra parte, *opus* dá testemunho de uma *obra* ou artificio, e não apenas de uma producção da natureza. Pelo desafio entre os sacerdotes egypcios e os Chaldeus figura-se a guerra entre *Ethiopes*, considerados como o tronco da raça egypcia, e os *Libyos*, esses *homens vermelhos*, de que já temos noticia. A *agua* e o *fogo* estão, portanto, empenhados numa luta tenaz, que se resolve pela victoria da *agua*, ou do elemento symbolico dos Boschimans, vindos das margens

de um golfo, e comparados com os *patos*. Nas guerras de preeminencia travadas entre os dous elementos ethnicos, venceu aquelle que serviu de auxiliar dos brancos, pois delle sahio a *aristocracia*, que ainda governa o mundo. Já se vê que a fabula editada sobre o deus Canopico é de factura mais moderna que o acontecimento rememorado pelo nome do canal. O que, porém, nos parece mais notavel é que o *gavião* apparece como emblema, no Egypto, de um partido politico, pois que tambem, no Oriente, uma *ave de rapina* symbolisa a revolução de Budha. O *vaso*, por sua vez, representa nos dous casos a casta inferior (Vaysias), sahida da *bagagem do exercito* (vas), como se diz na legenda da India. O que nos importa, por enquanto, é a significação historica tirada do nome do canal, para certificar-nos de que este não foi o producto do tempo ou simplesmente do rio, mas uma obra executada e planeada pelo homem.

Sebennytyco, adapta-se á idéa de um braço do rio, pois *sevehere*, se diz de uma cousa *levada para fóra*. *Seves*, falla de um *vallado* ou sebe, e por esta entendemos um tapume feito de troncos ou de ramos seccos. *Nitor*, suppõe o emprego da força, e *nitens*, que dá idéa de *gordo* (pinguis), implica com a de *fertilisar* (pinguescere). Dessas approximações morphicas e lexicas se deduz a noticia de um *esforço* tendente a levar por meio do canal a fertilidade que acompanha o curso do rio.

Vejamos o que nos informa o vocabulo *Sais* (nome de outro braço). *Saio*, diz o mesmo que *viator* (caminheiro judicial). Por *sia* se representa o *canal*, e por *actor*, a intervenção de um ser animado, não fazendo-se cabedal da palavra *judicialis*, que attesta um voto de

razão, um processo da arte. Por outro lado, *Sais* prende-se morphyicamente a *sauciare* (abrir, rasgar a terra).

Mendesiano, como se chama um dos ramos do Delta, ou *Mendesium*, tem para nós a traducção de *Migrum* ou *Minhe*. Por *mendesium*, se designa uma especie de *anguento*, e se allude por essa palavra á propriedade, que tem o canal, de *banhar* as terras (ungere). Mas *adepts* (banha), conduz a *adeptio* (cousa que se consegue ou alcança), e faz referencia á *fertilidade* (pinguescere), que depende do limo do rio. *Migrum* (versão de *Mendesium*) testifica, por sua vez, o empenho do homem, pois *migrare* significa *mandar alguma cousa para outra parte*. Em *Minhe*, variante de *Migrum*, acha-se a idéa de *cor vermelha* ou de *vermelhão* (minium), mas que diminue pouco a pouco. A semelhança com o sangue, que offerecem as aguas do Nilo, longe de sua foz, no alto Egypto, já foi descripta pelos geographos, mas trata-se, agora de um canal do Delta, em que a corrente do rio (minctio), apresenta a coloração vermelha carregada, que vai diminuindo pouco a pouco, como diz o vocabulo examinado.

A foz *Bolbitica* (Bolbitinum ostium) traduz, pela palavra que a designa, a noção de *estrume* ou fertilidade (bolbiton, bulbitum), e tambem de *canal*, pois *bitiens* diz o mesmo que *viator*. Em *viator*, encontra-se a indicação de *obra artificial*, como já ficou dito. As aguas que seguem essa direcção seriam de *cor negra*, porquanto *bit* é o radical de *bitumen*, e entra na palavra *bituae* (pupilla, menina do olho). Naturalmente os terrenos por onde corre essa arteria do Nilo estão ou estavam impregnados de bitume.

Resta falar da bocca chamada *Bocolica*. Poz-se em *bucolicum* a noção de uma *herba panacea de cujo succo se*

aproveitavam os pastores da Macedonia, e bucolicus se diz do que é pertencente a pastores. O sumo da panacea chama-se opopanax, e panax (panacéa), tem o mesmo significado de cunela ou cunila. Ora, pelo radical destas duas palavras latinas chega-se a cuneare (separar á força, violentamente), e á figura da cunha. Nila, é a fôrma plural de nilum, que se póde approximar de Nilus (Nilo), mas nela, prende-se morphicamente ao nome de Nileus, o filho de Neptunus e da nympha Tyro. Neleus, é a mesma palavra Nereus (mar), e como na fabula os filhos desse personagem fossem assassinados por Hercules, póde-se transportar a versão para o Egypto, aonde os Libyos representam a raça do semi-deus. Ora, a bocca Botbitica tambem é chamada Phatnitica, e por phatnæ, apparecem nomeadas as estrellas no signo do Cancro (Præsepe), e præsepire, significa cercar em roda, fortificar antes. Pelo cancer (carangueijo) se allude á gente que anda para traz ou aos pastores, de que já falámos; em uma palavra, aos selvagens, e como os Libyos eram os vizinhos dos constructores dos canaes, póde-se concluir que essa raça nomade ou primogenita de Pan (bucolici milites, bucolicon panaces), bem que, aproveitando do melhoramento que lhes offereciam, oppuzera estúpida resistencia á construcção da obra e matava os operarios, o que exigiu medidas de defesa, como fortificações e trincheiras. Para esse tempo, a visinhança dos Libyos tornara-se uma chaga ou ulcera cancerosa (cancer), e como Nileu era filho do mar e de Tyro (tyrus, purpura), somos desse modo informados de que os homens vermelhos, de rajas negras, não davam quartel aos brancos com quem estavam desavindos, e esses aggressores, já vimos que se chamavam Marmaridas (marmarica fera). Si Nileu

era inimigo de Hercules, tanto que este lhe assassinou os filhos, segue-se que os brancos tomaram como sentinellas e tropas auxiliares os Ethiopes, que vimos marchando progressivamente de oeste para léste. Assim, *cunela* ou *cunila* guarda a memoria das guerras em que os batalhões abyssinios (*cuneus*) se apparelhavam para façanhas mais estrondosas, quaes as que servem de assumpto ao poema de Homero (*Ilias*), e sob o nome de Jupiter (*Iapinaster*), presidiram aos banquetes da conquista do mundo. Os pastores macedonios, a que se fez allusão, são os mesmos Libyos, invasores da Arcadia (*Bucolium*), e que podem ser considerados como os avós de Alexandre, o homem do *Bucephalo*; e sabe-se que o famoso conquistador exhalava do corpo um *cheiro de violeta* (ia, Ia), como ingenuamente referem os historiadores. A *violeta* (*vaccinium*) lembra a cidade de *Vacca*, na Africa, e os individuos que tinham as pernas tortas para fora ou zambros (*vacia*). Sabe-se que *Vacca*, hoje *Boga*, era uma cidade da *Zeugitana* sobre o *Rubricatus*, e já encontramos nesse pouso os futuros dominadores do Egypto, ainda armados de *canna para caçar aves* (*zeugitis*). *Boga* (*Vacca*) nos aponta a raça *cor de azeitona*, que veremos mais tarde coroar-se com as palmas do triumpho (*baccalia*), passando dos tugurios ou palhoças (*bucolicum*), para os templos e palacios, além de fornecer até hoje a todos os povos da terra, deuses, soberanos e aristocracias.

A' vista do estudo analytico da palavra, a que procedemos, não se póde considerar como averiguado que dentre as boccas do Nilo, apenas a *Bolbitica* e a *Bocolica* foram devidas á industria humana, como dizem os historiadores, devendo-se ter as outras como creação da natureza. E' falsa semelhante supposição, como demon-

stramos, não sendo para desprezar as provas que enfeixaremos a respeito de todo o curso do Nilo, rio creado pelo trabalho do homem, e não filho da natureza, como se acreditava. Por mais colossal e desmarcada que se affigure a empreza, ella não excedia a capacidade da raça que construiu os templos subterraneos da India, os canaes da China, os poços da Syria e outras obras portentosas.

Aquelles que crearam as linguas e as legendas, que fundaram a astronomia, que inventaram a bussola e a escriptura, que tornaram habitaveis os continentes e que realisaram o regimen da moral e da concordia, da igualdade e do direito, deviam ser os autores dessa providencia do deserto, imaginada para converter plainos arenosos e adustos em veigas florescentes e oasis fertilissimos. Mas quando se pensa que a raça genial, a quem devemos quanto concebemos e gozamos, creadora de tudo o que ainda produzimos nas artes e nas letras, na historia e nas sciencias phisicas, nas mathematicas e na mecanica, sentia repugnancia invencivel em manejar as armas e matar homens, bem que da infima especie, não se pôde deixar de crer na incompatibilidade do instincto militar com as virtudes que asseguram a paz da humanidade e as conquistas da civilisação. A inferioridade dos primitivos Indo-Europeus sob a relação das qualidades guerreiras, é manifesta, mesmo quando tomamos por segundo termo de comparação os grotescos Bozchimans, e as tribus androphagas da America. Elles não alardêam nunca a sua coragem nos combates, o seu impeto nos recontros da guerra; e o que avançam sobre os triumphos bellicos de seus adversarios, deixa ver a desdenhosa indifference e a mofa que lhes mereciam as virtudes desse genero. Luctar, matar, vencer nos campos de batalha,

não foi nem será nunca uma prova de verdadeira coragem, de grandeza d' alma, de superioridade de espirito, pelo menos quando a razão sobreleva os instintos da animalidade. Foi essa inaptidão para as armas, esse respeito pela vida humana, esses costumes brandos e polidos que suscitaram as maiores difficuldades aos colonisadores do Egypto, os quaes tiveram de alliar-se a tribus nomades, para resguardar contra a furia e rapacidade dos vizinhos, o thesouro da antiga civilisação, que em todo caso ficou mutilado ou reduzido a fragmentos.

Os monumentos etruscos, á semelhança dos de todos os povos, testificam a presença das duas raças africanas no Egypto, e as relações que se travaram entre ellas e os Asiaticos. A mysteriosa lingua dos *Rasenas* deixa de ser impenetravel aos philologos, e as inscrições desse povo serão dora avante correntemente interpretadas sem maior esforço, graças á universalidade pratica de nosso methodo. Exemplifiquemos pelas pinturas de Orvietto, descobertas por Golini, que iremos descrevendo, ligando-lhes ao mesmo tempo a significação historica. A' porta da entrada de um sarcophago e sob ella apparecem duas figuras: á esquerda um genio alado, cujas azas são de amarello claro bordado de vermelho; á direita um Charonte tendo uma serpente na mão. O genio alado, explicamos, é o mesmo *Ventre* incumbido da defesa militar dos Asiaticos no Egypto, como dizem claramente as palavras *genius* e *ala*. As azas são de amarello claro, porque *lutum vitreum*, representa exactamente a cor que descrevemos pela voz *myrteus* (baio carregado). Mas, como tambem se designe pelo *genio alado* a *gente branca* do Egypto, o *amarello* será representado pelo vocabulo *auricomans*, que se traduz igualmente por *cabellos de ouro*, emquanto a noção de

claro (clarus) define a natureza distincta, illustre, dos homens da raça culta. Por sua vez o *Charonte* (barqueiro do inferno) personifica os *dons da natureza* e a *graça divina* (charisma), de que estavam ungidos (uncti), ou resplandesciam todos os membros dessa humanidade sem par. Mas as funções que lhe attribuem de *barqueiro do inferno* condizem perfeitamente com a noticia já conhecida da passagem dos Boschimans (genio alado) de Guiné para o Egypto. *Portitor* (barqueiro) fala de *quem transporta por terra*, e pela accepção de *mensageiro* se restaura o conhecimento da missão que os Asiaticos desempenharam na Africa occidental. Decomposta a palavra *portitor*, se vê, pela forma correspondente *porticus iturus*, que o *Charonte* symbolisa a *machina bellica* posta em caminho do Egypto, segundo já ficou explicado. *Inferno e golfo* traduzem-se por *chaos*, e deste modo se renova a noticia do ponto de partida dos Boschimans (golfo de Guiné). Lembremo-nos de [que *mensageiro* corresponde ás palavras *angelus* e *bajulus* (anjo, mariola), comprehensivos das duas raças que estiveram em presença na Africa, e convem notar que as *azas bordadas de vermelho* alludem ás duas porções de Boschimans, pintados como ferozes e sanguinarios (*pictura cruenta*). Não precisamos dizer o que significa a *serpente* posta na mão do *Charonte* etrusco.

A' esquerda do sarcophago apparecem pinturas simples, feitas sem auxilio do claro escuro, ou que apresentam em seus contornos um só tom. *Tonus unicus*, diz que as *figuras simples* (res mutae), ou os seus *modelos* desconhecidos, caracterizavam-se por uma *meia tinta rara*, que, entretanto, tirava a sua origem da Africa (parætorium, parætorius) ou era empregada no Egypto. Entre

essas imagens vê-se um homem sem barba, de um fusco avermelhado, e elle está collocado sobre um carro: sobre a cabeça alça-se uma ponta que lembra o *apex* dos flamines romanos: a tunica é branca, e bordada de um ornato semelhante ao que tinha entre os architectos gregos o nome de *pequena onda* (cumation). Sabemos já qual seja o *homem sem barba, que tinha a tez da cor do velho couro curtido*, e o encontramos em Guiné. Elle está sobre um carro, porque *currus* (carro) resolve-se em *collum rusticum* (haste sylvestre), e *rota*, associa essa idéa á de *revolução*, sem esquecer o *instrumento de supplicio*, que nos apontaram pela imagem da *cabra monte* (rota). O Ethiope ou Boschimam fez a *volta* da terra (rota), e a sua *cor rara* (tonus unicus), como nos disseram, trocou-se por *estado* ou condição insigne (color unicus), e não percamos de vista que os Boschimans latinos, slavos, scandinavos ou germanicos distinguem-se actualmente pelo *colorido do rosto* (color), que gera phantasias nobiliarchicas. E como para prevenir o surto da vaidade pelagica, o *apex* posto sobre a cabeça da figura, põe-nos em commercio com o *pater cor de pe* (apex, *abba picatus*), ou *fidalgo breado*, que fala para a plebe de cima dos seus quarenta seculos de Egypto.

A tunica do personagem representado é branca, porque *tunica*, tambem fala da *pelle das cobras* que se renova periodicamente como a dos Pelasgos, e a branca de hoje reveste a negra do passado. O vestuario dos nossos primeiros paes do Egypto era o da *gente pouco remediada* (*tunica*), e dahi a phrase conhecida: *tunicatus popellus* (povo baixo e miudo). A *pequena onda*, que servia de bordadura para aquelle vestuario, diz sem ambages que a multidão *mesquinha* (parca unda), da qual descende-

mos, se manifesta actualmente por um *mosaico* (pictura), pois a pintura etrusca foi feita para nós. Simultaneamente, a palavra grega *cumation* não deixa duvida sobre a gente das vigílias (coma, vigília), ou *guarda nocturna*, que vimos tambem assignalada pelo character das *grandes queixadas* (mattici omnes).

Um dos cavallos do carro, que mostram na pintura etrusca, é cinzento com a crina negra, emquanto o outro é vermelho com a crina cinzenta. Por estes quadrupedes, é preciso entender os *instrumentos de tortura* (ungula), que evocam pela cor *cinzenta* (cineraceus), tudo quanto dissemos do gorillo, mas que tambem relatam a *fusão* entre os *brancos* e os *negros*. *Gilvus* (cinzento), resolve-se pela analyse em *cilonis fusio*, *fusio silicis*; e estas locuções pintam a *fusão* entre a gente alva como o *marmore*, e aquelles que tinham a *cabeça comprida* e a *testa saída para fora*. Trata-se dos mesmos narizes *chatos* (silus), que nos descrevem ainda pela *crina negra* ou *vermelha*, qual se reduz a *raízes* boschimans ou libycas (crinis : *raízes*), pois as primeiras eram *fuscas* e as segundas *cor de sangue*. Não puderam os philologos nem o sarcheologos apprehender o sentido da inscripção gravada no quadro; é a palavra etrusca *Sthri*, que nada póde informar sobre esse cocheiro de um carro que parece conduzir os mortos ao mundo subterraneo. Ora, aquelle vocabulo indecifravel diz simplesmente: *bois da ruína, da morte e destruição* (leti triones), e como designem particularmente bovinos, utilizados na lavoura (triones), o vocabulo *agrestis* completa a indicação historica sobre os *Boschimans selvagens, ferozes*, que foram os eversores do mundo antigo. Importa dizer que do outro lado da porta do sarcophago um carro semelhante é representado. Veremos mais longe que o novo

veículo symbolisa a tornada da traição ethiope sobre os descendentes dos traidores.

O cortejo annunciador do carro é composto de individuos vestidos de mantos brancos e trazendo instrumentos, entre os quaes uma lyra de sete cordas, e diversas trompas, cuja extremidade recurva se arma de duas chaves muito nitidamente indicadas: sua côr amarella imita a do cobre. Para explicar essa parte do quadro, tomemos a palavra *chorus*, que se trava pelo radical com o portuguez *gorillo* ou *gorilla*. *Chorus illustris*, é o que se indica pelos termos do vocabulo da nossa lingua, e como o *coro precede o personagem da pintura etrusca*, desde logo se vê que esta renova a memoria da viagemprehendida pelos Asiaticos para alliciar os Boschimans de Guiné, cujo retorno antecipou a chegada desses selvagens ao Egypto. Em outros termos, os individuos vestidos de branco, que precedem o carro, são os *homens brancos* da Africa, e os instrumentos que elles conduzem representam *auxiliares guerreiros* (*machinamentum, instrumentum*), que formam a sua *bagagem* ou trem de guerra. A *lyra de sete cordas* assenta pela homonymia na idéa de *guarda, auxilio* (*fides, fidis*), e repete pela significação de *testudo* (*lyra*) a imagem de *machina bellica*. As *sete cordas* testemunham que a *fé* jurada (*fides*), ou a sinceridade boschiman claudicou por effeito de acção posterior (*coepti tasis, septas*), ou se affirmou finalmente por uma *dissonancia*. *Nervus* (*corda*), fala tambem de *força*, e *septem nervi* (*sete cordas*) offerece a figura de uma situação em que o *timão* do carro, *posto em cerco* (*septus temo*), prevaleceu a *maldade* para uns (*ire in nervum*), e os *grilhões* para outros (*in nervum miti*). Uma só expressão resume a noticia do acontecimento: *septus temo, nervi* (*posto em sitio o governo, dominou a*

força bruta). Finalmente, as *duas chaves* das trombetas deixam perceber que o *sítio* indicado pelas palavras *septem*, e agora por *claustra* (chave), fôra effectuado pela gente *amarella* ou cor de lama (*luteus*), auxiliada pelos *vermelhos* (cobre). A extremidade recurva das trompas fala dos homens que tinham *pés* voltados para dentro como os dos selvagens africanos (*pedes recurvi*), e a idéa de *re-torcido* abrange a de *ligeiro* (*citus*), assim com *cornus* (trombeta) fala de *cascos dos pés*.

Acima do grupo musical apparece escripta a palavra etrusca *presnthe*, sobre a qual muito se tem conjecturado. Prenda-se o primeiro grupo syllabico desse vocabulo (*pres*) ao latim *præs*, e ter-se-ha pela idéa de *abonador* (*vas*) a da *mercadoria* que vimos na *bagagem* (*vas*), dos Asiaticos. Ligue-se o mesmo termo a *praesagium*, e pela noção de *presagio*, *presentimento*, se restitue a circumstancia já considerada a proposito da legenda de Edipo (Laiades). Os contractadores de negros presentiram a sua propria ruína, causada pelos instrumentos que foram adquirir na Africa occidental, e *præsentió*, fala de *força que assiste* ou coopera, como *præsidium*, de *posto, guarda e acampamento*. Mas esses *cooperadores* romperam por excessos, como a lyra que sobreexcede o tom da cantiga (*præsonare*), e como as leis são *harmonias* de accento fixo, os Boschimans quizeram experimentar o prazer dos musicos bisinhos, tentando excursões para fora da escala. Para não alongar inutilmente o exame, diremos que *pres*, affirma por *pressura*, já o *pêso* dos instrumentos, já a *tribulação* ou desgraça que estes determinaram contra aquelles que os levaram para o Egypto. Resta traduzir o segundo termo da palavra etrusca *presnthe*, que é *nthe*. Mudada a posição das letras, teremos *then*, que designa a localidade egypcia

onde se exerceram os furores dos Boschimans (Ten), e conduz a *tenus* (laço, armadilha). Entretanto *nthe*, offerece pela forma *nete* a idéa de *summa agudeza da corda da lyra*, e de *dedo minimo*. A *corda mais aguda*, é tambem a mais *acerba* ou *espinhosa* (acer, amarus, spinosus), e como o instrumento, de que se trata, é a *machina bellica* (testudo), fica manifesto que os *guerreiros mercenarios* são e foram sempre fataes a quem os emprega. Por *dedo minimo* (nete) se adverte ser o assumpto tratado ou aquelle que o suscita de muito secundaria importancia (articulus minimus). O egypcio *then* (deus) nos edifica sobre o conceito que se fez dos deuses pelasgicos, aliás retratados nos mythos biblicos; e o etrusco *Tina*, correspondente ao *Zeus* grego, ajusta-se com o camé *tini* (carne), ou o *tymi* da lingua dos Gelyaks, que fala de *amora*. A *carne* (caro, tegmen, pulpa) representa a *parte corporea* dos seres superiores ou divinos, chamados *thenada* pelos Siamezes. *Morum*, *rubus* (*amora*) mostram o parentesco dos nossos celicolas com os *fructos negros* ou *vermelhos* da arvore symbolica.

No meio do côro de musicos se distingue uma criança vestida de tunica mais curta e levantando um copo de duas azas. Essa criança é a mesma que se nos deparou na costa occidental da Africa, e como *puer* seja synonymo de *liber*, ahi temos o primeiro exemplar do *Bacchus* latino (Liber). *Linea stricta* (tunica de linho) mostra a linhagem ou *stricta descendencia* daquelles que se aparentam com os deuses (de coelo lapsi), tão admirados na historia das aristocracias terrestres; si a *tunica é mais curta*, isto prova que *a pelle dos deuses é mais delgada* (strictior tunica), mas não deixa de mostrar os *pés* ou raizes africanas da casta sublime, que vive sempre *erigada* (stricta).

A expressão *tono unica*, desdobra os termos de *tunica*, para acrescentar que os netos de Bacchus são *insignes na meia tinta*, que estabelece o *intervallo* entre o *negro retinto* e o *alvo de marmore* da raça vinda do Oriente para o Egypto. Quanto ao *copo de duas azas*, a voz latina *crusta* (copo) diz pelo significado de *codea*, *emboço*, que este resulta da combinação de uma *coxa* com um *sovaco* (ala); ou do *quadril* das mulheres brancas (coxa, femur = *foeminarum mores*), com as *axillas* dos negros (ala, *subhirci*). Entretanto, como se designem as azas dos copos ou vasos pela voz *nasus*, vê-se que as pessoas de sangue azul incorrem num *duplo molejo* ou zombaria reforçada (*duplex nasus*), já como *africanos*, já como *asiaticos*, que presumem ser. O *vaso de duas azas*, ao mesmo tempo que lembra o *Nilo*, e a historia da criação desse rio, como veremos desenvolvidamente dentro em pouco, assignala a *bagagem* e o *fiador* (vas), de que não ha muito falavamos, sem esquecer a *divindade* (fas), que os Assyrios representavam pela forma da *estrella*. Os vasos etruscos, chamados *cumana*, perpetuam a memoria dessa *vigilia perenne* (coma manale), que sob a figura de *militarismo* se transmittiu aos *remoros* (cuma manalis), da raça africana, e cuja antiguidade está fixada pelo apparecimento do culto dos *Manes* e de alguma cousa que diz respeito á declividade da *ecliptica* (manacus).

Deram tambem ao Egypto o nome de *Lagea Novalia*, e este insiste sobre a intervenção do homem na criação do territorio, que nos representaram como emergido do mar. *Lagea*, resolve-se em *corredor do mar* ou do pego (lacus agea), e assim nos apparece o nome do *deus bifronte* (janus), associado á idéa de um *novo perigo* (nova alea), qual o que se continha nesse contacto

de duas raças differentes (*junctis feruntur frontis*). Os Asiaticos seriam como a *primeira* ou mais antiga pagina desse livro, que devia ser escripta na Africa ; e os *selvagens* representavam o epilogo futuro da tragedia pelasgica (*frontes geminae*), que ainda se desenvolve em toda a superficie da terra habitavel. A palavra *lagea* lembra os *limites assignalados por botelhas* (*lagena*), imagem esta mais tarde referida ao curso do *Nilo*, o rio que se figura de *duas azas*, como as *amphoras*, mas a palavra *lagena* indica, por sua vez, a *face do paul marinho*, esgotado pelos Asiaticos, donde surgiu o paiz maravilhoso, que devia ser o theatro de acontecimentos, ainda não percebidos pelos interpretes da historia. A natureza do solo egypcio é designada pela expressão *lapis bibulus* (limite), que faz allusão ás *botelhas*, empregadas na guarda do vinho: ella era *arenosa e pantanosa* (*locus pigrum continens humorem*), e dahi a razão por que se comparou o terreno conquistado ao Mediterraneo com as *garrafas empregadas na demarcação dos limites*. Eis porque o Egypto não pertencia á Africa na opinião dos geographos antigos : era elle uma construcção nova semelhante, por um lado, ao *pego* (*lacus*) e, por outro, aos *charcos* (*area*), como nos revelaram os termos inscriptos na denominação citada (*Lagea Novalia*). *Lagea*, diz o mesmo que *vinho* e por *palmes* (vide). quizeram os creadores da lingua latina annunciar-nos uma *victoria* (palma) conquistada pelo homem sobre a natureza inconsciente, mas transformada mais tarde em *cauterio*, como nos dirá toda a historia, ainda não conhecida, do Egypto primitivo.

Aeria, outro nome do *Egypto*, dá idéa de *coisas elevadas*, e por *editus* (alto), se fala de um *caminho creado* ou produzido (*editus itus*). A *nuvem* indicada por

aer, faz pensar nos *Ethiopes*, que também são conhecidos pelo nome de *Nubios* (nubes, Nubæ); mas *aerarius*, allude aos homens *cor de cobre*, que já conhecemos, isto é, aos selvagens *Libyos*. A *gente 'pā* (aeria), que se devia mais tarde immittir na posse do Egypto, pôde ser designada pelo epitheto de *Juno* (Aeria), no qual se percebe uma allusão á *vacca de Guiné* (Io unocula), e á tribu que viveu muito tempo sob o jugo dos Ethiopes. De facto: *par* (mulher) fala de *parelho*, mas a noção de *casamento* conduz á phrase usual dos Latinos: *vinculo jugali se sociare*. Por sua vez, *aer* é synonymo de *æther*, nome dado ao *pae dos deuses*, de modo que ao nome do paiz africano se associam os de tres figuras da mythologia greco-romana, cuja patria primitiva era ignorada. Ver-se-ha que os deuses do Egypto são os mesmos que sob diversos appellidos apparecem na Europa e na Asia, não excluido o proprio *Jehovah* dos hebreus.

Os Egypcios conheciam o seu paiz pelo nome de *Kimit* ou *Kimet*, o qual tinha para elles a significação de *Negro*, em opposição, dizem, ao *deserto*, chamado *Dôshirt*, *Doshir*, *Doshi*, ou o *Vermelho*. Nem outra cousa se deduz da palavra *Aeria*, ha pouco examinada; mas levaremos mais longe a analyse morphologica, começando pelo nome *Kimit* ou *Kimet*, que faz referencia a um *caminho estreito* ou *corredor* (semita, janus), achando-se, por esse lado, no vocabulo *semila* (canal), connexão de idéas expressas pelos termos *semen* e *meta* (principio e fim). Faz-se dessa guiza referencia a *planta nova* ou *raça pelasgica* (semen), que nasceu no Egypto, assim como ao *termo na carreira* dos Orientaes (meta). A *primeira* raça surgiu com os selvagens de cabeça conica ou de *forma pyramidal* (meta), celebrada pelas moles im-

mensas que se levantam nos arredores de Memphis ; e a *ultima* achou na terra, que tirou do seio das ondas, o seu *cippo funerario* (*haesit ad metas*). O *simio* africano (*simius*, Boschiman) serviu de *atadura* (*mitella*) para a gente *branda*, *inoffensiva* (*mitis*), que se *tornara madura* (*mitescere*), e se aproximava de seu *ocaso* (*meta*), como veremos mais longe. A *Negra*, como chamavam os Egypcios ao seu paiz, representa essa estancia *infeliz*, fecunda de dores e tristezas (*niger*), para a raça *civilisada* (*mitis*), qual foi a *Kimit*, donde saíram os primeiros *salteadores* da terra ; e por isso a lingua celtica ligava ao nome dos *Cimbros*, povoadores do norte da Europa, a idéa de *pi-lhagem*.

Os Pelasgos africanos, descendentes dos Negros (*cimmeriæ tenebræ*), foram os mesmos que povoaram todo o mundo habitado, como provaremos ; mas aos *Ethiopes* se *oppunham* os *Libyos*, ou os *pretos* aos *vermelhos*, e por isto o *deserto*, que representa a *raça nomade*, figura em contraste com o *Egypto*, aonde se estabeleceram os emigrados do golfo de *Guiné* (*Boschimans*, *Ethiopes*), auxiliares dos Asiaticos. O *deserto* chamava-se *Doshirt*, *Doshir*, *Doshi*, nomes que mal occultam a noção de *dadiva escabrosa* ou que cheira a bode (*dos hirta*, *dos hirca*), e como *dos* seja synonymo de *munus*, ahi se mostra a causa da morte dos civilisados, cujos *funeraes* (*munera*) nos foram indicados pela palavra *meta* (*meta vitæ*). Do *deserto* saíram os verdugos da raça branca, sob a forma de *gladiadores*, e sabe-se que *munera* designa os *espectaculos publicos*, principalmente aquelles em que os homens lutavam com as *feras*. *Hir*, significa *palma da mão*, e por *palma*, se entende tanto as *victorias* e os *vencedores* como a arvore elegante que se eleva nos areaes (*palmeira*).

Parma, variante de *palma*, designa claramente o *gladiador*, que, por outro modo, nos apontaram pela imagem do *cauterio* (palma); e por isto puzeram na voz *palma* a noção de *tronco donde saem os renovos*, para mostrar a origem selvagem da humanidade nova, *solitaria*, como as *palmeiras*, e *sanguinaria*, como os monstros que se exhibiam nos circos romanos. Os creadores da terra egypcia podiam ostentar a *palma* dos seus triumphos contra as da natureza (dos *hiræ*), mas os nomades se cobriam com as puas de um furor incoercivel (dos *iræ*) e desse modo, digamos, não ha duvidar que o *dom da região africana* se tornava *escabroso* e mesmo insupportavel para aquelles que o arrancaram do fundo das aguas (dos *hirta*). O vocabulo citado, *Doshi*, fala de *merecimentos* oppostos: *dos cita*, dá idéa de uma riqueza que repousava sobre a *actividade* dos seus acquisidores, emquanto *dos sitûs*, traça a physionomia geral da raça *inerte* e *sordida* que vivia na *solidão* (*situs*), e tinha na estrutura como o germen do *caruncho*.

O nome semitico *Maçor*, sob a forma assyria *Mus'ur* e *Mus'ri*, ou persa *Mudraya*, foi applicado ao Egypto. E' facil explicar atravez do latim, semelhantes denominações, a primeira das quaes diz *região composta de varias partes amassadas umas com as outras* (massata ora). Mas pela idéa de *massa* se chega a comprehender que o territorio egypcio foi *trabalhado* (*massatus*, *subactus*) tendo sahido á custa, portanto, do esforço humano, do *chaos primitivo* (*massa*). As diversas partes componentes do Egypto seriam como paginas que formam um *livro* ou volume (*massa*); e quanto ao aspecto de *garganta* ou *passadiço*, que offerece aquelle paiz, ahi está o punico *mezakah*, ou *mezukah*, que o define claramente. O latim

maça, fala de *farinha amassada com leite*, e si *farinha* dá idéa de *pó* (*pulvis*), lembra-nos o *trabalho* ou afan consumido nessa obra monumental. Por outra parte, *lac* (leite) é synonymo de *succus* e por esta forma se manifesta que a *areia* ou barro (*pulvis*), do sitio pantanoso, tornou-se *corpo vigoroso e succulento* (*corpus solidum et succi plenum*), convertendo-se numa região de admiravel fartura. Entretanto, o vocabulo *pulvis*, lembra aquillo que já nos exprimiram a respeito da obra asiatica : os constructores do Egypto perderam tempo e trabalho (sulcos in pulvere ducere), pois aquelles que nada fizeram, obtiveram sem custo o fructo de tantas fadigas (*sine pulvere palma*).

Vejamos o que nos revela o nome assyrio do Egypto, *Ḫus'ur* ou *Ḫus'ri*. Pode-se dizer que o Egypto foi sempre a *terra em que os ratos roem o ferro* (*huc ubi ferrum mures rodunt*), como diz o annexim. Mas *mus* (rato) tambem fala de *musculo*, e, portanto, de *vigor* (*musculus*); e *musculus urget*, deixa entender que as *forças*, tanto do espirito como do corpo (*vigor mentis, vigor corporis*), levantaram esse pedaço de terra que se tem cercado de tanto mysterio. Mas a expressão *mus urget*, informa que o *rato* africano não deixa socego, e *ameaça*, quando não *persegue* (*urgere*). A forma *Ḫus'ri*, do nome assyrio, registra a impressão dos civilisados, quando confundiam o chio dos ratos com o regougar dos leopardos (*rictare*): é que os *selvagens* não sabiam discernir entre o *gracejo* (*risus*) e os *actos nefandos*, misturando-os na pratica, e as zombarias dessas multidões inconscientes eram manifestações de crueldade sanguinaria. *Riduntur ab omni conventu*: os *barbaros riem de toda jurisdição*, pois para elles não existe *justiça* (*conventus*), e assim, onde no Egypto havia homens reunidos

em sociedade civil, ahi se affirmava, por acções malfa-
zejas, o *escarneo* da gente selvagem ou rapace. Esse *con-*
curso musical, si estamos lembrados, já foi indicado a
proposito dos primitivos habitantes do Egypto; e o mesmo
vocabulo *Mazor*, que allude a uma *multidão de ratos do*
campo (massa soricina), pôde servir de commentario para
o nome assyrio do Egypto, o qual guarda a memoria dos
musicos temiveis (*Mus'*, musica), sem esquecer os *ninhos*
desses cantores africanos (*musiæ*).

O nome persa, de que falamos, *Mudraya*, estabelece
a identidade entre a casta de *roedores*, constituida em
orpheon, e os *peixes vorazes*, que os latinos, como nós,
chamavam *raia*. *Muta raia* (raia muda) afirma que os
selvagens do Egypto eram *alalicos* ou mudos, e saíram
de dous troncos, indicados pela palavra *Ia* (filha de Atlas,
filha de Midas). Mas, sob outro aspecto, se offerece na raiz
mut, a noção de *mudança* ou alborque (*mutatio*), e, de
tal arte, a terra que fôra *transformada* (*mutatus*) pelo
esforço humano, teve de ser o reino da raça *variegada*
(*mutata*), que se *deslocou* do deserto para as cidades (*mu-*
tare). Os *ratos marinhos* ou raias foram mais tarde arvo-
rados em *rajahs* da India, mas no conflicto entre *Libyos*
e *Ethiopes*, que se trava no Egypto, não se sabe ainda
qual o touro que reinará sobre a manada (*mussant ju-*
vencæ quis pecori imperitet). O Egypto arabe tem o
nome de *Misr*, que é o *Mizrain* dos Hebreus; e si a
concha de perolas foi chamada *mys*, o termo *rain* nos
explica porque o elemento mais resistente da população
selvagem, que era o *Ethiope*, *veio á tona* do pego afri-
cano (*renare*). E' que a *resistencia* contra as incursões
das tribus vermelhas teve como ponto de *apoio* o braço
desses auxiliares dos brancos (*reniti*), e a *perola* é apre-

sentada, ao mesmo tempo, como emblema dos Asiaticos (alba), e da *gente miuda*, de cor da azeitona (bacca), que viera da região occidental da Africa. Assim, os constructores das linguas depuzeram na expressão *bacca conchea*, uma breve noticia sobre a *reunião* de pretos e brancos (unio, unita Io), que poudes adiar a catastrophe final da raça civilisada. A disciplina sábia, a que foram submettidos os *selvagens de Guiné*, deu-lhes manifesta superioridade sobre os seus antagonistas, que permaneciam no estado puramente nomade. Entretanto não percamos de vista que a palavra hebraica *Miqrain* recorda a *dadiva* (res: missiles), de que fallámos não ha muito, *desenredada* do fundo do mar, como a *perola* (renodare, renare), mas condemnada a ser *desfeita* (renare) como os *laços de hospitalidade* que foram rompidos pelos Ethiopes (renuntiare hospitium).

As massas associadas, como definiram, que formaram o territorio egypcio, receberam diversas denominações : o *Delta* e o valle até ao sul de Memphis chamavam-se *To-muri* (o paiz dos canaes), ou *To-mih* (o paiz do norte) ; o trato de terras comprehendido entre *Memphis* e *Sieka* era o *To-ris* ou *Pathros* (o paiz do sul), e a *Thebaida* foi designada pelo vocabulo *Uist*; finalmente todo o conjuncto teve o nome de *Tooui*. O *To-muri* ou *To-mih* representa um *membro entumescido* (tumidum membrum), porque o sitio indicado saiu da agua salgada (muria) e tomou por isto a forma de uma *collina* (tumor terræ), que se lançasse de sobre o mar. Já mencionámos a opinião dos geologos sobre essa porção do solo egypcio, que não foi construida, como se presumia, pela natureza, mas pelo braço do homem. *To-ris* ou *Pathros* não exprime idéa differente da que acaba-

bamos de enunciar, pois *tolles* fala de uma *inchação* das amygdalas, e por *tonsillæ*, se dá idéa de *estacadas* (tonsilla), empregadas naturalmente para encher e consolidar o pantano, que foi *esgotado*, como nos revela a palavra *tollevo* (machina de esgotar os poços). Si considerarmos o outro nome do territorio, que foi assim levantado do fundo dos charcos, veremos que *Pathros* dá idéa de *agua* (ros), a que *se deu fim* (patrare, patratus). O nome da *Thebaida* ou *Uist* resolve-se em *vis stata* (força regulada), e por esta imagem se define o *levantamento* do chão (statutio), que dependeu da *força* empregada (vis). *Força*, traduz-se por *corporis firmitas*, donde se pôde concluir que para a *reunião das partes* (corpus) fazia-se de mister erguer o solo e consolidá-lo.

Thebes (Thebas) representava como os *alicerces* dessa enorme ou prodigiosa construção, segundo se illage da expressão que corresponde áquelle nome (tebae vis), e, assim, para que todo o terreno creado tivesse um solido ponto de apoio, formou-se das respectivas secções como um *amphilheatro*, de que o nomo do sul seria o degráo mais alto (theatrides). Dissemos que todo o conjuncto das *massas* de territorio foi designado pela palavra *Tooui*, equivalente a *tubi* (canaes). É que esse *leito* artificial (canalis) devia ser como *aqueducto* destinado á derivação das aguas do Nilo, o rio que vae sahir do deserto conduzido pela industria humana. O *Egypto* é a *bacia* do Nilo, e por isto lhe puderam applicar o nome de *tubi* (acequias), achando-se por *canalis*, reproduzida a noticia sobre o meato, que se abriu pelo meio das ondas, para receber os lagos da Africa central. Note-se que o indicado nome da *Thebaida* se prende a *thos* (thoos), palavra designativa do chacal, quadrupede que se asse-

melha ao *cão* e ao *lobo*. Por *lupus*, se faz referencia á *fateixa*, machina de esgotar os poços, ha pouco mencionada ; e por *canis*, se allude aos *satellites*, que são as *tempestades*, as *tormentas*, os *ventos* e as *ondas* (Neptuni satellites), vencidos e dominados pelos creadores do solo egypcio, para quem a obra emprehendida offereceu semelhança com *um funeral* nos infernos (satelles, seti tellure lessi), e não seriam poucos os que succumbiram na magna empreza, como inumeros foram os que se amortalharam nessa tunica tecida por dedos de gigantes.

Continuemos a restabelecer os feitos da raça civilizada na Africa, recolhendo os vestigios da acção victoriosa que ella exerceu sobre a natureza. Foi pela industria, pelo trabalho infatigavel, que o homem antigo transmutou as condições da vida nessa nesga de terra inhabitavel, que se chamou *Egypto*. Para isso transportemo-nos da foz ou do delta do Nilo para o centro do continente, partindo do ponto em que esse rio se desentranha para banhar e fertilisar as longas paragens que percorre. Servimo-nos para este estudo, mas sómente quanto ao puro aspecto geographico, dos dados que são fornecidos por um escriptor moderno, onde se descreve o percurso da corrente nilotica desde o lago *Nyanza*. E' ao livro conhecido e apreciado do geographo francez O. Reclus, que recorreremos, para acompanhar as descobertas e noticias subministradas pelos viajantes e exploradores do ultimo quartel do seculo. «*Nyanza*, diz o autor da obra em questão (*A Terra*), significa *lago*, isto é, lago por excellencia. Outro nome local, o de *Keruê*, provém-lhe da ilha de *Ukêrêuê*, a maior de todas as que nelle se destacam, situada nas extremidades da margem meridional. Profunda é a sua agua

de um azul esverdeado em que o prumo penetrou já 177 metros.» Anteriormente havia dito aquelle autor: « Um grande lago, o *Nyanza*, cortado pelo equador, e estendendo-se mais para o sul do que para o norte desta linha, é o *Leman* do Nilo, e um *Leman* que recebe o tributo de muitos *Rhodanos* de *origens ainda ignoradas*. Exactamente como no tempo dos Gregos e dos Romanos nem um só Europeu poudé dizer ainda: « Eis a fonte onde começa o rio sagrado.» Entre estes *Rhodanos*, o principal, que se denomina *Khaghera* ou *Tanguré*, é um rio profundo, animado, rapido, trazendo ao lago azul em suas aguas escuras um tributo lacustre, o tributo do lago *Akaniaru*, baptisado com o nome de *Alexandra*, depois que passou por esta região da Africa um viajante saxonio. Os descobridores dessa raça, descobridores de descobertas já realizadas, comprazem-se em proscrever os nomes indigenas, quasi sempre suaves ou rudemente sonoros.»

Si forem totalmente obliterados os nomes geographicos ou substituidos por outros modernos, o nosso esforço para reconstituir a historia pelos monumentos da linguagem, seria inteiramente frustraneo. Que a vaidade dos Inglezes poupe esse dominio creado pelos antigos povos, mais instruidos e previdentes do que os Saxonicos, pois estes acabam apenas de nascer para a sciencia e para as artes. Vejamos em seguida o que nos transmitiram os nossos antepassados da raça branca pelos nomes geographicos, ainda indemnes das tentativas avassalladoras de Albion.

Nyanza, que hoje significa *lago*, é uma palavra, para assim dizer, latina. Nella se nota á primeira inspecção a concorrência dos termos *ni* e *anza*, que entraram na sua

formação. *Nĩ*, é uma particula adverbial que, segundo os grammaticos, exprime *negação absoluta*, e, portanto, vale o mesmo que *nihil* ou *nilum*. *Ansa* — significa *asa do vaso*, e si lhe ajuntarmos a significação de *ni*, teremos a expressão *asa do Nilo* (ansa Nili). Mas *vas*, traduz tambem a ideia de *cortiço de abelhas*, pelo que se collige ser o lago *Nyanza* semelhante á obra do enxame aonde existem *cel-lulas e perfurações*. Isto seria pouco para determinar uma conclusão segura, si o outro nome dado ao *Nyanza*, He-reué, não representasse exactamente a phrase *cereus est* (é feito de cera), confirmando, portanto, a interpretação dada anteriormente, devendo-se, porém, notar que *cerae*, designa *favos de mel*. Trata-se, pois, de um *cortiço*, palavra que evoca idéa de *industria e trabalho*; e como ella seja applicada justamente ao lago, de onde se lançam as aguas do rio, fica-se advertido de que o *alveo* (alveus, *cortiço*), em vez de ser devido á natureza ou á acção da corrente e á declividade do terreno, é o resultado do esforço humano, empenhado na solução de um problema de hydraulica. Si puzermos *extra* por *ni*, em virtude da significação commum dessas particulas, formaremos, por intermedio da palavra *vas*, o verbo portuguez — *extra-vasar*, mas *vadere* (correr, extravasar) pôde ser approximado de *vadare* (citar para comparecer em juizo, dar disto fiança), e por *in jus vocare*, se entende *trazer para a linha recta, provocando a sahida* (citare urinam), ou *produzindo o movimento* (citare virgam). Ninguem dirá que a marcha regulada ou previamente traçada (rectus), da corrente, não corresponda á imagem, de que fizemos menção, tanto mais quando *recte* diz o mesmo que *nilum* (nada).

A *fiança* de que se cogita no caso, é o *cuidado empregado para evitar algum damno* (cautio) e a difficuldade

vencida suppõe uma sciencia armada de meios e recursos extraordinarios.

Por *aza do vaso*, se deve entender o ponto de onde o rio se lança para o norte, pois *vas*, é synonimo de *alvus* (fluxo), e este vocabulo tem significação correspondente a *alveus* (veia d'agua, madre do rio), além de exprimir tambem a noção de *cortiço de abelhas*. Veremos mais longe a outra aza do *Nilo*, quando tratarmos da segunda caverna de onde deflue.

Si restasse duvida sobre a intenção que se ligou aos nomes examinados, ahi está a palavra latina *Melo* (Nilo), que nos fala de *mel*, e portanto dos *favos*, que o encerram (ceræ). A declinação de *Melo*, descobre-nos o termo *onix* (onis), que por sua vez significa *vaso*, e assim apparece repetida a ideia de *cortiço*, accrescentando-se ainda a de *trabalho pesado* (onus).

Como o vaso indicado por *onyx*, seja de *marmore*, por *mare*, faz-se referencia ás *difficuldades* da empresa, que o rio representa, e por *mor* (de *marmor*) ao *tempo dilatado* que ella custou (morare). Como essa corrente artificial ficasse afinal no poder dos Pelasgos, *onix*, de *Melonis*, guarda a memoria do facto, pois nos diz que o Nilo foi para elles como é o *mel* para os asnos (onagus).

Não precisamos notar o encontro reciproco das palavras *ansa* (de *Nyanza*), e *onix*, de *Melonis*, das quaes se destaca a ideia expressa por *vas* (cortiço de abelhas), synonimo de *alvus* e *alveus*; mas observe-se, que por *vas*, se chega ao vocabulo que significa *fiança* (vas, vadis), noção que já vimos enunciada por *vadari*. Não ha mais logar para hesitação, pois aquelles que escreveram a historia do rio *sagrado* afastaram previamente todas as

objectções que se suscitassem a respeito da interpretação dos signaes da linguagem.

Podemos, entretanto, reforçar a prova dada, chamando a atenção para uma das significações do vocabulo *Nilus* (Nilo): este exprime a noção de *levada* ou canal por onde passam as aguas para os edificios particulares; e deste modo a origem artificial da corrente está indicada pela propria palavra que a nomeia. O mesmo se poderá dizer do antigo nome do rio: *Ægyptus* (itus egens), que nos mostra em acção a industria dos Indus (egere itus), assim como a *necessidade* (egestas, egere), que a determinou, sendo que *egestio*, fala de uma *evacuação* e despejo (extra vasum), ou acção de *vasar*.

Aproximemos, finalmente, a voz *nilum*, de *Nilus*; e ver-se-ha que o *nada*, tal como o rio é chamado, passa desde muitos seculos como cousa desconhecida, ou cuja origem se ignora (res nulla). Dahi o prender-se aos problemas, cujos factores restam ignorados, o ponto de partida ou nascente do Nilo. Entretanto a *fonte* do rio sagrado é e continuará a ser sempre *cousa desconhecida* (nulla), pois não foi a natureza, mas o esforço humano que a produziu. E' isto que ainda se afirma pelo nome de *Astapus* (agua que mana das trevas), dado ao Nilo pelos antigos. Notemos que *tenebræ* (trevas), tambem significa *esconderijo*. Na voz *Astapus* descobre-se a ideia de *arremesso* (hasta) e de *gavião* (apus); ora, o passaro que se indica, tambem chamado *nisus*, é aqui o *esforço* empregado para executar essa obra gigantesca (nisus).

A origem do Nilo passou até agora despercebida, como a do mundo. Dahi o dizer-se que o universo sahira do *nada* (nilum), quando se affirmava realmente, por esse conceito, que a formação do novo mundo, ou do

mundo pelasgico, sahira da região nilotica, ou dos *homens de nada*, tantas vezes designados na legenda por essa expressão desdenhosa e pejorativa. A *serpente*, que apparece na legenda hebraica ou nas ficções do *Genesis*, é o mesmo *aspide* (niliaca serpens), cuja peçonha contaminou toda a terra habitada. *Io* ou *Isis*, personificação da *noite* (luna), recebeu o nome de *niliaca juvenca*, assim como o *boi Apis*, que é o symbolo dos Pelasgos, foi designado por *niliacum pecus* (multidão de gente vil e ignorante oriunda do Nilo). O *crocodilo*, entretanto (niliaca fera), serve para indicar as duas classes de vencedores ou de herões, que são comparados, de um lado, com o *cardo pinto branco* (Carios), e do outro, com o *mastruço* (nasturtium), emblema dos *Tursenas* (Etruscos), amigos que eram da *satyra* (nas), pois pela maledicencia vingavam-se de seus emulos, mais felizes ou mais ambiciosos do que elles. E' o que nos refere a palavra *crocodilium*.

Chamava-se *Nileus* o filho de *Codrus*, que conduziu uma colonia de Jonios para a Asia; e *Nilus* era o nome de um rei de *Thebas*. Em *Codrus*, acha-se o nome dos *Pelasgos*, pois aquelle vocabulo exprime a ideia de *pelle em crú* (codio), e de *odre* (uter). Por *odre* (uter) chega-se á noticia dos *Odriçios* (povos da Thracia); e assim descobrimos a contiguidade entre a historia dos Africanos e a dos Gregos.

Sigamos, porém, o Nilo no seu curso, e vejamos o que se pôde colher da designação dada a um dos tributarios do lago *Nyanza*, o *Khagera* ou *Tanguré*. O vocabulo *Khagera* fornece a noção de *cume* ou parte mais alta (cacumen), unida á de *cera* ou de *favos* (cera, cerae). Assim o despejo que faz esse tributario do Ny-

anza (cacare) não pôde ser considerado como natural: aqui ainda a mão do engenheiro traçou a ro'a seguida pelo rio. E não teremos direito de duvidar do facto, que nos é ainda attestado pelo outro nome do affluente: *Tanguré*. Effectivamente ahi se encontra o termo *tangens* (contiguo), associado a *gur* (de *gurgēs*, pêgo) ou a *curae* (cuidado). Por essa forma se registra, que aquelle tributario do pêgo, ou do *Nyanza*, assignala mais um commettimento do homem (cura). *Cura est* — é *filho da diligencia*, e o radical daquella palavra latina lembra os esforços dos *Curetes* para occultar a *Jupiter* menino. O futuro dominador do Egypto ou o rio *sagrado*, occulta-se agora no lago, graças ao empenho dos seus sacerdotes, que são os constructores da obra colossal. Acha-se igualmente em *Tanguré*, a ideia de *tingir* e de *cortar* (tangere), do que se conclue que as aguas dessa nova sanja eram de cor differente das do lago; e como *urere* signifie *pintar a caustico* (urere coloribus), fica por isso indicada a origem da coloração sanguinea do Nilo em certa epoca do anno. E' verdade que um tributario abyssinio daquelle rio tambem offerece a mesma côr sanguinea, como veremos adiante. Finalmente, pois que se põe o *t* pelo *c* ou *s*, descobre-se em *tang*, o radical de *sanguis*, e de *canna* ou *canalis*, e ao mesmo tempo de *sanctus* (determinado, estabelecido). Como já ficou dicto, o rio de que se trata conduz para o lago *aguas escuras*, que se diz vindas de outro reservatorio lacustre, o *Akaniaru*. Este nome indigena allude ao mesmo facto, pois se decompõe em *accanere* (acompanhar cantando), e *acetum* (mel), que já vimos ser o *Nilo*. E' preciso, porém, notar que a cor *escura* attribuida ás aguas condiz com as informações que tirámos do nome geogra-

phico; porquanto o vocabulo citado (Akaniaru) repete a noção que já vimos expressa por *sanguis*, como se prova, seguindo sempre o radical da palavra, pelo verbo *canescere* (fazer-se branco), sendo que *branco*, é *candens* (cor de braza).

Cania, fala da *ortiga brava*, e *urtica*, encerra o radical de *urere* (abrasar), além de que ha uma especie da planta nomeada, que tem a haste *rubra*, devendo-se considerar que ella tomou o nome scientifico de *Urtica urens*, não se devendo, portanto, confundir com outras plantas mais ou menos semelhantes.

E' admissivel que a cor vermelha de outros tempos ter-se-hia modificado, apresentando depois um aspecto mais ou menos carregado, assim como podemos suppor que o *escuro* seja uma gradação do *rubro*, porque neste predomina o preto.

«Do *Nyansa* sae o *Kivira*, o nosso Nilo, que os Inglezes se dignaram baptisar tão regiamente como o lago, denominando-o *Nilo Victoria*. Logo á sahida, o *pae do Egypto* precipita-se por quatro braços na cataracta de *Ripu*, que não chega a ter quatro metros.»

Como não houvessemos examinado ainda o outro nome do Nilo Branco, que acaba de ser designado (*Kivira*), devemos dizer que elle formou-se por intermedio de *cipi* ou *citus* (de *ciere*) e *vira* (*succus*, força); pelo que mais uma vez se allude á *corrente movida* ou precipitada na direcção que sabemos.

E de facto, o *Kivira*, como se disse, lança-se no *Ripu* (cataracta) por quatro braços, que estão indicados pela voz latina *ripula* (ribanceirinha). Sabe-se que *ribanceira*, diz o mesmo que *despenhadeiro*; mas nunca se procurou no vocabulo *Ripu* a descripção dessa parte do Nilo,

quando desce da altura de quatro metros no começo de seu curso.

« E' forçoso que a carreira do rio se accelere do mais alto para o mais baixo dos seus lagos, porque de um ao outro o terreno desce quinhentos metros. Depois de se ter amortecido a primeira vez nos 50.000 hectares do *Gita Nziige* (lago Ibrahim), e logo em seguida nos 80.000 de *Cadja Kapeki*, mais pantano do que lago, precipita o curso, sob o nome inglez e muito pouco nilotico de *Somerset*, correndo com grande rumor, aqui formando redomoinho, logo saltando rapidas e pequenas cataractas com raros intervallos, onde a agua por instantes socega, tão depressa com uma largura de 4.000 a 5.000 metros, como limitado de 80 a 100. Durante 30 kilometros, até aos sombrios rochedos de *Choa Muru*, é uma grande torrente pedregosa; neste ponto, reduzido á largura de 50 metros, precipita-se de uma altura de 35 metros pela cataracta de Murchison. E' este mais um nome inglez, mas ao menos não é devido á lisonja, á *loyalty*, como se diz na Albion.» A *travação*, si assim podemos dizer, da corrente com o lago *Gita Nziige*, está expressa, já pela palavra *Gita*, que é *cita* (cousa impellida), já por *Nziige*, onde se leem os elementos *nixus* (apoiado), *zrgis* (serpão), que por *serpere* (serpillum) falla de *estender-se*, *insinuar-se*, achando ainda em *pilus* a noção de *companhia*. Para que não houvesse duvida sobre a interpretação dada, poz-se em *pilus* a ideia de *cousa de nenhum prestimo*, equivalente á de *nilum* (nada), pela qual chega-se facilmente á de *Nilus*. Assim, a junção entre as aguas sahidas do *Nianza* e aquellas que formam o novo lago operou-se por *esforço* do homem (niti). A palavra franceza *gîte* corresponde a *gita*, que nos occupa, pois signi-

fica *logar para onde se retira a caça*, quando perseguida pelo caçador; e no caso vertente sob a relação que estudamos, o rio é impellido também pela força que lhe deu uma certa direcção. Por sua vez, o italiano ou o portuguez *nigella* (traducção de *nith*), decomposto nos seus termos integrantes, fala da *cava do Nilo* (cella Nili), sendo que *cellae*, é nome dos *favos*.

Em seguida o rio cae no *Codja* ou *Kapeki*; e pelo primeiro nome tirado de *codiaminon* (cyclaminus) se fala também de *junctura* (codex, caudex), e de um *período* ou circulo (cyclus) noção esta que, por seu lado, indica *ajuntamento*, sendo que *minus*, equivale a *nilum* (não, nada). Em *minus*, se acha também a ideia de *mais pequeno*, como é a circumferencia do lago *Codja*, em relação ao *Gita-Ngige*, pois em sua maior extensão elle não passa de pantano, como diz o geographo citado. Isto mesmo se adduz pelo significado de *cyclaminus* (maçã de porco), que se pôde representar pela expressão *terra tuber* (polmão, tumor da terra), allusiva ao *lamaçal Kapeki*, como também se denomina o *Codja*, derivado de *capedo* (vaso) e de *æquus* (planicie), indicando-se por esta combinação de palavras um trabalho igual (æquus) ao que já vimos significado pelo vocabulo *vas* (Nyanza). O thermo *eki*, podia ser ainda destacado de *echinus* (vaso de bocca larga), e deste modo o *pantano* serve para despejo das aguas oriundas do lago (echeuma).

O rumor que faz o rio em sua marcha pelo caminho agora percorrido está indicado pela palavra *echea*, que é o nome dos *vasos de bronze* collocados antigamente nos theatros para os tornar mais *somoros*, e sabe-se que *echo*, dá ideia de *repercussão do som*. Para que a corrente andasse mais vagarosa, socegando por instantes,

depois dos rapidos e redomoinhos que vae formando em seu percurso, a sciencia dos constructores imaginou alguma cousa que se representa pela palavra *echinophora* (marisco de concha com bicos). Trata-se de uma *abobada* (concha, testudo), ou declividade semelhante á da *concha*, estabelecida por canaes em forma de rostros ou trompas, e note-se que os *bicos do candieiro* (*myxus*), semelhantes ao artificio que foi então empregado, lembram a especie de *ameixa do Egypto* que entrava na preparação de certo licor. Ora, por *ameixa* se entende, no latim, a *pruna cerea*, e sabe-se que significação recebe *cereus*, na nomenclatura applicada á descripção das obras do Nilo. O vocabulo *pruna* (carvão acceso) entrou no proverbio *canis ad Nilum*, que corresponde ao nosso: *gato por brasas*. Por outro lado, *carbo* (carvão inflammado) allude ás minas de onde é extrahido o mesmo mineral; pois *succensus* (acceso) traduz por *accendere*, não só a ideia de *accender como* a de *fazer subir* (*eniti*), e comprehende-se agora porque se fala na candeia (*inglez cannel-coal*). E' de uma boa especie de carvão mineral, muito conhecido entre os Inglezes, que se tracta. O leito dessa parte do Nilo é, portanto, de grés, de argila schistosa e de calcario: ahi estão innumeros depositos de *hulha* e o interessante é que a velha palavra saxonica acha o seu commentario no latim *ullus*, que fala de cousa *alternada*, como são os leitos alternativos dos terrenos do grupo *carbonifero*.

A *ameixa do Egypto*, que entrara na preparação de certo licor, é a *pruna cerea*, expressão com que se disfarçou o nome de *carvão mineral*, e o *licor*, a que se faz referencia, é a *agua do Nilo* (*latex*), que ahi se impregna do *oleaceus liquor*. O *canis ad Nilum*, tambem

lembra o effeito da *maledicencia* (canes), que ainda hoje se compara com o da brasa ou do carvão; mas *canis*, significa igualmente *colleira*, e por *mellium*, attinge-se não somente ao nome do Nilo (Melo), como ao processo proprio para curar as affrontas da satyra (canis, supplicium). Notemos, entretanto, que por *mellium* ou *milus* (*colleira*) faz-se allusão ao facto indicado por *milliarium* (vaso para aqueentar agua dos banhos), e si *vas*, já sabemos o que significa, importa, comtudo, lembrar que se fabricam pucaros e vasilhas com a especie de carvão conhecido pelo nome de *cannel coal*, e que este minerio, além de fornecer luz para a candeia, é combustivel de primeira ordem. Na designação ingleza acha-se a mesma palavra *canalis* (canal) e *collum* (pescoço) já indicado por *canis* (*colleira*); mas *coal*, encerra os termos *cum* e *allius*, reproduzindo desta forma aquelle que vimos enunciado por *ullus*, para descrever as camadas alternativas da *hulha*. A ideia de *abobada* (concha), de que acima tratamos, condiz com a formação dos terrenos de sedimento, cujos stratos tomam a forma de *batel*, por ser o centro mais deprimido que a circumferencia; e á parte calcarea, que apresentam, resultado algumas vezes de vastos depositos de conchas, já se deu o nome de *lumachelles*, tirado do italiano *lunacha* (caracol). Achámos, portanto, a relação que se estabeleceu entre o *marisco de concha* e os terrenos atravessados pelo Nilo; mas a *colleira* de que fala o proverbio serve aqui para indicar o artificio empregado para quebrar a furia das aguas; assim como o termo *echinus* (de *echinophora*), repete a ideia de *horisontalidade* (das galerias), pela forma que apresentam os espinhos do *ouriço* (*echinus*). Nesta ultima figura envolve-se o modo por que deriva a cor-

rente nesse *vaso de bocca larga* (echinus), imitando o processo pausado da *lavagem dos copos*, interna e externamente. Atina-se melhor com esse processo, desde que se considera o outro elemento significativo da palavra *echinophora*: *fora*, é o nome da *cupa* ou dorna, mas *forabilis*, fala daquillo que *se pode furar*, indicação esta já fornecida por *vas* e *pruna cerea*. Fizeram-se galerias ou canaes terminados em forma de *bicos* ou *trompas*, no intuito de dar passagem ás aguas do rio, já pelo interior do solo, já pela superficie, mas graduando e medindo o impulso da corrente.

Assim o *vaso de bocca larga* tem as bordas voltadas para o ponto de partida do rio, e a extremidade opposta representa o canal estreito, que é o *furo* adaptado de modo a quebrantar o impeto das aguas. Toda a construcção imita a figura convexa da *concha*, e suppõe o emprego de *arcos-abobadas*, além do systema de galerias horizontaes, como se vê nas minas em exploração. E' por isso que o rio desliza suavemente por instantes em alveos de larguras differentes, desde 500 metros a 80. Como se tratava de fertilisar immensas extensões de terras, fazia-se tambem de mister corrigir as fendas do solo, regular o fluxo da corrente, que, entregue a si mesma, seguiria a trajectoria imprimida pelo peso de sua massa ou pela declividade natural do leito, sem consultar ao plano dos constructores. Para terminarmos o exame suscitado pelo nome do pantano (Kapeki), devemos chamar a attenção para a familia das plantas, conhecida pela designação de *Umbelliferas*: o typo do genero *Echinophora*, palavra esta que nos forneceu noticias preciosas, tem folhas decortadas em *segmentos agudos*, estreitos e semelhantes a *espinhos*, e já vimos

que semelhante noção já nos foi offerecida por *echinus* (ouriço), assim como por *collum*, que encerra a ideia de *gargalo de garrafa*.

Vimos que o rio percorre trinta kilometros, como torren-te pedregosa, até aos rochedos de *Choa-Muru*, mas este nome nos dá ideia de semelhante curso, já pelo elemento *Choa*, tirado de *choaspite* (pedra preciosa verde), já por *Muru*, que é a mesma palavra *murus* (muralha). A passagem que se franqueou ao rio pelo alveo pedregoso, foi tambem aparelhada pela industria do homem; porquanto *choa*, vale morphicamente o mesmo que *soa*, e *Soani*, nome dos habitantes de *Taprobana*, conduz a ideia de *tapete* ou panno de armar (tapes), e por *bane*, a de uma machina propria para levantar grandes pesos (bananson). Sabe-se que *tapes* (tapete) é synonymo de *stratum* (leito). A *pedra preciosa* (lapis), resolve-se para a historia em *força de trabalho* (laboris vis), e a ideia de *verde* (virens), transforma-se num testemunho sobre a *virilidade*, sem par, dos auctores dessa obra extraordinaria (virilis ens).

LIVRO III

O NILO É OBRA DO HOMEM: CONTINUAÇÃO DAS PROVAS —
O SUD, PARTE SUBTERRANEA DO RIO — EXPLICAÇÃO DA
ORIGEM MYSTERIOSA DO SOBAT — O TAANA, LAGO ARTIFI-
CIAL — AS CORREDEIRAS — A PORTA DE ASSUAN: ORIGEM
DOS DEUSES — A SEGUNDA AZA DO NILO — PROPHECIA
CUMPRIDA.

O nome de Murchison, ligado ao da cataracta aonde se precipita o Nilo Branco ou Kivira, attesta naturalmente a natureza devonia do terreno, em memoria dos estudos feitos por esse geologo sobre as gredas vermelhas do Devonshire. Sabe-se que o terreno devonio é inferior ao carbonifero, aonde se encontra, aliás, uma hulha vizinha da authracite; e lembremo-nos de que no centro da Africa, sob os tropicos, as florestas apresentam a physionomia do periodo geologico chamado paleozoico, conforme a descripção dada por Livingstone. Aqui (no Choa-Muru), diz o nosso geographo, termina o trajecto mais escabroso de sua longa viagem, e socegado dirige-se para o segundo dos seus reservatorios, para o *Mvutan Nzige* ou lago dos Gafanhotos, ou lago Alberto, graças ainda uma vez á dedicação dos Inglezes á realeza. O Mvutan Nzige não é um Victoria Nyanza; tendo apenas 465.000 hectares, seriam precisos 14 ou 15 como elle para fazer uma bacia igual ao mar dos Ugandas.

Mas, posto que mais pequeno, é muito mais bello do que este. Occupam as aguas verde-mar deste lago

160 kilometros de extensão e 10 a 48 kilometros de largura, e ora jazem como que adormecidas, ora abalam, correndo por entre elevados montes, porphyros, granitos e gneiss, donde se solta, fluctuando, a banda das altas cascatas. Fica-lhe a sudoeste o *Muta Nzige*, que talvez lhe seja superior em tamanho, mas do qual não recebe tributo algum, e que antes parece dirigir-se ao lago Tanganika. »

Vejamos o que nos revelam os nomes mencionados nessa descripção. O segundo elemento do aggregado onomastico *Mutan-Nzige* já foi considerado, e agora o primeiro nos dirá, que se trata de *emprestimo* ou mistura (mutuatio), de um com outro *Nzige*, mas que correspondeu aos desejos (votum), daquelles que forçaram para isso (nisus, niti). Este novo lago é tambem chamado dos *gafanhotos*, e *acer* (gafanhoto), repete a ideia que se exprime por *xygia*, termo componente de *Nzige*. Faz-se referencia por *acer* a uma arvore denominada *bordo*, e do mesmo passo ao *emprego da força* (acer).

A que vem a menção do *bordo* numa designação geographica? E' que esse typo da familia das *Acerineas* apparece, quando indigena, formando grandes florestas, e é de presumir que as margens do lago abundavam dessa casta de arvores. Em todo caso, ellas fornecem arrimo ás vinhas, e a noção de *sustentaculo* conduz á de *porio* (portus), para onde foram encaminhadas as aguas do Nilo Branco. *Fulcrum* (arrimo), significa tambem *leito*, e portanto dá a nova direcção seguida pelo rio. *Lxusta* (gafanhoto), fala dos peixes que habitam os lagos (lagosta) e por *locus*, allude-se á uma ordem preestabelecida ou disposição das cousas, sendo que o

caustico, designado por *usta*, nos informa sobre a necessidade, que houve, de corroer ou cavar o terreno (*adurens*). E' sabido que *attelabus*, serve para designar o *gafanhoto*; mas por *attae*, se entende os *coxos que arrojam os pés*, e *labus*, traz a ideia de *escorregar* (*labare*). Por essas imagens nos avisam de que o rio cahiu ou desceu pouco a pouco (*labi*), mas depois de fazer desvios para a direita e para a esquerda, como os *zambros*, que têm os pés para fóra ou como os poetas ineptos (*Mevius*), quando querem ultrapassar a esphera da propria mediocridade; e *labi*, fala de *errar*, *enganar-se*, e accentua a noção de irregularidade na marcha. A côr verde desse lago acha-se attestada pela terminação do nome *geographico* (*tan*), pois *tanos*, significa *esmeralda grosseira*, imperfeita, e sabe-se, que a côr das aguas é, como se disse, *verde-mar*.

O terreno ahi percorrido pelo rio combina com a descripção fornecida pelos vocabulos examinados: ora as aguas jazem adormecidas, ora abalam (*movere*), por entre elevados montes, até produzir a banda das altas cascatas. E' o que se traduziu pela ideia de *engano* ou de inconstancia (*labi*). As *fadigas da navegação* (*labor pelagi*), acham-se por sua vez inscriptas no radical daquelle vocabulo (*labi*), assim como tambem o *trabalho* requerido pela construcção desse trecho do rio.

A sudoeste fica o lago *Muta-Nzige*, que não é tributario, como se affirma, do outro (o *Mvutan-Nzige*). Entretanto somos advertidos pela simples transcripção do nome, que o *Muta-Nzige* é o mesmo Nilo transportado para fóra de seu leito (*mutatio*), ou transformado. *Muta*, é *Larunda* (mãe dos Lares), e si *unda*,

diz o mesmo que *onda* ou rio, pois é synonymo de *mare* (rio caudaloso), por *undare*, se fala de uma *inundação*: enquanto *lar*, estabelece a existencia de um *pouso* ou lugar de parada. A *mái* do *Muta-Nzige* é, portanto, o rio que o creou (creatix), porquanto *casa*, diz o mesmo que *portus*, e esta palavra significa *ponto em que se chega* ou permanece (porto do mar ou do rio). Está, portanto, claro, que o *Muta-Nzige* é o producto das inundações do Nilo, cuja torrente se vasou no *Myutan*. Parece que o *Muta* vai desaguar no *Tanganika* e *tangere*, fala realmente de *estar contiguo* ou de *entrar no porto* (*tangere portum*); mas o termo *anika* dá ideia do que é *velho* (anícula), pelo que se prova ser o producto do Nilo mais novo do que o lago para onde deriva.

« O Nilo, ao sahir do *Myutan-Nzige*, onde esteve dormindo, a 700 metros acima do nivel do mar, toma o nome arabe de *Bahr — al Djebel* ou Rio do Monte. Corre ainda por largo espaço sem sahir dos desfiladeiros, succedendo passar ás vezes por um desses fortes, hoje abandonados, donde os Egypcios se propunham dominar o alto Nilo, e donde, sobretudo, favoreciam o trafico da escravatura, fingindo combatel-a para agradar á *philantropia* européa. Passando de largo a estreito e vice-versa, vai o rio descendo, agitado de quando em quando por alguns rapidos, nenhum dos quaes perigoso, até que desemboca na desafogada planicie que se estende a montante de *Jondokora*, hoje em ruínas, mas celebre outr'ora, quando era um posto de missão, de exploração, de conquista. *Ladó*, que depois veio substituil-a, vinte kilometros á jusante desta, numa altitude de proximamente 405 metros, perdeu tambem toda a importancia e poderio, que tinha, quando os Egypcios recuaram até ao

Egypto. Tão distante já das origens e não obstante provir de dous Lemans, pelo menos, um dos quaes é oito vezes e outro cento e dez, a cento e vinte vezes maior do que o lago de Genebra, nem por isso o Nilo, quando passa por este ponto, tem uma corrente média superior a 550 até 560 metros cubicos por segundo, menos do que o modulo do Garonna em Tonneins.»

Examinemos o nome arabe de *Bahr-el-Djebel*, dado ao Nilo, depois que sahe do lago Mvutan-Nzige. *Bahr*, é a mesma palavra que significa *filho*, na lingua syro-chaldaica (bar), e podia tambem ser destacada de *barathrum* (esbarrondadeiro, precipicio). Eis porque chamaram *Rio do Monte* a essa porção da corrente. O elemento *el*, do composto, á parte a significação que tem na lingua indicada, exprime o mesmo que *hellus* (comilão), e prende-se a *elops*, especie de peixe que tem as escamas viradas para a cabeça. *Djebel*, por sua vez, deriva de *diesis* (quarta parte de um tom musico) e de *bellum* (luta, peleja). Reunindo essas noções para extrahir o pensamento geral que as aproxima, nota-se que o Nilo é como um *filho* que devora a quarta parte do patrimonio, pois *Belus* figura na fabula como *pater*. Sabe-se que *dies* tem a mesma significação de *vita* (meios de vida)

Por essa fôrma imaginosa se affirma que o rio venceu a *quarta parte do seu curso*, ou que devorou um espaço correspondente, a contar da sua fonte (*pater*). Não precisamos lembrar que *pater*, tirou de *patere* a ideia de *estender-se*, *dilatar-se*, e que o *pai de Dido* é tambem a causa de um apartamento (*didere*), como acontece ao Nilo desde o seu ponto de partida. Pelas *escamas* se allude ao trabalho *difficil*, *escabroso* (*squamosus*), pois as *asperezas* ou obstaculos oppostos á marcha do rio estavam

então voltadas para a nascente (*caput*), obrigando os constructores a fazer um *córtie* ou divisão (*diaeresis*) que importou em perda de tempo (*hellus dierum*), e penas infinitas (*dierectum bellum*).

E' ocioso prevenir que as *escamas voltadas para a cabeça* são massas de terras ou montanhas que se suspendiam nas nuvens (*dierectus*), mas collocadas em opposição á origem da corrente (*caput*). Foi de mister apparelhar, transformar o terreno, para que o Nilo pudesse proseguir sua carreira atravez dos desfiladeiros que lhe formam actualmente o leito, trabalho em má hora emprehendido (*dierecto*), si considerarmos os destinos que estavam reservados á raça emigrada para o solo artificial do Egypto. A desgraça, que ainda se occultava em longinquo futuro, póde ser representada pela imagem do *tom musical*, pois *tonus*, conduz a *tonans* (epitheto de Jupiter) e a *tondere* (despojar), sem fazer menção dessas multidões mestiças que deviam mais tarde receber o nome de *Mysios* e ser comparadas com os ibridos (*mesimon*), ou com os *mús*.

Distava então a hora do apparecimento dos homens que *deviam viver alegremente á custa alheia* (*musice aetatem agere*), desses Barbaros, que vimos mais tarde *falar por entre dentes* (*mussans*), e ser os creadores da *dissimulação* (*mussitare*), e da *comedia divina* (*ars musica*). Ora, taes individuos são comparados, por sua vez, com o Nilo, cuja historia se escreve pelos nomes dos lugares. Deu-se ás *lebres africanas* o nome equivoco de *musicus lepos* e imaginou-se o mytho de *Orpheu* para exprimir os attractivos da poesia (*museus vates*). *Orphus*, donde se tirou *Orpheus*, falla de um *peixe vermelho*, qual era a *cor* dos Libyos, ascendentes das populações ameri-

canas, mas o radical daquela palavra latina corresponde ao nosso vocabulo *orphão* (*orbis*), e por *orbis luminibus*, se entende o *cego* que procura ainda em toda a redondeza da terra (*orbis*) a estrada real de seu destino, perdido nos atalhos. Não nos surprehenda a correspondencia de sentido entre *orbis* e *orphus*, pois os descendentes da raça africana são como os *musicos, que vivem á custa alheia* (*músice aetatem agere*), mas reduzidos sempre á condição de *pupillos* (*orbis, pupillus*).

Não se confunda o nome citado pelo geographo, de *Egyptios* com o dos antigos fundadores da civilisação do mundo, a quem devemos até as condições de habitabilidade que offerece o planeta, antes parecido com uma enorme pasta de lama, cercada por atmosphaera irrespiravel ou pestilencial. Os nossos antepassados da raça branca não exerciam o commercio da escravatura, e á sua brandura ou benignidade devem ser attribuidas todas as decepções e desventuras dessa tragedia tristonha e dolorosa, que é como o prologo da morte do mundo. Quanto ao valor musical da *quarta*, sabe-se que elle é computado na escala ascendente; e si o referirmos aos preceitos da arte militar, ahi está o vocabulo *tondere* (saquear), que approximaremos de *tonus* (tom), para reproduzir o conceito que tambem se exprime pela phrase *scalis admotis in urben irruptio* (assalto que se dá a uma cidade por escalada).

Por outro lado, si desentranharmos da ideia de *tom musical* a significação que lhe deram, no ponto de vista da execução dos trabalhos já referidos, veremos que os constructores do alveo do rio foram subindo gradualmente (*gradatim ascendere*), e nivelando de modo que as aguas pudessem fazer o circuito em torno das montanhas

(*circuitu in summum jugum evadere*). Lembremo-nos que por *scandens* (que sobe), se traduz tambem a noção de *altus* (profundo, sustentado), e *sustinere* ou *sustentare*, fala do esforço ou do cuidado, que se dispendem para evitar contratempos e conter o impeto da torrente. Por outra parte, *studium musicum* (drama) deixa ver que se allude ao *trajecto* (tragædia, *trajectus*), do rio.

Que a cidade, cuja planicie vê a passagem do Nilo, era um posto de conquista, como foi dito, prova-se pela analyse etymologica do respectivo nome. *Gondokora*, com effeito, encerra os termos *cuneus* (batalhão), *docus* (meteoros em fôrma de trave), e *ora* (região). Tanto a *trave* como o *meteoros* representam a *lança de guerra* (trabs). Metteu-se no sitio indicado o *porcinum caput* (esquadrão em fôrma de cunha), de que tanto se occupam as legendas antigas; e vê-se que a expressão empregada não esquece a raça de suissos que sahiu das margens do golfo de Guiné. Póde-se dizer que o *Boschiman* é como um porco em postura vertical, semelhante tambem ao *pato* e ao *elephante*, pelo bico ou pela tromba, não falando na sordicia dos animaes que amam pantanos e lamaças. O nome de *elephantiasis*, corresponde ao latim *elephas*, que significa ao mesmo tempo *elephancia* e *elephante*. Sabemos, pois, donde nos viria a terrivel molestia de pelle que afflige a humanidade.

A cidade de *Jondo'ora*, depois que cahiu em ruinas, substituiu aquella que se chama *Ladó*. A palavra *ladon* (succo viscoso), nos dá a razão desse nome geographico, pois significa *força* (succus) e *filho* (viscus). O novo estabelecimento era, portanto, como o outro, uma creação da *porca marran* (sucula), mas que se accrescentou á povoação já existente (addo, addere ad latus).

Continuemos a descripção do curso do Nilo :

« Chegado á planície, corre o rio serpenteando através das alluviões que aterraram um lago immenso no Sudão. Melhor fôra dizer que o Nilo, chegado neste ponto, avança como que arrastando-se por uma triste região de maremmas, dividido em innumerados braços e obliterações, e por baixo do *Sedd* ou *Sud*, que assim é chamado o manto de hervas fluctuantes que nas aguas se entrelaçam por fôrma a tornarem-se inextricaveis : de sorte que o rio se torna invisivel, ou, quando muito, se vê delle um estreito canal sempre atulhado de embarcações miudas. »

Note-se á primeira vista que *Sud*, é o mesmo radical da palavra *sudor* ; e desta approximação se conclue que o lago aterrado pelas alluviões, o foi effectivamente peloe sforço humano. De facto : si *Sed*, é apenas variante de *Sud*, como ahi se affirma pela gemminação do nome dado ao manto de sargaço ; *sudor*, nos põe de sobreaviso sobre o esforço necessario para dissecar o lago do Sudão. Por outro lado, *sedes*, significa *assento*, mas por *sedare*, se exprime a idéa de *conter* e *reprimir*. Tratou-se, em consequencia, de domar ou sujeitar a força da corrente por meio artificial : *sedere*, falla tambem de *parada*, de alguma cousa que se *mitiga* ou *aplaca*. A phrase — *sederunt flumina* — traduz-se pela nossa : *os rios suspenderam o seu curso*, — como effectivamente aconteceu ao Nilo nessa estação do seu já longo trajecto. Para tanto, foi de mister encaminhar as aguas pelo meio da floresta virgem, facto aliás indicado pela palavra *seta* (cerda, cabello da barba), pois fala de cousa *aspera*, *cerrada*. *Setabilis*, cidade hespanhola, famosa pelo *linho*, que produzia, pôde ser invocada para reforçar o testemunho produzido

pela palavra *seta*, porquanto *linum*, significa *teçume*, *rêde*, e por esta se pôde representar o entrelaçamento das arvores, observado nas florestas tropicaes. De *seta*, passaremos a *sita* (cousa fundada, edificada), para confirmar o que vimos enunciando pelas referencias tiradas do vocabulo *sudor*, approximado de *Sud* (nome do manto vegetal). Fez-se preciso o trabalho do homem (*sudor*), e penoso, para que o Nilo atravessasse o sitio por onde se dirige depois de amainado em sua corrente. Para se conseguir semelhante resultado, recorreu-se naturalmente a uma perfuração do terreno, de modo que o rio tivesse uma marcha subterranea, podendo assim renovar o desbastamento da floresta, porque vai lentamente solapando as grossas raizes das arvores. E' isto que se illage de outra palavra convizinha de *Sud*, isto é, *sutor*: apesar de serem contrarias as apparencias, o *sapateiro* teve que mover com o rio. *Calceolarius* (*sapateiro*), é palavra formada por intermedio de *calcare* (metter debaixo dos pés) e de *ollar* (testo da panella), significando-se por estes termos, que a *urna* (olla) ou *perfuração* (urna, vas), por onde é conduzido o Nilo, está no sub-sólo. Não é preciso explicar por que se fala na *tapadoura* ou testo (*operculum*): a camada vegetal serve para abrigar ou encobrir o rio (*opertare*). O cerrado da matta, que se comparou com a *barba* (seta), apparece novamente sob a designação de *mentum* (*operimentum*), achando-se em *operimentum*, a mesma ideia de *cobertura*. Assim, a *corrente* está *sob barraca* á semelhança de um Scythia posto á sombra das tendas de couro (*sutiles domus*); e dahi a *magreza* (*subtilitas*), ou tenuidade do Nilo nessa parte do seu transito.

« A região mais palustre e mais terrivelmente coberta e cheia de hervas é a que se estende ao longo da grande

ilha que mede 220 kilometros de comprimento por 10 a 60 de largura, e que é formada por dous braços do rio: o *Bahr-el-Zaraf*, á direita, Nilo cada vez mais obstruido, já quasi morto, e o *Bahr-el-Djebel*, verdadeiro rio, cujas aguas, durante o seu curso se misturam com as do *Bahr-el-Ghazal*.» Como se vê, um dos braços do rio, chama-se *Bahr-el-Zaraf*, nome composto por intermedio de *bar* (Liber, Bachus, filho), *helluo* (glotão), *sad*, do phenicio, que significa *peixe*, e *afferre* (furtar, conduzir). Assim, o filho do Nilo figura como um *glotão*, que furta e devora o acervo paterno, pois *arbor*, synonymo de *piscis*, diz o mesmo que *silva* (montão, cópia). A raiz *af*, donde se tirou *Africa*, equivale ao radical de *apricus* (abrigado), mas *profferre in apricum*, significa *trazer a lume*. No ponto indicado, o rio rebenta á flor da terra tendo corrido longo espaço abrigado sob tecto de relva. A obstrucção do leito está significada pela palavra *sar*, que traduzimos por *arvore*, mas *silva* (arvore) tambem se traduz por *floresta*. Sabe-se que *sari* (termo componente de *Zaraf*) é o nome de um *arbusto do Nilo*; e deste modo a palavra phenicia (*sar*) diz realmente o mesmo que *arbor* ou *silva*.

O ramo do Nilo, que se formou com o maior tributo da nascente, é chamado *Bahr-el-Djebel*, nome que já foi submettido á nossa analyse, e que significa *filho prodigo*. A differença das duas caudaes acha-se indicada pelas respectivas denominações; pois um dos ramos *subtrahe*, emquanto o outro empolga a massa das aguas que rolam no seu leito e faz dellas ostentação e dispendio. Nota-se, portanto, que o *Bahr-el-Zaraf* representa um desvio da corrente (surripere), destruindo o beneficio (offerre manus beneficio), que ella representa. A phrase *nihil affers*, parece preparada para o caso, pois ao mesmo tempo que

fala do *Nilo* (nihil, nilum), deixa perceber que o *furto* não foi de nenhum proveito.

O ramo *Bahr-el-Djebel* mistura suas aguas com as do rio *Bahr-el-Ghazal*; mas aqui se trata de um filho tambem glotão, que se apropria do *thesouro real* (gaza). A terminação *sal* (rio caudaloso), e que encerra o termo *al* (alius, outro), nos adverte de que o tributario do Nilo teve muito que ganhar com o encontro de seu affim, transportado de tão longe. *Gaza*, diz o mesmo que *vas*, e por esta palavra se attinge á ideia de abertura ou communição disposta pela arte. Não precisamos repetir, que *vas*, envolve a noção expressa por *alveus* (cortiço de abelhas, canal, madre do rio); e, de facto, si o *Bahr-el-Ghasal* devora o thesouro que lhe chega do lago *Nyanza*, signal é que não trouxe nenhum augmento de fortuna para a communhão. Os constructores aproveitariam apenas o alveo do novo rio para facilitar a rota do Nilo, mas de modo que este engrossasse sempre e perdesse o menos possivel de seu activo. E' curioso que os auctores dessa prodigiosa historia do Nilo, escripta por palavras destacadas, nos quizessem advertir pela ideia de *real*, que se encerra no nome do braço fluvial, da desproporção entre as duas correntes, que derivam pelo sitio indicado. *Regalis* (real) foi a madre morphica donde sahiu a palavra *regaliolus* (picinço); mas por *trochilus*, que significa o mesmo, approximamo-nos das noções subministradas, já pelo mesmo vocabulo, já por *trochaeus*; e assim ficamos informados de que o *Bahr-el-Ghazal* é como a *meia cana* (ornato de architectura), ou como o *pé trocheu*, composto de duas syllabas, a primeira *longa*, e a segunda *breve*. O Nilo representa, portanto, a syllaba *longa*, porque venceu uma distancia consideravel para chegar ao sitio da junc-

ção, e o tributario apparece assim como a *meia cana* ou como a *syllaba* breve, cuja prolação suppõe menor esforço ou gasta menos tempo. Desde o encontro dos dous rios termina a região designada pelos antigos sob o nome de *Regio Paludum* (terra dos paues), porquanto *regio*, traduz tambem a idéa de *confim* ou limite. Devemos presumir que o lago aterrado, segundo se affirma, pelas alluviões, o fosse realmente pelo trabalho do homem. O nome do paiz em que elle está situado é o mesmo que vimos applicado ao manto de relvas fluctuantes (Sud), que abriga o rio numa longa extensão percorrida, como ficou notado.

« O *Bhar-el-Ghazal*, grande affluente do Nilo, igualmente coberto de excessiva vegetação, forma uma como jangada fluctuante entrelaçada de nenuphares, de afamada belleza, e mede em extensão 1.150 kilometros. E' por elle que se effectua a drenagem de 45 milhões de hectares. Caudaloso por occasião da cheia, diminue extraordinariamente de volume em tempo secco, e o mesmo succede aos rios que d'elle irradiam em fórma de leque, e por elle são levados até o *Mokran-el-Bohur*, expansão de agua em que encontra o Nilo. O *Mokran-el-Bohur* baixo e afogado, é o logar mais tapado pelo *Sed*, mas é justamente perto daquelle ponto que finalisa este extenso *lago de sargaços*, sob o esforço, annualmente renovado, do *Bhar-el-Ghazal*; de todas as vezes que a grande cheia o transforma numa torrente irresistivel é por ella arrancada esta vegetação, esphacelada e finalmente arrebatada na impetuosa caudal.» A decoração vegetal, de que se falou, está indicada pelo nome do rio: em *Ghazal*, acha-se tambem o termo *casa*, synonymo de *scena* (decoração), e por *atlegiae*, se vê que o ornamento faz as

vezes de *cobertura* (tegere). Os *nenuphares* são como a *al-milha* do rio (allix), e por *al*, encontraríamos a côr das flôres admiradas (albus), além do tom variegado que apresentam (alius, alliusvis). Ora, *nymphaea* (golfão), corresponde a *casa*, porquanto a fôrma nominativa plural de *nympha* *um*, fala daquillo mesmo que vimos designado por *scena* e *atlegiae* (cabanas, casas para banhos). O templo das *nymphas* tinha entre os antigos o nome de *nymphaeum*, naturalmente porque essas personagens poeticas eram as mesmas porcas marrans ou patas sylvestres que vivem nos pantanos, como a tribo que sahiu do golfo de Guiné. Aquillo que hoje chamamos *casa*, era o que os creadores da linguagem chamavam *choupanas*, *tugurios*. *Gurgustium* (cabana), encerra o elemento morphico donde se tirou a palavra *gurges* (brejo), e a nossa palavra *golfão* (nenufar) é apenas o augmentativo de golfo, e um golfo foi o ponto de partida dos homens que inventaram os esponsaes (nympha, conjux nova), pegando as mulheres (conjungere), como o porqueiro amarra os porcos. A palavra *nenufar* significa *bolo do Nilo* (far nenu), pois *nenu*, é synonymo de *nilum* (não, nada). Já vimos dar a esse *bolo* o nome de *africia*, tirado de *Africa*. Por outro lado, *far*, prende-se a *farciens*, (que engorda), cousa muito facil, como vimos, para os *porcos* africanos, que se chamam *Boschimans*, quando não lhes dão a alcunha de *patos* e *elephantes*. O *bolo* indicado passa tambem como *pharol* (pharus) do rio sagrado, donde se pôde inferir que os pharôes antigos davam a luz *azul* e *branca* dos modernos. E' preciso, porém, contar com o nenufar *amarello* (Nymphaea lutea), como transição do *azul carregado* para o *branco*; e por este caminho, não ha duvida, que andaram todos os patriciados e aris-

tocracias. A *lucerna* (pharol) é o nome de um *peixe*, que reluz nas trevas; mas, como *arbor*, seja synonymo de *piscis*, pôde-se fazer applicação do phenomeno aos golfões ou nenuphares que a legenda considera como a *luz* e os *olhos* dos povos, durante a noite da barbaria. Desde a mais alta antiguidade, o Nilo engrinaldava-se dessas bellas flôres azues, de que falou Herodoto, dando-lhes o nome de *lotos*; e Martial, sem perceber por certo a significação primitiva da phrase, juntou a ideia de *palladio* á de *lodão* (Palladius lotus). O *lodão de Pallas* era, porém, o *pifano* ou trombeta de guerra, que é um dom das tribus africanas, ou daquella gente que os civilisados chamaram de *nada* (nilum); e foi dentre ella que se recrutou a classe dominadora que ainda governa os povos por privilegio de nascimento ou de *sangue azul*.

Vejamos o que nos revela a denominação do rio ou expansão de agua para onde o *Bahr-el-Ghazal* leva outras caudaes. *Mokran-el-Bohur*, diz pelo primeiro termo do aggregado, o mesmo que *lei* ou regulador da *versa* (mos crambes); e por esta definição se chega á de *braço do rio*, visto como *brassica* (couve, versa), vale o mesmo que *brachia sicca* (braços pobres), ou semelhantes a *terra* (in sicco). Mas esse diversorio serve para supprimir (helluari) a *prisão* ou golilha (boia), que ao *Bahr-el-Ghazal* punha o encontro com o Nilo (Urios). *Urius*, representa um appellido de *Jupiter*, quando este deus presidia aos limites; mas o *Nilo* era tido como o *pater Ægypti*, á semelhança do pai dos deuses, o qual recebera o nascimento nas arcias africanas. *Jupiter*, é o nome da *chuva*, e *pluvia*, diz o mesmo que *humor fluens* (liquido, corrente, rio). Acha-se em *mucor*, a significação de *humor* e de *môfo*; mas por *situs* (bolôr), se faz referencia á *frou-*

xidão ou inercia das aguas que formam o diversorio; assim como da mesma palavra se apura uma ideia contraria á que vimos expressa por *mos*, isto é, *descostume*. *Crane*, é a nympha amada de *Janus*, e como este seja o emblema dos *corredores* ou passagens entre dous lados, o *Mo'cran* é como a *porta*, que abre espaço ao transito do Nilo. E si a *expansão* do *Bahr-el-Ghazal* procura esse encontro entre as duas correntes, devora (*helluari*), por sua vez, o impedimento ou neutralisa a reacção (*boia*), que este rio lhe devia oppôr em sua passagem. Aquelle que devia fazer a *lei* (*mos*), torna-se *inerte* (*situs*); e é bem de ver que semelhante *situação* (*situs*) foi predeterminada por aquelles que conduziram com tanta fadiga o Nilo desde o lago *Nyanza*. Sabe-se que *situs*, traduz a noção de cousa *fundada, edificada*; e deste modo os *braços impotentes* do *Bahr-el-Ghazal* não oppuzeram nenhuma resistencia ao seu emulo mais poderoso, de que se acerca numa effusão resignada. Era natural que da mistura das aguas resultasse *estrondo*, como aliás se depreheende do radical de *Mokran* (*mugere*); mas a *porta mugente* teve os quicios lubrificados, e o mugido foi suspenso pela suppressão da *golilha* ou pelo vasto *corredor*, que puzeram diante dos passos das duas correntes.

«O *Bahr-el-Ghazal* é o ultimo affluente do Nilo pela margem esquerda; ora, do *Makran-el-Bohur* ao Mediterraneo, medeiam 3.700 kilometros, uma extensão como a do Rhodano na extremidade do Danubio! O Nilo torna a receber á direita o *Bahr-el-Zaraf*, avoluma-se depois com o titulo de *Sobat*, rio ainda pouco conhecido, ao qual se suppõem 1.100 kilometros de extensão e cujas aguas leitosas não desapparecem facilmente na côr escura do rio; mas, logo que as aguas de um se confundem com

as de outro, passa o Nilo de escuro a esbranquiçado e dahi em diante toma o nome de *Bahr-el-Abiad* ou rio Branco. » *Sobat*, nome do affluente, tirou-se de *soboles* (filho), e equivale a *bahr*, palavra tantas vezes repetida a proposito de outros tributarios do Nilo. Entretanto, *subare*, significa—*andar a porca sahida*, mas acontece que *porca*, designa o *rego aguadeiro para desaguar o campo*, ou a *terra mais elevada que os dous regos dos lados*. Os dous regos dos lados são justamente os dous rios que misturam suas aguas no *Mokran-el-Bohur*, e que formam como um angulo recto no ponto aonde encontram com o *Sobat*. *Lira*, synonymo de *porca*, leva a *lirare* (fazer margens cobrindo a semente), ou apparelhar as leiras; e si por esta imagem devemos entender o artificio empregado para fecundar os campos, *semen* (semente), exprime tambem a noção de *origem*, que se refere ao novo rio, cuja nascente é até agora ignorada. E' de uma *construcção*, que se trata, como se verifica ainda pela comparação entre *porca* ou *lira*, e *area* (arare). A *porca sahida* é, portanto, um *canal feito em terreno mais alto* (egressus), do que o leito principal do Nilo, e que por isto furta á observação ou occulta o ponto de partida (tegere semen). O segundo termo componente de *Sobat* (bat), repete a ideia de *artificio* por *batiaca* (vas), assim como por *batuere* (apertar), acção esta que se representa pela expressão — *arcte seligare* (atar de modo estreito ou empregando a força). Mas *bat*, é tambem a interjeição com que se manifesta a *repugnancia*, e já se vê que o *filho do Nilo* oppunha resistencia (refragari), ao destino que lhe traçavam, graças á altitude do terreno em que deslisa. Como se tratava de cousas contradictorias ou incompativeis, foi de mister oppôr á *repugnancia*, a contradicção (repugnare), mas á custa de trabalhos bem dirigidos

e difficeis. Reunindo a ideia de *lados*, que se encerra em *porca* ou *lira*, á de *subordinação*, significada pelo prefixo *sub* (de *Sobat*), acharemos o composto *sub latere* (estar quasi escondido debaixo); e por este processo se substitue o significado de *lirare*; mas, como *sublatio*, corresponda á nossa palavra *levantamento*, nota-se que foi indispensavel suspender o rio até á altura do canal, ou, antes, dar ao terreno em que este se prolonga um nivel correspondente ao da corrente do Nilo. E' de prevêr, portanto, que não se saberá jámais da origem natural do *Sobat*, como da do Nilo; e a razão é que o producto do *Nyanza* deu nascimento ao supposto rio que lhe corre á direita, recebendo, comtudo, o tributo das aguas pluvias despejadas pelo canal na estação das cheias.

Affirma-se que as aguas do *Sobat* são leitosas, e esse nome geographico fala de côr de castanhas ou *baia* (*ba-dius*). O *baiò* é o mesmo *castanho claro*, mas *castanea* (castanha, castanheiro), formou-se por intermedio de *castus* (sem macula ou sombra). E' que o *leitoso* representa uma transformação do *barrento*, como se vê nas aguas produzidas pela chuva e levadas da terra para os rios.

A principio, a côr é *baia carregada*, porém insensivelmente vai tomando novo aspecto, até parecer *branca*, mais ou menos clara. As materias mineraes de que esteja saturado o terreno explicam essa côr de leite; e *candidus*, synonimo de *castus* e de *albus*, não contradiz o testemunho dos geographos sobre a coloração do *Sobat*. Convém, todavia, não perder de vista, que *candidus*, tem o mesmo radical de *candens* (branco ou côr de fogo); e que assim os alluvios são a causa explicativa do phenomeno notado. Observaremos, afinal, que a *brancura* dessa parte do Nilo

acha-se attestada pela palavra *baptēs*, synonymo de *lapillus* (perola).

Dizem que o Sobat formou-se pelo concurso do *Bondjak*, do *Baro* e do *Djubba*, assim como attribuem-lhe uma bacia de 150.000 kilometros quadrados. Vejamos si esta informação é verdadeira. O nome de *Bondjak* formou-se por intermedio de *bonus* (util), de *dies* (alimento) e de *aqua* (agua). Não se póde contestar que aquelle rio seja, como affirmam, um cooperador do outro. Entretanto, como *Bona*, é o nome da mulher de *Janus*, e este deus nos dê a ideia de *corredor*, acha-se por *circuitio*, o complemento da noticia geographica, porquanto é o *Sobat* que faz a volta em redondo, como se póde verificar pela inspecção da carta. Já tínhamos achado o nome de *Janus*, dito a proposito da junção entre o *Bahr-el-Ghazal* e o *Nilo*, que se realisa no *Mokran-el-Bohur*. Ora, por esta circumstancia se affirmá ainda, que o *Sobat* é uma criação do *Nilo*, ou que é o mesmo *Janus* (corredor do *Nilo*), tambem chamado *vas* (baptisterium). O segundo affluente nomeado do *Sobat* tem o nome de *tolo* ou insensato (*baro*), o que se póde explicar por *insulsus*, *frivulus*, *ineptus*: é que o supposto tributario não traz nenhum proveito ao rio principal. *Insulsus*, se diz do que é *importuno*; *frivulus*, do que não tem utilidade, sendo que *frivola*, falla de *vasos quebrados*; *ineptus*, finalmente, traduz a ideia de *desmazelado*, e, portanto, de *frouxo*, *preguiçoso* (hebes). Entretanto, como *Hebes*, é o nome da deusa da mocidade, podemos suppôr que o concurso do *Baro*, bem que *inutil* ou *impertinente*, não deixa de *affirmar-se* (juvare), prejudicando a solidez do canal que lhe serve de escoadouro. Assim, figura-se pelo *vaso quebrado*, o mesmo *Sobat*, pois este vocabulo encerra o radical de

baptisterium, e aqui ainda não é difficil ler a noção de *moer*, *gastar* (terere). Si o canal formado pelo Nilo é como um *vaso* ou arteria que se *rasgou* no sólo (*vas scissum*), o *Baro* abre-lhe fendas e rachaduras, que se qualificam exactamente como trabalho *inepto*, *inopportuno*. Fornecendo ao Sobat tributo imperceptivel, por ser lento e preguiçoso, deve, comtudo, tornar-se-lhe funesto, quando as aguas da chuva augmentam-lhe as proporções e o precipitam para a sua foz.

Arare, pois que *baro* contém o radical daquella palavra, significa, no caso vertente, *trabalhar sem proveito* (*arare littus*); e por *littus*, se allude á *fricção e raspadura* (*litturare*), que consome as ribanceiras (*littora*) do *Sobat*. Assim como *Hebe* quebrou os copos do Olympo, o *Baro* destróe o *vaso* construido pela industria incomparavel desses reis da hydraulica. Em resumo, a função desse *impertinente* é *arquear*, *curvar*, e mesmo *atravessar* (*varare*, *baro*) o obstaculo que se lhe offerece 'na passagem, destruindo as anteparas que protegem o canal contra a accção das enxurradas (*vari*). O *irmão* (*par*), commove-se ou muda de logar (*variare*), com as *variações* (*variatio*) desse *zambro* (*varus*), que se arroja temivel como a onça africana (*varia*), sobre a presa.

Não deixaremos de dizer que a *preza* (*res parta*) póde ser entendida, segundo a nossa lingua, pela *agua reprezada em açude* (*lacuna*).

Resta examinar o nome do terceiro affluente do Sobat. *Djubbal*, á primeira vista, significa *alimento util* (*dies juvenans*); mas reconheceram-lhe um *imperio* (*juba*), ou *regale jubar*, tão consideravel para aquelle que o soffre, como o triumpho romano para os vencidos. De facto, *jub*, leva a *jubere* e *jubilum*, assim como *bal*, dá ideia de

triumpho, por *balare*, donde se tira a noticia do facto expresso por *ovatio* (ovação). O rei aquatico vem fazendo estrondo em sua marcha (*jubilare*), semelhante ás acclamações de alegria (*jubilatio*). As aguas desse rio deviam ser normalmente *amarellas* ou côr de ouro (*jubar*), mas como se representa a noção de *luar*, por *jubar album*, é preciso confrontar aquella circumstancia presumida com a palavra *dies*, que significa *lux do sol*, e com a terminação do nome geographico, que entra na formação de *albus*. A côr *amarella* do rio explicar-se-hia pela origem, que a mesma ainda ha pouco notada a respeito do leitoso do Sobat, chamado a principio *baio*.

Como semelhante coloração provenha das enxurradas, que são as mais das vezes de côr *barrenta*, accumulou-se na palavra *Djubbal*, como vimos a proposito daquelle canal, a significação de *amarello* (*badius*), e a de *branco de perola* (*bates*), nos respectivos termos componentes (*dies* e *jubar*, *jubar album* e *uber*). Acha-se no elemento do nome *uber* a significação de *mamma* e de *fecundo*; mas *ubertas*, falla de *abundancia de leite*, e, portanto, podemos concluir que o aspecto leitoso do *Sobat* é devido ao *Djubbal*. Como a *côr lactea* não fosse propria do Sobat, eis por que se poz na palavra *bates* a noção de *pedra odorifera*, ou que só póde ser achada pelo faro, isto é, procurando-se o rasto da coloração imitativa da *perola*, da qual participa o Nilo no seu encontro com as aguas do novo canal. Eis tambem por que em *castanho* se descobre a noção de *branco* (*castus*), unida á de *agnus* (cordeiro), mas approximada da de *amarello* ou *barrento* pela significação do vocabulo *badius*.

Entremos novamente na descripção do curso do Nilo: «Depois de ter banhado as aldeias dos *Chilu'* e dos Den-

kas, povos pastores, o Nilo vae esbarrar com o *Bahr-el-Azrak* ou rio Azul, tambem como elle nascido de um lago, do *Taana* da Abyssinia, muito menos extenso, porém muito mais volumoso do que o Nyanza do Nilo. Este encontro verifica-se em Kartum, a 400 metros de altitude. O *Bahr-el-Azrak*, rio cuja extensão orça por 1.500 kilometros, traz na época da estiagem 159 metros cubicos de aguas azues, as quaes gastam immenso tempo em se confundir com as do *Bahr-el-Abiad* (Nilo branco), cuja côr branco mate, provém da argilla que nellas vai dissolvida.»

E' sabido que o Nilo toma o nome de *Bahr-el-Abiad* (Nilo Branco) no seu encontro com o *Sobat*. Pois bem: provado, como ficou, que este ultimo é um *canal*, resta saber si tinhamos razão quando affirmámos, que o Nilo recebe do *Sobat* e se indemnisa das aguas que este lhe arrebatava em seu curso para léste. E' o que o nome dado ao Nilo nesse ponto de sua carreira vai revelar-nos. *Bahr-el-Abiad*, resolve-se em *filho que devora o ausente* (*bar*, helluare, abiens, ad), e não ha uma só palavra inutil na indicação que analysamos. *Ad*, tanto significa *junto*, como *daqui*, e é o radical de *addere* (acrescentar), e de *adire* (ir ter com alguém). Pinta-se, portanto, fielmente por aquelle aggregado onomastico já a *juncção* do rio com o canal, já a *separação*, que se realizou immediatamente depois, já o curso independente dessa corrente que se lança para longe, já a força que se dispendeu para semelhante resultado (*adactio*), já finalmente, o facto, que principalmente nos interessa agora, qual o de tirar proveito a corrente principal daquelle que vae *acrescentar-se* pelo concurso de afluentes.

O termo *bar*, a que damos a traducção de *filho*, prende-se á palavra *barathro* (comilão), ou *barathrun* (cova

profunda). *Liber* (filho) é também o nome da *composição que se divide em partes distinctas* (livro), como também daquillo que *se move de modo independente*: não ha, pois, uma só noção representada pelo nome do *Nilo Branco* que não convenha ás conclusões já tiradas das outras palavras que passámos em revista, no intuito de reconstituir a historia do grande rio.

Approximamo-nos agora do outro affluente do Nilo, e que é o *Bahr-el-Azrak*, corrente sahida do lago *Paara*, na Abyssinia. O *Bacchus* (*Liber*), do lago *Nyanza* traga, em sua sêde inextinguivel, essa consideravel corrente que lhe chega da Ethiopia. O nome *Azrak* procede da agglutinação entre os termos *as* (todo), ou *tão grande* (totus), *racemus* (synonimo de *Bachus*), e *aqua* (agua). O *deus do vinho*, entre os antigos, desdobrava-se em cinco entidades, e por isto se diz que havia *cinco Bacchus*. Isto quer dizer que o Nilo, nessa altura, attingiu a ultima estação de seu curso, ou tornou-se *completo*, pois desde então não recebe mais tributarios. O primeiro tributo vem-lhe do *Nyanza*; o segundo, do *Bahr-el-Djebel*; o terceiro, do *Bahr-el-Ghazal*; o quarto, do *Sobat*, e o quinto, do *Bahr-el-Azra'*.

Assim, é exacto que, misturando suas aguas com o affluente da Abyssinia, o Nilo torna-se um *todo* divisivel, como o *as* romano, e, ao mesmo tempo, *completo* (totus, integer). O *Bahr-el-Azrak* é também chamado *Nilo Azul*, de modo que o nome da corrente principal torna-se o da secundaria, com a restricção expressa pelo qualificativo (azul). Sabe-se que *azul*, traduz-se por *ceruleus*, e deste facto sem importancia apparente, pôde-se illagir que o *Bahr-el-Azrak* é um *canal* como os outros que foram apontados. De facto: *ceræ*, fala de *favos*, e *ruleus*, do *ferro da agulhada*, que serve para limpar

o *arado* (rullum), e que também se chama *raspador* (radula).

Por sua vez, *strigilis* (alimpador), restitue-nos a ideia de favos ou de *cortiço* (vas), indicando-se por *strigatus*, a cousa *lavrada em regos*. Ora, em *Azrak*, acham-se os radicaes de *asarotum* (pavimento marchetado, que parece sujo), e de *asarum* (nardo), que é também o nome do unguento feito dessa planta. Por *unguen* (unguento, graxa), chega-se á ideia de *arvina*, palavra composta de *arvum* (campo roteado) e de *vinum* (Bacchus). Assim, o rio que se compara com o *liber pater*, apparece sob a fórma de *favo*, de *aguihada* ou raspador, e de *campo lavrado*, mas que não recebeu semente. *Asa*, é apenas variante de *ara*, e esta de *hara* (possilga), e por semelhante approximação se percebe que o sitio onde se dá o encontro das duas correntes era um *lamaçal*, que se teve de drenar e aterrar, trabalho preparatorio para a abertura do sulco ou formação do canal. Por outro lado, como *rac* (de *Azrak*) seja elemento integrante de *racemus* (cacho), e os cachos de *Bacchus* também possam ser chamados *corymbos* (de *hera*), achamos por *corymbus*, a noção de *toucado*, e por *caliendrum* (toucado), a de *travessa* ou *vereda* (callis), que se fez para o interior (introrsus). Logo, para encontrar a corrente vinda das montanhas da Abysinia, foi de mister cavar o solo, ou abrir o vallado por onde se operasse a junção das aguas. A *hera* (hedera), referida por *corymbus*, conduz novamente á noção de *unguento* (hedyclerum), pela qual se apura a de *abranda-mento da pelle*, correspondente á de nivelamento ou declividade do terreno (cutis terræ), pois a planta de que se trata é uma *trepadeira*. Approximemos, finalmente, *racemus* (cacho) da ideia de liquido (vinum), e notemos

que o supprimento trazido á corrente do Nilo pelos mananciaes da Abyssinia, chega em fórma de *cachoeiras*, pois esta palavra portugueza é um derivado de *cacho*.

Não precisamos accrescentar que a Abyssinia é a terra das *cascatas*; mas, para que fossem conduzidas para o Nilo, fez-se necessaria a creação de um canal e a drenagem do terreno pantanoso, alagadiço, donde se tirou o alveo do rio. Peçamos á comparação o que nos foi dado pela analyse, e assim submeteremos á contraprova os resultados obtidos. Pois que o *Bahr-el-Azrak* nasce no lago *Taana*, vejamos si este nome geographico confirma ou contradiz o que nos foi revelado pelo outro. O primeiro termo componente de *Taana*, tanto podia ser destacado de *Taautes* (deus phenicio, correspondente a Saturno), como de *tanacx* (costellas de porco).

A palavra *Saturnus* accusa os elementos *satus* (semente) e *tornus* (instrumento de torneiro). A *semente* que faz *gyro* para perder-se no Nilo é a *agua* (semen, origo), que sahe do lago da Abyssinia. As *costellas de porco*, que formam o esqueleto daquelle rio, são as *ilhargas do valado* (costæ porcæ), que fornecem o alimento para a viagem da corrente. Mas *Taana*, si nos confirma sobre a existencia de um *alveo artificial* (porca), accrescenta pelo seu segundo termo integrante, que houve uma *distribuição* (Anna, Dido, didere), desse supprimento liquido, função aquella exercida pelos *canaes* (canaes, quibus aqua in privatas domus inducitur). Realmente, o gyro feito pelo *Bahr-el-Azrak* não tem outro intuito sinão o de fecundar as terras adjacentes. Entretanto, não convém perder de vista, que a palavra *ilharga* (costa) traduz-se por *ala*, e que se trata de uma *aza* do Nilo (ansa, ala), prolongamento da primeira, o lago *Nyanza* (ansa). Por *ansa*, se

affirma aquillo mesmo que dissemos a respeito da origem desse rio, isto é, que o valle por onde corre o *Bahr-el-Azrak* não é natural e foi aparelhado pela industria humana. Póde-se tirar do nome do lago a noticia, aliás superflua para nós, de que as aguas do ultimo affluente do Nilo são de côr *azulada*: isto nos é communicado pela approximação dos vocabulos *tanos* e *Taana*, cujos radicaes são communs. *Tanos*, designa a *esmeralda grosseira*, imperfeita, e sabe-se que essa *pedra*, quando apresenta a côr *azulada*, é tida como inferior ou de pouco preço. O ruido das cascatas que formaram o ultimo affluente do rio egypcio, está representado pelo nome de *Azrak*, onde se lê a ideia de *rosnar como os tigres* (*raccare*). *A inutilidade* dessas aguas naturaes, mais tarde aproveitadas pela arte do homem com a creação do conducto fecundante, está expressa pelo vocabulo *racemarius* (pernada esteril da vide). Observa-se que aqui a *vide* repete o nome de *Bacchus*, a quem se liga a historia do Nilo desde a sua origem. Não devemos passar sem reparo, que *thamus*, designa uma especie de *arbusto*; mas si o nome do lago (*Taana*) conduz a essa approximação, o vocabulo *arbuscula*, por sua parte, instiga a nossa curiosidade, pela significação que ella nos dá, de *machina com varias rodas*. Como toda machina seja artific'o, podemos deprehender dessa assimilação, que o ponto de partida do *Bahr-et-Azrak* ou o lago *Taana* deve sua existencia ao plano geral dos constructores, que fizeram convergir para o Nilo todos os mananciaes e affluentes que se lhes offereceram no caminho. *Moles* (machina) dá ideia de qualquer *obra para ter mão nas aguas*, e as *varias rodas*, de que se cogita, são a fórma orbicular ou redonda do lago artificial (*orbiculatus*). Como *rota*, signifique o mesmo que *currus* (navio), recomporemos por

alveus a informação que nos prestam sobre semelhante construção.

Realmente, falando *alveus* de *veia d'agua* e de *madre do rio*, a indicação sobre *varias rodas* da machina equivale ao asserto de que a obra central tinha por objecto aproveitar as fontes disseminadas, das quaes não se auferia nenhum proveito. O artificio consistiu em reunir todas essas contribuições diversas, das nascentes, e conduzi-las de modo a engrossar o volume da corrente dominante, depois de serem distribuidas por uma extensa região, tornada por isto ubertosa e opulenta. Eis por que se fala em *pavimento marchetado* ou nas obras de embutido (*asarotum*): não só se procedeu á consolidação do leito do rio e do reservatório principal por meio de obras de alvenaria (*insertum*), como á *inserção* e mistura (*inserere*) dos diversos veios, antes dispersos e inefficazes. A mesma palavra *alvenaria*, depõe a prol de nossa interpretação, pois encerra os termos *alveus* (madre do rio) e *vena* (veio d'gua). Em summa, o *Taana* é como um *pater* (*tata*), que se estende e se divulga (*patere*), mas formado por bacias independentes, que foram ligadas pela arte (*annectens*). E' um *canal* proprio para a distribuição das aguas (*Anna*, *Dido*, *didere*), que denuncia um esforço colossal das populações vindas da India (*tanacetum*), e pela sua grandeza é como um *viveiro*, que conserva os peixes grandes (*cetariæ*), mas tendo a forma do monstro marinho que os latinos chamavam *cetus* (baleia). Pelo *cravo da India*, que ficou mencionado (*tanacetum*), somos informados de que os *olhos* do lago ou as nascentes que o alimentam são *pequenas* (*ocellus*), considerada cada uma de per si, mas avultando pelo conjuncto, como um *oceano* (*oceanus*). Ha na Europa um rio do mesmo nome, é o *Tana*, que separa o *Finmark* da *La-*

ponia russa, ao qual podem ser applicadas, *mutatis mutandis*, as informações que a etymologia nos offerece sobre a origem artificial do lago abyssínio.

Leiamos em seguida a descripção que nos faz O. Reclus, do *Bahr-el-Azrak* (Nilo Azul): « O *Bahr-el-Azrak*, rio cuja extensão orça por 1.500 kilometros, traz na epoca da estiagem 159 metros cubicos de aguas azues, as quaes gastam immenso tempo em se confundir com as do *Bahr-el-Abiad* (Nilo Branco), cuja cor branco-mate provém da argilla que nellas vae dissolvida. Por occasião das grandes cheias, remoinham no seu leito, de 500 a 1.000 metros de largura, 6.104 metros de aguas vermelhas que arrastam comsigo o que ha de mais precioso no nateiro do Nilo, argillas, areias impregnadas de oxydo de ferro ; tambem outro rio abyssínio, parallelo ao rio azul, mas que por ser muito mais fraco, nem sempre consegue chegar até ao Nilo, o *Albara*, conduz igualmente o terriço vermelho que fecunda Misraim. Aos 6.104 metros da cheia do Azul oppõe o Branco tão sómente 5.005, mas aos 159 metros da estiagem oppõe-lhe 297, e na média do anno é o mais abundante.

Ambos elles reunidos, o Branco e o Azul, não levam, de Kartum para baixo mais de 450 metros cubicos nas aguas mais baixas e 11.100 nas mais altas : « não é sequer para comparar com a força do Rhodano, na Provença ». O *Atbara* corre circularmente, á imitação do *Bahr-el-Azrak* (varare ad) ou com este se dirige para o Nilo, ao qual já vimos dar-se o epitheto de *pego* (barathrum). A direcção é a mesma, mas não se póde sustentar que o *Atbara* seja um affluente do Nilo, salvo quando transborda e *atravessa* (varare) até mais longe. O que se disse do *Baro* tem applicação ao *Atbara*, vocabulo este onde

se lê o termo *at* (ao menos), synonymo de *minimum* e de *saltem*. A significação de *saltem* representa-se pela phrase : *si outra cousa não pôde ser*, e a de *minimum*, pela : *de nenhuma sorte*. Ou está *ocioso* ou *trabalha* (variare labore otio, otium labore) : é o que se quiz exprimir pela denominação do rio. Trata-se de um *inconstante*, como seja o affluente do *Sobat* (varius), e como *varare*, signifique *arquear*, é de suppor que o leito do *Atbara* seja muito deprimido, de modo a refreiar a corrente que se transmite raramente ao Nilo. Nas cheias, elle deve *damnificar* o alveo do Nilo (varare). A cor do *lodo* que o contribuinte remisso leva ás aguas niloticas está indicada pelo vocabulo *baroptenus* (pedra preciosa negra com pintas vermelhas e brancas); mas devemos concluir que essa circumstancia é commum ao terriço carregado pelo *Baro*. Não se pôde suppor que a *coloração sanguinea* do Nilo, em certa época do anno, provenha exclusivamente dos dous suppostos afluentes; e vimos opportunamente que ella parte de mais longe. Accrescentemos que os dous pespegos ou *maniacos* (baro), como são chamados o *Baro* e o *Atbara*, aprenderam a solfa dos elephantes (barrire), que elles imitam pelo estrondo durante a estação das *cheias* (varix), quando alargam as pernas (varitus) e pinoteiam (variare gyros).

« Resta ao Nilo por vencer uma ultima cordilheira de grès que preparou com cascatas, ou antes com extensos rapidos sobre granitos. Contam-se no Nilo seis dessas famosas cataractas, que na realidade pouco têm de grandiosas, mas antigamente tudo quanto tinha relação com o mysterioso rio era tido por miraculoso e a gloria dessas cachoeiras é uma falsa gloria que vae entrar nos limites da modestia no continente onde desce o Zaire, onde salta

o Zambeze. A primeira das cataractas do Nilo, denominada a sexta, por ser a ultima que se conta a partir do Egypto, em summa, a cataracta de *Garri*, simples rapido que passa entre paredes graniticas, é a « porta Nubiana », na entrada superior da Nubia ; a sexta, denominada a primeira, e que existe nas immediações de Assuan, a 100 metros de altitude, é a « Porta Egypcia », á entrada do antigo Egypto ; a mais bella de todas, a quinta cataracta, que se encontra vindo de montante, e a segunda vindo do Delta, numa palavra, a de *Uadi Halfa*, não é mais do que um extenso sorvedouro, um dedalo de canaes e ductos abertos na pedra ; mas nenhum destes mil escoadouros corre por entre penhascos tão elevados que lhe escureçam a queda ou o deslizar da onda, e o rio desce dividido em mil ribeiros dispersos, desacompanhado de estampidos, de fragores, do estrondear das cachoeiras. Sobre a cataracta da *Porta Egypcia*, ou pouco menos, passa o tropico de Cancer. » Parece que havia alguma razão para esse mysterio admirativo que se ligava ás cachoeiras do Nilo. *Cataracta*, podendo-se traduzir por *alveo fundado* ou estabelecido, pois que *catta*, significa *navio* (alveus), e *rata*, é uma fórmula generica do adjectivo *ratus*, semelhante fundação deve ser incluída entre as maravilhas do mundo. Talhar no granito o leito de um rio, para que este possa transpôr uma cordilheira, não é trabalho muito vulgar, para que mereça o desdem. Esse dedalo de canaes e ductos abertos na pedra deve, pelo contrario, desafiar um sentimento de pasmo e de surpresa ; tanto mais quando, como diz o nosso geographo, uma das quedas d'agua vence a grande altura de cem metros. Estas obras lembram as *comportas* ou portas levadiças dos castellos (cataracta) ; mas não ha

logar para a approximação entre cousas que só se assemelham pelo destino ou função exercida. Que problemas de hydraulica e de mecanica não foram resolvidos por esses homens corajosos, que entenderam de dotar um areal esteril com um rio fecundante, vencendo para isso distancias e difficuldades incriveis ! O nome de uma das *cataractas*, Garri, prende-se a *garus* (especie de lagosta).

Por sua vez, *locusta*, dá por *locus*, a ideia de uma *disposição de cousas* dependente do tempo e da commodidade, mas que causou *pena* e *afflicção* (ustus, urere). Mas, como *Garri* seja a mesma palavra *carrus*, vemos que nos restituem a noção expressa por *alveus*, e que tirámos de *cataracta*. Em uma palavra, *carrus* (currus) é synonymo de *alveus* (madre ou leito do rio). Afinal a natureza *sorrriu* (arridere) para aquelles que venceram a natureza ou chegaram ao termo desse trabalho extraordinario.

A *porta Nubiana* guarda tambem uma recordação historica : ha pouco falámos da *lagosta*, mas *locusta*, é igualmente o nome do *gafanhoto*, e por *nubes locustarum* se entende a praga muito commum no Egypto.

O paiz onde se concentravam tribus nubias foi, portanto, assignalado pelo mesmo nome dado á *cataracta*; e constituida a raça dos Pelasgos, era natural que o vocabulo *nubes* recebesse tantas applicações e envolvesse tantos sentidos, como se nos deparam nas legendas. A *cataracta* passou desde então a ser cousa *perdida*, *roubada* (rapta), para os seus antigos constructores ; e nesse sentido a *porta Nubiana* poderia ter como distico o annexim latino : *porta itineri longissima* (o que mais custa é começar).

Lembramos ainda, que os tropicos de *Cancer* e do *Capricornio* recebem a denominação latina de *portæ solis*, e

que o *sol pelasgico* era o mesmo *soalheiro* que se comparava com a *nuvem* prenhe de borrasca, que deu o nome aos *Nubios*. Como *porta*, significa tambem *começo*, nota-se que da primitiva *Nubia* ou costa de Guiné foi que vieram os fundadores do novo mundo, dado na legenda biblica como sahido do *nada* (Nil:).

A outra cataracta recebeu o nome de *Uadi Halfa*. Torna-se manifesto que *Uadi*, é *vadus* (vão, fundo do rio), e *Halfa* reproduz a palavra *alpha* (primeiro, principal). Por isto é justo que se considere a cataracta da *porta Eglypcia* como a mais bella de todas, sem falar na importancia que apresenta como obra d'arte. Esta obra, que suppõe esforço consideravel, nos é denunciada pelo radical de *adactio*, que se encerra em *vadus*, além do que já ficou exposto a respeito de todas as cataractas. O mesmo se pôde concluir da significação de *Halfa* (alpha), que fala de *rei* (regere), e tambem de uma *invenção artistica* (littera). Ahi estão os dedalos e o fervedouro, aonde se perdem ductos e canaes. Tudo foi disposto com intelligencia e previsão nesse trabalho prodigioso. Pôde-se dizer que com a emersão da agua nesse ponto do curso do Nilo venceu-se uma grande difficuldade (emergere e vado).

Vejamos como é justamente considerado o effeito da distribuição da agua pelos estrangulamentos da serra. « Estes extensos estrangulamentos do granito, restos de antigas cascatas, já quasi extinctas, por onde a agua passa effervescente e fremindo, *retardam a passagem do Nilo para maior proveito do mesmo Nilo e dos povos cujas terras fertilisa* : si o rio corresse com maior velocidade, sem encontrar nenhum obstaculo entre Kartum e o Egypto, seria mais rapida a sua cheia, mais ephemera tambem, e a sua

estiagem em terras de Misraim miserabilissima. E' o que succede no Senegal e no alto Niger francez, onde alguns canaes de rochedos conservam represas as aguas do inverno, de sorte que na estiagem corre delles mais agua.

Nas proximidades da grande volta ou cotovello que faz em Abu-Hamed, abaixo da quarta cataracta, começam as irrigações, e dahi em diante vae o rio diminuindo de volume á proporção que avança para jusante e corre por entre os grandes monumentos da architectura pharaonica. Canaes na extensão total de 13.440 kilometros distribuem por diversos portos as aguas da cheia, bem como os lodos que ellas acarretam sem que se lhe reuna um unico affluente visivel, um riacho, ou sequer o humilde borbotão de agua que irrompe do solo fazendo voltear doidamente as finas areias circumjacentes. » O autor accrescenta em nota, que a diminuição do volume do Nilo, á proporção que avança para jusante, é maior do que se devia esperar de tantas perdas d'agua, sem accessão de afluentes, mas explica o phenomeno pela existencia de *nascentes subterraneas*, das quaes, entretanto, já demos noticia a proposito de outros canaes mais proximos da origem do rio.

« Na parte do valle percorrida pelo Nilo e pertencente ao Egypto, valle sempre uniforme, encontra-se em cada volta do rio uma perfeita semelhança entre o que se depara a jusante e o que se observa a montante : as mesmas aguas impuras ou puras, segundo a estação, as quaes nunca têm menos de 500 metros de largura, nem mais de 2.200; numa e noutra margem innumeraveis bandos de passaros maquiando o trigo das searas ou espreitando e apanhando o peixe, que as cheias impellem, sempre as mesmas grandes aldeias edificadas de argilla e de adobes, os mesmos marabús, as mesmas culturas de arroz, de cereaes, de anil, de

algodão e de pastagens, as mesmas palmeiras sob o mesmo céu implacável, de onde desce um « *spleen luminoso* ». Ao longo das suas margens, desde a orla do rio até aos taludes deshabitados, 5 milhões de palmeiras absorvem pela raiz o benéfico Nilo e pelas comas os raios solares do Sahara; e assim prosperam estas nobres arvores com os pés mergulhados em poças d'água e as folhas num oceano de fogo.

Unicamente as rochas libycas ao occidente e as arabicas ao oriente variam de natureza e de aspecto: formadas de grés-rosa nas immediações de Assuan, passam em seguida a ser constituídas de grés puro e depois de calcareo. Estas duas fiadas de rochas, que por muito tempo correm parallelas e proximas uma da outra, apenas n'algumas cousas se parecem entre si: a muralha arabica, além de ser mais elevada, apresenta maior numero de linhas quebradas, de picos, de deslocamentos e de soluções de continuidade: existe até em Kenek uma especie de abertura por onde passa o Nilo, cuja parte direita neste ponto dista apenas 100 kilometros do Mar Vermelho. » Nessa descripção não se póde tomar á parte sinão o nome de *Kenek*, pelo qual se designa a abertura que serve de passagem ao rio. *Cae-neus*, sobrenome de *Jupiter*, designava o promontorio hoje de *Eubea* e *Necate*, o de Italia.

Em *promontorium*, se pôz tambem a significação de *monte alto*; e si a juntarmos com a ideia enunciada por *promere*, vê-se que no logar indicado o Nilo *foi tirado para fóra* ou *levado para diante* (promover). Para tanto, foi de mister escalar a rocha, ascensão fatigante, como nos é attestada pela palavra *enecare*. *Enico*, se põe por *eneco*, assimilação esta que nos leva a *eniti* (forcejar, fazer alguma cousa com fadiga). Mais uma vez se descobre a prova de um esforço humano associado á marcha do rio.

« Entre as duas serras corre o rio sagrado, espelhando-se nelle templos, palacios derruidos, columnas, esphinges e ossuarios.

E 500 milhões de mumias, tantos quantos milhões de almas conteem a Europa e a Africa juntamente, jazem, deitados neste valle por onde tantas gerações passaram. Mais feias, mais seccas do que um esqueleto, negras, com uma pelle suja como pergaminho, têm ás vezes por companheiras mumias de animaes, especialmente do crocodilo, de sorte que se entrando nos hypogeus, com a vista ainda deslumbrada pelo nitente quadro do Egypto vivo, se passa a contemplar, á luz das tochas, a immovel caricatura do Egypto morto.

«Depois de ter deixado após si Thebas, a cidade das cem portas, que tinha 50 kilometros de circuito, mais do que Paris, e monumentos feitos para durarem vinte vezes mais seculos, graças á solidez das construcções e ao clima em que se encontram, depois de ter passado Tentyres, Ptolomea, Antinoe e Memphis, florescentes cidades de outr'ora, depois de ter deixado tambem atraz de si o Cairo, hodierna capital, e quasi á sombra das pyramides, divide-se o Nilo, nos dous braços, para enlaçar o seu formoso delta, o primeiro a que se applicou este nome grego. O lôdo amontoado que o forma, tem 175 kilometros de comprimento e 208 de largura na base, apresentando uma superficie de 2.219.800 hectares. Diz a velha historia, que antigamente se lançava o rio por este braço no Mediterraneo, onde suas aguas, umas vezes turvas, outras vezes esverdeadas, mantêm por instantes a côr propria no seio das ondas azuladas, mas na actualidade tem apenas dous braços : Nilo de Rosetta, e Nilo de Damietta. Este ultimo, mais extenso 23 kilometros que o

primeiro, despeja durante a estiagem apenas 201 metros, os quaes, num anno que seja secco, podem baixar até 330. E é este o segundo rio do mundo em extensão, si não é o primeiro. As cheias sobem a 13.400; o modulo é de 4.750. Nenhum dos dous braços, cujos leitos são de areia e de vasa, admitte navios. O Nilo em vez de empurrar até ao grande abysmo os lôdos que nas cheias arrasta, deposita-os, por successivas accumulações, em todo o campo por onde passa, e assim vae enchendo lentamente os lagos do Delta, o *Menzaleh*, cuja superficie é de 120.000 hectares, o *Burlus*, o lago *Abukir*, o lago de *Edku*, e o *Mariu* ou *Ma-reotis* de Alexandria. Nenhuma destas lagunas é profunda: separadas do Mediterraneo por um cordão littoral, com aberturas para o mar, quando o Nilo transborda, têm grande semelhança com os lagos do Languedoc.»

Os nomes dos lagos são a continuação da historia do Nilo. *Menzaleh*, faz referencia á *intenção*, *vontade* (mens), e á *credencia de pratos* (mensa), pois o rio representa o *prato grande* (magis mensa), ou as *iguarias do banquete* (catinus). Isto mesmo se diz pelo termo respectivo, *ala*, synonymo de *ansa*, recordando-se a origem do rio (Nyanza), além da identidade de sentidos entre *mensa* e *ara*. Mas *ara*, é o mesmo nome do *lamaçal* (hara), e esta indicação nos adverte de que o *pantano* foi convertido em *altar*, consagrado ao deus aquatico do Egypto. O segundo nome referido, *Burlus*, dado ao outro lago, foi tirado de *burranicum* (vaso), e por *vas*, se representa a *obra do homem* (baixella, mobilia). Como *vas*, fale de *cortiço de abelhas*, deduz-se dessa significação que o lago foi perfurado para os fins a que se adapta, como o outro passara de foco de miasmas para serviço de obra util. O terceiro, *Abukir*, parece, por sua vez, que de *charco nocivo* (abu-

sio) transformou-se em elemento proficuo (ucir, utilis), do mesmo modo que Theseu reduziu o famoso ladrão (Sciron), que devastara a Attica, a um montão de cinzas que foram offerecidas a Jupiter. Tambem se pôde invocar, como termo de comparação, a filha de Phorco (Scylla), que se precipitou no mar impellida pelo horror de sua propria figura e para escapar á fonte envenenada que lhe deram por asylo. O quarto lago, *Edku*, teve o fundo revolvido, ou puzeram-lhe ás claras o interior (edere culeum). Elle foi aplanado (edolare), ou *poliram-no* como um *vaso* (edolare culignam). Os constructores, entretanto, tiveram para isto de *comer mosquitos* (edere culices); mas venceram todas as difficuldades oppostas pela natureza ou insalubridade do terreno (edomare cultra naturæ); e não precisamos dizer que a *cabeça do homem* (culmen) converteu o *sacco* em *cozinha*, ou a *palha* em *telhado* (edere culinam, culmen). Dos *cuidados* que a obra *consumiu* (edere curas), pôde-se conjecturar pelo que ficou dito da obra realizada. O quinto lago, *Mariu* ou *Mareotis*, tornado escoadouro do Nilo (mare), era, entretanto, um *mar de sargaços*, como nos informa o termo *ors* (herva do Egypto), associado a *mare*. *Mareotis*, por seu lado, decompõe-se em *otis maris* (betarda do mar), e pelo nome da *ave* (otis tetrax), se allude ao pouso que ella costuma fazer nas *hervas*. Trata-se de um passaro selvagem, feroz, que não pôde ainda ser domesticado, e como se ligue a noção respectiva á do lago *Mareotis*, pôde-se concluir que o sitio indicado estava envolvido pela floresta ou no estado primitivo em que o poz a natureza. *Mare otii*, mar da paz e do repouso, mas tambem *cheio de perigos* (mare), eis o que era a localidade, onde os civilisadores do Egypto puzeram a mão nessa empreza ex-

tenuante, de converter uma nesga da terra *inutil* (otiosus) num rio caudaloso e fecundo.

Eis como um escriptor resume as suas impressões sobre a vista geral do Delta: « Sahido do seio das aguas, o Delta conserva a frescura de sua origem: ao ouro dos alqueives succede, no mesmo anno, a verdura dos prados, vergeis, grupos de arvores sempre verdes, outras dispersas, rebanhos de toda especie diversificam os pontos de vista e animam essa rica e verdejante parte do Egypto. Quintas, aldeias numerosas, accrescentam a belleza da paizagem. Aqui cidades mostram furtivamente seus altos e estreitos minaretes; alli, lagos e canaes, fontes de fecundidade perenne; por toda parte reconhecem-se os signaes de cultura facil, de uma primavera eterna e de uma fertilidade, sem cessar, renascente e variada. »

Vae terminar a descripção feita pelo geographo francez, a qual serviu de texto para nossas pesquisas: « Sem a inundação periodica do Nilo, e sem o adubo do escuro limo que o rio deposita, nem um ramo de herva rebentaria em todo o valle do Egypto, formado por um terço de 10 a 12 metros de profundidade amontoado de anno a anno, de seculo a seculo, pela cheia que arrasta as aguas esbranquiçadas dos planaltos argillosos e as aguas vermelhas dos montes ethiopicos. Dos 120 billiões de metros cubicos de agua, que passam pelo leito do Nilo nos 12 mezes do anno, pertencem 90 a um só trimestre, a época da grande cheia, isto é, a época comprehendida mais ou menos entre 15 de julho e 15 de outubro. No dia 10 de junho principia á entrada do Egypto a subir a agua, e começa a descer no dia 7 de outubro, com pequena differença. E' geralmente em maio que as aguas do Nilo correm mais baixas; quando attingem a maxima

altura sobem a sete e oito metros acima da estiagem, em frente do Cairo e a 16 e 17 metros em frente de Assuan, perto da porta Egypcia. » E' tempo de juntar rapido commentario ao nome, mais de uma vez citado, da *porta Egypcia*. *Assuan*, tem no ponto de vista das antigas legendas, alguma importancia, pois fala do *deus* que vimos attrahir os baldões dos povos vencidos, e que alli apparece sob o nome de *Janus* (la anus, velha filha de Atlas). Associou-se o nome da divindade ao da porta Egypcia, porque *janua*, tem essa significação; mas accrescentou-se que o *deus bifronte* procede do paiz fecundado pelo Nilo. Vimos que esse rio é designado pelo epitheto de *remendão* (*veteramentarius*), e comparado com o *Scythia*, que habita sob barracas de couro (*sutis domus*). E' o que nos diz tambem o termo *assuere*, agglutinado naquelle vocabulo (*Assuan*). Mas os cinco *Bacchus*, que representam igual numero de affluentes do rio, nos apparecem na fabula como mancebos imberbes, (*puræ genæ*), e por isto a palavra *assus* (puro) se põe aqui por *purus*, explicativo de *puer*, e portanto de *Liber* (filho). Mais de uma vez a palavra syro-chaldaica *Bar* (filho), figurou como designação dos affluentes daquelle rio; e agora mostram-na sob a fórma de *Assuan* (puro Janus), para dizer-nos que pela *porta do Egypto* passavam as duas divindades que se distinguem pelos nomes, mas que se amalgamam, em ultima analyse, formando uma só entidade primitiva (*assus sol*), oriunda do *soa-lheiro* africano (*apricus*, Africa). Essa passagem foi triste e enfadonha para a humanidade (*assus sol*), que acabara de realizar a obra prodigiosa do curso do Nilo, tirando-o das solidões inhospitas do continente negro e corrigindo assim o erro da natureza, apanhada em flagrante des-

cuido ou desorientação. E' pena que não se tenha nem sequer suspeitado a origem real dessa admiravel construcção, attribuindo-se sem fundamento os canaes que fertilizam grande parte do Egypto á iniciativa dos barbaros Pharaós, sahidos dentre os *Janus* e *Bacchus*, que passaram pela porta de *Assuan*. O *corredor* de Janus é o mesmo do Nilo; e o *homo ansatus*, que apparece mais tarde á frente dos destinos da terra habitada, sahiu do mesmo *nada* (nilum), que vimos posto nas origens do *rio sagrado* (Nyanza, ansa nili). As *azas de Mercurius* estavam nos pés, e por *pés*, se entende a raiz ou a parte mais infima de qualquer cousa : os selvagens, que sahiram das margens do golfo de Guiné, eram esses mesmos *homens alados* ou *ligeiros na carreira*, que formaram os exercitos (ala), de carniceiros e verdugos, cujas virtudes barbaras são ainda proclamadas pelos historiadores e decantadas pelos poetas, sahidos da mesma raça vagabunda e cruel. *Bestiæ volucres*, é o epitheto que lhes deram, tão adequado como o que applicam ao deus das burlas e seducções (volucer deus). As azas figuram nos calcanhares, porque os *patos*, ainda validos, postos na lista dos racionaes sob o nome de *Boschimam* ou de *San* (sanus), têm, como ninguem ignora, os pés espalmados e ageis. Não desentranhamos a relação ethnographica que se trava entre *ansa* (aza de vaso) e *anser* (pato); e agora acharemos a correspondencia mythologica, porquanto *anser*, é *sera amnis* (velha funesta), epitheto dado pelas legendas ao deus bifronte, que mais tarde apparece junto ás margens do Tibre (serus amnis), como *tumor maligno* (serum tuber), e a cuja memoria prende-se o costume de incinerar os cadaveres (seri ignes), que foi naturalmente introduzido pelos costumes da guerra.

Dentre os descendentes de *Janus*, sahirá *Neptunus* (unus toni nepos), o *peixe monstruoso* (thunus), que se figura como dominador dos mares, mas que é realmente o *Thracio* ou *Bithynio* (Thyni), de cabellos crespos ou caracolados (thynus), os quaes são como fuzis da cadeia (anulus thynus), que prendem ainda os pulsos de nossa humanidade degenerada. Dessa progenie descenderão aquelles a quem a historia deu o nome de *Medas*, fundadores da realza oriental, que serviu de typo e de modelo para a do occidente (serae ulmi), e adoradores de *Ormuz* (ulmus). Todos os monstros, sedentos de sangue humano, que se arreiam com epithetos sonoros e insignias multicores, são descendentes em linha recta dos *niligenâs*, pois dava-se o nome de *Niligenus* (geração de nada), aos habitantes das margens do *rio sagrado*; e por ellas vamos tocar aos *pisoeiros* (natta), que são os avós de *Proserpina* (nata, Libera), irmã de *Bacchus* (Liber). Assim, o nosso vocabulo *nada*, que corresponde morphicamente á *nata* ou *natta*, serve de commentario ao latino *nilum*, como este é uma explicação de *Nilus*. Troca-se, entretanto, nos documentos da lingua do Latium, *linigenus*, por *liniger*, como para facilitar-nos o encontro com a celebre deusa do Egypto, *Isis* (Liniger). Mas *linum*, diz o mesmo que *carbasus* (linho finissimo), e esta palavra latina significa *veo para cobrir*, qual usava a deusa africana. A *facha com que Isis cobria a fronte* (nimbus) é a *tempestade* (nubes, ombría), donde se tirou o nome dos *Ombrios*, comparados como *redemoinho de areia* (nimbus arenæ), ou *chuveiro de pedras* (nimbus lapidum), que nos pintam nos annaes primitivos da Asia e da Europa. E'a mesma *nuvem* que deu o nome ao *Nubios*, conforme dissemos, e o vento *kamsin*, que levanta turbilhões suffocantes nos areaes da Libya, recorda,

já o nome do cão *Annubis* (camus, canis), já o *linho do véo de Isis* (camus, linum), já os habitantes das margens do Nilo (Niligenus, Liniger). A palavra *kamsim*, decompõe-se em *camus* (corda) e *Sinis* (ladrão de Corintho), porque as lufadas ardentes do areal africano trazem á memoria os homens impetuosos, malignos, inclementes, que levavam por toda parte o pendor innato (nitus corde) para o saque e foram os primeiros que fizeram uso do *baraço* (camus). *Annubis*, por sua vez, symbolisa a *força de Janus* (vis anūs ou ani), e lembra a velha hospedeira de *Jupiter e Mercurio* (Baucis), cuja casa foi mudada em templo e se transformou em *forca* (infelix arbor). A força do cão era assim a mesma da *golilha* (canis), e por isto *Annubis* apresenta-se sob a *forma dupla* (bis), representando, por um lado, o *poder* que amansa e domestica, e por outro o individuo que se deixa seduzir e pôr em ferros.

Não seria crível que os antigos civilizados, detalhando as origens e costumes da raça pelasgica, oriunda das margens do Nilo, esquecessem o simile que ella apresenta com o *lôdo* do rio, já pela côr, já pela virtude prolifica desses antepassados das nações modernas. Mas não devemos lamentar semelhante omissão, visto como *limen* (porta) repete-nos a ideia rememorada pela palavra *Assuan* (porta Egypcia), da qual tiramos tantas deducções.

O *limus* (lôdo dos tanques) é o *começo* (porta) de todo o nosso universo, tal como se desentranhou do *nada* africano, e por isto se diz que o homem foi feito de *barro*.

Por *limen*, se acha o nome dos *Semitas* (semita), uma das grandes divisões da raça humana; e os *Arii* (Aryas), que passavam como antepassados dos povos chamados indo-europeus, vieram tambem do *lodo*, pois *hara*, significa *possilga de porcos* ou de patos. O esguelhado das *arcas*,

que engendraram a denominação de *arcarii* (bahuleiros), transformada em *Arcades*, também é significado pela palavra *limus* e dahi a ideia desses *genios que ficaram presidindo a tudo* (limi dii), porque os homens de hoje olham as cousas *de traveç* e não perderam a crença nas *estrellas de máo agouro* (limum sidus). Dahi a razão por que vimos os sabios lords da Inglaterra recusarem o banquete em que entram treze convidados; e *tredecim* (treze), tirou-se da mesma raiz que produziu o nosso vocabulo *tedo* (manhoso), noção que também se poderia exprimir por *limus* (tortuoso). E' gente essa que ainda crê no poder do *arco da velha* ou da alliança (arcus), e por isto tende a pôr toda a humanidade sob seu dominio (arcuare); mas *Iris* é o nome do *lirio roxo* ou da *violeta*, que é o symbolo de Janus (anus, ia), e dá testemunho sobre as *filhas do Atlas* ou do continente negro (Ia). Note-se que o *arco da alliança* é o mesmo da *força* (arcus foederis), pois *fædus*, é synonimo de *lex* e de *natura* (causa efficiente, propriedade das cousas), sendo, portanto, o producto da *fatalidade* (fati vis), origem dessa mesma *fatuidade* (fatuitas), que vê um máo *agouro* (fatum), no numero *treze*, e uma predicção risonha na figura do *leão*, apezar da assimilação que faziam os antigos entre esse quadrupede e o *caranguejo* (leo).

Estaremos lembrados de que *Saturnus* já nos appareceu sob a forma de um lago que despeja no Nilo, mas não dissemos que da raiz *sa*, ou do radical *sat*, tirou-se a palavra *satelles* (archeiro), pelo que se affirma a origem commum dos deuses, que se habilitaram para os altos destinos pelo manejo do *arco*, e apresentavam na pelle as côres variegadas do *iris* (arcus anûs).

Por *Neptuni satellites*, se entendiam as *tempestades*, *ondas*, *ventos*, *tormentas*, ideias que já vimos represen

tadas por *nimbus* e *nubes*, sem falar de *ombria*. Por *Saturni hostia*, se falava do *miseravel que estava á espera do ultimo supplicio*, e o *baraço* já ficou indicado, a propósito do *véo de Isis*. Aqui trata-se da mesma *semente do torno* (*satus torni*), que pôz em cacos a jarra preciosa da civilização antiga (*terere terram*). Saberemos mais tarde o que se deve entender pela *origem do gyro* (*semen torni*), mas digamos, desde logo, que *tornus*, tem a tradução de *ars*, e esta de *artificio* ou *alicantina*. A raça *libyca*, também chamada *tursena*, é a mesma que se figura como um instrumento dos *torneiros* (*tereutes*), os quaes affeiçãoam todas as cousas á forma de um *circulo* ou de *pastel* (*circulus, libum*); e por isto *tereutes*, lembra o nome do rei da *Thracia* (*Tereus*), e da *carcoma* (*teredo*), que apparece sob a forma de *Carios* (*caries*). Mas convém observar que nós chamamos *torno d'agua* ao que tinha entre os Latinos a denominação de *aqua saliens*, equivalente á *bica*. *Bica*, se traduz por *salientes*, e ninguem melhor que os deuses conheceu esse sentimento de *vaidade*, que nos leva a *salientar-nos* dos nossos semelhantes. A origem do Nilo está nas fontes que se vasavam no *Nyanza* (fontes Nili), e portanto póde-se dizer que o rio tem uma *bica* por nascente, como a prosapia das divindades antigas e modernas a *semente da fraude* (*satus torni, artis*), que faz as vezes de *aqua saliens* ou de *syphão*. Encontramos a *cór vermelha* num dos tributarios do lago Nyanza, e como chamamos torno o *canudo por onde vasa o vinho da pipa*, devemos comparativamente notar que a vertente mais copiosa da raça pelasgica tinha a mesma coloração. Essa *agua saltante* imita o *licor de Bacchus* (*latex nyctilius*), assim chamada porque *Nyctilius* (sobrenome do deus), faz referencia ás *festas nocturnas*

que se faziam ao *liber pater*. Como, porém, da raça dos Libyos só sahisses dous deuses desmoralisados (*Uranus*, *Saturnus*) e semi-deuses, resalvou-se a clausula restrictiva pelo nome do rei da *Ethiopia* (*Nycteus*), assim como o sobrenome de *Bacchus* (*Nycteleus*), serve para demonstrar que os filhos de *Jupiter* pertenciam á nacionalidade ethiope. De facto: do indicado vocabulo *Nycteleus* pôde-se destacar o epitheto de *Eleus*, dado a *Jupiter* (*Eleus pater*); e *elere*, falla da gente de *côr suja*, que os viajantes chamam *Boschiman*, e procedente da parte occidental da Africa. Em *Jupiter* se personifica a *força de Isis* ou da *noite pelasgica* (*Jovis vis*, *Ioûs*, *lunæ*), e teremos presente que esta deusa é chamada *Liniger*, variante de *Niligenus* (gente de nada).

Janus, que é dado como *filho de Apollo*, representa a junção dos dous pólos africanos (ad polum, addire polos), isto é, dos *Lybios* e dos *Ethiopes*, e por isto é mais moço do que o filho de *Jupiter*, e ao mesmo tempo mais velho do que todos os deuses; tanto que o seu nome apparece reunido ao de *Uranus* (anus). O moço, nesse caso, é o que *coopera*, *ajuda* (*juvenis*, *juvare*), como foram os *Lybios*; nós ainda chamamos por aquelle nome os *criados de servir*. O velho, por sua vez, apparece como o *homo natus grandis*, collocado pelo nascimento á frente dos destinos dos povos, e sabe-se que não foi outro o papel dos *Ethiopes*. *Uranus* symbolisa as tribus selvagens, que se comparam com os *bufalos* ou uros (*urus*), mas ainda limitados ao circulo africano e antes da formação da raça pelasgica. Desde que ellas passaram pela porta de *Assuan* ou tomaram posse do Egypto, vieram a ser *Apollo* (*Sosianus*) e mais tarde, no Latium, o socio de *Saturnus* no governo dos Latinos. Si analysarmos etymolo-

gicamente o vocabulo *Sosianus*, perceberemos que elle fala de triumpho (sus, *para cima*), e de *porco* (sus). Assim, o *porco* de Guiné chegou ao primeiro posto da hierarchia politica, inscrevendo-se por isto entre os deuses do Olympo. Dissemos que *Apollo* symbolisa a junção das duas raças africanas, que nascidas em pólos oppostos, passaram a formar um aggregado ethnico. O *deus solar*, como o chamam os mythographos, é o *Sosias* de *Janus*, e por isto lhe deram a alcunha de *Sosianus*. Não foi, portanto, *Plautus*, que inventou o nome de *Sosias*, como se pensava. A differença entre os dous deuses é que *Janus* faz uma viagem, para assim dizer, circular (janus, circuitio) até que parou em Roma: e *Apollo* vae directamente do sul para o norte (a polo), começando a sua romaria da nascente do Nilo para a margem do Mediterraneo (olim). Muito se enganam aquelles que veem no *Sosianus* o symbolo da carreira apparente do sol. O *Phebo*, que conduzia o carro tirado por quatro cavallos, representa a raça desses quadrupedes, quando proprios para a carreira (quadrigarum semina), e diz-se, que elle os governava, porque *equos agere* (conduzir corseis), póde traduzir-se por *proceder como os cavallos* ou imital-os.

Quanto ao mytho de *Jupiter*, devemos notar que o *Eleus pater*, si pertencia, por um lado, á raça *côr de bronze* ou abaçanada (aes, aeris), ligava-se, por outro, aos *homens vermelhos* ou *Lybios* (jubar, *côr de fogo*). O *pae dos deuses* começou a vida publica por uma *usurpação*, pon-do-se no throno paterno, que elle outr'ora defendera; mas *defendere*, significa *affirmar disputando*, e os *Ethiopes* tiveram de pleitear sempre contra os *Lybios*, seus auxiliares, o dominio da terra, até que afinal puderam consolidar-se nas posições usurpadas. *Jupiter*, diz o mesmo que *caldo*

pôdre (jus puter), e desta noção derivou a de *poder*, *autoridade*, *direito*, *justiça* (jus), taes como são ainda entendidas entre os povos modernos.

Como *succo extrahido da carne cozida*, o *pae dos deuses* representa não a *monarchia*, mas o *poder aristocratico*, o patriciado, porquanto *succus*, diz o mesmo que *força*, e *caro*, que *corpo* ou *tribu* (corpus) e mesmo *familia*.

E' sabido que a *carne cozida* perde a *côr rubra* ou sangrenta, para tomar a do *tijolo*; e, por sua vez, o *caldo pôdre* apresenta uma coloração *amarello-escura*. Ora, foram os *mulatos* que formaram o patriciado, e, portanto, é a elles que se faz referencia pelo nome de *Jupiter*. *Juris coctores*, é expressão que se applicava aos *jurisconsultos mais sabios*, quaes foram os inventores desse *caldo pôdre*, que chamamos *jurisprudencia*. Quando dizemos *invenção* ou *inventores*, é preciso que se deduza da expressão a parte que cabe aos civilizados na criação de todos esses artificios, tornados indispensaveis á nossa organização social e politica. Dos *costumes* dos mestiços é que foram tiradas as instituições pelasgicas, mas ellas são susceptiveis de progresso, sómente porque os respectivos creadores eram mais providentes do que os seus discipulos, ou antes, porque a *raça branca* constituiu-se educadora dos negros e mulatos, incapazes de qualquer iniciativa fecunda. Falámos nos *jurisperitos*, e a respeito delles devemos dizer que os *Coptas*, conhecedores da legislação, são, no Egypto, objecto de animadversão geral, só comparavel com a que o nosso povo vota aos procuradores e officiaes de justiça. Os primeiros rabulas ou doutores em leis sahiram do continente negro: ahi devem ser procuradas as origens do direito (jus) como os viajantes e geographos procuram as fontes do *Nilo*.

Releva notar que a palavra *cozido* ou *coser* tem na lingua portugueza dupla significação; e, como mencionamos uma dellas, resta falar da outra. *Cozido*, na accepção de *sutis* (cosido com agulha), lembra o lençol subterraneo do Nilo, que vimos designar-se pelo nome de *Sud* ou *Sed*; e pois que tratamos do throno de Jupiter, não é ocioso notar que *sedes* (solio), tambem significa *nadegas*, e deste órgão fala não sómente o mytho de *Janus*, como a historia dos Boschimans. Lembremo-nos tambem da *violeta purpurea* (ia), que *Juno* levava deliciosamente ás narinas, pois a *raça nova* ou pelasgica (*Juno*), viveu sempre á sombra do *deus bifronte*, e prestando-lhe todas as homenagens (ano suavium dare) como ligia ou vassalla. Quem leu a historia da aristocracia franka sabe que o *beijo do podex* era obrigatorio em certos casos, de modo que *Janus* sobreviveu á catastrophe do Imperio romano, e dir-se-hia que é ainda o mais vivo dos deuses do paganismo. O *caldo avariado* de Jupiter não será, entretanto, menos mal cheiroso que as aguas subterraneas do *Sud* ou *Sed*, as quaes vêm se impregnando de lama, para gerarem o *limo*, de que o oleiro divino fez, segundo a versão do Genesis, o homem moderno.

Não duvidaram os antigos dar o nome de *laetæ sedes* (nadegas felizes) aos *Campos Elysios*, naturalmente, porque *Eleus* (Jupiter) ahi recolhe as almas bemaventuradas, cuja predestinação se affirma por uma admiração frenetica pelos *thronos* e *poderes constituidos* (sedes).

Lembremos ainda, que *jus* (caldo) é *sorbitio* (sorvo), e que, no ponto indicado, o Nilo sorve o lôdo que vae fecundar as terras do Delta. Mais uma vez lemos noticia sobre a côr de *Jupiter*: ahi está a palavra *ptisana*, synonymo de *jus* e de *sorbitio*, e que fala de *cevada*, cujo as-

pecto é bastante conhecido, para que insistamos sobre o caso.

Supera sedes (ceo), diz o mesmo que *aethera* (Jupiter); e assim o pae dos deuses é representado como o *lôdo* do Sed ou Sud, que veio á tona, estabelecendo por essa forma a relação historica entre Janus (anus, sedes) e o *deus dos tropões*, além daquella que descobrimos entre o *rei do Olympo* e *Niligena* (Isis). A embocadura do Nilo foi personificada em *Osiris* (os iris), porque o *corredor* do Egypto é chamado *Janus*, e esta palavra traduz a mesma ideia que *circuitio* (volta em redondo), a qual lembra o *arco da velha* (arco iris). Assim como se diz que uma das extremidades do arco *iris* vae beber no mar, o Nilo recebe por sua foz as aguas do oceano, aonde aliás despeja as que conduz, carregadas de lôdo, desde os subterraneos do *Sed* (cryptoporticus). O *portico da crypta* é *Osiris*, transmutado em deus pela fabula, bem que reproduza pelo *arco* a forma circular do Delta, e, pelas conquistas, a historia de *Bacchus*. Si *Osiris* é a *boca* do Nilo, *Bacchus* é a *alimpadura* do fundo (vasis acus), e portanto não se differença de *Jupiter*, que é o *caldo pôdre* ou lôdo do rio. Mas, como *acus*, tambem signifique *agulha*, voltamos á ideia do *Sud* ou Sed (*sutiles domus*), que é como um *invasamento* (basis) desse edificio construido na vasa dos pantanos. Si o sobrenome de *Bassareus* conferido a *Bacchus*, confirma a nossa interpretação, *bassus*, fala de *gordo*, *crasso*, synonymo de *pingue* (pin-guis), propriedade reconhecida do *limo*. Entretanto, acha-se o nome de *Marte* (ares) no de *Bassareus* (areus); e *arere* (estar secco, resequido), pinta a sêde inextinguivel do *deus* do *vinho*, assim como lembra a raça dos *Siculos*, tão celebre nos annaes primitivos da Italia. *Vas*

(vaso, copo), conduz a *horoscopus* (vaticínio), e veremos que os oráculos eram proferidos depois que os prophetas (vates) beijavam amiudadamente o copo (basiare basia), facto que aliás se demonstra pela analyse morphica da palavra *oraculo* (ora cululli accola). Mas de *horoscopus*, tirou-se *Horus*, que é o filho de *Isis*, assim como o mytho das *Horas*, que guardavam as portas do céu (sedes superæ). *Horus*, nome do deus egypcio, é também o de um astrónomo da Babylonia, de sorte que a noção de *oraculo* apparece lado a lado com a de *astrologia*. As *Horas*, que guardavam as portas do *Olympo*, eram, portanto, as *bordas do copo* (ora e vasis), pois que as margens do Nilo assemelhavam-se ás nadegas do deus subterraneo (Sed ou Sud). Ficamos dest'arte a par do segredo que envolve o phenomeno da fertilisação do Nilo, essa *nata* ou nateiro, que vem das profundezas do solo fecundar a superficie. Eis por que o nosso vocabulo *nata* (crême, flor, melhor parte), corresponde ao *nilum* latino, sobre a forma portugueza de *nada* (nata).

Si *Horus* e *Bacchus* estão approximados pela origem ou nascimento, e pela intenção que os creou, foram aliás confundidos com um dos braços do Nilo, que tem o nome de *Astapes*. *Astapes*, é o *cacho de uvas secco* (racemus), e já vimos, em tempo, produzir-se semelhante equiparação, do *deus* e do *corymbo*, mas importa lembrar, que um povo da Thracia era chamado *Astæ*. Por *Astapus* (rio que mana das trevas), sobrenome do Nilo, se designa o *gavião de lança* (apus hastæ), e teremos presente, que *Bacchus* levava o thyrsos, engrinaldado de parras e de heras, como emblema do seu estro (thyrsus). Ora, o portuguez *parra* também significa *basofia*, e o latim, *ave de mdo agouro*, de modo que o *gavião de lança*, tão famoso

pelo passes de charlatão, está descripto por uma só palavra (*Astapus*). O *deus do vinho* era como uma *gralha* (*apus*), que se ornava com as pennas do pavão, e por estas se deve entender as *artes da magia*, pois *penna*, é synonymo de *sagitta*, e *saga*, falla de *feiticeira* (cita *saga*). Lê-se em *Astapus*, o nome do deus *Apis* (*Apus*); de modo que sob a figura de uma *vacca* adora-se realmente o *gavião*, assim como no *boi sagrado* se via a imagem do *phallus* (*taurus*), culto obsceno, mas que representa uma má traducção de mythos instructivos. Ora, *nisus* (*gavião*) lembra o *esforço para fazer alguma cousa* (*nisus*, *niti*), de modo que o boi *Apis* rememora a tarefa que teve como resultado a construcção do extenso leito do rio, e a *fecundação* das terras, operada pelas aguas limosas, que é aqui symbolisada pela figura da *vacca* (*uber*, *ubertas*, *lactaria bos*), pois são conductoras do creme do *Sed* ou do Nilo subterraneo. Em *vacca*, acha-se igualmente a idéa de *cuidado* (*vacare*), que semelhante empreza, superior á capacidade dos homens de hoje, devia ter causado aos corajosos constructores. Mas o mytho do deus *Apis*, completa-se pelo de *Osiris*, o *Mercurius* do Egypto. Si *Osiris* é a *bocca do arco* ou da abobada subterranea, que transmite as aguas reprezadas para o Delta, *Mercurius* apparece como emblema dos *cuidados que foram mergulhar na foç do rio* (*mergere curas Jūs*). Ora, *Io* ou *Isis* apparece na fabula sob a fórma de uma *vacca*, que é, como se sabe, o symbolo da *fecundidade*. *Cura*, tanto encerra a idéa de *cuidado*, como de *cousa que custou trabalho e diligencia*; pelo que se conclue ser *Osiris*, á parte a nova significação que lhe deram, uma representação mythica dos *esforços* que puderam conduzir a *vacca fecunda por excellencia* do interior da Africa ou do lago

Nyanza, até a orla septentrional do Egypto. Mais tarde, o *Nilo* tornou-se uma *burla* ou decepção dolorosa para aquellos que o tiraram das trevas ou do *nada*; e dahi a transformação do character do mytho, passando *Mercurius* ou *Osiris* a ser o *gavião*, que é a imagem do roubo praticado pelos selvagens contra a nação civilisada; e ninguém desconhece que *accipiter* (açor) traduz-se tambem por *ladrão*.

As representações iconographicas de *Osiris* offerecem-no, ora sob a fórma de um *boi*, ora de um *gavião*, ora de um *grou* (accipe ter). Si examinarmos a significação de *grus*, acha-se a de *guindaste*, com que se tira agua dos poços; e por *tympanum* (guindaste ou roldana), a de *roda*, *tejedilho* ou tecto das carroças, noção correspondente á de *iris*, porquanto a figura que resalta da comparação, é a do *arco* ou abobada. Note-se que o *ladrão* (*accipiter*) deve apparecer, por sua vez, como o *vaso para receber o que escorre*, representação perfeita, sob a relação technica do alveo do Nilo. A *carroça*, que encontramos na versão do vocabulo *crus*, ou *tympanum*, é esse mesmo *leito*, pois que *currus*, diz o mesmo que *alveus*. Nas profundidades, portanto, do *rio sagrado* estão os *arcos* e *abobadas* ou os trabalhos subterraneos, que lhe apparelhavam o curso por esse longo corredor do Egypto, donde surdiu a raça de *Janus*, de *Osiris* e de *Mercurius*. Não deixa de ser curioso, que pelo nome grego de *grou* (geranos) se repita o conceito expresso por *Jano* ou *iris* (*arcus*), mas juntando-se a ideia de *governar* (gerere); e sabe-se que os Pelasgos eram chamados *grous* pelos Gregos. Por outro lado, a familia desses passaros (*grous*) mostra-nos a fórma dos *ductos* do *Sed*, os quaes se pareciam com *rostros de ponta estreita* (*cultri rostrum*),

á semelhança dos cutelos ou da sega do arado (culter), mas fechados (claustrum) por abobadas. O bico do *grou* é longo, direito, pontudo, comprimido lateralmente; as narinas são situadas em um *sulco* e cobertas para atrás por uma membrana. Sabe-se que essa *ave*, além de *vigilante*, viaja voando sobre duas filas em fôrma de V, e foi a figura dessa lettra que se deu como modelo dos canaes subterraneos, que moderam e retardam, sem impedir, comtudo, a passagem das aguas. Na lingua franceza chama-se *grue* (grou) uma especie de *guindaste*, que já ficou indicado pela palavra latina *grus*, de onde se tirou o nome da *cruz de azas* (crux), que apparece na mão de *Osiris*, a qual, entretanto, faz referencia ao *Nyanza*, que é, como dissemos, a primeira aza do Nilo. Pelo *guindaste* se allude ao esgotamento ou drenagem do immenso pantano por onde corre o rio, apparentemente amortecido. *Epago* (guindaste) dá-nos essa explicação por *epagoge* (inducção), e por *epaphaeresis* (o tirar repetidas vezes). Ninguém ignora que por *inducção* se entende a fôrma do argumento pelo qual se conclue do particular para o geral: é como a *extracção* daquillo que está ainda invisivel para o experimentador. *Inductio*, fala de *introduzir* e de *riscar*; e por *inductile*, se designa certo frasco ou *vaso*. Depois de uma preparação do leito do rio, pela extracção das aguas estagnadas, facto que se representa pela ideia de *riscar* (expungere), e que suppõe o emprego de *roldanas*, tratou-se de construir os arcos e abobadas com depressões nos lados para corrimento das aguas vindas do lago *Nyanza*. E' ahí, nesse pouso subterraneo, que ellas adquirem a camada de limo, como nos indica o nome *Sud*, tirado de *sudor*, synonymo de *succus* e de *humor*, porque constitue o *humus*, que vae fertilisar os campos.

A outra denominação desse trecho do rio nos informa, que a *corrente* *ahi se conserva longo tempo* (Sed, sedere), e realiza com o *chôco* (sedere in ovis), necessario para a formação do adubo.

Os competentes dirão melhor do que nós ; mas temos sómente em vista assignalar a maneira engenhosa por que os creadores da fertilidade do Egypto resolveram o problema que, sem elles, ficaria até agora insolúvel. A terra chamada dos Pharaós estaria até hoje confinada entre os areaes da Lybia e da Arabia ; pois o homem actual não foi feito para mudar a face do planeta, salvo pela guerra. Não deixaremos sem ligeira nota o facto, que ahi se descobre, do apparecimento da *cruz*, mas já ligada á ideia de *trabalho penoso* e de *suor*, bem que lembrando a fórma dos guindastes ou das roldanas de tirar agua dos poços. *Crus* (grou) é morpnicamente a mesma palavra *cruz* e o *instrumento de supplicio* estava inventado no momento em que se construiu o leito do Nilo. As *cruzes* fabricadas pela raça que empreheendeu e realizou aquella obra colossal e quasi incrível, representavam o esforço do homem em luta com a natureza inconsciente : as que vieram depois tingiram-se do sangue dos innocentes e dos culpados, e bem sabiam os creadores da legenda christã, tão commovente em sua fórma como em seus intuitos, que a tragedia do Calvario não as riscaria dentre os tormentos engendrados pela crueldade da raça que sahiu das margens lodosas do Nilo e cobriu de trevas a face renovada do planeta.

Ao tempo de *Osiris*, ainda estava longe o advento de *Serapis* (serus), nem o deus que é a primitiva personificação do Nilo, tinha o *barrete agudo* na cabeça, e um laço na mão. Elle se mostrava então com um globo sobre

a cabeça e grandes folhagens, porque *orbis* (globo) é a forma que vimos representada pelo *iris* (arcus) e lembra os arcos ou as abobadas do rio : a *folhagem*, por sua vez, já se nos deparou no immenso lago de sargaços percorrido pelo Nilo. Em seguida, porém, a imagem do *globo*, alludiu á *esquadra de soldados* (globus), que foi o *ponto de partida* (caput) da grandeza dos Pelasgos, esses mestiços, que foram os primeiros candidatos ás posições politicas e ao governo dos homens. A *folhagem*, passa a ser a *grinalda* (frons), que foi a primitiva corôa ; mas *frons*, também traduz a ideia de *preeminencia*, de posição dianteira, de frente do exercito. A *tromba* do elephante não tarda a mostrar-se sobre a cabeça de Osírios, mas este vae confundir-se com a figura muito conhecida de *Saturnus*. Isto se prova pela palavra *falco* (falcão, açor), que encerra o radical de *falx* (fouce) ; assimilação esta que explica a *fouce dentada* de Saturnus (falcifer deus). Um povo selvagem, como era o *Lybio*, como era o *Ethiope*, devia *falsificar* (falsare) o uso daquelle instrumento, e dahi o dizer-se, que a *fouce* do pae de Jupiter era *dentada*, ou, em outros termos, que tinha o gume tão *a fiado* como as prezas do elephante (dens lybicus). A *fouce* é o mesmo *alfange* (falx) que se figura cortante como os dentes eburneos do pachyderme, perfeitamente dispostos para arrancar as raizes (agere radices), comparação esta que nos mostra os Pelasgos na faina destructiva do mundo antigo. Aquellas tribus não recuavam diante do *sangue*, não repugnavam com a *rapina*, amavam a *falsidade*, forravam-se com a *preguiça*, brilhavam pela *ingratidão* e pelo *fanatismo*. Taes qualidades são ainda credenciaes de primeira ordem para conquistar adhesões e exercer imperio sobre os homens e os povos. Uma nação *egoista*, *sanguinaria*, *rapace*, *fe-*

mentida, como foi a romana, acabou por conquistar o mundo, para encadeal-o como ás feras. Para se fazer carreira, phrase da giria dos ambiciosos, é de mister possuir hombros de *Ethiope* e saber vibrar a fouce de *Saturnus*.

Serapis, deus de que Herodoto não fala, esse *boi* tardio, vagaroso, que ainda puxa a carroça de nossa civilização abastardada, é a *raça barbara* que sahiu do estado selvagem: o *bufalo* ou uro torna-se o *boi espaço*, como dizem os criadores do norte do Brasil. As *aspas bovinas* são aqui a *trombeta de guerra* (cornu), que sôou e soará sempre em toda a vastidão da terra (spatium); mas não se trata mais do quadrupede auxiliar do homem, porém do *elephante* (lucas bos), que vae em tropas numerosas, derrubando tudo á sua passagem destruidora. Tanto *cornu*, como *dens*, dão idéa do *elephante*, o animal que na antiguidade, como ainda hoje, serviu de besta de carga dos exercitos, mas incapaz da obra pacifica e civilisadora do boi. Assim como o *uro* de Osiris torna-se o *gavião* (apis, avis) de vôo impetuoso e rapido, bem que pouco elevado, o *bufalo* de *Serapis* apparece sob a fôrma do animal *vagaroso* e *tardo* (serus Apis), mas cuja pelle coriacea passou de negra para branca com os progressos da idade e do cruzamento.

Serapis é, entretanto, representado sob a *figura humana*, com um alqueire de medir, á cabeça, ou uma regua na mão, apezar de dizer Apollodoro que elle era o mesmo *boi Apis*. Por *homem* (homo) se quiz dizer *corpus*, que, além daquella significação, nos fala de *tribu* ou *familia*. De *corpus*, tirou-se a palavra *corpulentus*, que nos dá tambem a medida do corpo de certos animaes, *grandes*, *avultados*; mas não se trata de descrever o physico dos Pelasgos, e sim de retratal-os, no ponto de vista da im-

pressão m oral que causavam nos animos. A *tribu* e a *família*, que serviram de medida para aggregações mais vastas, taes como nos apparecem na historia, prendem a sua origem ao elephante d'Africa, animal pouco susceptivel de ser domado, quando attinge a força da idade, e nesta parte se parece com as republicas e os imperios, quando completam a sua formação ou sahem da primitiva barbaria, época ainda distante do momento da decadencia. O *alqueire* é, como se sabe, uma medida de secco e tambem *agraria* (*modius, modius agri*). Quem poudesurprehender o sentido interno das legendas orientaes sabe que os Pelasgos, partidos do occidente, se mostravam gulosos de *sal*, a mercadoria monopolisada pela casta patricia. O proverbio latino *multos modios simul edere* foi traduzido incompletamente, pois significa, de facto, *comer ao mesmo tempo muitos alqueires de sal*, e não, como os proprios escriptores romanos interpretaram: — *viver muitos annos em companhia de outro*.

Como criadores da riqueza privada, os irmãos de *Serapis* « mediam dinheiro aos alqueires » (*nummos modios metiri*). Foram elles tambem que mediram os campos para dividil-os em lotes e partidas, chamando por essa fórma ao dominio dos individuos o que constituia a fortuna inalienavel de todos os homens. *Tenere modus* — traduz-se por *conservar a moderação*, bem que *modus*, signifique *medida de qualquer especie*; donde se deduz, que *Serapis* symbolisava o regimen introduzido pelos Pelasgos, que tudo sujeitaram ao *governo* e *administração* (*moderatio*). Ao monopolio do *sal* e da *terra*, representado pelo *alqueire*, juntava-se o imposto sobre o *azeite*, que tem como emblema a *ceira* (*regula*), sendo que *fiscus* (*ceira*), é tambem o nome do *fisco real*

ou do thesouro publico, assim como *sporta* (alcofa) conduz a *sportula* (esmola, dadiva). *Regula*, é o mesmo que *norma* (formula, lei), designando ainda o instrumento dos *carpinteiros*; e *materiarius* (carpinteiro), fala daquelles que fabricam *hasteas de partasanas*. Ora, vimos a noção de *hasta*, associada ao nome do Nilo (*Astapus*), assim como ficou provado que o *boi Apis*, significou no principio a *fecundidade creada pelo rio*; de modo que realça da comparação das palavras a certeza de que *Serapis* é o emblema da raça do *arco*, sahida das bordas do Nilo e figurada, já sob a forma de *ave de rapina*, já de *elephante*, mas que se tornou o *typo* ou modelo de todos os deuses. Releva notar que no vocabulo *Serapis* se encontra o nome dos *homens das partasanas* (*Ser, Scytha* da Asia). Empreendemos essa rapida resenha dos *mythos* do Egypto para captar novas provas a respeito da origem artificial do Nilo; mas opportunamente submetteremos a exame mais demorado e completo a religião ou o culto daquelle paiz.

E' tempo de tratarmos da segunda *aza* do Nilo, para completar o historico dessa construcção gigantesca, e para isto recorreremos ao nome do lago *Niassa*, que se resolve em *Nili asa* (logar elevado, altar do Nilo). Na palavra *edita*, synonyma de *asa* ou *ara*, poz-se a significação de *ordens*, *mandados*, e por *ordo*, se entende uma *disposição previa* ou arranjo. Aquelles que construíram a primeira *aza* do Nilo foram os artifices da segunda, e o vocabulo *altare* (altar) dá ideia de uma *area profunda* (alta area), ou de *chão que sustenta o edificio* (area), e não precisamos dizer que a *construcção* supposta é a fonte ou *urna* (ara), donde parte a caudal nilotica. Na voz *ara* se encerra a noção de *soccorro*, *valimento* (*gratiam cum*

aliquo inire), além da de *columna funeraria*. O lago, portanto, que representa a situação mais elevada em relação ao curso do Nilo, e lhe serve de *auxiliar*, é a nascente mais remota ou a *balisa extrema do rio* (finis). Os dous grandes lagos communicam-se pelo sub-solo, como já ficou provado pela analyse do termo *ni* (nilus), que falla de *levada* e *canal*. A expressão *columna funebris*, equivalente de *ara* pela synonymia de *columna*, cogita de *tromba d'agua*, servindo a noção de *funebre* para representar o *passamento* da massa liquida de um lado para outro. A noção de *morte* tem como analogia na phraseologia latina a de *migração* e *troca* ou reversão (*migratio commutatioque vitae*), de modo que pela imagem do *passamento* nos representam a communicação interior do *excesso das aguas* (e *vita excessus*), e, portanto, do afastamento destas em busca de outra *parada*. Dahi o comparar-se o lago *Niassa* ao altar que serve para os *sacrificios* (*principia*), realçando-se desta arte o *ponto de partida* ou origem da corrente do Nilo.

Diz Herodoto que, segundo ouvira, o Nilo vinha do pé de duas cristas de montanhas, chamadas *Crophí* e *Mophí*. Ora, *Crophí*, suppõe uma agglutinação dos termos *clupens* e *fissus* ou *fistulosus* (escudo dividido ou tubulado), para indicar a *protecção* (*clupeus*, *ara*), que vimos representada pela palavra *ara* (*balisa extrema*), equivalente de *opus* (*abundancia*) e de *columen* (*columna* de *agua*). Por outro lado, o nome citado *Mophí* diz pela terminação *phi* o mesmo que se deduz de *fissus* e *fistulosus*, achando-se no thema a ideia de *celeridade* (*mobilitas*). Assim, o *Mophí* é o reservatorio que imprime á corrente do Nilo a *ligeireza* que este rio desenvolve no seu curso (*mobilis fistula*), emquanto o *Crophí* asseme-

lha-se a uma *valvula* (clypeus), que os constructores crearam para impedir o refluxo das aguas, e modular-as no trajecio (clupeus fistulosus). O geographo Ptolomeu informa que o Nilo sahe, ao pé das montanhas da Lua, de diversas fontes que formam *dous lagos*, dos quaes cada um dá nascimento a *um rio*. Entende-se perfeitamente que esse *rio* (unum flumen) é o *Nilo* ou o *rio por excellencia*, gerado pelos dous grandes reservatorios que a industria humana subordina ao mesmo destino. Os Hebreus davam ao rio sagrado do Egypto os nomes *Jihor* e *Nahal Mizraim*, que se resolvem pela analyse, o primeiro em *gibbosus hortus* (tapada convexa), e o segundo, que traduz na lingua original a ideia de *torrente* (nahal), em *nacta ala* (aza encontrada), traducção esta que se explica pela funcção do *Niassa* (Nili asa, ara, ala). *Ala prehensa* (asa encontrada) diz tambem *parte lateral colhida*, e este conceito retrata fielmente a operação feita pelo Nilo quando colhe as aguas daquelle reservatorio. Quanto ao nome *Mizraim*, vimos que elle reproduz a noção de *colheita* (miz, messis), prendendo-a pelo termo *ra*, á ideia de *pé* ou raiz (radix), e affirmando pelo suffixo *im* que o facto relatado tem por theatro o *interior* do rio (imus).

Dizem que os antigos chamavam o rio do Egypto *Melas*, palavra esta que allude ao *limite* ou ponto de parada da corrente nilotica, pois se formou por intermedio de *milliarium* (marco), e *laxitas* (espaço). Trata-se não sómente do *gyro* (spatium), ou circulo traçado pelo Nilo desde que parte do lago Nyassa, mas tambem de um acontecimento futuro, em que as origens do grande rio seriam pela primeira vez patenteadas á sciencia. O *marco* ou *cippo* lembra o nome da terra brasileira (seri cippi), onde muito tardiamente alguém penetraria no mysterio geographico,

lançando os olhos para o passado (*respicere spatium praeteriti temporis*).

Por mais extraordinaria ou incrível que pareça essa nossa interpretação, ver-se-ha que ella assenta simplesmente nos documentos de nosso exame e offerece todo o rigor scientifico desejavel. E' que chegou o tempo proprio da *colheita*, como nos revela outro nome dado ao Nilo pelos antigos: *Triton*. *Tritura tonsor*, é o *podador do tempo da vindima*, donde a formação do vocabulo *Triton*, que convem, por sua vez, ao lago que supprime os despejos do Nilo, não permittindo, entretanto, que este, pelo demasiado affluxo das aguas, se espraie inutilmente, prejudicando a obra methodicamente planejada da corrente. O peixe marinho, que os Latinos designavam pela voz *triton*, representa, entre outras cousas, a cimeira do gladiador chamado *mirmillo*, e esta palavra mal disfarça em sua composição a ideia que a gerou: *mirus Melo* (Nilo maravilhoso). Sim: agora é que o rio tão admiravel pela sua grandeza e beneficios que distribue, proemina pelo conhecimento das forças prodigiosas, incomparaveis, que o produziram. Tambem chamado *Okeanes*, o Nilo nos apparece com uma *torrente de ossos* (*ossium amnis*), e esta denominação singular, que desperta a ideia de *Oceano*, serve para assignalar que a creação daquella caudal assombrosa custou milhares de vidas, pois *os* (osso) fala de *restos mortaes* e de *esqueletos* (manes). Entretanto a ideia de *ossos* se entrelaça com a de *nervo* ou *tecido do discurso*, de modo que foi predeterminada a forma pela qual seria conhecida a historia verdadeira, apezar de quasi phantastica, do rio portentoso.

Em lingua africana (Usui), *nili*, significa *vidro*, e esta palavra corresponde ao latim *specularia*. Como a cada

passo se desvenda o laço interno que prende o vocabulario de todas as linguas a um mesmo plano dominante ou superior, vê-se que o africano *nili*, forma de *Nilus*, inscreve a noticia das fontes do rio egypcio, que, segundo vimos pela versão de Ptolomeu, procedem das *alturas* (specula) ou das montanhas da Lua, e formam dous lagos. Estes lagos são as *cavernas* (specus) de que fala a tradição, e nellas as aguas são captadas para a distribuição posterior. A forma conhecida *Nyassa* conduz pelo aggregado *assa* ao nome do *Aquario* (assaracus frater), e ao ethiopico *Assabinus* (Jupiter, sol).

Que relação se trava entre essas imagens e a ideia expressa por *assatus* ou *assatura* (assado, assadura)? E' que *assa*, de *assum* (carne assada), proclama o martyrio dos constructores do Nilo, expostos ao fogo do clima equatorial da Africa.

Elles foram litteralmente *assados*, e por isto *Assabinus*, fala de *sol*, designando tambem o *navio que se expõe ás chammas ou ás brasas*. *Alveus* (navio) lembra já a *madre do rio*, já os homens brancos (*albus*), que a produziram por meios superiores aos recursos modernos da mecanica. O *enxame* (*alveus*) que praticou taes heroismos é o mesmo que foi representado pelo *Aquario*.

Esse signo do Zodiaco é figurado por um *homem que verte agua de um vaso*, e foi exactamente o que fizeram os Asiaticos, vasando o *Nyassa* no *Nyanza*, para constituir a corrente do Nilo. O nome de Jupiter completa o esboço de nosso quadro: *jus puter* (caldo pôdre) diz que esse trabalho incomprehensivel de excavar subterraneos e fabricar extensos canaes deve ser posto em relação com o *calor do sol*, operando sobre montanhas de lama infecta,

e disseminando fermentos mortíferos. Eis por que o *Nilo* é como uma *torrente de ossadas*.

O *Zambeze*, cujo nome se associa sempre ao do lago *Nyassa*, testemunha uma *perda* ou damno (*zamia*) recahido sobre uma *deusa egypcia* (*Besa*). Quem seja essa *deusa*, dil-o a palavra *assus*, pela sua accepção de *simples*. *Simplex*, resolve-se em *seminorum plexus* (enlaçamento das estrelas), e fala de *origem, principio*. A *raça*, portanto, que celebrou as nupcias do homem e da terra está claramente apontada por *semen*, em confronto com *semiustus* (meio queimado), emquanto *propinquitas* (enlaçamento) representa o *commercio intimo* que prevalecia nas relações dos primitivos habitantes do globo, comparados justamente aos *lumes do firmamento*. Outro nome conhecido do *Nyassa*, *Maravi*, insere a noticia desses nossos *avós* (*avi*), que bracejaram num *mar de florestas* (*aviarium*) para realisar uma *empresa difficil* (*mare*). E' facil achar agora a etymologia do nosso vocabulo *maravilha*, sem que, entretanto, *miraculum* (milagre) desdiga da impressão que o projectou na linguagem. O phenicio *marath* (amargo) guardou a memoria desse acre pelejar com as forças conflagradas da natureza selvagem, que a mythologia slava reduziu a genio sob o nome de *Marowit* (genio malfazejo). Os *Marebbas* dos nossos Bororós são os mesmos demonios que se oppuzeram á marcha dos ter-riveis constructores, e estes, remodelando a terra para tornal-a habitavel, morriam em chusmas para tornar pos-sivel e facil a vida de seus porvindouros. *Besa*, a deusa egypcia, representa o *esforço para calcar a terra* (*pisatio*) e já sabemos que os calceteiros de genio perderam o premio de suas fadigas (*Pisaea praemia*). Dois terços dos esforçados trabalhadores succumbiram na *tarefa* (*besse*

esus satus), que o nome *Maravi* notifica haver sido intentada por via marítima (*maris auctivâ*).

Comparemos os nomes dos dous lagos: *Nyassa* e *Nyanza*. O primeiro diz: *Nili assus satus* (nascimento simples, desacompanhado do Nilo). O segundo tem esta definição: *Nili ansa satus* (aza do nascimento do Nilo), e não precisamos notar que *satus* (nascimento, semente) é synonymo de *incrementum* (crescimento, augmento). Desse cotejo resulta que o *Niassa* é apontado como *nascente* do Nilo, mas pela ideia de só ou *desacompanhado* se exprime também a de *immensidade profunda* (*vastus*), e *unarius*, faz referencia a outro que o *ajunta* (*unit alius*). Semelhantemente se apura pelo nome do *Nyanza* que este lago representa a *força motrix* (*ansa manubrium*), do que lhe fica a noroeste, e deste modo convem-lhe o já indicado nome de *Mophi*, como ao *Nyassa*, o de *Croph*, dados por Herodoto. O termo *assa* (de *Nyassa*), dando idéa de *estufas* ou *suadouros*, descobre-se pela palavra *laconicum*, o que se afirma por *clupeus* (de *Croph*).

A *concisão* (*laconica brevitatis*) e a *chave* que abre por dous lados (*laconica clavis*), traduzem como *clypeus* a função de *reter* (*compressio, angustia*), e *defender* methodicamente, segundo processo que se preestabelece. *Reter*, corresponde a *custodire* (*defender, guardar*) e *laconico*, exprime por *pressus*, a noção de *afundado, submergido, entesado, apertado*. Está, portanto, provado que o *Nyassa* é o *escudo*, como o *Nyansa* a *manivella* do Nilo, e que esses lagos não operam sómente pela superfície, mas também pelas profundezas, graças á providencia da industria humana. O historiador citado refere que entre Syena, na Thebaida, e Elephantina havia duas montanhas cujos cumes terminavam em ponta; que uma dessas mon-

tanhas se chamava *Crophi* e a outra *Mophi*. As nascentes do Nilo, que são *profundos abysmos*, saham do meio dessas montanhas: a metade de suas aguas corria para o Egypto, em direcção ao norte, e a outra metade para a Ethiopia, em direcção ao sul. E' o que nos diz a historia, e devemos ponderar que *Syena* e *Elephantina* marcam por lados fronteiros a posição dos dous lagos da Africa austral, onde se elaboram as aguas fecundantes do Nilo. Por outro lado, a denominação de *montanhas da Lua*, conferida aos Alpes africanos, revela o segredo de sua adaptação á obra do rio: *luna* (lua) diz o mesmo que *garganta* (sinus, gula, frumen, porta).

A forma conica do lago vem traçada pela palavra *laconicum*, equipolente de *assa* (suadouro), e mais uma vez se denuncia o canal subterraneo (lacus, conus, cuniculum, communicatio), que communica entre si os reservatorios terminaes do grande rio.

Na grande obra de G. Ebers, *O Egypto*, se registra por estas palavras uma velha tradição: «Era crença antiga no Egypto que a origem do Nilo devia permanecer nas trevas do mysterio, até que Isis a revelasse no outro mundo, junto á porta duodecima do Inferno. O rio brotaria de duas cavernas distinctas.» Tocamos a hora em que assistiremos á realisação dessa prophecia, pois *Isis*, ou o genio incomparavel da raça branca primitiva, estendeu mão caridosa aos necessitados da sciencia moderna, e vae rasgar os veos interpostos entre dous mundos desigualmente dotados. O *outro mundo*, de que se cogita, é a *America* ou *novo mundo* (alius mundus), descoberto pela mesma inspiração que vae prevalecer para a solução do problema das origens do Nilo. O *Inferno*, que se menciona ou designa, é a *região inferior* da America (alius

mundus infernus), e vamos pôr ás claras a indicação relativa á *porta duodecima*.

Disseram-nos que as origens do Nilo serão descobertas *junto á duodecima porta do Inferno*, e *janua nigra* (porta infernal) adverte de que o facto annunciado se realizará nos dominios da raça pelasgica, ou entre os descendentes dos selvagens africanos. Mas *janua*, diz tambem *accessus*, *via*, *caminho*, como *niger* (negro) fala de *infelix*; notações estas que subordinam a decifração do enigmageographico a um periodo assignalado por *infelices* e *desgostos*, sem excluir a situação penosa do individuo destinado a colher a palma scientifica. *Janua*, prende-se a *januarius* (Janeiro), servindo esta palavra para traçar a rota e o *accessus* da descoberta, como aliás se manifestara pelo nome da *America meridional* (*alius mundus infernus*). Entretanto *porta*, traduz-se por *cardo* (região celeste), e este vocabulo latino, falando de *eixo da terra*, determina por associação de idéas a de *grãos de latitude* (clima coeli).

Ora, *porta*, é tambem synonymo de *gradus* (passo, grão), donde se conclue que a *duodecima porta do Inferno*, *junto á qual reside o descobridor das origens do Nilo*, é justamente *Sergipe*, o Estado brasileiro que os geographos situam a 11°28' de latitude meridional. E lembremo-nos de que em vista da mobilidade do eixo da terra, o territorio sergipano já occupou exactamente a casa dos 12°, da qual teve de recuar para ficar *proximo* (*junctus*).

LIVRO IV

OS NOMOS DO EGYPTO. — NASCIMENTO DA PROPRIEDADE PRIVADA E DO GOVERNO. — O ANNO 11000 DA CHRONOLOGIA DOS INDOS. — TRAMA DOS ETHIOPIES E COMPLICIDADE DOS LIBYOS. — RESTITUIÇÃO CHRONOLOGICA PELOS NOMES DOS LOGARES. — QUÉDA DAS ANTIGAS INSTITUIÇÕES. — A LEGENDA DO PARAISO TERREAL.

A base da divisão administrativa, e mesmo politica, do Egypto, era o *nomos*. Um extracto da obra de Brughsch, *Inscripções geographicas*, vai facilitar-nos o trabalho de interpretação historica, mas teremos de recorrer a outras fontes, segundo as necessidades. Os *nomos* compunham-se de uma ou muitas cidades e de um territorio bastante limitado, que em todas ellas, era subdividido em muitas partes: 1º, a capital (*nut*), séde da administração civil e militar e centro da religião principal; 2º, terras de producção (*uu*), em que cultivavam os cereaes, sendo fecundadas pela inundação annual; 3º, terras pantanosas (*peh'u*), nas quaes as cheias do Nilo deixavam lagos de profundidade tal, que se tornavam de difficil secca; eram semeadas de pastos quando possivel, cultivavam-se nellas o lodão e o papyrus, ou destinavam-se á criação, em grande escala, de aves aquaticas; 4º, canaes derivados do Nilo, para as necessidades da agricultura e da navegação.

Importa lembrar que o Egypto antigo (*Kimit*, *Kimet*), era propriamente o valle do Nilo, desde a primeira cataracta até ao mar. A palavra *nomos* lembra o grego

(nomos), lingua em que significa *lei*, mas é encontrada tambem no latim, onde se fala de *divisão administrativa* (comarca), e tambem de *aria*, *cantiga*. Já tivemos occasião de alludir á correspondencia de sentidos, que se trava entre a idéa de *lei* e a de *canto*, assim como já extrahimos da palavra *comarca* a significação translata que comporta. Dissemos que *comarca*, fala de *comicos*, do mesmo modo que *nomos*, de *cantiga*, e ligámos o nome dado ás pequenas divisões do Egypto, quer aos *Nomades* da Ethiopia, quer ás *chagas cancerosas* (nomæ) que corroem o corpo politico. Semelhante assimilação de idéas explica-se pela influencia enfadonha, funesta, que exercem as divisões politicas sobre o destino dos povos, pois suppõem dissolvido o primitivo laço de solidariedade que ligava os homens, quando estes prescindiam de todo governo exterior, e se dirigiam pelos dictames da sã razão.

A *regoa* (norma, lex), que vimos na mão de *Serapis*, é o mesmo *nomos* que reapparece agora sob uma nova face, mas dando-nos a prova de que os conquistadores do Egypto se retalharam em governos distinctos e independentes, até que a acção compressora da conquista estabelecesse a unidade, em todo caso artificial e vexatoria. A unidade politica de nossos dias representa-se pela *nação* e tira a sua razão de existencia do poder exercido por uma autoridade central. O mesmo não acontecia com os primitivos civilisadores do globo, para quem o *nomos* era como uma *ulcera maligna* que carcomia o corpo social, ou como uma *carda* (carmen), que serve apenas para melhor tosquiá a lã das ovelhas humanas. A idéa de *feitiço* ou encantamento (carmen), ficou para sempre associada, como vemos, á de *nomos* ou divisão

politica, porque *incentio*, é a mesma palavra *incensio*, que exprime a causa desse desmembramento (incendere), tal como se revelava na indole dos Pelasgos (vulcanica pestis).

A capital do *nomos* era chamada *nut*, em lingua egypcia, como ficou dito; mas a palavra latina *nutus*, explica semelhante denominação pela idéa de *aceno* (numen), que nos restitue a de *Nomades* ou Numidas. *Nutus*, é tambem a *propriedade dos corpos*, e por *corpus* se deve entender a *familia*, a *tribu*, que foram os primeiros aggregados sociaes em que se fez sentir a *vontade de um chefe* (nutus capitis). A *capital*, pois, suppõe o reconhecimento de uma *directão* superior, de um *governo*, de um regimen, em que haja dominadores e dominados. Mas uma tal organização não tem nada de effectivo, de solido e duradouro, como além da experiencia que tenhamos adquirido nos diz o vocabulo *nutatio* (balanço). *Nutans*, é o que vacilla e ameaça ruina; e a decadencia de que se cogita no caso é *propria* da raça cuja existencia se torna impossivel, desde que lhe falta um ponto de apoio no governo. A origem desse systema de administração, que não resulta da approximação espontanea dos homens, mas do imperio da força, dos manejos da seducção, nos é denunciada pelo vocabulo *nutrix* (velha que acompanha donzellas). Não teremos esquecido que a *velha pelasgica* ou *anus*, é a mesma geração decadente, que sahiu do tronco libycoethiope, mas absorvendo uma boa parte do sangue asiatico. As *donzellas*, que ella acompanha, são a *virgo bellica* (Pallas), a *virgo phœbea* (loureiro), e a *virgo saturnia* (Vesta), não fallando daquella que personifica a *justiça* africana (Virgo, *Astrea*). A *guerra* com os seus

triumphos, o *patriciado*, a *magistratura*, implicam, portanto, com a existencia das tribus africanas e com uma revolução profunda nas instituições e costumes primitivos.

Vimos designar-se pela palavra *uu* as *terras de produção* do Egypto, mas ella accusa a sua procedencia, como destacada de *vellere*, *vulsi* (arrancar, assolar, arruinar). O vocabulo *productio*, tirado de *producere*, é como uma glosa da primeira, pois equivale pela significação a *patere*, da raiz *pat* (cahir), e é a madre morphica de *pater*. Aquelles que *se estenderam* pela força (*patere*, *producere*), foram os mesmos que arrancaram as terras das mãos dos antigos agricultores. Trata-se, no caso, de uma *convulsão* social (*vulsura*), em que *Osiris*, já nosso conhecido, exerceu a funcção da *ave de rapina* (*vultur*).

Por *vultus*, parte saliente do corpo, é confirmada a noção que se descobre em *producere*, pois aquelles que machinaram e exerceram as primeiras depredações foram tambem os que se arriaram com as insignias do commando, e deram impulso novo á roda da gloria e da fortuna (*patere*). Os autores dessa espoliação vieram da tribu de *Vulcanus*, a gente que tinha o coração repleto de enganos e artificios fraudulentos (*servare sub pectorem vulpem*), e finalmente a idéa de *vulnus* (chaga), concorda com a de *noma*, que se apura em *nomos* e *Nomades*.

As *terras pantanosas* receberam a denominação de *peh'u*, que é o mesmo vocabulo *pecus* ou *pejus*, como nos mostra a transformação de *Dahæ* em *Dacæ*. A parte *peior* do sólo era reservada para o pastio dos rebanhos (*pecus*), mas semelhante applicação parece accusar to-

leima e *insensatez* (*pecus*); pois, como nos informam, esses terrenos formavam *alagadiços* e portanto deviam ser nocivos á criação. Entretanto, a posse das terras pantanosas fundava-se tambem na violencia, segundo se collige do enunciado de *peculiaris*, approximado de *peculatus* (concussão, roubo de dinheiros publicos). O conhecimento das instituições primitivas da India facilita a intelligencia daquellas que vigoravam no Egypto, anteriores á conquista: alli, como aqui, o sólo não era objecto de propriedade privada, razão por que se fala em *peculato*. O *dominio publico*, desde a vinda dos Pelasgos, passou a ser parte da riqueza dos usurpadores. Quem eram os proprietarios dessa parte do paiz, dil-o a palavra *pecus* (rebanho), onde se lê *echo*. Os Pelasgos, tidos como insensatos ou *patetas* (*pecus*), vivem a repetir as experiencias dos antepassados, sem chegar á *inducção*, no que diz respeito á pratica da vida. *Metrum echoicum*, se dizia daquelle ultimo verso cuja ultima syllaba reproduz o som da precedente, e não podemos duvidar que somos desprovidos de iniciativa e de originalidade. Ora, os vocabulos *pecuarius* e *pecuniarius* reproduzem o nome que Herodoto dava aos Medas (*Arii*) e hoje conferido á supposta raça indo-germanica, por ser titulo de honra. *Arius* ou *Arias*, designa um rio da *Asia*, hoje *Heri*, no *Korasan*; e devemos notar que a nossa palavra *coração* é a mesma que acabamos de transcrever, pertencente á nomenclatura geographica. Por outro lado, *Heri*, é uma fôrma de *herus* (proprietario, pai de familia), donde se conclue que o *pecus* africano é o mesmo que creou a *propriedade* e a *familia*. Em *pecunia* (dinheiro) acha-se o termo *cuneus*, que fala da *formação militar em figura de cunha*, semelhante áquella que empregam os *grous*, quando marcham

reunidos; e sabemos que para os Gregos os passaros indicados eram emblemas dos Pelasgos (geranos). O mesmo vocabulo *geranos*, que encerra o termo *gerere* (governar), se lhe compararmos a forma com a que nos offerece a palavra latina, encerra o radical do nome dado aos *germanos*, e *manum gerere*, significa *alcançar poder*, sendo que a mão é para o barbaro como um *arpeo* ou balroa. *Germen*, donde se faz derivar *germanus*, traduz-se por *pimpolho* ou renovo, e tambem por *sentença* (arbitrium, *poder*, *dominio*).

Não se pôde dizer que da *Aria* ou *Korasan* viessem os chamados *Aryanos*, que sahiram aliás das terras africanas, mas não se pode duvidar, que o *amago* (coração), de nossa raça reside no sentimento de *propriedade* (Heri, herus), e de *familia*, não falando na tendencia para o quixotismo, a que os antigos deram o nome de *heroica virtus* (ferocidade dos heróes). O renovo ethnico, de que os Germanos são os modernos representantes, não nos trouxe novos ideaes, mas vai reproduzindo fortemente a folhagem e as flôres da velha arvore latina, até que, perdida a seiva primitiva, tombe para o passado inglorio em que se abysmaram tantas outras nacionalidades pujantes.

Podemos ainda achar o nome dos creadores da propriedade privada, por intermedio da expressão que designa as *terras pantanosas*, chamadas, em egypcio, *peh'u*, isto é, *limosa vorago*. *Vorago*, conduz a *abyssus*, donde *Abyssini*, e nós já conhecemos os homens cor de limo, tantas vezes equiparados ás *cavernas subterraneas* do Nilo e ás *chagas cancerosas*.

Onumero dos *nomos* variou, já se sabe, com as alternativas da guerra e as dissensões entre os habitantes do paiz: *trinta e seis*, dizem os historiadores antigos; qua-

renta e quatro, segundo os documentos egypcios, metade no norte, e metade no sul, ou Alto Egypto. *To-Qens*, era o nome do mais meridional, bem como o da *Nubia*, com o qual confinava. *Abu*, chamada *Elephantina* pelos gregos, servia de capital; mais tarde os romanos trocaram-lhe o nome pelo de *Nubit* (Ombos). Compreendia já a cidade de *Suannu* (Syene), já as duas ilhas de *Senem* (Beghe), e de *Lah* (Aa-Lak, Pi-lak, Philæ.) Apezar de accumuladas indicações differentes, vamos dispola-as pela ordem da significação historica. *To-Qens* (o nomo mais meridional) guarda a memoria do *rol do onzeneiro* (toculionis census); mas como *rol*, se traduza por *album*, os primeiros habitantes dessa porção do Egypto foram *brancos* (albus), e neste caso a *usura* (foenus) foi o logro da *multidão* (numerus), que pagou a posse da terra por beneficios inequalaveis. *Usurario*, traduz-se por *foenerator* (raptor foeni), e dest'arte quem pediu emprestada uma pequena parte do sólo da Africa tirou do *negocio* o logro ou o feno. Já vimos que os autores da legenda consideravam a occupação do continente negro como pessimo negocio. Devemos dizer que *rol*, tem como expressão correspondente latina o vocabulo *index*, e foram exactamente os *Indos* que contrahiram a divida, pagaram os juros e finalmente tiveram de confessar-se fallidos. Ora, *album*, tambem significa *annaes* e, portanto, o numero *onze* que se lê na palavra *onzeneiro*, deve ter valor chronologico. Admitamos provisoriamente que a occupação daquelle nomo do Egypto realizou-se 11.000 annos depois que se instituiram registros publicos na India, e teremos uma data que nos póde servir de guia neste dedalo da historia primitiva, em que pela primeira vez se penetra. *Abu*, é o nome da capital dessa comarca, e por elle se

corrobora a interpretação do vocabulo *To-Qens*, sendo aquelle evidentemente destacado de *abusio* (abuso), synonymo de *fallacia* (engano, lógro), e como se precisa saber quem *abusou da confiança*, ahí está a forma *apu* (abu), que nos fala do *gavião*, já conhecido sob o nome de *Osiris* ou do *Nilo* (Astapus). Os gregos chamavam *Elephantina*, a capital de *To-Qens*, mas esta variante não offerece nenhuma difficuldade. Devemos lembrar-nos de que *Osiris* tinha por emblema uma *tromba de elephante*. Ora, *Elephantina*, é apenas uma das variações flexionaes de *elephantinum* (tinta negra), que por um lado nos lembra os *Ethiopes* ou Abyssinios (dens indicus), e por outro a *foice cortante* de Saturno, da qual já falámos, sem esquecer o *Eleus pater* (Jupiter), cuja autoridade se firmou sobre uma *usurpação*. Os Romanos, por sua vez, chamavam *Nubis* (Ombos) a cidade conhecida entre os gregos pelo nome de *Elephantina*. Semelhante substituição explica-se pela historia dos *Libyo-Ethiopes*, em quem se via como uma *nuvem viajante* (itus nubis); e esta palavra latina, cujo sentido historico passou despercebido, retrata a impressão produzida sobre a antiga raça civilisada pela surreição dessa nova humanidade, que parecia ter por divisa associar todas as calamidades com o amor da vangloria: «*nubitur hic mala cum fama*». Como *umbo*, signifique *marco* (terminalia, milliaria), *Ombos*, nome da cidade, representa a data de 11.000, tirada daquella significação, quando approximada de *undecim*, que se encerra em *tocullio* (*To-Qens*). Acha-se em *umbo* a idéa de *ponta que se destaca*, e por ella a que se emite por *murex* (marisco que produz a côr da purpura). De modo que pelo nome da cidade (Ombos) faz-se compendiosamente a historia dos *homens vermelhos*, que uni-

dos aos *Negros* (nubes, elephantinum), se tornaram os senhores ou *patres* do Egypto, e tiveram afinal a *purpura* como emblema do poder usurpado.

O começo dessa historia prende-se, como vimos, ao seculo 11.000 da chronologia dos Indos. Na área do nomo indicado (To-Qens), comprehendiam-se a cidade de *Suannu* e as duas ilhas de *Senem* e de *Lak*. Em *Suannu* está o nome dos *Suanenses* (Etruscos), dos *Suanetes* (o povo dos Alpes), e dos *Suanos* (habitantes da Colchida). Tirou-se o vocabulo geographico de *suasio* (persuasão) e *anus* (velha, Janus); mas *Suannu*, transitou por *suarius* (guardador de porcos, suino). Não precisamos quasi dizer em que podia consistir o talento *persuasivo*, que *Janus* exercia: elle suppõe o que os antigos chamavam *inductio animi*, isto é, uma *resolução determinada por força estranha*, que se insinua em nosso animo. O orador, nesse caso, só podia ser *Anubis* (vis antís), a divindade egypcia que presidia á *caça*, ou o *cão*, que se occulta sob a fôrma de *golilha* (canis), instrumento de supplicio. Numa palavra, são os *caçadores* libyo-ethiopes que se resolvem a fazer uso dos *motivos patheticos*, e conseguem arrastar o auditorio para fóra do *corredor* (circuitio), que habitavam até ao momento do discurso. Sabe-se, que o Egypto era chamado *Kemit*, palavra que se emparelha com *semita* (caminho estreito, azinhaga). E como se falasse de *porcos*, foi o *batalhão quadrado* (porcinum caput) a causa determinante desse exodo inesperado.

Syenne, como é tambem chamada *Suannu*, é o nome de um *marmore finissimo*, indicação que nos traz á memoria os selvagens conhecidos por *Marmaridas*, e de que tratámos opportunamente (marmarica fera). A

quietude enganadora dos Indos em face do perigo imminente, pôde ser representada pela palavra *marmor*, mar tranquillo, que annuncia a borrasca proxima ou é causa de illusão. Diz-se que o *marmore* é *finissimo*, porque *subtilissimus*, dá idéa de cousa *insignificante* ou ridicula, e sob este aspecto o *perigo* (mare), nascia da extravagancia ou *insensatez* (morus), bem que inherente á natureza selvagem (mos). A origem maritima das tribus marmaricas está indicada por *sium* (rabaça aquatica), e a *cor da pelle* por *aenus* (cousa feita de cobre); e destes elementos tirou-se a palavra *Syenne*. Si examinarmos o nome de uma das ilhas comprehendidas na área da comarca egypcia, veremos que *Sennu*, repete a idéa de *Janus*, por *senica* (velha desprezível), e por *nemo* (ninguem), equivalente de *nilum*. Lembremo-nos do *Ninguém* da Odyssea, e tambem do nome de *Senegambios*, povos da costa de Guiné. *Beghe*, como igualmente chamavam á ilha, sahiu morphicamente de *bechion* (unha de cavallo), e *unguis*, traduz a noção de *belida* ou *nevoa nos olhos*, «nubes», donde proveiu o nome dos *Nubios*. Onomo, de que nos occupamos confinava com a *Nubia*, e uma mesma denominação era applicada ás duas regiões limitrophes. Ao lado, mas em opposição aos Libyos, estavam os Ethiopes, auxiliares dos brancos como força militar. O paiz ou acampamento dos Libyos, estendia-se, provavelmente, do lago *Mareotis*, na parte septentrional do Egypto, até ao grande Oasis, convizinhando pelo occidente com a região que se chamou Thebaida, a patria de Hercules (thebanus deus). Ahi nasceu tambem *Niobe* (thebana mater), e realizaram-se acontecimentos que mais tarde serviram de modelo para a legenda de *Antigone*, assim

como das de *Etheocles* e *Polynices* (thebani fratres, duces). Os auxiliares, porém, dos Indos localisaram-se mais ao sul e na direcção do nascente, num territorio que vai ficar para sempre conhecido, pois foi theatro de acontecimentos memoraveis.

A ilha *Lak*, que é a segunda das nomeadas como fazendo parte do nomo de *To-Qens*, ponto occupado pela raça branca (lac), tornou-se mais tarde o theatro das disputas accendidas pelos *Lybios* (succus candens, lac). A historia da luta entre esses selvagens e os *Ethiopes* nos é indicada pela palavra *lacca*, que fala de uma *planta medicinal para a ictericia*, porque os mulatos ou brancos modernos sahiram dentre os alliados dos Indos. O *veneno* (medicamen) tinha a cor *vermelha* ou *purpurea*, e dahi o dizer-se que ella servia para curar a molestia, que apresenta como symptoma o *amarellecimento* da pelle. O perigo proximo era os *Libyos*, mas o remoto dependia da tribu alliada (gens furva), cuja indole dominadora, feroz, ainda se faz sentir na classe governante de todos os povos. A *ictericia*, tambem chamada *regius*, *arquatus morbus*, lembra a progenie dos reis ou do patriciado, e tambem aquelles *Arcarii*, denominados *Arcades* pelos Gregos. E' a mesma raça de Janus (arcus), ou do *arco da velha*, que apresentava na cutis todas as cores, porque sorvera tambem todos os sangues. Aquella enfermidade resulta da *suffusão da bilis*, e por *bilis*, synonymo de *ira*, se chega á ideia de *rixa* ou *desavença*; devendo-se notar que *bilix*, fala de *cousa tecida a dous liços* (licium, licia), e desde logo nos apparece o nome do paiz habitado pelos Thracios ou Ombrios (Lycia). Isto mesmo se revela pelo citado vocabulo, *ictericia*, onde se lê facilmente *golpe* ou *chaga*

(ictus), *trama* (lycia); e em *subtegmen* (trama), se poz a noção de *alguma cousa que ainda está occulta ou sob cobertura* (sub tegmine). *Sub tegmine* ou *sub umbra*, a verdade é que os autores da *trama* homicida contra os brancos foram *Ombrios* ou *Ethiopes*, e que destes procedem os actuaes *tutores* da humanidade (tegere). Esse *concerto* entre as duas raças selvagens já nos fôra annuciado pela expressão *marmor subtilissimum*, porquanto *sutlis*, fala de cousa que *se cose*, e *agulha*, é o nome que damos ao peixe chamado pelos antigos *belone*, sendo sabido que *Bellona* figura na fabula como mulher de *Marte* (bellum).

Monta lembrar ainda, que *suffusio fellis* (ictericia), allude não só ao *fel* que *se derrama no sangue*, como á *extensão adquirida pelo poder do tigre africano* (felis) transformado no *pater* (patere). E já que o nome dos *Nubios* está ligado ao de *casamento* (nubere, nuptiæ), convém notar de passagem que por *feles virginaria* se designava o *raptor de donzellas*. Eis, portanto, o principio da *alimpadura* (acus, pellis acus, Pelasgus), por que passaram os *Ethiopes*, transitando de *negros* para *mulatos*, até que da *côr da ictericia* puderam attingir a dos asiaticos. Apontamos mais uma vez a origem dos symbolos matrimoniaes, do *rpto ficticio*, que precedia o acto legal do ajuntamento dos esposos. Os *Nubios* ou *Ethiopes*, que mais tarde encontraremos em Roma, apropriaram-se pela violencia das mulheres brancas, podendo por este modo procriar filhos menos escuros do que elles; e por sua vez, os mestiços da classe dominante proseguiram na faina de apurar o sangue e clarificar a tez de sua raça. Póde-se invocar o facto como prova da influencia moral que exerciam os asiaticos sobre os

negros selvagens : desde que estes enfeixavam nas mãos o dominio do continente, formavam uma aristocracia, recrutada nas fileiras do elemento mesclado, e mais tarde nenhum *pater* queria descender da raça negra, como ainda se nota entre os anglo-saxonios, para não falar na classe governante do Brasil. Sobre o casamento patricio, como a respeito de tantos outros assumptos historicos, é unanime a voz das antigas legendas.

Aa-Lak, como se denominou tambem a ilha de *Lak*, accusa a presença do elemento *ala* (lado do exercito), o que ainda se prova pela variante *Pi-lak* (pilum, dardo, centuria). Trata-se de um exercito que estava ao lado dos *brancos*, segundo se deprehende de *lac* (succo branco), approximado de *ala* ou de *pilum* ; e o dardo da gente *côr de leite*, já estamos informado por muitas indicações, que eram os *Ethiopes* ou antigos Boschimans. *Ethiops*, traduz-se por *auxilio da moral*, mas *mos*, lei que regula os costumes, prende-se a *morulus* (negro), ou *morus* (tolo), assim como á *mora* (embaraço). Para guardar a *moral*, precisavam os brancos de recorrer aos seus futuros inimigos, pois se achavam sob a permanente ameaça das irrupções lybicas. Os selvagens ou insensatos, que prestavam o serviço das armas, reclamado pela situação viciosa, que nos é descripta, formavam um *corpo de infantaria*, mais ou menos numeroso, segundo as circumstancias. Este facto nos é revelado pela palavra *mora* ; e a terminação *alis*, de *moralis*, nos diz por *allisus* (cousa quebrada em outra), que essas tropas auxiliares se dividiam em *compaxhias*, do mesmo modo que é facil tirar de *allium* (alho), uma nova explicação, qual a de ter cada uma dessas fracções do exercito um commando especial (caput allii). Fica-se, pois, sabendo que os Asia-

ticos do Egypto foram os inventores da tactica militar e os primeiros disciplinadores das tribus selvagens, que forneceram os mais antigos batalhões, empregados na defesa da gente, que repugnava com a profissão das armas. Os batalhões em fórma de cunha ou de quadrado, as evoluções variadas que demandam o movimento e disposição de um exercito, não podiam sahir do bestunto de homens grosseiros, incapazes de combinar idéas e achar soluções complexas ou difíceis. Entretanto, para pôr em pé de guerra essas populações nomadas, e affazel-as, como era de mister, ás exigencias da disciplina, os asiaticos do Egypto não empregaram meios violentos, incompativeis com a lenidade dos seus costumes : a palavra *alliciare*, que se póde approximar da terminação de *moralis*, dá ideia de *alliciação* por meio de affagos, e não ha duvidar do facto, pois ao revez os representantes da raça primitiva não teriam domesticado tantos animaes selvagens.

A historia dos Pelasgos não nos refere quando nem como elles puzeram a seu serviço as feras da Asia e da Africa, muitas das quaes são ainda auxiliares do homem. Os selvicolas, que vagavam nús pelas florestas, tiveram desde então *vestuario*, como nos attesta a palavra *allix* (vestia, camisola), comparada com o nome dos *Ethiopes* (*ethi—ops*). Por *alere* se attesta o supprimento de victualhas ; mas quando mesmo recebia o beneficio, esse animal selvagem e quasi sem prestimo (ales, alex), não offerencia nenhuma segurança ou certeza sobre o seu procedimento futuro (alea), e a propria educação tornou-se negocio de muito risco (opus plenum aleæ). Foi contemporaneo do auxilio prestado por essa tribu o trabalho de moralisação, que começou para ella pelo uso dos vestidos e

pelos habitos de ordem adquiridos nas fileiras. Deram-lhe uma linguagem articulada, a ella, que falava por trejeitos e por gritos confusos. A moral para esses infelizes era uma cousa extranha, incomprehensivel ; e dahi a razão por que se pôz no vocabulo *mos* a idéa de um *costume estabelecido* sobre quem *vivia tolamente* ou de modo insensato (*more*). Isto se não conseguiu de prompto, mas com pausa, vencendo-se a *morosidade* e máo humor desses discipulos rabugentos (*morositas*) ; mas, como os creadores da lingua concilhassem a noção de *costume* (*mos*) com a de *morte* (*moriri*), pôde-se concluir que a raça, tão cuidadosamente tratada pelos seus mestres, carecia de aptidão ou estava privada dessa capacidade natural, que é a condição mesma da verdadeira cultura (*communi luce privari ; caput dependere*). *Poder da moral* (*ethiops*) é traducção que se pôde tambem pôr ao lado da palavra *Ethiope* ; mas, como em *mos* se encerra tanto a ideia de *costume approved*, como de *costume vicioso*, além da de *natureza, propriedade*, somos advertidos por essa accumulção de noções e sentidos diversos num só vocabulo, de que o *natural* dos selvagens tanto participava da tendencia para o *bem*, como para o *mal* ; não ha, pois, que admirar no facto assignalado pelos moralistas e relativo á contradicção interior que se observa no homem. Discute-se ainda si o homem é naturalmente *bom* ou *máo* ; mas a experiencia dos antigos, mais longa e exercitada do que a nossa, affirma a existencia de uma dupla natureza, já nos Ethiopes, já nos descendentes destes, que somos nós todos. E nada mais verdadeiro, si quizermos ser justos.

O *abysmo*, que Pascal via sempre junto de si mesmo, tem alguma cousa de mystico ; pois o nome dos *Abys-*

sinios nos fala já dessa *voragem* (*abyssus*), que é como *um mixto de varias cousas* (*cinnus*). Dava-se a *Diogenes*, de cuja existencia não nos consta que alguém duvidasse, o epitheto, muito significativo para o caso vertente, de *synopeus cynicus*. Ora acha-se em *Abyssini*, a ideia que se exprime por *cinnus*, assim como em *AEthiops* o termo que apparece em *Sinopeus*. Essa mistura incongruente de virtudes e vícios, que se dá na legenda como formando a constituição moral de Diogenes, é a que se observa em todos os Pelasgos, antigos ou modernos. Si a palavra *cynico* prende-se a *kyon*, *kynos* (cão), ali está indicada pelo mytho de *Anubis* a origem historica da versão corrente sobre o supposto philosopho da Grecia, o qual desprezava as conveniencias sociaes. Não precisamos repetir que o cão *Anubis* representa, em primeiro lugar, a *força do arco*, allusão ás obras do Nilo, e, em segundo, a raça que se pôz ao serviço dos creadores do Egypto, comparada com a *golilha dos cães* (*canis*). A pequena cadeia ou afogador com que ainda se ornem as mulheres, recorda o momento em que o grilhão dos vencedores pesou sobre o collo dessa humanidade primeva, que tomou como symbolo de civilisação o *sentimento materno*. Ao tempo em que dizem ter Diogenes andado com uma lanterna pelas ruas de Athenas, a maioria dos homens compunha-se desses *abysmos* e dessas *misturas*, que nos designam; e os gregos riam-se de si mesmos, quando repetiam as aneddotas de um novo Diogenes, nome que se traduz litteralmente por *sub dium genere* (descobrir, divulgar), expressão esta equivalente a *pater*, donde *pater*. O homem que não podia ser descoberto, apezar da luz da lanterna, era o deus ridiculo, cujo nome imita o do pharol ambulante (*volcanus*). Essa divin-

dade personificou a plebe pelasgica, e todos os habitantes de Athenas se julgavam optimatas e patricios na época do supposto philosopho cynico. Foi dessa casta que se formaram os *immortales*, e por isto não se encontrava mais na cidade grega o typo commum da humanidade (*mortalis*). Plautus dava o nome de *homo* ao escravo com a ideia de sujeição, qual se diz que era *Vulcanus*.

E' tempo de retomarmos o trabalho interrompido, continuando no exame dos nomes geographicos, pois que já estamos de posse das noticias interessantes que nos foram communicadas pelas variantes de *Lack*, faltando apenas uma, que é *Philæ*. Acha-se em *Philæ*, a confirmação do facto, até hoje ignorado, sobre a criação de um exercito auxiliar para defesa dos Indos, estabelecidos no Egypto. E' o que nos relata a forma plural de *filum* (fila, linhas), que representa as fileiras do contingente militar empregado na defesa contra os Lybios. Ainda hoje empregamos o mesmo nome (linha), para designar as tropas que devem formar em ordem de batalha e foram creadas para a defesa dos Estados. E' da *acies pedestris* (infanteria), que se cogita; mas *linea*, fala tambem da linhaagem daquelles que passaram das fileiras para o governo do mundo. Vimos no estudo da historia do Oriente que a *cellula mater* das castas, e, portanto, dos reis, das aristocracias e dos patres, foi a organização militar, e dahi o conceito posterior sobre a ordem hierarchica e o principio de subordinação civil. Importa adduzir que a voz *Philæ* agglutinou o elemento *ile*, pelo qual se faz tambem referencia ao deus *Ventre*, e que apparece no nome de *Troia* ou dos *Troyanos* (*Ilium*, *Ilius*), sendo que *Troia*, dá ideia de justas e torneios, explicando, portanto, a instituição

da *cavallaria*, cujas origens são tão discutidas pelos historiadores.

O vocabulo hebraico *philan* reproduz o nome da ilha egypcia (*Philæ*), accrescentando-lhe a significação que tiramos de *île* (ventre); mas o traduzem por *amante dolouvor ou da gloria*, ideia enunciada pela palavra *Troia*, e que já destacámos da voz *Ombos* (nome da capital da comarca). Esse appetite funesto, que se manifesta pela disputa de honras e marcas exteriores de proeminencia social, foi-nos transmitida pela selvageria e desenvolvida pelos habitos da guerra. A phrase empregada por Plinius, *aræ Philæmorum*, estabelece a ligação historica entre os *Ethiopes* de *Philæ*, e aquelles que se fixaram no sitio do norte, proximo das Syrtes (Altars dos Philenos). E' ahi que, na orla da pequena Syrte, fica a ilha de *Menix* ou dos *Lotophagos*.

Menis, fala, como dissemos, da *pequena lua* (lunula), imagem que nos põe em presença dos patricios, para os quaes uma fivela com a fórma daquelle astro (lunula) servia de emblema distinctivo. Como *pes*, signifique *raiz*, fez-se constar pelo emblema, que o patriciado sahira do seio da noite africana (luna), ou descendia dos negros boçaes que vieram do golfo de Guiné. Eisahi por que *hara*, homophono de *ara* (altar), significa *posilga* de *porcos* ou *tanque de patos*.

Eis tambem por que *phylaca* (comparada com *Philæ*), significa *prisão, carcere, e carcer*, encerra os elementos *car* (Cario), e *cereus* (côr de cêra), dando-se ainda a *phylarcus* a mesma significação de *pater* (principal, chefe de tribu ou de gens). Em *phylarcus*, por outro lado, se depara o termo *arcus*, donde *arcarii* (bahuleiros), nome da raça de Janus ou do *iris* (arco da velha), porque ella

reunia na côr da pelle os matizes mais variegados, não excluindo o *roxo* ou *purpureo* (phyllantion). A palavra *phylarcus* decompõe-se nos termos *philus* (amigo), e *arcus* (fôrma curva que convém a muitos objectos).

Ora, por *arca*, se chega novamente á ideia, já de *carcere*, já de *bahuleiros*, e, portanto, á de *caixeiros* ou *criados* (arcarii), que taes foram os ascendentes dos aristocratas de hoje.

Já em *philus* descobre-se a noção de *famulo* (familiaris). Era essa a condição dos *Ethiopes*, devendo-se notar que *famulus* (criado) reúne a noção de *soccorro* ou de *auxilio* (famulari); e já ficou dito e repetido que aquella tribu bisonha se havia reunido aos Indos para defendel-os contra os ataques e surpresas dos Lybios (ethica ops).

O nome de *famulo* (familiaris) não deixa duvida sobre a *educação* que receberam os negros, pois *criar* ou *criado*, verte-se por *erudire*, *educare*, ou *educatus*, *institutus*. A *educação*, como se tem dito, é uma nova *creação*; mas *creare*, diz o mesmo que *eligere*, e nesta palavra se nota o radical de *ligare* (associar, unir). Entretanto, como declarassemos que á origem ethiope prende-se o amor ás *honras* e á *celebridade*, ahí está o vocabulo *famulus*, derivado de *fama*, para reforçar a demonstração já feita; mas *fama*, prende-se intimamente á *familia* e a *fames* (pobreza, cobiça).

A *cobiça* surgiu ao mesmo tempo que a *miseria selvagem*, e com ella o amor da *vangloria* (fama), sendo a *familia* uma criação da vaidade, como aliás se deduz da significação de *patere* (divulgar), donde se tirou *pater* (pai).

A *maternidade* foi creada pela natureza, pelo ins-

tincto ; a *paternidade*, pelas convenções ; mas sem ella voltariamos ao estado selvagem, dada a conformação moral de nossa raça. O rapto *das mulheres brancas* accusa a *luxuria* (fames, cupido), desses animaes com fórmas de homens.

Da *concupiscencia* sahiu, portanto, o primeiro nucleo de associação restricta, que, em vez de annunciar a sur-reiçãõ do altruismo na alma humana, é a prova, pelo contrario, de um egoismo desbragado.

Os pais sacrificariam fatalmente as crianças, entre os Ethiopes ferozes, si, nos primeiros tempos, não as amparasse o amor enternecido das mãis, sahidas de um sangue superior ; e, si mais tarde, não se consolidasse o poder dos habitos, gerados pela educação que formou grupos superiores de homens. Essa educação foi obra daquelles que pelas legendas fizeram a historia, até hoje desconhecida, de nossa raça. Quando os filhos foram poupados, pagaram a vida pela escravidão, a que tambem se viram condemnadas as mãis ; mas ainda assim, o *infanticidio* e a *exposição das crianças* não causavam o horror que hoje nos inspiram.

Entre os gregos e os romanos, já não falando em outros povos ainda mais barbaros, o recém-nascido era deposto aos pés do chefe da familia, que podia erguel-o ou abandonal-o. E' conhecido o testemunho melancolico de Lucretius : « O menino jaz nú, por terra, como o marujo lançado á costa pela vaga furiosa (tum porro puer, ut sævis projectus ab undis navita, nudus humi jacet...) . » E' por isso que se imaginava serem as *lobas* mais caritativas do que os pais, e dizia-se nas legendas que a agua tinha entranhas de mãe, pois não engolia os engeitados.

A phase anterior da humanidade, substituída afinal pela barbaria africana, foi adivinhada por alguns escriptores, dentre os quaes destacaremos o sabio professor de Bâle, J. J. Bachofen, que disse em seu livro sobre a *Maternidade* :

« Em uma certa phase da humanidade, factos incontestaveis testemunham a existencia de uma ordem de familia fundada sobre a preeminencia absoluta da mãe, em nome de um direito civil e religioso. O poder do homem na familia não seria mais que a obra de um *progresso* (!) posterior, e o pai, como o marido, não deveriam seu poder sinão a um direito de conquista. » Um escriptor paradoxal (Espiard de Colonge, — *A queda do céo*), mas que não deixou de entrever algumas verdades obumbradas pela nossa falsa cultura, disse a respeito do antigo *poder feminino* : « A existencia de um *poder feminino* na Europa e nos tempos passados encontrava-se em mil legendas historicas, assim como a antiga civilisação de que ellas eram um dos ultimos e maravilhosos vestigios, acompanhadas por *alguns trabalhos não menos admiraveis*... Póde-se tambem crer que, o *respeito*, de tempo immemorial votado na Europa á mulher, *vem dahi, e que é muito anterior á cavallaria*, que por sua vez *não é sinão a consequencia*... » Esses relampagos de genio apparecem no meio de idéas confusas, erroneas, sobre o periodo de que se trata ; mas por isto mesmo devem ser lembrados no momento em que se desvela para nós esse velho mundo desaparecido. As fontes em que alguns espiritos superiores beberam uma noticia incompleta sobre a incomparavel civilisação, que cedeu o passo á conquista e á barbaria em toda a terra, são as mesmas que vão jorrar presentemente para os humildes. A historia do mais remoto

passado poderá ser tratada d'ora em diante não mais por algumas intelligencias privilegiadas, mas por todos os espiritos de mediana cultura, graças á previsão munificente de nossos grandes antepassados do tronco asiatico.

Precisamos ainda insistir um pouco sobre a palavra *famulus*, que nos revelou a origem do amor á *celebridade*, assim como da *familia*, palavra onde se lê a sigla *ilia fama* (concupiscencia troyana), ou *fama ilia* (ferrêtilio), e como *Troia*, signifique *torneios*, eis que nos encontramos diante dos *ludi equestres* (carreiras de cavallos), que nos explicam a creação da ordem dos *cavalleiros* e da *cavallaria*. *Trojæ ludus*, ou *equestris pugna simulacra*, são expressões que se adaptam aos selvagens, comparaveis aos quadrupedes, e particularmente aos *rocins* (*malus caballus*). Aquelles que exerciam as funcções de *guardas* e *defensores* dos brancos (*servare*) deviam de ser tambem os creadores da escravidão (*servitudo*). Em *serus*, acha-se o nome dos *Scythas asiaticos* (Ser), donde sahiram os *Slavos*, e desta palavra é que se suppõe derivar o nosso vocabulo *escravo*. Mal se occulta em *servus*, o termo *ervum*, nome de um *legume*, tambem chamado *cirsecula* ou *cicercula*, e que é vulgarmente conhecido por *chicharo*, ou *grão de bico*, reservado ao norte da Europa para alimentação dos *cavallos*. O nome vulgar *grão de bico* não póde deixar de nos ser útil para a descoberta da intenção com que foi primitivamente adoptado; e, effectivamente, *grão*, traduz-se por *semen* (casta, geração), e *bico*, por *umbo*, nome da cidade que já foi examinado. Ora, si *umbo*, fala de *ponta que se destaca para diante*, e pelo synonymo

murex se allude á *purpura* dos patricios, parece claro que foram estes os inventores da escravidão.

Rostrum (bico) designa igualmente o *focinho de porco*, deformidade dos *Boschimans*, não falando na tromba do elephante, que apparece sobre a *cabeça de Osiris* (caput, *origem*), nem no beque dos *gansos africanos*. Como o primeiro exercito que se formou na terra foi composto de negros, *acies*, synonimo de *rostrum*, vem confirmar a nossa illação sobre a origem da instituição maldita, e dizer-nos, que a guerra e a conquista foram as causas historicas desse crime contra a humanidade. Por outro lado, *legume*, que se verte por *legumen*, dá idéa de *força* (gumen, succus), e de *lei* ou condição (lex): a escravidão é assim considerada como uma sancção do poder que se impõe, ou da violencia que se transforma em preceito civil (legum sanctio). Mas *gumen*, se diz do *succo vegetal concreto que se dissolve em agua*, e por *vegeta semina* (vegetaes) se entende a *casta* ou *geração forte*, que cresce e se avigora (vegetatio), mas que suppõe uma *condensação* ou mistura de sangues (concretio). A *dissolução*, de que se fala, opera-se na *agua*, porque esta é o *emblema* da raça branca, e foi exactamente no sangue asiatico que se *derreteu* e clarificou (liqueare) o composto ethnico formado pela fusão das duas tribus africanas. Se juntarmos agora a noção de *lei* ou preceito, ao nome dos *Pelasgos*, que são os mestiços apontados, com a restituição integral da palavra *legumen*, acharemos a origem remota da escravidão, sendo que esta se formou lentamente no decurso dos tempos (circa secula).

O quadro desolador do homem subjugado pelo homem foi desenhado com a tinta chamada *sinopla*

(*cicerculum*), que dão como originaria da Africa, mas *Sinis*, é o nome do saqueador da Grecia, e *ops*, repete o dos soldados de Ombos, sendo que *cinnus*, confirma pela ideia de *mistura*, o que vimos affirmado por *concreto*, a proposito da palavra *legumen*. Desde logo se percebe que a escravidão entrou na Grecia com a invasão dos Pelasgos, tanto mais quando *servitus* (escravidão) é o synonymo de *grex* (bando de gente vil); e *gressus*, *gradatim*, significa *passo*, *andadura* (circa secula). A gente de *cor grecanica* (*graecanicus color*) é a mesma que apparece sob o nome de *Sinis* (*cinnus*), e semelhante pela tez á *mistura de chumbo e cobre*, já de nós conhecida. Combina o resultado que vimos de apurar com o que colligimos dos annaes da Índia, e estes affirmam positivamente que não se conhecia a escravidão antes da invasão pelasgica.

Já fizemos conhecimento com a raça que sahio pela *porta Egyptica*, ou de *Assuan*, nome que tambem foi dado outr'ora a *Syenne*. Ahi é que estão as rochas de syenite rosea, que marginam o Nilo, e das quaes dizem, seriam talhadas as estatuas colossaes que foram collocadas nos templos. As ilhas de que ha pouco falavamos mereceram o nome de *jardins dos Tropicos*. A celebridade de *Elephantina* e de *Philé* corresponde á grande civilisação de que foram theatro : os cáes e os templos que se encontram, attestam ainda a grandeza e a magnificencia de um remoto passado e contrastam dolorosamente com a miseria actual.

O nome que se segue ao de *To-Qens* chamava-se *Tes-Hor*, comprehendendo *Deb* e *Khennu*. Mais adiante estava o de *Ten*, cuja capital chamava-se *Nekheb*, figurando nos acontecimentos mais notaveis da historia

do Egypto. Conta-se que na época greco-romana a indicada cidade perdeu a sua antiga importancia, e *Sni*, hoje *Enuk*, tomou a dianteira. Tentemos pela analyse etymologica dos nomes restabelecer a historia primitiva desses logares. *Tes-Hor*, resolve-se em *tesca Horæ*, (sítio consagrado ao culto de Hora). A deusa da mocidade (Hora) chama-se tambem *Juventas* ou *Hebe*. Por *juventas*, se aponta os *auxiliares* dos brancos (juvare), indicação repetida pelo vocabulo *Hebe*, que fala de *toleima* e insensatez (hebetudo). Se recorremos novamente ao termo *Hor*, teremos a significação de *limite* ou extremidade (ora), e se approximarmos *thesaurus* de *Tes Hor*, a noção de *abundancia* (opes) conduz a de *Ethiopes*, dados mais uma vez como guardas ou *auxiliares* (ops). *Thesaurus*, é tambem o *sítio aonde se esconde alguma cousa*; mas como se trata de uma cidade e daquillo que cresce como o *thesouro*, póde-se concluir que esse sítio primitivamente solitario (tesca) cresceu insensivelmente com o tempo (aevu occulto crescere), até que cahiu sob o jugo daquelles que, de auxiliares ineptos, passaram para divindades (Hora). *Hora* ou *Juventas*, tambem chamada *Hersilia*, fala de um *novo dono* ou senhor mais moço (*herus*) e dos cabellos das *pestanas* (*pilus*), que são os soldados ethiopes (*pilus*). A acção de *pestanejar* (*nictatio*) allude no caso aos *Nomades* (*Ethiopes*), porquanto *numen* (aceno) contém o radical do nome desse povo. E' curioso que se ache na palavra *capella* (palpebra) o elemento precioso para completar o nome dos *Ethiopes*, cujo segundo termo componente (ops) já tinhamos descoberto. *Capella*, traduz-se por *aedicula*, e *edi*, é o mesmo *ethi*, de que

precisamos para a ligação com *opes*. A extremidade ou ponta (ora), de que se cogitou por *Hor*, é o mesmo *umbo* (Ombos), que designa o *dono mais novo* (herus, minor, juvenus), do segundo nome, visto que já estamos informados de que a *facção mais saliente dos escudos* (umbo, pars) não era a dos *vermelhos*, mas dos *negros*; e para prova-o bastaria comparar *ancile* (escudo) com *ancilla* (criada). Nota-se que *clypeus* (escudo), também significa a *imagem* pintada nessa arma defensiva, e que *pintura*, traduz-se por *species* (divisão do genero). Está provado que os *criados-patricios* (arcarii), considerados como a *pars altissima clypei*, apossaram-se do territorio, cujo progresso nos é attestado pelo proprio nome, até que a *insensatez* (hebetudo, Hebe) o tornasse em ruina. Em *altus* pôz-se também a noção de *criado*, *nutrido*, assim como de *profundo*, *dissimulado*.

Vimos que *Deb* e *Khennu* faziam parte desse nomo ; e de facto, essas denominações geographicas affirmam a mesma ordem de factos, assignalada pelo aggregado *Tes Hor*.

Falou-se em alguma cousa *occulta*, cuja *divulgação* nos é indicada por *Deb* (debuccinare). Aquelles que deviam ter-se na conta de *devedores* (debitor), dos brancos, mas que eram como *aleijões* humanos, (debilitatus, debilitatio animi), não tardaram de revelar-se taes como os figura a natureza.

Entraram pela *bebedice* (debibere), e sahiram pela *guerra* (debellare). *Açoitando* e *ferindo* (debatuere), não encontraram desde logo castigo severo e exemplar. O que se pode actualmente chamar *fraqueza* (debilitatio), mas que era nos asiaticos nimia cordura e mansidão,

descurou a repressão (*debilitare audaciam*); e por isto o abuso das *bebidas* tornou-se habitual, ou degenerou em *furias temerosas* (*debacchantur ignes*) até que o incendio, a principio *debil*, não poudo ser mais atalhado e tornou-se geral. A maneira por que se manifestou o perigo, está registrada na mesma composição da palavra *debuccinare*, onde se lê o termo *bucca* (trombeteiro), palavra que é de geral applicação nas legendas para designar os conquistadores pelasgicos, comparados com a parte saliente do rosto (*buccæ, bochechas*), como agora, com a *ponta mais alta do escudo* (umbo). As *faces* (*genea*), ou *bochechas* (*buccæ*), lembram o nome do territorio de Guiné (*Gena*) e o dos *Boschimans* (*bus, buc*); mas ellas figuram agora como emblemas da tribu, que se destacava da sua co-irmã, para estender-se mais tarde e *divulgar-se* (*debuccinare, patere, pater*). O segundo nome citado, *Khennu*, informa que os novos senhores do paiz eram da cor do *lodo* e gente desprezivel (*coenum*). São os mesmos que se verá na faina de *devorar os cabedaes alheios* (*coenare alienum, musice ætatem agere*); e no futuro, tanto as fintas que as provincias pagavam para alojamento dos soldados (*coenatica*) como os bilhetes de aboletamento militar (*tessera coenaria*), recordam o momento em que a sociedade foi empolgada pela força bruta.

Ninguém viu ainda na palavra *alojamento*, empregada na nomenclatura militar, a significação historica que encerra: a obra de mina, feita em posto perigoso ou estrada encoberta, acha nos acontecimentos que relatamos, o sentido remoto, mas perdido, que lhe ligavam os antigos para guardar a memoria da traição *ethiope*. No posto militar que occupavam, os alliados dos brancos conspiravam contra os seus bemfeitores, e *urdiram* esse

pacto de morte, que terminou pela dominação dos selvagens sobre os civilizados. O *lodo do Nião* vem assim á superfície social, como nos revela a expressão *lessera coenaria* (contrasenha do lodo); e a *ceia de Plutão*, tornou-se *logar commun*, apesar de lhe não acharem o sentido allegorico. A expressão de Plinius,—*quam coenam appellavit nidum*, ficou por sua vez incomprehendida, mas é facil restituir-lhe a significação archaica, attendendo para a traducção da palavra *nidus* (casa propria de cada um). Dissemos e repetimos, que a selvageria banio os costumes antigos, segundo os quaes a sociabilidade geral se mostrava effectiva mesmo no regimen das habitações. Não havia então casas separadas onde habitasse cada individuo com sua familia, mas vastos edificios em que se alojavam multidões, tal era a igualdade nos habitos, tal era a força do sentimento que soldava os elos da solidariedade humana. Esses *enxames* nos são representados pela fórma *nidi*, mas *nidus*, é o *ninho particular* de cada um ou da familia, do mesmo modo que *singulus*, está em opposição grammatical a *pluralitas*. A phrase equivoca—*plurimi aestimare* (estimar muito), dá idéa desse estado de civilisação em que o *numero* não era incompativel com a *ponderação* ou justo conceito das cousas (*aestimatio*), e pelo contrario, *numerus*, dizia o mesmo que *ordem*, *proporção*, *harmonia*, até que passou a significar *gráo* (*dignitatis gradus*), mas já com a accepção de *versus* (mudado, transformado), ou de *esquadra de soldados* (*acies*, *umbo*, *bucca*, *genæ*). Foi a *ceia* do Plutão egypcio que trouxe a nova ordem de cousas, e a phrase citada de Plinius exprime essa opposição, que se infere das significações de *nidus* e de *coena* (*coinos*, *commun*).

Poderemos fixar a data em que o nome de *Tes Hor* passou do dominio de uma para outra raça? Já apurámos a data de 11.000 annos, que devem ser referidos á chronologia dos Indos (album), como dissemos opportunamente. Vejamos si os *tres nomes geographicos*, cuja significação historica ficou patente, nos facilitam o conhecimento de data tão importante. *Tes-Hor*, diz *dez vezes cem* ou mil, porque *tes*, é o mesmo radical de *dez* (decem), e *hor*, de *hora* (dia), noção esta equivalente á de *vita*, *aetas* ou *seculum*. Mas *hor*, nos fala por *ora*, de *raio* ou limite (terminalia), e, portanto, de *milha*; mas *mille gradus* (mil passos), representam aquella quantidade elevada por ordem (gradus, gradatim), isto é, passando de *milhar*, para *dezena de mil*. Apura-se assim o espaço de *dez mil annos*. *Deb* (segundo nome geographico), é o radical de *teba* (monte), e si tomarmos este fio (mons), subindo gradativamente, ou si restituirmos o membro *tolhido* (debilis), acharemos na expressão—*pro rata parte*, em que *rata* apparece em logar de *rapta* (coisa supprimida), a ideia de *proporção* (numerus), restrictamente de *unidade* (unitas, aestimatio), porque si tira a ideia de *comparação* (pro rata parte, aestimatio, unitas) de *numerus*, e este é synonymo de *comparatio*. Mas essa *unidade* vem regida pela noção de *milhas*, como as *partes* do nomo subordinam-se á noção de *tudo*. Eis, pois, que achamos mais o numero de *mil annos*. Resta descobrir o que se traduz por *Khennu* (coenum); mas á primeira vista se nota que o numero graphicamente analogo ao radical *coen*, é *seni* (seis). Ora, *seni*, exclue por *senium*, a idéa de *marcha* (gradus) porque significa *indolencia*, *decrepitude*; logo, não se deve cogitar nesta relação do factor *milha*, tanto mais quando *sex* (seis), que se

prende a *sexus*, diz por este vocabulo, que é preciso considerar o algarismo em sua simplicidade ou natureza (*sexus*) e *secus*, variante de *sexus*, nos adverte claramente de que devemos proceder por *modo differente* na *avaliação* (*numerus*) dessa ultima quantidade (*seni*, *sex*), equivalente as *eni nudus* (*Khennu*). Mas *nudus*, é synonymo de *assus* (simples, desacompanhado) donde surge a noção de *unus* (um). Fixou-se por este processo a data precisa de *onze mil e sete annos* (11007), como aquella em que se realizaram os acontecimentos referidos.

Segue-se na enumeração dos nomos, o de *Ten*, cuja primeira capital foi *Nekeb*, substituida mais tarde por *Sni*, que é a moderna *Esnek*. Pode-se desde logo dizer que ahi nesta comarca do Egypto, foi que os negros puderam enrodilhar os brancos na *armadilha* (*tenus*), que já vimos annunciada pelas scenas de intemperança e de indisciplina. A' *debilidade* ou fraqueza (*debilitas*), seguiu-se o *esgotamento* (*tenuitas*), que foi a *miseria* para os vencidos. Em respeito aos conjurados, o que era a principio uma *tentação* (*tentamentum*), tornou-se afinal um ataque ou attentado (*tentatio*). O crime começou pela *concupiscencia* (*tensura*, *tentigo*), e acabou pela guerra declarada (*tentorium*), e nas festas do circo o carro sagrado que conduzia as imagens do culto rememorava esse momento da historia do Egypto. Veremos, a *thexsa* reaparecer na legenda para explicar-nos a maneira por que foram surprehendidos e aniquilados os brancos de *Ten*. A capital desse nomo chamava-se *Nekeb*, e esta palavra fala de *matar* (*necare*), e de *necromancia*, adivinhação que se fazia pela evocação dos mortos. *Nectus*, se diz daquelle que é *morto com violencia*, e como

a ideia de *nectar* (nectareum falernum), esteja também ligada ao nome da capital, vê-se, que *Bacchus* dominava, quando triumphou a *violencia* (necessare). O vocabulo geographico nos orienta pelo termo *keb*, sobre o terceiro attentado, mais grave, que se executou na capital do nomo. *Sebasius* (keb), é o nome do terceiro *Bacchus*, que andou pela Asia, ou epitheto de Jupiter da *Cardia*. Ora, *Candia*, resolve-se em *Ia candens*, e não é de extranhar que o abuso dos licores fortes tivesse posto em flammas o animo da tribu africana (Ia). Esse *Bacchus* que andou pela *Asia*, é o mesmo que entra agora pelo *centeio* (asia), e devemos lembrar, que essa planta é o emblema das divisões e retalhamento dos povos pelasgicos. *Incedere asia*, traduz-se, no caso, por *adiantar-se pelo centeio*, ou passar da palha para o grão. A *graminea* de que se trata, leva á expressão *gramen indicum*, e por ella se entende o *crosto*, sendo que *crustum*, designa o *pão* (panis). A *farinha amassada que se cose*, é aqui os asiaticos, batidos (subactus) e lançados ao brazeiro. O nosso vocabulo *colostro* (crosto ou crestro), accusa os elementos *collum* e *ostrum* (brilho); de modo que o attentado commettido pelos Ethiopes unidos aos Libyos (ostrum, *cor de purpura*), foi o primeiro clarão do vicio que se transmutou em virtude pelasgica (cervix, *audacia*, *atreuimento*). Si *collum*, conduz ao synonymo *cervix*, *colostro*, podia também ser tirado de *culi ostrum*; e eis pois que nos achamos em face do primeiro *relampago de Janus*, o deus que andou em pequeno na *garupa* e por isto disse Ovidio que elle tinha o privilegio de olhar para o logar que lhe servira de eirado. Dão o nome de *colostro* ao primeiro *leite da mulher* parida, e elle ainda representa os brancos, que são *punidos*, *sugados*, até a exte-

nuação, como já ficou dito; mas consideremos também que *lac mulieris*, é a força (*succus*), que se encerra no mú cor de bronze (*mulier, mulus aeris*) producto da ferocidade (*pectus, virtus*), qualidade que se destaca nos heróis da guerra.

Diante das proezas dos negros, podia Plautus exclaimar: *habet unde excoquat sebum*. Mas *keb*, tanto é *sebus*, como *saevus* (cruel, furioso), e a *saeva bellua* (animal feroz) finge o riso pelo arrepio dos labios, como acontecia aos ethiopes (*saevum arridet*). Comparem-se os vocabulos que se prendem á raiz *deb* (*Deb*) com os que derivam de *seb*, *sep*, *saev*, e ver-se-ha que um só pensamento os irmanou para a representação dos mesmos factos historicos. A *centopeia nilotica* (*seps*) ou a engordurada filha de *Atilas* (sebosa) lembra a *coutada*, que se tornou canal: por melhor inclausurada que vivesse (*sepositus*), acordou do somno (*sepelire somnum*) e veio sentar-se á mesa do banquete para que não fôra convidada (*sepelire se vino et epulis*). *Neheb*, encerra a ideia de *ligar* (*nectere*), e portanto de *conjugere*, donde se tirou *conjugium* (matrimonio). Matou os homens, aprisionou as mulheres, eis o que fez a tribu rebelde, auxiliada pela outra, contra quem fôra postada para defender os protectores.

Vincere, synonymo de *nectere*, fala de *fascinar*, *enfeitiçar*; e pelo *olhado* dos negros se deve entender o direito (*fas, fascinare*) de ligar as pernas ás mulheres (*fascia, fascinare*) como aos porcos, conduzindo a presa aos hombros como se faz a um *feixe* (*fascis*), pois os raptos conheciam o serviço da faxina (*fascis virgultorum*). Surgiu assim no mundo o direito de guerra.

A terminação *sinus*, de *fascinus*, attesta que os lybio-ethiopes procederam como *caçadores*, que eram. A *rede*

de caça, comparavel com a *rosca da serpente* (sinus), fez uma abundante colheita de victimas indefesas.

Desde então introduziu-se no mundo o *poder marital* (fascēs submittere alicui); e as *varas dos lictores* representavam as proezas dos *faxineiros* africanos. O mesmo se pôde dizer do *diadema* (fascia), porque *corona* (corôa) designa o *cerco das cidades*; e deu-se aos magistrados um nome (fascēs), que é o de *feixe de varas*, porque *virga* (vara) designa o *caduceu de Mercurius*, aonde se enroscavam serpentes, o *latego* e o *festão* de varias côres á maneira de *arco-iris* (Janus). Dahi o compararem com a *vassoura* os Pelasgos conquistadores (*virga humum verrere*); mas por *virgæ*, se entende ainda a *côr* com que os barbaros se tingiam.

Desde então dos *homens de cor* sahiram as *celebridades* que atordoam o mundo, e ainda enfeixam nos punhos os destinos das nações. Assim, por *nullius coloris homo*, se indicava o homem *desconhecido* ou de raça branca.

O sol da Africa (soalheiro) justificou o dizer commum, que ainda se repete: *colorari sole* (estar queimado do sol); mas os primeiros attingidos pela *malha solar* ou ethiope foram os Indos do Egypto (Indi colorati), o que implica incontestavelmente com o opprobrio de que foram victimas (maculari omni dedecore).

Póde-se compor uma historia abreviada de nossa especie, ou do grupo ethnico a que pertencemos, sem afastar-nos da raiz do nome designativo do lugar, onde se feriu a primeira peleja contra a civilisação (*Ten*). *Ten*, liga-se morphicamente a *tenuitas*, como *Deb*, á *debilitas*: ambos os vocabulos latinos falam de um *membro tolhido*, *asthenico* (debilis, tenuis), e por este se

póde entender uma parte do *corpo social*, pois *paralysis*, allude a alguma cousa semelhante ás *fendas nos edificios* (par, lysis), e estas devem representar o *mundo antigo*, que se transforma em *posilga* (hara). O *civilisado* será o *membro mutilado* (debilis), e o *vão das janellas* (lysis), é o *poder inepto*, insensato (locus vacuus), que se faz respeitar e obedecer pelos tiros da setta (*fenestra*, setteira, ameaia). Chegou a época das barracas ou tendas de guerra (tentorium), dos assaltos e commoções sociaes (tentare). A *magreza* (tenuitas), para uns, e o ocio, a *effeminação*, para outros (tener, teneritudo). Tudo se faz agora por experiencias (tentatio), ou ensaios, e assim como se procuram as *causas occultas* (tentare causas latentes), se põe em prova a *paciencia*, a *prudencia*, a *sabedoria* (tentare patientiam, prudentiam, scientiam), como já dizia Cicero. Todos os meios são empregados (tentare omnia), e assim como a ronha atormenta as ovelhas (scabus tentat oves), o vinho faz andar á roda a cabeça dos homens (vinum tentat caput). Até as mulheres se embriagam, e nisto, segundo consta das estatisticas, não se deixam muito distanciar pelos homens. E'que nasceram as Bacchantes (Tingomenae), cujos furores já foram celebrados pelas fabulas. Não precisamos falar das trevas ou da ignorancia geral (tenebræ), que formam como um poço aonde rolam os reptis viscosos (tenax) e pullulam as doenças contumazes ou de difficil cura (tenax morbus). A disciplina terá bons executores (tenacissimus disciplinæ), mas nem por isso o homem deixará de ser o *cavallo rebellão* (equus tenax), de que falam as legendas da raça escravizada (tentus homo).

Estamos ainda no dominio dos *patres*, cuja funcção social é alargar o âmbito do dominio exercido de um

indivíduo sobre outro indivíduo, ou de um povo sobre outro povo (*tendere arcum, tendere manus ad colum, ad altiora, tendere insidias, munera*); e si quizermos descrever a situação moral, em que nos encontramos todos, não terminariamos esta resenha, já feita, entretanto, por aquelles que nos precederam de muitos seculos. Os clinicos opinam, que o campo das molestias nervosas, ligadas ao crime e ao suicídio, tomou tal amplitude, que é impossivel percorrel-o todo, para classificar as modalidades e prevenir-lhes os assaltos. Já os antigos falavam de um estado de *tensão dos nervos* (*tensio*), capitulando-o entre as especies morbificas. A verdade é, que as Parcas (*Tenitæ, Teniræ*), proveram-se de um novelo mais espesso, porém de fios mais *tenues* ou *subtis*; enquanto os chimicos se esbofam para achar um cosmetico que estenda a pelle e faça desaparecer as rugas do rosto (*tentipellium*). Tambem nunca se viu, como agora, tantos poetas que tratam de futilidades (*tenuis poeta*) nem tantas cidades que arremedem a *douta Athenas* (*Tenues Athenæ*). Si uns tiram sons lugubres da thiorba (*tenebrare*), não são poucos aquelles que fazem das cordas da lyra meio de deslustres e menoscabo (*tenuare carmen*); e muitas vezes as *Tengomenas* não borrifam a inspiração sobre a cabeça de seus adoradores (*Tengomenas facere*). Si estamos na *idade de ferro*, podemos dizer que *inctum ferrum aqua*; ou em outros termos, toda a humanidade de hoje, sem exceptuar os lords inglezes, guarda no sangue os globulos de ferro africano, que fazem retinir os nervos e zunir os ouvidos, quando não nos turvam a vista de modo a trocarmos as realidades pelos sonhos.

Vejamos agora em que epoca realisou-se a queda do nomo de *Ten*, ou a sublevação ethiope. Servir-nos-hemos

do processo já empregado, e para isto recorramos aos dois nomes geographicos: *Ten* e *Nekeb*. *Ten*, corresponde ao anglo *tyñ* ou ao inglez *ten* (dez), assim como ao latino *deni*; mas *denique*, nos diz que se trata de um numero (denarius numerus), elevado a *milhar*, porquanto exprime o mesmo que *in fine*, e *finis*, é synonimo de *terminalia* (milha, mil passos geometricos). Apuramos assim, a data de *dez mil*, que deve ser ligada (nectere), áquella que se representa pela palavra *Nekeb*; mas *necus* (morto), allude ao *termo da vida* (aetas), e por consequencia, reproduz a ideia antes notada de *milha* (terminalia), que se acha por *finis*. Por sua vez, *nexus* (atado, preso), diz o mesmo que *debilis* (mutilado), e deste modo a noção de *um* (aliqua sui parte truncatus), transparece do sentido translato que se enuncia pelas duas palavras *nexus* e *nectus*. Os *mil annos*, que são assim accrescentados á primeira data, elevam a 11.000 a somma total, devendo-se, porém, considerar, que a terminação de *Nekeb*, é a mesma raiz de que se formou *septem* (kep, sep). Logo, no seculo *onze mil*, e na data precisa de *onze mil e sete* (11.007), effectuou-se a brusca rebellião dos Ethiopes, associados aos Lybios; e pode-se mesmo adiantar, que semelhante acontecimento realisou-se em *Dezembro* (*Ten*, *deni*, *decem*, December).

Sni, tornou-se a principal cidade de *Ten*; mas, quer por *sen*, quer por *sin*, se acha relatada a historia da conspiração ethiope. *Senica*, fala de *velha* (anus), que lembra o mytho de *Janus*; e por *senium*, chega-se ao nome da *pequena lua* (minguante), que se póde traduzir por *damna lunae* (desgraças, *damnos* da gente estúpida, ignorante), pois *luna*, significa *noite*, e *kox*, diz o mesmo que *cegueira*, *ignorancia*. De *sin*, por sua vez, formou-se

Sinis (o ladrão de Corinto), e a rapacidade *intus cordem*, é aquella que nasce tal ou vem pela força dos instinctos.

O nome moderno da cidade referida *Esnech*, consignou também a historia do *laço de Hesus* (*Hesi nexus*), e assim o deus da *força* entre os Gaulezes apparece desde o primeiro dia da historia do Egypto, a contar da victoria obtida pelos selvagens. Pôde-se avaliar da ignorancia dos homens de côr, que se puzeram muito mais tarde á frente dos destinos do Egypto, pelo titulo de *Real filho de Ne:eb*, assumido pelos governadores de *Ten*; não podiam elles conjecturar que numa designação dada como honorifica, depôz-se a chronica dos crimes hediondos commettidos pelos Ethiopes.

Si sahirmos do nome de *Ten*, achar-nos-hemos no de *Uas* chamado *Phathyrtes* pelos gregos, e que tinha como capital *Ape*, *T-ape*, a Thebas de cem portas, citada por Homero, e aonde habitava *Ammon-Râ* « rei dos deuses » e creador do mundo. Os historiadores não apontam a origem dessa cidade, considerada como a patria terrestre de *Osiris*. Dizem que ella se estendia, ao tempo de sua maior magnificencia, das faldas da cadeia Lybica até as da Arabia, e que fôra saqueada pelos Ethiopes, depois pelos Assyrios e pelos Persas, até que afinal cahiu em ruinas no anno 27 antes de nossa éra. O exame do nome *Uas* scientifica-nos de um exodo dos antigos habitantes. *Vas vasis* ou *ivit*, significa « *levantou acampamento* », marchou para outra parte, e *vadere*, dá ideia de *fugir, correr*. O vocabulo *vas* recorda o que vimos associado ás obras ou construcções do leito do Nilo, e comprova, portanto, a morada dos Indos nesse territorio do Egypto. Os fugitivos atravessaram o rio para o outro lado (*vadare*).

O nome grego do nomo, *Phatyrites*, fala de *desgraça inevitavel* (fatum), e já se sabe de onde ella podia provir. Por *tyri*, são claramente designados os homens còr de purpura, e sabe-se que, para os antigos, *tyria*, se dizia da casa de Thebas. Importa notar que pela *cor purpurea*, combinação do *roxo* (livor) com o *vermelho*, se quiz designar os dous povos da Africa; Ethiopes ou Boschimans e Lybios ou Marmaridas. Para exprimir a *empreza perigosa* empregavam os Latinos a expressão *maria tyria concire*, que se reveste para nós de importancia historica. Em *tiro* (soldado bisonho), descobre-se a relação entre os actos attribuidos aos Ethiopes, e o juizo que se formava dos respectivos autores. *Tirocinio labi*, se diz daquelles que deslisam de suas obrigações ou commettem culpa por falta de experiencia ou discernimento. Como taes devem ser considerados os selvagens que arremetteram em furia contra os seus protectores e amigos. *Phatyrites*, diz, pois, o mesmo que *viagem da insensatez tyria* (itus fati tyria), porque tambem os brancos pagavam as custas da inexperiencia ou provavam não conhecer bastante a natureza dos selvagens. O *cortiço de abelhas* ou o enxame (vas) teve de levantar acampamento, depois que os seus vizinhos do sul foram sacrificados. E' de crer, que os vencedores se propuzessem mais tarde subjugar os habitantes do nomo mais proximo.

Começou a solidão e o deserto para o Egypto. A indole selvagem, que lembra a do furacão e do raio, deixou taes vestigios, que se inventou uma expressão para designal-os: *vasta AEthiopum* (desertos dos Ethiopes). Poz-se tambem no vocabulo que pinta a *devastação* e o *silencio* (vastus), a descripção dessas natu-

rezas, que veremos em toda parte tenderem fatalmente para a solidão, por serem *insociaveis*, *grosseiras*, *desasadas*, *estupidas* (*vastus*), mas tudo isso de modo descommunal ou excessivo. E' o que explica as estatuas e os obeliscos de desmedida grandeza, as esphynges, as pyramides e tudo quanto perpetuou a memoria dessa raça de homens, ao mesmo tempo *avaros*, *ineptos* e *ambiciosos*. O cheiro que exhalavam, lembra o que sentiam os cortezaões de Alexandre diante de seu idolo : *vastitas*, se diz de um *aroma forte* e activo, como o que ainda trescala da pelle luzidia do negro.

Os oraculos e agoureiros, que a historia nos mostra em todos os paizes, sahiram dentre os Ethiopes, e dahi a correspondencia morphica entre *Vas* (designação do nomo), e *vates*. Os mestres e professores tambem foram chamados *vates* ; e a phrase conhecida — *magister dixit*, parece descobrir o espirito opiniatico, despotico, dos Ethiopes. A esse tronco é que se prendem os *Vascões*, bem que *vas*, designe principalmente os Lybios nas legendas da Europa e do Oriente. O supposto destruidor das feras, *Hercules*, foi primeiro que tudo um *vastator ferarum*. Não precisamos dizer que os peiores inimigos dos asiaticos foram os que estes ampararam, alimentaram, vestiram, ensinaram a falar por sons articulados, adextraram na disciplina militar ou na tactica de guerra, base do poderio futuro dessa tribu tenaz, hypocrita e feroz. A vaidade ou impostura desses negros embusteiros ficou celebrisada pelo velho dito : *vanitas magorum* — que lembra a má fé dos Romanos e dos Carthaginezes, o character vão, arrebatado, insidioso das classes dirigentes entre todos os povos nas diversas epocas da historia. Os Lybios foram, como

temos dito, os instrumentos terríveis dessa casta, que entrou no templo da fama pela porta da traição. Frivolos, ignorantes, bem que sagazes como os cães de faro, os alliados da grey ethiope mostraram-se sempre incapazes de exercer o commando.

Muitos acontecimentos da historia da França e da Hespanha podem ser explicados por esse influxo do sangue ou da constituição ethnica da raça. O mesmo se poderia dizer a respeito da historia dos germanos, dos anglo-saxões, em cuja structura moral se percebe a molecula ethiopica, emquanto os francezes e os hespanhóes herdaram principalmente as qualidades da *tribu vermelha*, menos apta para o exercicio do poder publico e menos talhada para as lutas que demandam tenacidade ou força de character. Mas a confluencia no genio dos povos modernos dessa dupla corrente, que se dirige para fins oppostos, pois uma vai para a liberdade, como a outra para a concentração e desenvolvimento do poder politico, explica esse estado geral, que poderíamos chamar com propriedade *anarchia chronica, essencial, invariavel*. Como eliminar o *Ethiope*? Como contentar e disciplinar o *Lybio*? Esta difficuldade historicamente se resolve pela decadencia e pela volta á barbaria. A Asia, berço da civilisação, é, pela metade, selvagem, e a Europa vê a seus pés a *terra dos Negros*, que foi outr'ora um centro de admiravel cultura. Na America ainda vagueiam nas florestas ou nos descampados as tribus nomades que emigraram da Asia para destruir o trabalho dessa humanidade primitiva, que não teve sinão successores capazes de hombrear com os aventureiros europeus do seculo 16, illetrados ou inutilmente crueis. Vico percebeu que a evolução

humana se opera circularmente, voltando sempre as nações para o ponto de partida, e nisto foi mais sabio do que os pensadores contemporaneos, que vêem na *linha quebrada* o diagramma do progresso e da cultura civil. A verdade é esta, por mais dolorosa e afflictiva que se afigure: ou nos reformamos moralmente, ou regredimos para a selvageria, mas neste estado ainda Lybios e Ethiopes não viverão em paz.

Já dissemos que a capital de *Uas* era chamada *Ape* (T-ape), donde se julga que deriva o nome de *Thebas*. Por *Ape* se diz o mesmo que por *Uas* (vas): o *cortiço* ausentou-se (apes abivit), mas *Apis* (o boi ethiope) occupa a cidade abandonada (apis habet). T-ape (variante de Ape) é a mesma palavra *tapes* (panno de armar), e *aulaea*, que encerra identica significação, decompõe-se em *aula* (cortiço) e *Aea* (ilha do Phaso, ou de Medéa). Os antigos occupantes e os novos são designados pela mesma palavra; mas devemos notar, que *aula*, tambem significa *panella*, *curral*; e assim, o que era *cortiço* (alveus), passou a ser *caxeiro* (aula), do mesmo modo que os *brancos* (albus) foram substituidos pela mistura de chumbo e cobre (ollaria), que designa as duas tribus selvagens. Si approximarmos *T-ape*, de *tabes*, acharemos a confirmação dos factos que nos foram denunciados pela designação do nomo (*Uas*); porquanto naquella palavra latina se descobre a ideia de *epidemia*, e ainda de *veneno*, *peçonha*, *podridão*. Não foram outras as causas da emigração dos brancos para fóra da região thebana. Sabe-se que *olla* (panella), synonimo de *aula*, tambem traduz a noção de *urna cineraria*, e por *cinis* ou *aedes* (sepultura) se entende igualmente os *cortiços*. Entretanto, como a expressão *clausae aedes* (cortiços) nos fala de alguma

cousa que *se fecha* á maneira da *sepultura* ou da *urna cineraria*, somos por isso avisados de que o espectáculo ou a representação da tragedia *começou* (aulaeo misso). Eis porque se fala em panno de armar. A ilha de Phaso ou de Medéa lembra os estabelecimentos pelasgicos, que não se communicavam entre si (insula), pois cada centro de população olhava com desconfiança para o vizinho. *Medéa* é a personificação da *magia*, a qual se estriba sobre o *medo*, e suppõe a ignorancia das massas. O nome da-quella heroina se decompõe nos termos *dea* e *metus* (deusa do medo), e *thea*, leva a *theatrum*, noção esta que póde ser equiparada á de *ludus* (prazeres sensuaes). Dahi o associar-se o nome de *Medéa* (phasiaca conjux) ao da cidade occupada pela tribu concupiscente e traiçoeira, da qual sabemos já que derivou a instituição do casamento legal. Não precisamos insistir sobre a significação de *conjux*, que nos leva, por associação de ideias, á de *vitis*; mas importa observar que o *matrimonio*, tendo como emblema entre os Romanos o *jugo de bois* (conjungere boves), deve por certo aos Africanos a sujeição exercida por um sobre o outro sexo. A *polygamia* apparece como tendencia da tribu ethiope no mytho de *Medéa*; pois *Jason* representa a raça que falava a mesma lingua, ou cujos membros são como echos uns dos outros (Ia assonans). Sabe-se que o *Boschiman* abandona a mulher, desde que esta chega á velhice, para esposar outra, e este é o mesmo procedimento que se attribue ao marido da celebre magica. São os *Medas* que se mostram sob a imagem de *Medéa*, e com elles a polygamia, que aliás prevaleceu em todo o Oriente (Phasides ales, phasianus, *faisão*).

O nome da cidade (T-ape), falando em geral de *podridão* e de *estiolamento da energia* (tâbes), é como um

sommatorio explicativo das causas que nos fizeram ao mesmo tempo *impotentes* e *corruptos*; por ella se designa individualmente os povos que disseminaram por toda a terra, com os humores lethiferos, os germens latentes da consumpção social: referimo-nos aos *Cariós* (caries, tabes), que devem ser considerados como descendentes dos *Ethiopes*.

Está, portanto, provado que *T-ape*, traduzindo a ideia de *epidemia*, diz o mesmo que *vastitas* (devastação), palavra que approximamos de *Uas* (vas). Resta considerar o vocabulo *Thebas*, oriundo, na opinião dos latinos, de *Thebe*, nome de uma *nympha*. Ora, *nympha*, repete a noção de *conjux*, pois significa *noiva*; e *nymphæ*, ladeia a significação de *vas* ou de *apes*, porquanto designa a criação das *abelhas*, incluindo a das *vespas*. Devemos notar que *vespa*, corresponde pelo sentido a *olla* (urna dos pobres), visto como fala *daquelle que enterra de noite a gente miseravel* (sub noctem sepultare); e foi exactamente a noite ethiophe que cahiu densa sobre Thebas, á semelhança de um lençol funebre (*tapes*).

Si *nympha*, fala de *noiva*, *nymphon*, é o nome do *leito nupcial*; e *nuptus* (casamento) repete a noção de *cobertura*, expressa por *tapes*, assim como liga a ideia de *casamento* a de *trato illicito* (*nuptiæ*), approximando ambas de *Nubæ* (povos da Ethiopia). A lenda romana sobre a *quêda dos escudos* (*clypei ambigenæ*), prende-se á tradição africana; e o *character aristocratico* que se ligava ás *mulheres dos heróes* (*nympha*), evoca a memoria dos acontecimentos que tiveram o Egypto por scenario. As mulheres raptadas pelos Ethiopes pertenciam á *velha raça branca*, que tinha a agua ou a *lympha* por emblema; e dahi a confusão que se fez entre *lympha* e *nympha*; mas

os negros raptos crearam as genealogias, explicaveis pelo facto de terem os descendentes dos nubios, pelo lado materno, o mesmo sangue que os asiaticos, amos primitivos dos pretos.

Não devemos omitir que *nympha*, designa tambem a *crysalida*, e esta representa o estado intermediario dos insectos durante 'as metamorphoses que os conduzem á perfeição. A palavra *chrysalida* prende-se ao grego *chrysos* (ouro), côr dos mestiços que procederam da fusão entre Indos e Africanos. Aqui apparece ainda a idéa de *expoltorio* ou de cobertura, pois sabe-se que no estado de *nympha* o insecto está como enfaixado numa membrana que o occulta inteiramente ou lhe desenha os contornos. As *crysalidas* das *moscas* teem a fórma ovoide dos *escudos*; e os primeiros individuos que fizeram uso dessa arma defensiva foram, como sabemos, os *Ethiopes*. Ora, dá-se ainda vulgarmente o nome de *fava* a essa pequena semente ovoide, aonde se formam as moscas; mas o curioso é que a palavra *faba* entre no seguinte proverbio latino, que lembra a impressão sinistra produzida no mundo antigo pela raça ethiope: *haec in me cudeturfaba* (cahirá ou virá sobre mim este mal; eu o pagarei). Por outro lado, *tabanum* (mosca perseguidora do gado), encerra o termo *tabes* (podridão), donde se julga [provir o nome de *Thebas*, mas que, em todo caso, é o mesmo vocabulo] *T-ape*, ha pouco examinado.

Anus, segundo termo componente de *tabanum*, reproduz um conceito já por demais conhecido sobre a origem do deus romano (Janus).

Os *parasitas* e *importunos* são designados pela voz *musca*, que fala tambem dos *toliveiros* e *lambões* (Liguros, liguritor). O gado, de que a mosca chamada *tavão* é

o tormento diuturno, não precisamos dizer que representa a *plebe* ou multidão (*pecus*); e deste modo se associa o apparecimento do *patriciado* ás primeiras devastações praticadas pelos *Nubios*, comparados a uma *nuvem de insectos malfazejos*. *Insectum* (*insecto*) prende-se a *insectare* (*perseguir*), e *insecare* ou *insectura*, fala de *cortar* ou dos golpes que produzem *incisão*. Ora, *incisura* (*côrte*) leva a *incisuræ* (*linhas das mãos*), e si *linea*, é o nome da *casta* ou linhagem, tambem nos dá noticia do *espantalho*; assim como *manus* (*cutilada*) é o nome da *tromba do elephante*, e por esta indicação nos achamos novamente diante da tribu *ethiope*, caracterisada pelos beiços disformes.

A crença antiga, exposta nos versos virgilianos, sobre nascerem as *abelhas* da *podridão*, pôde ser interpretada no sentido historico; e neste caso ella significa que os primitivos habitantes de Thebas (*T-apes*, *apes*), sahiram da cidade (*T-apes*, *tabes*), ou tiveram de abandonar os cortiços. *Nasci* (*nascer*), significa tambem *levantar-se* (*surgere*, *consurgere*), e já ficou dito que uns abandonaram Thebas para que outros a occupassem. Assim, as *moscas* ou as *vespas* se apossaram das construcções devidas ao engenho das *abelhas*, e a aranha fabricou o seu veneno com os mesmos ingredientes de que os insectos industriosos extrahiram o mel. Eis, portanto, a historia da invasão lybio-ethiope relatada por uma só palavra: *thebe*, donde os latinos diziam que provinha o nome definitivo da capital do nomo egypcio. Para evitar longuras, passamos ao exame de outra palavra, a que se prende evidentemente o nome de *Thebas*. *Teba*, significa *monte*, mas é constante que semelhante vocabulo pertence á lingua dos Sabinos, os quaes nunca tiveram aliás um vocabulario da sua invenção, apesar das appa-

rencias contrarias. O facto de ligar-se o nome de *Thebas* ao dos Sabinos é assaz instructivo; pois deixa perceber que os *Sab* ou Boschimans entraram por grande parte no arrasamento da notavel cidade do Egypto. Acha-se em *teba*, o radical de *debilis*, e, portanto, aquillo que affirmamos a respeito do nomo *Deb*, tem justa applicação ao que agora nos occupa. A causa do mal soffrido, nesse momento historico, pelos *Thebanos*, é a mesma que agiu sobre a existencia das outras fracções do mesmo povo, estabelecidas mais ao norte e victimadas, como as outras. *Teba*, diz o mesmo que *vertex*, mas esta palavra tambem nos fala de *tufão* e *abysmo*. Aqui se descobre nova allusão aos *abyssinios* (*abyssus*), e aos acontecimentos que já vimos comparados aos effeitos de uma catastrophe. A *devastação* e a *epidemia* são realmente productos de uma força inconsciente, mas despotica, qual a que se manifesta nas emprezas destruidoras do homem selvagem. Mas esses selvagens eram *soldados*, como nos prova a palavra *ocris* (monte), approximada de *ocrea* (polaina militar). Que fossem elles a mesma raça de *porcos*, já nossa conhecida, affirma-se pela expressão *porcinum caput* (batalhão quadrado), approximada, pelo sentido, de *grumus* (monte), e de *grunnire* (grunhir). Sabe-se que *aper* (javali), designa igualmente uma *casta de peixe*; mas *piscis*, é synonimo de *sus* (porco, peixe). Ora, *piscis*, (cimeira do gladiador) diz o mesmo que *apex*, e esta palavra repete a ideia de *cume* (*teba*, *mons*), traduzida por *caput* e por *grumus*; sendo que taes ideias se ajustam para designar os primeiros *cabeças* de facções, que usavam de insignias distinctivas, como soldados que eram. Pois que *mons*, significa *pico* (*caput*, *grumus*, *apex*), acha-se por *mucro*, o nome da *arma* dos soldados, e por

spina, o de *cerdas do javali*. *Cerdoso*, verte-se na lingua do Latium por *setis horridus*, e os homens que faziam uso das *settas* (aculeus) são os mesmos que esgrimiam com o *chanfalho* (mucro). Fica assim provado que o *monte* (teba), historicamente ligado á lingua dos *Sabinos* ou *Boschimans* (Sab) é o mesmo que assignala o primeiro momento das desigualdades sociaes, oriundas da conquista e inherentes á organização militar. O *porco*, de que se cogita, é mais tarde encontrado na Italia com o nome de *Liguro* ; pois *liguriens* (glotão) é synonymo de *porcus* ou de *sus*.

A famosa Thebas de cem porticos não foi uma construcção pelasgica, mas precedeu de muitos seculos a existencia da raça mestiça. Sabe-se o que refere a tradição sobre a grandeza e magnificencia da cidade, cuja circumferencia foi calculada em cerca de 36 kilometros. As ruinas dos monumentos, visitadas pelos viajantes, confirmam a lenda que nos veio da mais alta antiguidade. Nada se compara com as ruinas de Thebas, dizem aquelles que as contemplaram : « Eu permaneci muito tempo immovel, refere Sonnini, diante dos monumentos cuja elevação parecia acima das forças e do genio humano. Obeliscos, estatuas colossaes, outras gigantescas, avenidas formadas por esphynges e que ainda se veem, a despeito de se achar mutilada a maior parte das estatuetas ou coberta pelas areias ; porticos de uma elevação prodigiosa, entre os quaes existe um de 55 metros de altura sobre 66 de largura ; columnatas immensas, cujas columnas teem mais de sete metros de altura e algumas até dez metros de circumferencia ; côres ainda admiraveis pelo brilho ; o granito e o marmore prodigalisados nessas construcções ; pedras monstruosas por suas dimensões,

sustentadas por capiteis e formando a cobertura desses magnificos edificios ; emfim, milhares de columnas derubadas occupam um terreno de vasta extensão. A cidade dividia-se em duas partes, uma a léste e outra ao occidente do Nilo. A parte occidental da cidade, diz o mesmo observador, não cedia sem duvida em magnificencia áquella que está separada pelo Nilo ; mas os monumentos ahi estão menos bem conservados e os destroços amontoados na maior desordem. Observam-se, entre outras cousas, avenidas, ao longo das quaes, de distancia em distancia, e de cada lado, estão esphynxes de tamanho colossal ; na extremidade os restos de um grande templo, entre os quaes se divisam duas estatuas enormes... O magnifico edificio que se chama palacio de Memnon está sobre a mesma margem de oeste a pouca distancia das duas estatuas. Algumas columnas desse edificio teem 13 metros de altura e 3 de diametro e são de uma só pedra. Os hieroglyphos apparecem por toda a parte nesse mundo de destroços ».

Devemos desde logo notar que os hieroglyphos, a linguagem symbolica dos egypcios, não pertencem á primeira phase da escriptura, como é corrente, nem são contemporaneos desse periodo florescente, incomparavel, da civilisação asiatica ao longo do Nilo. A invenção desses symbolos data da época do desenvolvimento da conquista pelasgica, e, portanto, rememora o advento da barbaria africana. A palavra *hieroglyphus* prende-se morphicamente a *hiera* (linha no meio do estadio), e designa um *medicamento santo*, que é o *veneno* applicado pela *força* (*medicamentum sanctum*), alludindo-se desse modo á incompatibilidade dos dous regimens, produzida pelo conflicto das raças, que estavam em presença no Egypto.

Tal é a *linha* traçada entre selvagens e civilizados, de que dá noticia a palavra *hiera*; mas para neutralisar de futuro o toxico da molecula africana, que se manifesta principalmente por um defeito da *visão*, inventou-se o *collyrio* (hieracium), que a sciencia moderna vai applicando para reconstituir a intuição historica e apprehender as lições do passado. Falamos do papel assumido pelos *hieroglyphos*, que são como um *collyrio* para a nossa cegueira intellectual, pois encerram tudo quanto nos póde interessar sobre os destinos de nossa raça, além de offerecerem um quadro completo das doenças do espirito pelagico, perpetuadas até hoje. A' semelhança dos *arau-tos sagrados* (hieroceryx), que sahiram da familia dos *passaros de rapina* (hierax), podem os modernos, graças á sciencia accumulada sob a fôrma de hieroglyphos, annunciar a paz ou a guerra, a vida ou a morte das nacionalidades, que nenhuma consciencia adquiriram ainda da sua natureza especifica e caminham a olhos vendados para um futuro desconhecido, semeando crimes e catastrophes sobre as estradas do planeta.

O termo integrante de *hieroglyphus* (griphus) traduz-se por *adivinhação*, mas a *rêde*, que elle tambem designa, rememora a *trama* criminosa dos nossos antepassados de *Ten*. Pelos *hieroglyphos* foram celebrados, portanto, os feitos dessa gente *visionaria* e *insidiosa*, apresentada sob o disfarce de deuses e de heroes, que nos vieram com as fabulas e legendas de toda a antiguidade. A *rêde* (macula) allude igualmente á *mancha* ou *peccado original*, cuja significação precisa se offerece na historia do Egypto. Foi a *infamia* ou ignominia (macula), do negro *Boschiman*, quasi bugio, que se transmittiu ás gerações como uma tendencia ou dispo-

sição innata para submeter ao interesse ou gozo de um momento os principios dessa moral eterna, que procede da consciencia superior de outra raça. O nome do *açor* (hierax) nos representa esse *cruzamento de listras*, semelhantes a *estrellas*, que se formou sobre a pelle dos *Ethiopes mestiçados* e, sob o aspecto moral, elle recorda o *influxo pernicioso* (sidus) do novo elemento ethnico, sentido a principio na Africa e depois em toda a vastidão da terra, mas que se devia confundir com os instinctos dominantes da humanidade nova.

A data de 11007, que apurámos, como a da sublevação dos *soldados negros* de *Ten*, fornece, por si mesma, um commentario interessante. Na palavra *undecim* (onze) se lê a ideia de *chusma*, cujos movimentos imitam os do pelago, quando forma *borbulhões* (unda). *Unda decima* (undecim), diz o mesmo que *decumana fluctus* (onda maior, motim consideravel), e naquella expressão se lê ainda a impressão produzida pelas *ondas de sangue* (unda), que saíram do tumulto armado pelas tropas ethiopes, como já narrámos. A palavra *decimana* ou *decumana* acha-se ligada ao nome de uma *porta* que ficava na parte posterior do *acampamento romano*, e por *decumanus limes*, se designava um *tracto na direcção de nascente a poente*. Essas indicações guardavam como uma reminiscencia dos acontecimentos de *Ten*. Os sublevados, que já conhecemos, partiram da parte oriental do nomo egypcio, em que se achavam de guarnição, e tomaram o caminho do poente para atacar os brancos pela retaguarda ou causando-lhes surpresa. Os rebeldes constituiriam a *decima legião* (decimana) das *tropas auxiliares* creadas

pelos Asiaticos. *Extrema acies* (retaguarda) fala tambem da *linha da fronteira*, e, portanto, os *Boschimans* defendiam o Egypto pelo lado do oriente, ou estavam estabelecidos na margem direita do Nilo. Não nos sirva de embaraço a palavra *romano*, que se liga ao nome do *acampamento* citado; pois *romuleum limen* (porta romana) mal occulta uma referencia á *deusa vermelha* dos limites (Roma mullea humi liminis) que presidia aos actos de *força*, e dada como *filha de Esculapio*. *Esculentus lapis usûs* (o estúpido comilão do costume) nos dá ideia do pae dessa filha gloriosa, e como se leia o termo *pîus*, no vocabulo examinado (Esculapius), pôde-se achar pela voz *religiosus* (refasto), ou *religio* (sacrilegio), a noção primitiva que se annexou ao nome de *deus da medicina*. Por outro lado, a denominação de *Mar Vermelho* dada ao *golfo Arabico*, deixa entender que o *perigo* associado ao *espectro cor de sangue* (mare rubrum) estava do lado oriental do Egypto, pelo menos nessa parte de territorio egypcio comprehendida pelo *Thebaida*, a que estava ligado *Ten* (Ten, Nekeb, *nexus Thebarum*). Precisamos deixar desde logo consignado, que os *nomes romanos* são transplantações ou representam fórmãs mais ou menos alteradas daquelles que apparecem na historia do Egypto; pois os creadores das linguas as ligaram de modo indissolvel pela raiz das palavras, e esta regra prevalece a respeito de todos os idiomas que se falam ou se falaram na superficie do globo.

Já vimos o que se continha de historico na expressão *unda decima*, que corresponde á fórma structural de *undecim*, equivalente, por outra parte, da phrase conhecida dos latinos *decimana fluctus*. Ahi se fala de

um *motim consideravel* (decimana fluctus), e já nos informaram mais longe, que a rebelião dos Ethiopes, a principio dominada, mas de modo debil, estalou, finalmente, em fôrma de *furacão* ou causando desgraças sem conta. Examinemos agora o segundo termo da numeração dada, isto é, *mille* ou *millia* (mil). Qualquer dos vocabulos indicados prende-se pela raiz a *miles* (soldado), synonimo de *latro* (salteador, bandido, sicario, assassino). Já se vê que a *chusma* lembrada (unda) tanto se refere aos antigos inimigos dos brancos (Lybios), como aos novos (Ethiopes), e que os primeiros indicaram aos ultimos o caminho da traição e da pilhagem, como estes acharam naquelles excellentes auxiliares para o golpe de mão tramado contra os Asiaticos de *Ten* (tenius). A causa do mal, diz-nos o vocabulo *millia*, era a *bar-rigx* (ilia), e foi esta que engendrou as competições e luctas fraticidas celebrisada; pela *Iliada* (Ilium, Troya). Acharemos ainda por *mille*, o nome de *milhanos*, aves de rapina muito vorazes, e na linguagem popular se chama *milhafres*, aos *ratoneiros* e *ladrões*. Si considerarmos uma outra fôrma latina da palavra *mil*, isto é, *milleni*, descobriremos a causa, já assignalada, dessa ultima irrupção dos Negros, que nos designaram pela expressão *unda decima* (undecimo). O termo *leni*, conduz a *lenitas* (brandura, bondade), e á compassividade dos civilisados para com os selvagens se deve attribuir a explosão dos sentimentos represados, que produziu, como veremos, tantas victimas e desgraças. Mas *leni*, é transcrição de *lini*, e por este modo nos apparece o *Boschiman* ou a *vacca* (bos) *vestida de linho*, que recebeu o nome de *Isis* (linigera vacca). Esse animal, tido como *sagrado* (religiosus), se confunde na theologia

egypcia com a imagem da *lua*, symbolo, como havemos dito, das *trevas* africanas (luna). Os *dous cornos* do *astro errabundo* representam, para o caso, uma *dupla ala do exercito* (cornu), e lembram as *trombetas* que resoaram funebremente aos ouvidos das victimas escolhidas para um sacrificio cruel, tanto como immerecido. Aquelles que *se armavam de cornos*, diziam os antigos, *tomavam coragem* ou *se faziam atrevidos* (cornua sumere), e foi, realmente, o que aconteceu a respeito desses soldados quando altearam a bandeira da revolta, para saciar os seus instinctos sanguinarios. Dahi a *tapadura*, de que tanto se falara na legenda (linire), applicada sobre as victimas do plano infernal: tomadas todas as passagens, os *brancos* surpreendidos, não puderam escapar ás garras dos tigres africanos. O *linho*, de que se vestia a vacca egypcia, mostra qual era o vestuario desses negros insolentes, que emigraram da patria de origem famintos e nús. *Mil bondades* (milleni, *mille lenitates*) tinham recebido os monstros de seus protectores e amigos, mas afinal procederam como os animaes ferozes, que se engaiolam, mas não se domam.

Resta considerar, para ser completo o estudo da data (11007), a palavra *septem* ou *sepeteni* (sete). A' primeira inspecção se nota que a palavra *septem* ou *septeni* guarda relação com o nome da comarca egypcia (Ten), theatro dos acontecimentos relatados. Mas, ver-se-ha que por esse numero se allude tambem á *coutada de feras* (septum), aonde se exhibiu a gente *amparada* pelos Asiaticos (saepta gens).

Em *septum*, se lê tambem a ideia de *trama* (septum lini), ou de *rêde* empregada pelos caçadores, e foram os *homens vestidos de linho*, como os *patres egypcios* e

os sacerdotes hebreus, que procederam ao *cerco* (septum), ou *tomaram a passagem* daquelles que mal suspeitavam as manhas da *serpente* africana (seps), que devia figurar mais tarde como a imagem do demonio (seps).

Como, entretanto, *seps*, tambem designe a *centopeia*, chamada pelos francezes *mille pieds* (mil pés), descobre-se por aquella palavra o numero de individuos, que compunham as tropas ethiopes, aliás indicado pela voz latina, já examinada, *mille* ou *chilias*, que conduz a *chiliarcha* (capitão de mil soldados).

Centum (cem) tambem se emprega na accepção de *muitos*, e por isto corresponde á palavra *mille*, tambem synonymo de *plurimi* (muitos).

Havia, portanto, um corpo de *mil soldados* na fronteira da *Thebaida*; e um territorio, margeado pelo *mar Vermelho* era occupado pelos *Lybios*. Si quizermos deduzir da figura do insecto nomeado, que os naturalistas incluem na ordem dos *Chilopodes*, a physionomia dos selvagens boschimans, não deixaria de ser instructivo o paralelo, aliás baseado na analogia morphica dos vocabulos examinados. A *centopeia* possui um corpo mesquinho, alongado e dividido em *diversos segmentos*. Esses segmentos alludem ás *incisões* que os povos barbaros ainda produzem sobre a pelle, mas *segmentum*, diz tambem o mesmo que *passamanes*, *galões*, *alamares*, e assim nos revelam que as bordaduras militares já eram usadas na mais alta antiguidade.

Sabe-se que os *selvagens* amam os ouropeis, as cores variegadas e brilhantes, e por isto teriam os Asiatcos, satisfazendo a vaidade de seus auxiliares, promovido mais facilmente a domesticação dessa gente feroz. Quanto a ser alongado o corpo da *centopeia*, observe-se

que se trata de um *insecto*, achando-se por *longus*, a ideia de *lento*, e por *lentus* a de *fraco* ou pouco energico (indolente). Os pés do chilopode apresentam a fórmula de *ganchos*, e esta structura lembra a imagem de *Pan* feita pelos mythographos. Não ha duvida, como se verá mais adiante, que os *Boschimans* tinham os *pés tortos* ou eram zambros. O numero das patas da escolopendra (10 de cada lado) deixa ver que os famosos conquistadores do mundo (Sabinos) não eram de andar gracioso, pois a expressão *nimii pedes* (muitos pés) corresponde á de *pés desmarcados*. Si os *Boschimans* se distinguíam pela *indolencia*, não deixavam por isto de correr com muita velocidade, á semelhança das *centopeias*, e como estes myriopodes seriam carnivoros. Quanto á cor dos *Ethiopes*, achamol-a pela da *centopeia*, que apresenta um matiz *ferruginoso esverdeado*. A *centopeia* morde, e a sua mordedura, bem que não mortifera, é perigosa. Está claro que os nossos selvagens não dariam a morte pela bocca, mas é que elles são tambem equiparados ás *serpentes* (seps), e sob a relação dos costumes se collocavam entre os insectos e os reptis venenosos. Como a *centopeia* viva sob as pedras e nas fendas dos muros, ficamos por isto informados de que os *Boschimans* guardavam as muralhas levantadas nas fronteiras do Egypto. Nada offerece de sympathico e attrahente o aspecto physico daquelles insectos, e, concurrentemente, o dos *Ethiopes primitivos*, paes de nossa raça.

Não deve ser omitido que a raiz *sep* ou *seb* é a mesma que entra na palavra *sab*, designativa do selvagem *boschiman*, apresentado sob a fórmula de *Bacchus* e de *Jupiter Sebazios* (*Sebazius* ou *Sabasius*.) O exterior sordido, gorduroso, dos geradores de deuses,

está definido pela palavra *sebosus*, que conduz a *saevus* (cruel, deshumano, selvagem, insensível), e si quizermos aproveitar uma phrase de outrem, poderemos dizer, que esses *antigos sabinos exerciam o rude officio das armas* (*saevam militiam ferre*). Obra cruel, sanguinaria, foi a que elles fizeram ; mas voltemo-nos para a palavra *septem*, que nos conduziu em todo nosso exame philologico, e restituiu uma das paginas canceladas da historia de nossa raça. A fórma latina *septas*, correspondente á grega, representa tambem o numero *sete*, e, pela desinencia *tas*, nos fala de *modificação da voz*. Referindo essa indicação á historia dos Ethiopes, pôde-se mais uma vez dar como apurado que elles aprenderam a *falar com os brancos*, pois *modificatio vocis*, diz o mesmo que *construcção da linguagem*, tanto mais quando o termo *sep*, prende-se a *coeptare* (começar,prehender). Como cooperadores militares dos brancos, foi que os individuos designados pelas palavras *septas* e *mille* aprenderam a se exprimir por sons articulados (*vox*). Por sua vez, *temperamentum*, palavra que fala de *moderar e regular*, encerra a ideia de *constituição*, e *modus*, traduz-se por *medida e regra*. A faculdade da palavra era entre os selvagens como uma força indisciplinada, que se manifestava por gritos confusos ; e para dar-lhe uma direcção sabia os Asiaticos teriam vencido maiores difficuldades que os mestres de hoje quando encaminham as crianças na emissão dos sons das palavras. Foi a sciencia que venceu a rudeza do espirito selvagem, como aliás nos indica a mesma raiz *sab*, que se prende a *sapientia* (sabedoria, instrucção), e ahi mesmo se depara a ideia de *moderar*, que vimos expressa no termo *tasis* (de *septas*).

Explica-se assim por que os antigos escriptores diziam que o *septas* era o *nó de quasi todas as cousas*, ou encerrava a *origem da alma do mundo*. Pelo *nó* se deve entender a *columna cerrada de soldados* (nodus), e foi ella o primeiro *elo* dessa cadeia que ainda pesa sobre os pulsos de nossa raça, envolvendo toda a humanidade actual. A *origem da alma do mundo* está nas tendencias que dependeram dessa primeira vibração imprimida sobre as moleculas do cerebro pelasgico; e nada se offerece de extraordinario no facto assignalado, pois tudo quanto existe é como a repercussão de um momento primitivo, podendo o philosopho repetir estas palavras do physico: « não ha sopro, por mais ligeiro que seja, cujos movimentos não percorram o universo ». Não foi outro o fundamento que deram ao mytho do *peccado original*, mas para *lavar a mancha* da barbaria primitiva, nós só dispomos de um meio efficaz, que é a *corrupção*. A *agua lustral* está indicada já pela palavra *lues* (peste, contagio), já por aquella, que nos fala da *immundicia* (coenum), e não ha duvida que os povos escapam á selva-geria para se precipitarem na corrupção dos costumes. As nacionalidades, que desapareceram do scenario politico, acabaram, como é sabido, atascadas no lodo, e o espectáculo de sua decadencia sobreleva em tristeza o das tribus nomades, que se guerreiam e devoram, mas desenvolvendo toda a força indisciplinada de uma juventude turbulenta.

Deste passo podemos penetrar no tecido da legenda biblica do *paraíso terreal*, e o nome *Eden* prende-se ao do territorio habitado pelo selvagem *glotão* de Guiné (edo thinites). *Eden*, diz o mesmo que *amenidades*, *delicias*, e estas ideias retratam já os primores da situação

physica do nomo egypcio, já os mimos e afagos com que os Boschimans eram tratados pelos seus protectores (deliciae). *Edo*, synonymo de *gurgēs*, designa o *golfo*, de onde procediam os hospedes de Ten, cujo emprego ou profissão vem definida por *barathrus*, equivalente de *edo*. *Paratio trux* (preparação selvagem), ao mesmo tempo que nos fornece a forma explicativa de *barathrus*, faz notar que a gente *dura* e *sanhuda* (trux), cuja *estupidez* (baro) não pôde suscitar duvidas, fôra submettida ao regimen da *disciplina militar* (paratio = meditatio), mas sem que ficasse por isto menos caprichosa e libertina (deliciae). Nessa faina de attrahir os rusticos boschimans ás *amenidades* do regimen culto, os Asiaticos procederam como disse Seneca a respeito dos seres humanos em geral: *usque in delicias amamur: somos amados* (de Deus) *a ponto de ficarmos mal acostumados*. *Delicia*, resolve-se pela analyse em *deleta licia* (fio destruido), e como *filum* seja synonymo de *ordo*, vê-se que o *plano* e a intenção dos educadores foram frustrados pela rebeldia dos educandos. Está bem visto que as *amenidades* redundaram em *desgraças*, como se diz nesta phrase latina: *in oblectamentis erat ei serpens* (deleitava-se em alimentar uma serpente).

E' facil vêr que *Eden*, guarda o radical de *aethiops*, associado ao nome da comarca egypcia (Ten). O polyphago da Africa Austral já tinha, porém, envelhecido no seu novo pouso, como se prova, approximando o termo *ed*, de *edentulus* (desdentado, velho). Mas elle não era como o vinho, que perde com o tempo o demasiado ardor (*edentulum vestutate vinum*), e apenas poderia offerecer semelhança com os animaes ferozes a que os dentes foram limados (*edentata bellua*). Entre-

tanto os Ethiopes haviam aprendido alguma cousa, bem que sómente de memoria, e sem maior discernimento (*ediscere*). Quanto a *moral*, a expressão *aethicam tenere* faz vacillar o espirito do interprete entre a ideia de *grangeio* ou lucro, e de *abstenção*, não exclusiva da *intelligencia do preceito*. Desde quando a terra, como força geradora e transformista, tinha produzido os Ethiopes? O problema, á primeira vista insolúvel, determina-se pela expressão contida na palavra *Eden*: *aetates denae*, diz *dez seculos*, donde se conclue que os Boschimans datavam de *mil annos* o seu *apparecimento* na Africa (*editio*). A *Enyo* grega, tambem chamada *Bellone* (deusa das matanças), passou igualmente do *paraíso* (*Eden*) para as lobregas moradas de Plutão (*Taenarus*), e lembremo-nos de que *belone*, é a *agulha* que se desvia, como a *bussola*, da *linha vertical*, e por isto foi tomada como emblema dos descendentes de *Baccho* (*basis acus*). O tempo passado em Ten, desde que os Ethiopes chegaram da Africa Occidental, tambem apparece registrado pelo nome hebraico (*Eden*): *aetas tenet*, diz o mesmo que *tem um seculo*, e *aedes*, fala de *residencia*, *morada*.

O *Eden* era um *palacio* ou *grande edificio* (*aedēs*, *edificium*) cercado de *pequenas casas* (*aedicula*), onde habitavam os Ethiopes (*edo*). O *ceo* (*aether*) ficava assim a poucos passos do *inferno* (*Taenarus*). O *palacio* transformou-se no *tumulo* (*aedes*), e as *choupanas* (*aedicula*) em alcaceres da divindade futura (*aether*: *Jupiter*). Quem teria de operar semelhante transformação está indicado pela voz *aedituus* (*carcereiro*), e as victimas desse processo magico ou infernal vêm designadas pela phrase *clausae aedes* (*cortiços de abelhas*, *quartos fechados*). O *templo* primitivo (*aedes*) era, portanto, o

logar habitado pelos deuses da velha raça, os mesmos que traçaram as linhas do monotheismo hebraico, produzindo a obra incomparavel da Biblia. A tragedia, pela qual se inauguraram os edificios da nova phase humana, está indicada pela mesma palavra que uma raiz grega preside ao vocabulo *hœdus* (bode). Dahi a composição da voz *tragoedia*, que guarda a equivalencia pelos termos com a expressão *tragicus hœdus dialis* (funesto bode de Jupiter); e devemos accrescentar que o planeta *Jupiter*, descrevendo vastas curvas na abobada celeste, era dado como o emblema da raça prodigiosa ou de sua longa viagem atravez dos espaços da terra (*jubaris iter*).

Um poeta christão, Prudentius, deu aos *peccadores* a designação de *hoedi* (bodes), como mais tarde os pagãos romanos chamavam *asinarii* os discipulos de Christo, accusados de adorarem a cabeça de um *asno*. E' que *asinus*, se explica por *asiacus nus* (sabedoria asiatica), e tambem por *asininus nus* (intelligencia asnal). A *cabeça* (*caput*) faz referencia ás *origens* do pensamento christão, posto como remate de uma situação moral, caracterisada já por um *direito putrefacto* (*jus puter Jupiter*), já por um *perdão* (*vacatio*), que teve o nome theologico de *Jehovah* (*Hierobi ovati vacatio*).

O *boi Apis*, que apparece sob a fórma *Jehovah* (*hierobus*) representa, nesse momento da historia do Egypto, a opposição entre o *pater* primitivo (*abba*), que presidia aos feitos lustrosos de uma sociedade industriosa, por isto comparada com as *abelhas* (*apes*), e os semi-barbaros *Boschimans* (*bos*), que calcaram aos pés e trituraram os seus protectores.

Dahi o pôr-se na palavra *pater* o que se exprime por *patere* (debulhar, pisar), emquanto a raiz *pat* con-

signa a idéa de *soffrer* e de *queda* (sanskrito *pat*). Um idioma selvagem, o galibi, envolve na *obscuridade*, que cercara os actos tortuosos dos *patres* ethiopes, a *cruz*, que deveria redimil-os mais tarde. E' o que se comprova pela voz daquella lingua, *patenebo* (pater omnium nebulosus), que diz *cruz*; e os negros das Philippinas chamam *patiniak*, um *sortilegio ligado á criança que uma mulher traz no seio*. O *seio* da mulher, quasi não precisamos dizer, é o *golfo* donde sahio o *glotão* thinita (sinus, barathrus), considerado como o *mú cor de bronze* (mulus aerius) que a palavra *musimo* (mú) faz participar da natureza do *rato* (mus), e do *macaco* (simius). Lembremo-nos dos *Sermoes* do Latium, que são o mesmo *peixe nilotico* designado entre os Indos pelo nome *pathina*, onde se lê o radical de *Ten* ou *thinites*, articulado ao de *pater*. O *vaso de vinho para deitar nos copos*, que os Latinos chamavam *tina*, figura os *cortiços de abelhas asiaticas* (vas), ao lado da *vasilha* onde bebera Bacchus (vas Liberi); e os *copos* de que se cogita (patera) são como denuncias da *trama* dos *patres* boschimans (patrium tela). Os Gregos davam o nome de *Patrus* ao seu *Jupiter*, e a estatua desse deus em Argos, tinha um *terceiro olho no meio da fronte*. Este *olho* significa o *rebento* ou *renovo* (oculus), que brotou da *parte anterior* (frons), do tronco representado por Jupiter (persona, sigillum), como resultado da fusão de duas raças.

Sabemos, pois, o que se procurou rememorar pela scena do *Eden*. Vejamos comtudo como as palavras do *Genesis* se ajustam á interpretação firmada sobre o nome hebraico do *paraíso terreal*. « Mas a serpente era o mais astuto dos animaes da terra, que o Senhor

Deus tinha feito. E ella disse á mulher: porque vos mandou Deus que não comesseis de toda a arvore do paraíso? » A *serpente* é o mesmo ser que se designa pela palavra *mulher* (mulier): o reptil, que os Latinos chamavam *fera* e *pestis*, symbolisa o que havia de solerte insidia na alma dos Boschimans, indicados pela fórma *mulus aërius* (mu côr de bronze), que corresponde a *mulier* (mulher). Mas ao lado da serpente ethiope estava a lybica, que tinha o nome latino de *amphisboena*; e este vocabulo deixa perceber que a *Parca* (Poena), posta no caminho dos Asiaticos, habitava ao norte e a léste do Egypto. *Amphiscius*, fala do *que tem sombra dos dous lados e habere umbram*, diz *ter abrigo* ou residencia. Já vimos que os Lybios occupavam já o norte africano, já as margens do Mar Vermelho, o que se registra pela expressão *duo latera*, sabendo-se que *lado*, corresponde a *frons* (parte dianteira), e a *renes* (costas, rins). Os brancos tinham, pois, os seus inimigos da casta vermelha, distribuidos em duas porções distinctas, que correspondiam, pela localisação, á *fronte* e ás *ilhargas* do Egypto. Assim, a *serpente*, que se dirigiu á *mulher* é a *socia* dos Ethiopes (pars, par, compar), ou a *tribu lybica*, mais interessada que a outra em annullar as resistencias que se lhe deparavam pela attitudo dos Boschimans, aliados e serviços dos Asiaticos. Quanto á supposta arvore do paraíso (lignum paradisi), notemos que *lignum*, fala de *semente*, e *semina*, designa as *estrellas* ou a raça astral que habitava o Egypto. Assim, o vocabulo *lignum* toma a significação de *prole* (semen), emquanto a ideia de *madeira* (lignum) gera a de *raça* (materia), particularisada, para a intelligencia do inter-

prete, pela de *cruz* (arbor). Por outro lado, *paradisus*, allude ao *salvador* futuro (paratus sospes), enquanto *sus*, adverte que o mysterio desse *raio de luz* (paradisus, *radius*) veio *de cima para baixo*, ou dos Asia-ticos para os Pelasgos (radix: *tronco, filho* ou descendente).

E' ocioso insistir sobre a natureza do Deus que formulou o preceito de não *comer de toda arvore do paraíso*. O nome de *Jehovah* fala de *perdão*, como dissemos, mas associado á *intelligencia* (vacatio, jecur), sem preterir, entretanto, o conceito divino que o judaismo innato de nossa raça poud extrahir das narrações do Genesis. Ausencia de *razão* e de *indulgencia* (jecoris vacatio), eis o que se afigura á primeira vista como a natureza característica do deus biblico, e ninguém o julgava, por isto, menos digno de veneração. Os creadores das religiões não se dignavam de traduzir a sua divindade pelos attributos do deus *Apis*: o quadrupede, que é como a imagem do trabalho agricola, mereceu ser assignalado pelo nome de *Jehovah* (vacca). Mas as aberrações que se entroncam no conceito posterior do divino, são presuppostos pela construcção da palavra *deus* (divinus usus, devius nus), que fala de uma *pratica esguelhada* ou *desviada do caminho recto*.

Como elemento correctivo da symbolica divina destinada aos Pelasgos, apparece na lingua latina a palavra *numen* (deus, divindade), que traduz a ideia de *poder humano*; e si quizermos avançar até a concepção primitiva do ser theologico, veremos que ella coincide com a de *força*, que se eleva por gradação desde o simples *movimento*, até as manifestações superiores da

vontade humana. Previu-se que o dinheiro (nummus), poderia ser elevado á categoria de deus; bem que dissesse Juvenal não terem os Romanos erigido templo ao milagroso stater de ouro (nullas nummorum ereximus aras). A *mentira*, a *impostura*, a *dissimulação*, encerravam-se na palavra *numen*, cuja syllaba final prende-se a *mendacium*. Os nossos grandes maiores sabiam que depois de todas as imitações e arremedos, mais ou menos infelizes, da ideia primitiva, o conceito pelasgico do *divino* esbarraria na *esterilidade*, como se revela pela palavra *mendicitas*.

O preceito — *não comerás de toda arvore*, esclarecido pela analyse semantica, póde ser ventilado ainda sob a relação morphologica.

As palavras — *non comederis omni ligno* — produzem pela disjunção dos termos integrantes de *lignum* (ligato nomini, numini), a ideia de uma interdicção relativa a *tudo quanto diz respeito á familia*, cuja superioridade se affirma por *numen*. Deste modo torna-se evidente que tudo era permitido aos Boschimans, excepto tentar contra a pureza das mulheres asiaticas, mas a desobediencia não se fez esperar mais de um seculo. Está visto que se trata dos descendentes daquelles Ethio-pes que se transportaram de Guiné para Thebas, e exerciam a profissão mercenaria de seus paes. Precisamos dizer que a primitiva mulher de *Adão*, ou do homem *duro, inexoravel* (adamantus), chamava-se *Virago*, e ella saíra das *costellas* de seu marido, porque *Adão*, segundo mostraremos, é um personagem duplo, e *costae*, faz referencia á certa parte ou lado.

Por *virago*, entendiam os Latinos a *mulher guerreira*, mas *bellatrix* (guerreira), traz á memoria a porção

monstruosa da plastica, entre as Boschimans (*bellua latere trux*).

Bellona era designada pelo epitheto de *praeliaris dea*; mas convém notar que *praelium*, dá idéa de *rivalidade no amor* e de *competição*, donde se illage que os Boschimans não tinham ainda largado os costumes polygamos.

Viram ago, diz, sem ambages, que aquelles barbaros houveram para si as mulheres de sua raça, e não seria verosimil que os brancos permittissem o abandono das esposas pelos maridos. Mas o Ethiope olhava para mais alto, e, comparando a belleza completa e seductora das mulheres brancas com as formas desgraciosas e massudas daquellas que o destino lhes dera por companheiras, não hesitaram na escolha e violaram o preceito moral.

Vimos que a *serpente* representa os lybios, e delles foi o conselho ou excitação á pratica do crime. As reflexões postas na bocca da *seductora* são como as falas que os dramaturgos referem ás personagens de seus dramas. Entretanto, um espirito astuto, mesmo selvagem, poderia prever que os transgressores da lei moral *seriam como uns deuses, conhecendo o bem e o mal*, enquanto os *seus olhos se abriam*. O *conhecimento do bem e do mal* (*scientes bonum et malum*) suppõe o *poder* de pratical-os (*scire*) e a experiencia dos seus respectivos efeitos. *Scire* (saber) diz o mesmo que *experimentar*, e chegara para os Ethiopes o momento de *decidir* (*scire*), sobre esse assumpto de seu conhecimento, pois fazia parte do ensino que lhes transmittiam.

Os transgressores seriam como *uns deuses*, porque os *deuses inferiores* (*famuli divi*) são chamados *laevi*

dii (estouvados, loucos, sinistros, funestos, desgraçados). Finalmente, os *olhos se abriram*, porque *acies apertae* (olhos abertos), diz o mesmo que *linhas de soldados impudentes, desaforados*. As palavras da serpente foram dirigidas á *mulher*, mas esta não vem durante a narração designada pelo nome de *Eva*, o qual se resolve em *aevi vacca* (vacca de longa duração), e portanto convém ao Boschiman (bos : *vacca*). O hebreu *Eva*, diz *vida* e *serpente*, e *vita* (seculo) fala da idade dos Ethiopes thinitas, como *serpens*, da *tarefa prolongada* (serum pensum), que elles exerciam desde a sua chegada ao Egypto. .

Vejamus quem seja *Adão*, principal figura da narração biblica. Aquelle nome diz pelo hebreu—*terra vermelha* (Lybia), e *primeiro homem*. *Terra cruenta* (terra vermelha) conforma-se pela accepção de *povo sanguinario* ás duas tribus que se associaram para o attentado de Ten ; e *ultimus homo*, é o *primeiro homem* em relação ao tempo. Dest'arte, não só o *primigenio* como o *ultimo* ou mais joven dos selvagens africanos, estão comprehendidos na mesma designação onomastica (*Adão*). Dahi a necessidade de analysar o nome de *Adam* ou *Adamus*, que agglutina os termos *addictus hamus* (gancho, anzol ligado, empenhado), e *addax*, *mos*, servindo destes o primeiro para indicar o *veado africano* (Lybio), e o segundo, aquillo que os *Ethiopes* guardavam (*mos*, *Ethica*), e por isso, *hamus*, tambem designa o *guardamão da espada*.

Addere, subentende a junccção dos dous grupos de selvagens, *lançados sobre* os Asiaticos, emquanto por *ad* se particularisa o futuro *pater* (atta), que tendia para o sonhado *nivel*, como se testemunha por *amus*, de *amuissium*.

Por outro lado, *finis* (nível), mostra o logar occupado pelas duas tribus (fronteira). « Viu, pois, a mulher que a arvore era boa para comer, e formosa aos olhos, e delectavel á vista ; e tirou do fructo della, e comeu, e deu a seu marido, que tambem comeu. » A mulher, seduzida pela serpente, já sabemos que era o Ethiope (*ævi-vacca*), mas a expressão da Vulgata *et tulit de fructu illius et comedit*, não se refere ao estupro commetido pelos soldados rebeldes, mas á destruição daquelles que guardavam as mulheres, ou os Asiaticos. *Comedere de fructu ligni*, é *dar cabo* das delicias *da raça* que representa o *cerne* da nossa (*lingnum interius*), comparada, segundo vimos, ás *estrellas* do firmamento (*lignum=semina*). Mas, como as *mulheres* eram *fructos* da mesma arvore de aspecto delectavel, eis que *Eva* (Ethiopes), deu-os áquelles que faziam as vezes de heroes (*deditiques viro suo*, qui comedit). Sabe-se que *vir* (homem, marido) corresponde a varão *distincto*, *personagem notavel*, o que nos adverte terem os Ethiopes distribuido com os seus capitães e soldados illustres as infelizes creaturas que raptaram covardemente, depois de assassina-rem os chefes de familia, obstaculos que eram á concupiscencia dos scelerados.

Pela arvore situada no meio do paraizo (*ligni, quod est in medio paradisi*) se representa tambem a *metade* (*medium*), da familia asiatica. *Arbor*, é synonymo de *alveus*, pela ideia commum de *navio*, e na segunda dessas vozes latinas se depoz a noção de *exame* e em tempo nos disseram que o Egypto era obra do *cortiço de abelhas*, que emigrara da Asia. Em *alveus*, se depara a raiz de *albus* (branco), e, assim, fica provado que se trata no Cap. III do *Genesis* da gente branca e civilisada, posta em contacto insalubre com os negros do oriente e occidente afri-

canos. A concupiscencia ethiope visou as doçuras de um bello *regazo* e por isto *medium*, traduz a significação de *sinus*. A *quarta em que se batia a nata da terra* (*sinum*), tinha alguma cousa de tão capitoso como um *porto* bem abrigado (*sinus*) para o navegante que enxugou negras tormentas em viagens dilatadas. O hebreu *paradh*, fala do *grão da romã*, emquanto o latim *paradisus* se decompõe na expressão *paratils desueti usus* (emprego de um apparelho desacostumado, insolito). O *punicum malum* (romã), apparece, portanto, como o emblema da primeira *desgraça* que foi consequencia da *má fé* (*ars punica*). *Granum* (grão) diz o mesmo que *semen* (semina mali punici), affirmando-se deste modo que o *germen*, o *principio* das *manhas* e ardilezas punicas ligam-se á ideia de *vermelho* (*punicus*), donde concluímos que a iniciativa da traição entre os confederados de Ten coube aos malfadados lybios. A nova *divindade*, rude e grosseira, que surgiu para o mundo, e atravessou os tempos até á hora em que estamos, vem definida por *granum* (grão), que se transforma pela analyse morphica em *crassum numen*, emquanto o termo *num*, lembra as *ulceras roedoras* de nossa civilização (*nomae*), e os ethiopes (*nomades*), que dirigiram a campanha subversora contra os seus amigos e protectores (*numina*).

Comido o fructo « no mesmo ponto se lhes abriram os olhos; e tendo conhecido que estavam nus, coseram umas folhas de figueira, e fizeram para si umas cintas ». Já dissemos (Liv. I), o que importa para a historia dos lybio-ethiopes o emblema da *figueira*. Por *nudi* (nus) se entende *vestidos de tunica*, e este era o vestuario dos peccadores de Ten; mas, como aquella voz latina tambem signifique *natural*, *miseravel*, percebe-se desde logo quaes fossem os

trajes adoptados pelos selvagens vermelhos. Estes andavam *nús*, e as *folhas da figueira, de que teceram umas cintas*, representam o aspecto exterior (frons) dos negros, mas posto sob *rebique* (phycos, fucus), pois esses primeiros criminosos da raça africana foram também os inventores das *composturas enganosas* e das perfidias (fucus). O mesmo se poderá dizer a respeito dos ethiopes, cuja *physionomia* (frons), é como uma *folhagem* (frons), onde espreita a serpente (frons phyci), porque esconde a *traição*. As *cintas* são, portanto, as *zonas coloridas* (virga), que variegam a pelle dos povos de nossa raça, e *periçoma* (cinta, cingulo) fala de *jogos de tapeçaria* (peripetasma), que estão á superfície e na extremidade superior, por serem os ultimos da ordem (summa). Trata-se de um conhecimento *intimo* (summus), e *nodus* (cingulo) presta testemunho sobre o *enlace* ou encadeamento, que se prende á *espinha dorsal* de uma *columna cerrada de soldados*, habil em manejar com as rêdes e fazer uso dos *nós corredios*. Notemos ainda que *ficus* (figueira) se desdobra em *filum cussis* (tecido do caruncho), para representar-nos o *ramo da arvore genealogica* (filum), que está na *ponta* (cuspis), e tanto *fabrica moeda* (cusio), como *vigia os comícios* para impedir a fraude (custodire).

Os perversos sentiram-se *nús*, isto é, *miseraveis*, porque tinham aprendido bastante para conhecer a gravidade da falta commettida. A *figueira doida*, chamada *caprificus*, dá noticia dessa *sciencia improvisada*, que fôra acompanhada de um *commetimento extranho*. O *facto extranho* foi juntar *cabras a lobos* (jungere capreas lupis), ou associar *Lybios* e *Ethiopes*, como aconteceu nesse momento da historia egyptica. Por outro lado, dizem-nos pela palavra *caprificus*, que a *moral*

será sempre para os descendentes dos selvagens africanos uma disciplina sem raízes solidas e profundas (*tumultuaris scientia*).

Os adeptos da boa ethica são como soldados recrutados ás pressas (*tumultuarii milites*), que raro suportam as fadigas da campanha, recuando de seus postos ao primeiro fogo nutrido do inimigo, o qual, para o caso dos costumes, representa a *tentação* do peccado. Ovidius disse, sem atinar no alcance de suas palavras : *mixta est carica palmis* (o figo está misturado com as palmas), e como *caries* e *rica* nos manifestam a existencia de um *veo* que occulta a *podridão*, os nossos triumphos na moral (palma), são corroídos pelo mesmo verme que vimos indicado por *figus* (cussis : *caruncho*), e dão a medida da influencia exercida pelos homens da estirpe negra sobre os actos de seus infelizes descendentes. Eis por que o *peccado original* se transmittirá de geração em geração até a consummação dos seculos.

Foi costurando a *leveza* (*folium*) de seu espirito com os retalhos da *sciencia instantanea* (*caprificus*), que os Ethiopes formaram o *cingulo* moral de nossa especie : uns assentam praça, outros dão baixa (*cingulum sumere*, *cingulum exuere*) nas fileiras mal disciplinadas do rebanho de Epicuro.

A voz de Deus ouvida pelos peccadores, que chegou depois do meio dia com o sôpro da viração (*ad auram post meridiem*) foi a *reflexão*, que veio *serodia* para a salvação do homem delinquente (*de meridie* : de tarde); pois *aura* (viração), tambem diz *principio animante* ou *alma* (*etherii, pectus, sensus*). O intimo falou na consciencia barbara como um echo vindo de outro mundo, ou das *alturas* onde habitavam os seres superiores, que

foram exterminados. Escondidos da face do Senhor (suppressi ore), porque o haviam supprimido, os monstros ouviam no murmurio das auras como o libello do grande crime consummado. *Abscondit se Adam et uxor ejus a facie Domini Dei in medio ligni paradisi*. Já vimos que o nome de *Adão* subentende por seus termos componentes, tanto os *Lybios* como os *Ethiopes*, mas agora se designa por *uxor*, as personagens que não figuraram no correr da narração. Trata-se da *mulher*, cujo casamento se affirma na tradição pela phrase *ducere uxorem* (transportar a esposa), e as cópias desse primeiro modelo ainda existem nos usos dos povos. *Abscondit se Adam et uxor ejus*,— declara que os *Ethiopes* (Adam) *esconderam* as mulheres que tinham raptado; emquanto os *Lybios* (Adam) as *perderam de vista* (abscondere). Póde-se descobrir na palavra *uxor* a noticia do incendio de Ten : *Ucalegontis ora*, é a zona do *homem incendiado*, e *or*, conduz a *urus* (boi selvagem da Africa), que é o *boschiman* (bos). Neste caso, *abscondit se* (occultou de si mesmo), exprime o facto da fuga dos criminosos, que se foram homisiar nos bosques (in medio ligni paradisi) para escapar á vista de sua propria obra, que lhes era dolorosa (*abscondit se Ucalegontis oræ rem*).

« E pois que assim o fizeste, tu és maldita entre todos os animaes e bestas da terra : tu andarás de rastos sobre teu peito, e comerás terra todos os dias de tua vida. E porei inimizade entre ti e a mulher ; entre a tua posteridade e a sua della. Ella te pisará a cabeça, e tu armarás traições ao seu calcanhar. » Cumpriu-se a sentença, e o *proletario*, descendente da *serpente* lybica, póde dizer quanto aquellas palavras propheticas traduzem a experiencia de cada dia que passa. A *terra*

comida pela condemnada, é a ruína do mundo (edere terram), que se opéra de momento a momento, por força desse antagonismo posto entre os membros da mesma familia humana. As nações se destroem umas ás outras, e dentro dellas os partidos, as facções, as seitas fanaticas de todos os typos e matizes, a inveja dos pequenos, a soberba dos grandes, são como alavancas que reduzissem a lascas e destroços o corpo do planeta. Si o *Ethiope* é a valvula da corrupção, o *Lybio* é o motor da desordem, a mecha da mina temerosa, cujas explosões ameaçam cada dia a obra incompleta das gerações passadas. *Super pectus tuum gradieris* (rastejarás sobre o peito) diz que os homens só caminham e se adiantam por meio do *estomago* e *acima da intelligencia e do coração*. A *inimizade* entre a *serpente* e a *mulher* representa os conflictos que desde tempos immemoriaes se travam entre os *filhos dos Lybios* e os dos *Ethiopes*; pois os primeiros, que formam as multidões núas e famintas, prendem-se á *serpente vermelha* (amphisbaena), e os ultimos, que constituem as classes favorecidas, privilegiadas, brotaram do tronco patricio, representado pelo *Ethiope* ou *Boschiman* (mulier: *mulus aereus*). Não ha duvidar que os *grandes pisam a cabeça dos pequenos*, como disse a prophecia; mas estes *armam traições* com todo o ardor punico, e juram tirar vingança da sua degradação, natural ou facticia. Os *partos dolorosos*, a que foi condemnada a *mulher de Adão*, pintam as *agonias do ventre*, pois *venter*, corresponde a *mulher pejada*, e ninguem ignora que atravessamos a grande crise das entranhas, que uma legislação tropega e uma politica desnaturada não souberam prevenir, e frouxamente tentarão remediar mais tarde.

A *dôr dos partos* faz tambem referencia ás *produções do espirito* (partus), que são como a historia abreviada do martyrologio humano. O espirito é a força impalpavel, invencivel das multidões, mas sómente quando os portadores da lampada sagrada recebem sobre o peito os golpes desferidos pela maldade insidiosa, ou succumbem sem o gaudio dos athletas acclamados e felizes. As *tunicas de pelles* (tunicas pelliceas), com que *Adão* e sua *mulher* (pares) foram vestidos, ahi se mostram envolvidas com o nome dos Pelasgos: *tunica*, diz o mesmo que *couro das serpentes*, e este foi despido por uma raça, para ser absorvido por outra. Os *cintos*, de que ha pouco falavamos (zona), denunciam a *molestia de pelle* conhecida pelo nome geral de *herpes*, prova de que muitas enfermidades de nossa especie provieram desse congresso amoroso entre duas raças, que o *Genesis* representa pela differença dos fructos das arvores. « A terra será maldita na tua obra : tu tirarás della o teu sustento com muitas fadigas todos os dias da tua vida. Ella te produzirá espinhos e abrolhos ; e tu terás por sustento as hervas da terra. » A situação que se debuxa nestas palavras do grande livro é como a antithese daquella em que se encontravam os ethiopes de Ten, vivendo regaladamente á custa de seus pais adoptivos ; e as funcções militares que exerciam em sua nova patria não tinham nada de forçada ou extraordinario, pois se conciliavam perfeitamente com a indole turbulenta, sanguinaria e bellicosa dos nomades africanos. Os espinhos e abrolhos da obra dos *Boschimans* são os *peccados* (sudis), que mancham, desnaturalizam todos os trabalhos e occupações da vida ; mas *opera*, designa particularmente o *trabalho manual*, posto sob o estímulo do *latego* (stimulus), e mais tarde submisso ao

freio armado de conchas pontudas, com que os antigos representam a organização moderna dos burguezes e capitalistas (murex). De feito, ha uma *concha* designada pela palavra *unguis* (garras), e *ungula*, fala de um *instrumento de tortura*, que, no caso figurado, é a *balança* (lanx), onde se pesam os direitos e os deveres de trabalhadores e capitalistas, de espoliadores e espoliados. « Tu terás por sustento as hervas da terra » : nesta passagem se afirma que o homem de nossa raça *dará cabo* das superioridades e dos vencedores, pois *herba*, diz o mesmo que *palma*, e *comedere palmas*, é como uma advertencia para aquelles que nas sociedades modernas occupam o *primeiro logar* (palma). A reacção dos pequenos contra os grandes, dos opprimidos contra os oppressores, será temerosa, empolgante, irresistivel, e desgraçados daquelles que fecham obstinadamente os olhos á luz sanguinolenta que começa a jorrar das mansardas sobre os tectos dourados.

Não phantasiamos ; relatamos fielmente.

As palavras da Vulgata — *spina*, *tribulus* (espinhos, abrolhos) fazem referencia, a primeira, aos *vícios e defeitos* de nossa constituição moral, que se manifestam muitas vezes por *subtilezas de argumentação* (spinae disserendi), e postulados capciosos. Póde-se dizer que os *interesses das classes e partidos* crescem e se desenvolvem em fórma de ponta aguda ou de espinho (spinam facere) ; e por isto cogitou-se pela palavra *tribulus*, do *polo da gente pobre* (tribus polus), que está em opposição com a dos abastados e felizes. *Tribus*, fala de *classe de pessoas*, e por *tripus pullus*, nos previnem de que já se ouve a *inspiração do oraculo negro*, manifestada por gestos desordenados e convulsões horrificas nas regiões illuminadas

pela *estrella polar* (polus). O caso se acha tão previsto, que aquellas palavras latinas (spina, tribulus) podem detalhar os acontecimentos que temos á vista na Russia. *Spina*, resolve-se em *spei poena*, para descrever os *soffrimentos* causados pela *espectativa* e manifestados agora como *castigos* aparelhados pelas *Furias*. *Spes*, registra as *pretenções* fundadas em *direitos*, que *mãos presentimentos* e *receios* (spes), transformam em *temor do futuro* (spes muito asperior), definido pelas idéas de *estrepes* e *abrolhos*, e reforçado pelas de *atormentar* e *perseguir* (tribuiare). Não vingará o estratagema dos poderes publicos consignado na expressão *tangere bolo* (engodar, illudir com isca), pois o movimento das massas vem caracterizado pelo pensamento contido na palavra *tribulus* (tributus bolus : *lanço de dados, proveito distribuido*). O ideal communista só poderá ser vencido pela *justiça social*, e não se trata de fórmulas idealistas, mas de uma organização esteiada no direito publico e privado das nações (tribuere suum cuique, tribuere pacem terrae).

O *pulvis es et in pulvere reverteris* do apophtegma biblico não alcança sómente o lado physico da natureza humana. *Pulvis*, traduz-se por *liça, carreira* (campus, palaestra, studium, aequor), donde concluir-se que viemos das *batalhas* para outras *bátalhas*, mas que estas se ferem também no campo dos *comícios*, das *letras*, da *agricultura*, da *navegação*, e por este caminho poderíamos chegar ao termo da vida do planeta, si, fundamentalmente, não actuasse em nossos nervos a *força da raça negra* (*pulla vis*—pulvis), e, portanto, *faculdades* morosas e grosseiras. A capacidade pelagica imita a do mathematico (homo a pulvere), ingentamente apta para aprender e ensinar, mas as *figuras* que elle traça sobre a *areia* (pulvis) são

destituidas de vida, de movimento, e cedo se desfazem. Dahi a importancia do *sopro*, que nos veio da grande raça primitiva, e esta, finalmente, apparece nos textos biblicos com o nome de *Heva*. *Hebetudinis vacatio* (ausencia de rudeza) diz o que era *Eva*; mas *vacatio*, tambem fala de *indulgencia, perdão*, que se prendem á memoria de uma *longa idade* (aevi vacatio), e pela imagem da *mulher intelligente e magnanima*, se recorda a fusão da *estupidez* africana com as grandezas immortaes da alma asiatica. A *Isis* (aevi vacca), a deusa primitiva do culto egypcio, cujo véo mãos humanas não podiam romper, surge pela primeira vez no plano da verdade historica: é ainda a *mãe de todos os viventes*, segundo as palavras do *Genesis*.

«E o Senhor Deus o lançou fora do paraíso de delicias, para que cultivasse a terra de que tinha sido tomado. E lançou fora a Adão; e poz diante do paraíso de delicias um cherubim com uma espada de fogo e versatil, para guardar o caminho da arvore da vida.» A intelligencia que produzira, desde a infancia da humanidade pelasgica, o symbolo e o pensamento das verdades evangelicas, não quiz que o *homem peccador* tomasse da arvore da vida, e comesse, para ir viver eternamente: *ne forte mittat manum suam, et sumat etiam de ligno vitae, et comedat, et vivat in aeternum*. A *arvore da vida*, é ao mesmo tempo, a *cruz* e o *patibulo* (arbor), e destes instrumentos de supplicio não quizeram os Asiaticos, após madura reflexão, que padecessem os delinquentes. *Mittere manum, é abrir mão do poder*, que os Ethiopes adquiriram por força do seu acto criminoso: os juizes optaram pela conservação dessa investidura usurpada. Assim, os scelerados de Ten não provaram da

cruz ou patibulo (sumere, comedere de ligno vitae); e por isto se diz, *a contrario sensu*, que os amnistiados não *vi-veram eternamente*. *Morrer*, traduz-se por *vila aeterna frui* (gozar a vida eterna), e foi isto que se evitou pelo perdão concedido aos selvagens assassinos e raptos.

Quanto á scena de expulsão (et emisit eum Dominus de paradiso voluptatis), é preciso notar que *emittere*, fala de *produzir e brotar*, e foi o que fizeram os Boschimans *crescendo e multiplicando-se* á custa da infelicidade soffrida pelas pobres mulheres escravas. Que foram estas as interventoras do *perdão*, como na legenda do rapto das Sabinas, diz o proprio nome de *Eva*, como provamos; e não foi semelhante intervenção a unica *gemma* nem a mais fulgida da corôa das primeiras heroínas e martyres christãs. «Ejecitque Adam», que se traduz por — *e lançou fora a Adam* — significa simplesmente que o *primeiro homem deu rebentos* ou procreou muitos filhos, como aliás se verifica por innumerous documentos. *Rejicere*, tambem diz *desaprovar*, mas é verdade que Adão foi *posto para fora do bosque* onde se homisiava, na intenção de poupar a vergonha, pois *paradisus*, é synonymo de *viridia* (arvores, vergeis, boscagem). Obtido o perdão de sua culpa, os selvagens negros, nossos infelizes antepassados, vieram residir em companhia das mulheres, que se constituíram mães de seus maridos, para arrancar-os á servidão da ignorancia e das paixões grosseiras. Todavia, os Asiaticos *exilaram* (ejicere), os réos de traição, isto é, não quizeram ter commercio com elles, pondo-os em sitio pela reprovação moral.

«E poz diante do paraíso de delicias um cherubim com uma espada de fogo e versatil, para guardar o caminho da arvore da vida.»

O hebreu *keruv*, fala de *jumento divino*, e o latim *cherubim*, designa o *espírito celeste da primeira gerarchia*. *Aximus siderius* (espírito celeste) define o *ousio mal agourado* (*sidus*), que ainda preside os destinos de nossa especie, e foi elle que *guardou a porta do paraíso*, na pessoa dos *Boschimans* criminosos. Esse conceito pejorativo que se adapta ao nome do *espírito celeste*, não exclue o que tambem se annexa ao *espírito celeste de primeira gerarchia*, tomado pelo genio propiciativo das graças que inundaram as origens de nossa pobre humanidade. Si *jumentum*, traduz-se por *boi*, e *bos*, aponta os *Boschimans*; o *animal de carga*, designado pelo hebreu *keruv*, divinisa-se para a historia, pela tarefa extraordinaria, sobrehumana, que executou, em beneficio das gerações que passaram e passarão pela terra. Dahi a *primeira gerarchia*, que lhe attribuem, respeitada a ordem ou gradação dos espiritos segundo as funcções que exercem, ou predicaos que os distinguem; e sabe-se que os nossos maiores do tronco negro estavam subordinados aos seus divinos educadores, cuja influencia moral se perpetua pela superioridade dos sentimentos e grandeza dos caracteres. Vimos dizer-se que o elemento asiatico era como a columna vertebral do organismo pelasgico; e agora se affirma pela voz *jumentum* (carro), synonyma de *axis* (eixo), que a *fera ethiope* (*axis*, fera indica) traz o *ceo*, o *firmamento*, dentro de si mesma, e por isso ainda nos criminosos mais hediondos, ha sempre alguma cousa de *divino*, que elles não percebem, mas pode regeneral-os.

Como o *paraíso da posteridade* de Adão seja o mesmo que nos indicam pela expressão — *paradisum voluptatis*, pois *voluptas*, encerra a significação de *semen*

(raça futura), o *cherubim* collocado *outrora* (ante), nesse pouso de ineffaveis delicias, reapparecerá nos tempos porvindouros (ante), sob a forma supposta ou consagrada de um *animal de carga*, que preenche uma missão divina. *Ei* (collocavit) *flamminium gladium atque versatilem, ad custodiendam viam ligari vitae*. Trata-se de uma *espada luminosa e flexivel*, que guardou e poderá guardar ainda o *caminho da posteridade*, porquanto *lignum*, diz como *voluptas*, o mesmo que *semen* (gerações futuras). Está claro que se allude á *historia* (vita), e ao *methodo* (via), que deve constituil-a como uma *arma de luz*, que a tudo se amolda e se affeição (*versatilis*). *Lignum vitae*, traduz-se litteralmente por *materia da historia*, e esta ideia se aviva por outra accepção da palavra *lignum* (taboinhas para escripta) que particularisa as *vias da escriptura*, não restando duvida, portanto, sobre a continuidade imaginada da missão civilisadora, exercida outrora pela mulher asiatica, e actualmente pelas revelações da sciencia do passado. O *animal de carga* vae tornar-se o *eixo do mundo*, e neste prenuncio se abrange a rehabilitação das classes trabalhadoras, productoras da riqueza material, como a intelligencia laboriosa e applicada foi a creadora desse novo mundo de factos e de idéas extraordinarias, que vae supplantar o outro, creado pelo egoismo insaturavel e omnimodo do homem desnaturado e relapso. O annexim latino pode hoje ser melhor entendido : *malam rem jumento suo crescere: conseguir pela estafa do burro uma situação desgraçada*, e aquelles que exploram o trabalho de seus semelhantes devem encorajar-se para o bem pela previsão do perigo proximo.

Dispomos de todas as individuações necessarias para fixar a região onde o *animal de carga*, promovido a

jumento divino, terá de adquirir o *gladio flammejante e versatil*, de que fala o *Genesis*, para illuminar as sendas do futuro (*viam ligni vitæ*). Essa nova *sarça ardente* vem descripta pela composição do hebreu *cheruv*, que se explica por *serus rubus* (silva, sarça do fim dos tempos). Mas a *flamma*, de que se cogita, tem a consistencia do *carvalho* (*robur*), e a solidez das *penedias* (*rupes*). Deste modo torna-se visivel a natureza dos factores que concorrerão para o salvamento das sociedades modernas : dil-o a palavra *cherubim*, esclarecida pela fôrma equivalente — *seri lupi imi* (freios muito fortes do intimo), e bem se vê que a *brida* póde ser aconselhada para conter o *lobo*, que reside nos recessos da alma humana. A *força de vontade* (*robur*) que se faz de mister para tarefa tão excedente das nossas disposições ordinarias, será produzida pela mesma inspiração que projectou das trevas densas da ignorancia brasileira, os sons extranhos dessa harmonia innegualavel, que encheu durante millenarios todo o ambito da terra. A *silva delongada* ou tardia (*serus rubus*), que representa a historia coroada de chammass, brotou do territorio que a voz *serus* distingue pelo nome de *Sergipe* ; e a palavra *gladius* (espada), mostra o *animal mudo* (*sciphias*), ligado pela linguagem á designação geographica (*cippi*), o que suppõe uma metamorphose do *jumento* em *peixe do mar*. E' que o interprete dos mysterios do passado vivia num meio improprio para a vida, num elemento irrespiravel, e terá de singrar os mares para chegar á meta do seu destino. Si consultarmos novamente a palavra *Eden*, veremos que ella precisa o numero de vidas sacrificadas na catastrophe de Ten ; porquanto *edere eneades* (comer nove dias), traduzida a ideia de *dias* por *vita, lux, sol*, o espaço

de tempo mencionado se transforma em *novecentos individuos* ou *luzeiros*. Mas *Eden*, diz também *editio eneadis*, e a *publicação* dos acontecimentos referidos ao *paraíso terreal* se effectuará em 1906.

De feito: *edo*, synonymo de *gurges* e este de *sinus* (limite), conduz a *milliarium* (mil); ao passo que *enneas*, falando de *nove dias* (vita), produz a noção de *nove seculos*. Si prendermos o elemento *en* (do Eden), a *henots*, equivalente semantico de *as* (unidade) teremos o algarismo 6, para completar a data do apparecimento previsto pelos creadores da legenda biblica.

Limitemo-nos para terminar. Os genios protectores das gerações que se succedem na terra tinham uma idéa nitida e completa dos acontecimentos em que figuramos actualmente, e, si quizessemos seguir-lhes fielmente os processos de revelação, poderíamos sondar os arcanos do mais longinquo futuro. Si relemos a passagem do *Genesis*, em que se fala do *cherubim* ou *jumento divino*, notaremos que esta concepção ou imagem, aparentemente abstrusa, encerra preciosos ensinamentos pelos exemplos que incidem sob nossos olhos neste momento enigmatico da historia.

Assim é que, por *cheruv*, nos dão noticia de um *vermelho* (ruber), que se enquadra no proprio nome do paiz (russeus, Russia), onde corre o sangue do *animal de carga*, que os modernos chamam *proletario*. Vê-se que a *focinheira* (lupi), cogitada pela citada palavra hebraica, vai sendo tenazmente applicada á *multidão*, que *rubus* (silva), nos descobre pelo character sylvestre, barbaro (silvester), que a torna formidavel aos dominadores, mal cobertos pelo escudo de Marte (Silvanus). O que, porém, nos surpreende é a indicação dos successos

da cidade russa (Odessa), feita claramente pela palavra *cheruv* (chersonis ruptio). Até o *chirurgião* que occasionou a desordem a bordo de um navio de guerra vem mencionado, pela forma analytica de *cheruv* (chirurgus roburis), e, sob molde semelhante, se patenteia a causa das sublevações que arruinam o grande imperio asiatico-europeu. *Chirographus* (escripto de mão), faz perceber que da *autoridade* publica (manus), e de seus *rescriptos*, cuja *lentidão* se tornou proverbial (uvidus), tem dependido o estado de chronica agitação em que se desperdiçam as forças de uma nacionalidade robusta. A necessidade de concluir faz-nos transitar da Russia para o Brasil, onde se annuncia um conjuncto de *invenções* pela palavra *jumentum* (junctum mentum), emquanto *cheruv*, determina o character dos novos dons da sciencia (serum uber). Mas os *soros*, que se destinam a revolucionar os processos da medicina, serão tidos por *mentiras* (jumentum, *ment*), quando menos, na opinião daquelles que são chamados *tumulos* (jumentum, *tum*) ou *monumentos de vaidade* (tumoris tumuli), os quaes se identificam por intima *alliança* (junctura).

Para estes se fez o proverbio conhecido dos latinos : *mentum et maxum* (da mão á bocca não ha caminho).

LIVRO V

DEDUÇÃO HISTÓRICA TIRADA DOS NOMES DAS COMARCAS EGÍPCIAS: CONTINUAÇÃO.— O DENTUDO E A CORÔA.— SIGNIFICAÇÃO DOS ADORNOS FEMINIS.— DONDE VIERAM AS ARISTOCRACIAS.— A INICIATIVA DOS PELASGOS: COMO DEVE SER ENTENDIDA.— OS RIOS DO PARAÍSO E A CRIAÇÃO DO HOMEM.— A ROMA EGÍPCIA.— A FIGUEIRA E O CYPRESTE.— SYLVANUS E PAN.— ANTAEUS E OS ANDES.

Horui (Coptites) com *Kebti* (Coptos) fica ao norte de Thebas, na margem esquerda do Nilo; e á direita estava o nome de *Tentyrites*, com *Ta-rer* ou *Ta-n-tarer* (Tentyris, Denderah).

O nome de *Horui*, resolve-se á primeira vista em *Horusruit* (Horus investe com impeto, derriba).

Trata-se do deus egípcio, filho de *Osiris* e de *Isis*, também conhecido pelo nome de *Haroeri*.

Dão-no como symbolo do *sol da primavera*, e educado secretamente nas lagoas de *Buto*. Em *Haroeri*, pôz-se a ideia de *adivinho* (haruspex), mas que este firma os seus prognósticos sobre as entranhas das victimas, á maneira de um barão feudal coberto de bronze e revestido de armas (aeris herus). Foi dessa classe de gente que sahiram os deuses (celestes heri) por serem os primeiros a ensopar as mãos no sangue humano.

Ahi estão bem designados os Ethiopes, que pelo roubo e pelo assassinato chegaram á dominação do mundo. Já sabemos quem seja *Osiris*, pae de Horus, o personagem

sagrado que tinha como insignia uma *tromba de elephante*, noção esta representada pelo mesmo vocabulo que fala de *poder* (manus), ou dominio sobre as cousas e pessoas.

Os antigos confundiam *Isis* com *Bellona*, mas sabemos que a mãe de *Horus* era figurada sob a fôrma de *lua*, e, portanto, symbolisava a *noite* africana (luna). Ha quem supponha que o nome de *Isis* signifique *Antigo*; esta significação tradicional está longe de envolver um erro. *Antiquus*, se diz do que é *sancto*, e *sanctus*, do que é *decretado*, *estabelecido*, assim como *antiquare*, dá ideia de *cancelar* ou *annular*. O reinado de *Isis* foi o da *força*, em contraste com o do direito, que assignala a primeira phase da sociedade neo-africana. A nova humanidade revogou as instituições primitivas e passou a esponja sobre os costumes que vigoravam outr'ora: eis por que a deusa africana merece o nome de *Antiquus*.

O *sol*, que se educa nos pantanos de *Buto*, e que tem parentesco com o *touro* (Osiris), pôde ser chamado *butauros* (alcaravão, ave de rapina). Não precisamos lembrar que os Ethiopez são comparados aos *patos*, e por isto nos dizem que *Horus* recebeu educação nos paues, além de que nos figuram o Nilo como um *pego* (stagnum). *Buto*, é morpnicamente *putus* (apurado, limpo), e foram exactamente os Negros de Guiné que apuraram ou clarificaram a raça, celebrada pela sua *virulencia* (puritas). A *educação secreta nos pantanos* diz-nos que os *Boschimans* viveram sempre á parte dos outros homens (sejunctus), e sabe-se que de outro modo não procedem as aristocracias, não falando no patriciado antigo, que tinha a sua *gens* como um ceo fechado. Bem que nos falem de um *sol* que passou a infância nos charcos, não ha duvidar que se allude por essa explicação ao *soalheiro* africano (sol). Já se vê que a

comarca de *Horui* foi accommettida pelos antigos alliados e protegidos dos Indos: a terra habitada pelos brancos transformou-se na *posilga da gente cor de cobre* ou de *bronze* (hara aeris), e por isto deram-lhe a designação de *Harœri*. Os novos *aruspices* puderam desde logo exercer o seu ministerio, rasgando ventres e destripando vïctimas: o *butio* foi como o creador das *aras*, sobre as quaes se entendiam os cadaveres, cujas entranhas revelavam os mysterios do futuro.

Muito se tem discutido sobre as formas ou rubricas da lithurgia; mas eil-as que se mostram com a nudez ainda mal encoberta pela tanga africana. A propria palavra technica—*rubrica*—fala de cousa *cor de sangue* (rubea), e as riscas vermelhas dos breviarios guardam a memoria de uma ordem de cousas mais velha do que o christianismo.

Os Francezes confundem familiarmente as *rubricas* (rubriques) com actos de *astucia* e desvios da verdade. A *sinopla* africana chama-se *rubrica*, na lingua dos latinos, e já sabemos o que ella significa no ponto de vista da historia primitiva.

Em *Horui*, acha-se tambem o nome da *deusa da mocidade* (Hora), e por *Juventus*, nos informam de que os invasores do nomo egypcio eram a mesma raça *nova* ou selvagem, que vimos adoperando na defesa de seus protectores (juvans, juvare). *Coptiles*, como é chamado o nomo de *Horui*, diz por *copta* que o *bolo* ou pastel (libum, africia), como são designados os *Libyos*, figurava no banquete daquelles que tinham a *lua* como emblema, por serem da *cor da noite* (luna, Titania). A terminação *tites*, de *Coptiles*, pôde pôr-se por *tataeus*, assim como *Titienses*, por *Tatienses*, segundo é sabido. Ora já mostrámos que o patriciado antigo sahiu da tribo negra oriunda do golfo

de Guiné, e que a *ideia* de *pater* acha-se mesmo engastada no systema de numeração usado por esse povo. Não teremos esquecido que o numero *um* ou a unidade se representa por *t'a*, de *tata* (pater), na lingua dos *Boschimans*, tidos então como crianças que mal balbuciavam as palavras (infans). Assim a progenie dos futuros *Tatienses* ou *Titienses*, donde *Tilus Tatius*, o mytho que figura na historia primitiva de Roma, sahiu dos areaes africanos ou charnecas de *Buto*. Podemos prender a palavra archaica de nossa lingua, *butim*, a *buto*, assim como a *butua* (parreira brava), e ambas a *vota* (cerimonias religiosas). Essa aproximação explicaria por si só a *piedade* dos *Sabinos* (*sab*, *Boschiman*), os quaes segundo o testemunho de Horatius, produziam muito *máo vinho*.

Kebti, cidade do nome já mencionado, e que ficava á margem esquerda do Nilo, recebeu tambem a denominação *Coptos*. Em *cepitis* (pedra preciosa branca) descobre-se uma indicação sobre os fundadores de *Kebti*, que foram *Asiaticos*, mas *ceptare*, nos deixa perceber que a *mão* dos invasores andou por ali. A transformação das cidades em *coutadas* ou *redis* (septum, septa) nos é denunciada pela designação geographica.

Acha-se no elemento *opt* (de *Coptos*) a *ideia* de *optimatas* ou fidalgos, associada á de *poder* (*optio*); mas o termo respectivo *cob* é o mesmo que entra no vocabulo *cobio* (cadoz), o peixe ridiculo de que tanto se fala nas legendas, e que é como o retrato dos instituidores da nobreza de sangue, por incharem excessivamente as bochechas (inflare ambas buccas). Por *ambas buccas*, se allude ás duas tribus que se alliamam para conquistar o Egypto, e não precisamos dizer que *bucca*, se traduz tambem por *trombeteiro*. Ora, essa alliança tambem nos foi indi-

cada por *optio* (ajudante), palavra que se deve approximar de *Coptos*, como *Juventus* de *Horui*, para traduzir a ideia de *cooplação* ou de auxilio (juvare). De sorte que o *biscouto durissimo* (copta), feito de *amendoa*, suppõe já o concurso da gente côr de *purpura*, já a accção do *pasteleiro* (pistor), que affeioou a massa, da qual sahiu o produto ethnico chamado *Massaesyli*.

Mais longe encontrámos o *padeiro*, quando entrou a pôr a mão na massa; e comtudo lembraremos que *Jupiter* recebeu o epitheto de *Pistor*, por motivos, dizem, muito extranhos á historia do Egypto.

A' direita do Nilo e ao norte de Thebas estava o nomo *Tentyrites* com *Ta-rer* ou *Ta-n-tarer* (*Tentyris*, *Denderah*). Poz-se em *Ten-tyrites* a ideia de *assaltar*, *commover* (tentare), com a de *tyrius* (côr de purpura), e de *itys* (faisão, guerreiro). O *faisão* lembra os habitantes dos paues, e a *purpura*, os homens *vermelhos* que seguem agora a rota traçada pelos seus antigos emulos e inimigos. A plumagem lustrosa e multicôr da ave polygama, confirma a semelhança que os antigos acharam entre os *Ethiopos* e o *arco iris*. *Tz-rer*, como chamam a cidade do indicado nomo, é palavra formada por intermedio do primeiro termo componente de *tarandus* (rangifer, veado), a que se accrescentou o de *aries* (carneiro) e *aeris* (de bronze). Acha-se tambem por *Ares*, o nome do deus da guerra entre os gregos. Figurou-se por essas approximações de palavras a já conhecida alliança entre o *carneiro de semente* (*Ethiope*) e o *veado lybico* (tribu vermelha), para a expugnação dos estabelecimentos asiaticos do Egypto. Convem ponderar que *aries*, fala de uma *machina de guerra*, e que os selvagens aggressores não eram outra cousa. Por

Tantarer, nos dizem que os inimigos seriam em tão grande numero (*tantum hostium*), quantos os *carneiros* (*aries*) selvagens que percorriam a extensa *área* do Egypto. Isto se deduz da significação de *ares* ou *aries* comparada com as de *tantus* e *area*. Mas os individuos que compunham as hostes africanas eram *tão pequenos* (*tantus*) como aquelles quadrupedes.

Denderah, nome dado a *Tentyris*, traz á memoria o da *corporação* dos carpinteiros romanos (*dendrophori*), e não podemos duvidar que os *bahuleiros* do Latium (*arcarii*) eram descendentes desses selvicolas africanos, que foram os primeiros fabricantes de partasanas (*materia-rius*). *Dendrachates*, é o que nós chamamos *ágata*, pedra de *cores variadas*, cuja fractura offerece a semelhança da *cêra*. Acha-se em algumas ágatas a figura de uma *arvore*, e esta palavra traduz-se por *silva* (mistura de cousas), e é synonymo de *conjux* (marido, mulher). A tribu que representava o elemento masculino era a dos futuros patricios, os homens que a principio lembravam a *côr da cera sylvestre*, por serem *abaçanados* e *sordidos*.

A tribu *mulher* era a dos *Lybios*, os quaes foram sempre governados pelos seus companheiros de fortuna. Ella era como o *fio* do machado ethiope segundo nos revela a palavra *dendritis*, a que se liga a significação de *pedra preciosa*, *que enterrada debaixo da arvore faz que o machado não se embote*. Pela *arvore* é preciso entender o *stemma genealogico* ou o sangue azul dos *Ethiopes*; e por *sepultus*, se indica o elemento selvagem que ficou *esquecido*, por se tornar simples instrumento do patriciado.

A pro genie dos *Boschimans* era o que se compara com os *peixes* (*arbor*), por ter sahido de um golfo, e assigna-

ladamente com o *dentudo* (dentex). Ninguém ignora que esse molusco tem na dianteira um *tubo membranoso*, e sobre a *base do pé* uma *cabeça pequena e achatada*. Elle vive na lama como os *porcos*, como os *patos*. Já se vê que esses monstros, nos quaes a *cabeça* está muito perto dos *pés*, imitam, no ponto de vista moral, os directores dos povos, a quem se poderia applicar o proverbio latino: *nec caput, nec pedes* (sem pés nem cabeça). O *operculo* dos dentões ou dentudos entrou no annexim latino: *accessit huic patellæ dignum operculum*, que pôde ser applicado á já conhecida associação das duas tribus africanas para acabrunhar (operire) o mundo. *A panella achou um testro que lhe quadra* ou formam ambos uma boa parrelha, eis o que se affirma de *Lybios* e *Ethiopes* por aquelle conceito popular.

A gente *dissimulada*, *hypocrita*, acha-se designada pela voz *operta*, e os *oraculos do Apollos* chamam-se *Apollinis operta*.

Sob a relação historica, *Denderah*, significa o *dentão que raspa* (dentex deradens), porque *deradere*, diz o mesmo que *delere*, *abolere*, *cancellare*. Dahi o epitheto de *delius vates*, conferido ao deus das conquistas pelasgicas (Apollo), e por *delere*, chega-se á ideia de *peleja* (delutatio), e de *templo* (delubrum), sendo que este foi nos primeiros tempos as *trincheiras* e *fortificações de guerra* (sacræ arces). Já se deixa ver que o proverbio latino *arcem ex cloaca facere*, se explica pelos acontecimentos que elevaram da *vasa* ou da sentina até aos altares illuminados os monstros africanos. As tropas de elephantes, por onde passam em furia, derrubam arvores annosas, arrasam florestas. E' isto que se representa pela significação da phrase *dentes derasunt* (Denderah); mas em vez

de selvas, aqui foram cidades florescentes que succumbiram ao impeto irresistível do furacão da Africa. Estamos, portanto em presença da *dentata manus*, que pesa até hoje sobre o destino das nações. Esse *estojo de agulhas* (*denticulum*), que nos vem de tão longe, encerra o instrumento mais precioso de uma civilização, que vive de remendos, como tudo quanto perdeu a primitiva integridade. As frestas e rupturas do progresso moderno, que pouco tem de estavel e de humano, demandam um trabalho continuo, perseverante e extenuativo, para que não descubram toda a hediondez do egoismo vigente.

A *charta regia*, de que falaram os antigos, é a mesma *dentata charta*, que se traduz por *papel fino* ou *assetinado*. Mas *papyrus* (papel), diz o mesmo que *liber*, sobrenome dado a *Bacchus*, e por isto uma mesma raiz *morphica* liga os vocabulos *dens*, a *dendrocissos* (hera), e o *thyrsos* do *deus inverecundo* nos apparece como o ponto de apoio desse edificio social que oscilla e balouça como as comas das palmeiras africanas.

A noção de *setim* que se liga á de *entrecasca da arvore*, e portanto á de *Bacchus* (Liber), fala do *sericus pannus densior et collustratus* ou do *estofo scythico mais negro e luçidio*, que se nos depara sob o nome de *gens furva* ou de Ethiopes.

Por *setim*, se entende, pois, a raça *barbara*, que foi habitar mais tarde todo o norte da Europa e da Asia, mas composta de homens *artificiosos* e *inconstantes*, que pela sua indole ou organização não offerecem ponto de apoio a nada de solido e de duravel (*lubrica serica*). A *hera*, cujas folhas decortadas ou chanfradas, servem para entreter a humidade dos *causticos*, e são de um *verde sombrio*, dá-nos, como se sabe, a forma do *ferro* que

ainda hoje apparece nas lanças: é sobre este *symbolo* da força, precipitada para o alto, sem guardar raizes no solo, que repousa todo o pensamento dessa civilisação, nascida das bacchanaes ensanguentadas dos negros da Africa. O *papel fino* (charta regia), é considerado como tal, por causa de sua *tenuidade*; mas *tenuis*, diz-nos que a *base* sobre a qual descansam todas as construcções da barbaria, é tão *debil e subtil* como o sopro do vento (*tenuis aura*), ou como as cousas de nenhuma consideração, imaginadas pelos poetas (*tenuis poeta*).

Eis ahi porque se fala no *thyrsos*, symbolo do *estro poetico* e emblema de *Bacchus*.

Vivemos em pleno dominio da *poesia*, isto é, dos *sonhos*, das *ficções* e das *aberrações* de espirito; mas sem o pensarmos, imitamos e repetimos por versos brancos ou rimados tudo quanto os selvagens africanos escreveram sobre a crosta do globo com a lança e com o carvão, para não falarmos na *immundicie*. Na expressão *hasta graminea* (*thyrsos* de *Bacchus*), os antigos puzeram uma imagem desse mundo que anda por arremessões, e golpes de garrocha, até cahir mais tarde na *cama de palha* (*gramen floreum*), que é a corôa dos desgraçados. O *lodão* de que tanto se fala, a proposito do Nilo e do Egypto, tem o nome de *gramen*; e é por isto, que os vencedores faziam jus a uma *capella de gramma* (corona obsidionalis), ao passo que os escravos eram vendidos coroados de flores (*gramen floreum*). Mas por *corona*, se indicava tambem o *casco das bestas*, significação que uma pungente ironia associou ao nome designativo da insignia real.

Nós chamamos *frauta* (*lotus*), ao *motejo*, tal como se contém naquella associação de ideias oppostas.

A intenção reservada dos antigos, foi mostrar quanto os pés da gente de guerra andam juntos á cabeça; e dahi a razão por que designamos pela palavra *casco* dous órgãos tão distantes um do outro: *corona* (corôa), *corona* (patas). Não nos admiremos, pois o caso mereceu a criação de um proverbio: *inversus et latus unguis*, ou em termos portuguezes: entre o *grande* e o *pequeno casco* medeia apenas a espessura de um *fio*, como realmente acontece tambem, a respeito dos moluscos de que falavamos ha pouco (dentões). Quando o povo chamava de *casculo* a um dos nossos antigos partidos politicos, e dava ao outro o nome de *farrapo*, sabia por certo o que dizia; porquanto o ultimo grupo lembra os *remendos* e *rupturas*, enquanto o primeiro guardava a memoria dos tempos, nos quaes toda a grandeza se aferia pelo tamanho dos *cascos*.

Os anthropologistas de hoje referem ou subordinam a possança do talento, do genio, ao peso da massa encephalica; mas si quizermos seguir as instrucções dos nossos primeiros antepassados, devemos considerar, que *gravis* (pesado), é a mesma palavra *gravis* (debil); e esta indicação nos explica talvez porque enquanto as formigas vivem fartas e sadias, os homens se despedaçam e morrem de miseria physiologica. Olhemos para os mundos que se esvaecem ou se mostram tão debeis como o vidro, e não liguemos tanta importancia ao peso da massa, tanto mais quando parece certo, que a cabeça de mais peso encontrada até agora, foi a de um *sandeu*. Lembremos ainda, que os *agulheiros* (denticulum), se abrem (patere) pela parte *vasia* ou pela cabeça, e que as *agulhas* apresentam uma fresta útil na parte mais grossa. Não precisamos de mais nada para sabermos porque os *patres* são asseme-

lhados ao *dentado*, e se mostraram tão amigos da celebridade, pela qual combatem ainda os individuos e os povos.

O nome de *Denderah* traz á memoria o do povo que Luciano figura residir na *lua*, e como o Egypto seja o dominio de *Isis*, os *Dendritas* podem ser considerados como legitimos *Africanos*. A lua, de que se trata, não é o satellite da terra, mas a *garganta* ou corredor (luna), que nos appareceu muitas vezes associado ao mytho do *deus bifronte* (Janus). Os habitantes, em questão, confundem-se com os *Pelasgos*, e a palavra *dendritis*, designando uma *pedra preciosa desconhecida*, faz referencia ás gerações de *homens grosseiros* (lapis), que andaram esquadrinhando todos os recantos do globo e levando consigo mesmo a recompensa do seu merito (*in pretio pretium est*). Mas, si os *Egyptios* são os mesmos *Dendritas*, o interesse deste nome não se limita á ficção imperceptivel para o proprio escriptor que a suggeriu, mas sobreleva na assimilação agora descoberta, entre o nome da *lua* e o da primitiva patria dos *Pelasgos*. Sabe-se que os geographos antigos localisaram no interior da Africa as *montanhas da lua*, de cuja existencia duvidaram alguns modernos; mas não se poderia prever que a questão geographica encerrasse a chave do problema sobre a origem do Nilo, como effectivamente acontece e vamos demonstrar. Já vimos que a palavra *luna* significa *fauce*, *garganta*, e por *fauces*, se acha a ideia de *nascente*. As *montanhas da lua* são, como é sabido, aquellas que *Leão Africano* apontava como as *fontes do Nilo*. Os arabes dão o nome de *Kamer* á cordilheira indicada, cuja direcção, segundo Ptolomeu, seria de léste para oeste; e pela analyse da palavra *Nyassa*, nós mostrámos, que a nascente do Nilo estava si-

tuada em *logar elevado* (Nili asa ou ara). Ora, o vocabulo semitico *Kamer* resolve-se em *camera* ou *camara* e *ara*, e si o primeiro destes termos, fala de *navio coberto*, o segundo menciona a mesma ideia que se envolve na voz *Niassa* (posição alta). Quanto ao *navio coberto*, ahí está a expressão *alveus tectus*, que no-lo torna intelligivel: trata-se da *madre do rio tornada occulta* ou ignorada ; e portanto, os testemunhos fornecidos pelo nome das *Montanhas* (luna), combinam perfeitamente com o que se exara na denominação arabe (*Kamer*); dest'arte, o lago *Nyassa* nos apparece como a verdadeira origem do rio. A região montanhosa indicada pelo geographo, tem o nome de *Moezi* nas linguas que se falam em grande parte da Africa central. *Moezi*, significa *lua*, mas, si penetrarmos na composição da palavra africana, veremos que ella nos offerece os termos *mesaula* (corredor) synonymo de *luna* (garganta), e *Aesis*, designativo de um rio do *Picenum*. Ora, o vocabulo *Picenum*, fala de *pêz* (cera), e de *sinum* ou *sinus* (madre) ; deste modo, a *fonte do Nilo*, que se liga ás *montanhas da Lua*, offerece semelhança com os *favos de mel* (cera), noção aliás manifestada pela palavra *messis* (colheita do mel). *Melo*, é o nome latino do Nilo, e si o rio egypcio faz a sua colheita abundante nas *montanhas da lua*, precisamos tornar claro que o termo *asa* (de *Nyassa*), exprime a ideia de *urna*, e *cadus* (urna), é synonymo de *alveus* (cortiço de abelhas). O *cortiço* é a mesma *madre do rio* (alveus), e a ideia de *favos* serve para indicar que a fonte do Nilo foi *perfurada* como o *lago Nyassa*, de que tambem nos occupámos.

Assamenta, de que se teria destacado o segundo termo de *Nyassa*, dá ideia de *versos escriptos pelos Salios sobre taboas*, e si *versus*, cogita de *rego* ou canal, *axis*

(taboa) dá ideia de *bomba hydraulica*, podendo se referir esta indicação á que se deduz dos nomes dos *Salios*. De facto *Salii*, prende-se a *salire* (brotar), e *salientes*, designa a *bocca de canos*; mas como o *Nyassa*, segundo nos disseram pela palavra *Picenum*, era um *lamaçal* (coenum), acha-se por *sal* a ideia de *agua salgada*. O *deposito de agua salgada* converteu-se, graças ao emprego das machinas hydraulicas, em *quarta propria para bater a nata* do Nilo (*sinum*), e pois que *sinum*, fala tambem do *vaso grande*, de novo resurge a noção expressa por *alveus* (vaso grande, madre do rio). *Sal alii*, ou o *sal de outro*, exprime claramente a transformação que se operou por força da industria no lago da Africa austral (*Nyassa*). Os naturaes do paiz dão a esse lago o nome de *Nyassi*, e aqui se mostra o termo *assi*, que conduz a *assignare* (pôr em deposito, distribuir), emquanto *assidere*, designa o papel de *auxiliar* (asa), que cabe na verdade á fonte principal do Nilo. *Depositio* (deposito), tambem significa *fim*, e por esta fôrma nos apontam o limite meridional do Nilo, que é o *ponto de partida* ou *resumo* (finis), tambem expresso pela palavra *summa*. O lago *Nyassi* por outro modo chamado *Zambeze*, é a *fonte do Nilo*, como já tínhamos indicado; mas estudemos o novo nome que nos apparece. *Zamia* (perda) é variante de *Azanix*, que nos restitue o termo *assa*, *asa* ou *aça*, já examinado; mas a noção de *perda*, expressa por *exilium*, se entrelaça com a de *sahida* (exitus) dada como *final*. *Azanix* (vocabulo dado como variante), de *zamia*, significa *pinha*, e *pinus*, restabelece a noção, já considerada, de *madre do rio*, pois é synonymo de *alveus*.

As *pinhas que se abrem e seccam no pinheiro* (*azaniæ*) representam a *fonte do Nilo*, que se enche de *fendas*

(dehiscere), pois o lago é perfurado interiormente, e a ideia de *seccar* corresponde á de *despejar* (siccare). Passemos a examinar o segundo termo do nome citado (Zambeze). *Beze*, é a mesma palavra *bessís*, archaico de *bes* (cano da capacidade de oito onças). Si o *copo* allude á ideia de *fonte* ou *madre do rio*, pois *vas*, diz o mesmo que *alveus*, as *oito onças* representam um valor correspondente a *oito pollegadas*. Ora, *pollex*, fala de *nó da arvore*, e como delle rebentam os ramos e renovos, póde-se inferir da imagem produzida pelo nome do *Zambeze*, que do lago *Nyassa* partem *tributarios* para engrossar as aguas do Nilo, estabelecida entre elle e o *Nyansa* uma *communição* subterranea (nodus).

Não passe despercebido que se poz no vocabulo *Zambeze* o nome, já indicado, do rio do *Picenum* (Aesis), além da ideia de *corredor* ou garganta, expressa pela palavra *luna*; porquanto o termo *amb* prende-se a *ambitus*, synonymo de *circuitio*, donde se conclue, afinal, que as aguas do lago fazem *circuito* ou desvio, mas de *pequena digressão* (declinatio). Sendo *Diana* a personificação da *lua*, é facil ligar o epitheto dessa Deusa, *Limnatis*, ao lago africano (limne), e assim, as *montanhas* de Ptolomeu (*orê selenacia*) ficam associadas pela linguagem á origem do Nilo. A palavra *Diana* traduz-se por *caça*, e *venæ actio* (venatio), fala claramente do *filete de agua que vem pelo interior* ou secretamente (nocte), sendo que *luna*, exprime tambem a ideia de *trevas*, portanto de *esconderijo* (tenebræ). E mais: para Juba a origem do Nilo está num lago da Mauritania inferior, chamado *Nilides*: é o que refere Plinius. Si examinarmos o novo nome (Nilides); notaremos, que elle dá ideia do *sacrificio superior do Nilo* (Nili litatio

decima), e, de tal arte, repete, já a noção de *altar* ou logar elevado, que já apontámos na palavra *Nyassa* (asa) já de origem ou manancial, porquanto *litalio*, é synonimo de *principia*. E como o sacrificio seja em honra do *corredor* africano ou do Egypto (janus), a voz *agon* representa as *montanhas* em relação com as *festas* consagradas ao deus bifronte (agonalia), enredadas por sua vez com o nome da *lua*, que designa a *garganta* ou *nascente* (luna, fauces). Fica, portanto, provado pelo testemunho dos textos e da linguagem, que o Nilo corre das montanhas da Lua, conhecidas ou citadas pelos viajantes modernos, mas passa pelo lago Nyassa, que é o principal reservatorio das aguas para elle canalizadas pelos Asiaticos.

Localizado o *paraíso terreal* no Egypto, resta saber quaes são os rios *Fison* e *Gihon*, assignalados pelo *Genesis*, e sobre os quaes tantas hypotheses têm sido inutilmente formuladas pelos exegetas e eruditos. « Deste logar de delicias sahia um rio, que regava o paraíso, o qual dalli se divide em quatro canaes. Um se chama *Fison*, e este é o que tornêa todo o paiz de Evilath, onde nasce ouro. E o ouro desta terra é excellente : alli tambem se acha o bdellio e a pedra cornelina. O segundo rio chama-se *Gihon* : este é o que tornêa todo o paiz da Ethiopia. » Convém lembrar que o historiador Joseph traduziu o nome *Fison* por *Ganges* (abundancia, multidão), e o *Gihon*, por *vindo do Oriente*. Esse testemunho, recusado pelos modernos, diz realmente o que não manifesta ; porquanto o *Ganges* da tradição recolhida por Joseph representa a *multidão* ou *abundancia*, que a palavra latina *ganea* (orgia), approximada de *gestus* (movimento), explica de modo satisfactorio. Não se trata, para

o caso, do rio asiatico, mas do Nyansa, que, segundo vimos, imprime acção rapida ou movimento accelerado ás aguas que lhe são enviadas do Nyassa, facto secreto ou mysterioso, que nos vem denotado pela palavra *orgia* (mysterios de Bacchus). *Orgia*, corresponde á ideia de *aposta a beber* (propinatio), ou *companhia de bebedores* (potatio) e *perpotationes* (orgias), prende-se morphicamente a *perpotiri* (assenhoriar-se inteiramente), e a *perpotare* (transportar ao seu destino). O lago nomeado é a *chave dessa vasta torneira*, creada pela hydraulica dos Asiaticos; e por isto *Nili ansa* (aza do Nilo) é locução equivalente a *Nili manubrium*, pois neste vocabulo se destaca o mesmo elemento (uber), que vimos traduzido por *multidão* (unda), e *abundancia* (cópia). A versão do historiador judeu é, portanto, fiel, desde que é devidamente interpretada; e assim, fica por uma vez estabelecido que o *Ganges* do Egypto é o *Nyansa*. Esta conclusão se reforça ainda pela analyse da palavra *Fison*, que agglutina os termos *fusio*, *onus* (fusio oneris), para tornar claro que o mesmo lago está destinado a *despejar a carga* cuja procedencia já ficou indicada. O *Fison* é um *canal* do Nilo, como disse o *Genesis* nas palavras: *ipse est qui circuit omnem terram Hevilath, ubi nascitur aurum*.

Tambem não foram entendidas as asserções do grande livro, deste modo enunciadas:

« Et fluvius egrediebatur de loco voluptatis ad irrigandum paradisum, qui inde dividitur in quatuor capita ». O *logar das delicias* (de loco voluptatis), fixa-se nas *fontes* do Nilo, pois *voluptas*, diz o mesmo que *semen* (origem). Dahi partem *quatro mananciaes* (quatuor capita), que vão formar a corrente do Nilo (ad irrigandum paradisum), e irrigam o sitio que já sabemos ser *Ten*

(Edenis, *Æthiopis tenus*). Sob outra relação, os *canaes*, de que se trata, são os pontos de despejo no Delta, que eram *sete*, como aliás revela a composição do vocabulo latino *quatuor* (quadrini, *quatuor*, *trini*). *Tuor* (de *quatuor*), fallando do *sentido da vista*, conduz por *cernere*, a ideia de *apartar*, e *comprehender*, prevenção de que o interprete se utilisa para desdobrar o numero expresso por *quatuor*. Descubramos agora a tão famosa terra de *Hevilath*, que ninguém conhece sinão de nome: é o mesmo *Egypto*, mas dado como residencia de duas raças, que vimos em presença uma da outra: *aevi latus*, *aevi vile latus* (o tronco da idade comprida; o flanco abjecto de longa duração), e dest'arte nos mostram os Asiaticos e os *Lybio-ethiopes*, os primeiros, que viveram no passado e os ultimos, que vão atravessando o estadio dos tempos, até a morte do planeta. Na terra de *Hevilath* nasce o *ouro*, porque *pretium* (ouro) allude á *excellencia* e *merecimento* dessa humanidade que nos deu a *riqueza*, emquanto *aurum* (ouro) faz referencia á *cor dourada* dos herdeiros desse patrimonio, bem definido pela palavra *lucrum* (ouro), que dá ideia de *preza* e *tomadia* (rapina).

« E o ouro desta terra é excellente: alli tambem se acha o bdellio e a pedra cornelina. » Fala-se ainda de *Hevilath*, onde o metal precioso alterna entre o *raro* ou *divino* e o *exquisito*. *Exquisitus*, é o *procurado diligentemente*, como aconteceu effectivamente a respeito das riquezas usurpadas, mas *rarus*, que tambem se verte por *excellente*, deixa adivinhar que o elemento *notavel* ou distincto que povoava o *Egypto* estava *disseminado* e era *pouco numeroso*.

Os Asiaticos seriam como *bosques* onde cruzam as *clareiras* (*rariores sylvæ*) emquanto os Lybios e os Ethio-

pes formavam *sombras ligeiras* (*rarae umbræ*), pois os pontos por elles preferidos ou os *abrigos* se espalhavam por sitios *espaçados*. A razão dessa pouca densidade das habitações selvagens está na phrase *rari pacis* (turbulentos, inimigos da paz); mas o exercito ethiopico, destinado a guarnecer as fronteiras do Egypto, tinha fatalmente de retalhar-se para fazer testa aos inimigos assim disseminados. Vê-se, pois, que a população branca das margens do Nilo não primava pelo numero (*rarus*), e *excellens*, diz que ella *excedia em altura*, ou era superior pela *grandeza* (*excellentia*).

Passemos a considerar o *bdellio* e a pedra cornelina, que existiam no Egypto, segundo o testemunho da Biblia.

A palavra hebraica traduzida por *bdellio*, é *bedolah*, e a da mesma lingua, onde se viu a *cornelina*, escreve-se *schoham*. A primeira dá pela analyse a fôrma *veteris dolilatus* (flanco da velha trapaça, tronco da velhacaria antiga).

Por essa designação se retrata a physionomia das duas raças, que guardavam o lado dos Asiaticos: uma representada pelo *chuço* dos Lybios (*dolon*), e a outra, que suppõe a *layra* dos artifices ou da educação (*dolatus*), mas ambos responsaveis pelas *dores* e tormentos (*dolores*) padecidos pelos creadores do valle do Nilo. O *schoham*, ou *cornelina*, segundo a traducção da Vulgata (*lapis onychinus*), põe-nos desde logo em perspectiva os *punhados* ou feixes (*scopeæ*), de que tratámos em outro capitulo, a proposito da distribuição das aldeias lybicas, e *scopæ hamorum*, dá ideia de *vassouras* que fazem funcção de *ançol*, ou de *u::has aduncas* (*hami*), que serviam de cardas e ripansos. Entretanto, *schoham*, diz

tambem *systema de baldes para incendios* (schola hamorum), como extremando o officio dos Ethiopez, já comparados aos *copos da espada* (hamus), e agora considerados sob aspecto, tambem conhecido, de *apagadores dos fogos ateados pelos Lybios*, porque lhes eram contrarios, como a *agua* em relação ao elemento igneo.

O latim *bdellium* dá noticia de uma *palmeira*, da qual se extrahe resina aromatica. Ora, *palma* (palmeira) renova o conceito de *superioridade*, que se referia ha pouco aos homens brancos do Egypto, sem esquecer a *parte do tronco de onde sahiram os renovos*, por sua vez, associados á ideia de *escudo* e de *cauterio*. O *escudo* (buccula) lembra os *Boschimans* (bocas, bos), que foram os *reptis peçonhentos* designados por *aspis* (escudo). O *cauterio*, por sua parte, symbolisa a *pintura* (cauterium), que já vimos designada por *cera* (mistura de cêra e pez), e não ha duvida sobre este character descriptivo dos homens de *cor sordida*. Si passarmos á *pedra cornelina*, nova individuação se faz por essa agatha, da *gente branca*, posta em confronto com os *selvagens vermelhos*, e *lapis onychinus*, renova o conceito externado, já sobre a *perola egypcia* (lapis), já sobre os *seres duros, inexoraveis*, que vimos situados na *frozteira egypcia*, como um *marco funerario*. O annexim latino *lapides loqui* allude a uma situação incrível, de que a historia não nos dera até agora nenhuma noticia. Em *onyx* e *onychinus* se depôz, como reforço, a noção, explicada pela fabula, da *tarefa de Ixião* (onus Ixionis), em que o termo *chinus*, approximado de *sinus*, desnuda a *ulcera purulenta* ou *chaga fistulosa*, que traz á memoria o *golfo da Africa* (sin, gin, Guiné). Convem attender ainda á formação da palavra *agatha*, onde o elemento *atta*, que se traduz por *pai*

(pater), está combinado com o ethiopico ou turco *aga*, que fala de *senhor* e de *chefe* (caput), e, portanto, das cousas de *origem*. Esse *pater* é o mesmo que se indigita pela composição de *bdellium* ou *bedella* (vetus delator), pois o *velho denunciador* de acções nefarias, afastado da memoria dos homens, teve o seu destino associado á primeira *quêda* (delapsus) dos individuos de nossa raça, e por isto aquelles vocabulos latinos prendem-se a *deletio* (ruina, destruição).

«O segundo rio chama-se *Gihon*, e este é o que tornêa todo o paiz da Ethiopia.» Já vimos que, segundo Joseph, *Gihon* ou *Gihun*, significa *vindo do oriente*. Os interpretes não duvidam que esse rio seja o *Nilo*, por tornar o paiz de *Kusch* (Ethiopia), mas ignoram que se assignala por esse nome o lago *Nyassa*. Sabe-se que o *Nyassa*, segundo nossa descripção, é o reservatorio mais *oriental* do *Nilo*, e os seus canaes subterraneos vão alimentar as caudae da Ethiopia, destinadas a supprir a corrente principal, que, em linha recta, parte do *Nyansa* em direcção do Mediterraneo (*Nilo Branco*). Pois bem: o nome *Gihon* representa esse *gyro* ou circuito (gyrus oneris) da *carga* das aguas, oriundas das montanhas da *Lua*, e artificialmente captadas pela bacia do *Zambeze*. Si prendermos o termo *Gi* (de *Gihon*) ao latim *ginus* (aborto, anão), acharemos por *nanus* (anão) a designação de um *vaso largo e baixo* (vas imum, depressum, inclinatum, projectum, servile), que representa a *excavação subterranea*; e pela accepção de *cortiços*, expressa por *vas*, aviva-se a similitude, já considerada, entre o *lago* e os *favos* das abelhas. Por *aborto*, se entende o *prodigio*, e não é outra a impressão produzida pela obra incrível dos Asiaticos; mas *partus acerbus* (parto prematuro),

põe-nos em face dessa *produção*, que, segundo vimos, custou tantos soffrimentos e amarguras. Afinal os autores do monumento fluvial, si a expressão pôde ser acceita, não se gozaram do fructo de suas penas, donde a idéa de *aborto* para caracterisar o mallogro do trabalho e das esperanças da grande raça civilisada. *Nili assa* (suadouros do nada), recompõe o designio envolvido na palavra *Nyassa*, e este combina com a que se destaca da ideia de *aborto* (partus, labor acerbus).

« O terceiro rio chama-se *Tigre*, que corre para a banda dos Assyrios, e o quarto destes rios é o *Euphrates*. » Engana-se quem suppuzer que essa indicação refere-se aos dous rios asiaticos. O nome hebraico do *Tigre* é *Hidde'el*, que se resolve em *udæ cellæ* (depositos humidos), e por *cellæ*, se faz referencia aos *orificios* dos alveolos, para lembrar o trabalho das *abelhas* asiaticas. Não precisamos repisar um assumpto já por demais esclarecido, como o de que se trata por aquella comparação. O *hyrcanus canis* (tigre), que dá o nome ao rio, restabelece a noticia desse *encadeamento* (canis), que se trava entre os *vasos* (urcei), que recolhem as aguas das montanhas, para despejal-as em forma de torrente.

Hyrcanus, transmuta-se pela analyse em *urceus canus* (vaso antigo) e registra o esforço empregado pela raça *branca* (urget canus) para precipitar em direcção rectilinea as aguas do *Nilo Branco*. Os glotologos assimilam o nome latino *Tigris*, ao zendo *Teger*, e ao sanscrito *Tigra*, fórmās estas que inscrevem a ideia de *velocidade*. Si o medopersa exprime por *tigris* a noção de *setta*, o latim *sagita*, synonymo de *pistana*, diz o mesmo que *labaça*, e decomposto este ultimo vocabulo, descobrem-se os *suadouros do parto* (laboris assa), que ha pouco indi-

caram o trabalho baldado dos Asiaticos, a proposito do *Nyassa*. Por sua vez, *sagitta*, resolve-se em *saga cita* ou *agitata* (velha impellida, repartida em quinhões, posta em movimento), e *senica* (velha) faz pensar nos *seni canaes*, ou *seis canaes*, que ladeiam a corrente do Nilo, communicando este rio com o *Mar Egyptio* ou Mediterraneo.

O animal mosqueado, cujo nome se liga ao do rio assyrio, representa a mesma canalisação do Delta, porquanto *respersus* (mosqueado) traduz-se por *vertido*, *deramado*, *espalhado*, e o *animal* supposto symbolisa a *hostia* dos sacrificios, que é a construcção da obra monumental do Nilo.

Mas, por que se fala dos *Assyrios*, a proposito do Nilo? A razão se manifesta pela estrutura do proprio vocabulo *assyrius*, que dá ideia de *suadouros* (assa), e de *vassouras* (syri), achando-se por *arundo* (vassoura) a mesma noção ha pouco expressa por *sagitta*. *Virga* (vassoura) dá noticia da gente de *cór variegada*, que vasculhou do Egypto os constructores de tantas obras immortaes. Dahi a invenção do *animal mosqueado* (tigre) em assumpto de nomenclatura geographica: *tigris*, desarticula-se na phrase *tecta crisis* (crise encoberta, velada), porque os acontecimentos da historia primitiva do Egypto ficaram até agora no silencio inintelligivel dos monumentos e da linguagem. Póde-se, partindo da lição contida na voz *assyrius*, dizer que os Asiaticos foram expellidos do Egypto segundo o direito, que a vassoura allega contra objectos preciosos, que ella não estima nem comprehende (assum syri jus). Sabido, portanto, que o *Tigre* é o mesmo Nilo, mas considerado particularmente pelos *seis canaes* do Delta, vejamos o que nos revela o

nome hebreu *Phrat*, traduzido por *Euphrates*. Joseph, o historiador judeu, diz que *Euphrates*, significa *dispersão*, e realmente, o semítico *pharat* traduz-se por *separação*, *divisão*. Ora, a madre da palavra indicada é *fractio* (acção de quebrar ou partir), ou *fractus* (cortado, espedaçado), achando-se pela fórma *Euphrates* a noção de um *deposito* (thesis), que desde longa idade se fraccionou (aevi fracta thesis). O *deposito* é o *limo* do Nilo (limus), que se distribue por todo o territorio do Egypto, e na direcção dos canaes para isto apparelhados desde os tempos mais remotos. Dest'arte nos informam ser o *Euphrates* o mesmo rio que se precipita do lago Nyansa para fertilisar a região, que percorre em differentes sentidos. Os *canaes exteriores* dão-lhe o nome de *Tigre*, e os *interiores*, o de *Euphrates*.

Não se vá suppôr que a hydrographia do plano biblico, pela primeira vez localisada e devidamente explicada, não se adapte á região asiatica, onde appareceu o primeiro homem, que é o asiatico. Teremos occasião de exhibir as provas dessa adaptação, ainda não percebida pelos exegetas e eruditos. Ewald acredita que dos nomes primitivos dos quatro rios suppostos do Paraizo, dous, pelo menos, foram alterados ou mudados pelos ultimos redactores da Biblia. Mas a verdade é que nenhuma alteração essencial se observa, já nos documentos hebreus, já nos dos outros povos que nos vieram da mais alta antiguidade. E' até admiravel a fidelidade dos testemunhos, sempre em perfeita harmonia com os textos tantas vezes trasladados, mas integros ou indemnes de qualquer interposição. Para Munk, Gesenius, Lengerke, os rios do Paraizo são abstracções mythologicas; e mais feliz foi Lassen, quando reconheceu os resultados da critica de

Ewald sobre a communidade dos tradições hebraicas e indo-persas. Eugenio Burnouf, por sua vez, destacou dentre as crenças communs e primitivas dos dous suppostos ramos da familia humana, a que se refere ou se inspirava na existencia de um estado primitivo de *edenismo* ou perfeição do homem anti-historico. De facto, a legenda do paraizo terreal apparece nos livros indianos, e com as menções characteristics da narração biblica, a saber: a *arvore da vida*, a *tentação* da serpente e o *pecado*. Entretanto, si os sabios nomeados foram infelizes em suas investigações, porque não acharam a *verdade* final, não é menos certo que os seus trabalhos conscienciosos abriram novas perspectivas á exegese biblica, e asseguraram á sciencia independente os dominios onde se move actualmente a critica decisoria e definitiva. Mencionamos os nomes daquelles illustres sabios em consideração e homenagem aos seus serviços á sciencia; e si mais felizes, porque achamos a palavra do enigma biblico, nós não ignoramos que a verdade escapou aos talentos superiores, para acolher-se, no tempo proprio, decretado pelo destino, á sombra de nossa insufficiencia e humilidade.

Importa attentar, bem que de passagem, para a legenda da criação do homem e da mulher, consoante a narração do *Genesis*: « E disse (Elahim): Façamos o homem á nossa imagem e semelhança, o qual presida aos peixes do mar, ás aves do céu, ás bestas e a todos os reptis que se movem sobre a terra. E creou Deus o homem á sua imagem, elle o creou á imagem de Deus, macho e femea os creou. » A palavra hebraica traduzida por *creou* (creavit), é *bara*, que se transmuta pelas leis phoneticas em *para*, de *parare* (obter, adquirir, convencionar, appa-

relhar). Por sua vez, *create*, diz o mesmo que *produzir*, *nomear*, *escolher*.

Estamos assim diante da *convenção celebrada* entre os Asiaticos e Boschimans, em virtude da qual estes se transportaram para o Egypto, onde foram *apparelhados* para o mister ou funcções que lhes eram deferidas. Mas *Elahim* (o Senhor)? Já vimos empregar-se a raiz desse nome (ela) para significar uma acção muitas vezes considerada: a de *levar para fóra* os homens (elatio), que vieram cooperar na defesa dos brancos, facto este que guarda apenas a distancia de um seculo sobre o conhecido *desfecho funebre* (elatio), da tragedia egypcia. *Elatio he-monis*, transcreve os termos do nome *Elahim*, onde se lê uma noticia mais extensa dos acontecimentos, que se seguiram á *conducção* (illatio), dos negros, subministrada pelas approximações *illaquare* (enganar, pegar em laço), *illaudatus* (detestavel), *illaboratus* (inculto) e *illativus* (que serve para concluir). Por *elatio* e *imum*, se poz ainda a *grandeza* em relação com o *fim*, que a esperava, unindo-se a ideia da *terra* (humus) com as das causas que *estão no fundo* (imus) ou sepultadas. Não se perca de vista que o hebreu *bara* (creou), restitue a palavra *barathrum* (golfo), ou designa a parte da Africa de onde procedem os ethiopes boschimans (sinus).

Por que o Senhor creou o homem á sua imagem (ad imaginem et similitudinem nostram)? Porque *imago*, fala de *imitação da voz* e de *pensamento*, e os asiaticos infundiram no espirito rude dos selvagens as ideias de sua moral e civilisação, ensinando-os a falar por *sous articulados*. Assim, o selvagem de Guiné tornava-se *semelhante* aos deuses do Egypto e do mundo, pois deixava de ser o *animal mudo*, *alalico*, como imitação ou simu-

lação, que ficava sendo, de seres mais perfeitos. « E formou, pois, o Senhor Deus ao homem do barro da terra, e inspirou no seu rosto um assopro de vida, e foi feito o homem em alma vivente. » O *barro* de que se trata (*limus terræ*) é a *influencia corruptora*, que os Boschimans trouxeram da *vasa* de Guiné : é o que testifica a palavra *limus*. O *sópro de vida*, que foi inspirado no rosto, manifesta-se também pela *linguagem* que falamos, e esta elabora não sómente as ideias, mas derrama ainda sobre a *physiologia* do homem culto uma como luz que a divinisa. *Flamen vitæ* (assopro de vida) dá também ideia de *sons*, que representam cada *estado* ou *condição*, de modo que cada homem se exprime de harmonia com o que vale ou merece valer.

O homem foi feito com *alma vivente*, porque *viver*, é *spiritum ducere* (apparelhar a mente), mas nesse assertos se revela que, feitos para *commandar as paixões*, nós fazemos *descer os sentimentos*, postos na alma humana pela educação primitiva.

Passemos á criação da mulher: « mas não se achava para Adão adjutorio semelhante a elle. Infundiu pois o Senhor Deus um profundo somno a Adão ; e quando elle estava dormindo, tirou uma das suas costellas, e encheu de carne o lugar donde se tinha tirado. E da costella que tinha tirado de Adão formou o Senhor Deus a mulher, e a trouxe a Adão. Então disse Adão: Eis aqui agora o osso de meus ossos e a carne de minha carne. Esta se chamará Virago, porque de Varão foi tomada.

Por isto deixará o homem a seu pae e a sua mãe, e se unirá á sua mulher: e serão dous numa carne. Ora, Adão e sua mulher estavam ambos nus e não se envergonhavam. »

Já se viu que *Adam* ou *Adamus*, diz pelo hebreu, *primeiro nascido*, e aquelle nome corresponde ao sanscrito *adima* (primeiro), lembrando o *Aïon* (primigenio) dos Phenicios. Por essa significação o personagem biblico tanto representa os *primeiros* habitantes do Egypto (Asiaticos) quanto a mais velha das raças selvagens africanas (Boschimans). No texto transcripto do *Gekesis*, *Adão* apparece no character de *adjutorio* (ops), e não precisamos recordar que foi essa a funcção dos *Ethiopes* (ops).

Como não se achasse para Adão «*adjutorio semelhante a elle*», porquanto os Lybios, que se lhe assemelhavam por caracteres ethnicos, eram seus inimigos rancorosos, intransigentes, foi de mister dar ao Boschiman uma *companheira tirada do mesmo tronco ethiope*, que encontramos na costa occidental da Africa (Guiné). Infundiu Deus um somno profundo a Adão para tirar-lhe uma de suas costellas: isto quer dizer que os Asiaticos foram causa de um *somno* de que *desprenderam* Adão (*immisit soporem in Adam*), pois *immittere* (desprender) tem como synonymos os verbos *pellere*, *detrudere* e *solvere*, e a particula *in* vale pela nossa locução *por amor de*. A modorra em que viviam os Ethiopes foi *expellida* ou *desfeita*, pois estes saíram do *somno profundo* em que permaneceram durante dez seculos, para entrar na lucta que se lhes offerecia no Egypto como guardas militares de seus protectores. Emquanto, pois, os selvagens de Guiné se *desprendiam* de seus habitos ociosos, a providencia que lhes assignalava novo destino «*tirou uma de suas costellas, e e:cheu de carne o logar dond: se tinha tirado*» (*cumque obdormisset, tulit unam de costis ejus et replevit carnem pro ea*).

Explicando o texto, que acabamos de trasladar, diremos que *obdormir*, corresponde a *entorpecer-se*, e *tor-*

pescere, fala de *perder o vigor*. Ausentes de suas mulheres, os Boschimans perderam o caracter bellicoso e ardente, que os tornava proprios para o exercicio e profissão das armas.

O adverbio *cumque*, posto em relação com *obdormire*, prova que os Boschimans *dormiam em qualquer circumstancia*, ou se mostravam pouco vigilantes e inattentos.

A experiencia estava feita para os Asiaticos, e por isto trataram de mandar vir as *companheiras* desses selvagens, mas não se perca a circumstancia notada, para, em vista dos antecedentes de nossa raça, conhecer as tendencias e fraquezas da humanidade pelasgica, e esta é a que ainda vive no planeta. Diz o texto: *tulit unam de costis ejus* (tirou uma das costellas de Adão), mas *costa*, traduz-se por *lado*, *flanco*, *curvas*, e *una*, por *uma pessoa*. Ora, *curva*, corresponde a *sinus* (golfo), enquanto *costa*, é synonymo de *tergum* (parte trazeira).

Assim, a *mulher de Adão* foi tirada das *encostas* (*latus*=costa), banhadas pelo *golfo* de Guiné, ou do *tronco* (*latus*) de seu marido, que é a raça boschiman. A *parte trazeira* (*tergus*=costa), que se *encheu de carne*, retrata a *steatopygia*, bem conhecida, das mulheres de Guiné; mas *replevit carnem pro ea*, confirma que o *corpo dos Boschimans* mergulhado em somno torpido, *recobrou as forças pela carne que lhe offereciam*. *Caro*, guarda synonymia com *musculus* (carne, força, vigor, manta de guerra), e já se vê que *replere carnem*, é *refazer as energias*, que vimos abatidas, *em presença da mulher* (pro ea, pro una), que estivera ausente.

Convem notar que pela primeira vez no *Genesis* se fala em *Senhor Deus* (Elahim Jehovah), segundo a traducção da Vulgata. *Elahim*, fala dos *deuses que transportaram os*

Boschimans para o Egypto (elatio humo); e *Dominus*, subdivide a noção abstracta da *divindade*, que vem applicada á *intelligencia dos zimbórios e terrados* (domae nus), por que as mulheres, importadas para aquella região, deviam á *natureza*, ou melhor, ao *architecto dos mundos*, o desenvolvimento exaggerado das nadegas (tergum). *Jehovah*, que se traduz por Deus, representa, para o caso figurado, o *ovo gerado na vacca* selvagem, pois *bos* (vacca) conduz ao nome dos *Boschimans*. Não ha, portanto, nenhum conceito metaphysico de envolta com a ideia de divindade, nem com o facto da criação supposta do homem primitivo (Adão e Virago). E' o que se colhe da licção contida na palavra *Jehovah* (generatum ovum vaccà), e *vaccatio*, fala de um *privilegio de veteranía* ou antiguidade, que se adapta perfeitamente á idade e profissão dos Ethiopes, dados como os *bucolici milites* do oriente africano. A Virago, que, segundo o *Genesis*, *foi trazida a Adão*, deve o seu nome ao facto de ser *tomada de varão*, isto é, aquelles que a trouxeram estabeleceram-na como *base* ou fundamento do valor militar (de viro sumpta est), que estava adormecido. A conjuncção necessaria entre os dous sexos, que gerou o dogma catholico da indissolubilidade do nó conjugal, estriba-se numa experiencia antiga feita pelos mestres de nossa raça, mas não se ajusta, senão forçadamente, aos effeitos legaes do casamento, nem exclue os factos e circumstancias que podem determinar o rompimento da união entre os esposos. « Osso de seus ossos, carne de sua carne », a mulher é indispensavel ao mundo pelasgico para reaccender os estímulos das vocações, quando debilitadas ou moribundas; e esse elasterio tanto actua no sentido do progresso moral e da civilisação, como determina desastres e decepções, mas preservando da es-

tagnação e da morte os sentimentos affectivos e a fibra das fortes resoluções, boas ou más, segundo as circunstancias. A nudez, finalmente, de que não se enverganhavam Adão e Virago, prova que os primitivos Boschimans, dispensando o vestuario, não tinham ideia de decencia ou indecencia, e que os Pelasgos podem regredir a esse primitivo estado, de que saíram por effeito da cultura.

Prosigamos em nosso estudo dos nomes geographicos.

Ao norte de *Tentyris* ou Denderah, mas nas duas margens do Nilo, ficavam o nomo de *Ha-sekhekh* (Diospolites), e o de *Thiniles*, que teve a principio como capital *Theni*, e mais tarde *Abud* (Abydos), considerada como a segunda, em importancia, do Egypto. Ella estava situada numa estreita nesga de terreno, entre o deserto e um canal do rio, e a sua maior celebridade provem-lhe dos tempos do culto de *Osiris*, que attrahia romarias de todo o paiz. Póde-se reconstruir a historia primitiva dessa circumscripção do Egypto por intermedio das designações dadas. *Ha-sekhekh*, diz-nos por *assequi*, que os *cavallos* (equi) *chegaram a esse termo da carreira*, ou que, no caminho, attingiram o indicado nomo. A conquista de *Denderah vizinhava* as duas raças em conflicto (*assidere*), mas chegou o momento em que a região, ainda *indenne* (*assus*), foi *posta em sitio* (*assidere*) e ligada ás outras conquistas dos Ethiopes (*assuere*). Assim como houve *sitio*, póde-se affirmar que as cidades accommettidas estavam fortificadas (*asserere*, *asser*), mas de modo incompleto, pois *asser*, significa *barrote* ou pequena trave, e *serius*, diz pelo synonymo *gravis*, o mesmo que *debil* ou languido. Tratava-se, entretanto, nessa oppugnação, de defender a liberdade (*asserere*, *assutor*). Os dous partidos discutiram a questão

a fundo (assertores quæstionis), e um delles tinha *assessores*, que já sabemos serem os Lybios a respeito dos Ethiopes. Ahi estão as *sequaces flammæ*, de que falava Virgilius: os homens *côr de fogo* eram como *labaredas* que seguem ou envolvem o *combustivel*, porque *comburere*, significa tambem *passar alegremente* (comburare diem), como acontecia aos *patres* da Ethiopia. Foi dentre os Lybios ou *vermelhos* que sahiram os alcaïotes de *Bacchus* e de *Venus* (Bacchi, Venerisque sequaces); emquanto os Ethiopes podem ser comparados ao *bitume pegajoso* (sequax bitumen).

Africanus sequens, é o Africano mais moço ou o *Lybio*, como já ficou demonstrado, que formou a sequela de seus companheiros de fortuna. *Sequester*, repete a ideia de *assessor*, porquanto designa o medianeiro, funcção que nas legendas orientaes é attribuida a Bacchus, mas *medius* (medianeiro) designa tambem aquelle que é do *meio dia* ou do sul, como o *Boschiman*. Os que peitavam as tribus nos comicios romanos, e corrompiam os juizes, sahiram dentre os negros, que aprenderam muito cedo a explorar a boa fé dos homens usufruindo as vantagens da corrupção. A esses corruptores dava-se o nome de *sequestri*. Já são conhecidos aquelles que puzeram a mulher na dependencia ou subjeição (sequior sexus), e que foram tambem os primeiros soldados de profissão (sequi castra). As insignias dos magistrados romanos chamavam-se *secures*, bem que *securis*, traduza a noção de *machado*. Nessa familia de homens, a *ousadia* casava-se com a *indolencia* (securitas), e toda a opposição á realza, que se consigna nas legendas, é attribuida aos que queriam o sceptro para si (securus sceptri), como se vê ainda entre os republicanos de hoje.

Diospolites, como igualmente se chama o mesmo nomo, rememora esse *remate* ou resultado final (politum est), que se liga ao apparecimento dos *filhos de Jupiter* (Dioscouri). Os autores da *subversão* ou nivelamento (polire) das cidades do Egypto foram tambem os inventores do governo (politia). Foram elles que deram *lustre* ás pedras (politio), porque elevaram os *marcos* divisorios á categoria de deuses (dionysius lapis), mas sabemos que esses primeiros *politicos* eram homens *obscenos* (oscus), e as multidões de que faziam parte podiam ser comparadas ás *manadas de cavallos* (polia). Muito teriamos que dizer, si seguissemos a pista que nos offerecem os termos integrantes do vocabulo *Diospolites*. Os *faisões* (ithys), que são encontrados na Persia, sob o nome de *Magos*, lembram esses mesmos africanos boçaes, que vemos agora na faina demolidora.

O nome de *Diospole* está ligado ao de *Thebas* e ao de *Laodicea* (na Phrygia); assim como ao das *Dioscuros* prendem-se os de um porto na *Colchida*, de uma povoação na Mesopotamia (Diospage), e dos *Dioshieritos* (habitantes de uma cidade da Asia Menor), e sobrenomes romanos. *Dius*, diz o mesmo que *cousa pertencente a Jupiter*, e por *dium fulgur*, se designava o *relampago* que vem durante o dia.

Por outro lado, a procissão do *phallus* (ithyphallus), em que *Priapo* apparecia de modo indecente, rememorou durante toda a antiguidade a multidão dos que cahiram sob o poder de *Bacchus* ethiopico (Phaliges) e recorriam á piedade dos vencedores (agmen supplicantium). Os *gansos* de Guiné estão claramente designados pelo elemento *pol*, da palavra *Diospolitis* (polabrum), que fala ainda do deus *Pol*, o qua lptencia á classe dos *Dios-*

curos. Por *Pol*, encontra-se a ideia de *polluir*, *violar*, *estragar*, *contaminar*, *deshonrar mulheres* (*polluere*). A mimica desses selvagens gravou-se no movimento do *pollegar*, que servia entre os Romanos para indicar favor ou desapprovação, e cuja *structura* viciosa já vimos entre os *Boschimans*: dahi, as expressões conhecidas: *premere pollicem*, *pollicem vertere*. Mas *pollex* (*pollegar*) diz o mesmo que *lex Pollucis*, e *polus* (*eixo do céu*) prende-se por *axis* ao sobrenome de *Bacchus* (*Axites*). A *fera da India*, que se designa sob o nome de *axis*, é a mesma *ethiopica*, segundo nos prova a significação da palavra *indus*; convindo dizer que os modelos das figuras representadas no *Zodiaco* foram tirados da *Africa*. Em *polus signifer* (*zodiaco*) se pôz a ideia de *fera* (*axis*), e na expressão—*Umber vestigat feras*—se diz que o *ombrio*, descendente do *Ethiope*, anda na *piogada* dos animaes selvagens e ferozes, por ser delles um *vestigio*.

Eis que se aponta distinctamente a individualidade de *Bacchus* (o conquistador da *India*), mas fazendo-se entender, que o *eixo do céu* (*norte e sul*) é a mesma linha que, partindo do *deus bifronte* (*arcus*, *Janus*), vae terminar no *deus das borracheiras*. Faz-se uma descripção *physica* dos *Ethiopes*, por *polulus*: *poluli homines*, dizia-se dos *homens pequeninos*, e, moralmente, da gente de *no-nada*, sahida das margens do *Nilo* (*nili*).

As *legendas da India* comparam a *monarchia* com o *pavio de papyro*, e o *patriciado*, com o *candieiro de muitos bicos*: ahi está o vocabulo *polynixos*, para designar a *progenie dos patres*. A *furta-côr* dessa velha *aristocracia* póde traduzir-se por *polymitus*, e o *caracter sanguinario* dos *negros* deduz-se do nome que damos á *centinodia* (*polygonus*). Porque se chamam *polyg-*

necon ás assembléas das mulheres? Porque *assembléa*, traduz-se por *corona*, e esta palavra por *cerco*. O *sítio* posto ás cidades de origem asiatica recorda as *cadeias* postas sobre as victimas da luxuria africana. Dahi o uso, que nunca foi comprehendido, dos *braceletes*, tão apreciados pelo bello sexo (*circulus*). Mas o nome dado ás assembléas feminis faz tambem referencia aos casos de *morte* violenta (*necare*), e, effectivamente, os maridos tiveram desde então direito sobre a *vida* das esposas e dos filhos. O reinado da *força* (*conamen*) absolveu sempre os crimes, que tomaram a fórma de instituição e de costumes. Usem as mulheres a salvo de seus collares, diademas e afogadores, pois estão habituadas não sómente aos emblemas, mas tambem á situação afflictiva, deprimente, que elles recordam; e poderemos crer que a vaidade do sexo fraco torna-o mais digno de lastima do que a propria escravidão, quando é aspirada como perfume delicioso. Os ornatos ou adornos receberam no latim uma denominação, que os liga ao cerco de *Dios-polites* pelas tribus africanas ou pelasgicas, e é a de *polimen*, que infelizmente approxima-se muito de *polimento*. Em *polimen*, depoz-se a noção de *testículos de porco tirados de seu logar quando o castram*, e para que melhor se comprehenda a allusão historica desse significado, notaremos que *castrare*, traduz a ideia de *destroncar*. Assim, o commercio carnal dos negros com as brancas separou-as do seu *tronco ethnico*, caso este que se figura pela sahida dos órgãos glandulares do logar em que residem. Ora, as mulheres romanas usavam na *cabeça* ou no cabello de uma *bolasinha de ouro*, que *lhes servia de enfeite* (*polymen*), e deste modo induziam aos seus galanteadores na crença de que o adorno ethiope mudara

de *posição* (caput), advertindo, por outro lado, de que elle pesava-lhes sobre os *destinos* (caput).

As pedras preciosas, que são de uso geral entre as damas da aristocracia, lembrariam o mesmo acontecimento descripto; porquanto *eunuchare* (emascular) prende-se ao radical de *euneos* (pedra preciosa semelhante ao caroço da azeitona), e sabe-se que outra não era a côr primitiva dos *patres* egypcios. *Eunuchion*, designa uma especie de *alface muito fria*, ou que *torna impotente*, e mais de uma vez seremos advertidos pelas legendas de que a *lactuca caprina* é um emblema dos Pelasgos, que passarem do *verde escuro* primitivo para a côr *amarella* ou desmaiada. Essa *commemoração da impotencia*, por um *enfeite*, não deixa de ser jocosa; mas a causa do *mal* proclamado tira-se da palavra *meconis* (alface), que por *conis*, fala de *levantar poeira* (conissare), ou de *marrar como os carneiros*, e a restricção expressa por *mecum* (mecum una simul) deixa ver que os Pelasgos introduziram no mundo vicios abominaveis, que os adormeciam no commercio carnal com o outro sexo. Dahi o chamar-se *meconites* a uma *perola* (unio) semelhante á *papoula* (paralium, *parare alium*), que representa como o torpôr e a esterilidade das funcções genesicas. Não acabariamos si quizessemos tirar da denominação dada ao districto egypcio as noções historicas que encerra; mas notemos o termo *hosp*, de *Diospolis*, porque confirma a interpretação extrahida de *dios*, approximada de *dioscuri* (filhos de Jupiter). *Hospes*, se diz do *forasteiro*, *peregrino*, e já vimos que os *Ethiopes* não eram originarios das margens do Nilo. A *Jupiter* dava-se o epitheto de *Hospitalis*, e *ales hospita*, designa o *passaro de arribação*. O *conluio*, de que temos falado, entre as duas tribus africanas, representa-se agora pela

expressão *hospitalis tessera* (signal por onde os aliados se conheciam). *Externus*, synonymo de *hospes*, fornece por *bona externa*, a ideia de *bens de fortuna*, e como a deusa para que tanto se appella (Fortuna) seja a personificação da *força*, comprehende-se que as riquezas individuaes nascessem da conquista. Sabe-se que *bona* (bens) era o nome da *mulher de Janus*, e este personagem symbolisava o *instrumento de morte* (arcus) com que os selvagens construíram a sua preeminencia social no mundo antigo. Como *alienigena*, diga o mesmo que *hospes* ou *externus*, a phrase consagrada *alienigena vinum* mostra a procedencia de *Bacchus*, que era um *forasteiro* como *Janus* para a civilização dos primeiros tempos. Em *alienigenus* (estrangeiro) descobre-se uma indicação sobre a *mistura ethnica* representada pelos Pelasgos, os *alienati mente*, que se mostraram até hoje incapazes de uma tarefa seguida, vivendo de imitações e de remendos, nas palavras como nos actos. *Hostes* (peregrino) diz o mesmo que *hospes*, e *hostia* (victima sacrificada) liga-se pela significação a outro termo integrante de *Diospolitis* (lit), que nos fornece a ideia de *sacrifício* (litatio), e daquillo que se póde immolar. A *controversia* ou pleito, a que se fez referencia pelo radical de *Hasekhekh*, apparece-nos de novo sob a fórma de *lis* (litis); mas, para tornar claro que toda demanda nasce ou se confunde com a desordem (lis). *Instrumenta litis*, são os *papeis appensos aos autos*, mas no ponto de vista historico lembram os instrumentos de que dispuzeram os negros insurrectos, para destruir a influencia e o dominio de seus antigos protectores.

Sabemos já em que escola se habilitavam os Pelasgos para descarregar golpes violentos, para matar e devastar.

O nome de *Hasekhekh* recorda o dos *assassinos do velho da montanha* (Haschischin), também chamados *Ismaelitas*; em quanto a avidez desses sicarios se estereotypa no conceito, tantas vezes citado, de Voltaire: *o desejo tem sempre a bocca secca e as mãos vasia*s. A conquista dos nomos egypcios se fazia por gente sem fortuna, como veremos mais tarde; e os *Dioscuros* ou filhos de Jupiter denunciados pela palavra *Diospolis*, eram criançolas desherdados, que procuravam longe da casa paterna formar um patrimonio por meio de ciladas e golpes de catana. *Castor e Pollux* gozavam alternadamente da immortalidade, porque a locução *mutua vice* allude á *reciprocidade*, que se mantinha entre *pais e filhos* nesse systema de assaltos á mão armada, de cujas *vicissitudes* soffriam populações pacificas e laboriosas. *Castor* personifica o *estabelecimento patricio* (castra orã) á margem do Nilo, e o animal amphibio daquelle nome fornece pelos seus caracteristicos uma nota interessante sobre os velhos Pelasgos da camada mais antiga. As formas daquelle mamífero são lerdas e reforçadas, e o pello bem fornido é de um arruivado castanho. Os pés trazeiros do castor são unidos por uma membrana, o que a respeito dos velhos *patres* vale como dizer: *a borra* (pes), que permanecia nos castellos, estava ligada á *pelle* (membrana), *largada pela serpente* do Nilo. Já se adivinha, que essa *pelle* representa os *Pelasgos* em movimento, lançados, como dissemos, ás aventuras da conquista, enquanto os zopeiros da casta ficavam quietos em sua furna. Estes são como a *cauda oval*, achatada horisontalmente e coberta de escamas do castor. *Cauda*, diz o mesmo que *membrum virile*, e si *membrum*, fala do *corpo patricio* ou da *familia* (corpus), *virile*, corresponde a *individuus* (não

separado). Aquelles que não sahiam dos seus lares formavam o *enxame*, de onde partiam os zangões em busca de melhor fortuna; e *proprius* (individual) fala de quem *permanece* ou fica estavel. A *cauda* era *oval*, porque os velhos seriam malhados ou sarapintados (*ovatus*), e a *chateza horisontal* faz perceber, que elles tinham o *miolo molle*. De facto, *commitigare* (achatar) traduz-se por *amollecer*, e *horiŕon*, dá noticia do *horisonte racional*, além de alludir ao *globo que se fina* (*finiens orbis*). Ora, *orbis*, é não só a *cobertura circular*, como os *olhos* e a *rosca da serpente*, e si a *vista* dos *patres* padecia dos effeitos de um *achatamento*, a faculdade de ver (*oculus*) reside na *cabeça*, emquanto por *sinus* (*rosca das cobras*) se indigita o *fôco purulento*, a par de *cavidade do corpo*. O cerebro dos *patres* estava, portanto, deteriorado, e o seu *horisonte racional*, chato de nascença, andava agora muito por baixo (*in plano, de plano*), bem que manifestasse ainda a força do *embusteiro* (*planus*). Quanto ás *escamas* que matizavam essa *cauda achatada*, comprehende-se que ellas são as *belidas e cataractas*, (*squama in oculis*); mas, apezar de *decrepitos*, os *patres* eram, a respeito dos filhos, como um *peixe* para uma *crosta de rochedo* (*squama*).

As habitações dos *patres* são comparadas áquellas que os castores costumam construir com estacas, ramos de arvores e terra amassada. Esse typo de construcções lembra as *aldeias lacustres*, de que nos occuparemos mais tarde.

As sociedades dos castores compõem-se de 200 a 300 individuos e devemos crer que as zonas dos castellos pelasgicos, nimiamente dispersas, não reuniriam no principio maior numero de individuos. Não falamos no

sacco que esses animaes trazem sob a cauda ; mas a substancia fetida que elle encerra, deixa suppôr nos *Pelagos* um cheiro nauseabundo. Ao lado de *Castor* puzeram *Pollux*, cujo nome memora os *sacrificios antigos* (pollucere), designados pela expressão latina *ver sacrum*. Era durante a *primavera* (ver), que os *patres* faziam sahir os filhos para tentar fortuna ; e Pollux, diz o mesmo que *lustre da criança galante* (pulli lux), mas esta em nada se avantajava aos *pótro*s (pullus), cuja côr *fusca* e *dene-grida* era como uma denuncia da *alma polluida de crimes* (pollutus animus). A *velhice seria mais infame* (pollutior ipsa senectus), do que essa *mocidade prostituida* (pollutus), e sobre ella principalmente deve recahir a responsabilidade do *sangue derramado* pelos violadores de todas as leis (pollutus). Havia, não ha duvida, como nos disseram, *alternancia* na immortalidade dos personagens que figuram no Zodiaco (gemini). Os *patres* se faziam substituir pelos *filhos* nos assaltos premeditados contra os vizinhos mais ou menos proximos ; mas aquelles que executavam o plano nefario, collocavam-se, por sua vez, na posição de *chefes de familia* (patres), fazendo-se representar mais tarde pela *prole* na tarefa criminosa. Entre o *pater*, de hontem e o de hoje, não falando no de amanhã, havia um cambio, sempre alternado, de gloria e de fortuna, e por isto, ora era *Pollux*, ora *Castor*, que gozava do privilegio conferido por *Jupiter*. Conquistada uma nova cidade ou territorio mais ou menos extenso, a *criança* ou *potro galante* ahi fixava o seu estabelecimento, á margem do Nilo, e composto de *dous andares*, como as casas dos castores. A *luz do negro* (pulli lux), se manifestava a principio pelo *banquete publico* (pollucere, polluctum), dado, já se sabe, á custa dos vencidos,

no qual tomariam parte todos os animaes representados pela *facha zodiacal*. Devemos dizer desde logo, que o *Zodiaco* é como uma representação pictural da vida publica dos Pelasgos. Aquelles que ainda hontem gemiam sob os açoutes de pais implacaveis (*pollucti virgis servi*), passavam agora *vida esplendida* (*pullucibilis vita*), dando expansão a todos os appetites desordenados que se fortificavam pelos exemplos paternos (*pollutor, polluti*). Os *pulli asinorum* do Egypto são os mesmos, quem o diria?—celebrados pela comedia de Plautus, a *Asinaria*. O campo primitivo dos *asnos* (*asini area*) foi a região do Nilo aonde floresceram os *patres* e negrejavam os castellos dos descendentes da tribu rebelde, que encontramos em *Ten*. Na comedia citada ha um dialogo entre um velho, *Demaenetus*, e um servo, *Libanus*.

Libanus

Num me illuc ducis, ubi lapis lapidem terit?

Demaenetus

Quid istuc est? aut ubi est istuc terrarum loci?

Libanus

Ubi flent nequam homines, qui polentam pransitant.

Demaenetus

Quid istuc sit, aut ubi istuc sit, nequeo noscere.

Ubi flent nequam homines, qui polentam pransitant

Libanus

Apud fustitudinas ferricrepinas insulas,

Ubi vivos homines mortui incursant boves.

Ahi se fala de um logar mysterioso onde as pedras gastam as pedras, e por esta imagem se designa os *beocios* da casta *patricia* (*lapis*), que vivem uns com os outros em constante fricção, pois os Pelasgos só conheciam a sociabilidade para ficarem menos distantes de suas victimas. Ahi, nessas coutadas humanas havia brejeiros que choravam por não terem como alimento sinão um máo caldo de farinha de cevada. As *ilhas* indicadas, (*insulae*) são as *casas separadas uma das outras*, em que habitavam os *senhores* da terra conquistada (*insularum domini*).

Nesses covis de feras abundavam os bastões, as cadeias de ferro e os couros de boi, que serviam para açoutar os homens. O *Lybio* estava então reduzido a famulo do Ethiope, e *Libanus* póde ser incluído nessa classe, como cobertura, que era, do *Bacchus* africano (*Liberi pannus*). O nome de *Dēmaenetus*, designando o *filio da centopeia delirante* ou demoniaca (*demonis dementis netus*), faz referencia ao *ramo da arvore genealogica* (*filum*) plantada no *paraizo*, porquanto *daemon*, é synonimo de *seps*. Pela primeira vez se revela em sua significação historica o pensamento de Plautus, traduzido por aquelles versos; mas não indagaremos si o poeta latino teve consciencia do alcance de sua objurgatoria. Diremos, entretanto, para evitar ambiguidades, que muitas celebridades da sciencia e da litteratura antigas, são simples transmissores de idéas e de factos, que ellas não podiam interpretar. Adiante trataremos da nova significação ligada ao nome do *escravo da Asinaria* (*Libanus*); mas fica provado, que pela designação da comarca egypcia (*Ila-sek-hekh*) se quiz indicar os *parasitas* e *sequezes do punhal* (*asseclae siccae*), tão temiveis como os sicarios

que cumpriam cegamente as ordens sanguinarias do *Velho da Montanha*. Mas os descendentes da *centopeia* africana eram como um *som repercutido* (echo) da catastrophe de *Ten*. Por isto se pôz em *sequax* a noção de *contagioso*, e a gente que agora *se estendia* (sequax), á imitação dos seus antepassados (pater, patere), era dotada de um *visgo tenax* (viscum sequax), e para ella seria creada a phrase conhecida do poeta Claudianus: *laudum sequentibus undis obruimur* (sou suffocada pela multidão das altas façanhas que me submergem).

E' tempo de dizermos que a raça pelagica estava formada no momento desses successos, ou da conquista dos nomos do norte. O nomo de *Thinities*, que teve a principio *Theni* e depois *Abud* (Abydos) como capital, tambem foi victima dos selvagens, aos quaes se deu mais tarde a designação de *Thynos* ou Thracios. *Thynnus* ou *thunnus*, é o nome do *atum* (peixe), tambem chamado *elacata*. Ora, *elactescere*, fala de tornar-se *branco como o leite*, e não precisamos repetir que os Pelasgos ethiopes adquiriram finalmente essa côr exalvçada ou assa da pelle, que é como um garbo para os descendentes dos negros africanos. Com a *salmoura*, a que foi submettido, o peixe do Nilo adquiriu as apparencias indicativas dessa nobiliarchia caucasica, tão pouco de accordo com a eloquencia esmagadora dos factos.

Dahi o orgulho, que se baseia numa illusão, mas os lords da Inglaterra não se deram menos como representantes legitimos da *gens elacta* (casta soberba) que succedeu a dos *Ethiopes*. Trata-se da mesma raça que, do Peloponeso penetrou em toda a Europa, passando por novas *alimpaduras* (Elis, *elavare*). *Thinities*, resolve-se morphicamente em *Thyni nitescentes*, expressão que se

póde verter por *Thracios resplandcentes*, mas pondo de parte a restricção expressa por *herbis: engordar com as palmas* (nitescere herbis). Os conquistadores do sul do Egypto firmaram-se afinal (niti) nesse districto do norte, aonde foram adquirindo a *transparencia do azeite* (nitor olei). A capital de *Thinitis* (Theni), faz constar pelo seu nome, que até ao momento da occupação pelasgica os invasores eram *magros e frageis* (tenere, tenuis), mas já nos foi relatado que elles adquiriram muitos palmos de *gordura* (oleum).

Os homens já estavam ricos quando se empenharam na conquista de *Theni*, mas o enervamento ou effeminação da raça datava de pouco tempo (mundus tener) e dahi os *tenesmos*, que sobrevieram á ociosidade e ao abuso dos licores fortes. E' verdade que os *patres* viviam ociosos (tenere), mas quem rege os povos, ou vela constantemente, e não póde arredondar as fórmas corporeas, ou dorme por officio, e neste caso contrahe a enfadonha molestia que as legendas attribuem aos dominadores do mundo (ficus, tenesmus). Como a segunda hypothese figurada seja mais vulgar, eis a razão por que se ligou a *tenere* (governar) o nome da enfermidade maldicta, transmittida infelizmente aos individuos, que não se occupam das questões de Estado.

O esforço empregado para conquistar *Theni* foi o mesmo que envidam os açores para colher a sua presa (nisus). Não é para extranhar que essa capital attrahisse romarias de todo o Egypto, por causa de seu deus *Osiris*, quando sabemos que este era o mesmo *gavião* (nisus) a que nos referimos mais extensamente. Tanto o nome de *Theni* quanto o de *Abud*, dado á futura capital, encerram os elementos das palavras designativas daquela *ave de*

rapina (nisus, apus). Essa cidade é uma das que mais figuravam na historia dos Egypcios ou Pelasgos, e por isto os monumentos fizeram-lhe constantes referencias.

Tinha começado a acção desses mestiços, que eram o producto do cruzamento entre negros e brancos ; mas a selvageria primitiva apenas se transmudara num estado barbaro, do qual a humanidade não se poudo libertar ainda.

Nixi dii, são os deuses que presidem aos *partos*, e por *partus* se deve entender os *filhos* dos negros, que formavam como duas porções (partes), sob a relação da origem ethnica: *bestiarum aliae sunt terrenae, partim aquatiles* ; isto é, dentre os brutos chamados Pelasgos, uns eram *terrestres* (Lybios), outros, *aquaticos* (Ethiopes). E não podemos contestar que desde então os homens caminham, parte por uma estrada, parte por outra: *alii alia delapsi sunt*, como já acontecia entre os primeiros descendentes das duas tribus africanas, os quaes se associavam por momentos para se dividirem mais tarde por odios incoerciveis e profundos. *Sabinos e Etruscos*, eis as duas *cellulas* geradoras de todas as revoluções politicas, que abalaram a terra, e das facções que se combatem, mesmo quando appetecem os ocios da paz. O mytho de *Hercules ajoelhado* (Nixus), que se transportou para o mundo dos astros, nos indica por certo que desde epoca remotissima os representantes da força, que são a multidão ou maior numero, estavam submettidos á malandragem manhosa de uma pequena minoria usurpadora (*Nixus genua submittit*). Os capitães feitos para o serviço da defesa dos brancos não se desprenderam de suas insignias e do gráo de autoridade que ellas representavam ; e por isto, tirando argumentos favoraveis á tutela que tive-

ram de exercer sobre seus socios de empresas nefarias, dessa tradição de superioridade e de poder, introduziram nas relações sociaes o germen de uma desigualdade irritante e puramente artificial.

Está claro : a raça cosmopolita, igualitaria, dos Asiaticos, firmou os primeiros pergaminhos de *nobreza*, que appareceram na terra ; e sómente na Africa, entre os negros boçaes, fetichistas, devemos procurar as origens de todas as aristocracias. As castas e dynastias vieram do golfo de Guiné, mas não podem ser referidas originariamente á invenção dos pretos, salvo si para a solução do problema historico considerarmos sómente as aptidões naturaes da raça africana para essa nova organização social, que surgiu da victoria da barbaria sobre a civilisação. Nem mesmo naquillo que estabelece uma linha de separação entre a velha e a nova cultura humana, pôde-se descobrir o espirito dos Pelasgos, manifestando-se intellectualmente por um facto notavel, por uma instituição, mesmo absurda. Na criação da hierarchia, principio aliás repugnante com os fundamentos da antiga civilisação asiatica, não houve iniciativa, que dependesse da reflexão entre os Africanos, e a estes só podemos imputar a perversão de tudo quanto deveria modificar para melhor o estado actual da sociedade. Do *casamento*, os negros só conheciam a *luxuria*, traduzindo-se essa acção pela violencia e pelo rapto. O laço civil que ligou posteriormente os esposos não foi descoberto por aquelles que se sobrepunham ás leis, e verdadeiros alarves se enfiavam na vaidosa ostentação de seus crimes hediondos.

A intervenção do genio asiatico, ao qual devemos todos os contrapesos oppostos ao pendor violento dos habitos da conquista, denuncia-se nos codigos que ainda

prevalecem e foram doados á ignorancia ou rudeza pelasgica. Prevalecendo-se das superstições do povo invasor, os vencidos, si assim podemos chamar os redemptores de nossa raça, erigiram sobre ellas esses monumentos que se chamam *religiões*, com base na razão superior do homem, mas susceptíveis de viver e perdurar enquanto corresponderem, por seus intuitos, ás exigencias de um dado momento da nova humanidade. Esses monumentos não nos offerecem mais a utilidade que tiveram no passado; mas devemos crer que sem elles os descendentes dos negros da costa d'Africa teriam permanecido no mesmo estado, intellectual e moral, em que os encontramos quando arremetteram contra seus mestres e protectores e reduziram á poeira cidades ricas e florescentes. Aonde não chegou o influxo das lettras, nem penetrou a doutrina moderadora, que se encerra nas legislações e nos cultos religiosos, a barbaria redundou em ameaça permanente para essa estreita facha dos continentes aonde abrolharam algumas sementes da antiga cultura civil, vindas da peninsula oriental, mas cujos fructos tornaram-se pecos ou insalubres, graças á constituição psychica de nossa raça.

Muitas vezes as tribus nomades do norte da Europa e da Asia se abalaram, em correntes fragorosas, contra as frageis construcções dos povos semibárbaros, que devem a sua prosperidade relativa á preponderancia ethnica do sangue asiatico sobre o africano, e ás condições geographicas dos territorios habitados. Mas si a luta ferida entre semibárbaros e selvagens, resolveu-se em favor daquelles, não poderemos esperar o mesmo resultado quando todas as nações do globo estiverem aparelhadas para perpetuar o conflicto, sem que todavia,

pelas suas condições internas, possam superar os perigos das revoluções e conter o impeto das massas populares, chamadas a reivindicar direitos postergados. Em outros termos, o que tornou possível a victoria de nossa pretensa civilização sobre a torrente nomade foi o equilibrio em que se mantinham as sociedades europeas, sob a relação dos interesses economicos. Mas o perigo cresceu, e com elle diminuem todas as ensanchas de triumpho para os povos policiados, desde que estes não se movem mais por patriotismo ou por espirito religioso, e atinaram com as causas das desigualdades facticias, que foram lentamente elaborando a *servidão moderna*.

Não precisamos insistir sobre a situação creada para os antigos habitantes de *Theni* ou de *Thenites* pelas *accommettidas* dos Pelasgos. *Niti*, fala de *fugir voando*, expressão que nos deve despertar uma certa curiosidade sobre o systema de locomoção dos Asiaticos. A *gente de cor postiça* (*externus nitor*) empregou *maior vigor* (*niti-dius robur*), e a cidade rendeu-se ou foi abandonada por seus defensores. Os Asiaticos tinham horror á guerra e ao sangue humano, e circumscreviam apenas ás necessidades da defensiva os recursos militares de que poderiam dispor. A sua organização civil, os seus habitos de ordem, a sua benignidade, a sua repugnancia aos actos violentos e sanguinarios, não se contrastaram ao furor selvagem, senão para deploral-o como uma fatalidade da nova especie humana. No terreno da lucta armada, o homem superior e verdadeiramente culto ha de ceder sempre a palavra aos barbaros, que fazem profissão das armas ou se alugam para degolar e ser degolados. A morte de um só homem seria para os Asiaticos uma perda irreparavel, fundamente sentida; para os *Lybio-ethiopes*, porém, era

apenas um soldado de menos, e, como disse Bonaparte, as mulheres não cessam de dar carne para o canhão. A *plebe*, que se começava a formar, podia supprir todos os claros do exercito, e nisto consistiria o seu maior prestímo ou prova de actividade moral. O *parto*, que se representa por *nixus*, descreve a forma *dolorosa* que revestiu o *exodo* dos habitantes da cidade egypcia, sitiada e escalada pelos Pelasgos.

Thinites ou *teni*, encerra o radical de *tenus* (cilada), e as surpresas se faziam nas *encruzilhadas*, justificando a recommendação de *Agamemno*, na *Iphigenia em Aulida*, de Euripides: «*observa sobretudo os logares onde os caminhos se cruzam...*» Também o deus que presidia ás relações dessa sociedade embryonaria era, como dizia o *Cyclope*, muito tempo depois: «Bem comer, bem beber, segundo a necessidade de cada dia, é, para os sabios, o verdadeiro *Jupiter* e também não se atormentar. Malditos sejam os fazedores de leis, que enleiraram, atrapalharam a vida humana.» No tempo em que da terra corria o nectar das abelhas, segundo a expressão do poeta grego, imagine-se de que diametro seriam as pernadas das Bacchantes e dos Satyros (tenor recti stipitis). Si o exercicio é que faz o órgão, não seria muito que cerebros pecos (tenue caput) se tornassem *penetrantes* (tenuis), ou engenhosos. A *raça da figueira* nos vem agora denunciada pela raiz *then*, que se prende ao punico *tena* (figueira) e ao nome de *Ten*. Já se adivinha qual fosse a arvore tomada como typo ou symbolo da *genealogia* pelasgica (stemma gentilitium), que era oriunda do *golfo de Guiné*. Dahi veio a significação de *planta marinha*, dada á palavra *ficus* (figueira); mas a arvore assim chamada resume a descripção, já feita, dos mestiços do Egypto. A

figueira encerra um *succo leitoso*, e como *succus* signifique *poder*, *força*, e diga o mesmo que *lac* (leite), pela expressão indicada nos informam da nota dominante da indole pelasgica : a *violencia* (vis). Essa urticacea compõe-se de *arvores* e de *arbustos*, e conhecemos a discriminação, que se fez, entre os velhos *patres*, dados como os *maiores* de cada nomo egypcio, e os *pimpolhos* ou vergontees que formavam mais longe uma arvore completa. As *folhas* da figueira são alternas, e esta circumstancia allude á *alternancia* das camadas patricias, comparadas aos personagens que figuram na fabula sob os nomes de *Castor* e *Pollux*. As *flores* da arvore são numerosas e reunidas num *receptaculo* commum, carnudo e piriforme, fechado no orificio por escamas; e como *receptaculum*, signifique *acolhida*, *cont*, *receptores* nos explica que os jovens patricios procediam como o *Nilo quando desagua* (*receptaculum Nili*), procurando mais longe reaver a fortuna ou cabedal perdido. Convem notar que *flos* (flor) tambem significa *primeira barba*, e seria na adolescencia que os filhos mais novos dos *patres* emprehndiam essas viagens aventurosas para ganhar fortuna. Entretanto as conquistas feitas por essa mocidade desvaierada não constituíam patrimonios independentes, como se presumiria: os velhos continuavam a exercer o *patria potestas* sobre os moços emigrados, e as regiões onde estes se fixavam participavam dessa submissão. O *receptaculo carnudo e piriforme, fechado no orificio por escamas*, confirma, por um lado, o que dissemos sobre as formas lerdas e reforçadas dos Pelasgos; e, por outro, desenha um novo traço destes mestiços, qual a cabeça em forma *pyramidal* ou de *pera*. O *orificio* ou abertura (nariz) descreve as *ventas* dos patricios, que seriam *cobertas de pustulas* (*squamosus*), como acontece aos individuos affe-

ctados profundamente pela syphilis. A *haste* da *figueira* cobre-se de uma crosta cinzenta, como se mostra a pelle dos darthrosos; mas a *madeira*, que caracteriza a *raça* (materia), é de um *amarello claro e fresco*, prova de que os invasores de *Thinites* *variavam* pela cor, entre a *brancura* do leite da arvore e o *amarello* do tronco. A resina *molle e viscosa*, tirada do *succo corrosivo* da figueira, deixa ver que tinhamos razão quando applicámos aos Pelasgos o epitheto de *sequax viscum*. E' conhecida a propriedade da *figueira de Bengala* de se reproduzir e formar florestas por meio dos ramos, que rojando na terra, ahi tomam raiz; e os nucleos de população pelasgica são como uma imagem dessa reproducção por meio das *vergonteas* (pullus).

Não seria inutil o paralelo entre a *arvore* e o passaro chamado *figueira*, para melhor accentuar a physionomia dos mestiços africanos. Mas para completar o desenho basta considerar uma especie de *toutinegra*, tambem chamada *figueira* (sylvicola), que vive nas florestas como o deus *Sylvano*. A *toutinegra*, muito semelhante ao passaro em questão, tem o bico fino, direito e pontudo, e assim nos advertem de que os *patres* não se haviam despojado completamente da *tromba* do *Boschiman*. Quanto ao deus *Sylvano*, a *arvore* que elle levava era o *cypreste*, e não precisamos explicar por que motivo. Essa arvore resinosa apresenta uma forma *pyramidal*, como o *receptaculo* da *figueira*, e as suas flores são formadas de muitas *escamas arredondadas*, que se abrem por segmentos para *deixar escapar a semente*. Mas como os Pelasgos eram, na epoca da conquista, de baixa estatura, bem que reforçada (quadrati boves), devemos comparal-os principalmente ao *cordeiro da praia* ou *santolina*, tambem chamada *pe-*

queno cypreste, cujas flores em forma de *estrellas* são de um *bello amarello*. A *lanugem esbranquiçada* das folhas desse arbusto deixa presumir que o *buço dos criancolas* patricios não era *negro*, mas de um louro desmaiado, ou da cor da *serradura* (lanugo), lembrando, por outro lado, os cabellos grisalhos dos velhos *patres*. Assim, pelo nome latino do *cypreste*, *cupressus*, nos falam do *chocarreiro coroadado* (copris pressus), assim como puzeram no vocabulo *santolina* uma allusão aos *legisladores das compressas* ou fios para as feridas (sanctor linamenti). A *arvore*, que é o symbolo do *governo plutonico*, cresce sobre os *tumulos*, mas ella tambem serve para formar sebes ou vallados e os dominadores do Egypto moravam dentro de recintos cercados (septum). *Silvanus*, personifica a *multidão que fazia as vezes de joeira* (silva vannûs), representada pelos *pimpolhos* (silva), de que temos falado; mas o producto dessa *alimpadura* era a *palha*, que apparece ligada ao nome dos *Pelasgos* (pellis acus), não falando da *agulha* (acus), que levava por toda parte a *linhagem patricia* (linea, filum).

Sabido que *Theni* tornou-se um dos centros da gente que se distinguia pelo *facha*, comparada com o *marisco de concha* e com a *tenia* (taeniense genus purpuraram), passemos á historia dos nomos, que se estendiam pelo Egypto medio. A' margem direita do Nilo encontrava-se *Apu* ou *Khem* (Panopolis), tambem chamada *Kemmis*, no districto ou nomo de *Khem*. Dizem que ahi se adorava a *Khem* ou *Min*, que tinha o epitheto de *corredor* (Pehrer ou Pehres), e por isto era confundido pelos Gregos com *Perseu*. Já dissemos que *Apu*, é a mesma palavra *apus* (gavião), que fala de *Osiris*. Podemos approximar *Abu* de *Abud* ou *Abydos* (Abutich), e por *abuti* (gastar mal,

abusar) chega-se á ideia de *impotencia* ou de *abuso do poder*. Por *impotentia militum* se entende a *insolencia dos soldados*, e como se trata da chronica do *pastores*, chamados *bucolici milites*, não podemos duvidar que essa região do *Egypto* foi um scenario apropriado para os desmandos e alicantinas grosseiras da soldadesca desenfreada. Em *Abu* descobre-se o radical de *abas* (epilepsia) e de *abba* (pae), e já sabemos que os exercitos pelasgicos eram commandados por *patres* de origem ethiope. Deram á *epilepsia* o nome de *comitialis morbus*, e *comitium*, designava não sómente o lugar aonde se ajuntava o povo romano para as eleições, como o sitio escolhido para a applicação dos *supplicios*. Os *demandistas* e os *perjuros*, eram chamados *comitiales*, e já se vê que a enfermidade indicada lembra o vicio das multidões (*comitale vitium*), que se manifesta por gritos exaltados e movimentos convulsos.

A *cafila de homens*, que caminham juntos, é um *comitatus*, e como o vocabulo *comma* signifique typo ou *cunho de moeda*, deixa-se por isso perceber que o mal dos comicios surgiu no mundo com a raça de *Juno* (Moneta). A mulher de Jupiter representa no caso a plebe ou multidão lybica, que já se achava de *ciume* (*zelotypia*), por que os *patres* formavam uma casta superior, differente pelo typo do molde originario ou africano. E desta circumstancia se depreheende que as mulheres brancas, raptadas pelos exercitos confederados, tornaram-se presas dos chefes, a cujo serralho ficaram pertencendo, mas os soldados não participavam desses tropheus cobiçados.

Abu, designa, como ficou dito, o *gavião*, e tambem o *butio*, passaro que salta sobre os cadaveres para devorá-los. A *choréa* ou epilepsia dos vencedores está claramente indicada pelo nome de districto *egypcio*; mas

outras informações, não menos preciosas, vão ser deduzidas da structura de outro termo geographico. *Khem*, é o radical de *semita* (caminho estreito, corredor), e a sua significação explica o facto da confusão feita pelos Gregos, á qual nos referimos de pouco. Mas *corredor* é *Janus*, e eis que nos apparece mais uma vez o nome do *deus bifronte* que tem o *arco* por emblema historico. A *chave* que se punha na mão desse personagem (*Janus*) era a da *abobada* ou arco que cobria os passadiços, pois os mercados demoravam nos mesmos sitios aonde se punham as estatuas daquelle deus. Notemos, entretanto, que se dava á *abobada* ou tecto arqueado dos edificios o nome de *fornix*, palavra que representa tambem a noção de *casa de alcouce*. *Fornicare*, fala de *arquear*, *curvar*, e foi o que fizeram os Pelasgos, os quaes reduziram todas as linhas rectas do mundo moral a *curvas*, além de opprimirem os povos que lhes transmittiram o cabedal da civilisação antiga, mas deturpado pelos vicios da nova raça. Em *Khem*, acha-se igualmente o nome de uma planta chamada *corda de rei* (cemos), e já dissemos que *corona*, dá testemunho sobre o cerco das cidades, devido ás cafilas de homens que caminhavam juntos. *Reges* (reis) eram todos os *patres*, e aquella palavra diz o mesmo que *tronco de nobreza* (principes nobilitatis). Tambem por *principes*, se entendia os generaes ou commandantes dos exercitos; e entre os pelasgos semelhantes funcções eram privativas do patriciado, sahido do meio mais selvagem e desprezível da raça africana. Puzeram tambem na mão de *Janus* uma vara ou cachamorra; e nos hieroglyphos apparece com o nome de rei a figura de um negro, que empunha o emblema da autoridade ou o bastão. Ainda se lhe vê a camisola, que cobria

a nudez dos soldados ethiopes, como já ficou relatado. Secco, pés enormes, cabeça semelhante á dos peixes, com fios de barba sob o queixo, dir-se-hia que o *rei* era para os Asiaticos um como ser intermediario entre os animaes aquaticos e os terrestres, tomando entre estes como typo o *bode*. A estrutura viciosa da mão está ahi representada por uma corda a que se houvesse dado um nó na extremidade, por meio de outra mais curta. Isto quererá dizer, por certo, que as difficuldades da vida ou os embaraços do mundo (*nodus*) provêm do abuso da força ou do poder (*manus*); e accessoriamente se liga essa explicação á figura de um negro, para ficarmos advertidos de que foram os homens encarapinhados (*nodus crinium*) os inventores premiados do primeiro *nó de Hercules* (*Herculeus nodus*) dado na antiguidade como *obra da feitiçaria*.

Khem, o nome referido, diz por *semen* e por *semita*, que a casta africana foi como o *corredor* por onde teria de passar toda a humanidade, e vê-se que a fusão entre as duas raças ainda progride numa direcção nova, pois os brancos voltam pelos cruzamentos á sua origem africana. A *gêa dobrada* do Egypto (*semen*) serviu de *enxertia* para a velha árvore da India; mas não podemos desconhecer que todos os povos da terra conservam a qualidade da semente (*indolem seminum conservamus*). *Semen*, significa o mesmo que *sidus* (estrella), mas o ultimo desses nomes latinos nos previne de que a *mangra* não poupará a árvore das genealogias patricias. Um philosopho pode dizer que « *dentro de nós um olho nos espia* » : não será aquelle (*hilum*), de que já nos falava Lucretius, e que se cobre de uma pelle tenue, tal como nos é designado pela voz latina *nilum*? Um *nada* nos

separaria, portanto, das populações selvagens que nos visinham; mas a corrupção ou decadencia dos povos começa pelo *alto*, isto é, pelos *Ethiopes*, que são os guardas da moral publica (*ethiopes*).

Não ha contestar que os Pelasgos e seus descendentes soffreram sempre de uma *falta de symetria* (*semetrum*), ou de proporção nas faculdades moraes: e que os mesmos civilizados de maior cultura têm alguma cousa que os impede de chegarem á completa madureza de espirito (*semiacerbus*, *semiagrestis*). O mytho do *Minotauro* (*semibos*), o monstro que se nutria de *carne humana* e foi encerrado num labyrintho para que não assolasse tudo, devia ter sido calcado sobre o modelo *Boschiman* (*bos seminis*), e não foi, portanto, mera phantasia. O corpo do filho de *Pasiphae* era de *homem* e a cabeça de *toouro*, mas por *taurus* se designa um *instrumento de tortura* e uma *ave de rapina* (alcaravão). *Taurus*, diz o mesmo que *raiz da arvore*, e não precisamos repetir que todos as genealogias modernas se prendem aos selvagens de Guiné. O *escaravêlho* (*taurus*) que se serve das azas para procurar os esterquilinios, lembra as civilisações, cujos vôos ras-teiros não evitam a podridão, como nos prova a historia de todos os tempos.

Sabemos agora o que nos quizeram informar pelos termos geographicos citados, — *Abu e Kehm*, mas vejamos o que nos diz o vocabulo *Panopolis*, dado tambem como designação á comarca egypcia. Em *Panopolis*, descobre-se o nome de *Pan*, ou do *terror panico* (*panicum*) e tambem o dos *Pamiscos* ou semi-deuses silvestres.

A deusa que abriu as portas do templo de *Janus* chamava-se *Panda* ou *Ceres*, e por este symbolo são

figurados os homens *cor de cera*, que foram a maior calamidade dos tempos antigos. Falou-se muito no templo do *deus bifronte*, que *abria as portas* nos periodos de paz; mas *pandere ostias*, é *hostias aperire*, ou *consultar as entranhas das victimas*. *A paz*, queria dizer o *silencio do espanto* (pax!) que nos lembra a de Varsovia; e *pax*, convisinha pelo sentido com *permissio* (entrega) que nós chamamos *rendição*. *A licença* (licentia), ou immoderação na liberdade, traduz-se tambem por *pax*; e deste modo nos dizem que, quando cessava o *accommettimento*, abria-se o quadro dos abusos, já proclamados pela palavra *Abu*, ha pouco examinada. Encerrada a representação da *tragedia*, vinha o da *pantomima*, em que a *barriga* (pansa) fazia o papel de *centro*, e os *Satyros* (Panisci) o de *galan*.

Desde então a cidade posta sob o jugo tornava-se como um *panno remendado* (pannus) que lembra as tapeçarias feitas á ponta de agulha (acu variare tapetia). Ora, a *agulha* dá a forma dos obeliscos, e estes monumentos terminavam por uma *lanterna*, que era a *militar*, levada pelos soldados na ponta de uma *lança*. O vocabulo *obeliscus* formou-se por adjuncção do termo *obire* (ir em roda, cercar, morrer), e *elixus* (cousa obtida por compressão). Assim as celebres columnas solitarias rememoravam o *sítio* das cidades, que cahiam pela força no poder dos Pelasgos. Não devemos omitir que *pannus*, fala de *tumor erysipeloso* (ignis sacer), e da *espiga de paniculos*. *Bacchus* occupa, portanto, a scena, pois *ignis sacer*, é tambem o nome do *estro*, assim como *erysipelas*, fala dos *pelouros de bronze* (aeris pella).

Liber abria a marcha, *Pan* dava a mão a *Janus*; *Ceres*, que occupava a retaguarda, vinha descerrar as

portas do *templo da paz*. Não tarda a vez de *Panurgia*, a qual, como se sabe, representa o *embuste* e a *velhacaria*. E' ocioso accrescentar, que, antes de encetada a empreza, haviam sido consultadas as *aves de bom agouro* (*pantagathi*), que seriam os *ventres acastelados* (*pantices cati*) prepostos ao governo das multidões mosqueadas como as *pantheras*.

O *Pantheon*, que era um templo consagrado em Roma a todas os deuses, guardou a memoria sobre o deus *Pan*, mas para o tempo de Agrippa, o *terror panico* era companheiro dos poetas satyricos e mordazes (*Theoninus*) ; e a *Rotunda*, que está hoje no lugar occupado pelo antigo edificio, recorda por sua fórma espherica (*orbis*) as façanhas dos selvagens africanos, do mesmo modo que a *mesa redonda para comer* (*orbis libycus*). Si *orbis*, dá ideia de *magote de soldados*, o annexim latino *mutat quadrata rotundis* nos informa de que os *amigos das linhas curvas*, emigrados da Africa, *transtornavam tudo* quanto incidia sob os olhos esguelhados.

A *Jupiter*, quando invocado em todas as linguas do mundo, deu-se o sobrenome de *Paxomphaeus*; mas *sermo* (idioma) tambem significa *pratica*, e *omphalos*, é o nome do *umbigo*.

Deste modo, o *pai dos deuzes* é proclamado como o *ponto de partida* e o *centro* (*umbilicus*), de todas as *conversações*, assim como a origem dos *usos* e das *praxes* (*praxis*, idioma), que vigoraram depois. Para não prolongar a analyse, diremos, em summa, que *Panopolis*, o nome do districto egypcio, resolve-se *morphica* e *lexicamente* em *Panis oblisus* : *pão amassado pelo deus Pan* ou pelo *pavor*, e *flor de Pan* (*Panos pollis*). A referencia, que se faz ao *pão*, já foi considerada mais longe ; diz-se

por essa imagem, que a *farinha branca* ou o *trigo mimoso* (*pollis*), da raça culta, foi submettida a uma pressão violenta, e não teremos esquecido o forno dos ethiopes, que funcionara em *Ten*.

Como dissemos, adorava-se em *Panopolis* o deus *Min* ou *Khem*, appellidado *Pehrer* ou *Pehres* (corredor). Como *Kem*, designe a *raça do corredor* (semen *semitæ*), tão propriamente chamada *semitica*, mas que pôde também ser designada pelo nome de *aryana*, allude-se agora aos negros *rapidos na carreira* (corredores), que andaram daqui para alli (*Pehres*, pererrare), e por *Pehres* faz-se menção das *armas peregrinantes* ou das trombetas (*peregrinum aes*). Lembremo-nos, entretanto, do *arco* ou abobada, que figura como emblema de *Janus*, também chamado *corredor* (*janus*); mas o curioso é, que se encontra na lingua dos *Guaranys* sob a fôrma de *minó*, o deus *Min* dos egypcios. *Minó*, falla de *fornicar*, palavra que se prende evidentemente a *fornicare* (fazer em arco ou abobada), sendo que *fornix*, encerra a ideia expressa pelo vocabulo guarany (*prostituta*, alcouce). *Min*, nome do deus egypcio, é o mesmo vocabulo donde se tirou *Minos* (divindade do inferno), e *Minois* (Ariadne, filha de Minos, mulher de Bacchus); mas por *minare* (pastorear o gado), que exprime a noção de *ameaçar*, travamos conhecimento com essa raça de nomades ou pastores (*bucolici milites*), que passaram dos campos para as cidades, aonde trocaram o *cajado* pelo *sceptro* e se converteram em *pastores dos povos*, segundo a expressão de Homero. Como se falasse no *bronze* ou nas armas, a proposito de *Pehres* (*aes*), acha-se uma phrase latina, que é como uma sentença proferida pelas victimas contra os algozes : *aes alienum minuere* (pagar as

dividas pouco a pouco). Effectivamente, os Pelasgos vão paulatinamente restituindo o immenso capital de que se apropriaram sem direito, e por isto se imaginou um *pecado original*, que pesa ainda sobre a cabeça dos innocentes. Para apagal-o, instituiu-se o *baptismo*, mas a historia do Latium nos mostrará que elle póde ser applicado de modo asphyxiante, como aconteceu ás victimas da revolução latina, nas aguas do Tibre.

Por *minium* se designa o *vermelhão*, e com um similar dessa substancia é que se tingiam os nossos *Tupys* ou *Guaranys*, como em memoria dos lybios e dos phenicios (pheniceus), que eram primitivamente dessa côr. O mesmo arrebique apparece nos *titulos das leis* (rubrica), e estas foram esculpidas em *taboas de bronze* (a côr primitiva dos ethiopes), de modo que a ideia de legislação se prende á de *África*, segundo nos prova ainda o nome do vermelhão (cinnabaris), que falla de uma cidade (Bare) do continente negro, emquanto *cinnus*, allude ao *annel de cabello* ou á carapinha dos nossos antepassados de Guiné. Por outro lado, *sínope* (vermelhão) depõe sobre os *roubos* e *velhacarias* (Sinis, Sinon), sinão *perjurios*, que entravam na moral dos ethiopes (ethus), e *opes*, é o nome do *poder*, mas unido á posse da *fortuna*. Si enfeixarmos as noções que nos são fornecidas pela comparação morphica e lexica das palavras examinadas, acharemos a prova de que os ethiopes escreveram as suas leis com a escuma da purpura (purpurissum), mas o espirito dos codigos (anima purpurea), foi sempre *sanguinario*, razão por que se tingiam de vermelho as respectivas epigraphes. E como a raça que occupava socialmente posição inferior era, comtudo, a base do *poder patricio*, a palavra *rubrica* nos avisa de que os homens vermelhos (rubra

gens) estavam em relação aos *ethiopes* (gens furva), como uma parasita que se enrosca ao tronco do *arvoredo* (plica, plicare).

Assim, o deus que se adorava em *Panopolis* lembrava, por um lado, os *ethiopes* (aes), e, por outro, os *lybios* (minium), e dahi a razão por que, além de outras, se deu a *janus* (corredor) duas frentes oppostas. E' o *corredor* uma passagem entre dous lados (semita), e por isto *Pehres* ou *Min* recebeu o nome de *Khem* (semen, semita). Mais tarde deu-se a *Janus* quatro frentes, e a explicação cabal do facto acha-se a principio na transformação de uma *açinhaga*, em *espaço do universo*, cujos pontos cardeaes foram occupados pelos Pelasgos. Tambem os *passadiços* offerecem quatro lados distinctos, si attendermos para o *sólo* e para a *abobada*.

E' de presumir, que na campanha contra os brancos, os *lybios* estivessem representados por uma parte muito inferior (minimum) ao seu numero effectivo.

Como os Pelasgos sejam comparados aos *cardos*, que apparecem em todos os *caminhos* (semita), achamos por *centum capita* (cardo corredor) a idéa de *cem cabeças*, mas elevadas ao *cumulo* (caput) ou á *raiz quadrada* (dez mil), e esta noção combina com a de *porcinum caput*, sempre referida ao mesmo povo. Assim o exercito pelasgico contaria *dez mil homens*. *Minimum*, poderia induzir em erro sobre a cifra real dos soldados *lybicos*, si não traduzisse uma ideia differente de *minus* (menos), isto é, a de *elevantar-se*. Ora, *ameaçar* (minari), ou prometter muito, diz pela phrase — *minis aliquem insequi*, o mesmo que — *contar pelas barrigas pelladas* (mina ovis). Já se vê que o *elemento inferior* (minor), do exercito, não incluia *ethiopes*, pois que estes são representados

pelo pello (*setae*), e *pilus*, significa *centuria* ou *legião*. Os *primipilos* (*primi pili*) eram centuriões das primeiras esquadras dos triarios tirados da gens ou da aristocracia de sangue, e por isto *seta* (pello) diz o mesmo que *linea* (ordem, graduação, rego que separa). Já vimos no Oriente, e vel-o-hemos no Egypto, como procediam as familias patricias, cujos chefes ficavam ociosos, enquanto os filhos apprehendiam novas conquistas. O exemplo vem de longe, da Africa, e dissemos mais tarde como o *soldado* transforma-se em *patricio*, e o *patricio* em *sacerdote*.

Devemos dizer uma palavra sobre o mytho de Pan, pois o nome desse deus está ligado ao de *Panoplis*. A divindade que presidia aos campos e aos rebanhos de toda a especie foi confundida por muitos com Sylvano e com Fauno; mas o filho de *Demorgogon* deve trazer-nos á memoria a *centopeia* de *Ten* (*seps*, *daemon*), *instrumento* (*organum*), que foi das *furias* de *Bacchus* (*ogygius* deus), e emula dos *Bacchantes* (*ogganire*). A *musica*, de que elle era executor emerito, rompeu naquelle nomo do Egypto com a *organica machinatio*, em que os *instrumentos* produziram os sons compativeis com sua natureza (*organa vocis*), selvagem e viciosa. Por *machinatio* se entende não só o apparelho mechanico que produz qualquer artificio, como os ardis e trapaças de que o *Ethiope* nos apresentou os primeiros modelos victoriosos. A *flauta* de *sete canudos* (*septem compacta cicutis fistula*), que figurava sempre junto aos beijos de *Pan*, lembra o *pilão do pasteleiro* africano (*fistula*), applicado sobre o redil de *Ten* (*septa Thenae*), sendo as *ovelhas asiaticas* reduzidas á massa informe, carbonisada, em virtude dos *ajustes* (*compacta*) celebrados por aquelles que são comparados justamente á herva venenosa, co-

nhecida pelo nome de *cicuta*. Por isso *cicuta*, também significa *flauta* ou *canna*, e os beijos que se ajustavam ao instrumento mortífero são a voz da consciencia que mal se ouvia nesses animos selvagens, para exprobrar o crime abominavel: *haec ego mecum compressis agito labris*, como dizia Horatius. *Pan*, refere a fabula, perseguiu a *Syrinx* até ao rio *Ladon*, onde esta *nympha* foi transformada em *canna*, da qual o deus fabricou sua primeira flauta. Sabe-se que *syrinx*, significa *fistula*, e também *galeria subterranea*: a *fistula* é a chaga profunda que mareja sanie, reivindicada pela diathese morbida da raça mestiça (*persequi fistulam*), e os homens de hontem como os de hoje debalde inquirêm sobre a origem de seus males e tormentos. A *galeria subterranea* faz allusão ás riquezas de nossa nova organização, que vivem escondidas como o ouro das minas, e *metallum* (mina) fala de uma *luz que está na mó* daquelle mesmo pasteleiro, ha pouco designado pela palavra *fistula* (*lumen toli, lumen metae*).

Não precisamos accrescentar, e mais tarde nos dirão, que essa luz foi o *incendio* cujas labaredas se reaccendem cada dia na alma dos individuos e dos povos. A *nympha* é, portanto, a *crysalida* que se armou de azas e ainda voeja ou a borboleta que pousava no hombro do *genio Rhodio*, rememorando a primeira *barraca de guerra* (*papiko*), tornada instrumento indispensavel da musica pelasgica. *Ladon*, nome da *nympha*, resolve-se em *latus omnium* (amigo inseparavel de todos), e ninguém desconhece que os nossos *pulmões* (*latus*) aspiram com delicia na atmosphaera esbraseada e fumosa dos campos de batalha. Vamos produzindo variações de flauta sobre um mesmo thema, a *guerra*; e si o *mundo se move por*

musica, não ha duvida que *Pan* é e será sempre o regente da orchestra.

Os poetas deram a *Pan* um rosto afogueado, cornos na cabeça, o estomago coberto de estrellas e a parte inferior do corpo semelhante á de um bode. Quanto ao *fogo do rosto*, elle traduz o estado de ira ou os accessos de *furor bacchico* a que estão sujeitos todos os descendentes do *deus* egypcio. *Facies inflammata*, restitue-nos o *aspecto* da primeira maravilha, creada pelos antepassados da nossa raça; referimo-nos ao *incendio*, ateadado de proposito, para fazer victimas. Os *cornos na cabeça* representam as *alas do exercito ethiope* (cornu), e por *caput* (cabeça) não só se allude á *origem do poder militar* como ao *estado mental* de nossa humanidade, quando se agita, como epileptica, aos sons das *trombetas de guerra* (cornu). As *estrellas no estomago*, dão a entender, que a *influencia maligna* dos Pelasgos [(sidus) reside na *barriga* (stomachus); e que para satisfazer o *appetite* os Lybio-ethiopes são capazes de ir aos astros ou percorrer todo o mundo planetario. Ao *ventre* mirifico de nossa especie apenas sobreleva o espaço que se desdobra sob as nossas cabeças, e *tudo* o mais lhe é inferior em brilho e magestade. Os *pés de bode* denunciam as *ligaduras* do homem moderno com a *cabra africana* (tenacia); e sabe-se que esses animaes gostam de ascensões perigosas, á maneira da vaidade pelasgica, sempre prompta a emprehender viagens pelo *mundo da lua*. A *cellula caprina* adheriu fortemente ao cerebro (tenacius retinere), de todos os habitantes do planeta, por cujas veias correm os globulos de sangue africano.

Na lingua dos Gregos, *Pan*, é *tudo*; e digam aquelles que observam os homens e as sociedades, si o *pão* e o

mêdo (panis, panicum) não são os artífices da machina do mundo. A esses dous fautores do progresso, que são também da decadencia, Bentham chamaria *penas e recompensas*; mas a verdade é que, estimulando pelo *interesse* ou submettendo pela *ameaça*, puderam os governos de todas as epochas manter essa cohesão superficial, que fracamente impede a desaggregação dos atomos no organismo das nações. *Pan* reina sobre os *pastores*, porque inspira os *conductores dos povos*, e sobre os *rebanhos*, porque a humanidade, dizemol-o tristemente, compõe-se de *gente vil* ou destituida de senso moral (grex). Ha muito quem deseje converter o mundo em vasta *padaria* (panificium), e si todos os homens luctam para *ganhar o pão*, ninguem fixou ainda definitivamente o methodo de obtel-o sem trabalho. *Panis*, significa também *massa*, e esta palavra é como um prenuncio das calamidades que serão determinadas pela conquista do alimento essencial. *Massa*, diz *chaos*, e olhemos para esta vasta extensão de terras onde os elementos se conflagram, offerecendo o aspecto de uma immensa fornalha, em que tudo se aquece, menos a quantidade de *pão* necessaria para poder prover ás necessidades do maior numero.

Seguia-se na mesma margem direita do Nilo, Pahornub, no nomo de *Dum* (Antaeopolites), cuja historia primitiva vamos succintamente traçar. *Pagus*, equivalente de *nomus* (comarca), também significa aldeia, e *nub*, faz referencia aos *Nubios*. *Pastor* ou *aldeião nubio*, eis o que nos diz o vocabulo *Pahornub*. Por *pacta nuptiorum* designava-se o ajuste de casamento. Houve provavelmente uma *composição* (pagere), entre os vencedores e os vencidos (compositio) depois dos acontecimentos que temos

referido. Por *matrimonium* (casamento) se indica a *paga* pela qual foi obtida a paz com visinhos turbulentos, e é o que afinal se exprime por *dos* ou por *tabulae sponsales*. Recorreu-se a uma convenção (*tabula*), e sabe-se que *sponsio*, significa o *tratado feito pelo general*. A legenda conta que *Romulus* escrevera a seus visinhos pedindo-lhes *mulheres*, mas que lhe foram recusadas. E' que para esse tempo as *nymphas* (*nympha*, noiva) tinham desaparecido, para dar logar ás mulheres varonis e carrancudas (*bello metuenda virago*); e por isto não nos devemos admirar que os povos solicitados pelo salteador romano não pudessem acquiescer ao pedido ou fornecer noivas agradaveis (*nympha*).

Essa anecdota prende-se ao acontecimento que relatamos : os Ethiopes, na faina de clarificar a raça, não queriam desposar as negras africanas, e recorreram ao elemento asiatico para manter impollutos os braços da sua casta. Ora, no Latium aconteceu exactamente o contrario, pois sabemos que as formosas Sabinas eram as mesmas *Boschimans* (Sab), cuja descripção physica feita pelos viajantes já mereceu a nossa attenção. Como o antigo typo da anã africana já houvesse desaparecido da Italia, graças á fusão progressiva dos Pelasgos com os brancos, não foram encontradas as *mulheres* (*mulae aeris*) *cór de bronze*, que seriam pedidas em casamento pelos bandidos do Palatino. Foi preciso pacificar a *nympha* Nubia, a que se dá o nome de *Hersilia* ou de *deusa da mocidade* (*pacare Horam nubilam*), para que Romulo não permanecesse solteiro. *Hersilia* é a *filha de Atlas* (Ia), que se distinguia ainda pelo seu *nariç rombo* (silo), mas que tinha sido elevada á casta das *matronas* (hera). *Hera* diz o mesmo que *soberana*, e designa a *Juno* grega. O *rpto das Sabinas*,

em Roma, corresponde ao que praticaram os Ethiopes no Egypto, como já ficou exposto.

Duw (como se chama o nomo) relata que a região usurpada por meio de um pacto ou convenção foi regida por um *duumvirato*, e já se vê que os *consules romanos* não eram mais uma novidade, quando instituídos após a queda da realeza. As *Duodecim*, como foram designadas as *Doze Taboas*, vieram naturalmente do Egypto para a Grecia, e dahi para Roma, como aliás faz suppor a tradição. E' preciso dizer o mesmo dos *doze signos do Zodiaco* (*duodena mundi astra*), inventados no Egypto, como outras provas tornam indubitavel. Por *Duw* não se deixa de alludir á gente que se comparava com a *visão* (*tuor*), e della sahiu a classe dos *optimatas* ou *patres* (*oculus*, *lumen*). Não precisamos notar que aquella designação geographica tem morphicamente o mesmo valor de *duo* ou *tuo* (*duum*, *duorum*). Partindo-se de *lumen*, *tuor* e *aspectus* (*vista*), chega-se sempre, conduzido pela raiz das palavras ou pela significação destas, a diversas indicações, já conhecidas, sobre os conquistadores do districto egypcio. Uma phrase, que parece feita para o caso, nos é fornecida por intermedio da voz *aspectare* (*ver*), e é a seguinte: *collis aspectat arcem*. *Collis é teba* (*outeiro*), vocabulo que entrou, como dissemos, na formação do nome de *Thebas*. Assim, si o *outeiro*, como ahi se diz, ficou fronteiro á fortaleza, signal é que os occupantes da aldeia egypcia são os mesmos a quem se applicou o proverbio: *arcem ex cloaca facere*, e que mais tarde occuparam os *sete montes de Roma* (*septem arces*). O *phantasma* ou *visão* (*visum*), de que tanto se occupam as legendas antigas, está, portanto, assentado no districto de *Duw*, e os respectivos

habitantes poderão dizer mais uma vez, comparando o passado com o presente: *visum est diis aliter* (os deuses resolveram contra nós).

Esse nomo é também chamado *Antaeopolites*, palavra que vamos examinar de relance. O mytho de *Antaeus* apparece pela primeira vez no logar de origem: trata-se do gigante, filho da *Terra*, que foi suffocado por *Hercules*.

Conta a fabula que *Antaeus* foi habitar nos desertos para matar todos os transeuntes, porquanto havia feito voto de erigir um templo a seu pae, *Nepturus*, formado todo de caveiras de homens. Hercules combateu com esse gigante e por tres vezes o derreou, porém debalde, porque a terra, mãe do vencido, lhe ministrava novas forças, apenas este a tocava. O sobredito heroe o levantou para o ar e o afogou. Os factos narrados passaram-se na *Lybia*. Diz-se que a terra era mãe de *Antaeus* porque a esquadra de soldados ou o exercito do paiz (terrae globus) foi a *origem* ou o ponto de partida dos *salteadores* (bucolici milites) que talaram o mundo.

O gigante foi habitar nos desertos, porque a *vida solitaria*, tal como ainda se manifesta entre os povos modernos, é uma criação dos *Ethiopes* (in solitudine vitam agere). *Solitudo*, também significa *desamparo*, e tal era a situação primitiva dos homens, que foram acolhidos e tratados benevolmente pelos brancos.

Foram elles também, que crearam a propriedade individual, e, portanto, dos *marcos divisorios* (stipes desertus in agris). Por *stipes* entende-se, além do *marco dos campos*, o homem *estupido*, e sabe-se que os negros da costa de Guiné nem sabiam communicar os pensamentos por sons articulados. Eis, pois, o gigante no *deserto*

(inter feras). *Gigantum fraterculus*, é o homem obscuro ou filho das hervas, mas a palavra *gigantes* formou-se por intermedio de *gignere* e *gansa* ou *ganta*, de modo que a raça dos patos ou gansos de Guiné está bem designada por *gigas*. Acha-se ainda em *gigas*, por *as*, a ideia de *pouco valor* e tambem de *legado* (haeres ex asse), porque os negros da Africa foram os herdeiros universaes de todas as riquezas do globo. E' preciso procurar nos monstros do Nilo a *marca dos asses romanos* (signum assis), e no pensar daquelles que os conheceram, não valeriam mais que um *vintem de chicharo* (ciceris as).

A *gente de pouco valor* (ciceris as) é a que figura com o nome de *gigantes*, mas a explicação da *forma desmarcada* acha-se na palavra *altus*, que significa *elevado*, e, ao mesmo tempo, tão *baixo* como as *cousas profundas*. O *dissimulado*, chama-se *altus*, assim como o *soberbo* e *arrogante*, e pois que os *Boschimans* foram *nutridos* e *criados* pelos brancos, a palavra latina tem mais uma vez applicação aos consocios de *Antaeus*. Não esqueçamos, entretanto, que, segundo a fabula, os *Gigantes* eram filhos monstruosos da terra, e *Antaeus* quiz erigir um templo todo feito de caveiras humanas, como si os *Tupis* ou os antigos *Mexicanos* se houvessem transportado para a Africa.

O mytho de *Hercules*, que se oppõe ao de *Antaeus*, versa sobre os empregos e trabalho do mosquito lybico. *Dom Mosquito*, eis em que resolve o nome daquelle famoso personagem (hetusculex). O semi-deus derrubou, entretanto, o seu antagonista, que era um *pato* ou cousa ainda de menor valor. *Derrubar*, traduz-se por *humo sternere*, e esta phrase vale pela nossa: *estender pela terra ou pelo mundo* (patere). O pequeno insecto, filho da humidade,

andou effectivamente *cobrando* (*sternere*), ou *saltando* (*salire*), por cima daquelles que o empregavam á guiza de *guarda-sol*. E' certo que os *Lybios* constituíam a multidão ou a bagagem dos exercitos pelasgicos, porém mais tarde *estenderam* (*dejacere*, *patere*) a propria influencia e se tornaram patres. Entretanto, convenhamos, si *dejacere* e *sternere* significam *espalhar*, *dilatar*, traduzem tambem a ideia de *derrubar* ou pôr em terra; e a *força bruta*, personificada por *Hercules*, semeou a terra de destroços ou accumulou ruínas por toda parte. Assim, quando se diz que *Hercules* subjugou o gigante, que estava no deserto, devemos entender que elle tirou-o da posição *solitaria*, mas dançosa, em que permanecia, prestando-lhe novas forças. E' por isto que o salteador cobrava novo alento todas as vezes que tocava a terra. As forças de *Ataeus* eram restabelecidas pela *terra*, porque *Ops* é a mesma *Cybele* (mãe dos mortaes), e *cybaea*, designa um *navio grande de transporte*, assim como *velle*, se diz de quem *consente*. *Velle cybaeam*, ou *querer o navio*, corresponde exactamente a um *acto de submissão* para aquelle que serve de vehiculo, como acontecia aos lybios em relação aos seus amos, e ambos, afinal, transpuzeram os mares e invadiram todos os continentes. O *navio* (*currus*) é tambem a *carroça*, e já encontrámos os *Lybios* fazendo as vezes de *bagagem* (*vas*). *Tangere opem* (tocar a terra) é tambem *espancar aquelle que nos serve de auxilio* (*ops*), e assim a *força* que se dobrava ás injuncções dos *patres*, dava vigor sempre renovado aos excessos de autoridade, ou ás violencias da classe dominante.

Não conseguindo abater o seu emulo, *Hercules* *suffocou-o* levantando-o para cima; mas *strangulare spiritum vitalem*, é comprimir o ar expirado por *alguem*, como se

faz nos osculos e abraços. *Obstruere spiritum*, é *construir ao lado um espirito*, e como este era o de *Antaeus*, conclue-se que os *Lybios* talharam todas as suas construcções sociaes e politicas pelo molde de seus emulos, de cujo genio se impregnaram. E' verdade, porém, que de tempos em tempos os companheiros dos *Ethiopes* armavam revoluções contra os governos pelasgicos, e por consequencia pôde-se dizer que elles *obstruiam a liberdade de seus contrarios*; mas, como fossem meros imitadores, davam maior impulso e mesmo glorificavam os feitos do patriciado. *Tollere in caelum* (levantar para cima), querendo suffocar, eis o fundo mesmo da historia dos povos; e devemos convir que nenhum partido politico faz outra cousa, quando corporifica na pratica as theorias da opposição.

A circumstancia de ser *Antaeus* filho de *Neptunus*, nos adverte de que os invasores daquella cidade eram *netos* (nepos) do salteador da Africa (*Lybia*), e que elles já haviam attingido as proporções de grandes peixes do mar (*thunus*). *Nepotes*, se diz dos *descendentes*, e tambem dos *libertinos* ou dissipadores; e convem assignalar que aquella palavra latina agglutinou os termos *nepa* (escorpião, caranguejo), e *potestas* (dominio, senhorio). Pôde-se, portanto, avaliar da estimação em que era tido pelos antigos habitantes de *Antaeopolis* o poder exercitado por esses mestiços atrazados e veneficos. *Antaeopolis*, em summa, significa o mesmo que *pollis Antaei*, progenie ou geração de salteador.

Mais longe se dirá como os *Lybios* sobrepujaram aos *Ethiopes*, resultando dessa revolução, já o renascimento da raça mestiça, já uma nova orientação politica, que concorreu grandemente para dilacerar a casta gover-

nante do Egypto e dispersar os Pelasgos por todas as regiões do globo. Ainda hoje é um enigma a etymologia do nome dado á cordilheira americana (Andes, Anti); mas para quem penetrasse nos mysterios da historia de nossa raça, seria facil a solução do problema philologico. *Anti*, prende-se a *antistes*, que significa *padre*, *chefe*, e, como temos dicto e repetido, o *pater* surgiu no Egypto, e por isto *agon* (padre) recorda os *feitos de Janos* (agonalis), ligados ao nome do *corredor* da Africa (Janus). Os *chefes* pelasgicos são comparados á *cordilheira*, que se cobre de neves; e essa comparação é justificada tanto pela *velhice* ou longa antiguidade dos dous objectos (antiquitas), como pela correlação morphica que se trava entre o nome da montanha e o de uma aldeia da Italia (Andes). *Mantua*, junto da qual demorava aquella povoação, tem o mesmo radical de *mantica* (alforge), palavra que traduz a mesma ideia de *pellis*, donde se tirou o nome dos *Pelasgos*. Quer por *pera*, quer por *pellis*, quer por *mantum*, se chega a restabelecer o nome historico daquelles mestiços (Pelasgus); mas pela palavra *mantia* se designa a *silva* ou *multidão variegada*, conhecida pela designação de *raça dos brutos* (silva, materia). *Rubus*, equivalente de *mantia*, nos informa sobre a côr *vermelha* (rubrus), dessa *sarça* ambulante, que veremos figurar na legenda do legislador hebreu (Moysés). A *roseira brava* (rubus) é como um symbolo da gente agreste, grosseira, que se propunha viver numa dita perpetua (in aeternâ vivere rosâ), isto é, na ociosidade, porque lhe repugnava o trabalho assiduo. Póde-se approximar o vocabulo *Anti*, do quichua *antia* (cobre), pois incontestavelmente os povoadores da America foram *homens vermelhos*, dados como pouco reflexivos ou levianos (aerius). O latim *An-*

taeati designa um povo *scytha*, e foi do continente asiático que emigraram os habitantes precolombianos do nosso continente. Por *antachates*, falavam os Latinos de uma certa *agatha*, e *Achates* (*agatha*) lembra-nos o amigo ou companheiro de *Eneas* (*par*), achando-se por *aeneus* a mesma ideia de *cobre* (*aes*) que nos foi dada pelo vocabulo quichua, e note-se que *aereus* (de bronze ou cobre) conduz ao nome do Egypto (*Aeria*). Por outro lado, *onyx* (*agatha*) nos representa a *neve* dos *Andes* (*nix*), e os *cabellos brancos* ou longa antiguidade da casta sacerdotal (*patres*), mas *nix*, diz por *nixus*, que os emulos da magestade dos picos altaneiros se adaptavam perfeitamente aos habitos dos *ladrões*. *Hercules ajoelhado* era chamado *Nixus*, e como *joelho*, se traduza por *genus*, ali se mostra a *geração lybica*, que veremos envolver-se em todos os acontecimentos do Egypto. Assim, *onyx* encerra uma noticia compendiosa de *Hercules espancado* (*oneratus Nixus*), e esta circumstancia deixará mais longe de ser um mysterio para os leitores attentos. Por *oxiscus*, se entende a *porca de S. Antão*; mas este nome, que é connexo ao quichua *Anti* ou *anta*, e repete o radical de *Andes*, resolve-se morpnicamente em *antiqua anus* (velha antiga), e esta expressão lembra o *deus bifronte* (*la anus*, *Janus*), que personifica o *corredor* da Africa ou o *Egypto*. Estamos longe de esgotar as deducções auctorizadas pelos nomes de *Antaeopolis* e de *Antaeus*, que nos levaram a tratar rapidamente de uma questão assaz debatida, qual a origem da palavra quichua *Anti* (*Andes*).

Seguindo sempre para o norte, encontra-se na margem esquerda do Nilo o nomo de *Buar* (*Hypselites*), onde se via a fortaleza de *Shashotep* (*Schôtp*). Si pro-

curarmos a significação historica desses nomes geographicos, acharemos em *Buar*, começando pelo primeiro, a ideia que os Latinos exprimiam por *bua*, *voz dos meninos quando querem agua*. As crianças de que se cogita são os *Pelasgos*. A *agua* que elles pediam era a mesma que estava na *origem da raça* (a fonte repetere), ou, em outros termos, os descendentes dos negros de Guiné queriam novas conquistas, para se approximarem do Mediterraneo (aquam et terram petere). *Buar*, diz phonicamente o mesmo que *viarius* (inspector dos caminhos), e os conquistadores do sul do Egypto pretendiam dominar a estrada que conduz para o littoral. Por isto se diz que os Ethiopes pediam *agua*, isto é, o elemento onde se formaram, como *gansos*, que eram, e por isto não cessavam na inspecção e visitavam a miudo os logares para conhecer os obstaculos que as cidades fortificadas lhes oppo-riam á passagem para o norte. Os Asiaticos, acautelando a propria defesa, haviam construido a *fortaleza* que era aliás um simples observatorio situado em um eminencia (arx), que vem designada pelo nome de *Shashotep* (Schotp). Essa *atalaia* (arx) recebeu o nome dos guardas ou espias que nella estavam vigilantes (otacustos castritepidi), os quaes, com o tempo, esmoreceram nas precauções tomadas (tepidus). Desde que a vigilancia se tornou mais tibia ou menos activa, os *carpinteiros ignorantes* (soterici), mas que se occupavam em açacalar as partasanas (materiarius) sentiram voltar o calor que se tinha amornado (tepidare), e assim, *Bacchus* (latex lyaeus) poud encanar-se dos campos para o Capitolio, como mais tarde a *agua* de *Lucillus* (aqua tepula).

A gente, que era comparada aos uros ou bois sylvestres (boaria gens), poud transportar para a cidade o seu

forum (forum boarium), e a *serpente* aquatica (boa, booa), poudes, por meio de novos arrochos, estrangular outras victimas, pelo processo que lhes era familiar, de assaltarem sem ser esperadas (bovinator). Em *Buar*, descobrese o prefixo grego *bu*, que serve nas palavras compostas para exprimir a ideia de *vasto*, *enorme*, *desmedido*. Estão, pois, indicados os *homens dos desertos* (Antaeus), ou que transformavam cidades florescentes em montões de ruínas ou em cemiterios (*vastitas Æthiopum*). São esses mesmos *Āryas* de que tanto se tem falado, attribuindo-lhes as mil qualidades que exornam os seus descendentes; e não esqueçamos que os Germanos se julgam os lidimos representantes dessa raça, que localisaram no centro da Asia, donde teria emigrado para o norte da Europa. A desillusão é terrível, mas não se poderá negar dora avante que os *Ārcarii*, chamados *Ārii*, por Herodoto, ou *Ārcades* pelas legendas gregas, são esses mesmos *bahuleiros*, empregados pelos Asiaticos do Egypto na guarda da fronteira contra os Lybios. Os Latinos chamavam-nos *arcarii* (bahuleiros), porque os *artifices risorum* foram os inventores das *canastras encouradas*, e como as prateleiras que mergulham na espessura das paredes (*riscus*) sabiam occultar o que lhes ia pelo intimo, revelando-se, finalmente, como hypocritas e filauciosos (*artifex*). Ainda hoje, o povo dá o appellido de *caixas encouradas* aos individuos matreiros e que se não deixam sondar pelos amigos. A ociosidade e o genio processivo dos Pelasgos nos são indicados pela palavra *schola*, approximada do nome geographico — *Schotp*, no qual se lê (tp) *tapes* (pannos de armar), noção já por nós considerada a proposito do mesmo assumpto. Por *tapulla*, se designava o *rei do festim*, e este era tirado dentre os descendentes dos negros

Ethiopes, como nos prova o vocabulo *pullum*, que fala de *cousas denegridas* ou fuscas, e em *pulla tabes*, se incluiu a ideia de *peçonha escura*, como a que apparece na *carie* (caries, *Car*, *Cario*).

O estrondo que faziam os Pelasgos em torno de cousas insignificantes, donde nasceu a phrase bem conhecida, de *soxivum tripudium*, assim como o epitheto de *Tonans* (Tonante) dado a *Jupiter* — está representado pelo vocabulo *vox* ou *sonus* (voz, som), pelo qual se traduz o termo *bua*, de *Buar*, mas approximando-o de *boare* (ber-rar, gritar muito). Por outro lado, na palavra *Boschiman*, acha-se o elemento *vox* (bos), mas aggregado a *simius* e a *manus*. *Linguagem de macaco traduzida por signaes* (vox simii manibus), eis o que se testifica pelo emprego daquelle nome ethnico.

Importa referir que uma das *filhas de Atlas* ou da cordilheira africana chamava-se *Ia*, e que pela voz *ia* exprimiam os Gregos o brado ou grito (clamor), emquanto os Gallos a empregavam como signal de dor (iya), servindo ainda de *chamamento para a guerra*. *Ia*, é a forma latina plural de *Ion*, e sabe-se, que este era o nome do chefe mythico dos Gregos, que estabeleceu uma colonia na Asia Menor. De *ion*, tirou-se o nome dos *Jonios*, e teremos mais tarde de repetir semelhante approximação para outras deducções historicas.

Os indianistas affirmam que a voz *karava*, do sanskrito, designativa do *corvo*, diz o mesmo que *gritar muito*. Ora, aquelle vocabulo indiano resolve-se em *abba Car* (pae Cario), de modo que o *mestre corvo* de La-fontaine já entrava nas praticas dos Orientaes antes que fosse aproveitada a ideia pelos fabulistas modernos. O *Boschiman*, que apontamos como o mais velho ascen-

dente dos *Carios*, é chamado *San*, mas este nome só pôde ser empregado como plural de *Sab*, na lingua respectiva. Lendo *sanies*, synonimo de *caries*, pela phrase *pluralis sanies*, se designa a *podridão composta de muitos* ou multiplice, que reina no mundo cario ou pelasgico. Já se vê que o *passaro grassnante* é o mesmo que ainda vemos atordoar-se com os panegyricos e louvores (sonare), que lhe fazem esquecer o proprio ridiculo. As *sonorae nugae*, de que falava o poeta latino, tinham pelo menos a virtude de amortecer os *remorsos da consciencia* (sontes stimuli), pois os conquistadores do mundo eram como a *gotta coral* (sonticus morbus), que faz andar a humanidade por saltos e tripudios.

Chega a vez do vocabulo *Hypselites*, cuja significação historica não deixa de combinar com o que tiramos de *Buar*. O *trovão de theatro*, a que ha pouco nos referiamos, e que apparece ligado ao nome de *Jupiter*, pôde ser representado pela voz *ipsillices* (Hypselites), que designa as *figuras de folha de metal*. Eram *laminas* empregadas nos encantamentos, tambem conhecidas por *ipsillices bracteas*, e por *bractea*, fazia-se menção da *farfallhada* (bracteae eloquentiae), ou do *falso brilho da eloquencia*. Os meios violentos de que se utilisavam os Pelasgos para se apossar da praça, como já dissemos, acham-se indicados por um dos termos componentes de *Hypselites* (elices), que fala das *acequias* ou regos aguadeiros, mas *sulcus* (regueira) dá ideia de *caudas igneas, cutiladas, gilvazes, raios*, emquanto *illex*, synonimo de *elices*, registra a ideia de *chamariz* ou de ave que serve de *negaça* para chamar as outras á armadilha. O *engodo* de que se trata era o parentesco existente, como se sabe, entre os Pelasgos e os Asiaticos; e desde que estes se

viam forçados a consentir na união de suas filhas com os mestiços do paiz (*hamata munera*), está claro que a confusão entre as duas raças tornava-se cada dia mais completa, em prejuizo da civilização antiga. Para escapar ao ferro ou aos *raios* de Jupiter, fazia-se mister offerecer presentes, e os mais appetecidos para os Pelasgos seriam as mulheres brancas, como se pôde deprehender da expressão citada: *hamata* (amata) *munera*, pela qual se designa, no sentido moral ou figurado, o *chamariç*.

Lembre-mo-nos, porém, de que *Illex*, era um dos sobrenomes de *Bacchus*, e significa litteralmente, *não ter leis ou viver sem ellas*. E' por isto que *Bacchus* foi chamado *Liber*, pois a liberdade para a nova raça consistia no desapego de todas as convenções humanas e no desprezo da moral publica ou privada. Os fingimentos e tretas dos Pelasgos não eram cousas de nonada; porquanto a palavra *lamina*, já indicada, tambem significa o *ferro com que se marcam os escravos*, e *carmen* (encantamento) indica o instrumento de *cardar lã*. A *confusão*, de que ha pouco falámos, entre os dous grupos dos habitantes do Egypto, brancos e mulatos, acha-se denunciada pelo termo *lis*, *litis*, que entra na composição do vocabulo *Hypselitis*, pois elle fala da *lucta entre os elementos*. Si *Buar*, dá ideia de *dous* (bi), *Hypselites*, encerra o nome da *cadeira curul*, e assim tem adequada applicação ao caso o annexim latino: *duabus sellis sedere* (sentar-se em duas cadeiras, comer a dous carrilhos). Diz-se positivamente pelo vocabulo *Buar* que a *sentina*, encarnada nos dous cortelhos (bi-harae, *Buar*) transportou-se para o sitio que escapara até então ás hostilidades victoriosas dos Pelasgos, ou que estes não tinham podido occupar militarmente. A *sella* ou throno dos Pelasgos, como logar

elevado, que era (*hypsoma*), faz referencia ao *poder* novo (*locus*), que se estabeleceu sobre as ruínas da liberdade antiga; e não precisamos dizer que desde então tivemos pragas constantes de *gafanhotos* politicos (*locusta*). Não é de duvidar que as *laminas* em questão, allusivas aos trovões pelasgicos, lembrem, por sua vez, a felicidade enganadora (*bractea felicitas*), de que entraram a gozar os povos com a instituição das magistraturas e dos governos. Taes inventos recordam a iniciativa pratica ou empirica, si assim podemos dizer, dos *Boschimans* (Sab, San), como demonstra o vocabulo *brathy* (herva sabina), approximado de *bractea*; e sabemos que aquella planta serve de emblema aos conquistadores da Italia. Diremos, afinal, que as *figuras metallicas*, tantas vezes mencionadas, mostram que os *costumes* (*schema*) não se alteraram profundamente desde os começos da existencia pelasgica; mas o *metal* da nova raça não deixa de ser malleavel (*aes ductile*), e proprio para todas as obras que demandam o emprego do martello.

LIVRO VI

A HISTORIA DOS NOMOS EGYPCIOS RECONSTITUIDA PELA GEOGRAPHIA: CONTINUAÇÃO. — ATHEUS DE DUAS ESPECIES. — O MYTHO DE BACCHUS. — O ARCO IRIS E A POLITICA. — A CASTALIA AFRICANA E AS MUSAS. — CONCEITO DA UNIDADE SOCIAL. — MINERVA. — FACTOS INEDITOS DA VIDA DOS PELASGOS. — O KORASAN E OS ARYAS DA AFRICA. — OS ANTIGOS E OS MODERNOS.

Ao norte do nomo de *Hypselites*, no alto Egypto, ficava o do *Ateu* superior (*Ateu kent*, *Lycopolites*), onde se destacava a importante cidade de *Saut* (*Lyconpolis*, *Osyut*). *Ateu*, é a mesma palavra latina *atheus* (individuo que nega toda a divindade). Por *ad* e *deus* (*atheus*), chega-se ao conhecimento de que a população desse districto egypcio, affastado a principio, como dissemos, de todo commercio com as *divindades pelasgicas*, cujos nomes já foram indicados, entraram finalmente em contacto mais ou menos estreito com ellas. *Deustus*, se diz de quem soffre *queimaduras* ou se *tisna*, e não podemos mais duvidar que os deuses pelasgicos tinham a propriedade de *queimar* e *denegrir*. Seneca chamava ao *ser supremo* mens universi (alma do universo), e é della que se trata, pois a intelligencia de todas as cousas creadas, desde a queda da antiga civilização asiatica, reside no espirito ou indole africana, que é como uma infancia perpetua companheira da caducidade.

Mens, diz o mesmo que *virtus* (ferocidade), e por *mensa* (ara, altar), chega-se a palavra *hara* (posilga). A raiz *men*, produziu, no portuguez, *mentira*, no francez, *mensonge*, no italiano, *mentire*, no latim, *mendacitas*. O inglez, *man*, designa o *homem rico* e o *criado*; o allemão *man*, fala de *soldado* e de *vassallo*. Não precisamos levar mais longe a indagação, para provar que as linguas dão testemunho da condição positiva dos Pelasgos, assim como do character moral predominante de nossa raça: o *embuço*, a *hypocrisia*, a *impostura* (*mendacium*). Foi das margens do Nilo que sahio o genio, a alma do universo, isto é, do conjuncto dos homens e das instituições, que vieram da selvageria africana. Os antigos tinham a phrase — *dii illi mortuo*, para qualificar os deuses nefastos, e que só podem ser uteis aos mortos.

Essa casta divina comprehendia todos os personagens que figuram nas fabulas e legendas antigas. Era delles que não se queriam approximar os civilisadores do Egypto (*deos non propius contingere*).

Com o radical de *deus*, formaram-se as palavras, *deutérias* (agua pé, zurrapa) *deuti* (abusar, commetter deteriorações). *Deutier*, é synonymo de *secundus* (feliz), mas aquelles que acolheram a serpente ethiopica, ficaram em *maré vasante* (*secundu mari*), ou formaram a classe dos escravos (*secundum genus hominum*). *Aten kent*, como tambem designavam a comarca egypcia, resolve-se em *atheus gentilis* (atheu collateral), denominação esta que tão rasoavelmente se pôde applicar aos *vencidos*, como aos *vencedores*. Aos vencidos, porque não prestavam credito aos phantasmas da imaginação, e sabiam por experiencia propria quanto todos os deuses

são *más companhias*; aos vencedores, porque confundiam a divindade com a exuberância do egoísmo, e punham-se no lugar della, como formas contingentes do absoluto, para contrafazel-o. A casta mestiça desprezava os seus mestres e protectores, que estavam reduzidos á escravidão; e a raça branca precisava de affazer-se á nova situação humilhante, creada pela conquista pelasgiça, para não deixar perecer nos seus amos a causa da civilisação antiga. Os civilisados deviam escolher entre a escravidão, que lhes adviera fatalmente, e a selvageria futura do planeta: preferiram a condição despresível, que lhes facilitava a tarefa redemptora, executada com perseverança e abnegação, de modo que a nossa raça poudes escapar em parte á invasão da noite africana. A collateralidade desse atheismo, que suppõe um antagonismo original de raça e de civilisação, apparece nos mythos creados pelos nossos antepassados da familia asiatica. *Aten kent*, lembra os *Centauros* (kent, cent), monstros que eram meio homens e meio cavallos, e que symbolisam o progresso da nova humanidade, feito de *intelligencia* e de *inepcia*, de *razão* e de *animalidade*. A constellação de *Sagittario* (*Centaurus*), que figura numa das casas do Zodiaco, dá idéa desse mixto incongruente de *força* brutal e de *luz diffusa*, irradiada das estrellas.

Os invasores do nomo egypcio provinham de uma raça *centenaria*, e podemos represental-a com *cem cabeças*, pois os principaes de cada grupo que emigrava para estabelecer-se em novas cidades, não excederiam desse numero. Dahi as *centurias*, que foram a base da divisão do povo romano, e que representavam os *cabeças* do exercito invasor. E' que os centuriões capita-

neavam *cem soldados*, e dentre os chefes das *centurias* sahiram os *patricios*.

Essa gente formava o *centro* (*centrum*), ou ponto de convergencia para as massas selvagens que se abalavam de tempos em tempos, no fadario de acommetter as cidades e gosar de riquezas consideraveis, accumuladas pelos antigos habitantes do Egypto. Chamava-se *centrum capita*, o *cardo corredor*, porque esta planta apparece em todas as azinhagas, e lembra, por sua vez, a bem conhecida idiosyncrasia dos Pelasgos, cujo contacto era tão temido como o das urtigas e espinheiros. A *sarça ardente*, de que fala o *Genesis*, é o *espinheiro alvar*, que os francezes denominam *buisson ardent*. Os vestidos feitos de cem pedaços (cento), recordam a pelle dos mestiços africanos, que era mosqueada como a das pantheras, apresentando differenças de individuo a individuo; mas elles designam principalmente a *moral pratica* dos invasores, que se tecia de embustes e mentiras (centones farcire).

Ao lado dos chefes, cobrindo-os com a cortina dos peitos, marchava a tribu libyca ou vermelha, que se compara com os *mosquitos dos figos* (centrinos) e que se poetisa no mytho de *Hercules* (*culex*, *mosquito*). *Ficus*, é o *arbusto que nasce no mar*, modo por que se allude á *gente estúpida* (*frutex*), que nasceu nas proximidades do golfo de Guiné; e aquella palavra latina tambem faz referencia á enfermidade, que victimava os *patricios*, explicavel pela ociosidade em que estes viviam immersos (*ficus*). A *multidão de gente facinorosa*, foi designada entre os latinos pelo nome de *sentina*, assim como *sentes*, fala das *moutas espinhosas*, que nos põem diante da *tribu romana*, mencionada na historia

sob o nome de *Rhamnenses* (rhamnos). O nome geographico, a cuja analyse estamos procedendo, nos informa tambem que o nome de *Atem*, ficou ligado ou dependente do patriciado de Thebas (Atem kent, addere Thebas genti), e desde então não teriam cessado as festas que os gregos chamavam *theoxenias*. Como *todos os deuses* fossem nellas festejados, importa lembrar, que um dos termos componentes daquella palavra hellenica, falla de *hospedes* (xénos), e que por *hospes*, eram designados os *forasteiros* e *perigrinos*, na lingua latina, sem esquecer que *hospes*, é synonymo de *hostis* (inimigo). Por outro lado, *Bacchus* ou o *theoinos*, creára em sua honra as solemnidades chamadas *theoenias*, que lembravam os excessos da intemperança pelasgica, não inferior á dos antigos Germanos.

Passemos ao outro nome da comarca egypcia, *Lycopolites*. Em *lycophos*, acha-se a ideia de *romper d'alva*, expressão equivocada na qual se poz uma noção historica. A *alva*, que se rompeu, foi a *raça branca*, atassalhada a principio pela foice das tribus nomades, e este acontecimento liga-se, como sabemos, ao valle ou *corredor* do Nilo, segundo se prova ainda pelo epitheto de *Janus*, «matutinus pater». *Lycaon*, é uma especie de *lobo da India*, mas que sahiu da Africa, como se demonstra pelo duplo sentido da palavra *indus* (indico, ethiope). Aquelle quadrupede *mudava de cor como o camaleão* e ahi se vê uma allusão aos homens do *arco da alliança*. Não precisamos notar, que a voz *foedus* (alliança) é morpnicamente a mesma que fala de cousa *torpe, manchada, cruel e execranda* (*foedus, foedere*). As differenças de significação entre o substantivo *foedus*, e o adjectivo da mesma fórma *graphica*, explicam-

se pelo genitivo do primeiro, que junta á ideia de *torpe* a de *bronze* (aes, aeris), como para dizer-nos que a *alliança das armas* (aeris) nascera de um pensamento indígnou ou peccaminoso (foedus), como realmente aconteceu no Egypto.

O *candieiro*, que apparece no Oriente como symbolo do patriciado ethiope, está indicado agora pela palavra *lychnucus*, sendo que *xucus* é a mesma voz *nuculus*, pela qual se allude aos *jovens que se occupam com os brinquedos da infancia*. Trata-se da *tribu alalica* (infans), donde sahiram os *patres*, que brilham ainda como a *lychnis*, pedra preciosa que luz mais de noite que de dia. A noite pelasgica vive incontestavelmente do brilho das pedras magicas, as quaes seriam opacas num outro meio mais illuminado que o mundo creado pelos Ethiopes. *Lapis* (pedra) tambem significa *estupido*, e ninguem dirá que os rochedos abalados, mas não destruidos, pelas revoluções politicas, se distinguissem nunca pela intelligencia ou pelo siso. O *meirinho das moscas* ou o Libyo, que executava as tarefas inventadas pelo *Ethiope*, chama-se *lycos*, e não precisamos dizer que se trata de uma *aranha*. *Lycurgo*, o reformador de Esparta, é a mesma *aranha*, que vive inutilmente a tecer fios e casulos. *Lycopolites*, tambem faz menção de *politica*, mas sahida da mesma origem (copia, de *Lycopolites*), a que se prendem os *alfanges* (copis), os *taverneiros* (copo), a *chocarrice dos truões* (copris) e o *biscouto* (copta), em que os povos quebram os seus melhores dentes. Ainda hoje os *Coptas* do Egypto são os melhores instrumentos com que conta a politica estrangeira ou de conquista; e não perderemos a occasião

para dizer que os *caixeiros* e *escrivães* mais notáveis daquelle paiz descendem da raça ethiope, como nós outros; mas a lingua hebraica ligou-lhes, sem quebra da verdade historica, o nome dos *macacos* (koph).

As quatro cores, *fulo*, *negro*, *vermelho* e *branco*, que formam a escala chromatica da raça de *Janus* ou do *arco-iris*, apparecem na palavra grega *lycophthalmos*, e dizem que a *pedra*, assim chamada, é semelhante a um *olho de lobo*.

A *luz do mundo* ou universal, representada pela *gente excelsa*, comparada com os meteoros e com os astros, nos é indicada pela voz tambem grega, *lyx-nosomas* (luchnos, omas). Dá-se o nome de *lycopedon* a uma especie de *tortulho fetido*, e *lycopus*, é o *mar-roio aquatico*.

A doença em que se dejectam os alimentos mal digeridos chama-se *lycorexia*; e ainda hoje o nosso estomago intellectual não tolera sempre nem assimila ás mais das vezes os alimentos do saber, para reduzi-los a obras uteis. Podemos chamar tambem a attenção para o termo *polites* (de Lycopolites), que nos fala da *arte de governar*, não se devendo perder de vista que os *inventores*, se assim podemos dizer, da *politica*, foram os *homens ricos* (opes), que começaram a vida como *famulos* dos brancos, e chegaram ao poder e á fortuna pela usurpação e força bruta, não falando na traição. Foi esta a *flauta* (polyphthonga) que se attribue á invenção de *Osiris*, o chefe dos polyphagos africanos. *Polyphemo*, que perpetuou a memoria da pedra referida (olho de lobo), assemelha-se ao caranguejo das Molucas que recebeu o nome

do gigante, e é monoculo como o terrivel adversario de *Ulysses*.

Não é, pois, de admirar que a justiça seja cega, quando a politica, justamente comparada com a *flauta* de Osiris, tem os olhos furados, a par de um *interior vasio* ou *sem entranhas*, como é sabido. A politica do *lobo* começou pelo Egypto, e parece que desde então serviu de thema para a celebre fabula em que entra o *cordeiro*. O arbusto que produz sementes de sabor acre e de cheiro repugnante (*lycium*) é tambem conhecido pelo nome de *agno* (*agnus*, *cordeiro*), e já vimos que o *lobo*, em grego, *lukos*, mereceu designação especial na nomenclatura topographica do Egypto. Ora, o deus *Lycio* era Apollo, e como todas as divindades de origem africana, sahio da *floresta* (*lucus*); e se o comparam com o elephante (*bos lucas*), não é muito que o *agno* lhe houvesse servido de alimento, como aconteceu ao *cordeiro*.

Em moral, em politica, em religião, nós todos nos habituamos a trocar o *dia* pela *noite*, e por isso somos *lychnobios*. Naquelles e noutros assumptos, entretanto, o Pelasgo de hoje, como o de outr'ora, recorre, para edificação propria, ás adivinhações pelas *luzes* (*lychnomanzia*); de modo que um maior ou menor numero de autoridades ou *luzeiros* forma ainda para elle o que na idade média constitue o criterio dos sabios e theologos, isto é, o *magister dixit*, ou a opinião sagrada de Aristoteles, encyclopedista grego, a quem se liga o nome de *Lyceo* (de *lukos*, *lobo*). Acontece, porém, que *Lyceus* recorda o monte da Arcadia, consagrado ao deus *Pan*, chefe dos pastores; e pôde-se pensar que o illustre mestre de Alexandre está para

o seu tempo como uma *pedra preciosa* (lycophthalmos), que *brilha durante a noite*, mas sem perder a semelhança com o *castiçal* (lychnucos), que segura *vela alheia*. Os modernos só conseguem operar scientificamente sobre os dados antigos (candelas sebare), sem se elevarem nunca acima das alturas habitadas pelos *Faunos* (Lyceus); e nisto não somos mais felizes do que Aristoteles, para quem se abria o vasto thesouro do progresso antigo, bem que deturpado pelas gralhas da Grecia, de Roma e de tempos posteriores. Cicero, que procurou de longe imitar o papel de Aristoteles, e foi um dos condensadores da velha sciencia asiatica, trabalho em que dispendeu mais memoria do que genio, menos critica do que leitura, passa por fundador do *Lyceum* de Tusculum; e sobre elle poderiamos dizer que não *inventou as velas*, mas tirou dellas todo o proveito possivel em suas vigílias.

Informemo-nos agora dos factos que nos são deletreados pelo nome da cidade de *Saut* (Lyconpolis, Osyut). Em *sauciare* (ferir, matar), acha-se o sentido historico do primeiro nome geographico (Saut), e não se faz de mister maior esforço para ligar os acontecimentos, assim denunciados, ao nome de Bacchus (saucius merus). O termo *ant* (de *Saut*), fala de gente *independente* (authenta, liber), que era como *escripturas origixaes* em face dos *velhos documentos* da raça antiga, obliterados pela humidade do valle do Nilo. Demos-lhes, portanto, o titulo de *tabulae authenticae*. Os *salleadores famosos*, que pediam meças ao celebre filho de *Mercurius* (Autolycus), faziam parte da cruzada contra as cidades egypcias; machinas semelhantes aos *automatos*, os Pelasgos occultavam os

seus intentos homicidas, até que os movimentos lhes trahiam o segredo remoldado ou incubado. Foi no outomno (autumnus), que elles deram assalto á cidade do Egypto, e a estação foi bem escolhida, porque os *Ligueros* da Africa gostavam de recolher os fructos ensopados com o suor alheio. *Saut.* diz por *aut* (auctoritas), aquillo mesmo que se exprime por *uti*, isto é, a *posse bem adquirida* (percommode parta). Sobre esse titulo é que se fundava a *propriedade quiritaria*, adquirida pela *força da lança* (jus auctoritatis).

Os exercitos egypcios dessa época formavam-se com *mercenarios* (auctorare), e eram como caçadas ou batidas de feras (aucupium), em que a *cavilação* (aucupium) supria muitas vezes o denodo. Mas tudo era motivo de gloria, de vaidade, de expansões alacres para os Pelasgos; e por isto estavam sempre á espreita de todos os rumores, superstição herdada pelos nossos selvagens e tambem pelos civilizados de hoje (inanem aucupari rumorem). Passando ao vocabulo *Lycoopolis*, diremos que elle não nos offerece revelações ineditas, bem que o respectivo termo *icon* reproduza a noção ministrada por *saucire* (icere, ferir), e nos fale de um *retrato pintado ao natural* (icon). Já conhecemos os traços principaes dos *iconicos*, pelos quaes se quiz immortalisar os primeiros vencedores nos *jogos sagrados*; e sabe-se que o Egypto foi arena escolhida para os exercicios da força, pelos Pelasgos.

O nome de *Osyut*, dado á cidade de *Saut*, dá-nos noticia dos *mariscos de concha* e dos *mochos* do Egypto (otia, otus). Allude-se aos mesmos homens que viviam repousados em seus palacios (in otia tuta recedere), mas

que no seio dos ocios da paz não faziam esquecer os antepassados, que já descobrimos no Delta : referimo-nos ao passaro selvagem, a que demos o nome de *abetarda* (otis). *Otia uti*, bem empregar o descanso comprado pelo arco e pela lança, eis a preocupação dominante dos *patres*, enquanto os filhos iam emprehender novas conquistas e colligir despojos opimos.

Tantas vezes se nos tem deparado o nome de *Bacchus*, que é tempo de considerar o mytho respectivo como appendice da explicação historica fornecida pela analyse dos nomes geographicos. O *deus do vinho*, como mais vulgarmente é conhecido, descendia de *Jupiter* e de *Semela*, princeza thebana. Tendo morrido a mãe de *Bacchus* antes de trazel-o á vida, *Jupiter* o fez retirar do seio materno por intermedio de *Vulcano*, e pôr em sua casa, guardando-o nesse retiro até completarem-se os nove mezes da gestação. Desde que nascido, foi posto o deus entre os braços de *Ixo*, sua tia, que o criou sobre o monte *Nysa* (na India) com o auxilio das *nymphas*, até que elle pudesse receber a educação dada pelas *Musas* e por *Sileno*. Em sua infancia, elle pôde salvar-se dos perigos creados pelo ciúme de *Juno*, rival de *Semela*. Tornado adolescente, elle fez a conquista da *India* com um exercito de homens e mulheres, mas em vez de armas levava thyrsos carregados de uvas e tambores ; depois foi ao Egypto, aonde ensinou a agricultura e plantou a vinha. Do Egypto passou á *Phrygia*, e ahi iniciou-se nos mysterios da mãe dos deuses. Examinemos os dados que extractamos da fabula, pondo de parte o episodio relativo á guerra dos *Titans*, que pertence ao quadro de *Jupiter* ; e fique assentado serem as contradicções notadas na vida do deus pelos mythogra-

phos, mais apparentes que reaes. *Semela*, mãe de *Bacchus*, transforma-se para a historia em *arrobe da raça* (*seminis mella*), e essa bebida, extrahida das *lavaduras* da cera, lembra o que chamamos *alimpadura* dos Pelasgos. Isto mesmo se repete pelo segundo termo da palavra *Bacchus* (*acus*), e por *bacca* se allude já aos antepassados dos deuses egypcios (*bos*, *vacca*), já aos soldados de *Ten*, pois *bacca* é synonymo de *globus* (soldadesca, pelotões), e nos indicam ainda pelo mesmo vocabulo a cor *azeitonada* desses homens fermentidos.

O *fructo miudo*, designado por *bacca*, mostra que os auxiliares dos brancos eram de *pequena estatura*, e por *fructus* nos falam do feto ainda no ventre do *arrobe* (*Semela*), como para dizer-nos que o *deus futuro*, representado pela criança inviavel, offerecia nos primeiros tempes a fórma de um *macaco* (*simia*), mas tinha gestos e maneiras que mereceram honras de *poema epico*. E' o que nos diz *hepsema* (*epica schema*), nome do *arrobe*, e por *sapa*, que traduz a mesma ideia, nos indigitam o *Sab* ou *Boschiman* emigrado da Africa occidental, já elevado pelos seus crimes á hierarchia de *pater* (*abba*). O vinho cosido ou o *arrobe* (*sapa*) gerou os grandes homens e os heroes primitivos de nossa pobre raça; mas como *Jupiter* serviu-se de *Vulcanus* para desentranhar a criança promissora, do ventre materno, devemos lembrar que o parteiro escolhido personifica o mesmo *fogo* que transforma o vinho ordinario em *mosto cosido*. *Jupiter* recolheu á sua *coxa* o *deus menino*, porque elle é considerado pelos autores do mytho como *vacca podre* (*Io puter*), e *coxa* significa o mesmo que *flexus* ou *circuitio* (encruzilhada, corredor). Ora, *latebras praebere* (acolher), é *crear subterfugios* (*fraus*, *tergiversatio*), donde se conclue que

Bacchus toma a forma de *Jupiter* ou com elle se confunde na intuição do fabulista. A *vacca podre* ou corrupta é o mesmo *marisco de concha* (perna), que nos offerecem sob o nome de *coxa* (perna); e se analysarmos novamente o vocabulo *Bacchus*, elle nos patenteia semelhante assimilação pelo termo *bac*, que mal se disfarça na palavra *vacca* (Io). O *exercito prestes a combater* (acus) ora se manifesta sob a fórma de *Io* (vacca), ora de *Bacchus* (vacca); e, deste modo, os dous mezes que medeiam entre a *morte de Semela* e o nascimento do *deus inverecundus* ou *liber pater* representam exactamente o periodo que decorre, segundo os factos, de 11.005 a 11.007, da chronologia asiatica. Sim : *mez* traduz-se por *luna* (noite) e *nax* é synonymo de *tempestas* e por tanto de *tempus* (anno), approximações estas que nos confirmam sobre a exactidão do periodo contado desde os primeiros assomos da rebellião entre os *Boschimans* até á deflagração fatal. Durante *dous annos Bacchus* esteve na *concha* qual *marisco pródigo e cauteloso* (perna), mas a *bebedice* (vinum) cosia-se e recosia-se, até que se tornasse *arrobe*. Chegou, finalmente, o momento em que o *mosto* tomou *phantasia de vassoura* (humor siri), como nos diz a palavra *siraeum* (arrobe).

Em lingua phenicia *irk* (coxa), que tambem significa *polo*, é a mesma palavra latina *hircus*, que fala de *bode*. Assim, o *bode* se converte na *fera ethiope*, pois *axis*, designa um *animal feroz da India*, e *India*, traduz-se por *Ethiopia*. Os *Ethiopes* ou *Boschimans* são, portanto, assimilados ao deus que recebeu o epitheto de *Axites*; e por *cardo*, synonymo de *axis*, se designa o *ponto em que tudo se baseia*, sendo esta talvez a causa de nossa ignorancia sobre os limites das difficuldades (*res est in cardine*).

A vinda da tribu ethiope pelo norte está indicada pela palavra *axis* ou *polus* (norte), e como se falasse do *bode*, eis que pela expressão *axis Capricorni* se restitue a noticia sobre a primeira morada daquelles negros panturras. Diz-se na fabula que *Semela* ou a *flor da raça* (simila) *morreu*, porque a ideia de *fixar-se* corresponde á de *profundar* ou *radicar a vida* (*vitam profundere*) e foi o que aconteceu aos zotes de *Ten*. Para *vir*, porém, á *luz* o filho de *Semela*, foi de mister a intervenção de *Vulcanus*: é que este deus, como personificação do *fogo* e do *incendio* (*vulcania vis*), revelou os incendiarios, que se refestelavam nos comes e bebes (*venter*), e remoiam no cerebro estreito o plano de matar os brancos e de se apossar das mulheres no momento da pasmo e consternação indescritiveis. Quando *Bacchus* nasceu definitivamente, é que saiu da *coxa* (*progredi e perna*), mas já tinha commettido despropositos, precisando que *Vulcanus*, aqui dado como representação dos Asiaticos (*vulgus canus*), ou do *velho povo*, o arrancasse do *farnel* (*venter*), e lhe coarctasse os excessos de todo genero, que foram prenuncios de grande desastre final. *Bacchus* passou da *coxa* paterna para as mãos de *Iko*; mas este nome corresponde a *urco* (um por excellencia, principal), e já se vê que os chefes selvagens ou *bucolici milites* se transformaram em *patres* ou deuses, ficando aliás sob o commando da filha de *Cadmus* e de *Harmonia*. *Cadmus*, diz o mesmo que *rato da pipa* (*cadialis mus*), enquanto *mus*, traduz-se por *musculo*. Ora, *musculus*, fala de *marisco de coxa*, de modo que a *filha de Cadmus* (*radix Cadmi*), era a tribu hypocrita e ma-treira dos *Boschimais*. Quanto ao nome da *Harmonia*, elle nos diz que a hierarchia do commando no exer-

cito ethiope nascera das necessidades inherentes á ordem ou disciplina (harmonia); e assim, não ha duvida que havia nas fileiras quem marcasse o compasso como regente, donde resultou o *accordo* de vontades entre os conspiradores. *Harmonia*, filha de *Marte* e de *Venus*, é-nos apresentada como a raiz da guerra e da *luxuria*, mas *Ixo* apparece sob a figura de uma moça, porque *juvenca*, falla de uma *vacca nova*, e por *gens nova*, se entende aquella que se faz por favor da fortuna, mas de nascimento desprezível. A tia de Bacchus (matertera) não passava, portanto, da mesma trama (tela), que foi o annuncio da *noite* pelasgica (mater, genitrix), comparada á *terra* (mater), que tudo produz. O monte *Nysa*, em que o deus foi criado, symbolisa a *instrucção que este obteve dos Asiaticos* (nus satus), e a *serra da India* é a origem de *Thebas* (teba), onde habitavam os homens originarios daquelle região do *Oriente*. Cicero fala de uma *Nysa* que foi morta por Bacchus: é a mesma que se representa pelo monte da Asia, e *mons*, synonymo de *massa*, mostra a *reunião de partes amassadas*, que formava o conjuncto da raça culta, derramada pelo globo, a qual figura, como vimos, na mó do padeiro ethiope. As *moças de nascimento illustre* (nymphae), que concorreram para a *criação* (institutio) dos Boschimans, ou de *Bacchus*, foram as Asiaticas, de quem dependeu a civilisação do planeta; e desde que os soldados rebeldes passaram ás mãos de *Ixo* ou se tornaram autonomos, independentes, a tarefa de instruir esses barbaros carrancudos, coube ás mulheres *raptadas*, mas que se elevaram á condição de esposas e assumiram a missão de mestras. São estas as *Musas*,

sahidas d'entre as mesmas *nymphas* ou *jovexs illustres*, que puderam afeiçoar a massa selvagem aos habitos civilisados, bem que o resultado obtido fosse sempre lacunoso ou deploravel. Mas a que vem o nome de *Sileno*, dado como pedagogo de *Bacchus*? E' que *Silenus* personifica os *castigos corporaes*, sempre indispensaveis á educação dos Pelasgos: *siri lenus*, fala de *medianeiro da vassoura*, como seria o aio do deus inverecundo. *Scopae* (vassoura) traduz-se por *virgultas*, e a missão do mestre foi as mais das vezes esteril (*scopas dissolvere*). *Sileno* andava sempre embriagado, e por isto o bastão funcçionava sem cessar. Note-se que por *arundo* (vassoura) nos designam, já a *cana de escrever*, já a *bengala*; e na educação antiga não sabemos qual desses dous objectos tinha maior consumo.

Na infancia *Bacchus* pòde escapar aos perigos creados pelo ciume de *Juno*; mas esta deusa é a mesma *vacca furiosa* que existia dentro de cada *Boschiman* (*Io unius, Io omnis, Io uno*); e, desta arte, o zelo transforma-se em *furor divino*, pois *Io* era uma vacca sagrada (*zelus*). Havia como uma *porfia* (*zelus*) entre os selvagens inclinados á colera, e pouco susceptiveis de educação: não se sabia qual fosse o mais insubordinado e bisonho, mas os perigos dessa situação moral foram vencidos pela *alimpadura da vacca* (*vaccae acus*), a que os Asiaticos procederam de modo systematico, obtendo triumpho contra a natureza rebelde e recalcitrante dos monstros. Tornado adolescente, o deus fez a conquista da *India*, isto é, do *Egypto Superior* (India), como já nos indicaram. E' verdade que *Bacchus* foi á região asiatica, como

demonstraremos mais tarde; mas a viagem, por enquanto, do *liber pater*, limita-se ao territorio banhado pelo Nilo, que temos descripto. Da *Thebaida* sahio *Bacchus*, para assaltar os nomos do alto e medio Egypto, e o de *Atem*, que encontramos em nosso caminho, guarda a memoria do *bode de Thebas* (attagus Thebes). O exercito que acompanhou a esse conquistador imberbe era, segundo a fabula, composto de *homens e mulheres*, mas estas representam as *eguas* (mulieres), ou a raça libyca auxiliar (consors) e os *varões*, são os instrumentos das *familias* patricias (corpus), que vimos em movimento. *Homo* (homem) corresponde a *escravo com idéa de sujeição*, e nesta conta devem ser incluídos os *filhos* da classe nobre em relação aos *progenitores* (patres). A escravidão já estava introduzida na familia, e da Africa transportou-se para a Europa, gravando nas leis e instituições romanas o seu cunho indelevel como é sabido. Quanto ás *eguas*, de que se falou, *polia*, nos informa pela fôrma *pullus*, serem ellas os mesmos *potros* cuja côr *fusca* (pullus) tem sido tantas vezes posta em relevo; e o termo *ia* (Ia) mostra a *filha de Atlas* associada á *de Midas* (Ethiopes, e Lybios). Em vez de armas, nos disseram, as multidões equinas levavam thyrsos carregados de uvas e tambores. Mas *thyrsus*, é o nome de uma *lança*, e, assim, as armas que os invasores não levavam comsigo eram *as do trabalho* (arma). Como o *thyrsos* seja o symbolo do furor poetico, está claro que a *inspiração* dessa gente estabanada era fornecida pelo *vinho* (uva); enquanto pelos *tambores* se allude á *roda de uma só peça* (tympanum), ou á multidão composta de *cabras montezes* (rota). *Orbis*, synonymo

de *rota*, designa o *magote de soldados*, que era de uma só *peça* (pars, portio), por sahirem todas da mesma tribu ou raça vermelha, conhecida pelo nome de Lybios. *Montanus* (montanhez) conduz pelo termo *tanus*, ao nome de uma *uva* (tamnus), e deste modo a côr dos soldados selvagens, que eram aliás negros, apparece atravez do nome das bagas da vide. *Tamnus*, designa tambem uma *cucurbitacea negra*, da qual falaremos mais tarde para melhor reconstituir a physionomia dos socios da casta patricia do Egypto.

Quando *Bacchus* procedia á conquista do Egypto Superior (India), *Sileno* conservava-se na retaguarda montado em um burro. O *aio*, que assim nos apparece, é o *seductor* da mocidade (lenus, leno), ou o *pater*, cujo nariz ainda conservava a primitiva chateza (silo). Pintam-nos, portanto, como uma *escola de corrupção* aquella que formava os novos patricios. Não se omitta que *in asinum ascensus* (montado num asno) diz o mesmo que *elevado a burro*; e fôra esse o progresso conquistado pelos antigos *Boschimans*: passaram de *bois* e *macacos* (bos, simia), a *cavillos facas* ou sendeiros (mannus), e neste pé a *vassoura* podia servir de *palma triumphal* (palma, *vassoura*). Depois dessa viagem celebre, *Bacchus* foi ao Egypto; mas *ire ad Aeriam* (ir ao Egypto) traduz-se por *visitar a Juno*, e já estamos informados de que a deusa indicada é a *vacca furiosa*, que existia dentro de cada Pelasgo. Collocados nos castellos, ou nas furnas construidas á margem do Nilo, os conquistadores egypcios entregavam-se a esses accessos de furia incoercivel, cujos estragos nos foram denunciados pela *Asinaria*, de Plautus. Cada qual vivia para si (uno), e ninguém queria occupar um plano secun-

dario, antes se propunha o *principado* (unus). Do *Egypto* Bacchus se passou para a *Phrygia*; mas este nome é o mesmo que se dá á *Troia*, e por *Troja* indicavam os Latinos as *justas e torneios*, que fizeram a celebridade da *cavallaria*. Encontraremos os Pelasgos nessa faina, mas despedaçando-se nas guerras civis, talando os campos, incendiando cidades, levando o espanto e a consternação a toda parte. Tambem o *estofo recamado a ouro* tem o nome de *phrygia*, e os Pelasgos, inclinados á ostentação, não dispensavam as vestes ricas e sumptuosas. O *liber pater* poudé finalmente ensinar a agricultura e a plantar a vinha, antes de iniciar-se nos mysterios da mãe dos deuses. *Res rustica* (agricultura) fala de *rudezas e grosserias*, e nesta arte os Pelasgos levavam vantagem á natureza agreste, que herdaram dos seus antepassados de Guiné, pois não se deixavam disciplinar como elles. *Plantar a vinha*, não ha duvida que os *pais* o faziam: *instituire vineam* (plantar bacello) tambem dá ideia de *criar a manta de guerra*, com que se picavam as muralhas. Quanto aos *mysterios da mãe dos deuses*, que é *Isis* ou a noite africana, *tenebrae*, os designa claramente; consistiam elles nas *excovias e masmorras*, nas *tempestades civis*, *marulhos e perturbações publicas*.

Pan era dado como fazendo parte das hostes de *Bacchus*, e os seus gritos selvagens foram efficazes nas expedições que elle acompanhou como *soldado*. Mereceu por isso ser collocado nos astros sob o nome de *Capricornio*, e o *deus bode* passava, para Herodoto, como filho do *Min* ou *Mendes* egypcio. *Min*, é apocope de *miniu:n* (vermelhão), e por isto *Pan* pôde ser considerado como personificação do exercito lybico, ou tribu vermelha,

posta sob as ordens dos *jovens patricios* (Bacchus). O nome citado, *Mendes*, resolve-se em *mendae entes* (seres que levam a macula no rosto), e como *frons* signifique *dianeira*, está claro que *Pan* se deixava preceder pelos homens que deram causa á *subversão* da terra (labes), machinando a destruição da gente integra (inferre labem integris). Os Athenienses consagraram ao *deus dos pánicos* uma *carreira a facho*, e ver-se-ha que os Lybios tinham verdadeira predilecção pelos incendios. As *estrelas*, que nos mostraram no estomago de *Pan*, se recorrer-mos á lingua phenicia, reapparecem num dos epithetos conferidos a *Bacchus*. *Sabazius* (Bacchus) não só guarda o radical do nome dado ao *Boschiman* (Sab), como pelo termo *saba* designa o nome dos *astros* no phenicio. Essa conformidade morphica deve encerrar alguma lição moral: é que a *influencia malefica* (sidus), do elemento mais numeroso das sociedades antigas ou modernas (Lybio), se reside no *ventre*, como nos disseram, é invocada como *accusação* (nominare) a respeito das aristocracias saídas do tronco ethiope. E como a forma *seb* seja morphicamente identica a *sab* (Sebazius, Sabazius), as *estrellas* estão destinadas a ser derretidas, como ainda hoje se derretem as classes dominantes (sebum), depois de sentirem o calor dos appetites (stomachus), que ardem no estomago das multidões. Aquillo que brilha como os astros (saba), no mundo social dos Pelasgos, seria como uma emanção da *ce:topeia* egypcia (seps); e se ainda consultarmos a razão historica das palavras phenicias, veremos que *seba*, fala de *sete*, emquanto *septem* ou *septeni*, no latim, lembra o *demonio* que presidiu ao cataclysmo de *Ten* (seps, Ten), obra de uma *cilada* (tenus), até então sem exemplo na vida

das sociedades humanas. Não será extranhavel para quem desconhece o plano systematico a que obedecem as linguas do globo, a existencia entre os Tupys ou selvicolas brasileiros, de uma raiz *cab*, para traduzir as seguintes noções: *sebo* (caba), *peçruga* ou buço (cabyiu), *pellar*, *depenhar* (caboca)? Pois estas noções prendem-se, como vimos, á historia de *Bacchus* e das conquistas pelasgicas no Egypto; e os *crianças*, quasi imberbes, cujo typo se resume nas representações iconographicas do *liber pater*, são os mesmos que renovaram as façanhas dos seus antepassados (Sab), crueis e sanguinarios (sebum, *saenus humor*). Mas o *brilho dos astros* é como uma *gordura* que se inflamma, e os *Sabeus*, que os adoravam, justificavam, pela sua riqueza, o dicto do poeta latino: *habet ubi excoquat sebum* (é muito rico). No mundo antigo, como no moderno, a questão mais séria e temerosa é a que ventitam os *Siculos* e os *Ligueros*, isto é, os *magros* e os *obesos*.

Dizem que para os iniciados nos mysterios de *Orpheu*, *Bacchus* era filho de *Zeus* e de *Persephone*. Ora, para os Latinos, *Zeus* era um *peixe*, donde se conclue, mais uma vez, que os paes desse personagem divino eram os mesmos individuos que encontramos com os olhos cobertos de *belida*; e *cataractas* (squama). O nome de *Persephone* applica-se a *Proserpina*, e este nome nos denuncia a celebre *prosapia de centopeia* (serpens, seps), que fazia de *marisco de concha* (pinna), açulando, entretanto, os estímulos da mocidade inexperienced para commetter crimes. A iconographia do *pater lyaeus* concorda de todo o ponto com a interpretação que tiramos dos dados da fabula, por intermedio dos vocabulos. Representam-no como um *bello mancebo*,

que sente as primeiras impressões voluptuosas : a *hera* sempre verde é o seu emblema ao lado dos pampanos e das uvas. Os seus cabellos são caracolados e arranjados á maneira dos das mulheres, apanhados por uma larga facha, a que se deu o nome de *credemnon*. Quando não figura completamente nú, dão-lhe por vestuario uma *pelle de cabrito* (nebride), ou de *pant hera* (pardalide). Consagraram-lhe este ultimo animal a par do *asno*. A estreiteza do nosso quadro não permite examinarmos a noticia dos productos artisticos que idealisam a figura de *Bacchus*; mas não percamos de vista alguns assignalamentos geraes, como os que foram mencionados. A *belleza* do mancebo lembra a origem fidalga de *Bacchus* (puer insignis, egregius); mas *nimbatus* (formoso, encantador) conduz a *nimbus* (nuvem espessa, borrasca, saraiva). A *chuva de arremeções* (*nimbus*), que desabava sobre as populações visitadas pelos parvajolas de Thebas, apparece transformada em *auctoridade* ou *credito*, e dahi a ideia de *belleza* (venustas), attribuida ao filho de *Semela* e de *Jupiter*. A *hera*, sempre virente, dada como emblema de *Bacchus*, symbolisa a *terra dos comilões* (edonis hera), mas *Proserpina*, a que nos referimos para achar o nome da *prosapia ophidica enrolada na concha*, era conhecida pelo nome de *trigemina Hera*. A *casta principesca* (hera) seria representada por tres gemeos (*trigemini*), que formavam a *ninhada* patricia (*partus*): o *pater*, o *filho primogenito* e o *segundo*, a que se liga o mytho de *Bacchus*. A desherdação servia como de incentivo aos filhos mais moços para tentarem fortuna longe da casa paterna. Os *cabellos caracolados* mostram que as abantesmas patricias pertenciam á raça mestiça, e

descendiam de negros. O *penteado feminino* da cabelleira deixava ver que o *mundo* pelasgico e, portanto, os *infernos* (*mundus*) estavam nos *cascos* dos *Sosias* de *Bacchus*; e a ironia dos creadores da fabula via *Colombos* nesses aventureiros sem merito e dignos do carcere. A *facha* que entrelaçava os cabellos do deus dá as honras de *espiga* (coma) ao *diadema* (fascia) que esses futuros *patres* iam em breve cingir; e a palavra *taenia* (nastro, franja da touca) nivela os principes em perspectiva com as *lombrigas chatas* e os *escolhos* ou penhascos que apparecem á flor do mar. *Credemonon*, nome da *facha*, allude ao *branco postiço* (creta), que *dementava* (dementare) as *Parcas* egypcias (Nona); e de facto nada concorre tanto para envaidecer os mulatos como a crença de que são brancos (credulitas demens onychis). *Onyx*, designando uma *pedra preciosa*, allude ao *basbaque dispendioso* (lapis pretiosus), que *se vendia por bom preço* (pretium habere); mas as *escamas* dos *patres* ophthalmicos acham-se agora inculcadas pelo termo *on* (onyx), em que se acha o nome de um *peixe* (squama). A *nudez* de *Bacchus* prova que os rapazinhos saiam do lar paterno vestidos apenas de tunica (nudus), á semelhança da gente vil; e bem razão tinhamos quando dissemos que eram uns *pobres desherdados* (nudus). A *pelle de cabrito*, que servia de vestuario para *Bacchus*, não demanda explicação; mas *nebris* (pelle de cabrito) prende-se pelo radical a *nebula* (nevoeiro) que é synonymo de *tenebrae* (belida, escuridão, inferno), emquanto o respectivo termo *bris*, conduz a *bruscum* (excrecencia que nasce no bordo). A *arvore sylvestre* (bordo) reenvia á noção do *peixe* (arbor, squama) e portanto, de *nuvens nos olhos* (nebula). *Bacchus* terá

por parte dos seus alliados vermelhos o valor de *bagaço da uva* (brisa), mas não esqueçamos a sentença do *Genesis* sobre as *tunicas de pelle* dos habitantes do *Eden*. O *couro da panthera*, que se dá tambem como vestuario do *liber pater* (filho pae), representa a cor variegada e as maculas da cutis pelasgica, mas o nome do animal feroz faz tambem referencia á *trama de Pan* (Panos tela), e aos *Faunos* ou *Sylvanos* que percorriam montes e valles como *capros monteões*. A *pelle de panthera* nos foi designada pela palavra *pardalide*, que corresponde ao latim *pardalis* (panthera), mas *partus ales*, fala de *criança alada* (liber alatus), e já sabemos que *Bacchus* se fazia acompanhar de *multidões armadas* (ala). O vocabulo phenicio *nar* (joven) faz pensar na *abertura da ostra* (naris naricae), por onde se esgueiravam os moços patricios, trazendo-nos á memoria o *receptaculo da arvore por onde sahia a semente*, imagem das migrações da raça pelasgica no Egypto.

São ainda um problema para os archeologos os *cornos* que apparecem em algumas representações de *Bacchus*. Fala-se no pequeno hermes do Museu Chiaramonti, no qual se nota uma dupla face: de um lado uma cabeça com barba e cornos, do outro um semblante de adolescente semicoberto por uma pelle de carneiro. A *cabeça com barba* allude aos *patres* ou *anciãos* (barbatus), que saiam da stirpe caprina (barbatus) e se mostravam tão *simples* como crianças (barbatus rex). Eram elles que impelliam os filhos para os pleitos armados, mas depois de havel-os escorchado á força de pancadas: dahi a expressão *barbatus liber*., que póde ser applicada a *Bacchus* (Liber) e se traduz por *pergaminho que tem*

lanugem por causa das muitas roçaduras. O pello macio, de que se cogita (*lanugo*), por um lado representa as *vergoiteas mais novas* da casta patricia (*barba*) e, por outro lado, a *companhia de soldados* (*pilus*), em que estavam alistados os filhos segundos, e sobre estes pesavam os maiores encargos do officio militar. A disciplina seria muito rispida nesses tempos de outr'ora: era sob as varas que os rapazes criavam pello. Lembremo-nos de que a locução *barba Jovis*, dá ideia de *saião*, nome applicado em lingua portugueza ao *algoz*. Quem, por curiosidade, indagar pelos caracteristicos da planta nomeada (*saião*), poderá restituir pela comparação a physionomia dos Pelasgos, retratada pelos mythos de *Jupiter* e de *Bacchus*. Já vimos o que significam as *barbas* no hermes do *liber pater*, e não é difficil fixar a significação dos *cornos*, quando se trata de desenhar um dos specimens da raça caprina. Mas *cornu*, tambem significa *alas de exercito*, e já se nos deparou a expressão *puer alatus*, que se adapta aos heroes das empresas militares, imberbes ou barbados, pois todos elles se nivelam pela *simplicidade rustica* (*rudis simplicitas, stultitia*). A *face de adolescçnte, semi-coberta pela pelle de carneiro*, mostra que os mancebos da casta fidalga estavam protegidos já pelo *alforçe* (*pellis*), que symbolisa os *soldados*, tirados da tribu vermelha, já pelas *machixas de guerra* (*aries*). Os chefes occupavam a retaguarda, e por isto a sua *dianteira* (*frons*)^a apparece envolvida pelo couro do quadrupede, que representa a *escora* (*aries*) dos moços patricios. Em *aries* se poz tambem a ideia de *prova de defesa* (*aries ille subjicitur in actionibus*). Ao *Jupiter Ammon*, personificação da tribu lybica, mas depois que esta se elevou sobre as

ruínas da antiga nobreza, se deu a figura de um *carneiro*, e este animal de character insignificante, mas obstinado, retrata moralmente os selvagens que por emquanto se deixam estupidamente tosquiar pelos seus consocios de aventuras. *A frons semitecta* (face semicoberta), diz tambem que a *vanguarda pelasgica* ou o grosso do exercito de *Bacchus* compunha-se de gente meio nua, esfarrapada. O mytho do *maniaco* (grego *bakkos*) envolve, como temos mostrado, as duas partes do exercito da conquista: *soldados e chefes*. Si uma dellas está symbolisada pela *azeitona* ethiope (*bacca*), a outra tem como emblema o *bagacho de uva*, segundo a lição que ha pouco tirámos da palavra *nebris*. O testemunho das linguas poderia ser mais largamente invocado, para confirmar o conceito, que vimos expresso pelo phenicio *narr*, e pelo grego *bakkos*; mas limitamo-nos a pedir ao basco ou escuara a palavra *narr* (tolo), correspondente á germanica (louco). O mancebo thebano legou, portanto, a sua taxa hereditaria a todos os moços, si crermos no testemunho dos idiomas (*juvenis*, *Io venis*), e quando os philologos recolheram a expressão dos Tupys austraes, para exprimir a noção de *acommetter o inimigo* (*amboyen*), mal comprehenderiam que esta traduzisse a forma por que se asphixiou a civilização primitiva, sitiada pela sociedade de *dous demonios* (*ambo genii*).

O nome de *Dionusios*, dado a *Bacchus* pelos Gregos, prende-se manifestamente ao de *Venus* (Dione), para significar aquelles mesmos *sentimentos voluptuosos* que as imagens do *deus inverecundo* de algum modo concretisam. A conquista assignalava-se por scenas de luxuria; mas os invasores não descuidavam a divisão e demarcação dos campos que lhes ficavam pertencendo

por direito quiritario, que é o da *usurpação* e da *lança*. A isto se allude pela expressão *dionysius lapis* (marco de Bacchus), e as *veias vermelhas*, que distinguiam o *marmore* assim chamado, mostram que o novo regimen civil introduzido pelos Pelasgos baseava-se no *sangue*, e deste tirava o seu *vigor* (vena, sanguis). A *sabedoria de Io* ou da *vacca furiosa*, que se affirmava por essa revolução, foi inscripta pelos creadores das linguas nos termos *nus Ius*, que se incorporam na palavra *Dionusios*.

E' tempo de voltarmos ás indicações geographicas, para restabelecer a historia da conquista pelasgica. Em seguida ao nomo de *Ateu* estava o *Ateu* inferior (*Ateu-peh'u*), cujo capital foi *Kast* (*Khusae*), nos tempos chamadas pharaonicos. A historia repete-se: os *atheus inferiores* andaram *juntos devastando* (ad devastare) o novo territorio do Egypto. Os *devas* do Oriente são, como os do Occidente, os homens da devastação e da ruina. *Assolavam* (devastare), *punham para baixo* (devehere), *arrancavam* ou *tiravam com violencia* (devellere), e assim mostravam-se taes quaes eram realmente (develare). Foi por isso que se elevaram á cathegoria de personagens divinos, a quem eram tributadas todas as homenagens humanas (devenerandus). Elles vieram, como se sabe, do Alto Egypto (devenire), quando haviam attingido a idade madura (devenire ad maturitatem). Si tudo afeavam ou desfiguravam (devenustare), as manchas mais temidas no momento eram as dos *açoitos* (deverberare), movidos por braços alentados. Não raro a satyra vingava as affrontas que essa multidão de facinoras irrogava ás populações cultas; e bem que flagelladas de continuo, as victimas não podiam conter o riso deante

desses deuses esfarrapados, tão hediondos como os simios, tão ridiculos como os Satyros que nos são retratados pela fabula (deversitare).

Nos seus movimentos, os Pelasgos assemelhavam-se aos toneis, que rolam pela *ladeira abaixo* (devergencia); mas ora recuavam, ora voltavam o caminho (deversus, devertere). Quando chegavam a qualquer povoação, comiam como alarves, sem que pudessem jamais curar-se da bulimia (devesci). Depois que *despiam* e *despojavam* (devestire), que *affligiam* e *atormetavam* (devertexe), como vencedores (devictor), seguiam caminhos impraticaveis (devia), e deste modo afastavam a attenção, annullavam as cautelas daquelles que lhes temiam os assaltos, e eram, portanto, tomados de surpresa. Nessas manobras e esquivaças (devitare), em que ora mostravam *dedicação* (devotio), ora se desligavam dos compromissos (devolvere), mas sempre incapazes de altos feitos ou de vôos largos (devolare), viam-nos ora pedirem auxilio (devocare), ora empenharem-se em grandes riscos, perdendo num momento (devorare), aquillo a que pareciam estreitamente affectos (devinctus). Praguejando, mas crentes a todo tempo nas influencias occultas (devovere), afogavam o temor religioso em constantes e copiosas libações (devotus vino); e si eram mal recompensados e mesmo amarrados ao pelourinho (devolutus ad dedecus), davam-se comtudo aos interesses dos outros (devovere se amicitiae alicujus), como gente que tem o prumo da razão e da consciencia fora de si mesma. Estas palavras de Cicero seriam talhadas para os Pelasgos: *nihil tam flexibile, ac devium, quam animus ejus*. Foi por isso que se deu ao *Ateu* inferior o nome de *Ateu peh'u*, expressão que se resolve na de

gado devastador, mas que anda junto, como as tribus lybico-ethiopes (pecus devinctum ad devastationem).

A cidade do mesmo nome, *Kast*, tambem chamada *Kusae*, informa que a gente *côr de castanha* é aquella que recebeu mais tarde o nome de *Mysios*, pois *Castalia* (casta alia) designa o *monte* e a ponte que foram consagrados ás *Musas*. *Castus*, é synonimo de *sanctus* (decretado, estabelecido), e a *estrada da pureza* (casta alia) estava do *outro lado* ou bifurcou-se; de modo que o unico meio de permanecer limpo de toda mancha era exactamente seguir em *direcção opposta* (alia), a que tomavam os Pelasgos, ou andar de encontro ás maximas e preceitos que elles edictavam. *Bifurcar-se*, tem como correspondente latina a expressão — *se findere in ambas partes*, e sabe-se que o *corredor* do Nilo estava dividido, de norte a sul, em duas secções, uma das quaes pertencia aos Asiaticos e a outra aos descendentes dos Ethiopes, chamados *Pelasgos*. *Findere*, significa *separar pela força* (partes se via findit in ambas), de sorte que a *gente branca* (casta) tivera necessidade de resguardar-se dos seus visinhos, emquanto estes (casus hastae) tendiam fatalmente para o norte, pois ahi viam a sua *Castalia*. Já ficou dito que os *mestiços* pediam *agua*, como as *crianças*, e para obtel-a avançavam em direcção do Mediterraneo.

As *Musas* não offerecem historicamente nada de poetico, mas são invocadas agora por serem a inspiração dos conquistadores (castior amnis). A palavra *Musa* formou-se por intermedio de *mus* (rato) e nella se descobre o mesmo elemento que entrou no hebreu *ishhak* (que ri, que escarnece). Os roedores que buscavam a agua são como os poetas que vão beber nos

livros alheios. E' por isto que *musa*, traduz-se por *encantamento* ou feitiço (*carmen*), servindo, como se sabe, as artes magicas para dar-nos o *mais* que não temos (magis). Os filhos das *Musas* eram os mesmos barbaros que rosnavam por entre dentes (mussare), de modo que os *vates africanos* muito se pareciam com os tigres, na alma e nos costumes. *Musca* (mosca) prende-se ao radical de *Musa*, assim como *mys* (rato), é a mesma palavra de que se derivou o nome dos *Mysios*. Não insistiremos sobre as indicações que se prendem ao vocabulo *Kast*, o qual fala dos *homens dos castellos e campos de guerra* (*castra*), e tambem do signo zodiacal, que representa a alliança de duas tribus africanas (*Castor*). Sabe-se que o *castor* é um animal *amphibio*, e este lembra o *cheiro enfadonho* attribuido aos Ethiopes (*castoreus odor*). A expressão latina *carmen ad unguem* tem sido traduzida pela nossa « *emendar o verso com perfeição* » ; mas preferimos dar-lhe a significação autorisada pela historia: *fazer versos de rato*, ou *cultivar as Musas com unhas*; e esta allusão bem pôde ser applicada aos plagios dos poetas gregos e romanos.

Lembre-mo-nos de que o supposto introductor do alphabeto na Grecia chamava-se *Cadmus* (rato caduco), e que os ratos nunca perdem as unhas. Assim como o *feitiço* está muito proximo das *garras* (*carmen ad unguem*), acontece que muita sciencia torna os homens velhacos, como lemos numa das legendas orientaes. O alphabeto é para a nossa raça, não a demonstração de um esforço desinteressado, que se ligue ao bem commum, porém, as mais das vezes, serve de meio preparatorio para as empresas do egoismo, para a exploração de uma parte dos homens pelos entusiastas das artes

de *Cadmus*. As sociedades, emquanto novas ou selvagens, não cuidam das letras ; mas ao envelhecerem instituem a obrigatoriedade do ensino primario e multiplicam os productos da imprensa barata, e é o que já nos dizia o mytho de *Cadmus*.

A cidade de *Kast* era tambem conhecida pelo nome de *Kusae*, e este mal disfarça o parentesco que o aproxima de *cusio* e de *cudere*. *Cudere* significa *malhar*, *bater*, e *cudere tenebras*, se traduz por *armar traições*. Já citámos o proverbio : *in me haec cudetur faba*, que recorda o *olho negro* da fava africana, e semelhante verdade nos deveria curar da vaidade impertinente, quando nos comparamos com os negros. *Cusio monetalis*, allude á acção de *cunhar moeda*, mas o dinheiro que então circulava era de cunho ethiope. *Moneta* (moeda) era um dos sobrenomes de *Juno*, e o cunho, de que se fala, ainda se mostra imperecível na raça pelasgica. Em *typus monetalis* se poz a ideia de *character das doenças* (*typus*), e tambem a de *tremor de terra* (*Moneta*), convindo notar que pelo phenomeno tellurico se faz referencia á subversão da antiga raça. *Juno*, liga-se morphicamente a *junix* (vacca nova), e a *juvenis* (mancebo guerreiro), e porque a *vacca nova*, veio a ser genitora dos Pelasgos, adapta-se-lhe o epitheto de *hordea*, donde tiramos a palavra *horda*. *Hordearii*, fala de *gladiadores*, e *hordarius*, daquelles que vivem da *cevada*; como os asnos africanos. Póde-se dizer que o *cunho da moeda* teve a principio como modelo o *terçol* (*hordeolus*) do olho asiatico, pois esta doença era o *typo* da invasão purulenta produzida pelo contacto insalubre entre as duas raças incompatíveis.

A lição que acabamos de tirar das palavras se escl-

rece pelo nome dado ás *festas* ou *sacrifícios feitos em honra da terra*, nos quaes se *immolava uma vacca prenhe*: referimo-nos ás *hordicidias*. A phrase latina *principis typo monetam signare* (cunhar) diz que, ao *funeral de uma idade* (*munus aetatis*) seguiram-se os *espectaculos* de outra, nos quaes figuraram os primeiros *gladiadores* e os dons *capitosos* de Bacchus (*munera Liberi*).

Ora, o privilegio de *bater moeda* foi considerado sempre como inherente á *soberania*: *soberano*, é synonymo de *principe* (*princeps*), sendo que de *princeps* tirou-se *principalis*, e *principal* era o chefe de familia ou o *pater*. *Soberania*, diz moralmente o mesmo que *soberba*, e esta palavra tem como equivalente latina aquella que retrata a *ferocidade* dos Pelasgos (*ferocia*).

Convem não esquecer que *principalis*, é tambem synonymo de *primigenius*, e *primigenia pecuaria*, repete a noção enunciada pelo nome da comarca egypcia (*Atew peh'u*).

Os ascendentes dos Pelasgos, ahi chamados *atheus*, não tinham portanto a noção da *divindade* tal como se affirma na historia. Na *evolução circular* dos povos, a primeira phase da existencia é reproduzida pela ultima, e eis a razão por que foram encontradas em muitas regiões da terra tribus selvagens, nas quaes as noções theologicas se acham obliteradas. A selvageria representa não o primeiro, mas o ultimo periodo da vida dessas tribus nomades, descendentes do tronco lybico-ethiope. O *atheismo* desse *gado humano* manifestou-se pela impossibilidade de attingir ás ideias geraes e abstractas, pela repugnancia invencivel a toda contenção mental; e a religiosidade pelasgica foi resultado de uma infiltração diuturna, consecratio da educação e do habito.

A' medida que o exame e a critica solapam os ali-
cerces da crença, os civilizados não se curam do pendor
supersticioso, mas derivam insensivelmente para as pra-
ticas fetichistas, que estão attrahindo todas as atenções
sob o nome de *occultismo*. E' muito conhecida a historia
das aberrações religiosas, sempre a mesma ou invariavel
no fundo. O africano reaparece sob a blusa do operario
como sob a corôa dos principes, e o proverbio grego
parece fundado: *o macaco é sempre macaco, mesmo sob
a purpura*. Quando, entretanto, os autores da historia
primitiva do Egypto affirmam que os Pelasgos *negavam
a divindade* (atheus), elles queriam principalmente pre-
cisar o facto, já suspeitado, da *quebra da promessa* ou
juramento militar por parte dos Ethiopes (denegare
numen).

Numen, diz o mesmo que *nomen* (poder, autoridade),
e *edere nomen*, se diz de quem *assenta praça de soldado*
ou *dá nome ás cousas*. Ora, aquelles que faltaram ao
compromisso militar eram os mesmos *Nomades* (Ethiopes)
que não sabiam a principio exprimir-se por palavras e
apenas por gestos. A tradição de que os Pelasgos não
havião remido a *divida* (nomen) contrahida para com
os deuses, é mais longa do que se poderia pensar. Os
deuses, de que se trata, seriam os *acenos* (numen) com
que os negros affirmaram a sua lealdade aos brancos ;
e assim, por *negar a divindade*, devemos entender :
faltar á palavra dada (praetermittere nomen suum) ; e
corresponder á confiança com a traição. Pela expressão
—*dar nome ás cousas* (edere nomen) se consigna a *acção
das divindades* que prevaleceram depois (nomeatio, actio
numinis) ; e dahi a legenda do Genesis, na qual apparece
o deus pelasgico (numen) transmittindo ao homem a

linguagem, que é o *aceno*; ao passo que o primeiro habitante do Eden é justamente aquelle que *assenta praça de soldado* (edere nomen) e fala por *gestos*.

A *trama* que fôra urdida pelos negros contra os seus protectores do Egypto acha-se agora expressa por *cudere*, donde se tirou o nome da cidade (Kusae); e é de crer que no accommettimento do nomo os aggressores usassem mais uma vez das surpresas e estratagemas conhecidos. Por *Kusae* attinge-se aos vocabulos *Susa* e *Susanna*, sendo que este corresponde ao hebreu *chochanna'h* (açucena), a qual, por *lilium*, nos fornece a noção de *cavallo de frisa com que se defende ou fortifica os campos*; aproximação synonimica esta que nos confirma sobre a situação dos Asiaticos, cuja tactica defensiva consistia em cingir as suas povoações de muros e fortalezas. Foi por isso que os Pelasgos consumiram muitos seculos na expugnação das praças do Egypto, pois sentiam-se comprimidos no territorio do sul, de onde se foram estendendo lentamente para o norte ou se avisinhando do Delta. Descobre-se ainda na voz *Kusae* a ideia de *essencia*, *substancia* (usia), que nos falla de um systema defensivo, indispensavel ou essencial á defesa dos brancos. *Essencia*, traduz-se por *vis*, *potestas*, e a palavra hebraica *oz-ar*, que pôde ser approximada daquelle nome geographico (*K-us-ae*), dá noticia de *fortaleza do principe*, e por *principe* se indicam os *primeiros occupantes* substituidos mais tarde pelos *primigenios* (princeps, principalis). O nome de *Juno*, sobre o qual construimos a explicação fornecida por *cudere* e *cusio*, reapparece pelo significado de *usia*, pois *Vis*, é uma das designações conferidas á *mulher de Jupiter*, prova de que a raça pelasgica personificava o *poder* e a *força*. Finalmente, o elemento *usi* entra no

vocabulo *Usibalci* (povo da Ethiopia), *Usidicani* (povo da Umbria) e *Usipii* (povo da Germania), servindo o radical dos tres nomes ethnicos para afirmar o parentesco das nações que elles designam. A posse da cidade pelos Pelasgos acha-se indicada por *usus* ou *usio*.

Vamos ao nomo de *Un* (Hermopolites), aonde ficava *Sesunnua*, a cidade dos oito deuses, e *Unnu*, tambem denominada *Hermopolis*: o sitio em que esta foi edificada distava do Nilo e ficava proximo do canal *Bahrel-Yusuf*. O mocho, de que falámos não ha muito (uncus), pousou sobre o nomo egypcio, e mais uma vez houve um *pato laborioso*, que reclamou o emprego do *forçeps* (uncus). E' constante, que a mais pequena moeda dos Romanos era uma *onça de cobre* (unciaria stips); e, si como já vimos, por *Moxeta*, se designa a *mulher de Jupiter, parvus e aes*, falam da gente desprezada e *cor de cobre*. *Uncatio* depõe sobre a curvidade dos angulos, que formam o *arco entesado* de Janus; a phrase *uncta cruore arma* (armas ensanguentadas), retrata a situação creada pelos Pelasgos. As *mãos engorduradas* (unctæ manus), ensopavam-se tambem no sangue, e parece que desde a mais remota antiguidade, a riqueza, antes de ser *elegante e polida* (uncta), lidava habitualmente com as *gorduras* (habet ubi excoquat sebum). E' a razão por que um mesmo vocabulo reúne á noção de *engordurado* a de *rico* ou sumptuoso (unctus). A multidão commandada pelos Nubios, e que se compara na legenda com as *nuvens* (undæ aereæ), justificariam o emprego da phrase latina — *undans vulnus* (ferida de onde borbotôa o sangue), e não se pôde negar que a chaga permaneça aberta desde o apparecimento dos deuses sobre a terra.

Não ignoramos mais que estes eram os homens extraordinarios (unici viri), que vieram do golfo de Guiné : a *malícia refinada* (unica nequitia), não é criação do talento, mas da estupidez ou da ignorancia desvairada. Ainda hoje muita gente ha, que se julga dotada de alto espirito, porque está sempre predisposta para o embuste e acha meios de illaquear a boa fé dos incautos ; como si a veracidade, e mesmo a inaptidão para illudir a providencia dos nossos semelhantes, não fossem provas decisivas da superioridade do espirito e a pedra de toque dos caracteres integros e primorosos. Mas a historia, com as suas lôas aos *homens superiores*, que se elevam, como ella diz, acima da moral commum, tem concorrido para falsear o criterio da mocidade, infundindo por esse modo a crença pueril, absurda e nefasta, de que os fins justificam os meios, ou que os *genios* devem pairar acima das convenções humanas, á semelhança das aves de rapina, que tambem são destituídas de senso moral. Devemos, antes de tudo, convencer-nos, de que os *genios* não vieram mais ao mundo, desde a morte da antiga raça civilisada, a qual nos legou quanto pensamos e sentimos de melhor, e tudo o que nos distingue um pouco dos povos selvagens. Depois, é preciso convir, que a falsa *genialidade*, tão injustamente exalçada pela historia, poderia ser, como pensam autoridades medicas, um erethismo das faculdades psychicas, semelhante á loucura, cujos symptomas podem ser apanhados em typos tão extraordinarios como os de Alexandre e de Bonaparte, para não falar em outros tyrannos reconhecidamente sandeus. Dizem os palradores professos que, a nossa civilisação tudo deve aos *homens superiores*, quando a verdade é que, toda a superioridade dos ra-

cionaes sobre as outras especies zoologicas, consiste simplesmente na incapacidade para produzir situações violentas, que nunca redundam em beneficios duraveis. Precisamos reformar os nossos juizos sobre a historia da civilisação, e comprehender que o progresso se resume numa eliminação dos males creados pela inferioridade de nossa constituição moral ; sendo certo que, aonde prevalece a individualidade sobre o espirito colectivo, não ha sinão cegueira da massa e, portanto, impossibilidade de atingir os fructos da verdadeira cultura.

Nós traduzimos ás avessas a conhecida phrase latina — *in unum omnes* (todos sem excepção), pois entendemos que a multidão pôde ser representada por um só individuo ou por alguns. Os *homens representativos*, como aos suppostos genios da humanidade pelasgica chamou um philosopho americano (Waldo Emerson), são apenas *uni multorum*, ou *gente de estofo commum*.

Todas as maravilhas que referimos ao progresso moderno vêm de muito longe ; e tudo quanto admiramos em certos individuos mais bem dotados pela natureza, não lhes pôde ser imputado como merito proprio e os deve constituir em debito para com os outros homens. Desde muitos seculos trava-se conflicto entre duas cousas suppostas identicas; mas que a nossa civilisação tornou contrarias : a primeira dellas, e socialmente mais antiga, é a *unitas* (união de muitas partes que, reunidas, formam um todo) ; a segunda, que prevalece desde os tempos historicos, é o *monos* ou *unus*, e sabe-se que a palavra latina *monas*, traduz-se pelo som da lettra *iota*, que significa nada ou *quasi nada* (*nilum*). Perdemos a noção de *unidade*, tal como a comprehendiam os antigos; mas, em compensação, o *monos* torna-se mais nitido em nosso

espírito, bem que em prejuizo da ideia de *semelhança* ou de *todo*, para não falar em *concordia* e *harmokia* (unitas). *Plus potest unus quam ceteri omnes*,— é uma verdade que se tornou trivial desde o apparecimento da raça pelasgica, e outra phrase latina guarda a lembrança dessa revolução dos costumes: *ukitatem lapidis variavit*, ou a *união da gente inepta* (lapis), tornou-se como um embutido formado de pedaços, cada um dos quaes tem sua côr differente. Trata-se de um systema social e politico, a que se pôde ligar a ideia de *bastardo* ou de *adulterino* (varius); e não podemos duvidar, que elle denuncia um *defeito da visão* (unguis), como o *iotacismus* consiste numa repetição viciosa da letra pela qual figuramos a unidade ou o numero *um*. Ora, a pronunciação grosseira dos sons corresponde ao *bastardo*, na escriptura (litterarum nimia pinguitudo), e por *litteram longam facere*, traduzia-se a ideia de *pendurar na forca*, expressão equivalente á de *parum abesse* (ouvir pouco ou sem attenção). O momento da decadencia moral coincidiu, pois, com aquelle em que um povo infantil ou selvagem começou a repetir sons *mal percebidos*, cuja significação não comprehendia (ingeminare voces); e é por isso que se liga o vicio da linguagem (iotacismus) á menção desse desenfreado egoismo, de que o *mokos* é a representação graphica entre os signaes numericos. O *povo gago* era o mesmo para quem a *conquista da agua* (si haeret aqua) estava ainda duvidosa mais de dous seculos depois da traição commettida pelos Ethiopes. Aquelles que se perdiam no discurso ou não sabiam enunciar-se com promptidão e acerto (haeret aqua) podem ser apontados como os introductores de um regimen social, em que a *communidade* é sacrificada ao *individuo*.

Não sabemos quando os historiadores se resolverão a banir da narração dos acontecimentos os nomes dos indivíduos, como fizeram os antigos, e valeria talvez semelhante reforma como encaminhamento para a verdadeira cultura, da qual estamos muito distantes, sinão separados para sempre. Podemos entender agora o que se quiz dizer por *Un*, a proposito da historia de um nomo egypcio : *nomus*, significa o mesmo que *numus adulterinus* (moeda falsa), expressão que indica bem claramente os filhos de *Juno* ou as *moedas cunhadas de pouco tempo* (*numus asper*). *Unus*, encerra o radical de *nysion* e de *Nyseus*, palavras designativas, já da *trepadeira*, que apparece enroscada na lança de Bacchus (hera), já do proprio deus, que imprimiu a nova orientação nos negocios da terra (Bacchus). *Nuscicio* é a molestia dos que vêem melhor de noite que de dia, e si não nos enganamos, o povo attribue aos *gatos* essa aberração dos phenomenos visuaes, talvez em memoria dos tigres africanos, que pretendiam ler no *futuro*, quando não tinham uma ideia justa e nitida do *presente*. A cidade de *Un* tinha tambem o nome de *Hermopolites*, e por esta indicação nos informam de que o recinto habitado era um *entrincheiramento* ou baluarte revestido de relva (herma). *Viriditas* (relva), fala tambem de *força*, *vigor*, e, como já dissemos, *Vis*, é um dos nomes da raça nova (*Juno*). *Minerva*, que é o symbolo das *fortificações permanentes*, encerra como composto morphico a ideia de *herva*, e por *minuere herbam* se quiz assignalar que os Pelasgos, como brutos que eram, não deixavam crescer os musgos sobre os baluartes e os devoravam nos seus assaltos repetidos e criminosos. *Minare herbam*, fala de *herva que se pinta de vermelho*, e por esta

imagem se faz sentir que os *campos se purpuravam de sangue*, ás accommettidas dos tigres africanos. *Undare campos sanguine*, eis o que se conclue pela comparação entre os vocabulos *Un* e *Hermopolites*, sendo que a phrase *undisonæ rupes* reproduz o estrondo das multidões assaltantes, quando, como ondas revoltas, se precipitavam sobre os bastiões. O *gavião*, de que tantas vezes hemos fallado, é agora representado pelos *hermes* ou estatuas de Mercurius, sem *pés* (apus), porque estes são nos passaros de rapina substituidos pelas garras e a falta de mãos (*nec manus*) allude á morte (*necans manus*), que acompanhava os passos sinistros dos invasores.

O nome primitivo da tribu que presidia a todos esses movimentos contra as cidades do Egypto está indicado pelo já citado vocabulo *herma*, que significa *lastro* (saburra, Sab). Trata-se de gente grosseira como o *saibro* (saburra), e *burræ*, diz o mesmo que *iota* ou *nilum*, confirmando a interpretação que tiramos de *monas*.

Os homens que agora são designados pela palavra *herma* ou *saburra*, commandavam os outros; porquanto *bura*, é o nome da *rabiça do arado*, que se *encaixa no temão*, e *temo*, ainda allude aos *soldados biso-nhos* (bucolici milites), que sabemos serem os Ethiopes. A cidade assaltada era como a guarda do Norte, segundo nos informa a significação de *temo* (Bootes, Ursa). *Boare*, traduz-se por *gritar muito*, o que faziam os Pelasgos no momento de picar as muralhas ou investir contra os defensores das praças de guerra. Ninguém ignora que *Hermes* é o nome de *Mercurius*, o deus das tretas e dos embustes; mas notemos que o idolo

saxonio, *Hermensul*, lembra o cynico *mensageiro* do Egypto. Os escabellos antigos que rematavam em uma cabeça de *Mercurius*, chamavam-se *hermæ* e a razão disto se acha no significado da expressão *sedes belli* (praças de armas), cuja rendição era intimada por meio de *mensageiros*. A cabeça, que rematava o assento, nos adverte que devemos procurar as *origens* (caput), das praças de guerra, na cobiça e nas manhas dos homens, que serviram de modelo para o mytho de *Hermes*; e deste modo significava-se pela configuração de um só objecto usual o *principio* e o *termo* desses sitios famosos, dessas lutas sangrentas, que se ligavam ao nome de *Janus* (sedes), ou á memoria do *corredor* do Egypto (*Janus*).

Subjugadas as cidades, os respectivos habitantes, que as haviam defendido, ficavam privados do direito ou faculdade de *mover-se*, de intervir no novo governo e assim, pela falta dos *pés* e das *mãos* nas indicadas estatuas, ficou registrado o acontecimento temeroso, que se prendia ás origens da raça pelasgica. Explica-se do mesmo modo a significação da palavra *hermerias* (medicamento supersticioso para gerar filhos bonitos); porquanto, *naturale bellum*, é o nome da *antipathia*, e por *bellus* se entende o que é *bello* ou formoso. Acha-se em *antipathia* uma allusão á maneira por que se comportavam *vencidos* e *vencedores*, os primeiros dos quaes ficavam privados de tudo, ao passo que os ultimos podiam desde então viver regaladamente. O vocabulo *antipathes* falla do *coral negro*, e por esta forma associa-se a lem branca dos *Lybios* (vermelhos) á dos *Ethiopes* (negros), sendo que o dito bem conhecido — *fi::o como um coral* — póde ser traduzido por *astuto*, epitheto

merecidamente applicado ao deus pelasgico *Mercurius*. Importa, entretanto, observar, que *Coralii* eram os povos do *Ponto*, e *Coralius* um rio da Phrygia, coincidência que não é fortuita, mas depõe sobre a unidade da raça, que se subdividiu e occupou todos os continentes. Também *Hermaeum* é a designação dada a um logar da *Beocia*, e os povos dessa região passaram sempre por estúpidos. Chamavam-se *Hermeraclos* as estatuas que representavam, ao mesmo tempo, o deus *Mercurius* e o semi-deus *Hercules*, e esta associação iconographica acaba de ser explicada pelo exame do vocabulo *antipathes*, o qual fornece, por sua vez, testemunho sobre a antipathia ou aversão que se votavam mutuamente as duas tribus, sempre, entretanto, colligadas para as empresas homicidas. Desde então, as *crianças boas* e de bom genio só nasceram entre os Ethiopes, graças ao feitiço que estes empregavam para dar aos descendentes a posse da terra e o governo dos habitantes. Também a raça *clareava* de dia para dia, pois cada conquista feita fornecia novo alimento, e de primeira qualidade, para a luxuria dos vencedores.

E já que tocamos em *Minerva*, accrescentaremos que essa deusa figurava no duplo busto, chamado *hermatena*, bem junto de *Mercurius*, assim como que taes productos da estatuaría offereciam na parte superior a forma circular, sendo que a ideia de *arredondar-se* tem como expressão correspondente no latim a de—*in orbem circinare* (andar á roda da balista (*mensa*). A palavra *hermaphrodita* (androgyno), acha-se ligada ao nome de *Hermes*. Por que isto? Explica-se essa approximação pelo facto de serem *Ethiopes* e *Lybios* como *dous sexos* que se houvessem attrahido, representando o primeiro

daquelles povos o elemento *varonil*, ao passo que o outro figurava como mulher ou *mulo de cobre* (mulus æris), posto sob o jugo. A *canga*, que serviu de emblema para o *casamento* (conjugium) rememorava o *casal de brutos* (macho e femêa) postos na pista das populações brancas do Egypto e de todo o mundo.

Os outros elementos significativos, que se coordenam no vocabulo *Hermopolites* (nome da comarca), já foram considerados em outra occasião ; mas não esqueçamos, que se nos depararam reunidos os termos *Sab* (de *saburra*), e *pollex* (pollegar), approximação interessante, desde que tivermos em vista o defeito desse dedo da mão entre os selvagens *Boschimans*. A *cidade de Hermes* (polis Hermæ) já annuncia o futuro governo ou republica de Platão (politia), e o filho de *Priamo*, que deverá ser morto por *Pyrrho* (Polites). Em todo caso, trata-se de gente polygama, como o *faisão* (itys), acostumada a nivelar os campos e as cidades, á maneira dos artifices que esquadriavam a lenha das fogueiras funebres (polire roguem asciã).

Ficou dito que *Sesunnua* (a cidade dos oito deuses) fôra um dos antigos nomes de *Hermopolites* ; e o primeiro termo integrante do ultimo vocabulo geographico, já nos ministrou a noção, que agora se exprime por *sessio* (assento), donde *sessimonium deorum* (templo). Por *templo*, volvamos á ideia de *fortaleza* (sacrae arces), ou de *logares malditos* (fanum), pois *sacer*, fala de cousa *detestavel*. Os *oito deuzes*, que existiam na cidade, são os *oito patres* (octojuges), chamados a constituir a primeira assembléa deliberativa, que decidiu sobre os destinos dos habitantes. Como os *patricios* são comparados com as *alfaces*, a phrase *sessiles latucae*, nos observa, que os

dominadores de *Sesunnua* pertenciam á *gente rasteira*, que não póde crescer para cima, por defeito da raiz; e de facto, os Pelasgos estenderam-se no *sentido horizontal* (patere), mas nunca se achavam mais alto que os bancos das assembléas. Completamos a noticia dos factos, que nos é communicada pelo nome da cidade, dizendo que a terminação *nua* (de *Sesunnua*), poz-se por *lua*, como nos autorizam a decidir os exemplos de *luscitio* e *luscitosus* empregados pelas fórmulas *nuscitio* e *nusciciosus*. Ora, *Lua* era o nome da divindade, em honra da qual se queimavam as armas tomadas aos inimigos vencidos, e o termo *sun*, de nome analysado, conduz a *sunare*, synonimo de *deprimere* (deprimir, humilhar). Os *oito deuses*, em sessão, resolveram expiar o crime commettido pelos defensores da praça, mandando accender uma fogueira, na qual foram collocadas as armas da população vencida, desforra ao nivel dos soberbos dominadores, tão supersticiosos quanto broncos de espirito. Mas nós chamamos *lua* o mesmo astro emblematico da civilisação africana (luna, *noite*); e, portanto, foi ao obscurantismo que se vinha adensando sobre a terra, o sacrificio feito na praça publica. A nossa interpretação sobre o termo *nua* (Lua) acha ainda apoio na significação de *sessia*, a que nos leva o termo *sessu* (de *Sesunnua*); porquanto, a *columna levantada no centro do circo* (*sessia*) lembra as *moles*, que dizem *cahidas da lua* (colus lunæ, *roca da lua*), e o *circo* allude ao *açor* ou *gavião* (circus, circos), que imita no vôo vertical de alto para baixo a queda dos meteoros procedentes daquelle satellite da terra. O *centro do circo* deve ser entendido como a *veia mais dura da pedra meteorica* (centrum), e desta materia eram, para assim dizer, feitos os

Ethiopes que formavam o *conselho dos oito* ou a assembléa dos deuses. Eis o que exprimem as columnas e os obeliscos: o vôo dos gaviões, a quéda estrondosa dos meteóros da conquista.

Entrada a cidade (*sumpta*), que era a chave da defesa do Norte, podiam os occupantes lançar mão de todas as riquezas accumuladas pela raça vencida (*sumere*); e os *mercuriales viri* (homens eruditos), que são os mulatos cobertos de bronze (*aes*), dispunham agora de abundantes recursos (*sumptus*), para banquetear-se e fazer prodigalidades (*sumptus epularum, sumptui deditus*).

O territorio de *Un* confinava ao norte e a léste com o nomo de *Meh'*, o qual tinha por capital *H' ebenu* (Tuho, Theodosiopolis), e comprehendia diversas povoações notaveis, como *Nowrus* (Hum-el-Amar) e *Panubt* (Speas Artimidos, Beni Assan) na margem direita, *Menat Huou* na esquerda.

Submettendo essas diversas denominações a uma ligeira analyse etymologica, poderemos reviver mais alguns factos, inteiramente desconhecidos, da primitiva historia do Egypto. *Meh'*, acha a sua explicação na palavra *mechir*, mez dos Egypcios, que correspondia ao fim de dezembro. Conta-se por essa fórma, que a *dormideira* pelasgica (*mecon*) e a *perola* semelhante á *papoula* (*unio*) que representam as *duas tribus unidas*, fizeram a sua apparição no mez indicado ou bateram ás portas de *Meh'*.

Por *December* se allude ao *exodo* ou apartamento dos antigos habitantes das margens do Nilo (*decessus*). A *chuva grossa* (*imber*), acompanhada de trovões e relampagos (*ombria*), que cahiu sobre a cabeça dos Asiaticos decidere), forçou-os á partida. Os novos senhores do

nomos eram aquelles mesmos que se differenciavam profundamente da raça civilisada (decidere ab archetypo).

Assim, os fundadores de tantas cidades opulentas, magnificas, perderam o tempo e o trabalho (imbrem in cribrum gerere), mas não puderam conter as lagrimas (imber), em face da desdita suprema ou da fatalidade que os opprimia.

Foi por intermedio do vocabulo *Meh'* que se formaram os da *Meca*, *Megabysus*, *Megaera*, *Megara* e outros. *Megabysus*, fala de *eunucho* ou de sacerdote da deusa *Diana*; mas por *capus* (bode de semente, chibarro castrado) se descobre o pensamento que presidiu á creação desse sacerdocio.

Homo ademptx virilitatis (eunucho) é o *homem de virilidade morta*, ideia que se concilia com a expressa pela palavra *meco* (dormideira). *Virilitas*, diz o mesmo que *robur* (robustez, força), e assim os Pelasgos são acoimados de *poltrões*, em quem faltava a fevera da verdadeira *energia* ou o *cunho da madureza* (pubertas).

Os padres de *Diana* eram os *patres* sahidos das tribus nubias (imber), que atravessariam ainda a phase nomade dos povos, si porventura não passassem pela depuração de sangue e pela aprendizagem na qual tiveram como mentores os antigos civilisados. Mais tarde, essa indicação historica sobre os *patres*, que serviram de modelo para o mytho de *Diana*, foi interpretada no sentido litteral, pois os Pelasgos não puderam até agora desprender-se completamente da ignorancia barbara, maxime em assumptos religiosos. Dahi a pratica, introduzida entre os ministros da *caçadora*, de se privarem da *virilidade* physica, exemplo que foi imitado pelos sacerdotes de outros deuzes, creando-se desse modo a pha-

lange dos eunuchos a que fazem constantes referencias as legendas antigas.

Não precisamos insistir sobre aquella das tres *Furias* (*Megæra*), que symbolisa a descendencia dos Pelasgos; pois em *geranilas* poz-se a noticia de uma *pedra preciosa côr do grou*, e já vimos que significação tem esse passaro sob o aspecto dos costumes pelasgicos. *Geraria*, quer dizer *escrava*, e não se póde contestar, que a verdadeira liberdade é ainda uma duvida para os descendentes dos Lybio-Ethiopes, a quem se faz allusão po-uma das variantes daquelle nome latino (*ceraria*). A' gente *côr de cêra* deve-se a invenção, si assim podemos chamar, dos *alcouces* (*cellaria*), e por isto os antigos empregavam *cellaria* por *geraria* ou *ceraria*. *Cella*, lembra ainda a *prisão* (casa de recolhimento), e a *semota domus* (casa apartada), que se tornou o typo da habitação e da sociabilidade mais geral entre os povos de origem africana.

A *escrava que leva a criança nos braços* (*geraria*) é a mesma que hoje *rege* e *administra* (*gerere*), posta, entretanto, pelos ethnographos na *Aria*, supposta patria primitiva dos povos mestiços. Tirou-se ou destacou-se *Aria*, de *Ariadna* (mulher de Bacchus), e é este o *mexiko* (puer, liber) que a *escrava vermelha* ou *côr de fogo* (*arianis*), chamada tribu lybica, conduziu nos braços por toda a terra.

A denominação do nomo *Meh'*, além de, como onomatopea, representar o *balido* do *carneiro* da Africa, entrou como termo componente de uma fórmula de juramento, pela qual os *homens* reclamavam o auxilio de *Hercules*. Já se vê que, figurando os *Ethiopes* como o *marido*, e os *Lybios* como a *mulher*, a fórmula sa-

cramental allude ao *apoio*, á cooperação em favor da primeira pela segunda daquellas tribus.

O *perfume excellente*, que se designa pelo vocabulo *megallium*, é o que se exhalava do *maritus oens* (bode), e não precisamos lembrar que *excellens*, se diz de uma cousa *excessiva*, *exquisita*, que foi posteriormente procurada com diligencia ironica (exquirere), porque o *odor potentissimo* tornou-se como pergaminho de nobreza ou brazão heraldico.

Megistænes, convizinha pelo radical com o nome da comarca egypcia, para informar-nos sobre o passado mais longinquo desses *magnates*, grandes do reino ou da republica, que ainda na média idade procuravam esconder o ethiope por meio de perfumes e essencias preciosas, como nos lembra Draper. Mas o succo da *dormideira* (meconium) tornou-se mais pernicioso do que a fragancia exquisita (*jucunde gravis*), trescalada pela gente nobre. A *pintura das cousas grandes* ou a *melographia* é o que ainda preocupa os leitores dos romances; mas precisamos advertir de que o *verdadeiro* foi substituido pelo *grandioso* nas cogitações dos homens; e esse sestro do espirito, que se compraz na leitura dos poemas homericos ou nas novellas de Ponson du Terrail, é de procedencia africana. Ulysses, Agamenon, Achilles, Ajax, rescendiam da pelle os mesmos effluvios que tornam insupportavel para nós outros um Cafre ou Hot-tentote.

Meh' teve por capital *Hebennu*, e este nome fala da *deusa da mocidade*, mas da mocidade tão pouco esperançosa como aquella que formamos na atmosphaera asphyxiante de nossas escolas de parolagem. *Hebe* era filha de Juno, isto é, representa a humanidade pelasgica,

nascida da alliança entre *Hercules* e os descendentes de *Jupiter*. *Hebennus* é o nome do *ebano* (*ebenus*), madeira de *côr negra*, e já sabíamos que a *escrava egypcia* (*geraria*), teve a principio a tez dos Ethiopes, os quaes transitaram do *fulo* para o *preto*, e do *preto* para o *amarello* até que attingissem ao *branco desmaiado* (asso). Sabe-se que o *succo da dormideira* é branco, mas que muda de *côr* pela *coagulação*. Foi essa *condensação* (*densatio*), observavel entre as raças chamadas *amarella*, *azeitonada* e *vermelha*, que evitavam os Ethiopes, espousando mulheres brancas, e por isto a classe dominante de todos os povos apresenta uma coloração menos carregada do que o vulgo, á parte a influencia exercida, neste particular, pelos climas. A morada nos paizes frios produziu os pretendidos *aryas*, que pretendem empunhar o sceptro da civilisação do planeta. Mas elles, si são legitimos africanos, não se mostram mais humanos do que as tribus selvagens que ainda habitam o continente negro, e sob diversos aspectos lhes são inferiores. Os europeus distinguem-se entre os habitantes da terra pelo egoismo demarcado e pela violencia das paixões insaciaveis. *Nam hebetaverunt flammæ*; mas, em compensação, embotaram a pouca intelligencia (*bebetare mentem*), que herdaram dos avós asiaticos. A longa sombra que escurece ou eclipsa a luz da lua (*hebelatrix umbra terræ*), imita os accessos de barbaria ou de furor tresloucado, que invadem os povos modernos; e uma civilisação que tem apenas a espessura da pelle humana, ou que nunca passou do exterior para o intimo e dos livros para o sentimento, é esse mesmo astro, de luz emprestada, que os antigos comparavam com as *trevas da noite* (*luna*).

Hebdomas, é o nome dado pelos Latinos ao *dia crítico das doenças*, e ninguém dirá, que as correrias dos Barbaros do Norte, na Europa e na Asia, não assignalem uma aggravação da inferioridade intellectual e moral sentida por toda a raça pelasgica. O *espanto*, o *assombro* (hebetudo), precediam e acompanhavam as invasões, que ameaçavam varrer e delir todos os resquícios de cultura humana, escapos á vassoura ethiope. Agora, porém, *Hebe* bate ás portas de *Hebennu*: é o *aceno da bôta* (nutus Hebes), ou da *cohorte dos patres* (Hebes oculorum acies). A gente de *côr embaciada* (hebetudo coloris), produziu logo *torpor de corpo* (hebetare corpus), *amortecimento da memoria* (hebetare pectora), e *cegueira inesperada* (hebetare visus), a que se pôde accrescentar *embotamento da lingua* (hebetare linguam). Estão presentes os *mais estupidos dos animaes humanos* (hebetissimi animalium), e Tacitus poderia repetir nesse momento a phrase conhecida: « quis adeo hebes inveniatur...? »

Por mais que despojassem, por mais que trabalhasse o ferro homicida, estes Barbaros estavam nus (Hebe nuda), e por isto é tempo de despir os que trabalham para cobrir os sicarios (Hebes nudans).

Passemos ao outro nome da cidade: *Tuho*. Neste vocabulo egypcio acha-se o latino *tuguriola* (pequenas choças, tugurios). Não se pôde duvidar, que os antigos edificios, vastos, commodos, esplendidos, foram substituidos por *palhiças*, casas estreitas e sem architectura, como aliás é ainda a edificação geral das cidades do Egypto. Maspero, cingindo-se ao testemunho da archeologia, fala-nos « dessas casas pequenas, esguias », cujos restos nada adiantam sobre a vida primitiva do Egypto,

quando esta região transformou-se de areal adusto em valle fertilissimo sob a diligencia maravilhosa dos Asiaticos. Nota-se, porém, a mais deploravel confusão entre os acontecimentos da primeira e os da segunda época, pois os historiadores não dispunham dos dados necessarios para essa discriminação, que só agora apparece. Em *Tuho* poz-se ideia de *defender, guardar* (tuor, tueri), e ella se completa pela phrase: *regionem ab excursionibus hostium tueri* (defender a cidade contra incursões e pilhagem dos inimigos). Trata-se, portanto, de uma *cidade fortificada*, e como já tocámos na *gente grosseira, estúpida*, — tuor (vista), nos diz que a *hebes acies* (vista curta, exercito de estafermos), foi a causa determinante das medidas preventivas tomadas pelos antigos habitantes de *Tuho*.

Foram por certo as muralhas que contiveram por muitos seculos a furia selvagem dos Lybio-ethiopes, cujos habitos militares tendiam a dilatar o circulo em que estavam encurralados os habitantes mestiços do sul do Egypto. Dava-se tambem á mesma cidade o nome de *Theodosiopolis*, e esta palavra encerra uma allusão ao que já vimos expresso por *Tuho* (tuor). *Theodotio*κ, designava uma especie de *collyrio*, e é bem de ver que se faz referencia, por essa significação, á *vista curta* dos Pelasgos, que se alonga pela posse da nova cidade. Por *collyrium* se entende tambem a *mecha para curar fistulas* (turunda); e a conquista de *Tuho* servia realmente para reparar os damnos causados pelas rupturas entre os diversos grupos da mesma raça. Dissemos já que os filhos dos *patres* procuravam ao longe a fortuna, enquanto os *pais* fixavam morada nos territorios que iam conquistando. *Turunda* (mecha), encerra o radical que entrou na palavra *Tursena* (Etrusco), que fala da descen-

dencia dos Lybios ; e a *massa que serve para fazer sopa*, tambem se chama *turunda*, o que mais uma vez nos põe diante dos *Massyli*. Allude-se tambem por *theodotion* á *torcida que dá fogo á mixa* (*stupens ignis fomes*), e *fomes* é a *materia secca para o fogo*. Lembraremos que a *tribu vermelha* figura aqui como combustivel, emquanto os negros representam o *incentivo* ou calor necessario para que a outra se inflammasse (*fomes*). Por *stupens*, se restitue a noção ha pouco enunciada pela palavra *hebetudo*, synonimo de *stupor* (*assombro*), já não falando de *bajojice* (*stupiditas*). *Fistula*, que é a chaga profunda e incuravel, conduz a *fistulare* (*carcomer-se*), e basta recorrer ao vocabulo *noma* (*chaga cancerosa*), para se achar a correspondencia de sentidos que se trava entre os *Ethiopes* (*Nomades*), e a enfermidade de que os *Carios* (*caries*), são a representação ethnica. *Turunda*, depõe igualmente sobre esse *genio ondeante* (*undans*) dos Pelasgos, e *penicillus* (*mecha*), é o nome da *esponja* e mesmo de tudo quanto serve para *alimpar*. Uns escrevem no *quadro negro*, emquanto outros apagam os caracteres ; e esta simples comparação dá-nos a chave explicativa dos avanços e recuos do nosso progresso, o qual, partindo da força bruta, deriva para a anarchia. Tambem as nações que mais abusam do poder das armas são as que mais cedo cahem em dissolução, e a historia nos prova que este destino é inevitavel. Não foi sem fundamento nos factos positivos que os constructores da linguagem deram uma mesma raiz ás palavras *toxillus* (*archeiro*, *besteiro*) e a *toxicum* (*peçonha*, *veneno*).

Paramos na analyse do nome da cidade egyptica ou de *Theodosiopolis*, pois já sabemos o que nos indica a respectiva terminação. Examinemos rapidamente as

outras denominações geographicas, referentes ás povoações notaveis, situadas no mesmo nomo. *Nowrus*, decompõe-se em *novitius urus* (uro selvagem ou bisonho), mas *Khum-el-Amar*, variante pela qual se designa tambem a cidade, resolve-se na phrase *cum helluone amarum os* (com o comilão marcha de par a bocca amargosa), sentença esta que não demanda explicação, pois repete o que já sabemos sobre as situações respectivas de *vencedores* e *vencidos*. *Panubt*, que é outra cidade da comarca de *Meh'*, recorda as *nupcias de Par*: ou dos nubios (*Panos nuptiæ*), e não ignoramos mais como ellas se faziam. Davam tambem os nomes de *Speos Artimides* e *Beni-Assan* á cidade de *Panubt*, e o primeiro delles fala de *bocca da caverna* (*specus os*), porque *specus* (*abysmo*), é synonymo de *profundum* (*ventre*); de fórma que os *olhos* e a *cabeça* (*os*), puzeram-se no logar da *bar-riga*. Isto se fez por artes de *Diana* (*Artemis*), a deusa dos *caçadores* africanos, ou por *obra do medo* (*arte metus*). *Artemo*, é o nome de uma *vela de navio*, que chamamos *cutello*, e esta approximação synonymica nos demonstra que estava preparado o *theatro futuro* (*vela erunt*), assim como que o *disfarce* e a *hypocrisia* andariam desde então no mundo de vento em popa ou navegando á toda a vela (*plenissimis velis navigare*). Não falaremos nos crimes sangrentos, symbolisados pelo *cutello*. Sabe-se que *Artemisia* era a mulher de *Mausolo*, rei da *Caria*; e por esta lembrança nos advertem de que os assaltantes de *Artemidos* foram inventores do *carium sepulchrum* (*mausoléo*), que assignala as façanhas dos heróes. A situação miseranda em que nos apresentam as *almas dos mortos* (*sepulchrum*), no inferno pelasgico (*vitæ tenues sine corpore*), é uma pintura de factos coevos para

os creadores das legendas antigas, e não offerece nada de mystico ou de illusorio, pois desde a conquista do Egypto os homens se dividiam em duas classes distinctas: a dos *famintos* (vitæ tenues) e a dos *comedores felizes* (venter), comparados com os *abyssmos* (abyssini).

Os troglodytas estão afinal de posse do nomo egypcio, como nos relata o termo *midos* (de Artemidos), approximado de *Midæ* ou *Michæ* (Trogloditica). O *marisco de concha*, tambem conhecido pelo nome de *mexilhão* (mytilus), fez o seu pouso na terra usurpada; e não é debalde que o povo vê naquelle mollusco o emblema do *istromettido*. O indicado marisco reúne em sua concha oblonga o negro ou trigueiro ao branco azulado. Os *mexilhões* dos pintores (Uniones) não se fixam, entretanto, mas *rastejam*, como se diria, que é o caso de *Vulcano*, e o mesmo acontece aos *Anodontes*, palavra onde se lê o nome de *Janus* (anus), e o do *escarpim*, feito de *pello de bode* (udo). Sabe-se que o *escarpim* é uma especie de calçado, onde fica o *calcanhar* descoberto; mas convém lembrar que *calx* (calcanhar), significa tambem *couce*, e como se trata de duas tribus, uma das quaes representa a *espora*, e a outra o *animal de aluguel*, que se movia á força de acicates, dahi o proverbio latino: *adversus stimulum calces* (contra a espora couces); e é certo que os Lybios mostraram-se sempre impotentes contra o influxo ethiope, mesmo quando destruiam e reformavam.

Sentimos a analyse da palavra *Beni-Assan*, variante de *Panubi*, e que se decompõe em *bene assus anus* (Janus muito puro ou sagrado). Em *muito puro* pôz-se a ideia de *purulencia* (puritas), assim como por *sagrado* se indicava a cousa *detestavel*, *mal dita* (sacer). Foi por isso que se deu a *Hercules* o epitheto de *Sanctus* (sacer). Falta

examinar o nome de uma outra cidade do mesmo districto egypcio : *Menat Kuvu*, palavra esta que se resolve em — *ad mene cubus* (relação entre o quadrado e o circulo), pois *moenia*, traduz-se por *circumferencia*. Eis os primeiros que propuzeram a solução do celebre problema que tem atormentado o espirito de tantos mathematicos : a *quadratura do circulo*. E será talvez mais facil descobrir a redução de uma figura na outra, do que, afinal, conciliar as tendencias das duas raças que ainda vemos em conflicto. Si applicarmos ao caso a noção astronomica sobre a *quadratura* dos planetas, podemos concluir que a *lua* pelasgica veio duas vezes a essa situação : já quando passou da *conjuncção* á *opposição*, que representa o primeiro quarto ou phase ; já quando sahiu da *opposição* para a *conjuncção*, que representa o estado physico actual de nossa raça. Os dous elementos ethnicos, que entraram na constituição physica e moral dos povos modernos, acham-se naquelle momento da historia em *conjuncção*, por um lado, e em diametral *opposição*, por outro ; ao passo que, na actualidade, elles tendem a fundir-se de modo completo, mas para chegarmos á desaggregação final, que será irremediavel.

A cidade egypcia *Menât-Kuvu*, como *circulo* em relação ao *quadrado*, não offerencia nenhuma semelhança, sob a relação do povo habitante, com as turbas volitarias e viciosas que a invadiram e subjugaram ; mas a verdade é que as duas fórmulas geometricas distinctas se conciliaram no mytho de *Janus quadriforonte* ; pois, como sabemos, esse deus é o emblema do *arco*, e ao mesmo tempo da *gente quadrada*, e esta circumstancia podia gerar a phrase conhecida : *quadrata compositio* (periodos arredondados, estylo esmerado). Desse genero de

composições, que pareceriam *quadradas*, si não fossem, as mais das vezes, *continuação de fundo antigo* (continuar fundos, *arredondar*), ha grande numero, por certo; e os escriptores, quando manejam a penna, não podem tirar os olhos dos dictionarios, sob pena de confundirem balisas oppostas (*æquare proximos terminos*), o que não seria propriamente *arredondar*, mas padecer de miseria (*redigere ad egestatis terminos*). Releva ponderar que pelo *circulo* se faz menção da *soldadesca* (orbis), e pelo *quadrado* do *prato de iguarias* (quadra), que ficava agora ao alcance da mão dos invasores (cubare). Conta-se que aquella cidade foi fundada e augmentada por *Kuvu*, tambem chamado *Cheops*; mas este nome resolve-se em *se ops* (rico para sua casa) e é constante que o *pater* pelasgo vivia á parte dos outros (*seorsus*), cada qual tratando, como ainda hoje, de *puxar a braça para a sua sardinha*.

Kuvu, sendo a mesma palavra *cubus*, e esta significando o mesmo que *talus* (calcanhar), não se pôde conjecturar a principio como um *couce* (calx), podia fundar e dar maior extensão a uma cidade. Mas *tessera*, é synonymo de *cubus*, e falla de *seilha*, de *contrasenha de guerra*; emquanto *condere urbem in humo* nos dá noticia de alguém que *cerca ou sepulta uma cidade*; e foi exactamente o que fizeram os Pelasgos, a quem tambem era facil — *opes augere* (augmentar os cabedaes), ou passarem rapidamente do extremo desamparo para a maior opulencia. *Opes augere civitati*, diz que os novos occupantes de *Menât-Kuvu* não ficaram em má posição, pois chamaram todas as riquezas para o seu uso, sendo, pois elles agora os unicos cidadãos activos (*civitas*). O nome arabe do *Minié*, dado a *Merât-Kuvu*, resolve-se

em *minium est* (é vermelhão), expressão equivalente *sinopsis*, que nos diz : *ladrão da terra* (Opis Sinis).

Ao norte do nome de *Meh'*, na margem occidental do rio, ficavam as comarcas de *Pa*, com *Ha-benu* (Hipponon) por capital, e de *Maten* (Aphrodites), tendo por capital *Pa Nebtepah'* (Aphroditopolis, Atfrech). *Pa*, tirou-se de *pabulatio* (ida a buscar pasto, procura da forragem), e faz referencia aos *facinoras que mereciam forca* (Acherontis pabulum). E' a mesma gente bem conhecida do *ajuste* (pactus), que tinha em Roma como estandarte um *feixe de feno*, e que serviu de typo para os mythos de *Pales* e *Pallas*. *Ha-Benu*, recorda o governo do *ebano* (habena ebeni), que se affirmava pelo *azor-rague* (habena), succedaneo do *braço da funda* (habena). Os Romanos foram os herdeiros dessa invenção africana, como prova a phrase *habenæ Latix* (dominio de Roma). O *carro gaulez*, que consistia num *cesto de vime quadrado*, posto sobre duas rodas, chamava-se *benna* : é o que recebeu na Suissa o nome de *benne*, e na Belgica o de *banne*. Mas os Latinos punham *benus*, por *bonus*, e portanto *habena*, diz o mesmo que *habere bona* ou Bonam (deter os bens, possuir a mulher de Janus). Os *homens bons*, das Ordenações portuguezas, sahiram desse meio. Cada uma das ideias que se travam para dar a descripção do vehiculo *gaulez*, repete noções conhecidas sobre os conquistadores do Egypto : *currus*, lembra os *cavallos* ; *pabulatoria corbis* (cesto), o *vaso em que se dá comida ás bestas* ; *vimen*, o *caduceu de Mercurius*, ou o *festão de varias côres á maneira do arco-iris* (virga), não falando no *latego*, a que alludimos ha pouco. Lembremos ainda, que *Gallus* (Gaulez) traz á memoria o *rio da Bithynia*, cuja agua dava furias (Gallus), e o *tumor ethiope* (callus),

sinão o *lombo de javali* (callum aprugnum), que é o mesmo de *Janus* (dorsi spina). Serviam os carros gaulizes para conduzir a bagagem dos exercitos pelasgicos, e não desdizem do talento inventivo dos africanos, applicado naturalmente a modelos que não soube reproduzir com esmero. Esse genero de conducção ainda nos parece primitivo e destoante da civilisação que reinava no Egypto : foi, portanto, mediante desastradas imitações que os Pelasgos enterraram os productos da antiga cultura, muitos dos quaes tornaram-se depois desconhecidos.

Hipponon, denominação tambem ligada á capital de *Pa*, fala de *eguas* (hippe), de *caranguejos* (hippae), de *cometas* (hippius), e de *camellos grandes* (hippocamelos). Não precisamos falar do *picadeiro* (hippodromus), da *lingua de cavallo* (hippoglossa), nem da *fonte da Beocia*, tão festejada pelos poetas (Hippocrene). Ha quem tome ao serio a indicação antiga sobre o inventor do verso jambico (Hipponax), poeta feissimo, que foi naturalmente beber inspiração nas aguas virtuosas em que os Beocios nunca acharam senão gordura e pachorra. *Hipponax*, é um composto morphico, que se formou por intermedio de *hippe* (egua), e *bonasus* (uro ou boi sylvestre). Dahi a ideia de *feialdade extrema*, pois as duas physionomias reunidas não podiam dar-nos um *Narciso*. O nome de *Hippona* decompõe-se em *Bona hippica*, e portanto fala da *egua*, que deram por mulher a *Janus*. Os *alforjes* dos Pelasgos (pellis) estão designados pela voz *hippopera*, e já se sabe que elles serviam para as viagens e campanhas (perargrare). Nós designamos por *peralta*, o individuo dado como *muito alto* na lingua dos Latinos (peraltus); e de facto, para

os antigos, a gente que se tinha na conta de *augusta*, não passava de *peralvilhos* e *vagabundos*, bem que a nobreza posterior recolhesse os panegyricos (hipponactum praeconium), sem fazer cabedal das satyras pungitivas postas sob fumo redolente. O nome, pois, da cidade nos informa que os novos occupantes della devem ser tidos como homens atrasados e retrogrados (ponendus hippus), ou tomados na conta de quadrupedes (ponere).

O outro nomo, de que falamos, era designado pela palavra *Maten*, que nos dá noticia, de primeira fonte, sobre o *matutinus Aeneas*, tão celebre nas legendas da Europa. Por esse mytho representa-se a raça *inepta* e *covarde* (mataeus, matula), a que pertencia o *matutinus pater* (Janus). *Maten*, era a mesma *Aphrodites* (comarca egypcia), e ninguem ignora que este nome era dado a *Venus*, supposta mãe de *Eneas*. Assim *Maten*, resolve-se historicamente em *Aeneas matutinus*. *Aphron* (de Aphrodito), designa uma casta de *dormideira*, e o succo desta planta parecia absorvido pelo sangue pelasgico, incapaz até hoje de empregos consideraveis e de trabalho assiduo. A capital de *Maten* (Aphrodites), era *Pa-Nibtepah'*, palavra que fala de *caloteiro preguiçoso* (nebula tepida), mas merecedor de uma interjeição admirativa ou de indignação (ah!). O *nevoeiro morno* (nebula tepida), que se despenhou sobre toda a terra, reduziu os homens prestantes a cousas de pouco valor ou estimação (nebula), e por isto as sacerdotisas de Bacchus vestiam-se com o *couro do gamo* (nebris), como para recordar-nos de que todas as familias humanas estavam, desde a conquista do Egypto, revestidas de *duas pelles*, como acontece aos *embusteiros* e *hypocritas* (nebulones).

Ninguém despiu ainda a sua segunda pelle, e eis a razão por que nas sociedades humanas a maioria é devorada pela minoria: ao lado do *reado* africano, está o *cão de caça* (nebrophonus), que é o *Nubio* (Anubis, nebula), convertido em director de consciencias, em censor e fiscal dos povos, em magnate ou nababo, em *alpha* e *omega*, de nossa civilização bastarda. E' ocioso repetir que os governadores das nações sahiram da mesma casta, que andava no Egypto, como ficou referido, á cata de feno ou de pasto, e por isto formou-se o composto *Pa Nebtepah'*, no qual o ultimo elemento do aggregado reproduz a noção emitida pelo primeiro (pabulatio), como para declarar-nos que o *veroeiro humano* está posto entre duas fileiras de facinoras (pabulum Acherontis), ou guardado por duas manadas de eguas selvagens (pabulator), que se precipitam para as hervas do pasto. A *lucta pela existencia*, que é a fórmula, *bem achada por certo*, de nossa civilização, encerra no fundo a historia desse tremendo conflicto, que deflagrou pela primeira vez em terras do Egypto. O distico, porém, da escola darwinica, rege apenas o mais curto periodo da historia da humanidade; pois *onze mil annos* de paz, de trabalho e de admiravel cultura, haviam precedido o momento do cataclysmo africano.

Aphroditopolis é, como vimos, um dos nomes dados á capital de *Mater*, e o mytho de *Venus* (Aphrodite), além da allusão que encerra a proposito da Africa (aphros, afri), descreve, pelo nascimento da deusa, o estado de *fermentação* (spumare), e *fervura*, em que se achava o mundo revolto das populações pelasgicas. *Spumosus*, se diz tambem do que é *soberbo*, *orgulhoso*, e, assim, pela *cspuma do mar*, donde se elevou o *busto* da deusa,

se fez referencia á raça, que leva consigo mesma todos os *perigos* (maria), de par com a *arrogancia*, tão fundada como a das vagas quando se quebram de encontro ás rochas altaneiras. A phrase de Plautus tem cabal applicação ao caso: *mare haud est mare; vos mare accerimum* (o mar não é perigoso; em vós está o maior perigo); e é incontestavel que os *orgulhosos mortaes* são como espumas denunciadoras da furia do pelago, pois têm dentro de si mesmos a causa da fermentação e da inconstancia. Por *Venus*, se traduz a ideia de *trafico*, de *venta*, de *sedução*, e, de facto, os homens levaram todas as cousas ao mercado, não exceptuando mesmo a *houra*, a *virtude* e o *talento*, mercadorias estas, que vemos revestidas de etiquetas vistosas, de rotulos enganadores. *Ve::ustas* (belleza), tornou-se synonymo de *credito*, de *auctoridade*, e vemos realmente associadas as duas ideias na pratica da vida, associação igualmente estabelecida a respeito do *bello* e da *guerra* (*bellus*, *bellum*).

Deve-se notar que o nome de *Aphrodite* lembra o do *estragão* (aphrissa), planta que recebeu o nome scientifico de *Artemisia Dracunculus*, e esta, por sua vez, traz á memoria o *jaro* (arum) ou *serpe::tiua*, podendo-se colher dessa approximação de palavras a denominação conferida aos *Aryas* (arii, arcarii, Arcades). Dizem que o *estragão* veio da *Tartaria*, mas os povos que habitam esse paiz partiram da Africa para a Asia, e representam como o *vinagre*, extrahido daquella especie botanica, no banquete da civilização do globo.

Do *estragão* tira-se uma *salada*, e o *Tartaro* fez as vezes desse prato em diversas emergencias muito conhecidas, donde o nome de *acetaria*, que poderíamos

referir á região conhecida pela designação de *Aria*, e esta foi primitivamente alguma cousa de melhor ou de menos *acido*.

Acharemos na palavra *Korasan*, que hoje designa o territorio chamado *Aria*, a léste da *Parthia*, a ideia de *coração sadio* (cor sanum), a par da de *região* (ora). Mas aquelle vocabulo geographico poude depôr mais tarde, graças ao engenho dos constructores da linguagem, a respeito da *menika do olho da Asia* (cora Asiae), que se tornou *branca* (assa, simplex, candida), e permanece valida ou *sadia* em toda a terra (sanus). Por este artificio linguistico nos revelam qual foi o centro ou *coração* da Asia (cor Asiae), de onde sahiram os povos primitivos de sangue puro, e ao mesmo tempo nos affirmam, que o *corvo* africano (corax), é o mesmo que subsiste ainda ou se acha de perfeita saude (San, corax sanus). *Sanus*, é synonymo de *indelibatus*, e esta palavra resolve-se, para o caso, na phrase seguinte: *libamen actum in India* (sorvo tomado no sangue indico). Como *integer*, por sua vez, diga o mesmo que *sanus* (intacto), e fale tambem de *cousa nova*, podemos confessar que a *marca do sangue negro* (aestates), não se apagará mais em nossa raça, ou durará tanto como a *pupilla* no olho dos Pelasgos. Mas esta circumstancia não entrou no curso ordinario dos conhecimentos, ou permaneceu, até agora, *cor integrum* (intimidade inedita). Os Latinos punham na phrase—*assus sol*, a ideia de *sol que se tomou em alguma parte* *onde* não houve *merenda*; mas *merenda*, tirou-se de *mereri* (merecer), e desta forma nos significam, que aos brancos não se deve imputar (merere culpam), o facto designado até agora em nossos estudos pelo nome

de *soalheiro africano* (sol). Esse phenomeno ethnico lembra o *flatus apricus*, que sopra ao *sul* do continente negro ou se levantou, na historia, da região banhada pelo golfo de Guiné.

Tocamos no *azedume*, de que se resente o nosso sangue, e por isto diremos, que elle se associa ao *narcotico* (herba aphrodes), na compleição moral dos Pelasgos, e como o succo da dormideira (necon aphrodes), seja *branco*, dahi a ligação da ideia de *papoula* com a de *espuma* (aphrodes). Foi, por certo, o sangue dos brancos que facilitou os progressos da ociosidade e do torpor mental; porquanto os *mulatos*, para se distinguirem dos *negros*, engolfaram-se na vida indolente, deixando o trabalho para os escravos. Os *patres* não se recommendavam pela actividade nos actos da vida; mas por isto mesmo que não se entregavam aos trabalhos mais rudes e penosos, puderam iniciar-se em alguns dos segredos das lettras e das sciencias, transmittindo-nos, bem que muito apoucado, o cabedal da civilização antiga. Entretanto, si o patriciado poude attingir a brancura da pelle, que legou aos seus descendentes; si imitava pela cutis o assetinado dos *kenuphares* e o vomito das *ondas*, guardou, comtudo, sempre no intimo, o enleio mysterioso de que se cercam os pegos e os oceanos. Consignemos a circumstancia de que a palavra — *Aphrodisias*, não só dá-nos noticia da Africa (Aphrica), como de muitos outros paizes percorridos e occupados pelos Lybio-ethiopes: é, assim, que aquelle nome foi dado a um promontorio e cidade da *Caria*, a uma parte da *Eolia*, a uma fortaleza da *Cilicia*, a uma cidade da *Scythia*, a uma ilha do golfo *Persico*, e a uma ilha do Oceano perto de *Gades*. Estas

faceis approximações, que nos revelam a ligação histórica, até agora inexplorada, entre os acontecimentos do Egypto e a conquista posterior do globo, são, entretanto, a prova de que os Asiaticos tudo envidaram para facilitar-nos o conhecimento do mais remoto passado. Não dissemos ainda que o vocabulo *Aphrodites* encerra o termo *dītis* ou *dis*, epitheto de *Plutão*, o deus que nos apparece em todo o curso da historia do Oriente, e que é o mesmo *Jupiter* (*Jupiter niger*). Finalmente, *Aphroditopolis* foi também chamada *Atfrech*, voz que combinou os elementos *ad* e *flexus*, sem excluir a noção expressa por *adfringere* (quebrar uma cousa em outra). Por este novo nome da cidade se deixa perceber que o *arco* ou curvatura propria da civilização pelasgica (*flexus*), estampou-se para sempre no conceito nacional do *recto*; e basta, para certificar o facto, que comparemos *rectum* com *recta* (vestuario da moda ethiope).

Descobre-se na voz *Atfrecht*, o mesmo termo que significa *direito*, na lingua allemã, e corresponde ao *rectum*, latino (*recht*). A base commum de todos os idiomas, sem distincção de familias, deixou até agora de ser penetrada pela critica dos glotologos; mas desde já desaparecerão as difficuldades, que se oppunham ao reconhecimento da *unidade* fundamental de todos os idiomas da terra. *Atfrecht* significa litteralmente—*curvatura direita* (*rectus-flexus*).

Ha entre os *cabellos encarapinhados* dos Africanos e a noção pelasgica do *direito*, maior conformidade historica do que se poderia pensar. *Capilli centum flexibus apti*, são os *caracoes dos cabellos*; mas o *direito* que nos legaram os negros, nossos antepassados, assemelha-

se ao do *mil'iafre* (*flectitur in gyrum*), e foi isto que Lucretius, sem maior exame, repetiu pelo verso conhecido: *quod procul a nobis flectit natura...* Como acontece a respeito dos *intestinos*, o *recto* (*intestinum rectum*), adapta-se ás flexuosidades do órgão dominante ou superior; e mesmo na hora que transpomos, difficilmente se achará um direito applicavel ou vivo, que não implique com uma *curvatura*. Nós temos ainda o signo do Leão em nosso zenith (*rectum habemus leonem*); e a *casa abastada, opulenta* (*recta domus*), sabe aonde deve guardar os *olhos da rectidão* (*rectos oculos tenent adversus*). Na applicação, a *lei* suppõe *metrica* difficil (*carmen*), e o *direito*, precisa do *arco*, symbolo da força. Aquelles philosophos que andam á cata das origens do *direito* pelasgico devem lembrar-se de que elle nasceu de um *desvio* da natureza humana, e tem como base historica uma *usurpação*.

E' isto mesmo que nos diz o nome da cidade egypcia: *Atfrecht*.

Entramos em seguida em *Uab*, nomo tambem chamado *Oxyrryachiles*, que tinha como cidade principal *Pa-Madjat* (*Oxyrrinchos*, *Pemsje*). *Uab* é *Bavius*, o nome do poeta *ineptissimo*, pelo qual se figura a musa de *Bacchus*; e não ha equivoco possivel, porquanto *babecalus*, reproduz o *epitheto* do *deus inverecundo* (*inverecundus deus*), ou de *Liber*, pela significação de *libertino, dissoluto, livre no falar*. A *babecalus*, prende-se o nome de *Babylonia*, região conquistada pelo *liber pater*, e por *babyloni numeri*, se entende os *horoscopus*, filhos do *furor poetico* (*thyrsus, oestrus*), sendo, que o *tabão* ou *mosca* das bestas é designado tambem por *oestrus*. *Oxyrrinchites*, como é tambem appellidado o

nomo de *Uab*, accusa os elementos, *oxys* (trevo azedo, junco marinho), donde *oxyporus* (envinagrado), *ringi* (assanhar-se, arreganhar os dentes), e *itys* (faisão). Trata-se da *jornada* (itus), daquelles, que eram como o *junco marinho*, por terem nascido junto do mar (golfo de Guiné), e como o *faisão*, por serem da familia dos gallinaceos, de azas curtas e pernas emplumadas, além de terem o tarso descoberto. O *calcanhar* (couce), que apparece, como vimos, no calçado dos Pelasgos, guarda a memoria do *passaro humano*, que se compara com o *faisão*, e anda por tropas numerosas e selvagens. Os *dentes* do passaro, já se sabe, que são as *garras* (dens); e tambem não ignoramos, que, á semelhança do faisão, os Ethiopes eram polygamos, e por isto achamol-os na India e na Persia proprietarios de muitas mulheres. Dá-se tambem o nome dessa ave a certos *molluscos de concha*, que, como ella, se distinguem pelas *cores brilhantes*, e a respeito de coloração cutanea ninguem póde disputar primazia aos homens do *arco-iris* ou do symbolo da *alliança*, pois eram como uma liga (mistio), de metaes diversos. O nome dos *Mysios*, lembra a *mexedura* (mistio), dos mariscos chamados *mexilhões*, e com elles, o *rato marinho* (mys) e os *mystagogos*, a quem se liga a invenção das *cerimonias* lithurgicas das egrejas pelasgicas, porque estas, além de alludirem á cor da *cêra*, denunciavam o espirito satyrico, depreciativo, carregado de remoque, com que foi proclamada a divindade dos conquistadores do mundo. Foi o *mysterio*, de que se envolviam as composições satyricas, que prevaleceu nas cerimonias ecclesiasticas e nas sociedades secretas (mysteria), e elle póde ser ainda reconhecido nos dramas burlescos da idade média, mais significativos do que parecem.

Oxyrrinchites, significa, portanto, *viagem da gente açorada*, que sabia a *vinagre*, porque os Pelasgos bebiam á farta: dahi o *furor poetico*, que essa gente affixava por toda parte, sendo certo, que a nossa humanidade vae muitas vezes á fonte nascida da patada de Pegaso. Dahi igualmente a *designação pejorativa* de «loucura epileptica», que se ligava no Oriente, segundo o testemunho da linguagem, ao espirito prophetico; e não esqueçamos, que no Occidente as pythonissas exerciam o seu estro divinatorio em meio de convulsões e terriveis esgares.

Pa-Madžal, nome da capital do districto egypcio, fala de uma cousa, que nos inspira sentimento de repulsa e nos provoca o orgulho (ba), e ella seria a *lança ethiope* (mazara), que entrou na denominação dada aos *Capadocios* ou habitantes de *Mazara*. *Mazara*, é palavra que se decompõe em *massa* e *hara*, si o primeiro termo dá testemunho sobre os *Lybios* (Massyli), o segundo fala das *possilgas de porcos* ou do javali africano, representado pelos *Boschimans* ou Ethiopes. *Para traç*, *capadocio de lança* !—eis o que se exprime pela invocação da cidade. Não precisamos chamar a attenção para o sentido injurioso que se annexa, na linguagem burlesca, á palavra *capadocio*, a qual lembra, por outro lado, os *euxuchos*, de que tratamos em outra parte.

Pensje, outro nome da cidade alludida, exprime a mesma ordem de conceitos, tendentes a retratar-nos a repugnancia inspirada pelos invasores: assim é, que *peminusus* (fedorento), forneceu o primeiro elemento significativo do vocabulo analysado, a par do nome de uma cidade ethiopica (Syene); e pela terminação *sye*, que se resolve em *sit* (siet), achamos o radical da pa-

lavra *situs* (immundicia), donde a phrase *situs pemi:osus* (sordicia que se fende), para designar os filhos dos *patres*, que abandonavam o lar paterno e iam fazer fortuna á custa alheia, em terras longinquas.

LIVRO VII

CONTINUAÇÃO DA CONQUISTA DOS NOMOS EGYPCIOS.—NESTOR E SUA PROLE.—OS LARES DE PAN.—OS STOICOS DA AFRICA.—DO MURO BRANCO A HELIOPOLITES.—AS PYRAMIDES E A POSSE DO SÓLO.—PARASITAS E CEREMO-NIAS DRUIDICAS.—LEGENDA DO GUI.—OS ESCARAVELHOS DO EGYPTO E OS HERÓES ANTIGOS.

Na margem occidental do Nilo, entre este rio e a cadeia lybica, ficava o nomo de *Neht* superior (Hera-cleopolites), tendo por cabeça *Hákknenson* ou *Hues* (Hera-cleopolis Magna). *Neht*, diz o mesmo que *nectus* (morto com violencia); e faz-se comprehender que os *nigro-mantes* (necromantes), que formavam o sequito do *ma-didum numen*, encontraram de surpresa com os habi-tantes do districto egypcio, que estavam *desacautelados* (necopinatus), e mais uma vez as trincheiras dos ven-cidos foram despojadas das hervas que as revestiam (*necare radices herbarum*), segundo a imagem que já vimos empregada.

Na duvida si os *vizinhos* e *parentes* (necessitudo), obedeceriam á *fatalidade* (necessitas) de sua indole ir-requieta, os antigos habitantes da região improvisamente atacada (necopinato), occultavam-se o mais que po-diam (necunde exstationibus conspiceretur), receiosos de que a *nympha* ou crysalida ethiope (necyda-lus) atasse mais uma vez tres fios de differentes côres (nectere ternos colores).

Mas os Pelasgos inventaram escusas (*nectere causas*), como aquellas que ao cordeiro foram allegadas pelo leão, e, finalmente, a gente que se comparava com as aguas dos rios tranquillos, por ter a limpidez suave desse elemento, sentiu-se enregelada ao contacto do caramello ethiope (*nectere aquas frigore*). Note-se que os ethiopes tinham como emblema as *brazas da lareira* (*Lar*), mas os povos que delles se approximavam, sentiam *calafrios* (*frigor*), e haviam forçadamente de tomar o fresco (*captare frigus*). E' que *panicus* (medo) diz o mesmo que *frigor*; e o *deus dos pastores* (*Pan*) usava invariavelmente de *argumentos frios* (*frigus argumentorum*), emquanto fazia cozer o *pão mimoso* (*panis niveus*), e tocava na flauta de *sete canudos* (*septem compacta cicutis fistula*). As *fistulas*, como chagas profundas que são, lembravam as *boccas do Nilo*, por onde se despejavam todas as podridões, e a *cicuta*, a que tambem se allude, é um *veneno* que mata, depois de produzir *calafrios*.

A cafila lybico-ethiope era por certo muito má (*nequissimus*), e tinha, como já nos disseram, a *asperexa do vinagre* (*nequitia aceti*), além de que uma vida de assaltos e rapinas perverteria mesmo o melhor natural que tivesse (*necare rectam indolem*).

Dahi o horror do seu contacto, o esforço para evital-a, que era a *ultima necessidade*, impreterivel, como a morte, para aquelles que desejavam viver puros ou indemnes de toda a jaça. *Heracleopolites*, nome tambem dado á mesma comarca egypcia, nos diz que a expedição pelasgica, aparelhada contra os asiaticos, poude cantar victoria (*Hera, Fortuna, senhora da casa*). Os invasores eram as *dormideiras*, de que tanto se fala na

historia dessa época (heraclion), mas ella lembra os *ne-nuphars* dos pantanos e a *panacea* (heraclion), sendo que a planta e o *remedio* (venenum) alludem ao povo sahido dos brejos da Africa occidental e conhecido pela irresistivel vocação para o mal. Eis porque o vulgo dá o nome de *brejeiros* aos máos individuos, tambem chamados *marotos*. Não será inutil insistir sobre a composição e significação da palavra *panacea*, que se formaria por intermedio dos termos *Pan* e *asseum* (Panos assea) e dizia o mesmo que fogões ou *lares de Pan*. Ora, os *Lares* são os deuses protectores da familia, circumstancia que nos deixa perceber a conformidade notada entre o *mêdo* ou panico e o regimen civil dos Pelasgos. O *terror* é, portanto, a lei dos povos que derivam do tronco lybico-ethiope, e a elle se deve naturalmente a preservação dos costumes artificiaes, que têm a *familia* como base. E assim como o *pater* se impunha pelo terror ou se fazia obedecer pelo direito de vida e morte exercido sobre os famulos, a *panacea* restitue a saude, pondo-se no logar das molestias, que se destina a debellar. *Reddere sanitatem*, traduz-se por *expellir a saude* ou *resignar o juizo*; e de facto, o nosso plano de educação copiou os processos da medicina empirica, apta para dar aos *toxicos* (reddere) o papel que caberia com mais direito á saude. Em outros termos, o educador emprega o *mêdo*, para facilitar o desabrochamento do siso; o medico dispensa a *morte*, para fazer voltar a integridade das funcções somaticas.

Nos *lares de Pan* reina a confusão e a desordem; nos de *Hypocrates* as escolas e os systemas, mas o *mêdo* ha de substituir sempre o *juizo*, que falta, assim como o *veneno* procura a saude deteriorada ou perdida.

A origem do mal não está nos medicos nem nos pedagogos, mas na propria natureza das cousas, sendo certo que *Pan* não pôde restituir a integridade moral a quem é organicamente desequilibrado; e por outro lado, Galeno não se priva de tomar o pulso aos doentes desenganados, sem excluir a esperança, um pouco indiscreta, dos coveiros. Já vimos que os fogões de *Pan* cozem ás pressas o *pão* e nelles o *frio* faz as vezes de *calor*; e esta imagem nos dará a razão da falta de incentivo que sentimos para o bem desinteressado, de modo que os homens são levados a punhadas para o caminho que deviam percorrer em liberdade.

Heracion fala tambem do *magnete*, como para representar-nos o instincto dessa raça, que attrahe ou é attrahida pela *espada*, pelo *punhal* e pela *cadeia* (*ferrum*).

O povo que apresenta essa caracteristica moral é o mesmo que foi caldeado á semelhança dos metaes: essa liga ethnica ou *solda* (*ferrumen*) emprega o *ferro* para reunir os ossos deslocados ou fracturados (*ferruminare fracturas*), maneira essa por que se exprime a impericia de uma sociedade que se propõe curar, por novas lesões, aquellas que são resultado da violencia ou do abuso da força. Até nos *osculos que se trocam entre os amigos e os amantes ha sabor de ferro*, como nos attesta a phrase empregada por Plautus: *ferrumixare labra labellis*; mas cumpre notar que *philema* (beijo) fala de *contos de criação* (*lemma*), como de todo semelhantes aos que foram rotulados com o titulo de *aniles fabulae* e rememorativos das façanhas de *Janus*. A palavra *carmen* (verso) encerra, por sua vez, a noção de *ferro*, pois designa um instrumento proprio para cardar lã.

Por *heraclius lapis* se entende a *pedra de toque*, que, na intenção dos constructores das linguas, não pôde deixar de ser a *raça asiatica* (index); e si por *index* nos deram a idéa de *accusador criminal*, está claro que os antigos habitantes do Egypto estavam para os *ethiopes* na relação da *justiça* para com os *autores de delictos*. Mas o *marco que divide os campos* (index), ou assignalou pela primeira vez a propriedade individual sobre a terra, está ligado á memoria de um centauro (Dexamenus), e nada ha na historia desses velhos tempos que melhor photographe o antagonismo entre *Indos* e *Pelasgos*. Semelhante instituição é como a taboa do livro (index), que resume todas as accusações formuladas contra os homens da *idade de ferro*. Si representarmos o momento da creação desse genero de propriedade, como uma estatua que deve levar *inscripção* (index), *inscriptio* (inscripção), nos daria a ideia de *libello*, de *epigramma*, de *summario dos crimes*, sem excluir a de *credito e autoridade* (titulus).

Heraclea, decompõe-se, por sua vez, sob a relação morphologica, em *aera aclis* (epoca da lança), e dahi vem o nome de *idade de bronze* (aeris), associado ao dominio dos Pelasgos. As festas que em Argos se celebravam em honra de *Juno* chamavam-se *hereæ*, e assim a *pedra que assignalava os campos* (finis), apparece na extrema divisoria de duas sociedades, uma das quaes surgira de pouco (*Juno*), e a outra terminara a sua carreira, tomando como epitaphio a instituição creada pelos filhos de *Jupiter* (ether). Deixemos, porém, o nome de *Heracleopolites*, e vejamos o que se quiz indicar pelo de *Hakhnensu* ou *Hnes*, dado á cabeça do districto egypcio. *Hac nens* tem como versão — *por cá se fia* — noção que se apura tambem do nome do districto: *Neht*, *netrix*, *fiandeira*; e pois que não é outra

a função habitual das *Parcas*, podemos crer que o *cutello* cahiu sobre a cabeça dos vencidos (*stamina digitis torquere*). Por *stamen* se entende o *fio da vida* (*rumpunt stamina Parcae*), e *torquere*, significa *destruir*, sendo que *digitum deprimere* (torquere) dá ideia de *condemnar*. A *idade da lança* (aera aclis), as *Parcas*, a *dormideira* e as *nenias* fazem consonancia na historia dos Pelasgos; mas *nenia* tambem significa *fabula* ou *conto das velhas* (aniles fabulae), e deste modo tudo se liga para imputar á raça africana o variado assumpto que deu nascimento ás creações mythologicas.

Como as *Parcas* houvessem sahido da progenie dos *homens de Guiné*, tambem chamados *porcos*, a phrase — *hac nens sus* (por aqui ha um porco que fia) traduz perfeitamente a situação creada pela conquista ethiope, em virtude da qual *uns* ficaram por cima (*sus*), e outros por *baixo*, mas estes estavam longe de se parecer com os sordidos pachydermes. E realizou-se o proverbio: *sus Minervam docet*, que póde ser traduzido pelo seguinte: o *javali ensina a comer a herva*, porque é animal herbivoro e reune no pello *astres côres* caracteristicas: *negro*, *branco* e *aleonado*. Resta considerar o vocabulo *Hnes* que por *enecare* reproduz a ideia de *matar*, e por *Ennaea*, a de *Proserpina*, ou da *rainha das Parcas*, sendo que *Ennosigaeus*, velho epitheto de *Neptunus*, nos fala, como já vimos, da tribu sahida das proximidades do mar e que *fez tremer a terra*. Não precisamos dizer, que *proximus mari* traduz tambem a ideia de *parente consanguineo* de Neptuno. Por sua parte, *aeneus* nos indica a gente *côr de cobre*, e *nes*, conduz a *Nesæ* (nympha do mar), a *nesapius* (ignorante), a *nessotrophium* (adem), a *Nessus* (centauro), e a *Nestor*, o homem que viveu trezentos annos,

mas este mytho não pertence privativamente á legenda grega.

O nome de *Nestor* resolve-se em *nescius stolatus* (rustico vestido a sacerdote), e vamos provar que o *sabio voluntario* da guerra de Troia é o mesmo *pater* pelasgo que encontramos na tragedia da conquista do Egypto.

A vida de *trezentos annos*, que lhe attribuem, mostra que a raça mestiça tinha attingido a idade de *tres seculos* quando foi assaltado o nome de *Hues*. *Nestor* era filho de *Neleu* (rei de Pylos), e de *Chloris*, filha de *Amphião* e de *Niobe*. Foi preservado do destino de seu pai e de seus 11 irmãos, que succumbiram ás mãos de *Hercules*, e combateu contra os *Centauros*, que pretendiam roubar *Hippodamia*, adquirindo notavel reputação no cerco de Troia.

Collocado sobre o throno de *Pylos*, *Nestor* casou com *Eurydice*, ou, segundo outros, com *Anaxabia*, filha de *Bias*. Teve duas filhas, *Pisidie* e *Polycsate*, e sete filhos, *Perseu*, *Stratico*, *Erato*, *Pisistrato*, *Antiloch*, *Trasimedes* e *Echephron*. Para Valerio Flacco e Homero, *Nestor* foi um dos *Argonautas*. Apesar de velho, conduziu para o cerco de Troia os contingentes de *Pylos* e de *Messina*, e ninguém lhe recusava o epitheto significativo de *sabio Nestor*. Explicando a fabula começaremos pelo nome de *Neleu*, que encerra os termos *Nili* e *reus*, designativos dos criminosos nilotas ou egypcios. Esta traducção é confirmada pela palavra *Pylos*, pois *pilus* (nada) é synonymo de *nilum*, donde *rex Nili*, *Pyli*; enquanto *Chloris* (nome da mãe de Nestor), faz referencia á cor *esverdeada* dos ethiopes (*chlorion*, *chlorites*). A *deusa das flores* (*Chloris*), é a mesma que preside ao *primeiro buço* (*flos*), e já se vê, que estamos em face dos mesmos polhastros, que fizeram a

conquista do Egypto, descendentes em linha recta do *verdete* (flos aeris) de Guiné. A filha de *Amphião* e de *Niobe* lembra o *musico famoso que edificou os muros de Thebas ao som da citara*, e já se sabe, que por este instrumento se allude ao *esquadrão cerrado, protegido pela manta de guerra* (testudo), que *poz em conserva* a cidade do Egypto (condere Thebas), ao ruído das trombetas e dos pelouros. *Condere* (edificar) fala também de *enterrar, sepultar*, e cada cidade, conquistada pelos Pelasgos, era como um tumulo ou sepultura que se abria na terra. A serpente da Lybia, que seguiu os passos dos chefes da empresa, está designada comparativamente pela palavra *amphisbaena*, e o nome de *Amphion* mal occulta os termos *ambire* (sitiar) e *eones*, vocabulo que designa os *seres primitivos* de Platão. Não precisamos accentuar, que esses *seres primitivos* são os Asiaticos, transformados mais tarde pela fusão das raças em *rusticos de côr violacea* (ion); pois a *pedra preciosa*, chamada *ion*, é aquella que já vimos indicada pela voz *lapis* (basbaque). *Niobe*, diz o mesmo que *Nili opes* (tropas nilotas), e, das noções que temos enfeixado, se conclue que *Nestor* era o mesmo *velho*, que nascera em *Ten*, tomara Thebas, e se estendeu pelo norte do Egypto sob a figura dos papões fidalgos.

Diz a fabula que *Hercules* matou os *onze filhos de Neleu*, preservando o ultimo da morte, e collocando-o no throno de *Pylo*. *Matar é — de medio tollere* (levantar do meio dos homens), e foi isto que fizeram os *lybios*, representados por *Hercules*, tirando da obscuridade os seus companheiros de fortuna, para dar-lhes o governo do mundo. O semi-deus não matou, portanto, até agora, os *filhos de Neleu* (radix Nili rei) ; mas guardou a *ultima*

vergonlea dessa raça, que nos apparece sob o nome de *Nestor*, porquanto vemol-o servir de escudo e de cortina para os organizadores das empresas nefarias, e distribuir-lhes corôas (sedes pili, Nili). *Nestor* combateu contra os *Centauros*, mas *pugnare cum Centauris* tambem traduz a ideia de *terçar armas em companhia dos Centauros*, e estes eram os commandantes das *centurias* ou *jovens patricios*, que, si participavam da natureza humana, tinham alguma afinidade com os cavallos.

A *Hippodamia*, que os *Centauros* se propunham roubar, é a *pilhagem do Egypto*, pois esta região era tambem chamada *Potamia*, e o termo *Hippo* designa um *constructor de navios*. *Alveus* (navio) representa a *madre do rio* ou do *Nilo*, construida pelos asiaticos, de modo que o roubo era premeditado contra estes pela sociedade militar formada entre *lybios* e *ethiopes* (Hercules e os *Centauros*). No *cerco de Troia*, *Nestor* adquiriu grande nomeada, mas *obsidium* (cerco) fala de *emboscadas*, e *Troia* se traduz por *evoluções equestres*, como aquellas em que os *Centauros* se colgavam de trophéos sanguinolentos. A força guerreira dos *Pelagos*, como nos informam, dependia das *ciladas*, das *manhas* e *estratagemas militares* em que os nossos selvícolas depositavam todo o segredo de sua arte militar: atacar de surpresa, avançar e recuar, manobrando de modo a illudir a vigilancia do inimigo, coser-se com as trevas da noite para não ser presentido, e, principalmente, desferir o golpe pelas costas, com a possibilidade de sahir immune da refrega. Não dissemos, que os *doze filhos de Neleu* eram os guias dessa multidão mal disciplinada, que se impunha, tanto pelo numero, sempre renovado, como pela persistencia dos golpes e inopinado dos assaltos. Elles eram *doze*,

porque tantos são os *signos do Zodiaco* (duodena astra mundi), e *duodecim* dá ideia de *dous terríveis* (duo decimi), quaes se mostravam os *patres*, que impelliam os filhos inexperientes para as pugnas da guerra, e os moços, precocemente corruptos, que acceitavam alegremente esse meio perverso de escapar ao latêgo dos progenitores inclementes.

O casamento de *Nestor* com *Eurydice* denuncia a *união* já sabida entre os selvagens, que habitavam ao oriente do Egypto (eurus), e os homens que os manejavam como si incarnassem influencia maligna dos astros (ditio). Com a mira na riqueza e na magnificencia (ditescere), os *Pelasgos* emparelhavam, pelos seus processos torturantes, com o ser infernal a que os creadores da mythologia deram o nome de *Ditis* (Plutão), deus do Orco e das *divicias*. Outros sustentam que *Nestor* casou com *Anaxabia*, nome este que, atravez do grego, nos subministra a ideia de rei (anax). *Assumere uxorem regiam*, é *tomar como companheira da noite a mulher da classe elevada*, cuja procedencia conhecemos. As jovens asiaticas, como já ficou dito, eram premios cubiçados pelos facinoras vagabundos; e *Anaxabia* figura na fabula como uma *nympha*, isto é, *mulher de nascimento illustre* (nympha). Pelo termo *ana* se faz menção da *doença das velhas mulheres*, que são as da primitiva camada culta, e si quizermos especialisar a enfermidade de que padeciam essas victimas resignadas da luxuria dos mestiços, a expressão *capta viâ* nol-o revela claramente. Ellas eram subjugadas pel agente que viera da cordilheira do Atlas (Ia) e deste facto, ignorado até agora, nasceu o mytho singular do *rapto das Sabinas*. A *filha de Bias* (Anaxabia), traz no proprio nome a ideia de *violencia* (grego *bia*), e, deste modo, a *esposa de Nestor* nos apparece como um pro-

ducto da força (filia vis), e pois os Pelasgos não faziam mais alto conceito das relações entre os sexos, como provam os symbolos tradicionaes do casamento, além da historia que vamos restaurando. As filhas do *sabio conselheiro* chamavam-se, como vimos, *Pisidice* e *Polycsate*; e si a primeira figura pelo *poder do fedelho* (pisinni ditio), a segunda acode pelo epitheto de *caução da aranha negra* (pulli lyci satisdatum), representada pela teia do costume (tela cautionis). Aonde chegavam os Pelasgos, ahi *surgiam complicações* sem fim (telae exorsus), pois elles eram infatigaveis, como o insecto nomeado, em tecer fios inuteis (telam retexere, redordiri), e por outro lado, a *politica* implica necessariamente com o trabalho improductivo de *Penelope*. Plinius deu o nome de *penelopes* aos *gansos bravos* ou *gallinhas mouriscas*, e si examinarmos a construcção daquella palavra latina, notaremos os termos *poenales Nelei opes*, que nos dão noticia abreviada do poder de *Neleo* assim semelhante a um *castigo imposto por sentença*. Ora, sabemos, que *Neleu* representa os *galés de Ten* (reus Nili), ou facinoras nilotas; emquanto a palavra *gallina*, allude ao *tumor fibroso*, que as aranhas trazem na cabeça, e donde ellas tiram os *fios* (calli linamenta). Eis como o vocabulo empregado por Plinius para designar os *gansos bravos*, que vieram de Guiné, como nos referem a cada passo os mythos, ajusta-se perfeitamente á noção que se occulta atravéz do nome, tornado celebre, da mulher de *Ulysses*. A *castidade* tão apregoada dessa matrona se transforma, para a historia, na *purulencia* (puritas), da aranha lybio-ethiope, tão peçonhenta, na opinião dos antigos, como as *tarantulas*.

Conhecidas as suppostas *filhas* de *Nestor*, vejamos si os *filhos*, tambem mencionados, são mais apresentaveis.

O primeiro é *Perseu*, cujo nome envolve o da *balakites egypcia* (persea) e o de *Hecata* (Persaea). Pela *balanites*, se reitera o conceito tantas vezes applicado aos Pelasgos, que se resume na palavra *basbaque*. A *pedra preciosa do feitio de uma bolota*, chamada *balanites*, é, em ultima analyse, o mesmo *mexilhão africano*, que apparece em todo o mundo, *resplandecente de gloria* (*balanus nitescens*). Por sua vez, *Hecata* personifica o regimen de vida dos *patres* pelasgicos, parecidos pelo seu amor ao luxo e á vida ociosa com as *gatas* (catta), e pelos seus habitos extranhos, solitarios, com as *aves nocturnas* (catta). O termo *hec*, de *Hecata*, conduz ao nome de um *crustaceo espinhoso* (*echinus*), e confirma a *excentricidade* da casta dominante do Egypto (*eccentros*), descendente do deus *Bacchus* (ecbolas). O nome do *Titan*, indicado pelo termo *seus* (Coeus), de *Perseus*, suppõe a conhecida afinidade moral entre o *astro do dia* e a *grey* dominante do Egypto. Sabe-se, que por *Titan*, se entende tambem o *sol*, e si recorrermos ao sanskrito *surya* (sol), reaparece pela forma desta palavra, a *filha de Atlas* (Ia), equiparada ao *marisco de concha* (sura, perna). Os Gregos designavam o *sol*, pela palavra *seir*, que Bopp prende ao sanskrito *soar*; mas *saeva ira*, nos representa o sentido historico em que se estabelecia a comparação entre os *Pelasgos* e a estrella dominante do nosso systema planetario. O zendo *hvar* (sol), põe-nos em face da *gata* ou *onça* (varia), de que ha pouco falámos, mas o primeiro termo daquelle vocabulo resolve-se em *aevum* (longa duração). Trata-se de um *animal de idade comprida* ou que veio de longe; e si o comparam ao sol, é que este astro reúne em seu espectro todas as cores do prisma, e, portanto, póde figurar ao lado do arco iris, como symbolo da casta

mestiça, cujas *manchas* são mais visíveis que a do globo central de nosso universo. A theoria vigente sobre a composição do sol mostra a justeza do paralelo feito pelos nossos antepassados da raça culta entre os *Pelasgos* e o *sol*, mas nos occuparemos adiante da questão astronômica sob a relação stricta da historia.

O segundo filho de *Nestor*, ou *Stratico*, é o *chefe* ou maioral, sahido da prole boschiman (*strategus*). As inscrições dão o nome de *strategus*, ao *governador militar*, no Egypto; e foi da stirpe patricia ou da *esteira* ethiope (*stratum*), que se levantaram os reis ou magnates conhecidos pela mal entendida designação de *pharaós*. *Stratio*, fala da *mesa para o festim*, e *orbis* (mesa), põe-nos em face do *magote de soldados*, que converteu-se em *olho do mundo* (sol).

Dahi o pensamento que mal se occulta no triangulo maçónico : *triscelum* (triangulo), deixa ver, que o *céo* pelasgico (*coelum*), é o das *tricas* ou embrulhadas (*tricae*), e o *enredo da comedia* humana (*tricae*), prende-se á *figura circular* (*coelum*, *orbis*), que representa o primeiro *festim* (*stratio*, *orbis*), celebrado á *face do céu*, e á *luz dos archotes* (*lumen*), pelos antepassados de nossa raça. O *olho da providencia* (*lumen*, *orbis*), que desde então acompanha os passos dos *filhos do sol africano*, é o mesmo que nos espia vigilante, sob o nome de *senso intimo* ou consciencia ; mas elle vale por um *terço* de nossa constituição ethnica (*triens*), e o seu raio se perde nos *recantos* obscuros (*angulus*), que acham os seus pontos de intersecção nas origens selvagens da nova familia humana. Com a porção cerebral, legada aos *Pelasgos* pela humanidade culta, estes subtraem um terço da influencia exercida pela dupla molecula de outra origem (*oculis aliquid usurpare*,

cernere), mas o nosso destino preenche-se dentro de estreitos limites, traçados pelas leis physiologicas; e si vemos algumas vezes o caminho direito, sentimo-nos, entretanto, arrastados para fora do campo visual, e por isto a *curva* ou o circulo é a figura a que se ajusta a marcha historica dos povos de nossa origem. *Provisus*, significa, ao mesmo tempo *providencia* e *previsão*, mas *praevidere* (prever), prende-se aos mesmos elementos morphicos, que produziram *praevitare* (corromper, viciar com antecipação). Para *prover*, como é sabido, precisa-se de *previsão*, mas na alma humana a *presciencia* está encadeada pelo egoismo; e parece, que este é como um *urso de nariz fumegante*, segundo imaginára o annexim latino, *fumantem nasum vivi lentaveris ursi*. As *feras*, que se deitam á moda de pessoas (*ursi humanitus strati*), são as mesmas que nos designam pelo nome de *Straticus*; e o termo *ticus*, approximado do grego, *teikos*, lembra, que os Pelasgos podem ser comparados a uma *estrada que se levantou mais alto* (*murus, stratum*), cuja *superficie interna* (*murus*), se mostra dura como a de fóra. Não podemos nutrir duvidas sobre o character inexoravel, e, si podemos dizer, *lapideo*, de nossos antepassados do tronco selvagem, mais elle se vae perpetuando na humanidade, como entre as obras do passado os caminhos erroneamente chamados *romanos* (via strata lapide).

O terceiro filho de *Nestor* chama-se *Erato*. Depois do *basbaque* (*lapis*), o *satyro*: é o que nos diz o nome da *musa de poesia erotica* (*Erato*). O grego *êratos* fala de cousa *amavel*, e *amabilis*, se traduz por *amoroso* (*amatorius*). Notemos que os Latinos designavam os individuos dominados por uma *paixão*, pela phrase significativa: *impotente animo vir* (gente covarde). A co-

vardia dos Pelasgos não se manifestou sómente pela sua tactica de guerra, mas tambem pela falta de resolução aonde era preciso proval-a (*remissus*), como na correcção dos proprios vicios. O *covarde* é tambem o *estabaxado*, o *imprudente* (*abdiritana pectora*), e quasi sempre o *homem sensual* (*amatorius homo*), fallece de energia viril e força d'alma. *Aere ratus*, phrase que desdobra os termos componentes de *Eratus*, representa *aquelle que presta fê á força do dinheiro e das armas*, ou que é *arrebataado pelas cifras* (*æra raptus*). Os Pelasgos cresceram entre os Asiaticos como a *herva ruim*, o joio (*æra*), no meio dos trigos. A musa indicada que preside á *poesia lyrica*, nasceu com os *cercos das cidades*, como demonstra a palavra *testudo* (*lyra*), que designa igualmente a *machina de picar as muralhas*. O *estro* era personificado por *Bacchus*, cujos *furores poeticos* (*thyrsus*), se manifestavam por arremessos de *lança*, quando não por zumbidos de *moscardos* (*œstrum*). Mas *lyra*, é a mesma palavra *lura* (*bocca do odre*), que denuncia a origem das inspirações lyricas entre os poetas errantes das margens do Nilo, e dahi proviria talvez a nossa expressão pejorativa: *vate de agua doce*. *Vates*, diz mais que *poeta*, pois fala de *vidente*, *propheta*; mas, já vimos, que *oraculo*, dá ideia de *beiras do copo*, a que se prende a ideia de *polido*, *esmerado* (*ora curata*), e, não ha duvida, que a *Erato* egypcia consagrava os seus melhores momentos (*cura*) ao culto do *liber pater* (*cura Bacchi*). Representa-se *Erato* na figura de *donzella prazenteira*, coroada de myrto e de rosas, tendo em uma das mãos a *lyra*, na outra um arco de tocar instrumentos, e ao pé de si um pequeno Cupido com azas, um arco e aljava. Pela imagem da *donzella* (*puella*), se allude a *época de Bacchus*

(*pueri æra*), porquanto *puer*, equivale a *liber*, epitheto do *deus do thyrsos*. Na palavra *puella*, depara-se igualmente a noção de *cadella*; e *catela*, designa um dos *ornatos das mulheres*, qual é o *collar* ou *affogador*, de que já fizemos menção explicativa. A ideia de *prazeteira*, que vimos enunciada, corresponde á phrase latina *multi joci*, e os *lepidos mancebos*, que batiam as azinhas, foram os introductores dos *jogos troyanos*. Não teremos esquecido, que o vocabulo *nimbatus*, equivalente de *lepidus* (prazenteiro), nos deu noticia das bategas de pelouros que desabaram sobre os Asiaticos (*nimbus*, *nimbo actus*). O *myrto* de que se coroava a *virge n musa*, comparavel pelo animo bellicoso a *Pallas* (*virgo dea*), symbolisa a *lança* (*myrtus*), que escrevia as poesias lyricas dos poetas africanos, e a *corôa*, allude á parte do corpo de onde jorrava a fonte de *Hypocrene* (*corona*, *cascos*), como no caso do cavallo *Pegaso*. A *lyra*, que estava numa das mãos de *Erato*, é a mesma que lhe obedecia aos acenos, ou as *machinas de picar as muralhas* (*testudo*), não falando do *odre* (*lura*). O *arco de tocar instrumentos*, dá ideia de *soldadesca* (*cornu*), composta de gente inepta, susceptivel de mover-se como qualquer automato á guiza dos seus conductores e amos. A *rabeca lybica* (*fides*), suppõe por certo um *poeta lyrico* (*fidicen*), e aqui a *Musa* se confunde com a origem remota da inspiração pelasgica (*thyrsus*). Em outros termos, *Erato* não se distinguia de *Bacchus*. O pequeno *cupido* que estava ao pé da padroeira do *erotismo litterario*, é a *cobiça* ou ganancia, (*cupido*) porque pomos de parte a *paixão amorosa* ou o *desejo de honras* (*cupido*). As *aças*, representam as *alas do exercito* (*puella alata*), mas lembram tambem a *cavidade que se interpõe entre o*

tronco e os ramos das plantas (ala) : isto quer dizer, que entre os *patres* e suas *vergontas* (pullus), se interpunha o *theatro* da conquista (cavea), e á *loja dos animaes ferozes* (cavea), correspondia o *cortiço das abelhas asiaticas* (cavea), destruidas pela saraiva pelasgica. O *arco*, que apparece na mão do *cupido*, faz referencia a *copia de bens*, (cornu) alvejada pela *cobiça* (cupido), emquanto a *aljava* (pharetra), mostra as *torres de madeira*, de que já temos noticia (fallae), como o *céo* sonhado por esses mancebos tresloucados (æthra). O nome do *filho de Nestor* apparece sob a fórma de *Areto*; mas qual *Marte que vae direito* (ares rectus), o mancebo dedilha o mesmo *instrumento vibrante* (aries), que fazia cahir as muralhas (testudo), nas mãos de *Erato*. O *direito* pelagico é o mesmo que apparecia nas *leis* (carmen), e deste modo, a *poesia lyrica* (carmen), era cantada pelo deus da guerra no *tom orthio* (orthiun carmen cantare) ou de *cinco syllabas breves*. Neste caso, as *cinco syllabas* representam os *patres* ainda *curtos* ou não desenvolvidos pela idade, mas já nobremente assignalados pelo nariz dos avós (sili abbæ breves), que era *chato*, ao passo que o numero dado, *cinco*, aponta para a *herança que já estava a cahir nas mãos* desses successores universaes dos Asiaticos (pentas, *pendens as*), e note-se que *as publicus*, se traduz por *direito*, emquanto *publicus*, corresponde a *confiscado*. *Ares rectus* e *Aere ratus* (Areto, Erato), são consequentemente o mesmo individuo que passava a vida como musico (musice vitam agere), ou engordava á custa alheia. O vocabulo portuguez *aria*, deriva de *Ares* e de *aries*, tanto como de *area* (calva, terreiro); e si o *terreiro* é a *arena* de *Marte* (Ares), o *canto lyrico* (aria), de que falamos, é o mesmo que se denunciava através das vozes

calvi e calvitas (enganar ou assolar, dolo ou trapaça). Muito teriam que fazer os etymologistas para fixar a verdadeira origem dos vocabulos, independentemente da licção da historia, que só agora apparece.

Pisistrato, o quarto filho de *Nestor*, representa o mesmo *fedelho*, de que já temos noticia (*pisinnus*), que fazia o officio de *pilão de Isis* (*pistillum Isis*), levado por toda parte (*piso tractus*). Isto não quer dizer, que elle não fizesse de *pescador* (*piscator*), quando batia a terra (*pisatio*), mais prodiga de boas colheitas que o mar largo. Os futuros *Pisões*, que ainda cheiravam a *peç* (*pissinus*), não desmereciam dos seus avoengos, comparados ás plantas uliginarias (*pistana*), porque tinham vindo das lagôas de Guiné. Elles, como pescadores de homens (*piscatio*), tomavam por modelo o *monstro das aguas* (*pistris*), que mata e devora, e desdenhavam os processos da rede e do anzol. O abatimento d'*alma*, de que se cogita pelo termo *stratus*, é o *desespero* (*abjectio animi*), que os Pelagos levavam a todos os animos com o seu rancho de satyros e Bachantes.

Tudo era *posto por terra* e calcado aos pés (*stratus*), enquanto os facinoras mostravam na frente a calma sinistra do pelago (*stratus*). Percorrendo as *estradas* que outros haviam aplanado e guarnecido (*stratum*), esta gente tão baixa como o nivel do solo (*stratus*), fazia obra de *calceteiro*, mas empregando homens em vez de pedra britada (*tractare*), pois a *fêra* servia tambem de *amassadeira* (*tractatrix* tratabat morsu ferarum). *Arrastando-se sem ruido*, como as serpentes (*tractu placido*), ou fazendo *estridor prolongado* (*cum tractu stridorum edere*), á semelhança dos exercitos de *Bacchus*, os trachalas do Egypto seguiam lentamente caminho do norte (*tractim ire*), e neste andar invariavel iam, como disse o orador

romano, *tractando assumptos tragicos á maneira de comedia* (tractare comice res tragicas), pois se mostravam insensíveis á dor de suas victimas.

Passemos ao nome do quinto filho de *Nestor*: *Antilochus*, figura uma *situação* (locus), da qual resalta uma *antithese*: enquanto uns recuavam, como os *caranguejos* (locusta), outros seguiam a sua marcha devastadora em linha recta, á imitação dos *ga-janhotos* (locusta). A' medida que avançavam os Pelasgos, os Asiaticos rolavam na direcção do norte e do oriente (anteire ad anticum limen).

Como se sabe, a conquista vinha do *sul* (antica pars) que nos apresentam como a séde dos *demonios* (antitheus), e dahi o *canto alternado de dous coros* (antiphona), em que as raças em conflicto se mediam ou porfiavam (antipathia). Os homens *probos e leaes* (*antiquus*) tinham horror aos seus *copistas* (antiquarius), pois si elles converteram as trevas do chaos primitivo em dias esplendidos, os seus desastrados imitadores transformaram a luz da terra em noite caliginosa (antipodes). Disputava-se agora o *primeiro lugar* ou mais honroso (antiquior locus), mas o *pater* (antistes), fazia as vezes de *bomba* aspirante (anthia), applicada sobre a larga experiencia dos seus predecessores da raça culta, e julgando possuir a *presciencia* (anticipatio), apenas conseguia imitar os primeiros movimentos do animal quando está para andar (anticipatores). Em todo caso, onde os conquistadores boças achavam todos os meios de gozo e de *riqueza* (locupletatio), os creadores da civilisação do planeta não lograriam muitas vezes nem a nesga de areal que lhes recebesse os despojos ou lhes servisse de *sepulchra* (locus).

Trasimedes está incluído entre os filhos de *Nestor*, e pode-se dizer, que é o *Orpheu* da familia (Thracius), mas

já *maduro* (mitis) ou *amolentado*. O filho de *Apollo* e de *Clio* tocava tão perfeitamente a *lyra*, que as arvores e os rochedos deixavam os seus logares, os rios suspendiam a sua corrente, e as feras concorriam em tropel em redor delle para escutal-o. Já se sabe qual fosse a *lyra* (testudo), dos musicos e poetas da antiguidade pelasgica. Os rochedos, que se moviam, eram os *muros* picados pelas alavancas, emquanto os aggressores se protegiam sob os *mantos de guerra* (testudo); as arvores, que se desprendiam de suas raizes, representam os *patibulos* (arbor), que formavam o auditorio extranho e sinistro desses artistas de torturas e supplicios, e andavam com elles. Os rios suspendiam as suas correntes, porque os conquistadores os desviavam, quando serviam de obstaculo á marcha invasora. Por *flumina*, se entende tambem as *ondas de povos*, e já vimos que estas sahiam precipitadamente dos seus alveos, ou recuavam em direcções diversas. *Suspendere cursum*, diz o mesmo que *estacar na medra*, na *prosperidade*, como acontecia áquelles que *tomavam o vôo* em busca de outras terras. As *feras*, não ha duvida, vinham formar circulo em torno das aves de rapina; e nellas podemos ver os auxiliares dos *Ethiopes*, ou a tribu selvagem e cruenta dos *Lybios*, que se embevecia ao tom rispido dessas almas que se refastelavam no sangue. O *filho de Apollo*, lembra portanto, o *pater* (abba), e o *pimpolho* (pullus), que servia de *engodo* (bolus), ou figurava nesse *lanço de rede* (bolus), preparado pelo *mestre* (Linus). *A musa da historia* (Clio), mãe de *Orpheu*, preside realmente á sciencia que descreve os animaes e as feras (historia naturalis), mas as *pataratas* e *parvoices* dos Pelagos (historia), tambem pertencem ao seu dominio, e dahi a creação das *aniles fabulae*. *Clio* é tambem

o nome de uma *nympha* filha do oceano, e por este character se confunde com *Io*, a vacca sagrada, *erizada* e *convulsa* (crispata), como as *vagas* que lembram a marcha accidentada das molestias graves (crisis). As *aguas* que as *nymphas* lançavam de suas urnas eram a *peste* e o *contagio* (lues), e quando as representam em dança lasciva junto dos *Satyros*, estabeleciam por isto a semelhança entre as duas ordens de personagens, porquanto *juxta*, se traduz por *do mesmo modo*.

Assim, *Trasimedes* é o mesmo *Orpheu*, que vai em marcha para o norte do Egypto, semeando panicos e ruinas; mas figuram-no engolfado nos ocios da paz (mitis), sob a fórma de um *dragão* (draco), *coroadado* como os *patres* (dracontorium), e se alimentando de bolos de leite e de mel (tractogalatus), á imitação das *nymphas* menos ferozes (tractabilis).

Resta considerar o setimo e ultimo filho de *Nestor*, *Echefron*. Os antigos punham vasos de bronze nos theatros para que estes se tornassem mais sonoros. Os *Pelagos* são como essesapparelhos (echea), na scena do mundo; e todo o ruido, que faz o interesse da historia, não existiria, si a raça lybio-ethiope não se espraiasse da Africa sobre toda a superficie da terra. O *crustaceo espinhoso* (echinus), de que já nos deram noticia, apresenta na evolução do seu destino o mesmo phenomeno que se liga á construcção do *verso echoico* (echoicum metrum): os povos, que surgem por ultimo, vão repetindo os mesmos sons que os primeiros emitiram, ou as civilizações de hoje são como echos longinquos das de outr'ora. As *nymphas* transformadas em ilhas por *Neptunus* (Echinades), são as chrysalidas do insecto africano que se constituíram em *centros independentes*, pois *insulae* (ilhas),

diz o mesmo que *domus disjunctae* (patrias separadas). Mas, todos os habitantes da terra são como *folhas* diferentes, entretecidas na mesma *grinalda* (frons), ou antes, cada nação representa os ramos de uma mesma arvore (frondes).

A gente de *cara queimada* (exusta frons), que *saiu* do Egypto (exertare), é a mesma que forma as *cidades velhas* e decadentes (exesae aedes, domus, civitates), que cobrem a face do globo; e ainda hoje a *gente ousada e atrevida* (frontis prodiga), que percorre todos os mares, e penetra nas regiões mais remotas, é apenas a *cortina* (frons), dessa decadencia que vai minando lentamente a nossa especie (exita aetas). A *arvore carcomida* (exesa frons), que acabará pelo incendio (exignescere), apenas se nutre das ultimas reservas de seiva (exiles virium reliquiae), que lhe foram legadas pelas raizes selvagens (exilis radix); mas o *esgotamento* não demorará muito (exinanitio eximit tempus), bem que pareça tardio. Eis, para não prolongar o exame, o que nos affirmam pelo nome de *Eche/ron*. Os homens de *cabeça estreita* (exilis frons), que occupam toda a extensão da terra, descendem dos *moços esperançosos* ou raros (eximiae frontes), que faziam no Egypto as vezes de *incendio violento* (eximii ignes). Mas, como nos dissessem, que *Nestor* foi um dos *Argonautas*, convém chamar a atenção para o nome dado ao *caracol do mar*, sendo que *limax* (caracol), significa tambem *esto/ador* e *gatuno*, e a ideia de *mar*, traduz-se por *salsae lacunae*. Os *caracoes* oriundos das *lagôas salgadas* de Guiné, são os mesmos que apparecem na fabula sob o nome de *Argonautas*. O navio em que elles navegaram, é força reconhecer, seria o *cortiço das abelhas* asiaticas (alveus), e por isto se pôde applicar a esses navegadores da terra

enxuta (*navigare terram*), a phrase de Lucanus: *sulcaverunt iter cauda* (fizeram no chão um rego com a cauda), e os *fossos* que serviam de limites para as terras usurpadas, justificam essa imagem grotesca.

Segue-se na enumeração dos nomos o de *Neht* inferior, ao qual se diz estar unido o *Toshe* ou paiz do lago *Moeris* (o Fayum), e contendo tambem a cidade de *Meri-Tum* ou *Uei-Tum* (Meidum). Quanto ao *Neht* inferior, nada precisamos dizer, pois, esse districto participou da sorte do outro, como prova a denominação commum. O *Toshe*, porém, ou paiz do lago *Moeris*, dá-nos noticia do lobo *cerval* (*thos*), que é o mesmo *besteiro* lybico (*toxillus*), mais tarde chamado etrusco (*tuscus*), o qual tornou-se como a *tosse secca* (*tussis sicca*), dos *Ethiopes*. São aquelles *Siculos*, que acompanharam os *Liguos*, como se lê na legenda romana. Pois, que a *tribu vermelha* era considerada *mulher* ou concubina da *negra*, pôde-se-lhe applicar o epitheto de *mammosum thus* (incenso femea), cabendo aos *Ethiopes*, o de *stagonias* (incenso macho).

Por *stagonias*, se designa os que andavam *ociosos* (*stare*), e lembravam, já os *tanques* (*stagnum*), do paiz natal, já os feitos em honra de *Janus* (*agonia*), de onde tiramos a palavra *agonia* (dor excessiva, angustia). O *perigo* maior estava nestes ultimos (*nunc agon est*), que deram o seu nome a uma das portas de Roma (*Agonensis porta*), chamada tambem *Salaria*, para guardar a memoria do *estipendio* (*salarium*), recebido pelos Boscimans, quando se alistaram no exercito organizado pelos brancos do Egypto. Foi essa mesma gente que vimos no Oriente, fazendo commercio e monopolio do *sal*, ou cobrando tributos sobre essa mercadoria (*victigal ex annona salaria*). Já lhes conhecemos os costumes *luxuriosos*

e *dissipados* (salax), e foi por isto que se deu á mulher de *Neptunus* o nome de *Salacia*. A presumpção e jactancia desses mulatos ou Pelasgos, são certificadas pelas palavras *salacon* e *salacoma*, devendo-se notar, que *coma*, designa a *vigília* dos *soldados* pastores (bucolici milites), os quaes estavam encarregados da defesa dos campos entrincheirados contra as incursões dos *Lybios*. *Vigilias agere*, significa *estar de guarda*; e foi nesse posto, que os Ethio- pes engenharam a *traição*, que inesperadamente victimou os protectores dessa raça ingrata e sanguinaria. Os sacrificios nocturnos de *Ceres* não deixaram perecer a lembrança do assalto consummado nas trevas, e que immolou tantas victimas innocentes.

Those, falla ainda da gente *dura como osso* (osse), que fazia composições em forma de *epitaphio* (versus in osso componere), e dahi a razão por que pinturas antigas do Egypto representam o cão *Anubis* em attitude vigilante junto dos tumulos.

Osiris, o deus egypcio, de que já falámos, si tinha a forma de *boi* para recordar o *Boschiman* (bos), não podia occultar a origem *canina*; e assim, chamou-se *osirites* a uma planta entre nós conhecida pelo nome de *cabeça de cão*. Sabe-se, que esse animal é o symbolo da *vigilancia*, mas eil-o que apparece nas margens do Nilo, guardando não os vivos, mas os sepulchros !

O paiz do lago *Mæris* (Toshe), é tambem o das *Parcas* (Moera), e da tristeza (moeror). Pode-se traduzir *Mæris*, por *muro de bronze* (moerus aeris), e como o dipthongo da palavra se desdobra em duas vogaes, é facil accrescentar, que na mesma região fez pousada a *gente tola* (morus), semelhante na cor á *amora* madura (morulus) comparada com a *ave* que come as abelhas (merops, apiastra). Quem

senão ella fazia porfias a copo cheio (mero certare) e vivia nas orgias (mero victus)? Si os Ethiopes tinham clareado na cor da peile, como dissemos, o facto está resalvado pela palavra *meroctes*, que fala de uma *pedra esverdeada*, mas que distilla humor semelhante ao *leite*. *Merois*, designa uma planta da Ethiopia, e *mersare* (mergulhar), allude mais uma vez aos gansos de Guiné. Indica-se igualmente pela palavra *meritare*, que os novos senhores de *Toshe*, eram *homens de ganho*, que sabiam apresentar as armas. Os *Boschimans*, sabemos, vieram da Africa austral, o que se prova ainda pela palavra *meridies* ou *meridionalis*, e o vicio de *dormir á sesta*, que muitos povos apreciam, pode-se em lembrança dos fidalgos africanos, representar pela voz *meridiare*. Vimos entretanto revestidos da faixa de commando, campando de egregios e inflando as bochechas, os descendentes de uma pequena tribu selvagem da Africa, e ahi está a razão por que se passa tão facilmente do *aluguel* (meritorius, meritum), para os beneficios e precalços do poder (meritum).

Entretanto, não devemos esquecer que *meritum*, corresponde á nossa palavra *culpa*, *offensa*, e a explicação historica dessa equipolencia de sentidos, está no facto já relatado, de terem os *soldados traidores* do Egypto chegado ao fastigio das honras e dignidades por meios escusos e criminosos.

Fayum, é o mesmo paiz do lago *Mæris*: e si examinarmos mais de perto aquelle nome, veremos que elle se decompõe em *fex* (borra), donde *faecatum vinum* (agua pé), e *humi* (paiz). Sabe-se que, no latim, o dipthongo *æ*, corresponde á syllaba *ai*, o que explica a passagem do locativo em *i*, para o genitivo em *æ*. Prova-se pela licção tirada do vocabulo *Fayum*, que os Ethiopes eram todos

como a *borra* do *paiz* ou do Egypto. Na mesma denominação do districto, percebe-se ainda a concorrência do elemento *fagus* (faia), porque os porcos amam os fructos dessa arvore, que lhes servem de alimento. Desta circumstancia nasceu o nome de *Fagutal*, dado ao templo romano consagrado a Jupiter; é que o *porco divino* estava junto das bolotas. Como se trata da raça dos *empreiteiros* ou dos fabricantes de caixões funerarios (*abietarius*), é facil descobrir por que se deu tambem á *faia* o nome de *abies* (abeto). Já fizemos ver que *materiarius* (carpinteiro), é tambem o fabricante de *partasanas* ou alabardas usadas pela infantaria. Na *alabarda*, que supponho bem conhecida, apparece no centro a *meia lua* ou *arco de Janus*; e na expressão *ansata hasta* (alabarda), se depôz uma allusão aos ganhadores do golfo de Guiné. Emprega-se *ansa* para significar que os *homens de peso* daquelle tempo (*ansati homines*), não tinham perdido ainda a *canna* ou *cabo* que lhe dava a feição de *vaso* ou *instrumento* servicial.

Figura-se o *alabardeiro egypcio* como individuo de *duas caras* (Janus), ou *ferro de dous gumes*; e de facto, aquella arma de guerra offerece um duplo corte ou uma lamina afiada dos dous lados, e por isto chamaram-na *bipennis*, tendo em vista a forma da cauda dos gansos. Em *Fayum*, apparece outra ideia, sempre referida aos Ethio- pes, a de *jumentos* (*jumentum*), ou asnos e sabe-se que a palavra *jumentum*, se applica tambem ao *boi* (Boschiman).

A cidade *Meri-Tum* attesta, pelo nome que lhe deram, uma parte da historia, já conhecida pela exposição anterior; emquanto o termo *Tum*, repete as indicações, de *tumor* (sublevação, tristeza), de *tumulus* (sepultura), e tambem de *soberbo*, *arrogante* (*tumidus*), além daquelles

que poderíamos colligir, si seguissemos a raiz do vocabulo sob a forma *thym* e *thyn*.

Meri-Tum é o *Uei-Tum* ou *Meidum*.

A segunda dessas denominações resolve-se em *vehit tumorem* (leva a afflicção, conduz a tristeza), e repete o nome dos *Toscanos* (Veii), indicados, como dissemos, por *Toshe*. O *genio* máo, chamado *Vaejovis*, é lembrado também pelo nome da cidade, e pode-se dizer que veio em *carroça* (vehia), como *bagagem*. Trata-se de hospedes comparaveis ao *cão raivoso* (vehemens canis), ou ao *veneno virulento* (vehemens medicamentum). Os antigos *fueiros* (vehiarii) do carro asiatico andam hoje de *liteira*, como os encontramos na Persia e na India. E' que têm o *ventre pesado* (vehere ventrem gravem), e o *vehiculum cameratum* (liteira), lembra o *arco* (camera), polychromatico de *Janus* ou dos Pelasgos. *Meidum*, offerece testemunho sobre os homens que *vertiam espinhos* ou difficuldades (meiens dumos), e não é a primeira vez que se compara os Ethiopes a uma *mata de cardos* ou ao espinheiro.

Os Latinos chamavam *Stoicidae*, os falsos stoicos, que procediam em desaccordo com a doutrina de Zenon, e para estes é que naturalmente se creou a phrase *dumeta Stoicorum* (questões difficultosas dos Stoicos). Ora, essa seita procurava imitar os costumes dos selvagens, e submettia os noviços a provações preliminares : os neophytos rapavam a cabeça, deitavam-se por terra sobre uma pelle, alimentavam-se de legumes e passavam as noites a meditar. Foi assim, dizem, que Marco Aurelio viveu desde a idade pubere ; e Tacito, para curar os Romanos dos vicios da decadencia, não duvidou preconisar os habitos barbaros ou selvagens dos habitantes da Germania. Já se vê, que a celebre escola philosophica prendia-se ao sum-

mario dos acontecimentos do Egypto, e representava a reacção do *espírito selvagem* contra os excessos de uma civilização frívola e amollentada.

A *meditação nocturna*, a que se entregavam os Stoicos, alludia aos exercicios feitos pelos soldados auxiliares do Egypto (*meditatio campestris*), ou ás vigílias a que estes eram obrigados na guarda das fronteiras.

A *pelle*, sobre que dormiam os noviços da seita, symbolisava o *alforge* pelasgico (*pellis*), e a *serpente* ethiope, cujo tegumento soffre mutações annuaes, como acontecia aos mestiços africanos, que passaram de *fulos* para *negros*, de *negros* para *amarelllos*, e de *amarelllos* para *assos* ou brancos. Os *legumes*, faziam referencia ao *succo do concerto* ou pacto (*legumen*, *gumen legis*), a que se prendem ainda pela raiz as regras e ordenações da moral e do direito, susceptiveis, entretanto, de dissolver-se tão promptamente como o liquido contido nas substancias vegetaes se dissipa na agua quente. O costume de *rapar a cabeça* (*caput ad cutem tondere*), era como arremedo do systema selvagem, que ainda vigora em algumas tribus, de *cortar pescoços* (*tondere*), scalpando as victimas para fazer trophéos de victoria (*tondere caput ad cutem*), *despojar o homem até a pelle*. Mesmo as *questões difficilosas* dos Stoicos (*dumeta Stoicorum*), faziam allusão ao nascimento dos primitivos Romanos, pois *mare* (mar), traduz-se por *difficuldade*, e assim, sob a forma de discussão, alludia-se ao *Neptunus* do golfo de Guiné. As *asperas veredas dos Stoicos* tinham relação com a tribu romana, chamada *dumia tribus*, cuja origem matagosa não póde mais soffrer contestação. A mesma imagem encontramos na Arabia sob o nome de *Maria*, mytho do *Koran*.

Zenon, o supposto fundador da philosophia stoica, é o *caruncho* ou *podridão universal* (*senium omnium*), que attrahia a attenção de alguns espiritos ainda não de todo contaminados pelo mal reinante. E' verdade, que aquella escola provocou uma reacção pouco intensa, pois nenhuma força existe para suspender os progressos da decadencia num povo viciado, que vê na moral um irrisorio duende. O christianismo foi outra tentativa na mesma direcção, e precedeu de muitos seculos o apparecimento da seita nazarena, tal como nos apparece na legenda; mas pode-se dizer que elle se tornou impotente para restaurar o espirito das antigas instituições, taes como se mostraram antes da victoria criminosa dos Pelasgos. Lembremos de passagem que os povos da *Britania romana* eram conhecidos pelo nome de *Dumnonii*.

A particula *dum*, servia entre os Latinos para dar maior força á expressão, e portanto dizia o mesmo que *vis* (Juno), ou *tumor* (entumescimento, indignação). Quando se disse que os Pelasgos *levaram* o *tumor* para o meio das cidades egypcias, entendeu-se tambem, que elles eram as *eminencias da terra* (*tumores terrae*), mas produzia *mfermentação* e *tumulto* nos espiritos (*tumor*).

Já que falamos do paiz do lago *Moeris*, devemos acrescentar, que essa obra gigantesca, monumental, é attribuida a um rei do mesmo nome, citado por Herodoto. Os monumentos falam, entretanto, num *Moeriapapa*, que os egyptologos querem confundir com o monarcha preindicado. Já vimos o que se deve entender pela palavra *Moeris*, á qual se juntou o novo termo, que tem suscitado discussões. *Papa*, diremos, significa a *papa*, *comer das crianças*, e por esta noção se quiz advertir, que o *selvagem alalico* (*infans*) veio acampar nas margens desse lago,

feito de proposito para manter a fertilidade do Baixo-Egypto, quando as inundações periodicas tornavam-se insufficientes. Assim, o grande reservatorio é comparado ao alimento adrede preparado para a nutrição dos meninos, pois estes não procuram por meio de esforços assegurar o pão quotidiano, como acontecia aos Pelasgos, que acharam posta a mesa aonde satisfizeram o seu appetite voraz. Não se calcula a immensidade do trabalho, que *esse prodigioso esforço do poder humano*, como já chamaram ao lago *Moeris*, custou aos fundadores da civilização do mundo.

Foi por meio de um dique de vastissimas proporções, mas pouco elevado, que se conseguiu crear o deposito indispensavel para supprir uma vasta região, no caso mesmo de serem desviadas as aguas do alto Nilo pelos conquistadores do sul do Egypto.

Dizem que os restos desse dique foram encontrados nos ultimos tempos, e o historiador grego, que citámos, informa que do seio do lago surgiam duas pyramides coroadas de estatuas colossaes. De facto, as ruinas dos dous *massiços pyramidaes*, que foram descobertas no mesmo sitio, confirmam a narração de Herodoto.

Chegamos á fronteira do Baixo Egypto, aonde se penetrava pelo nomo de *Muro-Branco*, tambem chamado *Selbf'h'at*, *Aneh'at* (Memphites). Aquelle que queria chegar a Memphis, quando vindo do sul, passava por baixo dos muros de *Tetaui*, que serviam de ojrтификаção contra as invasões da mesma procedencia. *Memphis*, a cidade de *Phtah* (Hakaptah?), recebia tambem o nome de *Mannower*. Dizem, que ella se compunha de uma cidade antiga, o *Muro-Branco*, onde se erguia o grande templo de *Phtah* e de muitos bairros ou cantões.

As suas ruínas causaram admiração a um escriptor do seculo XIII, que assim se pronuncia : « Apesar da immensa extensão desta cidade e da sua remota antiguidade, os restos que della ainda se deparam, apresentam maravilhas que confundem a intelligencia e que nem a eloquencia mais notavel é capaz de bem descrever... As pedras provenientes da demolição dos edificios constituem toda a superficie destas ruínas ; em certos sitios encontram-se ainda de pé alguns lanços de muros ; em outros, apenas se vêem os alicerces ou montões de entulhos... As ruínas de Memphis occupam actualmente uma extensão que se percorre em meio dia em todos os sentidos.»

Hoje o que resta das immensas ruínas são montículos que occultam por vezes alguns fragmentos de escultura ; e a um sabio francez, Mariette, se deve a descoberta do *Serapeum*, de Memphis. Vejamos, porém, o que se pôde auferir da analyse dos vocabulos escolhidos para designar o nomo do Egypto, que havemos indicado. A designação de *Muro Branco* deixa ver que as antigas muralhas, oppostas ás invasões vindas do medio e alto Egypto, foram construidas pelos Asiaticos (albus). O nome de *Sebt-h'at*, dado ao districto Egypcio, mostra que de habitação da gente limpa, passou o paiz para o poder dos homens immundos, postos pela legenda nas posilgas. A raiz *seb*, troca-se por *sab* (Sebazius, Sabazius), e já sabemos que *Sab* é o *Boschiman*, conhecido na historia pelo nome de *Ethiope* ou *Sabino*, não differente do grego (Attico). Por emquanto, os famosos conquistadores do mundo não passam de *coxos que arrastam os pés* (*attae*), e de *bodes* (*attagus*) ; mas, para nos resumirmos, diremos que *Sebt-h'at*, se resolve em *septa attagorum* (redil de

bodes). *Aneh'at*, como chamam também ao nomo, fala de *rebanhos que andam juntos* (annexi attagi), e não precisamos mais lembrar, que os *Lybios* formavam uma liga com os *Ethiopes* desde o principio da invasão e da conquista do valle do Nilo.

Examinemos agora o vocabulo *Memphites*, que se formou por intermedio do radical de *memoria*, agglutinado com o de *phyteuma* (planta que serve somente para feitiços amatorios). Já conhecemos a planta que offerece propriedades taes; e seguindo a pista da palavra *amatorium* (bebida que inclina ao amor), se acha a ideia de *balde para fogos* (ama), e também a de *foice*, além da de *cordas* (torus). *Foice e cordas*, eis todo o *feitiço* de que se utilisavam os Pelasgos para cahir na sympathia ou merecer o amor de suas victimas, como já tivemos occasião de relatar. Em *Memphites*, acha-se a ideia obscena expressa por *futuere*, e convém notar, que *futum* ou *futile*, era o nome de um *vaso que servia nos sacrificios de Vesta*. Ora esse *vaso* lembra os amores pelasgos e tudo leva a crer que era *fendido* ou rachado (futilis), de modo que o nome do districto egypcio pode ser decomposto em *membrum futile*, pelo qual se quiz significar o connubio monstruoso, que recebeu também o nome de *trato illicito* (nuptiae), ou de casamento nubio (nubere, concumbere). Por essas analogias damos de face com a paremia que resalta da conhecida phrase latina: *expressus membrus infans*, que fala do selvagem tratado pelos signos do Zodiaco, pois estes se referem todos a partes do corpo humano.

Ora, *corpus*, que significa *homem* e também *tribu*, *familia*, não se liga sómente á noção de *corpo* em geral, mas aos membros e orgãos de um individuo tomado

como typo, que era o *infans* ou *selvagem mudo*, ponto de partida de uma nova ordem de cousas, tambem representada pela historia dos phenomenos celestes. O *infante formado* (*infans expressus membris*), é o mesmo *fictus puer*, que dá ideia de *Bacchus*, porquanto *puer*, é synonymo de *liber* (epitheto do deus); e como *fictus*, diga o mesmo que *fixus*, vê-se, que o creador da *familia* e da *tribu* foi *gravado* em alguma parte, como emblema ou narração figurada de males incuraveis (*haec mala fixa sunt*). A palavra *Zodiacus*, não só encerra a ideia de *amor* (*sodes*) e de *sociedade escandalosa* (*sodalis*), como de *alimpadura* que se traduz pelo synonymo de *acus* (*excretum*). Assim, se equiparava o *casamento*, tal como o entendiam os Pelasgos, ao costume vicioso que recebe entre os modernos o nome de *sodomia*; e semelhante conceito prende-se pelo vocabulo *Zodiacus*, ás *sanjas* ou vallas do Nilo (*diacopi*), sendo que *copi*, recorda a origem dos vicios abominaveis, desde que a raça do *alfanje* (*copis*), era a mesma donde sahio o primeiro *exercito* da terra (*copia*). Não precisamos lembrar, que *copula*, diz o mesmo que *nuptiae*, e repete a noção significada por *futuere*; donde se conclue, que o *homem* representado pelo *Zodiaco*, é o mesmo *membrum futile* rememorado pelo nome de *Memphites*. Dahi as pinturas do *phallus* e do *lingam* nos monumentos egypcios, já não falando do emprego que se fazia desses symbolos obscenos nas ceremonias religiosas. Cumpre, entretanto, reconhecer, que o *membro futil*, a que se faz allusão, é o *homem vão, indiscreto, inutil*, sahido do connubio violento entre duas raças, que se repugnavam naturalmente, mas facilitado pela *foice* e pelas cordas, como nos diz o nome da comarca egypcia (Memphites).

Note-se, que o nome de *Memphis*, se decompõe, por sua vez, em *membrum* e *fissile* (membro rachado), e que *Memnon* era, segundo a fabula, rei da *Ethiopia*, filho de *Thiton* e de *Aurora*. Os povos da mesma região eram chamados *Memnones*.

No parecer de Apollodoro, *Memphis* deveu o nome a uma *nympha*, filha do rio *Nilo*, a qual desposou *Epheso*, de quem teve *Libia*. Ora, ninguém desconhece que *Epheso* era uma cidade da *Jonia*, também chamada *Arsinoe*, palavra onde se lê a ideia do *artificio* de *engano* (*ars*) a par do nome de *Sinon*, famoso embusteiro grego. De modo que a conquista da *Grecia* pelos *Ethiopes* mais uma vez se afirma pela denominação das cidades do *Egypto*. A *Libia*, que nasceu do commercio entre *Epheso* e *Memphis*, é a *Africa* que se reproduz e se estende, pois, como sabemos, a raça branca foi absorvida pela negra ou teve de inclinar-se resignada ás praticas introduzidas pelos Pelasgos. Não precisamos insistir sobre a origem da *nympha* *Memphis*, que é, por um lado, a raça asiatica, mais de uma vez comparada com as *abelhas* (*nymphae*), e, por outro, a tribu nubia (*nova nupta*), da qual descendem os conquistadores da Europa e do mundo. Sabe-se que *nympha*, significa *noiva*, e também *divindade subalterna* (sub altero constituta), porque as mulheres brancas cahiram sob o dominio dos negros e foram tratadas como escravas.

Memphis, conhecida por cidade de *Phtah*, recorda o mesmo facto que se nos revelou ha pouco pela palavra *Sebt-h'at*, pois *Vulcanus* (*Phtah*) era o deus polima, que *arrastava os pés* (*attae*), donde proveio a denominação de *Attica* ou *Grecia*, sendo certo que, os *reba-*

nhos de bode (grex attagorum), foram o ponto de partida para as duas denominações dadas ao mesmo paiz. Pode-se desde já dar como assentado que os invasores do Peloponeso sahiram do Egypto. Mas *Memphis*, tambem conhecida pelo nome de *Manower*, resolve-se em multidão ou *rebanho de basbaques, conduzidos pelo som da trombeta* (manus ovium aeris), como faziam os sequitos de Bacchus, tão ridiculos quanto temerosos. Essa cidade foi invadida na *primavera*, como prova a terminação do vocabulo *Manower* (ver). Quanto a dizerem, que a celebre capital dos Pharaós, aonde nasceu *Moysés* e vivera *Joseph*, fôra *construida* pelo rei *Menes*, convem assignalar, que *menis* é o nome da *pequena lua* ou da *lua nova* (menoides), para indicar, que a *noite polasgica* (luna), já era velha (luna senescens), quando foi realisada a occupação da cidade pelos Lybio-Ethiopes.

Os antigos queriam que *men* significasse *mez*, e por isto *Mena* era uma deusa que presidia as regras das mulheres (menstrua); mas o *mez lunar*, que substituiu o solar entre muitos povos da antiguidade, lembra a palavra grega *mene* (lua), a qual, por sua vez, repete, já a designação de *noite* (luna), dada aos Pelasgos, já o nome do supposto rei do Egypto. O *mez lunar synodico* traz á memoria o *dentão* (synodus), dado como emblema dos Ethiopes; e *synodus*, nome dos *ajuntamentos* ou assembleas, é synonymo de *corona* (cerco das cidades). Poderíamos ainda trazer á collecção o nome do famoso embusteiro grego (Sinon), que achámos na palavra *Arsinoe*, equivalente de *Epheso* (marido da nympha Memphis); mas á primeira vista se percebe, que *Men*, dado como fundador de *Memphis*, é a *noite que se*

adensou sobre os destinos da raça asiatica, afinal substituida por *Mena*, que era a *Juno* dos Egypcios, e unida pelo sangue ao *dentão* ethiope. A' *Mena* sacrificavam-se *crianças de mama*; de modo que a ideia de *infanticidio* prende-se á da conquista da capital egypcia; mas que os Pelasgos foram os introductores desse crime, não podemos duvidar, pois outras indicações, de que estaremos lembrados, corroboram semelhante conjectura. Não esqueçamos, porém, que *sacrificar*, corresponde á phrase — *rem divinam facere*, e assim nos informamos de que as *crianças mudas*, tantas vezes citadas, foram consideradas como *seres divinos*.

Men seria o fundador da cidade (*conditor*), porque *condere*, significa *encerrar*, *cercar*, e foi isto, exactamente, que fizeram os invasores. *Conditor*, significa tambem *cosinheiro*, e *coquere* (*cosinhar*), traduz igualmente a noção de *digerir*. Desta arte, o *fundador* da cidade, é a *noite que digere*, assimila o alimento vindo de fóra, o sangue da outra raça; e *fundator* (*fundador*), decompõe-se em *actor fundæ*, *comico que maneja a funda* ou anda de *sacola* (*funda*), como os Pelasgos. Os *actores* (*discipuli*), são no caso figurado os *bichos de cosinha* (*discipuli coquorum*), que serviam aos brancos mediante *salario*, e foram os primeiros *grassatores*, que se exhibiram na scena do globo, provocando a gargalhada universal, mas elles passavam facilmente da *farça* burlesca para a *tragedia*. O theatro de *Men* devia ser a *terra* (*moenia mundi*), e *moenia*, diz o mesmo que *orbis* (esquadras de soldados). O nome de *senador* (*senator*), prende-se, como já dissemos, á mesma ordem de factos, pois lembra a *luna senescens* (lua nova), a *fivela* dos sapatos patricios (*lunula*), e os *bichos de cosinha* (dis-

cipuli coquorum), pertencentes á raça de *Juno* (Mena), ou ao *rei africano* (Men). Já se vê, que o supposto monarcha egypcio pertence ao numero das *fructas*, que os Latinos chamavam de *guarda* (conditiva mala), e não é preciso explicar a allusão que se encerra na phrase, visto como sabemos, que os Ethiopes eram as sentinellas e vigias da frenteira nilotica, donde sahiram para conquistar a immortalidade (aeternam famam condere sib ingenio).

As *azeitonas a conserva*, eram chamadas *conditiva olea*, e na India vimos o mesmo fructo dar nome a uma lingua, creada de proposito para celebrar os feitos dos Pelasgos (sanskrito). *Phtah*, o *Vulcanus* de Memphis, era tambem chamado *Aphta*, e por *aphtæ*, designavam os Latinos uma *doença da bocca*, propria das crianças. Entretanto, *morbis buccæ*, era o mal ou o vicio do trombeteiro, que vimos conduzir para Memphis o *rebanho pelasgico*. Por outro lado, a *vacca memphitica* (Memphitis vacca), tambem conhecida pelo nome de *Io*, não se distinguia de *Isis*, deusa que trazia sobre a cabeça uma *meia lua*, para indicar, que a *noite ethiopica* havia chegado ao *meio de sua carreira*, com a conquista da cidade egypcia (Memphis). As duas tribus formavam, e n-tretanto, a *noite plena* (luna orbe plena), mas a vacca estende a teta, não para ambas, como se deprehende das respectivas imagens, mas para a *criança* (infans), que é o selvagem vindo da costa occidental do continente e que teve o Nilo como nutriz. Já ficou dicto, que se tirou a ideia primitiva do mytho de *Isis*, do rio que, nascendo nas trevas (*Astapus*), vae pouco a pouco conquistando terreno, até lançar-se nas profundezas do Mediterraneo. Tal foi tambem o destino da raça que devia

dilatar-se e transpor as fronteiras da Africa, para cingir o mundo em suas garras, bem que, á semelhança de *Neptunus*, viajasse sobre um coche em forma de *concha*.

Dizem que *Memphis* foi *augmentada* por *Uchorea*, nome este que se decompõe nos termos *uxor* e *Rhêa*. Ora, *uxorium* significa o mesmo que *amavio* (amatorium, phyteuma), noção que já approximamos do vocabulo *Memphites*, e *uxor*, que fala de *esposa*, tambem significa *manta*. A *manta*, de que se trata, era aquella com que se picavam as muralhas (vinea), companheira inseparavel dos Pelasgos, mas é tambem a *vinha*, cujas bagas mereciam dessa gente o mais desvelado culto. Por outro lado, a *manta de retalhos*, chamada *cento*, leva ao proverbio: *centones facire* (dizer mentiras sobre mentiras), que retrata os dominadores do mundo. *Rhêa* era esposa de *Saturno* e della nasceram *Vesta*, *Ceres*, *Juno*, *Plutão* e *Neptuno*, mas é preciso notar que se faz aqui confusão proposital entre a filha de *Celo* e a *mulher criminosa* (rea), que responde pelos seus delictos. Ora, *uxor reæ* representa, no caso exposto, a *manta da ré*, para dizer que no *casamento nubio* a esposa fazia ás vezes de *culpada*, pois os maridos ligavam-na como trouxas ou feixes de lenha por meio de fortes correias, podendo assim inspirar esse *amor* (*uxorium*), que suppõe a intervenção do *feitiço*. *Rhêa*, foi parar na Italia, e o casamento romano cingia-se a formulas e ceremonias que reproduziam os antigos processos ethiopicos ou simulavam uma *peleja*, que acha a sua explicação na Africa. De outra vez, approximamos *feitiço* de *fascinum*, para melhor representar o *artificio* empregado contra as *Sabinas* do Egypto, que eram aliás mulheres brancas. Eis ahi a razão por que *Uchorea* augmentou a cidade de

Memphis: o *crescite et multiplicamini* não influiu sobre o numero de construcções ou edificios, mas sobre a população, graças ao meio descoberto para tornar os dous sexos loucos um pelo outro. Eis tambem porque se fez allusão ao *phallus*, noção a que se pode tambem chegar pelo nome do primeiro rei do Egypto, porquanto *Menes* é o mesmo radical que entrou na palavra *mentula* (*membrum virile*).

O vinho offerecia o melhor aphrodisiaco, empregado pelos Pelasgos, facto que explica o emprego das palavras *vinea* e *uxorium*, pois o *amavio* era um effeito produzido pela *bebedice*, e ao mesmo tempo uma *mantia* para occultar a falta de virilidade ou de virtude genesica. Liguem-se agora as ideias de *lua*, de *boi*, de *amavio* e de *frouxidão genesica*, que resultará dessas approximações o motivo desconhecido pelo qual se associou desde a mais remota antiguidade os appendices corneos da vacca á figura do paciente nas crises da infidelidade conjugal; e como se fala em *bodes*, a proposito dos *rebanhos pelasgicos*, é facil achar a origem historica da palavra *cabrão*, tal como é empregada em certo sentido reservado. As perturbações e esbulhos, que resultaram da invasão, estão significados pelo nome hebraico de *Memphis*, *Mof*, que é o radical de *movere*. Quanto aos personagens *Moysés*, *Joseph*, que teriam habitado a cidade famosa do Egypto, a legenda arabe já nos deu noticia desenvolvida sobre os dous, cuja existencia real pode ser arredada sem hesitação. Não percorremos guiados pela radical das palavras *Men* e *Memphis*, todos os vocabulos que nos offerecem novas illustrações para a historia da raça conquistadora, mas diremos, afim de rematar o nosso esboço sobre a cidade indicada, que *membra*, é tambem o nome dos

bairros, que constituiriam, segundo informam os historiadores antigos, a celebre senão maravilhosa capital dos Pharaós.

Chega a vez do nome de *Letopolites*, com *Sekhennet* (Latopolis) e *Kenkasore*, que fica na ponta do Delta, á margem esquerda do Nilo, e limitando com o deserto Lybico. Aqui ainda se fala de *morte* e de *matar* (lethum, lethare), assim como de *frenesi* de Bacchus (lethargus), que degenera em modorra ou somno mortal. Dahi se tirou a ideia de *rio que causa esquecimento* (Lethes), e cujas aguas banhavam as regiões conquistadas, agora comparadas ao *Inferno*. Não é de admirar que num regimen creado e mantido pela força, ás affrontas dos vencedores (loedere o alicui), correspondessem as satyras e os murmurios das victimas (triste versu loedere aliquem). Ao *laetans animus*, que presidia ás rapinas e concussões (laeta latrocinio ingenio) contrastava-se o desespero daquelles que eram agora como o esterco dos campos da *gens* (laetare), ou se iam metter nos esconderijos (latebra), para fugir ao sobrececho dos invasores. *Letopolis* é, para assim dizer, um complemento de *Latopolis*, pois si o primeiro desses nomes põe a *alegria* junto da *morte* ou do tumulto (lætari malorum), o segundo mostra a relação que se travava entre a *gente obscura* (latens), ou o *al-forge* de campanha (lateralia, pellis) e os famosos patri-cios que se revestiam da *toga laticlavia*. Foram estes os creadores dos *latifundia*, propriedades do publico (laeta), usurpadas pelos Pelasgos, e a humanidade deve-lhes o dominio privado exercido sobre a terra. Comparadas as significações de *laeta* e de *lata*, descobre-se facilmente quem foi o *soldado* ou salteador (latrocinor), que commetteu o delicto manifesto, indesculpavel (culpa lata),

de converter em quintas ou herdades para goso privado (latifundium), terrenos de propriedade commum, que ostentavam o viço e as louçanias da cultura (laeta, laetum, solum, laetæ segetes).

A' multidão immensa, que lavrava os campos (seges), succedeu o *armazem de açoitiles* (stimulorum seges), que representa os escravos levados á força de pancadas, e para quem toda a alegria se cifrava em servirem de estrume (solum latificare stercoris vice).

Passemos ao outro nome do districto.

Seckhennet, nos informa da vida solitaria dos Pelasgos (seccedere, seccessus). O cutello com que elles immolavam os vencidos chama-se *secespita*, e por isso serviu depois nos *sacrificios*. A divisão das raças que gerou as *distincções* dos grupos e dos individuos acha a sua forma lexica na palavra *secernere*; e o *inferno* (abysmo da terra), pode ser indicado pela expressão *secretaria terræ*. Os *orgãos vitaes* dessa nova sociedade, que são os *paíres*, apparecem na phrase *vitæ secretae* ou *secretus homo*, a que se pode ligar esta outra: *secretae artes* (artes magicas, feitiço). E' por isso que os livros *Sibylinos* deviam ser chamados *secreta carmina* (encantamentos). O apparecimento das *seitas e parcialidades* (secta) foi contemporaneo dessa nova producção, que ainda pullula em nosso tempo: a dos *seguazes* (sectator). O inventor de semelhantes maravilhas foi o *carneiro castiço* ou de guia (sectarius vervex), o qual suppõe a existencia de companheiros privados dos testiculos, e dahi o motivo por que a locução *sectarius vervex* offerece duas significações distinctas. Aquelles que *deixavam ir os testiculos* (amittere testes), foram os mesmos que acabaram por mandar embora os seus *assistentes e arbitros* (testis, ar-

biter), mas para substituí-los nos postos e domínios usurpados.

Os Asiáticos eram para os Pelasgos *testemunhas* enfadonhas (arbíter) e ao mesmo tempo representavam a *virilidade* moribunda da época.

As *confiscações* que tiveram por theatro essa nova estancia da conquista, estão expressas por *sectio*, e *sector zonarius* fala do *ladrão ratoneiro*.

A *fouce* de Saturno (secula) e a *degola* (metere secula) assignalavam a passagem dos monstros que tinham como estandarte de guerra uma *meda de feno*. A invasão era como uma *ceia*, que attrahia sempre novos convidados ou *parasitos*, e por isso os *banquetes publicos*, segundo refere Atheneu, tornavam-se instituição do Estado. Os individuos que se sentavam á *mesa sagrada* (mensa lybica), eram chamados *parasitos*, e este nome foi a principio um *titulo sagrado*. Ora, *sacer* (santo) significa *abominavel*; e, portanto, o epitheto pode ser applicado sem injustiça aos subversores do antigo mundo.

Cada conviva desses regabofes, fornecidos pelo trabalho da gente espoliada, devia ter uma *corôa* na cabeça; e já sabemos que *corona* traduz a ideia de *cerco das cidades*. A *beca branca* era de rigor em taes festanças; e *toga*, diz o mesmo que *capa da meretriz*. Como, entretanto, por *toga* se exprime tambem a noção de *morada*, *alba toga*, era o territorio da gente branca occupada pelos ichacorvos da conquista, comparaveis ás zoinas ou rameiras mais infimas e corruptas. O nome da cidade egypcia, *Sekhennet*, resolve-se na phrase: *sequi coenam nocte* (acompanhar a ceia com a mais aguda das cordas da lyra) porque os vencidos assistiam do alto do patibulo aos regosijos dos seus crueis perseguidores. *Ad restim res rediit*, — só me resta uma *corda* para me enforcar,

— era o queixume balbuciado pelos vencidos. Aquelles que podiam evitar esse destino, iam habitar as cavernas subterraneas; e por isto *lyra* traduz-se por *cava testudo* (abobada minada, profunda).

Assim, o rei do *banquete* era uma das Parcas (netrix nete sequitur coenam), e ella cortava o *fio da vida* (secat netrix), funcção disputada pelos *sequazes* da gente togada (sequaces necant), e por isso os rochedos se mostravam doces á voz de Orpheu (saxa sequacia). « Quanto maiores, dizia Sapho, os atavios de flores, mais segurança se terá de agradar aos deuses; mas si tu sacrificas sem trazeres uma corôa, elles se afastam de ti.» Por que isso? E' que sem o *cerco* das cidades (corona), não haveria deuses, ou estes não compareceriam na sala do *banquete* fornecido pela raça subjugada; e por *flos*, se entende a *nata* ou a parte mais fina de qualquer cousa. Esse *coroamento*, como *cingidouro* que era das cidades vencidas (floribus impedire caput), lembrava o *perfume do vinho* (flos vini, Liberi), que reagia contra a cabeça e excitava o appetite dos foliões. Por outro lado, a *nata* da nobreza (flos nobilitatis) tinha o licor de Baccho na conta de elixir de longa vida (in flore virium esse), e para ella se reservava a parte mais succulenta da ceia (flos coenae). Seria bello contemplar o jardim de cores variegadas, com que pode ser comparado o elemento patricio (pigmentorum flos et color), e não fazer honra ao cardapio seria infringir as leis da boa sociedade, ou denegrir o brilho do merecimento (florum dignitatis infringere). Carregar as *flores*, importava, portanto, em tornar-se digno dos deuses e capaz de imital-os: sem *flores*, qualquer mortal se immergiria numa obscuridade ingloria, e nunca mereceria o titulo sagrado de *parasito*.

Si compararmos as palavras, *Sekhennet* e *Latopolis*, teremos de falar mais uma vez nos marcos divisorios que assignalavam os *latifundios*, pois aquelles que *late possidebant agros*, foram os mesmos que viviam á barba longa e enriqueciam o proprio erario (*latius aerarium populi implebant*). Dahi o nome de *Latial* conferido ao rei dos deuses, e poder-lhe-hia ser applicado o appellido de *latrocinator*. O *batalhão sagrado*, a que se prendia a memoria da primeira delimitação dos campos, chamava-se *cuneus*, e ao espirito dos vencidos, os *marcos divisorios* se representavam como *cunhas* (*cuneus*). De facto, *cuneare*, fala de cousa que se *racha* ou divide. Por *meta* (divisa), se chega á noção de *pyramide* (*meta*); e as *pyramides*, portanto, eram cunhas colossaes, immensas, que recordavam a fragmentação da terra. Podemos dizer que os Pelasgos tiveram uma ideia *pyramidal*, sem que fôsem os artistas dos monumentos que lhes celebram as façanhas.

Os *deuses Termes* não tinham *pés* nem *braços*, porque lembravam o conico *dentão*, marisco de *concha*, a que já fizemos referencia mais detida; e esse molusco bivalvo tem, por sua vez, um *operculo* (*toga*), que apresenta a configuração geometrica, significada pelo vocabulo *cuneus*.

Essa *tapadoura* (*operculum ambulatorium*), move-se para uma e outra parte, como os *marcos divisorios*, mas a falta dos *pés* e das *mãos* nesses monstruosos animaes, serve na comparação com os *marcos dos campos*, como advertencia, de que o esforço humano, para *andar* ou *trabalhar* fôra sustado ou prejudicado pela propriedade individual do solo. O *cuneatus ager*, de que falava Columella, si é o *campo de forma quadrada irregular*, allude

comtudo *dquillo que se abala com violencia* (quater), e á gente *negra* (ater), que imprimiu esse movimento desordenado. Assim, *quadra*, não só fala do *bolo africano* (africa), e este é *conico*, tendo a forma do continente negro, mas tambem recorda os *pedaços* (quadra), que vimos designados pelo vocabulo *cuneus*.

A ideia de *quadrado* implica com a dos angulos que o formam, e por isto a palavra *quadra*, traduz-se por *talhada de queijo* ou *quarto* de qualquer cousa. Entretanto, o *pedestal da columna* recebe tambem a mesma denominação (quadra), e *columen*, significa *pontaleta* ou instrumento redondo, direito, agudo, em forma de columna (*stylus*), sendo que o pedestal respectivo é designado pela voz *basis*, que entra no epitheto de *Bacchus* (Bassareus). Os *deuzes que presidiam aos limites* (terminalia), estão claramente indicados pela voz *quadra* ou *meta* e pela idéa de *columna*, pois esta servia para marcar as linhas das propriedades ruraes. Por *cuneus*, se entendia tambem a *força* (vis), e Juno tinha o appellido de *Vis*, sendo tambem certo, que na phrase *cuneus senatorum*, se faz allusão aos homens que andavam revestidos de *laticlavia*. Ora, *laticlavia*, resolve-se em *pre 3o largo* (*latus clavus*), como a *cunha*, e semelhante ao *queijo de forma conica* (*meta lactis*).

Ninguém poderia destacar a noção de *propriedade individual*, da de *patriciado*, e eis porque tantas vezes se allude á forma conica na descripção physica e moral da raça pelasgica. *Atra* ou *furva gens quatit*, eis o que nos quizeram significar pela palavra *quadra*, e esta rememora, por sua vez, os *banquetes do batalhão sagrado* (*cuneus*), tambem chamado *porcinum caput*, naturalmente porque a *cabeça de porco* offerece a forma de *cunha* ou de

pyramide. Só os *porcos* ou *gansos* do golfo de Guiné, conhecidos entre os anthropologos pelo nome de *Boschians* (Sab), seriam capazes de retalhar a terra em pedaços, como se fosse um *queijo*. *Caseus*, queijo, liga-se morpnicamente á *casa* (choupana), e dá idéa de *decadencia* (casus), sem falar na de *abalo profundo* (quassans) ligações estas que nos representam o impulso fatal á civilização, como sinceramente não se pode deixar de reconhecer. O *queijo frescal*, que lembra o *homem seboso*, tantas vezes apontado (*caseus viridis*), nos põe em face do *velho* (casnar), que conhecemos pelo nome de *Janus* (Janus, annosus). Já se vê, que tratamos da tribu *côr de alecrim* (casia) e de cabellos caracolados (*annulatus*), considerada como gente sem valor ou de nada.

Chamavam os Latinos ao *queijo que tem olhos*, «*fistulosus caseus*», e não precisamos lembrar, que *fistulosus*, se diz do que é ôco, *vasio*, assim como *oculus*, fala da gente que se tinha na conta de *nata social*. E' por isto, pela falta de peso no cortex cerebral, ou pela ausencia de phosphoro, como já se costuma dizer, que os Pelagos são postos em paralelo com o *phallus* ou *membrum virile*; e desta, como de outras analogias com a *raça quadrada*, sahiu a expressão juridica *partio virilis* (quinhão dos herdeiros), que é o *caseus equinus*, inventado pelos descendentes de *Neptunus*, sobre cujos cavallos ainda se discute entre os *mythographos*. *Herança*, é como um supplemento da *propriedade individual*, e *proprietas*, é synonymo de *vis* e *virtus* (força, ferocidade).

De todos esses *peccados mortaes*, têm os *homens verdes* a culpa, ou a natureza que fatigou-se de produzir seres racionais. Parece, que a terra succumbia ao cansaço, quando gerou as duas tribus da Africa; e de facto, depois

de semelhante aborto, não engendrou mais nenhum animal novo, que se conheça, pelo menos. Como monumento que guarda a memoria de uma civilização incomparavel, justamente refractaria ás tendencias do espirito africano, ahi estão as *pyramides*, que nos offerecem extraordinario interesse, e são como os relevos da terra, que podem ser vistos á distancia pelos mais myopes. Ellas projectam, entretanto, menor sombra sobre o solo, do que as instituições sahidas dos areaes da Libya, que estabeleceram entre os homens essas distincções facticias, mais duradouras, por certo, que os massiços colossaes das cercanias de Memphis.

O supplicio, a que foram condemnados os vencidos, qual o de *trabalhar nas minas* (sectari metalla), liga-se, por sua vez, á memoria dessa construcção gigantesca. Digamos, afinal, que a propriedade individual sobre a terra, poderia ser comparada á trincheira em que se occultam estrepes de ferro sob as hervas (caecum vallum), e dahi esse *ruido obscuro* (caecum murmur), que vem para nós desde a mais alta antiguidade, e que traduz as queixas de innumeras populações flagelladas pela tyrannia dos latifundios. Até agora, porém, não se quiz ou não se poudo perceber, de modo intelligente, a voz dos espoliados, e por isto não faltam historiadores que contestem o communismo da propriedade fundiaria nos tempos remotos, materia sobre a qual não se podem d'ora avante suscitar duvidas sinceras.

Examinemos o nome que se deu tambem á cidade indicada, *Kerkasore*. *Cercaris*, é uma especie da *ave amphibia*, na qual podemos ver os gansos de Guiné, ou o *faisão*, que vive nos pantanos. *Cercolips*, designa o macaco sem rabo (chimpango), que é o *Boschiman*, compa-

rado pelos sabios ao bugio azul da Cafraria. Dão, porem, o nome de *cercopithecus*, ao *macaco de grande rabo*, e neste se póde ver os Libyos, que formavam a *cauda* dos Ethiopes. Entretanto, *cauda*, traduz-se tambem por *membrum virile*, e com este órgão são comparados os homens de *cabeça rachada* ou baldos de juizo. *Cauda trahit*, vale pela nossa phsase: *rabo leva*, forma de apupo. Penetra-se no sentido dessa expressão plebea, quando se considera que a palavra *rabo* é empregada em lugar da *de nadegas*, e que estas eram o maior dos ornamentos externos da mulher Boschimans. Assim, se os maridos eram como os *cercolips*, as damas assemelhavam-se aos *cercopithecus*. E realmente, o termo *pithecus*, conduz a *pithecium*, e este significa *mulher feia* ou *macaca*. Por outro lado, *lips*, de *cercolips*, nos dá o nome de um vento africo, que sopra no Mediterraneo, e chamado *garbino* (libs). Ora, *galbinus*, significa *verde*, e *viridis*, fala de *pallido*, acontecendo que a gente *amarella* (pallidus), conhecida a principio pela cor *escura* (pallor), está perfeitamente designada pelo termo *lips*, (de *cercolips*). O *vento*, conduz á noção de *calamidade* (ventus), e tambem ás de *rumor*, *fama*, *notoriedade*, cousas que os *patres* ethiopes prezavam como ao ouro em pó. Mas, infelizmente, *lippus*, dá idéa de *remeloso*, e *liparis*, de um *peixe* que se desfaz todo em *azeite*, e, por consequencia, é preciso pensar na *gente sebosa*, que tinha *Bacchus* (Sebazius), por patrono, ou nos homens de Guiné (Sab). Ninguem ignora que *Sebini*, numa palavra, vale como *Sabini*, e assim os *Sabinos*, cujo nome encheu os fastos de Roma, eram os mesmos selvagens sebosos, que sorprendemos ainda com a remela nos olhos.

Não ponhamos de parte o nome do districto egypcio, *Kerkasore*, que nos informa da perfidia dos *Cercopes*, e

recorda as façanhas de *Cercyão*, famigerado salteador, que foi morto por *Theseu*. *Kerkin*, é o nome phenicio da *fortaleza*, e *arx sinûs*, locução que nos lembra a morada dos deuzes, as maravilhas do Olympo, fala, em ultima analyse, da *arx perditorum civium* (couto dos malfeitores e facinoras). Releva notar uma phrase antiga, cuja intelligencia historica escapou aos traductores e interpretes dos monumentos latinos, e é a seguinte: *Africa omnium provinciarum arx*, a qual foi assim vertida para a nossa lingua: a *Africa, refugio de todas as nações vencidas*. Ora, o que entendiam por semelhante acerto dizer os creadores da linguagem, era que a Africa devia ser considerada como a *origem* (*caput*), de todos os *empregos* e *dignidades* (provincia), e, portanto, representava o *governo do mundo* (*omnium provinciarum*), desde a conquista pelasgica. Assim, a parte mais alta do universo terrestre (*caput*), devia ser o continente negro, donde sahiram os homens que se *dilataram* (*patere, patres*), e se propuzeram reinar sobre todos os povos (*populus late rex*).

O segundo termo, ainda não examinado, de *Kerkasore*, é *sorex* (rato do campo), e por *circa sorices* (perto ou em torno do rato), se dá noticia do cerco feito pelos bichanos, que tomavam as sahidas da praça e envolviam os habitantes. *Sorices circa ora*, fala de um ataque pelo lado do norte ou da foz do rio, pois a cidade de que se trata ficava na *ponta do Delta*. *Circere*, significa *dar volta*, e foi o que fizeram as tropas pelasgicas para cortar todo reforço que pudesse vir em auxilio dos sitiados. Assim, qualquer *refugio* (*asa, ara oris*), pelo lado da embocadura do rio, tornou-se impossivel. Os *favos* (*cerae*), não tinham mais sahida (os), e a *gente pallida* (*cerosa*) as seme-

lhava-se a uma *mistura de peç e cera* (cera) com que foram calafetados todos os orifícios da colmeia, deixando presas as *abelhas*. A cidade tinha de um lado o rio, e do outro, o deserto lybico, e seria como um navio (*cercurus*), batido pelas duas bordas e ainda pela prôa. A simples particula, empregada pelo chronista desse terrivel acontecimento, pinta o estado dos sitiados: *circa*. O *agror* dessa situação (*acor*), não levava nenhuma mistura de esperança (*assus*): os defensores da praça estavam fechados em uma *caixa* (*soracus*), que vae ser invadida pelos *ratos* (*sorex*), e ao seu espirito acodem as ideias de *aviltamento* (*sordes*), de *immundicie* (*sordetudo*) e de *Parcas* (tres *sorores*). Era, porém, o *fim inevitavel* (*sors*), daquelles que se arrependiam de ter sido bons e caridosos para com a serpente, aquecendo-a ao seio. Choviam os pelouros (*sortes fatigabant*), e elles eram como o prognostico (*sors*), do destino que esperava os vencidos. E eis que a ultima palavra foi proferida pelo vencedor: *sic fata deum Rex sortitur* (assim o determina o rei dos deuses), enquanto a *nenia dos ratos* (*soricina nenia*), acompanhava o feretro da grande raça, que peccava pela grandeza d'alma e pelo amor aos monstros da natureza.

Tambem se descreve o cerco da cidade como uma *febre violenta acompanhada de calafrios* (querquera febris): *quercus* (carvalho), é tambem o nome do *navio*, e, portanto, do *cortiço de abelhas* (*alveus*), symbolo da raça industriosa e sabia. Os Latinos diziam-se filhos do *carvalho*, porque esta arvore fornece alimento para os *porcos* e tem uma duração de seculos.

Por essa maneira allegavam os Pelasgos um parentesco real com os povos da India, mas omitindo ou es-

quecendo o sangue africano que lhes corria nas veias. Pelo *carvalho*, se faria suppor ainda, que os Asiaticos chegaram pelo norte do Latium, pois essa arvore parece oriunda do hemispherio boreal. As coroas de folha de carvalho eram deferidas aos actos civicos de valor; ora, a arvore symbolica, forneceu como o amago ou a parte indestructivel de nossa natureza moral, mas que foi envolvida ou suffocada pela outra, cujo simile encontrariamos nos mangles de Guiné. Como *corona* signifique *cerco*, acha-se a imagem de nossa decadencia na parasita do *carvalho*, chamada *gui*, cujas roscas eram fadigosamente procuradas pelos padres druidas, para destacal-as por meio de uma fouce de ouro. Sabemos o que seja a *fouce de ouro*, identica a de *Saturno* ou dos mestiços do Egypto (jeunesse dorée), os quaes, na cerimonia gauleza, faziam ao mesmo tempo as vezes de *parasita* e de *instrumento cortante*. A palavra *gui*, tirou-se de *Cuiculus*, designação dada a uma cidade da *Numidia*, hoje *Jimmilah*, e de *Numidæ*, deriva o nome do famoso *Numitor*, supposto rei dos Albanos. *Jimmilah*, nome moderno da cidade africana, encerta o radical de *jumentum* (asno) e de *gemiæ*, que fala dos irmãos *gemeos*, immortalisados pelos signaes do Zodiaco. Allude-se á *legião* (gemella legis), formada pelas duas tribus negras, cuja *alliança* (geminatio), nos é conhecida.

O termo *milla* (de *Jimmillah*), é *millum* (coleira), de modo que figuram os *gemeos da Africa*, unidos por uma *cadeia* (canis), como si um delles fosse o cão do outro. O *carvalho* era consagrado a *Jupiter*, porque este deus é a *personificação do porco pelasgico*, e a *glãnde* serve de nutrição para o mesmo animal. O *gui* branco é rarissimo no carvalho; mas o que ataca essa arvore, mata o ramo a

que se entrelaça, como os *ossos* da família pelasgica fizeram ao tronco asiático, hoje desaparecido.

Dahi as virtudes do *gui* proclamadas pelos Gaulezes, e por *virtus*, devemos entender a *ferocidade*, commum aos animaes e aos vegetaes do typo indicado. O mundo em que viviam os Druidas era obra do *gui*, e *viscum* (parasita); fala de uma *produção excrementicia*, além de designar o *amor* (cupido), que é a *concupiscencia* e a *rêde de caçar*, na qual se prenderam os habitantes primitivos das cidades egypcias. Os *touros brancos*, que aquelles sacerdotes sacrificavam por occasião das cerimoniaes do *gui*, eram os *elephantes africanos* (bos lucas), cuja pelle parece affectada, como é sabido, de morphéa, mas é preciso entender por *sacrifício* aquillo que os Latinos indicavam pela phrase conhecida : *rem divinam facere*.

Desse modo, os *elephantes*, que figuravam como deuses, acabaram por ser immolados em effigie, e si os *sacrificantes* passaram a *sacrificados*, o caso se explica por um equivoco da linguagem, arvorado em preceito religioso. Para os vencidos, os sacrificios importavam em penas soffridas, e neste caso os *bois brancos*, representavam os Asiaticos; para os vencedores, *sacrificar*, era synonymo de *matar* e não de *padecer*, porque as victimas estavam do outro lado, entre os animaes e os proscriptos.

Na identidade morphica de *gui* com *qui*, encerra-se uma curiosidade philologica, que é ao mesmo tempo um commentario para a historia que estamos reconstruindo. *Qui*, põe-se por *ut ille*, e a *ultima das tripas tenues*, chama-se *ile* (ilion). Pela imagem do *ilion*, se faz sentir a inferioridade dos Pelasgos, tambem chamados *Troyanos* (Ilius), com relação aos mais antigos habitantes do planeta.

Em uma palavra, *ile*, diz o mesmo que *Janus*, o corredor da Africa, chamada *Nilo* ou *Egypto*.

Por outro lado, *quii*, é uma das formas do verbo *queo*, *quire*, que significa *poder*, e, portanto, *tromba de elephante* (manus). Tem-se por *ablativo* archaico, que convem a todos os generos, a forma *qui*, a qual nos dá explicação da cerimonia druidica de separar o *gui* parasita entrelaçado com os ramos do carvalho; porquanto, a palavra *ablativus*, prende-se por um lado a *ablactare* (desmamar), e, por outro, a *ablatus* (tirado, apartado). Como os *leitões desmamados* (sacres porci), sejam os mesmos que se alimentam com os fructos do carvalho, comprehende-se facilmente a relação de linguagem, e ao mesmo tempo historica, trava-se entre o ablativo *qui* (gui), e o sacrificio celebrado pelos sacerdotes gaulezes. Arrancava-se á arvore a indicada parasita, para que os respectivos ramos não morressem, e portanto continuassem a fornecer as glandes de que os porcos são ávidos. A ideia de *sacrificio* acha-se tambem indicada pela expressão referida : *sacres porci*, e a *côr amarella* da foice, que era tambem a dos *mestiços africanos*, acha-se envolvida no vocabulo *sacrium* (alambre), que leva a *succinum* (alambre amarello), e este a *succi numen*.

Acha-se no Brazil um *quadrupede*, especie de rato amphibio maihado de branco e negro com cauda pellada, e que dizem subir pelas arvores para pegar os passaros. Esse animal é chamado *cuica*, palavra que se prende pela radical ao nome do *gui*; e como ás parasitas do reino vegetal correspondem aos ratos, descobre-se sem difficuldade a causa dessa assimilação morphica, ligada por sua vez a um ponto de vista historico ou legendario. O mais interessante é que os nossos *Tupys* chamam *guirá repoty* á *herva de passarinho*, liana parasita, conhecida pelo nome scientifico de *Loranthaceæ*, assim como para

aquelles brasileiros primitivos, *gy*, significava *machado*, e por *gy gy*, se exprimia a acção de *arredar*, ou *affastar-se alguém*. O que dissemos da cerimonia druidica, como que se grava nas palavras citadas, da lingua dos nossos selvicolas, e á primeira vista se percebe serem ellas da mesma familia do vocabulo gaulez (*gui*) indicativo da planta conhecida entre nós pelo nome de *visco* (*viscum*) ou de *agarico*.

Examine-se tambem a ligação que á primeira vista se manifesta entre a voz *repoty* da expressão tupy, e o vocabulo latino *repotia*, que falla de *banquete do dia seguinte ás bodas*, cuja significação historica já pudemos restituir; mas lembremo-nos de que por *dia seguinte*, se deve entender a *successão dos tempos* (*dies postera*) cujo começo acha-se assignalado pelos acontecimentos do Egypto.

Dessa época datam os *banquetes*, em que figuram os *parasitos*, e cuja instituição rememora as *nupcias ensanguentadas* da tribu africana (Nubios). *Qui irâ repotias potitur* — aquelle que pelo furor obteve regabofes, — eis o sentido morale historico encerrado nos vocabulos da lingua americana, ha pouco citados (*guirá repoty*). Poderíamos ampliar o estudo comparativo dos elementos linguisticos, mas temos necessidade de circumscrever nos numa tarefa verdadeiramente infindavel.

Como os Scythas eram homens de cor abaçanada, e por isto receberam o nome de *Seri* (cera), finge-se, que a voz *sacrium* (alambre), pertence á lingua desse povo, o qual aliás não falava senão o idioma ensinado pelos seus ascendentes da raça branca. O conceito, já emitido, sobre a inferioridade moral dos Pelasgos, repete-se a cada passo na conversação ordinaria, pela inflexão des-

denhosa com que falamos de um *quidam* ou *qui*, *quæ*, *quod*, e si *qui*, applica-se a todos os generos, signal é que convem a *toda gente* (totum genus), como a todos os *titulos e condições* (genera), e tantos aos nobres como aos plebeus. O *qui*, pode ser considerado como um *epitaphio* (titulus), que lembra o nivelamento das *condições* sem esquecer a igualdade primitiva; mas vale tambem como *carta*, que se põe nas casas, quando para vendel-a o u alugal-as. Não nos demoraremos a examinar o sentido antigo da palavra *parasito*, pois já falamos dos jantares communs em que este devia comparecer em *character sagrado*. *Parasitus*, se dizia do *papa-jantares* e tambem do *bobo de comedia* (parasitus Phoebe, Apollinis), mas aquella palavra latina formou-se por intermedio dos termos *par* (igual) e *accitus* (chamado). Os *chamados iguaes*, eram os *patres* Pelasgos, cujo officio dos primeiros tempos está designado por *ascia* (enxó do carpinteiro). Pela *enxó*, se allude á *picareta* (ascia, dolabra), não falando no *odre* e no *sacco de couro* (ascopera), que se representa tambem por *pellis*, nem na *alimpadura* (*pellis acus*, Pelasgus). Os grandes *beijos* dessa gente e o tanque em que ella teve origem, manifestam-se pelo termo *labra* (de *dolabra*)), assim como a *arie dos embustes*, por *dolum*. Reunindo essas noções, para dellas tirar a physionomia primitiva do *parasito*, vê-se, que os *homens chamados iguaes*, porque se julgavam superiores á raça vencida, são os mesmos facinoras do Egypto, aos quaes se proporcionavam muitas occasiões para devorar o jantar alheio. *Iguaes entre si*, eram os *patres*, que todos se julgavam *reis e deuses*, e por isto devem ser considerados como os parasitos da primeira leva, e os mais remotos antepassados da gente

titulada de hoje, cujo ideal seria o de viver folgadamente á custa alheia.

Não esqueçamos, entretanto, que o vocabulo *parasitus*, encerra o termo *asi*, que entra no radical de *accisus* (cortado), e de *accipiter* (açar); e deste modo, a operação praticada sobre o *gui*, pelos padres gaulezes, reapparece sob a forma da palavra designativa dos parasitos animaes, sendo que o *corte*, neste caso, allude á *distribuição* (divisio), dos glotões por todos os paizes que lhes deram refugio.

Passamos ao nomo de *Heliopolites*, situado á margem direita do Nilo, confinando com o deserto Libyco : a sua capital era *On* do Norte, chamada *Heliopolis* pelos Gregos. As cidades de *Ken* e *Hâ benben* lhe ficavam proximas, e diz-se que ellas representaram papel importante nas guerras osirianas. A palavra *heliopon*, approximada de *Heliopolites*, nos diz, que o *gyra-sol* pelagico volveu-se da *esquerda* para a *direita*, ou do occidente para o oriente.

Dialion (gyra-sol), nos fala de *Jupiter* (Dialis), e de uma disputa que se trava entre dous ou mais contendores (dialogus). Um dos disputantes tinha a cor do *açafrão cultivado* (dialeucon), ou *salpicado de branco*, e falava como os barbaros para quem os *dialectos* preferem á linguagem commum. Viera por *caminhos subterraneos*, porquanto *vix diales* (caminhos aerios), corresponde a *vix editæ in altum*, e *altus*, diz o mesmo que remoto ou profundo. Allude-se naturalmente aos subterfugios de que se prevaleciam os Pelasgos para atacar os vizinhos. O vocabulo *Heliopolites*, decompõe-se nos elementos *heluo* (comilão), *polis* (cidade), e *lites* (rixas, desordem, confusão). *Cidade onde os comilões viviam*

em desordem, ou disputada por aquelles que foram chamados *Liguos* (liguriens), eis a noticia historica transmittida pelo nome do districto egypcio. Não se esqueceu, porém, a origem dos invasores, e por isto se fala em *aipo do brejo* (helioselinon), mencionando-se tambem a planta emblematica dos comparsas de *Bacchus* (helix, *hera*), sendo que este personagem pôde ser designado pelo epitheto de *helleborosus*. Dá-se á *herva dos besteiros* a designação de *helleborus*, e esta planta é a mesma que se mostra atravez do nome *Hellada*, dado á região habitada pelos Gregos.

Sabe-se, que *Helio*, traduz-se por *sol*, mas por este vocabulo se deve entender o *soalheiro africano* (locus apricus).

O *sol niger* (dia infausto), raiou afinal para os habitantes de *Heliopolites*; e pode-se dizer que esse acontecimento desastroso foi como um *alivio* (solamen), para aquelles que viviam em estado de sobresalto continuo. Entretanto, *solamen*, formou-se por intermedio de *sola* e *lamentatio*, e este ultimo queixume, por ser *unico* (solus), abafou o echo de todos os outros, e suspendeu os soffrimentos de uma longa expectativa, como *solução* (solutio), que era. Os novos dominadores arrasaram a cidade (polire solum). *Quodcumque in solum venit*, diziam os Latinos, para exprimir a ideia de *successo considerado*; mas a phrase é historica, e fala de *qualquer cousa*, semelhante ao *nada* (nilum), que foi imprudentemente tirada da obscuridade em que vivia, para tornar-se a *base* (solum) da sociedade futura. E' o solum cereale, *bolo tão grande como a mesa* (africia), porque *orbis libycus* (meza redonda), fala tambem de *tropas da Africa*. *Cerealis*, se diz das cousas da deusa *Ceres*,

e envolve a ideia de *sacrificios* (cerealía), celebrados pela gente *cor de cera* (cera). Já sabemos o que se deve entender por *cerealis coena*, locução equipolente, quanto ao valor historico, á de *coenare alienum* (comer á custa alheia).

O lodo ou lama do Nilo (coenum), ou a *gente vil* e desprezível subiu á superfície social, para tornar-se a nata em que todo o mundo se mira, o espelho esplendido para que todos os olhos se volvem cubiçosos. Já não se faz de mister traçar a physionomia dos Pelasgos á luz dos vocabulos que a delinêam e facilitam a tarefa do historiador. *Solutus*, indica os *dissolutos* e *licenciosos*; *solus*, fala dos que viviam *sós* ou procuravam os *logares ermos* (semota domus, loca sola); *solutilis*, da união facilmente dissolúvel das populações pelasgicas; *solstitium*, do *cancro* que as corroia, ou da *cabra* que lhes transmittira o sangue, como aconteceu a *Jupiter*; *solox*, do *pello bruto*, de que os *patres* não se puderam despojar nunca de todo; *solare*, de *talár* ou assolar; *solium*, do *throno* ou dignidade de rei; *solitaneae cocleae*, dos *caracoes* monstruosos da Africa, isto é, dos *ladrões* (limax), e das michelas que os acompanhavam por toda parte; *solistinum*, dos *agouros*; *solida nix*, da *saraiva*; *solipuga*, das *formigas ruivas* e venenosas; *solisternium*, dos *banquetes* em que figuravam os *parasitos*.

Tudo isso sahiu da *solifera plaga* (zona torrida), ou do continente negro; mas, por emquanto transportou-se para *Heliopolis*, a *cidade do sol*, como a chamavam os antigos Gregos.

Conta Strabão, que nessa cidade do Baixo Egypto, os habitantes adoravam um *touro* chamado *Mnevis* com as mesmas cerimoniaes empregadas no culto de *Apis*, na cidade de Memphis, assim como que *Apollo* tinha um ora-

culo em *Heliopolis*. O deus assim adorado (*Mnevis*), é uma prova conservada pela tradição sobre serem os invasores da cidade do sol oriundos de *Memphis*; e o nome de *Mnevis*, que se resolve em *força da lua nova* (vis mēnidis), dá testemunho sobre as confiscações e calamidades (*damna lunae*), que lembravam o frenesi da *deuza mentecapta* (menceps, memphitica vacca), também chamada *Io* ou *Isis*. Já conhecemos o supposto rei, que fundara a cidade das pyramides, e que agora apparece em *Heliopolis* sob a forma de touro.

Taurus, significa também *escaravelho*, o insecto das esterqueiras, e fala do passaro de rapina, chamado *alcaravão*. Estamos, portanto, em face de um personagem conhecido, cujas *malhas* (menda), valiam como documentos de nobreza ou alta prosapia, merecendo ser contempladas na formula de um dos sacramentos recebidos pelos povos orientaes. Os *escaravelhos*, entre os Egypcios, eram o *emblem*a do sol, posto nas esculpturas abaixo das imagens dos heroes; e era esse o *deus* que se adorava em *Heliopolis*, bem que sob a forma de um *boi*. Esses insectos são armados de *cornos* como o touro, e por analogia a *lua*, symbolo da *noite pelasgica* (luna), foi representada com esses appendices. As *trevas* do mundo africano (luna), apparecem sob a forma de *insectos*, de *larvas*, de *passaros*, de *animaes monstruosos*, reaes ou imaginarios. A influencia malefica, pernicioza, dos mestiços egypcios bem merecia ser traduzida por essas formas variadas, e as lendas que ainda correm mundo a proposito do satellite da terra, condensavam os juizos emittidos sobre os assoladores e corruptores do nosso planeta.

Pensa-se, que os antigos tinham todos os *escaravelhos* como pertencentes ao genero masculino; mas não se ad-

verte, que essa crença, filha da ignorancia dos Pelasgos, reflectia o proposito corrente sobre a *vacca loura*, insecto a que os Latinos davam o nome de *scarabaeus lucanus*, trazendo á memoria o *bos lucas* (elephante); tantas vezes nomeado nas legendas.

Ora, desde que os *Ethiopes* (Boschimans), figuravam como elemento masculino da conquista (maritus olens), e eram comparados ás *vaccas louras*, nada mais natural do que referir ao insecto o genero do homem, tanto mais quando este era representado pelo *phallus*, e *virilia*, fala dessa parte do corpo humano.

Sob a imagem dos heroes depunha-se um *escaravelho*, no intuito de tornar manifesto, que o *genus virile* ou a pro genie dos homens celebres, procedia de um *insecto*, que habita nos esterquilinios. Acontece, entretanto, que a mesma expressão, *genus virile*, implica na forma, não com o genero masculino, mas com o *neutro*. A palavra *neuter* encerra os termos *neu* (não), e *uter* (madre), e por *madre* se entendia a *gente branca* (alveus). De modo que a *virilidade* real não estava com os negros ou com os descendentes das tribus africanas (*genus neuter*), bem que representados sob a forma do *phallus* (virile genus). Como, todavia, *virilitas* seja synonymo de *vis* (força), eis por que o culto ithyphallico, tão espalhado na antiguidade, commemora o apparecimento dos Pelasgos. Essa gente não dispunha senão de uma força cega, desordenada, ephemera, e por isto a comparação não deixava de ser adequada e feliz. Por outro lado, *vis* (viris), liga-se á raiz de *virtus* (ferocidade), sendo que *virilitas* (aetas virilis) allude á *puberdade* ou idade de *Bacchus*.

Nós damos o nome de *macho*, ao *mulo*, animal impróprio para a reproducção da especie, e que por isto se compara com os Pelasgos, incapazes, physica e moralmente, de restituir á humanidade o que elles lhe tiraram. Assim, sob a forma de *ouro*, se reverenciava na *Heliopolis* o *membrum virile*, a que dão já a figura de um *escaravelho*, já a de um *açor*, já a de um *mulo*, já a de um *elephante*, sem falar nos outros animaes que apparecem misturados com os heroes e os homens celebres da antiguidade. Esopo fez a historia dos *grandes homens*, a proposito das *bestas*; e ninguém desconhece, que estas são como illustrações dos feitos memoraveis praticados pelos deuses e semideuses. Não é, portanto, de extranhar, que o *escaravelho* não falte nos monumentos do Egypto; tanto mais quando este tinha com *Jupiter* muitos pontos de semelhança, e viaja pelos ares como o rei do Olympo, sendo que a côrte celestial reunia todos os especimens zoologicos sem perder o character de estrumeira.

Euripides foi envolvido num processo crime, porque disse *não conhecer a Jupiter*: a solução seria mais grave, se elle dissesse que o rei dos deuses tinha a *cabeça rachada*, e sob esta relação, conhecemos a historia do celebre golpe de malho vibrado por Vulcanus, e que deu nascimento á *Minerva*. Sabemos, entretanto, que a fenda da cabeça precedeu a intervenção amigavel do celebre ferreiro de Lyari; mas os dous casos se conciliam perfeitamente desde que attentarmos para a phrase latina *diffindere medium* (rachar, cortar o meio). Está claro que *Vulkanus* descarregou o martello sobre uma superficie que já estava partida; e si *Minerva*, envolvida na armadura, brotou da cabeça de *Jupiter*, o caso prodigioso se explica, quer pela significação da palavra

arma (arnezes), quer pela phrase —*caput equinum* (origem cavallar). A *cota d'armas* (cataphracte), era, na lingua latina, a *gualdrapa* ou o xairel; de modo que a *deuza da sabedoria* estava habilitada, desde o nascimento, para repetir o heroico feito de Pegaso e fazer jorrar uma fonte de erudição para os sabios da Grecia. O saber da famosa filha de Jupiter era *infuso*, porque esteve *envasilhado* (infundere), e nós falamos ainda hoje na *sciencia engarrafada*.

LIVRO VIII

AINDA OS NOMOS DO EGYPTO: CONCLUSÃO.— EGYPTO MEDIO, DELTA, BABYLONIA, TRUWU.— AS MUMIAS E O FOGO DOS SACRIFICIOS.— ANDROPHAGIA E PARTES GORDAS DAS VICTIMAS.— MANNÁ DOS HEBREUS.— LUS-TRAÇÕES.— CÔRO DA TRAGEDIA ANTIGA.— AS PEDRAS DO CALCULO.— GRINALDA DE NOIVADO.— OS ANTEPASADOS DE HESUS E A CRINA DE CAVALLO.— AS ULTIMAS CONQUISTAS CONTRA OS ASIATICOS NO EGYPTO.— A TENIA E O PRESUNTO PATRÍCIO.— CHRONOLOGIA.

A capital do districto de *Heliopolites* chamava-se *On do Norte*, e por esse nome confunde-se a cabeça da circumscripção egypcia com o dominio da raça esteril e selvagem, ha pouco designada pela palavra *taurus*. *Bos*, não fala sómente de *boi*, mas tambem de um *peixe marinho*, e por isto ligou-se aquelle elemento morphico ao nome dos *Boschimans*. *On*, entra no vocabulo *onager* (asno montez), e o *grou marinho* (*onocrotulus*), a *ruta coparia* (*onobrychis*), o *cardo* chamado *crepitus asini* (*onopordum*), descrevem quanto possivel o physico dos dominadores, emquanto *onus* (molestia, enfado), *onustus vino* (ebrio), *onivorus* (tragador de tudo), *omnipotens* (todo poderoso), *omniparus* (medroso sem motivo), além de outros, esboçam a caracteristica moral dos Pelasgos. A palavra *Septentrio* (norte), faz menção, por um lado, dos *alfeires* (*septum*), em que viviam os invasores, e, por outro, dos *bois lavradores* (*triones*), que seriam tão

uteis á agricultura como as duas *Ursas* que brilham nos espaços celestes (Triones).

Foi sob esse aspecto particular, que para os creadores da linguagem, o acto de *lavar a terra* se confundia com os resultados funestos da conquista. Por *subigere terram* (lavar o solo), seentendia *sujeitar*, *subjugar os homens*, e foi, realmente, o que fizeram os invasores. *Moliri aratro*, significa *traçar com o arado* ou movel-o com difficuldade, e é bem conhecida a lenda romana sobre o sulco que Romulo fez abrir em torno da cidade do Palatino, estabelecendo por essa fórma um dominio para si mesmo e vedado para os outros.. Por essa allegoria se faz notar que os descendentes das tribus africanas *aravam muros de cidades* e punham a terra debaixo do jugo, de modo que esta cahia de bruços ou para diante como as pessoas feridas por um golpe profundo (terra procidere). Por sua vez a terra ou os homens que nella habitam, se prostravam aos pés dos Pelasgos (procedere ad pedes alicujus), como Remo quando ferido pela adaga do salteador de Alba, após a conquista da margem esquerda do Tibre. Finge-se de tal arte um combate do *homem* com a *terra*, e esta acaba por ser retalhada ou reduzida a postas, supplicio que outr'ora se applicava aos devedores remissos.

Já se vê que a base da tradição, reproduzida sob diversas fórmas, é o *matricídio* praticado pelos subversores do mundo, pois a *terra* era considerada como *mãe commun* (terra mater), e o tronco de uma raça (terra matrix).

O *arado* dos conquistadores era a *picareta* e *traçar muros*, se verte tambem por *muros sicare*, não sendo preciso dizer que estes *cahiam de bruços* (in ventrem

prorum cadere), ás trombetas dos Josués africanos. Em summa, *exarare* (lavar), significa igualmente *colher os fructos da lavoura*, e *agrum colere* (cultivar o campo), dá também a ideia de *conservar a terra*, imprimindo-lhe uma face nova (novare agrum).

O *requietus ager* (campo de pousio), é, historicamente, aquelle que *surgiu de fresco* (requietus), com o soldado que veio habital-o e chamal-o a seu dominio (requietus miles). O mesmo nome do *arado* reflecte a situação creada para a agricultura pelo novo regimen da terra, pois *aratra*, é *atra ara* (altar obscuro, sombrio), de modo que um instrumento de trabalho apparece transformado em homisio de assassinos e ladrões (ara) e este era o *lucus*, tal como existia em Roma, no monte Capitolino, e mesmo em toda parte da Italia e da Grecia. Trata-se de um *bosque sagrado*, emblema da *lavoura pelasgica*, como nos informa o vocabulo analysado, o qual encerra ainda a noção de *posilga de porcos* (hara). O *hieros asulon*, dos gregos, não passava, portanto, de uma satyra mordente, disparada contra os monopolisadores da terra, de modo que o *modelo da agricultura* (aratrum), é agora a *floresta* onde se asybam os criminosos e as feras.

Tito Livio nos refere que os fundadores das cidades costumavam crear um recinto sagrado (lucus, ara) no qual eram admittidos todos aquelles que se apresentavam; uso esse que recorda o momento creado pelos africanos no qual a *luculenta familia* (raça illustre, brilhante), passara dos brejos e matagaes (lucus), para o governo do universo (locus). Foi por isso, que os *asylos* ou bosques sagrados davam *immunidades*, como a residencia nas brenhas da Africa occidental tivera a rara virtude de

transformar os *Boschimans* em regedores da terra, invioláveis e sagrados. Os *inventores das aras negras* dedignavam-se de pegar no timão da charrua, tornada inútil para elles (emeritum aratrum); mas *fossavam a terra* (terram rostro suffodere) e punham-lhe cruces sobre as costas. A' semelhança do cavalleiro, quando mata o cavallo em que vae montado (suffodere equum), o homem barbaro aluiu o seu proprio dominio e teve o prazer de enterrar-o (suffodere). Isto quer dizer, que os Pelasgos preferiram o trabalho das minas (suffodere, *cavar por baixo*), aos da lavoura, e desta preferencia resultaram naturalmente crises alimenticias, que terminaram por insurreições e revoltas, como as já encontramos no Latium e na Grecia.

As *cruzes* com que se costuma assignalar os logares aonde foram praticados homicidios (vitæ metæ), reproduzem o conceito antigo formulado a respeito dos *marcos divisorios* e dahi a razão por que as pyramides (meta), são consideradas monumentos funereos. O *matricidio*, portanto, de que falámos ha pouco, foi commettido sobre o *genero humano* (terra, matrix), reduzido a morrer de fome, enquanto o solo, dantes coberto de searas, era revolvido pelos fossadores de Guiné, e reduzido a cemiterio.

A cidade de *Heliopolites* convisinha com as de *Kher* e *H'a-beu-ben*. *Ker*, allude aos *favos* (ceræ), que foram invadidos pela *serpente de cornos* (cerastes), e esta se assemelhava a um *cometa* cornuto, de *duas caudas* (ceratias). A *dormideira crespá* (ceratitis), estava nas mãos de *Ceres*, para attestar, que o somno pelasgico, si era funesto ás lavouras, não excluia os *banquetes esplendidos* (ceealis cœna); e que a gente *doente do miolo*

(cerebrosa), ou propensa á loucura, era, entretanto, a medulla da arvore que produz o *regimen*, isto é, da palmeira (cerebrum palmæ), emblema da *victoria* (palma). A *tocha* ou vela de cera que acompanha ainda as procissões catholicas (cereus), lembra os tempos em que os *Ethiopes* celebravam suas *bodas* ensanguentadas (taeda), á luz das achas de pinheiro, pois estas alimentaram o incendio das cidades egypcias. Sabe-se, que o *canto nupcial* chamava-se *taeda*, entre os Latinos, e que os noivos se faziam acompanhar de uma illuminação de fachos. Tudo isso nos fala dos Nubios, e por isto, *taeda* (archote), significa tambem *instrumento de supplicio*.

Não se póde duvidar que o costume de extrahir uma particula de *sebo* das victimas nos sacrificios (taeda), alluda não sómente aos *homens sebosos*, de que já temos noticia, como aos incendios ateados pelos *Ethiopes* e nos quaes foram calcinadas as victimas do furor selvagem. A palavra *epithalamium* (canto nupcial), accusa em sua composição os termos *epi* e *thalamium*, sendo que o segundo se decompõe, por sua vez, em *tal* de *talaria* (azas de Mercurius), *ala* (exercito), e *Lamus* (nome de um cavallo). Como se trate de uma instituição protectora dos amantes, *epi*, pode ser approximado de *Epidaetia*, sobrenome de *Venus*; e assim, pelo vocabulo analysado, se faz menção das trouxas com que foram comparadas as mulheres raptadas pelos *Ethiopes* em *Ten* (induere talaria). O *cavallo*, como animal de carga serve para retratar o primeiro marido, que se fez acompanhar de fachos; e assim *Venus* se mostra sob a fôrma equina, mas exhalando mau cheiro (alarum vitia), porque *ala* tambem se iraduz por *sovaco*. O exercito nubio (ala), poz as mulheres sob o braço (sub ala), ou antes, as pobres

Asiaticas do Egypto cahiram nas *rêdes* (ala), estendidas pelos negros immundos, e eis como se compoz o primeiro epithalamio ou poema nupcial. Lembremos ainda, que *lamium* (de *epithalamium*), é o nome da *urtiga morta*, e por esta significação somos informados de que o *prurido* ou estimulante dos Negros rebeldes (urtica), deu azas aos mais indolentes, por ser um como almiscar de *Venus* (Epidaetia), transportado para o temperamento dos cavallos (Lamus). E é de crer, que o *leito nupcial* das infelizes fosse tão delicioso como um feixe de urtigas, conforme se deixa entrever pelo nome do epithalamio.

O termo *lam*, conduz a *lampadion* (fogo em movimento), ou a *lampadias* (cometa em forma de facho acceso). Pela *faixa* (fascia), já reconstruimos a historia das nupcias africanas. Accrescentaremos, todavia, que o nome das *tornavodas* ou banquetes, que succediam á cerimonia principal do casamento (repotiae), põe-nos em face de *prisioneiros* (potitus hostium), e daquelles que estavam em perigo de morte (potitus mortis). Por outro lado, *hominum potus*, designa a *urina humana*, e se recorrermos ao radical de *urina*, acharemos o verbo *uritare* (queimar muito a miudo) ou *urere* (affligir, atormentar). A cidade do Egypto nos traz á memoria pelo seu nome (Ker), os jogos antigos em que se costumava saltar sobre *pelles untadas* (cernualia); e a phrase — *insilire tergo alicujus*, fala de *saltar nas costas de outro*, assim como *unctura*, diz o mesmo que *embalsamar os mortos* (unctum corpus). *Saltar sobre alguém*, é *arremetter*, e a noção de *costas*, serve para advertir que a investida dos Negros se fez de modo traiçoeiro e imprevisito. O *corpo embalsamado* ou *corpus differtum odoribus* é aquelle que *se enche de cheiro*, mas *fragrantia* (per-

fume), contém o mesmo radical de *flagrans* (que arde ou está em chammas), e, deste modo, pode-se concluir, que os vencidos foram litteralmente queimados.

A essa triste e dolorosa recordação se prenderia talvez a pratica de conservar os cadaveres por meio de resinas odoríferas, como attestam os milhões de mumias que ainda existem no Egypto. A verdade é que *corpus medicatum*, fala do *corpo* ou do homem sobre o qual se exercem maleficios, e que *medicamentum*, faz referencia á cor da purpura ou do sangue. Dizem que a palavra *mumia*, vem do arabe *mum* (cêra), porque a substancia assim chamada era um dos ingredientes com que se embalsamavam os cadaveres.

Os termos latinos que poderiam entrar na formação da palavra *mumia*, são de um lado, o *som dos mudos* (*mu*), que serve como interjeição para recommendar o *silencio*, e, de outro, o substantivo *mya*, que fala de *concha* ou de madreperola. Entretanto, a deusa *mûda* (*Muta*), é *Larunda*, a mãe dos *Lares*, que presidia ao *fogo da lareira*, e *mia*, leva a *myaces*, nome dos *me-xilhões*, mariscos com que vimos comparados os Ethiopes. As *mumias* assignalavam, portanto, um grande desastre produzido pelo *fogo*, e podemos adiantar, que elle procedera de um estado de guerra. De facto: os cantos que se entoavam nas bodas, eram chamados *fescenini versus*, e *feciales*, diz o nome dos sacerdotes que presidiam a paz e a guerra. D'ahi o dizerem que a poesia fescenina tão odiada dos patricios, como informa Horatius, pertencia á classe das composições obscenas ou licenciosas e sob esta coima foi perseguida por Augustus.

E' que a *licença* imputada aos versos, vinha, por tradição, dos factos mesmos que os cantos recordavam.

O que os Latinos designavam pela expressão — *licentia efflua* ou *liberior*, constituia um predicado do *pater* ou de Bacchus (Liber pater); porquanto *effluere* (extravasarse, divulgar-se), diz o mesmo que *patere*. Se de novo considerarmos a phrase — *corpus differtum odoribus* (corpo embalsamado), acharemos que *differtum*, formando-se por intermedio de *di* (separação) e de *fertum* (fertil, rico), dá ideias já da *gente luculenta* (ferax), que se compara aos animaes ferozes (fera), já de uma *divisão* que se operou entre ella e aquelles que foram lançados as charrmas (flagrans). Entretanto, *di*, tambem exprime *augmento*, e *fertum* ou *fartum*, é nome de um *bolo*, feito de *farinha*, *mel* e *vinho*, que se usava nos sacrificios. A *farinha*, diz que se tratava de *brancos*, o *mel*, de *fuscos*, o *vinho*, da *tribu vermelha*, que era a dos *Libyos*.

A *farinha* passou duas vezes pelo *fogo* como o *bolo* de que se trata, e esta indicação prova que o *augmento* (*di*, incrementum), é neste caso o elemento igneo, ampliado como o dos *incendios* (vulcania pestis), facto tambem notado por *incrementus*, que tem o mesmo radical de *incrematus* (crem). O *mel* e o *vinho* eram o *mólho* do bolo, e *jus* (molho), não se distingue da palavra que significa *lei*, *autoridade*, *direito*, sendo tambem synonymo de *vis* (força, multidão, calamidade). Está claro, que os *brancos* foram envolvidos pelas duas tribus confederadas e postas entre as pontas das lanças e as charrmas do incendio. Houve *augmento*, porque *ampliare* (aumentar), traduz tambem a noção de *prolongar* e assim como *differtus*, diz *entulhado*, em *aggeratio* (accrecentamento) acha-se a ideia de *pilhas* ou montões.

Os habltantes das cidade eram torrados vivos, em *multidões*, servindo de *alimento* (accrementum), para as

chammas vorazes. A parte que se tirava da victima sacrificada (taeda), tinha o nome de *augmentum*, e essa *migalha* (mica), é aquillo que *resplandece, salta, palpita* (micare), maneira engenhosa de representar o supplicio das victimas envolvidas pelo fogo. Eis a razão por que se dizia serem os *cantos fesceninos*, oriundos da Etruria: o nome de *Tursena* encerra o mesmo elemento que se traduz por *migalha* (thus), e dá ideia de *incenso* (resinula), resina empregada para a conservação dos cadáveres (mumias). Os *Etruscos*, não precisamos repetir, eram os mesmos *Libyos*, cuja complicitade se manifesta no crime praticado contra os brancos do Egypto. O *incenso* é, no caso figurado, as *carnes queimadas*, e ao acontecimento terrivel, base historica das lithurgias entre todos os povos da terra, liga-se o emprego dos perfumes nos sacrificios e nas festas religiosas.

Ha quem supponha que a palavra *mumia* vem da arabe *mumya*, composta de duas vozes coptas, uma das quaes significa *morto* e a outra *sal*. Segundo esta etymologia, reapparece o elemento latino *mu*, que designa alem do *som dos mudos*, a *migalha de qualquer cousa*, como a de *sal* ou *incenso* (mica), e pela accessão da idéa de *satyra* (sal), depara-se novamente a dos *cantos fesceninos*, que eram satyricos, e a de *périgo* (sal, mare), sem falar nos *Etruscos*, dados como inventores daquelle genero litterario. Não devemos deixar passar sem menção, que *manna* (migalha de incenso), reproduz por *manus* e *manes*, as noções de *poder* (jus, vis) e de *mortos*, facto que explica, por sua vez, a identificação do *culto das almas* com o do *fogo*, presidido por *Muta* ou *Larunda*, mãe dos *Lares*. O que, porém, se offerece de mais curioso nessa ordem de ideias, é a dupla significação da palavra *manna*:

migalha de incenso, manná dos Hebreus. Pois que *manes*, fala das *almas dos mortos*, está claro, que *vita* e *vitae* (alimento, almas dos mortos), nos revelam por que a *migalha dos sacrificios pagãos* serviu de cibo para os Egypcios, quando estes foram em demanda da Palestina. O vocabulo hebraico *men* ou *man* bifurca-se tambem nas significações de *parcella* e de *maná*, de modo que tudo se liga, na etymologia e na historia, para provar, que os Hebreus se alimentaram em tempos esquecidos com os cadaveres de seus companheiros ou praticaram a androphagia, aliás habitual entre os antigos Germanos e os Celtas. Os glotologos suspeitam, entretanto, que a palavra *manna*, deriva de uma interrogação hebraica, — *man hu* ?, correspondente á nossa locução : *que é isto* ? Ainda neste caso, o grito de admiração ou de espanto teria por objecto, não um milagre, mas um acto barbaro e repugnante. As vozes hebraicas — *man hu* ?, resolvem-se, segundo o nosso processo interpretativo, em *manus humi* (poder do inferno), sendo que *humilior*, fala de *cadaver* queimado e *que não teve sepultura*. O *tumulo humilde* (humus), seria o ventre dos androphagos, que faria a *combustão* ; mas esta forma de enterramento surprendia os creadores da linguagem, que ligaram a noção de *maná*, como vimos, a de *manes*, sem falar na de *chusma* (manus), e de *escravos* (mancipium).

Strabão e Plinius deixaram escripto, que os Scythas os Bohemios, os Carthaginezes, os Ethiopes, eram androphagos como os povos já nomeados ; e, portanto, não ha motivo fundado para excluir os Hebreus de uma regra que se estendia a todos os Barbaros da antiguidade. Ora, o vocabulo *manna*, que fala ao mesmo tempo de *mortos* e de *alimento* (*vita*, *vitae*), tambem nos refere, que os

Hebreus se dividiram em facções ou parcialidades inimigas, como era aliás da sua índole. Basta considerar, que o termo *anna* (de *manna*) é o nome da *irmã de Dido*, e que *didere*, significa *dividir* (secare) e *distribuir* (aliquibus dividere). O *manná* assemelha-se desde logo com o cadaver do devedor remisso, que os Romanos punham em postas. A Lei das XII Taboas guarda a memoria desse tempo. Os Romanos sacrificavam a *Anna Perenna*, para obter uma *vida dilatada*, e *vita*, significa *alimento*, como *tractare* (arrastar, passar a vida) traduz-se por *dilacerar* e *tirar com violencia*. Assim, em *tractare vitam*, se depoz a idéa de *disputar alimento*, e consequentemente, segundo a significação preindicada, de *cortar os mortos em pedaços*, para comê-los. Sem o saberem, aquelles que faziam votos por uma *vida longa*, mostravam saudades da *existencia vagabunda* (longinquus, peregrinus), dos selvagens da Africa, quando estes se nutriam de carne humana.

Deve-se entender, pois, pelo mytho de *Anna Perenna*, a *divisão* ou dilaceração perenne da raça pelasgica, e elle lembrava a phase primitiva dos Libyo-ethiopes, quando estes povos se guerreavam tenazmente e se alimentavam com as carnes dos inimigos mortos nos combates. Dirão, que o *manná* dos *Hebreus* cahia do ceo, mas *cadere alte*, corresponde a nossa phrase *cahir profundamente*, e de facto os manes entravam para o ventre dos canibaes. Note-se que *humilis venter*, diz tanto *ventre profundo*, como o *ventre rasteiro*. *Cadit deo ovis*, diziam os Latinos para significar : *sacrifica-se a ovelha*, e a traducção verdadeira daquella phrase, seria : *a ovelha cde no estomago do dono* ou do *pater*. Por que se retirava a *parcella de gordura* das victimas dos sacrificios pagãos? Os cani-

baes apreciam mais as *partes gordas* das victimas, eis a razão daquella usança até hoje inexplicada. Como os Ethiopes eram os chefes do exercito hebreu, a elles pertenciam os melhores bocados, ficando os restantes para a soldadesca. Entre os selvageus americanos não se procedia de outro modo. *Particula* (parcella), ou a *parte gordosa* que se tirava das victimas immoladas aos deuzes, fala de *ulla pars culi*, porção das *nadegas*, considerada como a mais saborosa, entre os selvagens androphagos.

E' horroroso pensar nesse costume abominavel, mas a verdade historica não muda por isso de caracter; e bastaria para comproval-o, lembrar que *victus* (vencido) é tambem o nome do *alimento*, e mesmo do *modo de vida*. Quando os Mexicanos reservavam multidões de prisioneiros (*victus*), para fornecer a iguaria de suas mezas, depois de barbaramente assassinados, repetiam um costume antiquissimo, e devemos lembrar-nos de que nas epochas de escassez e de fome, a Europa viu banquetes de canibaes, como reza a historia da media idade, e houve mesmo quem desenterrasse cadaveres para acalmar os furores da phagedena. Em 850, 855, 866 e 873, a penuria foi tal, que em Pariz os homens se degolavam para se nutrirem de carne humana. 895 e 899, dous annos terriveis para os pobres da mesma cidade, viram repetir-se as mesmas scenas anteriores, segundo refere Dulaure, em sua *Historia de Paris*. Os *Hebreus*, tendo consumido o gado que levassem, recorreriam ao processo da sorte, como os naufragos da *Medusa*. Mas havia tambem nelles o instincto depravado, que se manifestou nos cercos das cidades egypcias: as victimas, que escapavam aos incendios, eram grelhadas para alimento dos monstros.

O costume de incinerar os cadáveres introduzido com a invasão dos Pelasgos na Europa, rememorava por sua vez, os *banquetes funebres* do Egypto; mas elle foi precedido pela arte de embalsamar os corpos, e as *mumias* recordavam e ainda recordam a terrível *appetencia* dos mestiços africanos, sobreviventes em algumas raças selvagens ou decadentes. Envolver em balsamos cheirosos os corpos dos animaes e dos homens, era, por certo, insinuar que houve um tempo de avidez pela *carne*, facto novo, entretanto, para as populações asiaticas, que ainda conservam parte do horror antigo pela alimentação dessa natureza. Isto deve demonstrar, que os invasores da India perderam com o tempo o gosto depravado, manifestado no Egypto, quando invadiram aquella região e ahi se estabeleceram, muitos seculos depois da occupação da Europa. Entrementes, devemos suppor, que os sobreviventes da antiga raça branca, introduzindo o processo de embalsamar os cadáveres, tiveram em mira evitar que nas guerras incessantes, travadas entre os Pelasgos, os morticínios se convertessem em epidemias pela putrefacção dos cadáveres abandonados, e attendendo ao clima torrido do paiz. Na Europa, porém, distanciada por seculos, dos acontecimentos que assignalavam a appareição da raça pelasgica, preferiu-se pelos mesmos motivos a incineração ao enterramento, e dahi as mil lendas que tinham curso sobre os cadáveres insepultos, que, aliás, não faltaram nos primeiros tempos da occupação. Embalsamava-se no Egypto, porque a lenha escaceava nessa região de vastos areas, mas procedeu-se a tal respeito de modo que as *mumias*, de cor cinsenta ou negra, fossem como retratos dos conquistadores, ao passo que a resina, empregada na respectiva preparação, symbolisa a lagrima perpetua

(balsamum), deposta pelos sobreviventes da raça decahida sobre a memoria dos que foram tragados ou das victimas da bulimia ethiope. De facto: *balsamum*, decompõe-se nos termos *bal* ou *baal* (no hebreu, *senhor*, dono), que corresponde a *Jupiter*; *zamia* (damno), e *hum*, de *humus* (paiz). *Damno do senhor da terra*, eis o que nos diz pelos seus elementos structuraes, o vocabulo *balsamum*; e *lari-cina*, fala de *imagens dos deuses Lares* (signa Larum), sendo que *pituita* (gomma), repete a ideia de *lagrima*.

A voz latina *resina*, nos adverte de que o poder dos conquistadores do Egypto tornara-se sob a forma de *mumia*, uma recordação sem consistencia ou vasia (res inanis), e realmente, o poder dos Pharaós tinha resvalado pelo rapido declive do tempo até ao reino das *sombras* (res inanis), ou de Plutão. Lê-se, comtudo, na palavra *resina* a ideia de *estandartes militares* (signa), que, no dominio de nossa humanidade decadente, representam a força victoriosa, mas esteril.

Para completar o esboço da historia primitiva do districto de *Heliopolites*, resta considerar o nome da cidade que lhe ficava proxima, *H'abenben*. *Habena*, é a *redeia do cavallo*, o *azorrague*, o *mando*, cousas estas que os Latinos reuniram na expressão—*habena Latiae* (dominação romana). A geminação de *ben* (ben ben), allude naturalmente á phrase conhecida: *bene vobis*, *bene mihi* (bebe á vossa e á minha saude); e assim nos previnem de que a cidade do Egypto viu banquetes esplendidos, como as outras, desde que cahiu no dominio dos *homens de bom gosto*, que sabiam tão bem levantar o copo, como vibrar o azorrague. Os *beneficios* (ben), que elles introduziram, consistiam em *promoções*, *dadivas* e *privilegios* (beneficium); mas infelizmente a palavra que enuncia a noção

de *graça e favor*, é a mesma que significa *maleficio* (culpa). Como ao *cavallo*, ora se colhe, ora se afrouxa a redea, do mesmo modo, o governo dos Pelasgos vivia, como os modernos, de restricções absurdas á liberdade e de licença desenfreada. Tudo para uns, nada para outros, eis o aspecto que sob a relação economica, ainda offerecem os povos mais civilisados e mais desvanecidos de sua cultura. E' de crer que essa cidade egypcia soffresse a mesma sorte de sua visinha: *furit immisis Vulcanus habenis*, isto é, a *chamma lavrou com furia* por esses magnificos edificios construidos pelos Asiaticos, destruindo-se de tal guiza documentos preciosos sobre o passado dessa raça admiravel, que apparelhou o planeta para habitação do homem, sem cogitar nos monstros a quem devia caber o dominio do universo. *Habena*, fornece pela analyse, os termos *habere* e *poenas* (soffrer males), e a reduplicação que se faz com *ben* (*poenas poenarum*), nos diz que o desastre excedeu a previsão ou tocou ás raias da *calamidade*, como aliás se collige daquelle substantivo latino (*poena*). *A pena das penas* é a de *morte* (ultima poena), e *duplicem poenam subire*, diz qne se pagou em dobro a pena ordinaria.

A occupação do nomo da Heliopolites realisou-se depois da de *Litopolis*. Foi na estação das colheitas, que se fez a invasão, como nos prova o nome da cidade, *Her* (Ceres); e assim o *pombo amarello* (*cereus turtur*), poude sacrificar á deusa das searas (*Cereri sacrificare*). Nos sacrificios dessa deusa não era permittido ter vinho á mesa, prova de que os Pelasgos, quando invadiam qualquer região, faziam tão grande consumo daquelle mercadoria, a ponto de produzir escacez. Durante a noite (*vivere ad cereos*), elles esvasiavam as adegas; e além do vinho, far-

tavam-se de *cerveja* (ceria); e por isto podiam ser inscriptos na lista dos censores, que merecem ser censurados: *ceritae cera di gni*.

As cidades de *Babylonia* e *Trunu* estavam situadas na extremidade do Nilo, e a segunda dellas era chamada *Troya* pelos Gregos. *Trunu* enfrentava quasi com *Memphis* e dizia-se, que fora construida pelos prisioneiros *troyanos*, como a sua visinha, pelos prisioneiros *babylonicos*. O composto *Babylonia* accusa os elementos *ba* (expressão de quem repugna), *bilis* (colera), ou *bilix* (dous liços), *luna* (noite) e *Ia* (filha de Atlas). *A noite*, filha de Atlas, que conduz os furores de *Bacchus*, e forma uma teia de dupla urdidura, — eis o que se manifesta pelo nome da cidade egypcia, como da de sua homonyma da Caldea. As duas tribus africanas constituiam como uma *cota d'armas a duas malhas* (*bilix lorica*), ou se assemelhavam a duas posilgas. O termo *bil*, conduz a *bilustres* (dous lustros), mas *lustrum*, significa o *volutabro em que se enloda a porco, a casa de alcouce e o covil de feras*.

Havia em Roma um sacrificio expiatorio no campo *Marcio*, onde se matava um *touro*, uma *porca* e uma *ovelha*, depois de conduzir as victimas em redor do povo. Mosurava-se assim pela figura dos tres quadrupedes, que as *ovações* (*ovatio*), eram cousas proprias de *basbaques* (ovis), e que sob a supposta *brancura* dos *triumphadores* (*ovator*), se deveria procurar a *cor escura* dos porcos, e a *vermelha* dos bois. Os *pretos encarregados da capoeira*, que vimos no Egypto reduzidos á condição de *servos* (*ovarius*), eram os mesmos que assistiam agora aos sacrificios de sua propria effigie. *Ovatus*, se diz do que é *pintado* ou malhado, e os Romanos descendiam da gente mestiçada, que figura na historia

sob o nome significativo de *Pelasgos*. O campo *Marcio* era chamado *ovile*, e por *oviles*, se designavam os *curraes de cabras*, aonde os habitantes de Roma se reuniam para fazer as *lustrações*. *Lustramentum* (lustração), se traduz por *mão cheiro*, *fartum*, e por isto se prova, que o *peixe marinho* de Guiné (bos, Boschiman), tinha passado por diversas transformações, transitando de *cabra* para *ovelha*, mas ainda neste caso precisava passar pelas aguas afim de perder o cheiro africano. *Lustrare*, significa *rodear* e *purificar*; e eis porque os quadrupedes andavam em torno da multidão congregada naquella campo. Para lograr-se a *purificação*, supposta pela cor da ovelha, foi preciso um *rodeio*, e para eonservar o disfarce, trazido pelo tempo, faziam-se de mister novas lustrações (*lustrare virus*), mas sem esquecer de *alumi*ar os palpavos (*lustrare*), sobre a antiga origem caprina. A patetice romana, que se compara justamente com a das *ovelhas*, (*ovis*), não suspeitava, que essa *revista*, vinda de longa tradição, era como uma visita, sempre renovada, que se fazia ao Egypto (*lustrare Ægyptum*). O *cordeiro asiatico*, por sua vez, tinha perdido nos seus descendentes da casta dominante os caracteres que primitivamente o distinguiam, e é a razão por que elle apparece mais tarde transformado em arvore de flores cinzentas ou purpureas, cujos fructos são de sabor acre e cheiro repugnante (*agnus castus*).

Com esses sacrificios (*lustra*), fazia-se a *resenha* da população; mas em nossa *lingoa* (*resenha*), é synonymo de *alarido*, *jactancia* (*venditatio*), vicio dos Pelasgos, que se tornou como inherente ao character dos homens de guerra. A *ironia*, porém, dos creadores da lingua latina, construíram a phrase *domesticus testis*, para de-

signar aquelle que faz ostentação de si mesmo; e não esqueçamos, que o nome de *Venus*, é o mesmo pelo qual se traduz a noção de *venda* (venus). Para ter *credito* e *importancia* (venustas), é preciso saber o officio de *vendilhão*, verdade que aliás nos é confirmada pela experiencia de todos os dias.

A palavra *Babylonia*, é synonymo de *prostituição*, e diz-se, que as mulheres da cidade chaldaica prostituam-se com o primeiro que lhes cahia sob os olhos. *Pabulum lunae* (alimento da noite), eis o que se escreveu tambem atravez do nome da cidade, por que os facinorosos dignos de força (pabulum Acherontis), formavam a classe mais influente e dominante das duas cidades, situadas a grande distancia uma da outra. *Babylonic numeri*, é o nome dos *horoscopus*, que tornaram celebres os *astronomos* africanos, e dahi os relógios inventados para observação dos astros e tambem conhecidos pelo nome de *vasa horoscopa*. Não se pode duvidar, que semelhantes *relogios*, eram os copos transbordantes de vinho (os cupae Hori), que representavam como o proemio de uma comedia, terminada pelo azor-rague.

Sabe-se que o deus egypcio (Horus), tinha como emblemas um tagante e uma disciplina, e trazia na mão o sceptro augural. Os *exercitos* de Horus (copia, vasa Hori), davam exactamente a altura em que estava o *sol* da conquista, e nas guerras, que sobrevieram, entre os *patres isiacos*, tornaram-se como os zodiacos sociaes, assignando a marcha do astro nascente em torno dos animaes que occupavam as casas de Apollo. E' por isto que *logi*, fala das *fabulas de Esopo*, que são para assim dizer, o resumo idealizado da guerra dos animaes, contada por

aquelles que no theatro occupavam o logar destinado aos coristas e comicos, e não representavam (logium).

O *côro* da tragedia grega representava esse elemento social, excluido da scena e que servia de espectador, com voz, entretanto, decisiva sobre as acções dos personagens. Puzeram-no ao fundo do theatro, porque os vencidos eram como a *ima pars* ou a *parte mais baixa* dessa sociedade, dirigida e governada por *estupidos e insensatos* (larva). Isto explica por que os actores afivelavam a *maskara* (larva), e as *furias infernaes* intervinham nos acontecimentos reproduzidos ou phantasiados no palco. Os tragicos gregos foram copistas, que seguiram um rumo previamente traçado, mas incapazes de libertar-se da tradição, porque não podiam penetrar-lhe na significação occulta. A *astrologia judiciaria* (babylonia doctrina), não nasceu na Chaldea, mas no Egypto, e nem é invenção dos Pelasgos, pois não passa de commentario alegre ou de glosa pittoresca á historia dos conquistadores africanos, posta nos astros sob forma de signaes do zodiaco e de constellações, cujos nomes lembram o muzeu zoologico das margens do Nilo.

Babylo, traduz de par com a ideia de *luxurioso*, *dissipador*, a de *calculista* ou banqueiro. *Calculator* (contador), prende-se ao radical de *calcare* (metter de baixo dos pés), e a *pedrinha* de que os antigos usavam, quando faziam conta, lembrava a *molestia do areal*, ou tufão que soprou rijo, implacavel, dos desertos da Lybia. E' o que nos informa a dupla significação da palavra *calculatio*, a saber : de *molestia da pedra* ou de areias, e de *conta* ou calculo. A molestia que se forma na bexiga, tem o nome latino de *valetudo calculorum* (saude das pedras), emquanto por *valetudo mentis*, se entendia

o mesmo frenezi ou furor poetico, que tanto concorrera para a celebridade de Bacchus. Si as pedras são sadias enquanto estão presas na bexiga, signal é que as outras acham, como os Pelasgos, a doença na liberdade. E não se faz de mister lembrar, que os *calculadores* sahidos do Egypto são comparados ás moles rochosas e aos penhascos.

As pedras que entram na fabula de *Deucalião e Pyrrha*, são as mesmas que ainda se observam nos plainos pedregosos da Africa, elevadas a deuzes sob a forma de *marcos divisorios* (Termes). Por *Lapis*, se indicava um lugar em Roma, aonde se installara o *mercado de escravos*; mas aquella palavra latina tambem fala de campo ou sepultura, associando-se por essa forma as ideias de *escravidão* e de *insensatez* (lapis); assim como á de *pedra de limite* ficou ligada a de *sujeição* e *monopolio da terra*, factos geradores da morte do trabalho livre e da subordinação do homem ao homem. Em *Babylon* (Babylonia), se lê o nome do poeta ineptissimo, que já sabemos ser *Bacchus* (Bavius), e pois que indicam a voz hebraica *Bavel*, como madre da palavra grega *Babylon*, acharemos por *Bavius avel-lit*, uma synopse da historia das invasões no Egypto.

Avellere, significa *arrancar por força, apartar com violencia*, e foi o que fez o poeta ineptissimo nos transportes conhecidos de seu terrivel frenezi. Já se vê que das mesmas pedreiras egypcias sahiram o *marco divisorio*, o *escravo*, o *dissipador* ou luxurioso e o *campista*, pondo de parte a *doença da bexiga* (stranguria), pela qual figuram a *vaidade* (vesica), dos grandes proprietarios da terra, que fazia suffocar o riso (qnacritur vesica).

Conta-se que os *Coptas* do Egypto são excellentes *contadores*, e por isto gozam de grande influencia mesmo entre os Europeus estabelecidos nesse paiz, mas é singular que o nome desses caixeiros habilissimos guarde a memoria da *pedra* africana (*calculus*), que se vê atravez da palavra *calculador*. Já em outro lugar notámos, que *copta*, é o *biscoito de amendoas durissimo*, ou semelhante á *pedra*, o que prova serem aquelles sobreviventes da antiga raça pelasgica, a mesma gente que elevou os contractos de cambio e o livro *Razão* á altura de um sacramento.

Sabem agora os reis das Bolsas de commercio e os usurarios, quaes foram os seus antepassados, que não podiam contar sem o soccorro de *pedrinhas*, sendo certo que de *calculus* tirou-se o nome da arithmetica pelasgica, tão dura como o *biscoito copta* para a intelligencia dos meninos de escola. E' sabido que nos exames reina terror pelo *deterior calculus*, expressão correspondente á *bola preta*.

Mal pensam os examinandos que o *deterior calculus* (pedra mais vil), renova ainda a lembrança dos primeiros calculistas da terra, que fizeram dos algarismos uma como torre de Babel, symbolo incontestavel das finanças dos povos modernos; e a tal respeito, os Negros Boschimans, que só sabem contar até ao numero dez, são mais felizes do que os sabios administradores da fazenda publica entre as nações mais civilisadas da terra.

Eram os *Coptas* donos do Egypto antes das invasões romana e arabe; mas depois que decahiram da antiga proeminencia, seguiram, como os Judeus, a vocação irresistivel que leva os Pelasgos a fazer de tudo

materia para negocio, inclusive as carreiras e profissões que se deviam distinguir pelo desinteresse e mesmo pela abnegação austera.

Importa, entretanto, notar, que os Romanos, tão ferozes como calculistas e usurarios, não conheciam os caracteres arabes para representar os numeros, prova de que a barbaria abafara um conhecimento antigo, mais tarde communicado do Oriente para a Europa. Não tratámos ainda das *alcatifas* ou pannos de armar pintados, que os antigos chamavam *babylonica stromata*. Essas tapeçarias têm alguma relação com os *pannos de theatro*, denominados *corrediças* (*periacti*), assim como *stroma* (tapeçaria), dá ideia de *cobertor* ou de tudo que serve para envolver (*stragulum*). O *panno de theatro*, que se costuma ornar de figuras á maneira das tapeçarias de Babylonia, representa o primeiro confronto que se fez entre a *jaula* e o *palacio* (aula), como demonstra a palavra *aulaeum*; e pois que a côrte dos *patres* e dos *reis* offerecia um *divertido* conjuncto de *caras pintadas*, explica-se facilmente a denominação de *picti reges* dada aos soberanos que se apresentavam com vestidos de purpura bordada. Os Latinos chamavam a *bordadura*, «*pictura textilis*», e já sabemos o que se deve entender pela urdidura a dous liços. Como, entretanto, se possa traduzir por *capa*, a palavra *stragulum*, o *panno de armar* tambem faz referencia a essa peça do vestuario na qual foram embrulhadas as victimas da luxuria ethiope, na rebellião do nomo de *Ten*, segundo já ficou dito. O *teçume* (*textum*), de que se fala, lembra, por sua vez, a conspiração urdida nas trevas, e convem lembrar, que se dá o nome de *rede* á coifa com que as mulheres envolvem a cabeça. *Macula in capite*

(rêde na origem), faz, por outro lado, allusão ao *peccado original* da raça pelasgica; emquanto a *pintura dos rostos* (macula), corresponde á *ignominia* (macula), dos homens que figuram no theatro antigo. Esse acto infame (maculosus), surgiu tão rapidamente como nos theatros se ergue o *panno de bocca*, assim chamado porque *bucca*, significa *trombeteiro*, e o exercito lybio-ethiope, fez-se annunciar pelo som das cornetas, seguido do assassinato, do incendio e do rapto.

As noivas traziam antigamente diante do rosto um *véo cor de fogo*, e não precisamos accentuar a significação historica que se tira da palavra *flammeum* (véo das noivas). A *grinalda de flores de laranjeira*, que ainda apparece na fronte das nubentes, si é o emblema da innocencia e da virgindade, faz parte comtudo de um symbolismo mais profundo ou menos intelligivel. Basta, para demonstral-o, transcrever as expressões pelas quaes foi mais cedo ou mais tarde designada a laranjeira: *malus aurea*, ou *atlantea* (macieira cor de ouro, dantes negra). Ora, *malus*, corresponde ao adjectivo que traduz a ideia de *nefario*, e o fructo da laranjeira chama-se *malum*, sendo que significa tambem *calamidade*. Por sua vez *atlantia*, é a transcripção de *atra antea* (antes negra) e por *atlantes* eram designados os povos da Lybia. Dahi o nome do fructo das *Hesperides*, dado ás *laranjas*; é que aquellas filhas de *Atlas* foram estabelecer-se mais tarde nos paizes mediterraneos, dentre os quaes se destacam pela sua posição geographica a Italia e a Hespanha (*Hesperia magna*, *Hesperia ultima*). Pode-se affirmar sem hesitação, que o *malum aureum* (laranja) é o emblema dos mulatos egypcios, assim como que a *grinalda das noivas* lembra o *cerco* das cidades

(corona) e as primeiras *nupcias* que se celebraram ás margens do Nilo. A circumstancia, muitas vezes mencionada, de que as duas tribus urdiram uma conspiração, que terminou pelo morticínio dos brancos, acha-se gravada na palavra *sertum* (grinalda). Realmente, *sertum* e *sertus*, falam de *cousas enlaçadas* ou a *dous liços*, como nos diz o vocabulo *Babylonia*. *Serta campana*, é a *corôa de rei* (planta), por outro modo chamada *ceinos*, e por *caementum*, chega-se á noticia das pedras *miudas*, que entraram nos alicerces do mundo novo, depois de lançadas para traz das costas por *Deucalião*. As *pedras preciosas* que adornam o diadema dos reis, são aquellas mesmas que se nos deparam nos desertos da Lybia.

Não se fez menção, que saibamos, da identidade dos radicaes que entraram nas palavras francezas *orang* e *orange*. Em que o *macaco* se parece com o *fructo da laranjeira*? Descobre-se a razão dessa homonymia no facto de ser o *orango negro* o mesmo *chipango* ou *troglodyta*, dado como antepassado dos *Boschimans* (avós dos *Pelagos*).

E assim como a *laranja* passa do *verde-escuro* para o *amarello-claro*, do mesmo modo os famosos emigrados de Guiné transitaram, em seus descendentes, do *negro* para a *côr de ouro*. Chamam á casca daquelle pomo, *zeste*, e esta palavra franceza póde ser explicada, já pela interjeição *zest*, empregada como *zombaria*, já pela voz latina *cestus*, que fala do *cinto da noiva trazido no dia das bodas*. A ideia de *zombaria*, traduz-se na lingua dos Latinos por *cavilla*, *cavillatio* (cavillação), e o gracejo *mordaz* ou picante, toma o nome de *venenatus jocus*, expressão em que se lê o nome de *Venus* (Ven, Venus).

Ahi está, pois, a *laranja*, associada pelo nome que lhe deram ao macaco africano, ás bodas pelasgicas, e á traição armada pelos Boschimans no districto egypcio de *Ten*. Si analysarmos de novo o vocabulo *laranja*, acharemos que elle denuncia a mesma serie de acontecimentos, que se descobre num sem numero de palavras pertencentes a todas as linguas. Assim, *Lara rancat* (rosna a mãe dos Lares), é phrase que corresponde perfeitamente aos sons que se coordenaram naquella voz portugueza; e já sabemos que *Lara* ou *Larunda* é a tribu africana que deu ao fogo uma applicação tão fatal para os Asiaticos, quanto condigna do humor selvagem dos Ethiopes. O italiano *melarancia*, fala do *Nilo* (Melo), dos *lares* (lar), da *lança* ou assombro (lancea), e da filha de Atlas (*Ia*), de modo que aquelle vocabulo é uma historia synoptica das façanhas que celebrisaram os Boschimans nas margens do rio egypcio. E não deixa de ser interessante o nome italiano da laranjeira, *albero*, que se resolve em *serei branco*, como se tinha affirmado pelo latino: *fui dantes negro* (albus ero).

Quanto aos fundadores de Babylonia, diz a tradição que foram os *prisioneiros babilonicos*, o que importa confessar terem sido constructores da cidade egypcia as victimas da conquista pelasgica. São estes os *capti auribus et oculis*, que foram postos entre as *orelhas* dos Lybios, e as *malhas* (oculi macularum), dos Ethiopes. Mas passemos a examinar o nome da cidade visinha de Babylonia: *Truwu*. Nessa designação geographica, accumularam-se as noções de *onocrotolo* (ave que zurra como asno), e de *ebrio* (uvidus), ou do fructo que faz pensar em *Bacchus* (uva). O onocrotolo ou truão (truo), se divulgava (vulgare), sob a forma de *Bacchus*, eis o que

nos relata o nome da cidade. Os pelasgos, que são as mesmas figuras pintadas nas antigas tapeçarias, apparecem com *olhos medonhos* (truces oculi), e fazendo as vezes de *baratas* (truces blattae). Os barbaros são assim mesmo: inimigos das sciencias e das lettras, elles sabem por instincto, que o homem culto repugna com a violencia, e abomina os insectos, que dilaceram, estragam, inutilisam os fructos de muitos annos de fatigante labor. Quando as hostes lybio-ethiopes se precipitaram com fragor sobre os povoados egypcios, não eram ainda esses pedantes apavonados que vieram depois. E como nas idades chamadas litterarias, os ricos puderam comprar pergaminhos antigos, disseram-se alguns delles creadores de uma litteratura, cujo espirito lhes passou despercebido. Por emquanto, os conquistadores do mundo não passam de insectos inimigos do papel e si tinham discipulos, estes eram os *pueri truces* que figuravam na escola de *Chiron*, o mestre de *Achilles*. As tribus africanas eram ainda *crianças* (truces puellae), como as *Amazonas* e sabe-se que, para os povos pelasgicos, o momento das lettras é tambem o da decadencia. A gente *truculenta* e selvagem, comparada aos *ventos tempestuosos* (truces venti), foi a mesma que abroglhou e lançou gommos (trudere gommos), em todo o orbe; mas agora, nesse momento da historia, ella *desfigurava* tudo (truncare), fazendo com as lettras o mesmo que fazia com as cabeças (truncare capita). Mal saberia articular as palavras, como nos diz a phrase -- *truncatus sermo* : o supplicio da *cegueira* (frons trunca) foi inventado pela raça ignobil; e até que os quadrupedes humanos perdessem as aspas (trunca tempora) ou rascunhassem lettras imperfeitas (truncae litterae) apanhando aqui e ali

os fragmentos de uma obra anonyma, (trunca quaedam) conservou na alma o que Tacitus chamou *truculentia coeli*, isto é, a inclemencia da zona torrida e do clima africano. Os *mexilhões*, que já se nos tornaram de facil conhecimento, apparecem agora pela allusão aos que mexem com colher (truare).

E' de crer que *Trunu* foi ferida por castigo terrivel : a sua sorte, no momento do assalto, ás muralhas, seria a de uma *escumadeira* (trua), num caldeirão fervente. Mexeu-se sobre as brazas como a *colher* (trua), nas mãos de um *Liguro*. A *carniceria* (trucidatio) e o sangue das victimas seriam sufficientes, para apagar o incendio (trucidare ignem), que lavrou pelos edificios esplendidos, construidos com essa grandeza, que era o segredo dos antigos. Elles não edificavam choupanas e casinhas, mas verdadeiros monumentos. E' o que explica a estranheza manifestada pelo viajante Bruce a respeito das *casas que habitavam os antigos*, cujos restos não são encontrados.

Procuram-se casebres, como aquelles que habitam os Europeus ; mas os Asiaticos não construiam para cada individuo, mas para grupos numerosos que moravam sob o mesmo tecto. Consideram os viajantes como templos esses edificios de admiravel architectura, que vão encontrando entre as ruinas : não podem comprehender, que ahi estão os antigos *phalansterios* do Egypto, de tão vastas proporções como os maiores edificios de hoje, ou mesmo muito superiores quanto á disposição architectonica, difficilmente imitada pelos artistas modernos.

O termo *uva* (uv), que se lê na denominação da cidade, reúne as duas significações de *vinho* ou Bacchus, e de *enxames das abelhas junctas em pinha*. Pelas *abelhas*, devemos entender os Asiaticos, e, ao mesmo tempo, o re-

gimen communitario, que elles não abandonaram ainda depois de repulsados das cidades que haviam construido, pois retiraram-se, como vimos no Oriente, para as cavernas e subterraneos, excavando as montanhas para formar sumptuosos alojamentos, apezar dos sobresaltos em que viviam. Os *alveolos* foram esborralhados (*truci-datae uvae*) mal acordavam ao som das trombetas guerreiras (*excitati classico truci*); e desde então para *Truwu*, começou a *obra do truão* pelasgico (*truonis opus*).

Dissemos que a cidade egypcia foi chamada *Troya* pelos Gregos. Ahi está a *Troade* originaria, que os cantos de Homero localisaram mais longe. Abrimos aqui um parenthesis para notar, que o cantor da *Illiada* é a mesma raça que escreveu as fabulas e as legendas, seguindo por toda parte os passos dos seus algozes, para estudal-os e retratal-os nos mythos. O *equus trojanus* (cavallo de Troya), é oriundo da Africa; e a *Neptunia Troja*, fala da terra em que nasceu o ganso de Guiné ou o atum ethiope (*nepos thunus*). Aquelles que assaltavam a cidade egypcia eram os netos dos traidores, e agora são comparados aos *porcos recheados de avesinhas* (*trojanus porcus*), porque as populações brancas (*alba avis*), são empolgadas pelo milhafre africano ou devoradas pelos bacos. Os antigos punham na expressão *alba avis*, a ideia de uma cousa *boa, rara, feliz*, como seriam as mulheres asiaticas que excitaram a concupiscencia dos Negros de *Ten*. O *fogo perpetuo* (*troicus ignis*), que se conservava em Roma, no templo de Vesta, symbolisava as chammas do incendio que tragaram os monumentos de *Truwu* (*edere Trojam*). Os *jogos trojanos* (*trojani ludi*), cuja creação era attribuida a Enéas, e que foram renovados por Augustus, lembravam os *torneios e justas* de Troya em que os brancos

acabaram por ser vencidos pelos mestiços. Sabe-se que *AEneas*, é a mesma palavra que designa o *cobre* e o *bronze* (aeneus), e as cores assim representadas são as das duas tribus que se colligaram contra os civilisadores do Egypto. *Ganymedes* (troicus ephebus), é o mesmo ganso de Guiné (ganta, gansa), que se encontra como pagem nos festins dos reis da Media, de modo que o *antigo criado* volta á condição de que sahira.

Os patricios romanos tinham-se como descendentes dos Troyanos (trojugenae gentes), e faziam garbo dessa origem, que elles nunca suppuzeram ser tão mesquinha e desprezível como acontece aos fidalgos de hoje, reduzidos a *Ganymedes* sempre que as revoluções varrem as velhas instituições dos povos. O *palladio* (trojana Minerva), que figurava mysteriosamente no templo romano de *Vesta*, era a *xara* ou esteva (lada), que fornece um *succo viscoso* (ladanum), com o qual se besuntam as cabras quando o comem. O *succo*, allude ao poder de *Pallas* e de *Pales* (succus), que fazia as vezes de *rede* (viscum), como o visco que se emprega nas armadilhas, e aquellas deuzas corporificavam a indole nomade e bellicosa das duas tribus africanas, cuja semelhança com as *cabras* se affirmava pelo cheiro dos Pelasgos (capra). *Munus dare*, significa *offerecer jogos*, e por esta palavra se entende a *traição* (cavillatio), donde se infere a natureza do *dom de Pallas*, conhecido pelo nome de *palladium*. Como, porém, tanto o cheiro caracteristico, de que falamos, como o visco, existissem desde muitos seculos, pôz-se na palavra *palladium*, o termo *diu*, sem esquecer o nome de *Jupiter*, nutrido na infancia pela cabra *Amalthea*. Lembremos que o ar (dium), é synonimo de *Æther* (Jupiter), e que por *spiritus*, synonimo de *aer*, se entende o *cheiro* ou exalação

(spiritus foedi odoris). Eis ahi o que merecia tanta veneração dos barbaros Romanos; e ninguém ignora, que os Gregos julgavam-se senhores do verdadeiro *palladio* (estatua de Minerva), vindo do *céo* (æther), mas ambos, em todo caso, davam ideia do *exterior* (imago), ou guardavam a *lembrança* da *Minerva* africana como prova a phrase *simile humoris acris*, correspondente á voz *simulacrum* (estatua, imagem).

A primeira Troya posta em chammas foi a cidade do Egypto, assim chamada pelos gregos, e já que falamos de *incendio*, sob a fé da phrase latina *troicus ignis*, notemos que a terminação *Truwu*, prende-se ao nome de *Vulcanus*, donde *vulcania acies* (fogo, labaredas).

Vu, é morphicamente a mesma voz *bu*, e por *bua*, se designava a *gaguez* das crianças (estupor linguae), que nos descreve de modo compendioso o assombro dos vencidos e a barbaria dos vencedores. Por *lingua*, se entende tambem a *escriptura*, e já vimos os invasores comparados com os insectos nocivos ao papel. Uma herva semelhante á *centopeia*, era chamada *lingua*, segundo o testemunho de Plinius; e a *escolopendra* (planta), põe no enalço do verme marinho, phosphorescente e hediondo (escolopendra marinha), cuja cor coralina lembra os incendiarios (lybios). E' vulgarmente conhecida pelo nome de *lingua de veado*, o specimen botanico a que nos referimos; mas a voz grega *skolopo*, fala de *espeto* e de *estaca*. Pelo *veado* (cervus), allude-se aos *mercenarios* do Egypto (servos), e pelo insecto, aos homens verde-fulvos, que andavam á cata da *terra*, confundida pela cobiça dos *patres* com os mesmos alimentos indispensaveis á vida. Ha tambem uma *escolopendra amarellada*, *repellente*, e é della que se trata, pois ser-

ve de typo descriptivo para a physionomia dos Pelasgos. *Stupor linguae*, significa, portanto, o horror causado pelos assaltantes de *Truwu* (Troia), e pelo *espeto* se faz referencia ao *torrão da abelha* (cuspis) marcado pelo *ferro da lança* (cuspis aquilae), tão funesto como a adaga do *escorpião*. *Vera* (espeto), é também o nome do *dardo* e do *chuço*, e designa ainda o *balaustre* que se punha em torno dos *tumulos*; donde podemos concluir, que os invasores da cidade egypcia reduziram-na a um cemiterio, renovando as scenas de canibalismo em outro logar descriptas. *Omyriapode* ou insecto de *muitos pés* ha pouco indicado, alimenta-se de *terra* e também de *vermes vivos*; e si elle dá ideia de um exercito ou *infanteria* numerosa (multipedes), esta formava-se, como vimos, de apreciadores vorazes da carne humana. O *tumulo* seria o *ventre* dos Pelasgos (profundum), e o *espeto* serviria para chamuscar as victimas. Si *veru* é synonymo de *columella*, ninguem contestará que este era o nome vulgar dos *dentes de cão*, que aqui apparecem para completar o desenho da voracidade pelasgica. Também se deve ter em vista, que por *terra* se entendem igualmente os habitantes della; e que o *insecto* lybio-ethiope foi o antepassado das populações androphagas da America e da Oceania.

A gente que tem no proprio nome a *bolsa* (pellis), que carregava ás costas, ou a *vulgaris puella*, elevada finalmente á rainha do universo, mostra-se mais uma vez á par do emblema de sua futura grandeza (vu, *vulga*), mas espalhando doenças (vulgare morbos), e prostituindo a alma e o corpo (vulgare animam et corpus). E como a repetição seja algumas vezes a condição da clareza, accrescentaremos, que *vulgare* tem o mesmo

emprego de *pater*, donde *pater*. Não seguiremos a trilha que nos é indicada pela referida terminação (wu); mas observaremos, que corre até hoje, sem contestação, noticia fabulosa sobre a heroicidade dos Espartanos, e para salienta-la, refere-se, que as crianças lacedemonias deixavam-se morder por uma raposa, sem darem com-tudo a mais leve demonstração de dor. O facto póde ser exacto, pois a *imitação* levou os Pelasgos a outros absurdos semelhantes; e sabemos, que os padres de Cybele se mutilavam barbaramente, o que ainda fazem os selvagens sem a menor necessidade. Cumpre, todavia, deixar bem claro, que a tradição dessas mortificações inuteis liga-se ao juizo formado sobre os Pelasgos; dizendo-se, que estes conservavam sob o peito uma raposa (servare sub pectore vulpem), ou possuíam *animos dolosos* (animi sub vulpe latente). A historia prova, que os *Espartanos* eram tão hypocritas como os povos mais celebres do seu tempo, e por essa qualidade, aliás commum a todos os Pelasgos, se distinguiram entre os gregos, e deram mesmo aos *Barbaros* licções de requintada doblez. Já sabemos o que vale dizer-se ter sido a cidade de *Truwu* edificada pelos *prisioneiros troyanos*, mas a tradição constante é sempre verdadeira, salvo os erros de interpretação que com ella se misturam. Foram realmente aquelles que cahiram no poder dos Pelasgos depois de acommetida e subjugada a cidade egypcia, os verdadeiros constructores della, mas é preciso recuar para o passado o momento da edificação ou destacal-o do acontecimento posterior, que nenhuma relação tem com a queda de *Truwu*: referimo-nos á tomada da *Troya* asiatica. A sorte dos habitantes da cidade egypcia está, entretanto, descripta pela legenda que serviu de base

para a *Eneida*, bem que Virgilius como todos os escriptores, falsos ou verdadeiros, do seu tempo, ignorasse a significação real das velhas narrativas, postas em contribuição e mesmo copiadas sem a devida critica ou entendidas de modo erroneo e deploravel. Procuremos agora restabelecer a data em que se effectuou a conquista das duas cidades *Babylonia* e *Truwu*.

Bab de *babylo* (luxurioso), leva a ideia de *mar*, por *salax* (sale), e pela significação dada ao hebreu *bavel* (confusão), chega-se ao mesmo resultado, porquanto *confusio* leva á *copia* (multidão de cousas), donde *unda* e *undecim* (onze). O primeiro algarismo da data é, pois, 11; mas a noção de *mil*, inscreve-se na significação de *calculista* dada tambem a *babylo*. *Calculus*, é synonimo de *lapis* (marco), e pela ideia de *marco* chega-se á de *milliarium*. *Ab* diz *dez* (abba, decimus); *bil* de *bilbrcr*, exprime o som dos *liquidos* (unda), e assim temos encontrado mais *onze*. *Il*, de *ille*, fala da quantidade anterior. *Lon*, de *longa* (por muito tempo), conduz a *aetas* e a *seculum* (100). *On*, de *ona* (casta de figo) leva a noção de *renovo* ou geração (genus) e por *grossus* (figo) encontramos a noção de *dobrar* (grossus, duplex), pelo que sommamos as unidades apuradas com as que nos são indicadas pela mesma syllaba. Apuramos 264. *Ni*, de *Nisus* (pater), vale por *dez*, mas por *nixus*, eleva-se a *cem*. *Ia*, de *ion*, fala de *dez* (Ion, decimus). Somma : 374. Em *Truwu*, descobre-se, por *tru* (trulla, truer), a ideia de *misturar* (mexer), e *remiscere* diz *ligar*, *confundir*, pelo que dobramos o producto encontrado que sobe a 784 (afora os milhares). *Uv*, de *uvidus* (banhado), fornece *onze*, e *vu*, de *Vulcanus*, repete *onze*, porque *aestus* (ondas agitadas) é synonimo de *ignis* ou de *incendium* (Vulcanus). Por *bu*

de *bua* (voz com que as crianças pedem agua), se chegaria ao mesmo resultado, quanto ao valor da ultima syllaba. Total: 11.770.

Quando as cidades antigas apparecem assim num mesmo plano historico, á semelhança de *Babylonia* e de sua visinha, é de presumir que se trate no caso de duas partes distinctas de um mesmo todo, e de facto, os *alveolos* com que ellas são comparadas offerecem identica disposição de independencia a par de perfeita concordancia. *Alveus* (cortiço de abelhas), significa tambem *taboleiro de jogo*, no qual as partes concorrem para o mesmo plano do conjuncto. Por *taboleiro* se entende em nossa lingua, além do que os Latinos chamam *tabula*, um espaço plano no topo da escada, donde nasce outro lance. O *degráo* representa, na hypothese vertente, o *gráo* (*gradus*), da esphera ou do circulo abrangido pelo diagramma geral da construcção. *Discordia concors* (differença concordante) eis o principio que vigorara entre os Asiaticos, sob a relação da habitação, como de tudo mais. Sigamos, porém, a enumeração das cidades do Egypto, pois passamos pelas ultimas do medio Egypto. Dizem os competentes que não está feita ainda a nomenclatura dos nomos ou provincias do Delta, e por isto apenas algumas são mencionadas. Cita-se a cidade de *Sai* (*Sais*), no districto *Saites*, que ficava na ramificação *conopica* do Nilo; entre esta e a *sebenytica* estava *Khsón* (*Xois*) e *Pa-uts* (*Buto*). A ultima indicada pertenceria ao nomo *Am* inferior ou *Patonuts* (*Phtheneotes*).

A palavra *Saites* pôde ser approximada de *saio* (caminheiro judicial), e o *serventuario*, assim designado, é o *anunciador da desordem* e da *confusão*, pois *tis* (*demanda*) não tem outra significação. Aquelle que leva e traz era

chamado *lator*, e este vocabulo é synonymo de *legislator* (legislador). Trata-se, portanto, de uma perturbação na vida normal dos habitantes do nomos; e *itys* (de Saïtes), não só fala da *ave de pennas multicores* (faisão), que retrata o mestiço polygamo do Egypto, como também de *Ilys*, filho de *Tereu* e de *Progne*, feito em *postas* por sua mãe e dado a comer por esta a seu pae. Esta fabula, como veremos, adapta-se tão perfeitamente aos acontecimentos da Africa como aos da Europa, e o character das creações mythologicas é a sua adaptabilidade a todos os momentos da historia, dadas as mesmas condições sociaes. *Progne* é a *andorinha*, que, como o caminheiro judicial anda em direcções oppostas, segundo as necessidades; mas *hirundo* (andorinha), é também o *peixe voador* que apparece feito em *postas* no banquete de *Tereu*. *Teres*, que encerra o radical de *Tereu*, designa *aquelle que se mette na concha* de modo que o *filho do rei da Thracia* serve de alimento para um pae ausente. E' que *reus teres* é a *parte litigante que se esquivia á responsabilidade*, e por isto figuram-no protegido pela concha, emquanto os descendentes desherdados (*pueri frustum*), eram offerecidos aos visinhos sob a forma de *pedaços*, porque se destacavam do ninho paterno, e esta circumstancia póde ser comparada á uma *fractura* que produz *estrondo* (fragor). Emquanto os patres viviam ociosos, os filhos iam conquistar novas terras; e a nossa lingua, ligando a palavra *posta* (correio) a *pedaços* (postas), remata o paralelo por intermedio da expressão latina: *cursoriis equis iter facere* (correr pela posta). Em *hirundo*, poz-se a ideia de *impulso semelhante* ao das ondas, e os invasores de *Saïtes* podiam justamente dizer: *undo irâ* (levanto-me como uma tempestade movida pelo furor bacchico). Eis em que se resolveu o conto

espantoso do banquete canibal, mas não devemos perder de vista que os Pelasgos eram apreciadores do manjar servido a *Tereu* pela mãe de *Itys*.

Acharemos em *Saites* ou *Saïs*, o radical de *caesio*, pois, como já explicámos, os Latinos punham *ai* por *ae*. *Caesio* significa ruptura, noção esta que confirma a nossa anterior leitura; e como o acto abominavel fosse praticado pela mãe, que retalhou o corpo do filho, lembremos que *mater* ou *matrix*, fala de *tronco* da geração, e, portanto, dos *paes*. *Progne* é, consequentemente, o *pater* que, como *peixe voador*, offerece a sua propria natureza semelhante á dos passaros de arribação, sob a forma de *retalhos* que se davam de graça (frusta dare), e por isto *desprezíveis* (frustum pueri). Mas *saevus* (sai, sau, sav, saev) nos diz que esta gente era *desapiedada* e que estava sempre disposta a romper em violencias (manibus qui saevus erit), pelo que se lhe pôde applicar o epitheto, tal como o deduzimos da palavra *hirundo* (undo irã). Pois que *Tereu* transformou-se em *poupa*, acharemos na palavra *upupa* a ideia de *picareta*; e como o nome daquella ave tenha para nós a significação de crista, ficamos informados de que os *homens de nada* (frustum pueri), acabaram por *alevantar a grimpá* (cristas tollere), convertendo a *cimeira* em insignia de *pater* (apex). Os filhos segundos assumiam, portanto, entre os subjugados, a proeminencia paterna, ou tornavam-se o tronco de uma nova casta patricia.

Ainda hoje a Inglaterra reproduz nos seus costumes o banquete de *Tereu*, pois os filhos segundos vão para longe conquistar as esporas de cavalleiro, enquanto os primogenitos repousam á sombra dos alamos plantados pela munificencia paterna. Um publicista insuspeito aos

Inglezes poudé dizer que « o patrimonio fundiario de toda familia ingleza, antiga ou nova, é considerado como um pequeno Estado, e se chama mesmo assim *Estate*. A ideia de subdividil-o parece tão extranha e tão insensata, tão *unpractical* quanto a nós a partição da realza entre os filhos de Clovis. » E' Montalembert que assim fala, mas o escriptor francez não poudé meditar na pequena phrase latina *fulmeu status* (raio que vem quando se está parado), e ella póde ser completada pela seguinte: *nihil suo statu manet* (tudo anda ou se transforma). Não indagaremos si no Reino Unido o inimigo penetrará na praça pela porta da reforma, que se realisará mais cedo ou mais tarde contra o espirito da lei das *substituições*; mas a historia nos diz que as revoluções surgem dos interesses feridos, e o Egypto, como a India, viu levantar-se a cohorte dos desherdados contra os usufructuarios do privilegio hereditario, como em seu logar veremos.

Passemos ao outro nome geographico :

Khesón. Fala-se por elle, de *cutilada de Eso* (caesio Esus), que produziu *estrondo* (sonans). Eso é a divindade a que os Francos sacrificavam victimas humanas, e, portanto, vinha de longe, e era tão velha pelo menos, como os *liguros*, pois *esus*, significa tambem a acção de comer. O *caesariatus equis* ou *cavalleiro que trazia no capacete uma crina de cavallo*, dá ideia dos Gaulezes e mesmo dos Francos; e já vimos que o nome de *Saís*, cidade visinha de *Khesón*, liga-se pelo radical á palavra *caesio*. Dizem, que *Esus* é vocabulo celtico, e significaria *terrivel*; mas *terribilis*, tambem traduz a ideia de *venerando*, e segundo os Latinos, *tudo quanto commettia excessos, merecia veneração* (habet venerationem justam quidquid excellit). Por esses dias a *soberba* andava de par

com o *credito*, e para isto deveria muito concorrer o *pennacho de crina de cavallo*. Em *venerabilis*, lê-se o radical de *venenum*; e, por sua vez, o sanskrito *kesa*, explica o nome que ficou tão famoso na historia qual o de *Cesar*. O *Cabelleira* (*kesa*), seria aquelle que usava das *crinas do cavallo*, como nos prova a significação dada á *coma* (crina, pennacho de capacete). Aquelle que era tirado a *ferro* do ventre materno, chamava-se *caeso* (*caesonis*), e ahi está o nome da cidade egypcia. De facto: *Kheson*, foi tirada do poder daquelles que a fundaram, á força d'armas, de modo violento, pelos homens que são comparados a *Esus*, e comiam *carne humana*, donde a instituição dos sacrificios sanguinolentos em honra do deus franco.

Kheson era tambem chamada *Xois*, e por *coix*, nos falam de *palma de Ethiopia*. *Palma*, não só indica a arvore que produz o *regimen* (palmeira), mas tambem o *premio e honra da victoria*. Aquelles que poderiam ser appellidados de *homines plurium palmarum*, tiveram como recompensa do seu valor militar, ou melhor de sua *ferocidade* (virtus), mais uma cidade do Egypto. Não seria propriamente um roubo qualificado, mas na giria dos Pelasgos, apenas uma *conquista* como as que cada dia fazem os povos civilizados. *Xois*, leva a *choicus* (cousa de terra ou lodo), e *lutum*, é o nome do *lirio dos tintureiros*, que serve para tingir de *amarello*. Os invasores da cidade são, portanto, os mesmos mestiços designados pela *palma da Ethiopia*, e descendentes da tribu negra de Guiné. Mas *lutum*, é voz imitativa, de *luctum*, e eis porque o *amarello* é a cor do lucto entre os Egypcios. O *nojo* dos vencidos cobria-se com a cor dos vencedores; e não precisamos dizer, que houve *soluções e lamentos*

(luctus), entre as victimas attingidas pelo cyclone pelasgico.

Pauts, outro nome citado, resolve-se em *ut Pausarius*, e deste modo se compara as idas e vindas dos assaltantes com as estações que faziam os sacerdotes de Isis quando conduziam em procissão a estatua de *Anubis*. A *vis anūs*, ou a *força da velha bruxa*, é a mesma da *trunfa* lybio-ethiopo (annulus), que se representa pelo nome de *Annubis*, a *Diana* dos Egypcios (Jana). Os caçadores das margens do Nilo superior fizeram uma *pausa* em *Pauts*, mas *pausatio*, é o nome da *morte*. Aonde quer que elles se estabeleciam, ahi reinava a *ociosidade* (pausa, otium), e a modorra invadia as almas mais heroicas. Os monstros só acordavam do somno lethargico para emprehender novas emboscadas, pois viviam á custa de rapinas ou de espoliações á mão armada. Por *pausia*, se designa uma *casta de azeitona*, e graças á *pausa* que se seguira ás primeiras colheitas, as novas drupas serviriam para *curtir* (olivae conditae). *Macerare* (curtir), traduz-se por *atormentar* (haec oliva macerat), e assim os homens verde-fulvos estragavam como a peste.

Resta-nos examinar as designações geographicas, já indicadas: *Am* (inferior), *Patonuts* e *Phleneotes*. *Am* destacou-se de *ama* (balde para fogos), e fala da *foice*, que é a mesma de *Saturnus*. Para chegarem ao nomo assim chamado, os Pelasgos fizeram *rodeios* (ambages). Trata-se de uma viagem das tribus que mais tarde foram conhecidas sob o nome de *Amazonas*. Figuravam na *procissão* os *pagens* que acompanhavam os principes (ambacti) ou, em outros termos, o *boi* e o *carneiro* (ambegni), que appareciam nos sacrificios pagãos. O motivo inspirador das novas excursões, não precisavam dizer-nos,

foi a *ambição* (*ambitus*), que leva a procurar dignidades por meios reprovados ou criminosos. Em uma palavra, continuam na scena os *vagabundos* (*ambo*), já conhecidos, que andavam aos saltos como os sacerdotes de Marte (*amburvare*), em torno das muralhas das cidades (*amburbiales hostiae*), mas que nessas diversões tiveram de queimar-se muitas vezes (*amburere*). Os antigos falavam de uma *herva* que nasceu junto do rio *Mela* (Nilo), e era *medicinal* para as abelhas; eis ahi o *veneno* (*medicamentum*), de que se cogitava na *pharmacia* tornada fatal á raça dos *coriços*, mais bellos, entretanto, do que os palacios dos reis. Quanto ao specimen botanico, chamava-se *amellus*, e é de crer que fosse empregado pelo maior dos medicos pelasgicos, o *amens et inverecundus deus* (*Bacchus*). *Amon*, o Jupiter do Egypto, figurado sob a forma de um *carneiro*, estava em marcha; e como *resina*, que era, de uma arvore da Ethiopia, elle reunia na cor da pelle o *ouro* e o *saibro* (*ammochrysus*). E' verdade que o chamavam *vibora* (*ammodytes*), e outros lhe reconheceram a propriedade do *sal ammoniaco*; porém os maldizentes, que diziam á sorrelfa ser o *pater deorum* menos que *homem* (*amissus corporis*), tiveram de ceder á evidencia, quando viram a rapidez quasi vertiginosa, com que abrolhou a raça dos eunuchos.

Esse *amianto* de nova especie tambem não se consumia no fogo, e á semelhança das salamandras, achava prazer em mexer-se nas brazas. A *capa patricia* (*amiculum*) era de formas amplas e lembra aquella em que os Ethio-pes agasalharam as donzellas do Egypto (*ambire aliquam nuptiis*), mas a *luxuria* (*amor*), leva muitas vezes a *furtar* (*amovere*), e no estado de exasperação produzido pela setta de Cupido, o homem torna-se como uma

serpente de duas cabeças (amphisbaena). Uma dellas, como diz a palavra, faz as vezes de *cauda*, imagem que offereceria alguma cousa de obsceno, si não tivessemos em mente o procedimento servil dos complices de *Jupiter* (Lybios). Não acabariamos, si quizessemos percorrer a galeria que se desdobra em torno desse ponto central, que é apenas uma syllaba (am). Pela raiz das palavras, operaram os creadores da linguagem articulada, sob a relação da historia, o phenomeno physiologico da reproducção por gemmiparidade. Elles deram o mesmo radical ás palavras *polypus* (polypeiro) e *polyptycha* (registro), e não precisaríamos dessa approximação morphica para concluir, que os Asiaticos consideravam a nova humanidade á semelhança de Van-Helmont. Esse sabio via no organismo humano um *polypeiro*; e sabe-se que os polypos são *animaes aquaticos*, quasi todos marinhos, que offerecem a forma conica ou cylindrica, de corpos infimos, gelatinosos e dotados de uma *bocca* que mereceu o nome de *tentaculos*. Estão assim retratados os nossos avós das duas tribus cuja reproducção espantosa lembra o curioso zoophyto.

O nomo de *Am* inferior era tambem chamado *Patonuts*, palavra que fala de *aceno largo* (patulus nutus), maneira de representar o *poder que se dilata* (nutus patens), sem esquecer a linguagem mimica primitiva dos novos senhores ou divindades (numen) do Egypto. Como a *gravilação* rege os corpos que buscam o centro de gravidade, a tendencia invencivel dos Pelasgos (nutus), era na direcção do *ventre*, isto é, procurava a terra, a propriedade, o poder, a riqueza, cousas pereziveis e secundarias, mas que attrahem irresistivelmente os espiritos brancos e rasteiros. O *arco grande* dos invasores (pa-

tulus arcus), põe-nos em face de *Janus*, mas deixa pensar também no mollusco acephalo e bivalvo, tantas vezes indicado (duabus patula conchis), o que explica o caso da *abertura* do templo de Roma durante a guerra. O *aceno*, a que se faz referencia, é o movimento do animal para fixar o bysso, e como *byssus* signifique *linho*, estamos em presença da deusa conhecida pelo epitheto de *Liniger* (Isis). *Patonuts* era *Phleneotes*, e nesta palavra lê-se o nome de *Vulcanus* egypcio (Phtah), que *participava* (tenere), dos instinctos selvagens da *abetarda* (otis) e da *resistencia* do marisco de concha (otia). De certo, o *marisco* não se move do logar em que está (tenere locum), como os Pelasgos que não abandonavam suas presas, e se fixavam como ostras nos paizes conquistados; mas o passaro sylvestre serve para indicar, que o ponto escolhido pelos invasores era como um *fosso* (pator), aberto na terra, aonde chocavam os ovos da raça temivel. Enquanto os *patres*, como dissemos, permaneciam ociosos, os filhos apprehendiam novas aventuras ou se dilatavam (patere), levando por toda parte a indole feroz que injuriavam as feras.

Era nessa provincia que estava situada a cidade de *Pauts*, também chamada *Buto* (udo buteonis), e este nome fala de *calçado de ave de rapina* (garra), sendo que a *lentidão* da ave está expressa pelo termo *udus*, e a *resistencia* das valvas do *marisco*, pela voz *calceatus* (udo), que dá ideia de *firme* ou de firmeza.

Para descobrir a data dos ultimos acontecimentos, examinaremos os nomes geographicos *Saites*, *Kheson*, *Am* e *Phteneotes*. *Sai*, de *saio*, fala de *officiaes de justiça* (apparitio) e como *apparitio* signifique também *sequito*, *comitiva*, dessa palavra tiramos a ideia de *copia* (multidão),

e concurrentemente a de *unda* ou *undecim* (onze). A ideia de *milhar* está expressa por *viator* (caminheiro), synonymo de *saio*, donde *via* e *milliarium*. *Ai*, interjeição que exprime *pranto* (ploratus), conduz tambem a *unda* (undecim), e assim temos mais *onze*. *It*, de *ita*, *idem*, vale o numero anterior (onze). *Tes*, diz *dez*, e *es* (aes), *dez*. *Khes*, de *caesio*, fala de cousa divisivel, pelo que encerra o valor de *dous* (dividuum face); *hes*, de *esus* (alimento), traduz a mesma ideia de *vila* ou de *seculum*, e por isto diz *cem*. *Son*, de *sonus* (intervallo musical), conduz a *intervallum*, palavra que enuncia a ideia de *tempo* (aetas), pelo que fornece *cem*. *On* (ona), segundo explicámos de outra vez, manda *duplicar* (grossus, duplex), o valor das unidades encontradas, e como ellas attingissem a 244, apuramos 488. *Am* (circum), leva a *terere* (fazer ao torno), e por *ama* (fouce), a *culter*, donde *tres* (ter); *phle*, de *Phloneotes*, nome de um districto, lembra por *vicus* a noção de *propriedade*, donde *cem* (propria aetas). *Ten*, diz *dez* (deni); *en* (ennagonus), *nove*; *neo* (fiar), póde ser approximado da phrase *quae colo vilam tollit* (fiandeira), e ella, quer por *colus*, quer por *vila*, exprime *cem*. *Eo*, repete *cem*, *ot* (octo), *oito*; *tes*, *dez*, e *es* (aes), *dez*.

Total 11.838.

Para achar o *intervallo* que mediou entre as duas conquistas, e, ao mesmo tempo, como meio de verificação de resultado, que se nos depara, recorreremos á expressão: *Satiles in ramo canopico*. Pela palavra *Satiles*, apuramos 11.042. *In*, indica *superposição*, e assim os 42 elevam-se a 84. Chegariamos ao mesmo resultado, pelo exame da voz *ina* (membrana exilis, exilitas litterarum) approximada, como já fizemos, de *pergamena* (pergere). *Ram*, de *ramus*, diz *produção* (generare), e por isto du-

plicamos as unidades descobertas, donde 168. *Am*, de *ama*, diz *tres*; *mo*, de *mobilis* (que se diffunde), *ouze*; *can*, de *canis* (colleira), diz por *collare*, aquillo que se encerra em *collatus* (ajuntado, fornecido em *commum*), e o mesmo se colhe da palavra *cingulum* (cingere). *An*, deixa de ser contado, pois exprime *negação*. *Nop*, por *nobilis*, fala de *conhecido*, e por *nuper* (ultimamente), faz referencia á quantidade anterior, que se deve *conjuguar* (*nuptialis*), tanto mais quando o termo *uper* é morphicamente identico a *uber* (fecundo, productivo). Feita a *somma*, acha-se 728. *Op*, diz *dez* (*ops*, *decimus*), mas se eleva a *cem*, por conter a ideia de *força* (*potencia*), e assim attingimos a 828. *Pi*, de *bis*, fala de *dous*; *ic* (*hic*), *dous*; *co*, de *coa* (*textile*), manda *ajuntar* ou *chegar-se mutuamente* (*coaccedere*), e como tenhamos 4 unidades, acharemos por essa indicação mais *oito*. 11.836 significa o producto da operação, devendo-se notar que nos dous computos, a palavra *Saïtes* segue o calculo, por conter o numero de ordem do seculo. Ora, descobrimos no vocabulo *canopico* o mesmo elemento phonico pelo qual se designa o nomo primeiro conquistado (*Am*, *an*); e como ali exprimisse *negação*, aqui serve para notar o intervallo ou cessação de hostilidades, depois que os Pelasgos fizeram a sua primeira conquista. Estavamos prevenidos de que houve uma *pausa*, assim como que os *invasores* fizeram *rodeos* (*ambages*); e agora sabemos, que o nomo do sul (*Am*) foi invadido antes daquelle que lhe ficava ao norte (*Saïtes*), reconhecendo-se que o intervallo de tempo entre as duas emprezas equivale a dous annos. Pela ideia de *pausa* (*interposita mora*), tambem nos quizeram advertir da *passagem* de um para outro seculo, porquanto a tomada de *Babylonia* e de *Trunvu*, ope-

rou-se, como vimos, em 11.770, e, portanto, 68 annos mais cedo. Pauts, a cidade do districto de *Am*, tornou-se o centro do governo pelasgico no Delta, como nos informa o termo *Paut*, approximado de *paucitas* (oligarchia). Houve parcimonia na divisão da terra (parcitas in partione, utilitate), ou esta entrou para o dominio de poucos individuos. Quanto aos mezes em que se realisaram as duas conquistas, o termo *tes*, de *Saïles*, nos diz que este nomo foi occupado em *Dezembro*; emquanto que *Am* (circum, circuitio), fala do mez de *Janus* ou Janeiro. Assim, si em Janeiro de 11.836 foi occupado o districto de *Am*, e em Dezembro de 11.838 o de *Saïles*, decorreram entre as duas occupações quasi *tres annos*, e por isto vimos fixado em *tres* o valor numerico do termo *Am*, ao passo que, pela confrontação dos dous computos, acha-se uma differença de *dous*. Entre *dous* e *tres*, é o que se queria exprimir pela alternativa. Convem accrescentar, que a data da occupação final suppõe a procedencia da indicação feita sobre as empresas parciaes e periodicas, realisadas durante o intervallo dos tres annos.

Conta-se que na ramificação sebennytica, margem esquerda, ficava *Thebenuter* (Sebennytyos), e, na margem direita, *Hâ-ta-ab-ra* (Athribis); entre a sebennytica e a pelusiaca, *Pabanebdad* ou *Dadu* (Mendés) e *Tanis*.

Do vocabulo *Thebnuter* se colhe que a nova conquista deve ser imputada ás tres figuras principaes que exerciam o governo de *Thebas* (ter nutus Thebes). Trata-se de um *balanço* ou movimento oscillatorio que demandou *triplo esforço*, e esta circumstancia nos adverte de que os Pelasgos iam perdendo o calor (tepidus), á medida que se approximavam do Mediterraneo (tepor, ora). A cidade conquistada fôra construida sobre logar alto (teba), e

poude, com auxilio das outras (niti), oppor uma resistencia mais longa e tenaz. Afinal teve de dobrar-se ao regimen lybio-ethiope ou de *comer as tamaras de Thebas* (thebaicae), que tanto amargavam aos Asiaticos (uter). Entretanto, *Thebæuter*, era tambem designada pelo nome de *Sebenytos*, e nesta palavra vê-se a gente de *Sebazius* (Bacchus), empregando esforço (niti), de modo consideravel (bene), ou por meio de *armas* (aenneus), para que o *carvalho* (nutrices), puzesse a fronde na poeira (nutare). Como a *fortuna é caprichosa* (nutat fortuna), a *queda* succedeu ao *brilho* (nitor), da resistencia, e o tronco magestoso passou a ser *palilo* (nitela), do *ratinho do mato* (nitedula), que valia já por um *touro gordo* ou boi reforçado (taurus nitus).

Vejam os que nos diz a cidade da margem direita, *Hæta-ab-ra*. Por *acta* se designava uma *praia aprazível e retirada*, mas *abba radit*, nos informa que o *pater* riscou o nome dos primitivos habitantes dos livros publicos (radere nomen actis). Trata-se do *peç* pelasgico (radulana pix), ou do *humor corrupto* (tabes), que veio desde então circulando nas veias da humanidade. Nós não sentimos a grande tristeza, a funda melancholia (tabescere moerore), daquelles que se viram contagiados pela peste africana, tão funesta para o sangue, como a *seccura* e a *esterilidade*, para a terra (tabes soli). Mas a raça que trouxe o Nilo dos desertos africanos e o espalhou pelas terras, para crear uma habitação aprasivel em meio de areas estereis e solitarios, devia experimentar dolorosa emoção em face desse mundo precocemente corrupto, que ia lentamente substituindo o antigo, agora decahido do seu incomparavel esplendor. A' *saudade* (tabescere desiderio), juntava-se uma ociosidade forçada (tabescere otio), tão con-

traria á indole daquelles que apparelharam o planeta para commoda habitação dos homens, quando a natureza o fizera sob a forma de uma pasta de lama ou de neve derretida (*tabes*). Como que o dia ou a vida se ia consumindo aos poucos (*dies tabescit*), emquanto o futuro desses moribundos, tão dignos de viverem ainda, se deletreava na expressão que outros repetiram depois sem sentir a dor immensa que ella assignalára outr'ora : *nobis in haec calamitate tabescendum est* (ficaremos nesta miseria até ao fim da vida).

Ao ambiente oxigenado e puro, que entreteinha na saude o espirito e o corpo de numerosas populações, tonificadas ainda pelo trabalho attractivo, seguiu-se o ar infecto e pestilencial (*tabificus aer*), em que o veneno sorvido pelas vias aereas porfiava em malignidade com o que estraga e devora os animos (*tabificae mentis perturbationes*). E' isto que nos conta sem rodeios o nome da cidade egypcia, como aliás se deduz da outra denominação que lhe ajuntaram : *Athribis* (*atris ripis*). Os *sítios aprazíveis* e deliciosos (*acta*), converteram-se em *praias escuras* e tenebrosas (*ater*), em que o *bosque espesso* (*atrum nemus*), veio substituir o *campo ameno* (*amoenum rus*), e por isto *amoenae Asiae*, significava o mesmo que *amenidade asiatica*, manifestada em todos os logares habitados pela raça incomparavel. A's *delicias* e aos *encantos* da antiga civilisação (*amenitates*), ou das idades que não mais voltaram (*aetas acta*), o genio pelasgico preferiu as ribanceiras denegridas de sangue (*atrae ripae*), sombreadas de cyprestes (*atra cupressus*), que parecem o emblema dos cuidados inquietadores e importunos (*atra cura*).

Um *temor mortal* (*atra formido*) que precedia sempre a apparição da onça africana (*atra tigris*), envenenava a

existencia dos povos pacíficos, unidos pela mais estricte concordia, até que a *peçonha da serpente* (atra veneno), inoculando-se em todas as veias, produzisse essa *lividez das faces* (atrae serpentes), que era como um reflexo do mar de lama, borrascoso e encapellado (atrunc mare), que bramia e brame no fundo das almas.

O cheiro nauseabundo (ater odor), do peixe carregado pelos enxurros do Nilo (atra piscis), não era, porém, mais intoleravel do que esse regimen social donde manavam a morte e a podridão (atrum vulnus). A *fome atroz* (atra fames), só tinha a diversão dos negros pensamentos, dos planos homicidas, da mordacidade e da blasphemia. A *satyra* (oblinere versibus atris), nasceu dessa situação afflictiva, desesperada, dos vencidos.

Quando não foi mais possivel distinguir a *macula da candura* (alba et atra discernere), a moralidade tambem havia descido tanto, que as noções de *bem* e de *mal* tornavam-se como um *enigma de Lycophrão* (latebrae Lycophronis atri). A *veste negra* dos lictores symbolisava a nova urdidura (vestis atra), da aranha pelasgica, e foi tecida a dous liços, como a nova civilisação que vinha de primar sobre a antiga. O character desse mundo recente reside no que os modernos naturalistas chamaram *lucta pela vida*, e cujo typo juridico é a *demandá* (atrae lites), com suas formulas combalidas, com suas excepções, com seus libellos e arrasoados, com suas chicanas, com seus lictores, e principalmente com suas burlas e com suas injustiças covardes. Os latinos chamavam *atri lictores*, os ministros encarregados de execução das sentenças; mas *lictor* prende-se a *licium* (trama), e fala dos *galões*, *fitas* e *cordões*, que, por sua vez, alludem á *couraça* (limbus, thorax), ás *lombrigas* (taenia) e á *corda dos enforcados*

(restis, resticula), não fallando do fio com que se enrolam os *piões* (trochus), ou ao *circulo de metal* que os meninos fazem girar por meio de uma varinha de ferro, emblema da dos magistrados. E precisamos recordar ainda que *lis* (demanda), é o nome de *desordem* e da *confusão*? E não sabemos, que *lictor* significa *algoz* ou carrasco?

Passemos ao nome da cidade, que ficava entre a ramificação pelusiaca e a sebennytica do Nilo, e já citado: *Pabanebdad*. O primeiro termo componente dessa designação, é *pava* (pavôa); o segundo, diz o mesmo que *nebula* (fumo, nevoeiro); e o terceiro, é *dathiatum* (incenso menos perfeito). Os Lybios ou Etruscos representam, como já vimos, o *incenso* (thus, Tusci), balouçado no thuribulo; e o *pavão* lembra os Ethiopes, Thracios ou Sabinos. Isto quer dizer, que o *nevoeiro* africano era o producto de uma combustão, na qual a *tribù vermelha* entrava como *migalha* e deste modo nos representam uma nova camada do patriciado, que se apavonava com a mesma vaidade estulta da antiga diante de um rebanho, mas sempre envolvida por uma cortina de *fumo*, que era o dos incendios (nidor).

O *plumitivo* é, porém, no fundo, *caranguejo* (nepa) ou *escorpião*, bem que alargue a cauda, que parece esmaltada de perolas (pavo gemmeam caudam explicat).

E' que toda a sua belleza lhe vem do *sequito numero* (gemmea cauda), e as *perolas* (unio), alludem á *fusão* realisada das duas tribus africanas, que levaram por toda parte o espanto e a consternação (pavor). O *fumo* faz aqui a referencia á *embriaguez* do triumpho (ebrietas), e vemos que os *Nubios* (nubes, nebula), alliam-se aos seus antigos escravos, ou aos Lybios do

Egypto ainda quasi suffocados pelo fumo dos nomos incendiados.

Pabanebdad, chamada *Dadu* (Mendés), diz pela sua nova denominação, que a cidade *rendeu-se* (datus), e que este acontecimento pôde ser imputado ao acaso, do mesmo modo que os pontos no jogo dos *dados* (datum).

Mendés, é *Mendesium*, castello e bocca do Nilo, tambem conhecido sob o nome de *Migrum* ou Minhe. *Migrum* fala de *mudança de casa* (migrare), e *Minhe*, de *ameaças* (minae), que naturalmente haviam determinado o exodo de uma parte dos antigos habitantes (eripere se minanti servitio), como indica a voz *minores* (descendentes, posteridade). Semelhante *fuga* pôde ser explicada pelo sopro iracundo de vento sudoeste (migdilybs), que fazia tremer de medo (micans cor metu). Esse vento trazia das areias lybicas *espadas resplandecentes* (micare gladiis), cuja virtude diuretica nos é attestada pelo verbo *micturire*, e pelo adjectivo *mictorius*. Bem que na origem não passasse de leve sopro ou de uma cousa insignificante (mictilis), a *migalha* pelasgica (micula), transmutou-se no correr dos tempos em *nevoeiro*, como já nos disseram, e o *caranguejo* dos mangues de Guiné parecia um cavallo de orelhas movediças (equus micans auribus), que morde como o *escorpião* (nepa), que mostra a lingua como as *serpentes* (micatus) e grita como a *cabra* (micere). *Mendés* ou *Mendesium* resolve-se, portanto, no *drástico* (thesium) de *Menthe*, e já sabemos que esta era a nympha amiga de Plutão, transformada em *hortelã*, por Proserpina. Não precisamos descrever a *hortelã* que é muito conhecida; mas ella facilita a digestão, deixando, quando mastigada, uma sensação de *frio* na bocca. E' esta propriedade que se poderia com-

parar com as das *lanças* de guerra, e ninguém ignora que uma especie dessa planta (crispa), tem *folhas agudas* além de offerecer a forma do caracol e produzir flores esbranquiçadas. A *mentha* nasce nos logares humidos, nos fossos e nos caminhos, e passa por bom sudorifico, além de ser empregada como emmenagogo. Foi naturalmente, graças á propriedade assignalada de produzir o fluxo menstrual, que a *ortelã* pelasgica fez jorrar o sangue da raça branca; e *Proserpina* representa a *prosapia* da *serpente de azas* ou do dragão (serpes pinnata), que se estendeu para o longe (serpit malum longius). Si a mulher de Plutão transformou a *nympha* em *ortelã*, é que *Mente*, formou-se por intermedio de *mens exthea* (espírito furioso), expressão que nos descreve os furores de *Baccho*, devendo-se ainda considerar que *mentigo* fala da *ronha que dá nos cordeiros*.

Vejamos, finalmente, o que nos dizem pelo vocabulo *Tanis*, nome tambem dado a *Mendès* ou *Pabancabad*. Por *tamnus*, variante de *taminea*, se designava a planta chamada vulgarmente *uva de cão*, na qual, segundo a tradição, se escondem as cobras. As ruínas de *Tanis* são hoje chamadas *Sumnah* ou *Sar*, e estes nomes falam de *homens vilissimos que se puzeram no mais alto logar* (summus, nacca), e do *bagaço de azeilona esprimido levemente* (sansa), a que já uma vez nos referimos. A forma *Tanis*, corresponde a *taenis* (taniacae, taeniaca), e por *taenia*, volvemos aos vermes de cor esbranquiçada ou cinzenta, que chamamos *solitarias*. Entre os sacrificios antigos figurava o da offerenda do *intestino recto* das victimas conhecido pelo nome de *taenia*. Fazia-se por esse modo allusão á *velha raça africana* (anus, Janus), que se tornou celebre sob o nome de *Troyanos* (ile, ilius); e como a

tenia, de que se fala, representa os homens *solitarios*, *in-sociaveis*, que formavam um mundo á parte em meio das populações, eis porque se ligou á noção de *verme voraz*, a de *faxa* ou *franja* de *mitra*, insignia da autoridade entre os Negros da Africa. Costumava-se antigamente armar as portas com uma *banda* ou fita de lã entrelaçada de muitas flores, e esse ornamento recebeu o nome de *taenia* (solitaria). Ora, as *portas* (janua) lembram o *deus bifronte*, que andou do occidente para oriente, pois esse nume ridiculo era comparado ou assimilado ao *sol* na mythologia romana. Elle *conduzia* (portare), por onde quer que transitasse, os *rasgões nos muros*, (portae) e como *marisco de concha* (perna), fazia-se annunciar pelo *sacco* ou alforge, que era, como dissemos, o principal ornamento dos vagabundos *Pelasgos* (pellis, bolsa de couro).

As *flores* entresachadas com a banda de lã, deixavam perceber que a *gente preclara* ou considerada melhor (flos), dada como a gloria da *patria* e da *familia* (domus), descendia do *porco* de Guiné, transformado em *presunto* (perna), e por isso estava sempre *coberto* (petasio, petasius), á semelhança de *Mercurio*. Em *petasus*, que podemos approximar de *petaso* (presunto), se poz a ideia de *cupula* e tambem de *catavento*, pois as *pernas de porco fumadas* são postas ao ar em cordeis, de modo a conservarem o primitivo sabor. *Coberto*, traduz-se por *indutus*, e a phrase *iuduti specie humana* (tendo tomado a forma humana), deixa ver que a *raça suina* tinha sido alcandorada ao fastigio das honras e occupava o primeiro posto na hierarchia social dos *Pelasgos*. Quando os fidalgos dos tempos posteriores reclamavam o privilegio de se *conservar cobertos* diante do rei, está claro, que appellavam

para o tratamento recebido pelos *presuntos* ; devendo-se considerar ainda que o *sacco* faz referencia ao *coamento do vinho* (*saccus*), pois os *patres* serviam de *filtro* para os productos de *Baccho*. Ainda hoje empregamos o paronymo de filtro (*feltro*) , como synonymo de *chapeu*, e mal adivinhamos, que o *pêllo obtido pela compressão da lã* (*stritura*), recorda a geração de homens arrogantes e bolonios que passou pela *porta muito estreita* da traição e do crime (*strictissima janua*). *Coacta* (*filtro*), fala de *cousa contraria ao natural* (*coactus*), e como se falasse da *lã*, ficamos prevenidos de que os patricios não guardavam mais a sua cor primitiva (*lana succida*, *nativa*), quando os Romanos punham a *taenia* sobre as portas das casas, sem indagar pela origem do costume. De *cinzenta*, a *tenia* patricia passara a *esbranquiçada*, mas não deixa o habito de viver em casas separadas, donde nasce a comparação do *homem* com o *verme solitario*.

A cidade egypcia que foi abandonada em parte ou no todo pelos habitantes antigos, não podia render muito para os Pelasgos, que atacavam no pensamento de conquistar facil fortuna á custa dos despojos dos vencidos: é o que parece dizer-nos o nome já considerado, *Pabnebdad*, o qual poderíamos traduzir pelo asserto : a *comida dos meninos fot fumo* (*papa dat nebulam*).

LIVRO IX

A CIDADE DE TSAL E O MILLENARIO DA CONQUISTA.—ORIGEM DA MOEDA CORRENTE.—O TIL NA HISTORIA.—MYTHO DE SATURNUS.—O PROLETARIADO E A QUESTÃO SOCIAL PARA OS ANTIGOS.—AS SEREIAS DA ODYSSEA E A MANIFESTAÇÃO DO PENSAMENTO.—QUEM ERA HOMERO.—HABITAÇÃO DOS VENCIDOS NAS CAVERNAS.—CONTRASTES DA FORTUNA.—PROMETHEU.—O FIGADO RENASCENTE.—VATICINIOS E AMEAÇAS.

Desconhece-se a verdadeira situação de *Tsal*, cidade fortificada, que demorava na ramificação pelusiaca entre o Nilo e o deserto. O nome a que ella pertencia ficou até hoje ignorado. O vocabulo *Tsal*, resolve-se em *tessera alae* (senha ou contra-senha do exercito ou de guerra), e é do *batathão quadrado* (tessera), *feito em cunha*, que se cogita. Os seixos do deserto libyco estão indicados por *tesserula*, e delles se formava o *pavimento* da casa pelasgica (domus). As *cores variegadas* dos invasores acham a sua expressão em *tesseratus*; a vida *solitaria*, em que se deleitavam os Pelasgos, está representada por *tesca*. A *hospitalidade*, que se restringiu desde então aos individuos da mesma grei, ou tornou-se como um favor de *Jupiter* (Hospitalis), pois entre vencidos e vencedores não podia haver solidariedade e confiança, apparece sob a forma de uma *senha de reconhecimento* (tessera hospitalis). Esse *sancto* ou meio de communicação, que

explica as palavras sagradas e os toques especiaes das sociedades secretas, recorda o distinctivo honorifico dos gladiadores obtido depois de uma victoria (*tessera*). No principio seria elle o direito invocado pelos vencedores, de viver á custa dos vencidos; e por isso *tessera* era tambem o nome de um *vale de metal*, com o qual o possuidor podia receber pão, dinheiro ou outro qualquer valor indicado. A *tessera nummaria* não podia escapar á marca distinctiva das creações pelasgicas, concebidas aliás por aquelles que cobriam de chufas os suppostos inventores; a citada expressão latina demonstra, que a *moeda* ligada ao nome de *Juno* (*Moneta*), autorisou-se nos costumes dos *Nomades* (*nummus*, *numidae*), que puxavam tudo para si (*ductim*), e dahi o *ductile acs* (metal batido), de que se formavam as peças de dinheiro.

A *moeda* representa a *idade do monos* (*aetas monadis*) como tivemos ensejo de dizer, e dá ideia de cousa que se vende ou *mercenaria* (*nummarius*), qual effectivamente fôra a primeira camada de homens que alugaram seus serviços. Para retribuirem os serviços dos seus auxiliares, os Asiaticos inventaram os *títulos de credito*, os *signaes representativos de valor circulante*, e foi por meio delles que se chegou á criação de uma moeda geral corrente (*argentum signatum*), dispensavel aliás no regimen economico da antiga civilisação, em que o cambio ou a permuta se exercia directamente por meio dos productos da terra ou do trabalho. Ora, os nomades que constituíram o primeiro exercito creado no Egypto, não produziam sinão golpes de sabre e arremessos de funda, e dahi a necessidade de estabelecer um numerario, que lhes facilitasse os provimentos indispensaveis, o alimento e o vestuario. Foi, portanto, de uma situação verdadeira-

mente deploravel para os antigos habitos da raça branca, que sahiu essa nova *medida* applicada aos valores reaes, e cujos effeitos vemos perpetuados em detrimento da felicidade publica. Foi uma invenção *pyramidal* (metalis), a criação da moeda corrente, como reconheceram aquelles que tiveram necessidade de utilisal-a, dadas as condições excepçionaes em que viviam na Africa. As pyramides, monumentos inuteis, são, comtudo, inoffensivas, mas o dinheiro amoedado é como o privilegio concedido aos mais ricos de soprar vendavaes pestíferos, de envenenar a existencia dos povos e das raças.

Na base das pyramides existem grutas e cavernas, que imitam as das minas exploradas : os respectivos constructores que, como já expuzemos, quizeram detrahir da preferencia conferida pelos Pelasgos á exploração dos mineraes sobre a cultura do solo, origem da verdadeira riqueza, assignalaram por aquellas extraordinarias construcções, difficeis e inuteis, o grande desvio ou aberração do espirito humano, que produziu a moeda. Data dessa época a immobilidade que tem pesado sobre o planeta, o aspecto sombrio e massiço dessa civilisação, que se mostrou sempre incompativel com a liberdade, e á semelhança dos Scythas ou Scandinavos, bebe o vinho de suas festas em craneos humanos. Eis, pois, que o *batalhão quadrado* ou em fórmula de cunha, conduz-nos novamente ao encontro dos celebres monumentos do Egypto, cujo aspecto externo lembra o das *cunhas* postas entre os retalhos de terra para discriminal-as ao sabor e gaudio do egoismo insaciavel dos homens. Ellas revivem a noticia dessa revolução profunda dos costumes, attestada igualmente pela prevalencia crescente do ouro sobre o trabalho, emquanto não chega o momento da

victoria do numero ou da massa sobre a intelligencia e o dinheiro.

Em *Tsal*, nome da cidade egypcia, devemos ler ainda *taxus salis* (lança de Neptunus), pois, logar abandonado como fôra no principio (tesca), a cidade construida pelos Asiaticos cahiu afinal sob o dominio dos Pelasgos, navegadores ridiculos como o Xerxes do Olympe (qui navigavit terram). O negro de Guiné já tinha para esse tempo modificado a voz (tasis), ou se exprimia menos confusamente: de limo sordido, passara a *barro branco* (tasconium), pois o cadinho havia derretido o ouro e o chumbo ou, em outros termos, as continuas allianças com as mulheres brancas, haviam alterado a cor fula dos paes e dos filhos. Essa *caiadura* (tectorium), que elevara o lodo á cathegoria de *gesso*, já se tornara cousa reservada (tectæ), ou vedada á conversação e á satyra. Esses descendentes já branqueados, da raça africana, são comparados nas legendas do Latium á cobertura das casas ou ás *telhas*, nome este que tambem damos á arvore *til*.

O signal orthographico, assim chamado, significa em lingua franceza, *cousa extremamente pequena* ou insignificante, mas elle serve para marcar o *som fanhoso* da vogal sobre que se põe. Ainda na Italia, os Pelasgos falavam como os Barbaros que mais tarde desceram das florestas da Germania para o sul da Europa; mas nos previnem os chronistas do Egypto que á *velhice* da raça mestiça corresponde um maior perigo para o mundo, como se demonstra pelo proverbio: *extrema tegula stare* (estar á beira do precipicio). Em nosso idioma, *telha* significa *mania*, e sabe-se que o nome de *Bacchus* exprime no grego a ideia de *sandeu*. Por outro lado, a arvore de que falámos (tilia), quando no estado selvagem, offe-

rece flores de um branco amarellado, circumstancia esta que nos informa sobre a cultura dos mestiços africanos.

A madeira da *tilia* só serve para a fabricação de harpas e de imagens, prova de que os conquistadores do mundo servem para o commercio dos sons e das figuras, mas não das ideias e dos factos, ou, antes, que não nasceram para o traquejo das cousas positivas.

Que o *til* designa a classe dominante de todos os tempos, não ha duvida possivel; pois *apex* (*til*) é o nome da *insignia sacerdotal* ou do *espigão de pão de oliveira envolto em lã*, que os Flamines e Salios traziam no alto de seus barretes. *Apex* indica tambem o *sacerdocio*, e por *apex senectutis* se entendia o *remate da velhice* que é a *autoridade*. *Sacerdos* fala de *padre* e de *ministro*, mas *apex*, que designa a peça emblematica do *poder*, emanado, segundo certa escola politica, da propria divindade, traduz-se por *bagatella* ou subtileza, como si o *til* servisse sempre para indicar um som falso ou fala de gente grosseira e sem valor. Cumpre lembrar que *tegula* (telha) resolve-se em *tecta gula* (ventre embuçado), e por isto os sons de que ha pouco falavamos são os do *esophago*, assim como as *imagens* que se nos offerecem habitualmente sob os olhos são desenhadas pelos contornos do *abysmo interior* (*profundum*). O *sorvedouro* que Pascal entrevia em seus accessos de hypocondria era a imagem de sua raça, que está sempre a pender sobre um *precipicio*, ou sobre o *ventre*; e a *cobertura das casas* (*tegula*) nos diz que a *familia* e a *patria* (*domus*) são formas disfarçadas, encobertas, de um *appetite voraz* (*gula*), nascido com a nossa humanidade decadente nos areaes africanos. A linguagem dissimulada, em que se diz o contrario do que se pensa, era para

os Latinos *tectoria linguae picta*. As pinturas ou imagens da lingua vieram com os Negros da Guiné, que se estenderam para o longe (patere), como um *promontorio* (lingua). E' manifesto que o nome dos *Ombrios*, tambem chamados *Sabinos*, tirou-se de *ombo* (lingua de terra) e de *umbra* (sombra), como o dos *Nubios* deriva de *nubes* (nuvem). Os Francezes têm a phrase *tirer la couverture à soi*, para traduzir o procedimento *injusto*, *fallacioso*, e foi das *tropas de cobertura*, que sahiram os *cobridores*, tambem conhecidos nos templos maçonicos.

E' curioso que a palavra ingleza *counter pane* (cobertor), accuse os elementos *pane* (peça quadrada) e *counter* (mostrador). O *mostrador de Pan* não pôde deixar de ser o mesmo que seguiu os passos do *batalhão ethiope* (porcinum caput), e que para a moral ou para o direito é como um *artigo de libello* (count), como nos diz, de sobresalente, o vocabulo latino — *monstrator*, tirado de *actor* e de *monstrum*. Já vimos qual era o *mostrador illusorio*, que os Pelasgos traziam no rosto e na lingua, mas a *mensa tabernae* (mostrador, balcão) fala do *altar* (mensa), em que officiavam os batedores de *Pan* e de *Bacchus*, quando converteram a *concupiscencia* em *rapto*, e a *orgia* em *açougue* (mensa laniena).

A *lã*, portanto, que apparece na divisa (apex) dos sacerdotes, é a mesma a que se allude pela palavra *laniena* ou *lanio* (carniceiro), e o annexim latino *de lana sua cogitare* se traduz por *cuidar só dos seus interesses*. Por *lana* se designa a *atadura das feridas*, e as *nuvens pequenas parecidas com flocos de lã*. Assim o nome do *matadouro* ficou para sempre associado ao dos *Nubios*, como para recordar-nos, que as maiores das nossas desgraças trazem ainda o *pêllo* da cabra africana; e por *lana*

caprina se entende aquillo mesmo que vimos representado sob a forma do *tíl*.

Entre as linguas, como temos visto, trava-se uma correspondencia de ideias mais intima e valiosa do que se suppunha; mas é de crer que o estudo comparativo dos vocabulos saia da phase restricta, acanhada, em que a ignorancia da historia primitiva o manteve até agora. Todos os idiomas contam uma mesma historia curiosa, que se tornara inaccessivel á mais afiada penetração; e a prova de que obedecem a um pensamento central, que se diversificou apenas na fórma, resalta, já de identidade das raizes, já das mesmas significações dos vocabulos, reductiveis a um mesmo systema de ideias e conjuncto de factos. O trabalho que essa construcção e reconstrucção da linguagem custou aos nossos antepassados da raça asiatica excede mesmo á comprehensão dos homens de hoje, e é tão consideravel que diante d'elle empallidecem todas as outras maravilhas desse engenho fecundo, incommensuravel, que se manifestou nas pyramides e nos templos subterraneos da India.

Podemos ler ainda no vocabulo *Tsal* a ideia de *estyló engraçado, satyrico* (*textum salis*), porque os mestiços africanos forneciam o melhor assumpto das fabulas de Esopo. Eram elles, por certo, uma *these galante* (*thesis salis*), pois o *pequeno rapaz* (*saloputius*), como dizem que fôra *Bacchus*, retratado com feições e maneiras feminis, tornou-se nesse velho tempo de provações e tristezas, materia sinistramente jocosa para as victimas da intuviada pelasgica, lardeada de estroinices e pandorgas. Os inventores da satyra falaram, porém, para a posteridade, e por isto não podem ser equiparados aos Thersites que

ãffrontavam cruelmente a golpes de escoda os seus contemporaneos. Digamos, afinal, sobre o nome da cidade egypcia que elle marca o termo da conquista ou fixa a epoca da cessação da lucta entre Asiaticos e Africanos nas margens do Nilo. *Tessera*, palavra que se prende a um dos termos de *Tsal*, significa *dado*, noção que se representa tambem pela expressão *eburnei numeri*. Em *ebor* (marfim) descobrem-se facilmente os elementos morphicos *aevum* e *ora* (limite da idade comprida), que nos falam do *millenario*, cujos degrãos fomos ascendendo até encontrarmos a data da tomada de *Thebnuter* (11.876). Em nossa palavra *marfim* acha-se a mesma ideia assignalada, pois póde ser decomposta em *finis* e *mare*; e por *unda* (undecim) chegaremos ao numero de ordem do millenario (onze).

Por outro lado, *sal* (de *Tsal*) é synonymo de *mare* (unda, undecim), emquanto o termo *al* de *alius*, *altus* ou *alter*, manda ascender ao millenario *que vem depois*, indicações estas que se reduzem aos algarismos 12.000, achando-se por *duodeni* (doze) a comprovação relativa ao termo da conquista pelasgica: *denique* (do mesmo modo, afinal). Os mil annos, que tanto durou a conquista do Egypto pelos Pelasgos, foram tormentosos, e essa crise, como vimos, data da introduccção dos Ethiopes ou Boschimans no Egypto (10.900). Entra-se no millenario de Janus, desde a epoca fixada; e por isto *duodeni* (doze) prende-se á nossa palavra *duodeno*, que fala da *primeira porção do canal intestinal* (*prima pars fistulae*), emquanto o francez *duodrame* põe na scena do Egypto *dous interlocutores*. Estamos ainda longe dos tempos da invasão da Europa e de Roma, e o *Janus* africano representa por emquanto a primeira parte da comedia em que figuram

Asiaticos e Pelasgos, e estes são também conhecidos na historia pelo nome de *Amazonas*. Não precisamos lembrar que o circulo da esphera percorrido pelos mestiços oriundos da Africa (am zonam), é a mesma *Zona formada pelos doze signos* (Zodiaco), e que se designava entre os latinos pela phrase: *zona duodecim signis confirmata*. Na primeira casa do Zodiaco, que vê agora o *carro* de Apollo, joga-se por emquanto a *dados eburneos*, isto é, a *dentes de elephante*, proprios para arrancar raizes e completar a devastação do solo começada desde mil annos. Os *dentes do elephante* fazem pensar, como já observámos, na *fouce dentada* de Saturnus, e por isto vamos tratar rapidamente desse mytho latino. Dissemos que o nome do filho de *Coelus* formou-se pela adjuncção dos termos *satus* e *tornus*. Como a noção de *torno* e *tornear* se representa pelo verbo *terere*, que significa também *trilhar*, *esmagar*, e *satum* traduz a ideia de *linhagem*, *paternidade*, ficamos advertidos de que *Saturnus* symbolisa a origem e ponto de partida da conquista, que gerou os *patres* e as *aristocracias*. Para os mythographos o deus a quem se deu também o nome de *Tempo* é identico a *Kronos*, e o historiador allemão Mommsen pensa que os Romanos inventaram uma divindade nova, para identifiqual-a com o filho de *Uranos*, supposto de origem grega. Nada menos provado, tanto mais quando é certo que os Hellenos e os Italiotas não inventaram nenhuma fabula, nem crearam nenhum mytho, e neste particular são tão pouco inventivos e originaes quanto os modernos.

Kronos, não ha duvida, significa *tempo*; mas *tempestas* (tempo) fala de *tempestade*, *tormenta*, *quadra infeliz* e já ficou demonstrado, que o apparecimento dos Pelasgos coincide com o momento mais doloroso da historia pri-

mitiva. O grego *kronios* exprime a ideia de *antigo*, e de facto *Kronos* é mais velho do que *Saturnus*, pois a invasão do Latium foi posterior á da Grecia. Mas isto não quer dizer que a *semente da conquista* não abrolhasse em primeiro logar no Egypto, e apenas estabelece uma linha de separação entre as duas formas de uma mesma criação original, no capitulo das invasões da Europa. *Coelus*, marido de *Vesta* e pae de *Saturnus*, tirou o nome do archaico *coelus*, equivalente a *caelum*, cuja significação historica é a mesma que se encerra na phrase *lumen caesionis* (luz da ruptura da ferida), maneira por que se representa o primeiro attentado commettido pela nova raça, quando pôz em chammas os palacios de *Tea*, habitados pelos Asiaticos. O *lustre e ornamento* do mundo por outro modo chamados *aristocracia*, pôde ser designado pela palavra *lumen*; e sabe-se agora que a sua *notoriedade* (*lumen*) é oriunda de um crime (*caesio*), ou da acção produzida pela violencia. *Vesta*, mãe de *Saturnus*, é o mesmo *fogo*, e *vestis* (teia, urdidura), como *exstantia* (projectura), revelam-nos a origem do nome que se deu áquella deusa. Foi o assalto ou *avanço* dos conjurados resultado de uma machinação infernal; e por isto *Vesta*, significa o mesmo que *fogo prolongado*, ou *conspiração que se maniêsta por actos de afouteza*.

Qual tumor varicoso (*exstantia*), que exige em seu tratamento uma compressão methodica, bem que seja incuravel, o procedimento dos Ethiopes, desde que descurado ou deixado á discreção, devia ulcerar-se e terminar por uma hemorrhagia, como effectivamente aconteceu. E' isto o que nos diz o nome de *Vesta* como *Coelus* ou *cælum* nos fala da *forma circular* (*tornus*), e significa *raio* (e coelo *ictus*). A *forma circular* allude

ao *pelotão* ou magote de soldados (*orbis*), que poz em cerco os habitantes de *Ten*, e nesta palavra guardou-se a ideia de *noite* (*tenebra*) e de *captivar* (*tenere*), não falando em outras significações que lhe foram annexadas ao radical.

Saturnus tinha um irmão, e já sabemos que por este se deve entender uma das tribus que entraram no conluio funesto. *Titan*, diz o mesmo que *dies* (luz, sol), e por *tilio* se chega á ideia de *tição*, que representa o negro de Guiné, o mais perverso e facinoroso dos aliados (*Acherontis pabulum*, *tição do Inferno*). O deus da foice ajustou-se com seu irmão para a morte de seu pae; mas *mors* (morte) traduz-se por *excessus e vita*, e portanto trata-se de uma empresa que tinha por fim a posse dos *alimentos* (*vita*), inclusive os licores espirituosos. Para serem os unicos herdeiros machos, os conjurados resolveram mutilar a *Coelo*; mas *pae* traduz-se por *plantador* (*sator*) e este era representado pela gente aggreddida. Por *mutilare aliquem*, se entende, *comer*, *devorar os bens de outrem*, e foi o que intentaram os conspiradores.

Dessa *mutilação* na-celu *Venus*, que é a propria causa da *sedução*, e da *venta* reciproca (*venus*), cujos effeitos terriveis se manifestaram pelo golpe vibrado sobre os Asiaticos. Sabe-se que *Venus* tem a mesma significação que *cupido* (*concupiscencia*), e não foi outro o estímulo, como já vimos, que precipitou os acontecimentos. Diz-se que o sangue de *Coelus* correu para o mar, misturando-se com sua espuma, da qual viu-se surgir o busto de *Venus*. Mas *sanguis coeli* é a *força do raio*, e as *espumas* representam os Pelasgos que conquistaram o Egypto desde os nomos mais meridio-

naes até as ribas do Mediterraneo. Do consorcio entre os negros e as mulheres brancas sahiram os *assos* que se dizem de pura raça asiatica; e por isso se pôz na voz *spuma* a ideia de *baba do caracol*. Ora, *limax* (caracol) significa tambem *estofador*, *ratoneiro*, e assim a humanidade de hoje tem por antepassado uma *lesma*, o que nos explica a origem da *podridão* (sanies), que deu o nome aos *Carios* (caries). A palavra portugueza *baba* corresponde á interjeição latina *ba*, que exprime repugnancia, e agglutinou o elemento *abba* (pater, *patricio*). Por *babae* se exprimia o sentimento de *applauso* e de *admiração*, porque tudo quanto vinha dos *patricios* era materia para *espanto* e *murmuração* (admurmuratio). E' que um só vocabulo diz *aprovação* e *pateada* (admurmuratio), e não se pôde contestar que nós seguimos a mesma via, applaudindo hoje o que reprovámos hontem, e cobrindo mais tarde de chufas o que nos merecera outr'ora as maiores demonstrações de respeito.

As duas tribus não quizeram outros *herdeiros machos*, porque *herus* significa tambem *dono*, *proprietario*, e os Lybio-ethiopes só pouparam as *mulheres*, fazendo *razzia* sobre a população masculina. Aspirando á *fortuna*, mas repugnando com o *trabalho*, a turba insurrecta, que arrombou os armazens de viveres, compôz a primeira confraria de nababos, referida pela historia, mas quiz accumular com os bens alheios o officio de *maridos* ou de unicos representantes do sexo chamado forte (mariti olentes). Ainda hoje nós chamamos *macho* ao grilhão que se põe nos pés dos condemnados; como si a sorte dos maiores criminosos que pullulam sobre a terra devesse ficar para sempre associada ao conceito formulado sobre os ascendentes da classe patricia. *Titan*,

como irmão mais velho, devia reinar; mas *Saturnus*, pungido pela cobiça, apossou-se da corôa. Isto quer dizer que *Saturnus* contentou-se em *devastar* ou *exercer furores* (regnare), enquanto o *verdadeiro* imperio ficou pertencendo a *Titan*, cujas imposições implicam com o exercício do poder pleno. Assim foi que o gigante impoz a seu irmão, supposto rei, a condição de não crear *filhos machos*, mas que apenas algum houvesse nascido, o devoraria. Explica-se o caso pelo *privilegio* dos Ethiopes, qual o que se encerra na *paternidade*; e como elles formassem familia e constituissem um patrimonio, que passava aos herdeiros directos, dahi a exigencia de *Titan*, dado como chefe dos Barbaros, pois os *Lybios* não gozavam de iguaes prerogativas, e, si affirmavam a sua autoridade, era sómente pelos excessos de furor guerreiro ou pelas ruinas que semeavam em seu caminho. Em resumo, *Saturnus*, que era anthropophago, ficava a devorar os proprios filhos, ao passo que *Titan* tinha o direito de aquinhoar os polhastros de sua escolha, como ainda praticam alguns povos civilisados. Entretanto, *Rhea* teve recursos para poupar alguns filhos de *Saturnus* e por isto foram salvos *Jupiter*, *Neptunus* e *Plutão*. Ora, os tres deuses indicados descendem dos *Ethiopes*, prova de que *Rhea*, tambem chamada *Ops*, representa o elemento patricio, que se distinguia pelo *poder* e pela *riqueza* (ops). Assim, a supposta *mulher de Saturnus* não o era realmente senão de *Titan*, ou, em outros termos, a Terra (*Ops*, *Rhea*), pertencia áquelles que depois do attentado commettido contra os brancos, se immittiram na posse do solo e das riquezas accumuladas pelas victimas. Em vez de *crianças*, Saturnus teve de devorar *pedras envoltas em faixas*, mas estas eram exa-

ctamente os *patres*, comparados com os penhascos (abbadir, *abba dirus*). *Rochedos condecorados com as insignias do commando*, são os *Ethiopes* que os *Lybios* tiveram de *tragar*, pois se curvavam ao jugo dos seus complices e lhes ficaram ao soldo. *Petras vorare* (comer pedras), eis o que estava destinado para a plebe desde a aurora dos tempos historicos Pelo numero, pela ferocidade, pela cor, os *Lybios* deviam ser os reis, mas tornaram-se os subditos, porque os seus competidores prevaleciam pela união e disciplina. Os *Ethiopes* educaram-se na escola dos civilisados, enquanto a outra tribu companheira não conheceu freio, se não depois que incidiu sob o jugo dos *patres*. A esposa de *Saturnus* era, por certo, a *terra* africana (Ops), que se lhe deu tambem como mãe; mas enquanto elle pensava em devastar, *Titan* tornava-se *Jupiter* e começava a exercer o imperio do universo; e por isto, *Rhea* (terra) foi como o passaro que fecundou os ovos do crocodilo. Essa confusão de thalamos e de esposos constava desde a antiguidade, dos cantos de *Orpheu* e dos escriptos de *Luciano*; porquanto o nome de *Titan* foi por elles applicado a *Saturnus*, enquanto *Virgilius* e *Ovidius* o conferiram ao *Sol*; mas a verdade é que a nossa interpretação liquida todas essas divergencias e penetra na verdadeira intelligencia do mytho.

Ninguem ignora que *Saturnius* foi um dos epithetos de *Jupiter*, porque este era identico a *Titan*, como *Titan* ao *Sol* (soalheiro africano). Sob a relação ethnographica, *Jupiter* representa os *Ethiopes*, e *Saturnus*, os *Lybios*; mas sob a relação da historia, aquelles personagens exprimem a collusão, o conluio, o estratagemma criminoso que deu em terra com os brancos. E' por isto que *salus*

torni tanto nos falla de *patriciado* como de *plebe*, pois a origem do esmagamento a que foi condemnado o mundo antigo estava com as duas tribus selvagens da Africa.

Titan, vindo no conhecimento de que seu irmão tinha *filhos machos*, sem embargo do seu juramento em contrario, se armou contra elle e o fez prisioneiro. Os *filhos machos* de Saturno eram as *barrigas viris* dos *Lybios*; pois *sarcina*, encerra as duas significações. Como o *poder* seja uma producção do *ventre*, segundo nos prova a historia, aquelles que dispunham de maior força de assimilação, ou se distinguiam pela voracidade, cavalgavam os pequenos, que melhor serviriam como *bestas de carga*. *Sarcina* (filho) fala tambem de *carga da besta* e de bagagem do exercito, e não é a primeira vez que vemos equiparada a *tribu vermelha* ao *refugo* humano (vas). *Nixus*, por sua vez, significa *esforço da barriga*, de sorte que posto um *estomago* diante do *outro*, ou os *Ethiopes* em face dos *Lybios*, coube áquelles a palma do triumpho. Bem que fosse *viril*, esforçada, a appetencia dos *animaes de carga*, prevaleceu o instincto disciplinado do *caramujo*, recolhido na sua concha e comparado ao propulsor submarino dos navios (*helix*). *Titan* poud *prender* o seu emulo, isto é, *captival-o*, bem que o futuro mostrasse quanto é difficil domar a plebe. *Jupiter*, porém, poz seu pae em liberdade, quando cresceu em idade, porque o *pae dos deuses*, como veremos adiante, misturou o seu sangue com o da *tribu vermelha*, e teve por sua vez de ceder a dianteira ao elemento escravizado.

Entretanto *in libertatem eximere* (libertar) significa tambem *perder em liberdade*, e esta nova asserção se justifica pela mesma fusão entre as duas raças, que ope-

rou o fortalecimento do poder patricio, rejuvenescendo o organismo apodrecido da olygarchia africana, no Egypto. A *plebe* ficou sempre plebe, e as allianças entre os dous elementos ethnicos, bem que os approximassem pelo sangue, não supprimiram a causa da desigualdade antiga, antes aggravaram-na de modo consideravel.

A fabula refere que *Saturnus* armou laços a seu filho, receioso de que este o privasse do throno, o que realmente *Jupiter* veio a fazer para se vingar. Estes factos reapparecem mais longe e de modo desenvolvido na historia do Egypto; mas desde a mais alta antiguidade que elles se reproduzem na existencia dos governos e dos povos, e por isto podemos dizer que o mytho é immortal. *Saturnus* é representado na figura de um *velho* com uma *fouce*, com uma *serpente* mordendo a *cauda*; algumas vezes se lhe ajunta um *vaso*, de que corre *areia*.

A *fouce* já sabemos o que symbolisa: os *dentes do elephante* (dens lybicus), que erradicaram as fundações antigas e lançaram o mundo sobre comoros de ruinas. A *serpente*, que morde a propria cauda, exprime o *arrependimento* (huic illud dolebit), porque a *semente* dos desastres humanos voltou-se contra si mesma, e a plebe paga por um longo martyrologio o crime nefando praticado contra a civilisação pelos ascendentes da classe proletaria. O *vaso* significa a *baixeza da condição*, e perpetua a memoria dessa tribu selvagem que, depois de servir como animal de carga, tornou-se a *bagagem dos exercitos* (vas) em todos os tempos, quando exactamente constitue a *baixela* preciosa (vas), em que comem os argentarios. Si do *vaso* corre *areia*, é que o *saiibro ethiope* (sabulum) procede da fecundidade lybica, ou o *patriciado* de todos os tempos e logares promana dessa

classe inepta e subserviente, que estruma as quintas dos nababos ou os alimenta pelo trabalho tão fatigante e deprimente quanto mal recompensado. *Arena* (areia) também significa *amphitheatro* e *campo de batalha*, e é pela plebe que se tem ferido todos os combates que visam a conquista das liberdades usurpadas pelas minorias facciosas. Mas todo logar em que se exerce a *actividade* chamava-se *arena*, e o proverbio antigo *arena semina mandare*, nos adverte de que os proletarios estão condemnados pelos vicios de sua propria constituição moral a *semear na areia*, ou a *perder o tempo e o trabalho* fazendo grèves (*grève*, praia arenosa). As revoluções de todas as épocas mostram que o elemento social mais productivo foi sempre ludibriado; e que não se pôde fiar da violencia senão o revolvimento dos velhos abusos para transformal-as em outros não menos funestos e pestiferos. Para supprimir a *miseria* é preciso extinguir as inferioridades naturaes, e regenerar tanto o vencedor como o vencido. Ora, não ha que esperar da natureza humana o nivelamento necessario para operar a cura das sociedades; e moralmente, cada dia nos depauperamos mais, pois vamos perdendo a propria confiança em nós mesmos. Isto não quer dizer que a *reivindicação* pretendida pelo proletariado não chegue fatalmente; e tudo nos annuncia que o futuro pertencerá, como o passado, á força e não á intelligencia; mas o mal perdurará sob outra forma, emquanto os homens forem o resumo das forças e aptidões que concorreram para a transformação da especie.

A' imagem de *Saturnus* também se annexa um *ramo*, como para dizer-nos que o deus personifica essa parte da arvore que cresce e se estende (patere), mas em be-

neficio daquelles que lhe teem colhido os fructos. Emquanto o *tronco*, que é a aristocracia de nascimento, se estiola e desaparece, permanece a fronde do gigante das florestas africanas, que se renova por si mesmo. *Ramus*, quer dizer *produção*, e tambem *clava* e *cornadura*. Os plebeus são as *puas* de todos os governos, e com ellas o animal politico investe temeroso e faz victimas. Póde-se dizer que o elemento proletario dos campos e das cidades tornou-se como uma Panchaia, que fornece *incenso* para os idolos de cada dia. Os dictadores e os despotas precisam da couraça plebea para embotar a espada das paixões facciosas (ramos Panchaia dabit); entretanto póde-se admittir como verdade irrecusavel que não se desbastaarão as misérias da terra (ramos amputare miseriarum), emquanto o poder publico dispuzer da complicitade das massas em seus excessos e desatinos, como aconteceu até agora.

O futuro do proletariado está predicto pela fabula de *Kronos* ou de *Saturnus*. A *serpente que morde a cauda*, deixa por isso de *rastejar* (serpere), e, de facto, a plebe romana, como a de nossos dias, voltou-se para a raiz de seus infortunios, que era a *subserviencia* ou a condição de *vasculho* e espanador (cauda) dos poderosos do dia. Mas cada passo que ella ensaia para fazer-se senhora de seu proprio destino (aliquid mordere) vale-lhe uma decepção atroz, e por isto, procurando a luz do futuro, irá esbarrar com as trevas do passado. Em *cauda* nota-se o radical de *Caucasus* e de *cavea*, palavra esta que designa a *loja dos animaes ferozes destinados aos combates do circo*, e tambem o *populacho* (cavea summa). O *ramo* que se vê na mão do *foiceiro* olympico, póde ser chamado *cavea*, e pelo conjuncto dessas significações se attinge o

pensamento dos antigos, sob a relação dos destinos da classe proletaria. *Voltar á selvageria*, depois de tornar-se *inexoravel e deshumana* (Caucasum mente induere), eis o amanhã do *quarto estado*, e ver-se-ha ruir a civilização, sem que se mitigue de modo consideravel a desdita dos martyres anonymos, que sonham com a reivindicação dos direitos postergados pela minoria egoista e privilegiada. A *caverna humida* (cavea uda) será o palacio dos futuros *Troglodytas*; e como até agora, segundo nos adianta o vocabulo *ramus*, continuarão as pelepas entre os *ratos* e as *rãs* (rana, mus, *ramus*), descriptas pela celebre parodia grega da *Illiada*.

Referimo-nos ao poema anonymo, chamado *Batrachomyomachia*, em que o rato *Pilha Migalhas* foi levado para o *palacio de uma rã*, isto é, para as lagôas, sobre as costas della; e não se pôde duvidar que o proletariado, suppondo encaminhar-se para a independencia, conduz sobre os hombros uma pandilha de roedores, que hão de escorchal-o como se faz ás bestas de açougue. *Bochechuda* é o nome da *rã* conductora na phantasia do poeta asiatico, mas *bucculentus* deriva de *bucca* (trombeiro), que tambem significa *máo advogado* e *berrador*. A *lentidão* ou a preguiça desses trampistas da classe proletaria está expressa pelos termos integrantes do vocabulo *bucculentus* (culi lenti), sendo que *lentus* tambem se traduz por *pegajoso* e *insensivel*. Os socialistas conhecem muito os advogados que lhes defendem os direitos perante os parlamentos, *lentu gradu*, como os batracios que se estiram á sombra (lentus in umbrâ). Essa patrulha ha de viver sempre ao lado de seus clientes (fera vivacitatis adeo lentae...), mas está sempre disposta a não pagar a ninguem (solvere nulli lentus), e assim a questão

social acabará pela bancarrota. Quando um *rato*, no poema alludido, succumbiu por ter a sua conductora mergulhado para evitar os golpes da hydra, o povo roedor foi convocado e formou uma assembléa geral para declarar a guerra ás rãs, cousa que offerece algum *simile* com os congressos que se reúnem contra o partido proletario. A *hydra*, já se adivinha, é a *revolução social*, em que o tumulto será tão grande nas fileiras dos miseraveis como dos plutocratas. Adelgadas as nuvens da tormenta, os *ratos* reunir-se-hão em assembléa geral, e nova guerra de exterminio será declarada ás rãs. Note-se que *mergere* (mergulhar) se toma na accepção de *mettre debaixo da terra*, e de *abysmar*, de modo que o partido das rãs não pôde auferir da presença da *hydra* senão calamidades futuras, semelhantes a uma *asphyxia systematica*. Terão os rebeldes de *vergar a cabeça* (*mergere vultum*), e a tempestade, que desencadearam, se volverá contra elles. A revolução de 1848 e a gorada tentativa dos communistas de Paris são licções illustrativas do vaticinio, que se encerra, sob apparencias frivolas, no poema satyrico já indicado.

« A batalha se trava, terrivel, encarniçada, e com alternativas. Por fim os ratos cantam victoria, e *Engole-Tudo* fala de exterminar toda a gente batracia. *Jupiter* desfecha o raio entre os exercitos, mas os vencedores não se amedrontam e recommçam suas façanhas. O pae dos deuses resolve mandar um exercito contra o outro, e nos pelotões figuram guerreiros munidos pela natureza de armas offensivas e defensivas, que mudam de improviso a fortuna da batalha. Estes guerreiros são *caranguejos*. Os ratos tomam a fuga, e a guerra acaba ao pôr do sol. »

Já se deixa ver que a intervenção do poder publico entre as parcialidades hostis, burguezes e proletarios, consistirá no emprego de alguns raios impotentes, pois o proprio *Marte*, como nos diz o poema, recuará da tarefa perigosa de intervir entre os contendores, e proteger os vencidos.

Mas os *caranguejos* terão de impor sobriedade aos devoradores, porque *cancer* (caranguejo) fala de volta para traz ou de decadencia, semelhante á uma *chaga cancerosa*, que não deixa nunca de carcomer os seios de nossa civilização. *Cahiremos nas garras do orco* (inter orci cancos), e nos desfaremos em sanie. E por isto *Minerva*, a supposta deusa da sabedoria, não intervem no pleito e conserva-se immovel, emquanto os dous partidos se despedaçam. Afinal a deusa se lamenta do mal que lhe foi causado pelos ratos. Elles deterioram suas corôas, e bebem o oleo das lampadas que os fieis lhe dedicaram. « Mas eis um facto, diz ella, que me feriu em carne viva: os ratos roeram meu véo, um véo de tão fina trama, que eu tinha fiado e tecido com zelo incansavel: elles m'o furaram. »

Precisamos dizer qual o véo que os ratos não pouparam: foi a *cevada*. *Velamentum* (cobertura em geral), significa tambem *pellicula de cevada*, e *Minerva* a tinha fiado porque *filum deducere* se traduz pela nossa phrase: *cortar os filamentos das plantas*. Pois que a deusa da sabedoria pelasgica amava tanto os vegetaes, que os devastava (*minuere herbam*), ficamos advertidos de que os *ratos vencedores* encarnados nos caranguejos abrirão enormes brechas na forragem ou farão honra (*deducere*) ás provisões dos celleiros, emquanto o mundo se volver sobre seu eixo. Em vez de *ratos* e *rãs*, o futuro verá *rãs* e

caranguejos, e si aquellas escaparam dos primeiros, quem nos dirá que evitarão os animaes de couraça? Dissemos que á *força* pertenceria o futuro da raça pelasgica, e eis que esse é o vaticinio dos nossos antepassados do Egypto mais experientes e sagazes do que nós. O *militarismo*, que afunda os povos na decadencia, vem desde agora se pondo no logar occupado pelos *ratos* de todos os tempos, mas reforçado de novas armas offensivas. Quem contestará a realidade do prenuncio, diante da Europa que dorme com a mão nos copos da espada, e da America imitadora servil dos vicios europeus?

Os francezes chamam *crabe* (caranguejo) ás *callosidades dos pés e das mãos*, de modo que uma lingua moderna guarda a previsão de nossos maiores, feita ha muitos seculos antes do apparecimento da raça gauleza. *Mãos e pés callosos*, trabalhadores e soldados, representam os dous polos de nossa civilização no futuro. Sabe-se que aquelles crustaceos se alimentam de animaes marinhos mortos ou vivos, e assim os exercitos continuarão a consumir e absorver todas as forças vivas das nações. Os impostos sobre os rendimentos e outros que o genio fiscal de nossas dictaduras politicas pôde inscrever nos monstruosos orçamentos, reduzirão o capitalismo a mero sustentador do funccionalismo publico, de mais a mais crescente. Novas combinações economicas, fundadas sobre o principio de associação, poderão nivelar as fortunas, mas a grilheta do proletariado não se quebrará enquanto os privilegiados dispuzerem de governos e de partidos politicos. O *ocaso*, de que vivá, como se disse, a terminação da perfidia entre exploradores e explorados, marcará o declinio das lettras e das artes (*casus diei, lucis, solis*), e a obscuridade resultante será

tão espessa como aquella que envolve as raças decadentes e selvagens da America e da Oceania. A incurabilidade do mal reside no instincto de *combatividade*, como o chamara Gall, inherente á natureza pelasgica, e que se manifesta na esphera economica sob o nome de *concorrência*. Si esta fosse supprimida, desappareceria o unico movel de progresso, do qual se prevaleceram os nossos educadores da Asia, para nos tornar capazes dessa cultura superficial tão flexivel e quebradiça como os scirpos dos brejos de Guiné... Poder-se-hia dizer que os homens são dominados, não pela ideia de progresso, de aperfeiçoamento continuo, mas por aquelle *vento dos instinctos*, de que falava Hudibras, que ora se desfaz em sons estereis, ora em extasis e visões religiosas, segundo a direcção que toma.

A *jôice dentada de Saturnus* era de osso, como os *dentes do elephante* (*dens lybicus*), e, portanto, em nada superior áquella que empregavam os nossos selvicolas. A vida das tribus selvagens depende sempre de um *lance de dados*, porque ellas são desprovidas de consistencia intellectual e por isto se mostram imprevidentes. Dizem que aquelle deus emigrou para a *Italia*, e foi ahi que se feriram as grandes batalhas da plebe contra o patriado, sendo que a existencia dessa região esteve sempre impendente dos golpes da fortuna. O porvir do povo romano está annunciado pela denominação que deram ao paiz por elle conquistado: *Italia*, palavra que se resolve em *itus aleae* (curso dos dados). Os mythographos e historiadores referem, que o culto de *Saturnus* assumiu importancia excepcional entre os *Siculos*, mas elles desconheciam que pelo nome desse povo se designava a *plebe* ou a gente miserrima e sem recursos (*sicci chori*),

que descendia da *tribu vermelha* do Egypto. Os *dados* que decidiram dos destinos de Roma e da Italia foram os mesmos que cahiram sobre o taboleiro de *Tsal* (*teserae alea*), e marcavam o fim da existencia asiatica em terras africanas. Muito se tem discutido sem proveito sobre a etymologia da palavra *Italia*, mas ella se offerece por si mesma, graças ao methodo interpretativo que nos revelou os segredos do passado.

A tradição nos diz tambem, que os *Siculos* eram subditos do rei *Italus*, que foi o primeiro a trazer a agricultura e os cereaes para o meio dos pastores até então unicos donos da Italia. Mas *Italus* resolve-se em *itus halli* (chegada do pygmeu), pois *allus* ou *allex viri* não tem outra significação. Por *allus* se indicava o *dedo grande do pé*, e a razão pela qual se lhe confere honras de rei está na situação mesma desse órgão, e no character *grosseiro e insaciavel*, que distinguia os invasores da Italia. Assim como aquelle dedo se destaca dos outros, os chefes pelasgos viviam, como nos refere Aristoteles, *reinando sobre sua mulher e seus filhos*. Falando dos *Cyclopes*, dados como *primeiros* habitantes da Grecia, disse Platão : « entre elles nem assembléas que deliberem nas praças publicas nem leis : os chefes de familia não se occupam uns dos outros. » O *dedo mais grosso do pé*, é, portanto, o symbolo do *novo regimen* (*pulli lex, pollex*) ou a *lei dos mestiços*, que á extrema grossura de uns oppõe a magreza e a tenuidade de outros, formando-se desse modo sociedades contrarias em que o egoismo satisfeito deve figurar ao lado da miseria despeitada e hostil.

Italus levou para a Italia os *cereaes* e a *agricultura*, porque *minare* (levar) tambem se traduz por *tanger*,

como se conduz um animal, e *exportare* (transportar) exprime, por sua vez, a acção de *expedir ou pôr para fóra*. Realmente, essa expulsão praticada por *Italus* e seus consortes, effectuou-se na época em que os *Siculos* dominavam na Italia, e são estes os *pastores* de que trata a tradição.

Por outro lado, *gregis custos* (guarda dos rebanhos) é expressão applicavel aos antigos habitantes da região italica, que promoveram a cultura dessa sociedade nova, semelhante ás das manadas selvagens (*grex regum, grex asinorum*).

Tocámos ha pouco na legenda dos *Cyclopes*, os homens que, segundo *Homero* e *Ovidius*, tinham um só olho no meio da testa. Esses monoculos são, entretanto, os chefes dos povos, como nos revelam os termos combinados *cycli lupi ops* (poder que serve de freio na idade heroica). Sabe-se que as *malhas do corpo* (*oculi*) eram consideradas pelos Asiaticos como de *côr fixa, inalteravel* (*siccus*), e por isso devem dar tes'emunho de nossa origem africana. Já se vê que a *testa* ou a fronte dessa gente abominavel estava fóra de seu logar proprio, e por isso a palavra *testa* (cabeça) tambem significa *esquentador*. A comparação não deixa de ser cabal, porquanto os Pelasgos soffriam e soffrem ainda de *escandescencias*, que atacam a *cabeça*, circumstancia esta que explica o reunir-se a accepção de *telha á de testa*, entre os antigos. Pois que os Pelasgos andavam sempre de um para outro lado, até se fixarem tão solidamente como as *ostras*, puzeram tambem na voz *testa* a significação de *ostras*. A principio os conquistadores do mundo não podiam ter-se muito tempo sobre o *poisadeiro*, e por isso nos informam, que elles *se aqueciam*

facilmente e soffriam de congestão de sangue nas veias hemorrroidaes (*ficus*). Agora nos previnem de que os descendentes do marisco da concha eram imperterritos na constancia com que adheriam aos sitios de sua paixão, obtidos do mesmo modo que os thesouros da caverna de Gil Braz.

Precisaremos accrescentar que *ficus* dá ideia de *cunho fixo* (fixa *cusio*), qual o que se manifesta pela *cór inalteravel* de um dos nossos órgãos? Estas cousas não nos devem envergonhar, pois somos productos da natureza e não respondemos pelo passado de nossa raça. Os Romanos não se envergonhavam aliás de descenderem dos salteadores do Palatino, nem nós tão pouco, do sangue dos degradados do reino portuguez, que nos corre nas veias. Será porém de alta utilidade o conhecimento exacto dos nossos ascendentes, das forças naturaes de que dispomos, dos interesses superiores que devemos acautelar, e é talvez tempo de banirmos as illusões postas pela vaidade humana na estrada de nosso destino. Estaremos preparados para supportar a vista da verdade, emancipar-nos da tutela do preconceito, do jugo das paixões deprimentes? Si o momento não é opportuno para encarar o esqueleto de nosso orgulho desmedido, breve será tarde, pois caminhamos todos para um momento de geral cegueira, e os vendavaes que vão soprar sobre a nave politica nos devem achar senhores do leme e com o rumo nitidamente traçado. Os pilotos dos navios de Ulysses jogaram-se ao mar, attrahidos pelos cantos das *sereias*, e sabemos o que isso significa? O monstro formado de um *busto de mulher* e de uma *cauda de peixe* é simplesmente o *pasma dos rins* (*silentium renis*, *siren*). A *paralysis* desse apparelho im-

pede a eliminação dos venenos que circulam no organismo, como o silencio dos povos annulla a função excretora do corpo social, que por isso se corrompe e perece. Diz-se que a *sereia* se compunha de duas metades heterogeneas, porque *mulier* se traduz por *femea do cavallo*, e o governo é um animal calcitroso (mulus, mula), ao passo que o *peixe* passa por ser destituído de intelligencia ou incapaz de manifestar as suas sensações por sons intelligíveis. *Peixe* se traduz por *arbor*, e sabe-se que os *rins* são tão ricos em vasos sanguineos, que as respectivas arterias formam a septima parte da aorta abdominal.

Dessa arte se descreve a *arvore renal*, que ficaria na constructura da *sereia*, com a raiz voltada para o ar, e portanto privada de nutrição. O *canto da sereia*, que attrahia os navegadores, era portanto o *silencio*, o *pasm*o (sonus, *somnus*) daquelles que em relação aos governos fazem as vezes de segundos (surena) e representam a parte independente do aggregado social.

Emquanto o *poder publico* se agita, é mister que as opposições não emmudeçam como os *peixes*. *Concentus* (canto) tambem significa *applauso*, tendo nesta accepção a efficacia da *magia* (carmen) e por isto se torna tão obnoxio ao jogo das instituições politicas de um povo, como os monstros que levaram os navegantes a mergulhar nas ondas. A palavra humana ou *adverte*, com a verdade, ou *mente*, com o elogio immerecido; e por isto *carmen* designa o instrumento de *cardar lã*, e formou-se por intermedio dos termos *caries* (podridão), e *mentita* (mentirosa). Assim, os bons governos devem evitar os dous escolhos: o da *adulação*, que os conduz a *difficuldades* supremas e mesmo ao *perigo* (mare), e o do *silencio*, que é como um

mar bonançoso, mas que ameaça procella. Os tripulantes das náos de Ulysses são como a opinião publica dos Estados; e os *commandantes*, que amarram homens ás vergas, tapando-lhes os ouvidos, são como os governadores dos povos que *lem apenas pelos ouvidos*. E' isto o que nos diz a phrase latina : *ceram auribus obdere* (tapar os ouvidos com cêra), que significaria tambem : *pôr os escriptos nas orelhas*. A *leitura* dos despotas é o *mur-murio*, o *cochicho* dos intrigantes; e aquelles que amarram os marujos, como dizem que fez o rei de Ithaca, praticam uma acção tão extranha e despropositada, como a que vae descripta por essas palavras latinas : *constringere hominem quadrupedem*.

A nossa interpretação do caso da *Odyssea* baseia-se em provas positivas: *piscis* (peixe) fala tambem do *mir-millo*, que apparece na cimeira do capacete usado pelos gladiadores. A palavra *mirmillo* decompõe-se nos termos *mirare* (pasmear, espantar), e *Millo* (famoso athleta de Crotona). O *gladiador* que *pasma* e emmudece é, portanto, como a maçã do *cypreste* (conus), tambem chamada *cupressi pilula*, que pende sobre tumulos. Esta illação funda-se na palavra *conus* (cimeira), que faz referencia á pelota do arbusto funerario. Por outro lado, a *sereia* se apresenta sob a fórma de uma *vassoura* (*syrus*), o que mais uma vez nos leva a considerar na funcção dos *rins*, a qual tende para a expulsão dos germens morbificos que rolam na torrente circulatoria. *Peixe* ou *vassoura*, instrumento antiseptico, ou *fructo de podridão*, eis o que se affirma pela palavra *sereia*. O *fructo* é o *malum* (calamidade), e o aparelho depurativo figura como causa de *renascimento* (*scopæ*). Sabe-se que *scopæ* dá ideia de *virgulas*, *ramusculos*, e portanto, pela comparação, se

descrevem ainda os *rins*. A parte superior da *sereia* appareta a fórma de uma *mulher*, e *pars* (mulher) encerra a noção de *partido* ou de *litigante*, e tambem de *modo de viver*. O *dever* e a *obrigação* recebem o nome de *pars*; e como a *lição aprendida de cór* seja uma *pars*, póde-se concluir que o monstro representa, por um lado, a *selecção*, que produziu o *homem* (lectio), e, portanto, a *parada*, que suppõe a fórma inferior do *peixe* na escala zoologica. Si recorrermos, para demonstração, á palavra *monstrum*, acharemos que ella exprime, não só a ideia de *desgraça*, como de *maravilha*, os dous pólos do destino humano; e como *Ulysses* não quizesse ouvir a voz da *sereia*, fica provado que elle impunha o silencio, amputando desta arte a *parte intelligente*, *racional*, do animal fabuloso, manifestada pela voz ou pelo canto. Isto se demonstra, ainda, pelo processo empregado para ensurdecer os *companheiros de navegação*, que figuram pelos auxiliares obrigados de todos os governos. Como se fala da attracção sentida pelo monarcha, quando lhe chegava aos ouvidos a *voz modulosa*, que é a dos *ratos* (occentus), pois *musicus* prende-se, como dissemos, a *mus*, convem dizer, que aquelle piloto imprevidente só prestava audiencia ás murmurações interessadas da gente perigosa. Num dos casos figurados, o *rei de Ithaca* era realmente attrahido pelas solicitações do egoismo extranho, e, no outro, a sua impaciencia se manifestava pela contracção espasmodica que precede nas bestas o movimento do couce, e por isto *attrahir* (attrahire) dá tambem ideia de *enrugar*. Para se livrar do *feitico* (carmen), que se resolve, como dissemos, no *pasmo dos rins*, *Ulysses* empregava uma gymnastica salutar, qual a que o libertava das *difficuldades* (mare), apresentadas na fabula sob a fórma de *marulhos*. *Ulex* fala do mesmo *tojo*

marinho, que apparece na historia com o nome de *pater* (rei), o que melhor se prova, comparando o vocabulo *Ulysses* á phrase, que lhe corresponde, — *urus licitor lucis* (boi carrasco da publicidade). Já se vê que o *uro* grego é o mesmo africano, que enrugava as orelhas, quando a farpa da satyra ainda estava na aljava do Thersite, mas mudava de especie para retorquir os golpes desferidos pela critica (*jumentum*). Diz-se que o rei de Ithaca e seus companheiros de fortuna, escaparam das ondas ou das *sereias*, porque *effugere periculum* é *desdenhar do perigo*; e *pelago declinare* dá ideia de *evitar a difficuldade*, mas não de resolvel-a. E não ha duvida, que supprimindo a *publicidade* das opiniões, conseguem apenas os Governos ficar extranhos á causa de todas as mudanças que se operam nos Estados, isto é, ás *multidões* (unda) nas quaes a *palavra* é como um annuncio de cousas mais graves.

Por *sirenes* (sereias) são tambem designados os *zangões*, insectos notaveis pelo ruido que fazem com sua trompa, particularmente quando voêjam. Ahi estão os *opposicionistas* das sociedades pelasgicas, que substituiram as *abelhas* asiaticas na fabricação do *mel*, e lembremos que esta palavra se prende a *melioratio* (reparação, melhora-mento). A funcção do pensamento livre é agitar as ideias, e, portanto, de espancar a preguiça, o torpor mental de nossa raça, para tornar possiveis as reformas necessarias, os empreendimentos uteis ou de mais alto descortino. O *Nestoreum mel*, de que falavam os antigos, é o que melhor se compadece com o estomago e o paladar dos descendentes de *Adão*: referimo-nos ás *satyras* e aos *libellos*, que podem ser indicados pela palavra *acetum*, empregada por Plinius,

para traduzir a noção de *parte mais pura do mel, que corre dos favos* (acetum).

Mas *acetum* fala de *vinagre*, e pôde-se applicar aos homens de todas as condições a phrase de Plautus, que parece construida para o caso: *ec quid habet aceti in pectore*? Quanto *vinagre* não existe na alma, nos instinctos, podemos dizer, da humanidade em geral; e na especialidade da litteratura politica, o *azedo* quasi sempre se confunde com o *doce*, parecendo mesmo, que os convicios mais violentos e amargos do jornalismo teem mais cotação do que o *mel de abelhas*. O *tojo*, a que nos referimos, é uma planta espinhosa (*ulex*): fala-se della, porque *paliurus* (planta de espinhos) prende-se a *palla* (capa), e em todos os tempos, aquelles que exercem autoridade, á semelhança do *rei de Ithaca*, servem de *manto* para proteger os abusos. Note-se que *sentis* (silva, espinho) dá ideia de *garras* e de *escravos ladrões*, donde se infere que *Ulysses* era uma *capa de ratoneiros*, á maneira dos governos installados em todos os paizes onde não se deixa circular o pensamento e reinar a livre discussão. E' á intolerancia do poder publico que se deve imputar o alastramento de muitos vicios, que um sôpro de liberdade poderia varrer, antes de profundarem raizes. Os governos concussionarios não toleram a critica nem se submettem facilmente ao contraste das livres opiniões. São como um *espinheiro*, em que só penetram os temerarios ou os martyres; e por isto se poz na palavra *tribulus* (cardo, abrolho) a noção de *estirpe*, e tambem de *ouriço do mar*. Sabemos donde provinha a raça patricia, que *Ulysses* symbolisa, tantas vezes comparada aos *espinheiros* e *sarças*. Dos *tojos* de Guiné viera o *boi politico*, que vemos convertido em adversario da pa-

lavra escripta e mesmo dos zumbidos levemente sussurrados pela trompa dos *zangões*. Ajoujando-se com o mastro do navio, e tapando os ouvidos, o famoso rei de Ithaca, que não passa de mytho, era nessa attitude o *malus maximus princeps* (mastro) ou o *ranhoso por excellencia* (malus), que se propunha governar o mundo pelo espanto e pelo silencio dos tumulos. Os seus subditos não *mergulhavam no mar*, isto é, não experimentavam a sensação de um banho tonico, e dahi a falta de *movimento*, a paralyisia dos órgãos da palavra, cuja gravidade se compara, sem exaggero, á suppressão do apparelho destinado pela natureza á secreção das materias impuras, os *rius*. Tambem traduzem *ulex*, por *alecrim*, e *ros marinus* leva ao filho do *Ar* e da *Lua* (Ros), ou ao *visco de Jupiter* (viscus æris), e da *noite pelasgica* (luna) que é a pro genie dos *patres* (viscera patriæ), tantas vezes indicada pelo nome da *esparrella* (viscus). Em *siren* (serêa) apparece o nome do *arco da velha* (iris), cuja significação historica não precisamos reavivar. Nestas notas explicativas tocamos de passagem na palavra *Surrena*, que designa um *peixe* desconhecido e a *primeira pessoa depois do rei entre os Parthos*. Traduzimos a indicação do modo que já ficou exposto, isto é, referimol-a ás *opposições* politicas nos Estados, cujo *silencio* ou *inacção* (silentium) produz um effeito semelhante ao da suppressão do duplo órgão que secreta a urina. O nome dos *Parthos* conduz ao das *produções do espirito* (partus), assim como o termo componente de *siren* á ideia de *resistencia* (ren, *reniti*). Ou o espirito *brilha* (renidere) pelos seus *productos* (partus), graças á liberdade que lhe asseguram, ou *renuncia* (renuntiare) á sua acção hygienica, por causa dos empeços que lhe oppõem os

governos sem criterio (renuere). No primeiro caso, as nações se glorificam e se renovam (renidere, renovare), no segundo *renunciam* a posição brilhante que lhes compete no congresso dos povos cultos (renuntiare alicui societatem), e neste sentido se pôde interpretar a phrase de : *Partho silentium est*, empregada por Cicero. Está, portanto, provado que a *sereia* da *Olysea* é, por um lado, o signal symptomatico do *abrandamento* dos costumes (lenitas), e neste caso, ella lembra a *mulher asiatica*, de cuja missão civilisadora, em relação aos nossos antepassados da raça negra, não podemos duvidar ; e por outro lado, sob a *fôrma de um animal mudo* (piscis) o monstro marinho representa a decomposição do organismo social, pela inacção ou paralysisa dos rins (silentium renis).

Para não ser *attrahido* pelos encantos da palavra, é preciso *tapar os ouvidos* ou renunciar aos attributos humanos, como fez *Ulysses*, e para manter a liberdade de enunciação do pensamento, é de mister que os governos sejam intelligentes ou se mostrem dignos productos da cultura social. Não ha verdade que não possa circular entre homens desapaixonados e previdentes ; e não ha interesse que sobreleve ao da manifestação das ideias, quando estas servem de collyrio para a nossa cegueira. *Homerus* era um representante da *raça pura e verdadeira* (homo merus), que nos deixou tantos monumentos de sua capacidade mental e de seu amor á humanidade. Como os conquistadores do globo fossem barbaros insaciaveis, que só cogitavam de rapinas, os chronistas da antiguidade envolveram as suas narrações em mythos e metaphoras, esperando a hora propicia em que a verdade se pudesse desnudar sem perigo, e mesmo ser com-

prehendida. Dahi esse thesouro opulento, inexaurível das legendas e tradições, que nos vão revelar factos até agora inacessíveis á nossa inopia intellectual, e repugnantes á vaidade com que se exhibe a ignorancia profunda dos homens e das cousas.

Deixámos os Asiaticos do Egypto no momento da conquista e occupação de *Tsal*, palavra que nos pôz no encalço de informações ineditas e de factos preciosos. E' tempo de inquirir sobre os logares de retirada dos vencidos, privados dos seus antigos lares. Aquelles que escaparam ao raio pelasgico, que sobreviveram á destruição das cidades, e não fugiram, refugiaram-se nas *cavernas*, como aconteceu muito mais tarde em Roma, cujo solo subterraneo fôra excavado pelos predecessores dos christãos.

Os civilisadores do Egypto e do mundo chamavam as suas habitações *alveolos*, e o synonymo de *alveolus* (alveus) não só dá ideia de *cortiços de abelhas*, como de *vaso concavo*. *Concavus* é o que se mostra inteiramente *ôco*, e por *concavare* exprimiui-se a acção de *excavar por dentro*. *Vas* diz o mesmo que *cortiço de abelhas*, e essa synonymia nos instrue sobre a passagem dos Asiaticos de suas moradas habituaes para o fundo das *furnas* (cavea), pois *cavus* significa *ôco* ou concavo. Ora, *cavea* tambem se traduz por *logar aonde se ajuntam as abelhas*, de modo que tudo se liga para nos representar a nova situação occupada pela raça vencida. O que sejam as *cavernas* do Egypto, pelo menos aquellas que foram visitadas pelos viajantes europeus, dil-o a descripção seguinte, feita por Denon, para quem essas admiraveis construcções são camaras sepulchraes, como aliás se pensa geralmente :

« As primeiras grutas não eram decoradas, mas tornam-se taes á medida que se elevam sobre a encosta (de

Thebas), e bem depressa não pude duvidar, não sómente pela magnificencia das pinturas e das esculturas, mas também pelos assumptos que ellas representam, estar nos tumulos dos grandes ou dos heróes. . . As esculturas eram incomparavelmente mais polidas do que tudo quanto eu tinha visto nesses templos : era cinzeladura. Estava eu maravilhado de que a perfeição fosse reservada a tumulos, a logares condemnados ao silencio e á obscuridade. Essas galerias atravessavam algumas vezes bancos de greda calcarea de um véo finissimo ; então os detalhes dos hieroglyphos ahi foram trabalhados com uma firmeza de toque e uma precisão que o marmore não offerece quasi em parte alguma, as figuras dadas por contornos de uma flexibilidade e de uma pureza da qual eu não acreditaria nunca a escultura egypcia susceptivel. . Fica-se impressionado da pouca analogia da maior parte dos assumptos esculpidos com o logar aonde se acham : ahi se me depararam baixos relêvos representando jogos, como dansarinos sobre a corda, asnos postos em passos de destreza, que se elevam sobre as patas trazeiras, etc. O plano dessas excavações não é menos extranho : ha tão vastas e complicadas, que se as confundiriam com labyrinthos, com templos subterraneos. Alguns dos habitantes me serviam de guias : penetrámos com elles nesses dedalos, que realmente se assemelham, por suas distribuições mysteriosas, a templos construidos para servir ás provas das iniciações.

« Em seguida ás peças tão bem decoradas que venho de descrever, entra-se em longas e sombrias galerias, que, por muitos angulos, vão e voltam, e parece occuparem grandes espaços : ellas são tristes, severas e sem decoração. Encontram-se de tempos a tempos camaras co-

bertas de hieroglyphos, caminhos estreitos ao lado de precipícios, poços profundos aonde não se pôde descer, sinão apoiado nas paredes da excavação, e pondo os pés em orifícios praticados na rocha; ao fundo desses poços acham-se novas camaras decoradas, e por uma longa rampa ascendente chega-se enfim a uma peça aberta, que acontece estar mesmo ao lado daquella pela qual foi encetada a viagem.

« Fui conduzido a novas sepulturas menos sinistras, e que poderiam ter servido de habitações agradáveis, pela luz, pela salubridade, pelo ar e pelo bello panorama de que se goza na respectiva situação.

« O rochedo, de natureza arenosa, está emboçado de estuque liso sobre o qual estão pintadas em todas as côres pompas funebres de trabalho infinitamente menos cuidado que o dos baixos-relevos, mas não menos curioso pelos assumptos que ahi são representados : lamenta-se que o emboço estragado não deixe acompanhar a marcha das ceremonias : vê-se pelos fragmentos que ahi são conservados serem esses actos funebres de extrema magnificencia.

« Traziam-me pedaços de mumias : eu promettia tudo o que se quizesse para ter completas e intactas ; mas a avareza dos Arabes meprivou dessa satisfação. Elles vendem no Cairo a resina que acham nas entranhas e no craneo dessas mumias, e nada pôde impedil-os de arrancal-a ; além de que o receio de entregar alguma que contenha qualquer thesouro — e elles nunca o encontraram em semelhantes disquisições —, lhes faz sempre quebrar o involucro de madeira e rasgar os de panno pintado, que cobrem os corpos nos grandes embalsamentos.

« Depois de penosas e infructíferas pesquisas, chegámos, entretanto, a um buraco diante do qual estavam esparsos numerosos fragmentos de mumias ; a abertura era estreita.

« Depois de nos havermos arrastado mais de cem passos sobre um montão de corpos mortos e consumidos pela metade, elevou-se a abobada, o lugar tornou-se espaçoso e a decoração apurada. Pudemos notar que a carneira tinha sido feita para a sepultura de dous homens consideraveis, cujas figuras, em relêvo, de dous metros 33 centímetros de proporção, se tinham pela mão; acima de suas cabeças estava um baixo-relêvo, onde dous cães á trella deitavam-se sobre um altar, e duas figuras ajoelhadas pareciam adoral-os, o que poderia fazer presumir que essa sepultura era a de dous amigos que não quizeram ficar separados pela morte. Camaras lateraes sem ornamentos estavam cheias de cadaveres, cujo embalsamento era mais ou menos cuidado, o que me fez ver com evidencia que, si os tumulos foram aparelhados e decorados por chefes de familia, não sómente seus corpos ahi se achavam depositados, mas tambem os dos seus filhos, de seus parentes, de seus amigos e de todos os famulos da casa. Corpos enfaixados e sem caixa jaziam sobre o solo, e havia tantos quanto o espaço podia conter numa ordem regular. Eu vi ahi, porque se achavam tão frequentemente, figurinhas de terra vidrada, tendo numa das mãos um latego e na outra um bastão adunco.

« O entusiasmo religioso ia até ao ponto de fazer pôr as mumias sobre leitos formados dessas pequenas divindades; eu enchi destas meus bolsos tirando-as aos punhados. Numerosos corpos que não estavam enfaixados me deixavam ver, que os cabellos das mulheres

eram longos e lisos; que o caracter da cabeça da mór parte era de bello estylo. Eu transportei uma cabeça de mulher velha, que era tão formosa quanto as das sybillas de Miguel Angelo e lhes parecia muito. Descêmos assaz incommodamente a poços profundissimos, aonde achámos ainda mumias e grandes potes longos de terra cozida, cuja tampa representava cabeças humanas.»

Quanto aos tumulos, que o citado viajante visitara anteriormente, e suppostos dos reis, diz elle :

«As pinturas encontradas na mór parte dessas camaras sepulchraes são de uma perfeita conservação, e as côres se acham tão frescas como si acabassem de ser applicadas. Os tectos são de um gosto que decoraria nossos mais elegantes salões. Em pequenas camaras separadas, elle achou pintadas sobre os muros as representações de todas as armas, taes como clavas, cotas de malhas, pelles de tigre, arcos, flexas, carcazes, espadas, dardos, sabres, capacetes, chicotes de cavallo e azoragues; em outra collecção, moveis diversos, taes como cofres de gaveta, commodas, cadeiras, sofás, tamborettes, leitos de repouso e dobradiças, de fôrma exquisita. Como a pintura não copia sinão o que existe, devemos convencer-nos de que os Egypcios empregavam para seus moveis as madeiras das Indias esculpidas e douradas, e que elles as cobriam de estofos bordados. A isso se juntava a representação de utensilios, como vasos, cafeteiras, gomis com suas salvas, chaleiras e corbelhas. Outra camara era consagrada á agricultura, com os utensilios aratorios, uma charrua tal como as do presente, um homem que semeia sobre a margem de um canal das bordas do qual a inundação se retira, uma ceifa feita á fouce, campos de arroz que se tratam. Em uma quarta,

certa figura vestida de branco tocando uma harpa de onze cordas : a harpa esculpida com ornatos da mesma tinta e da mesma madeira da qual nos servimos actualmente para fabricar as nossas. Emfim, essas excavações são um thesouro de antiguidades.» Bruce disse das harpas que viu nos mesmos suppostos tumulos : « Considerando-as, não podemos deixar de reflectir sobre os progressos espantosos que a musica tinha já feito para que um artista pudesse inventar taes instrumentos.»

Cavernas tambem existem perto de *Lycopolis* : ahi as montanhas estão cheias de semelhantes construcções. « Essas especies de gruta, diz P. Blanchard, serviram de asylo, durante os primeiros seculos da Igreja, aos anachoretas, cujos milagres enchem tantas e tão curiosas paginas de nossas legendas. Algumas dessas grutas são em abobada, outras em quadrado longo. Ellas são de um bello trabalho e carregadas de figuras symbolicas. A mór parte das cavidades forma salas muito espacosas, e todas de cerca de 10 metros. Algumas teem o interior coberto de figuras e de caracteres hieroglyphicos : distinguem-se ainda restos de pinturas sobre os tectos e nos concavos das figuras. Taes salas recebem a luz pelos respiradouros abertos na rocha; ellas possuem tambem poços profundos e cavados em fórma de quadras.»

Nesses esboços descriptivos, que acabamos de reproduzir, não se faz a precisa distincção entre as *grutas* e os *tumulos*, os quaes, segundo os archeologos, compunham-se geralmente de uma capella exterior, um poço e carneiros subterraneos. Referimo-nos aos tumulos monumentaes, porque os cadaveres dos pobres eram enterados na areia ou depositados em carneiros de tijolo amarello. As pequenas figuras encontradas nas grutas

lembram os bonecos que figuravam nas casas do *Latrium*, feitos de cêra e também de lã, sem falar nos de madeira, enfeitados de fitas e flôres, que eram depositados no *lararium*. As pequenas imagens offerecidas entre os Romanos a *Saturnus* e a *Plutão*, chamavam-se *oscilla*, nome também dado ao *germen do tremoço*, e á *redouça*. Sabe-se que *redouça*, diz o mesmo que *balança* (*libramentum*), e por este significado chegamos ao de *contrapeso das machinas de guerra*. Para manter o *equilibrio* da igualdade (*libramentum*), os Asiaticos se asy-lavam nas grutas subterraneas, impellidos pela pressão da conquista pelasgica. Por *contrapeso* fala-se da gente *côr de jacintho*, pois o vocabulo *sacoma* pôde ser decomposto nos termos *sacom* e *coma* (juba, pennacho de capacete). Está claro que se allude á alternativa entre *viver livre* nas cavernas, ou submeter-se aos guerreiros crinutos, que se apossaram do Egypto. Por outro lado, *saccus* (de *sacoma*, *contrapeso*), fala de *mendigos* (ire in *saccum*), e de *cilicio*; emquanto, por sua vez, *coma* exprime a noção de *cabeça* (*caput*), ou de *causa*. A *origem* (*caput*) dessas habitações subterraneas prende-se, portanto, á existencia dos *homens de alforge*, que são os *Pelasgos*, como nos prova a palavra *pellis* (alforge de couro). Trocaram-se as situações: os que dispunham da *bolsa* (*saccus*), passaram a usar do *cilicio*; e os que adoptaram a mendicidade, como profissão, bem que sustentada pelas armas, tornaram-se *cabeças* da sociedade novamente creada. E' isto que se traduz pela palavra *oscilla* (*redouça*), applicada ás pequenas figuras ainda hoje encontradas nas grutas admiraveis do Egypto.

Ellas eram offerecidas a *Plutão* e a *Saturno* porque o *Jupiter Niger* lembrava os adversarios dos Asiaticos,

emquanto o *deus da foice* foi o *germen do tremoço* (*oscilla*, *satus torni*). *Tremoço* se traduz por *lupinus*, e o *lobo africano* era o *Libyo*, como temos dito muitas vezes. Estaremos lembrados de que *Saturnus* figura na mythologia como *rei*, porque *devasta* (*regnare*), e agora nos informam de que aquella divindade é semelhante ao *tremoço*, porque esta planta, segundo a crença geral, *devora a terra* em que se a cultiva. As sementes do *lupinus* são duras e orbiculares, e as do *tremoço mosqueado* apresentam uma côr entre vermelha e azul, encerradas, como se acham, em uma *vagem* semelhante á das *favas*. Os *Libyos* eram como a *bainha* (*vagina*) da *espada ethiope*, — eis o que nos affirmam. Os primeiros assemelhavam-se ao *corpo*, os ultimos á *alma* (*corpus velut animæ vagina*).

As *imagens de barro*, como as que foram encontradas nas cavernas, chamavam-se *figulini* e *figulus* é o nome do *telhador*.

Já vimos que a *telha* é o emblema da *mania*, e eis porque se offereciam tambem a *Bacchus* as pequenas figuras de argilla. O termo *lini*, por *linum*, repete a noção de *envoltorio*, já representada por *vagina*, e não falaremos na *vacca vestida de linho*, chamada *Isis* (*liginera vacca*). *Lina plagarum* nos leva de novo a pensar nas *malhas da rêde*, em que os protectores dos *Ethiopes* foram envolvidos pelos seus pupillos. Como os *bonecos de barro* eram de louça envernizada, devemos considerar a phrase latina: *juniperi lacrima picturam linire* (*envernizar*). *Juniperus* fala do *zimbrow* (*arbusto*) e portanto da *rusticidade da egua mais moça* (*rus hippes junioris*), e, concurrentemente, do *cometa*, que se pôde designar, quer pelo nome de *Neptunus* (*Hippius*), quer pelo do *perigo*

(periculum). Estão assim descriptos os alliados, contra cujos assaltos se imaginou a protecção das grutas abertas sob os rochedos. A arvore que nomeamos fornece flôres envolvidas em uma *vagem* de côr violeta, e della se tira um *oleo* empregado na pharmacia como *emmenagogo*. A côr das polpas contida na *vagem*, é *aleonada*, de modo que pelo *junipero* se faz a descripção physica dos inimigos da gente asylada nas cavernas. As bagas do zimbro aromatisam a *genebra*, e este vocabulo corresponde ao que os Latinos davam á cidade dos Allobrogos (Geneva), hoje *Genova*. *Allus brochus*, donde *Allobrogo*, dá ideia de *pygmeu de beíço cahido* ou saliente (*alus viri*), que tinha ainda os dentes encavalleirados (*brochitas*). Por outro lado, *generis aeva* traz á collecção as *raças nobres*, que em vir tude das *oscillações* causadas pela fortuna assumiram papel preponderante no scenario do universo; mas naquella phrase se pôde lêr tambem o nome dos mais antigos habitantes da terra, que eram os verdadeiros principes de nossa especie degenerada. Assim, os brancos do Egypto seriam como a *genebra*, que as bagas do zimbro pelasgico vieram aromatizar. A *piktura*, para que concorrera a *lagrima do arbusto*, é o *encaixe do paul* (*lacunæ climacis*), que deu á physionomia da raça o aspecto de um *panno pintado*, como tantas vezes temos dito (*piktura*). Eis o que facilmente se collige das *figuras de barro*, que representam os novos chefes da humanidade, pygmeus ridiculos, elevados pelo proprio orgulho insólrido ás proporções de gigantes. Esses anões eram, entretanto, chamados *gigantes* nas descripções da fabula, porque o *gigantesco* se confunde com o *monstruoso* (*monstrum*), e aquelles que lembrariam os heróes de Liliput causaram espanto pela sua voracidade (Heu prodigia ventris!).

Disseram-nos que as *pequenas figuras de barro* tinham numa das mãos um *latego*, e na outra um *bastão retorcido*, symbolos da autoridade pelasgica. Ordens tortuosas, desencontradas, ineptas, por um lado, e *flagellações* applicadas sobre os rebeldes, como meio de manter o respeito e a obediencia pela insensatez enthronisada. Devemos notar, que as mumias dos brancos não estavam *enfaixadas*, como nos conta o viajante indicado; prova de que o emblema do poder publico ou privado (fascia, fascies) merecia dos Asiaticos a mesma consideração que os creadores da politica e dos governos. A mulher velha, de cabellos longos e lisos, e tão bella como as sibyllas de Miguel Angelo, poudeser carregada pelo viajante ou profanada no seu tumulo; e os Arabes vivem impunemente a fazer commercio de cadaveres, mais dignos de veneração que todas as estatuas levantadas nas praças das cidades europeas pela gratidão posthuma dos modernos. Os longos potes de terra cozida, cuja tampa representava cabeças humanas, dão testemunho da capacidade dos heróes pelasgicos (*caput longum*), que só continham humor crú, aquoso (pituita), semelhante ao *ranho* (pituita nasi), para não falar na *gosma* e na *peçonha*. A *cabeça humana sobre o vaso* (amphora), dá ideia de um *grande bebedor* (amphora), que vivia associado ás *medidas de capacidade*, e cuja origem era *humida* (humana, mana humus), como a dos emigrados de Guiné... Pois que pela expressão *mana humus* se designa a *boa terra*, lembraremos que os terrenos daquella região africana são admiravelmente ferazes, mas como se impregnassem de humus, dahi a comparação que se faz da *terra* com o *bebedor* (*lætitia humi*). Não se póde duvidar que os Pelasgos sejam uma *raça indefluxada*, e como já nos cha-

maram a *lagrima do zimbro*, não é muito que nos façam conhecer pelo nome de *moxco* (pituita), e lembremo-nos, a proposito, de que *resinatus* se dizia do homem effeminado ou mulherengo.

Disse C. Fourier que o *defluxo* era a origem de todas as doenças, e a palavra *fluxio* leva a *fluxus* (molle, enervado). E' portanto, a molleza a causa determinante de muitos padecimentos que nos assaltam na vida; e neste sentido, é singular que a palavra *epiphora* (defluxo), prenda-se pelo radical a *epicus* (cousa dos heróes) e a *Epicurus*, nome do philosopho grego, que considerava o prazer como o summo bem. Mas o segundo termo da voz *epiphora* fala de *cura* ou dorna (fora), de modo que a ideia de *catarrhal* acha-se na historia associada á de *bebedeira*, como aliás nos indicaram pelo symbolo das *amphoras*, encontradas nas grutas do Egypto. A heroidade de nossos maiores participava da natureza dos licores espirituosos, e é sabido que a razão de aguardente faz-se indispensavel mesmo aos melhores soldados. Si limitassem o consumo do alcool, seria bem possivel que a valentia baixasse de gráo e é, pelo menos, o que se deve concluir da lição que nos transmittem por intermedio da *cabeça indefluxada*, que figurava nas *amphoras* egypcias.

Os Asiaticos guardavam os seus mortos nas grutas que tiveram de habitar por força da necessidade. Esse costume transmittiu-se a diversos povos pelasgicos, mas alterado por ceremonias grosseiras e mesmo selvagens. Assim é que em Ceylão, como informa Garcia de Rezende, os finados eram dependurados em fumeiros, e entre os *Mencopis* dão ás mulheres como ornamento o craneo dos seus mortos. Os Boschimans, dos quaes des-

centemos em linha recta, abandonam os cadaveres ás fêras, e nisto não se mostram mais atrasados do que os antigos Persas. O uso das cavernas sepulchraes é geral, dizem, na Palestina e Asia Menor. A ideia de que o tumulto era um prolongamento da vida não podia occorrer aos Pelasgos; e por isto algumas raças inferiores, que delles descendem, expõem os cadaveres á voracidade dos animaes. Aquellas tribus que, á semelhança dos *eschimós*, dos *bodos*, dos *cafres*, dos *tapuyas*, depositam provisões de comida sobre a cova, aprenderam um uso, que tinha por fim representar a preocupação maxima dos individuos, que era o *alimento* (pastus). *Pastus* significa que o fallecido fôra cevado durante a *vida*, e por isto *vita* traduz ao mesmo tempo a ideia de *existencia* e de *nutrição*. Como sabemos, os Pelasgos viviam, aonde quer que se estabelecessem, á custa dos fructos do trabalho alheio, e por isto ás lagrimas do enterramento (pastus fletu moeror) não se deixava de associar a ideia de *pascigo*, tanto mais quando *pastus* combina as significações de *roido* e *engordado*. Eis que as carnes consumidas ou *roidas* pela terra, ainda falam daquelles que concorreram para anedial-as!

Benfey liga á palavra *caverna* a raiz *ku* ou *sku*, que exprimia a ideia de *cobrir*; e como a outra fôrma de *cavus* é *koilos* (concavo), acha-se por *cohibire* a ideia de *deter* e por *hilum* a de *olho negro das favas* (hilum), *odioso* para os refugiados (osum) do Egypto.

O meio, portanto, de *deter* a caçada dos vencedores era mergulhar nas *cavernas*, e por isto *cavere* fala de *acautelar-se*, de *evitar golpe* ou pancada. O mesmo se revela pela raiz *sku*, que se liga directamente a *scutius* (escudo); protegendo-se com as cavernas, os Asiaticos

faziam o que nos disseram pela phrase latina: *scuto vobis magis quam gladio opus est* (precisais vos defender mais do que atacar). Foi essa a divisa dos civilisadores do Egypto, que podendo esmagar os seus adversarios, preferiram tomar a defensiva, até que a integridade da raça desaparecesse pelo contacto, cada vez mais estreito, dos invasores. A fusão entre negros e asiaticos operou-se lentamente, mas de modo continuo; e pois que os brancos de hoje não logram perpetuar sua raça no Egypto, é de presumir que o mesmo acontecesse aos constructores do Nilo, cuja posteridade teria diminuido insensivelmente, á medida que a raça mestiça se expandia vigorosa.

Em nossa palavra *caverna* se pôz com a ideia de *protecção* (cavere) a de *escravo nascido na casa do senhor*. Os vencidos, não ha duvida, eram egypcios; e por *vernare* somos advertidos de que sob as abobadas subterraneas os homens que se comparavam ás abelhas, *entraram de novo a trabalhar*, produzindo as maravilhas diante das quaes os europeus não podem dominar o assombro. O vocabulo inglez *clen* (caverna) prende-se a *cline*, que dá ideia de *leito para divindades*; e, entretanto, *clenicus* é o nome dado aos *galos pingados*, de modo que os nossos maiores ligavam á noção de *deuses* a de gente reduzida á situação de mendigos.

Dessa conjuncção de ideias nasceu o typo ideal do *Christo*, que participava de duas naturezas, ou era ao mesmo tempo *asiatico* e *africano*. O christianismo, religião concebida e creada pela cultura dos nossos antepassados da India, uniu as tradições, que vinham de duas direcções oppostas, e representou-nos a divindade com^o alguma cousa que oscilla entre o céo e a terra, mas con-

tradictoria, sem que deixasse, entretanto, de ser admiravel e profunda a concepção fundamental dessa theologia inspirada na realidade da vida pelasgica. Acontece que o *medico* (clanicus) é na legenda christã, ao mesmo tempo, *doente*, como a palavra latina nos revela; e o homem obscuro, que desce ao fundo das cavernas, mostra-se superior ao *patricio* que se repimpa na sua cadeira curul. Si o christianismo pendesse exclusivamente para o regimen aristocratico, não seria uma reforma, mas uma aggravação dos males que enchem a historia da moral e da politica antiga; si volvesse, ao contrario, para a democracia pura, não seria comprehendido, nem teria rasgado os horizontes, que recuam cada dia, sob o influxo do ideal christão. Nesse systema religioso consultou-se ao *pendor* (clinamen) de uma parte da humanidade, isto é, daquella que soffria, mas não achava resignação no espectaculo geral que offerecia a vida dos homens, entalados, como ainda hoje, entre o *orgulho* e a *impotencia*. Ora, o sentimento que nos pôde conciliar com as dôres da existencia é aquelle mesmo que se representa no justo padecente, mas resgatado de sua miseria pela esperanza de um mundo melhor. Neste caso, o *orgulho* humano contemporisa com a realidade, porque está imbebido na illusão e conta com a desforra.

A noção de *cobrir* ou proteger manifesta-se tambem atravez da palavra *crinis* (madeixa) ou *crinire*; e o *brilho das estrellas* (crinis) casa-se aqui com os *cabellos soltos* dos homens das cavernas, o que trará á memoria o retrato da mumia notado pelo viajante (Denon), segurado já ficou dito. Tambem o *cometa crinito* com que vimos comparados os Pelasgos, reaparece na expressão *crinita stella*,

e não precisamos insistir sobre outros factos que se apensam á fôrma da palavra ingleza (clen).

Por *specus* (caverna) chegamos aos habitos observadores dos refugiados (*speculari*), que dos seus mirantes no cimo dessas construcções subterraneas espraivam o olhar pela planície e continuariam a estudar o segredo dos astros, da terra e dos homens (*speculari*). De *spelunca* podemos passar á noção expressa por *expellere* (lançar para fóra), porque se quiz notar a situação dos vencidos, varridos de suas antigas habitações pelo furacão da guerra e da conquista. O termo *lunca* (de *spelunca*), resolve-se em *runca* (escardilho, sacho), que fala do instrumento de excavar a terra, mas sem esquecer o *damno* soffrido pelos constructores das cavernas (*sarcire*), que procuravam *remendar* um manto despedaçado, qual o de sua antiga grandeza. Os refugiados partiram para a morte (*sarcinam colligere*), desacampando das cidades, pois o *peixe* voador (*sar*) havia revestido a tunica purpurea (*sarapis*). A *banda branca*, que essa tunica persa tinha pela frente, mostra-nos ao vivo a retirada dos Asiaticos diante das ameaças da gente togada; e assim a princeza do mundo antigo (*Sarah*) foi metter-se nos *sarcophagos*, imitando a propriedade da pedra que servia para consumir cadaveres (*sarcophagus lapis*). Os *vencedores* eram então a *gordura* ou a obesidade personificada (*sarcoma*), e o arbusto insignificante do Nilo (*sari*), se metamorphoseara em *cabeça* (coma) da região nilotica.

A fabula de *Prometheus*, bem que se adapte á historia primitiva do Latium e da Grecia, além do sentido mais geral que offerece, foi inspirada pelo destino doloroso da raça branca, nessa primeira estação de um longo martyrio, que foi o Egypto. A divindade extranha que Eschyles

fazia descender de *Japeto* e de *Themis*, e Hesiodo, de *Japeto* e de *Clymene*, é a mesma que apparece agora no fundo das cavernas, e mais tarde se mostra sob feições demudadas, representando o homem da conquista pelasgica. *Japetus* significa *Janûs pectus* ou *foedus*, que é o espirito da raça do Egypto, mestiçada pelos cruzamentos com os brancos. A *parte intellectual* de nossa humanidade decadente deriva dos Asiaticos, e por isto se disse, que *Prometheus* era da progenie de *Japeto*, *genus Japeti* (filho de Japeto), como se exprimiu Horatius. O nome de *Clymene* apparece na fórma, já considerada, da palavra ingleza *clen*, mas, sob a relação mythologica, designa o novo leito dessa divindade (latim *cline*), que não teve altares nem estatuas, mas que viverá eternamente no pensamento humano. *Clinamen*, diz o mesmo que *pendor*, *inclinação* (mumen), palavra que se traduz por *fastigium* (cume, remate), de modo que o deus obscuro e mesmo desprezado do paganismo terá de surgir mais tarde como o *Messias promettido* (*promissus deus*, Prometheus). Por *clinamen*, nos designam ainda a *cavidade* que serviu de asylo á victima de *Jupiter*, o representante da soberania ou do poder supremo entre os Pelasgos.

Na tragedia de Eschyles assim fala o prisioneiro do Caucaso: « Esse principe dos immortaes (Jupiter) terá de recorrer ao meu descortino para conhecer o novo inimigo que lhe deve roubar o sceptro e as honras. Mas baldados serão os encantos capciosos da persuasão e as ameaças de que se arme; eu não revelarei esse segredo enquanto elle não romper os meus grilhões e não reparar a injuria que soffro. » Por *inimigo* se entende o *demonio* (inimicus), e *demonio* traduz-se por *genius*, palavra esta designativa da divindade que preside á existencia de cada indi-

viduo. Como é que o *genius* alludido podia usurpar o sceptro e as honras até então conferidas ao rei dos deuses?

A explicação do caso se acha nas outras significações referidas á palavra *genius*, como as de *barriga*, *appetite*, *sensualidade*. A voz *democracia* formou-se por intermedio de *doemon* (demonio), e nesse regimen social o sceptro passa fatalmente do privilegio fundado na tradição, ao *talento* (*genius*), que disputa, como os famintos, o alimento. E nos tempos que correm a *barriga* é o genio inspirador das associações humanas, do pequeno e do grande, do rico e do miseravel, do trabalhador e do ocioso, do talento e da mediocridade.

Ora, a mesma palavra que designa a *caverna* aponta para a questão maxima de nossa época. *Barathrum* é o *ventre* e o *esconderijo subterraneo*, donde se conclue naturalmente que resvalamos por um *despenhadeiro*, que vai do *abdomen* ao *abysmo* (*barathrum*), e a nossa situação actual, como sociedade, é a de um *pego revoltó* (*barathrum*).

Digamos logo que o nome do *Caucaso*, decomposto em seus elementos morphicos, nos offerece a ideia de *quéda na caverna* (caveà casus). Pelo que se chamou *questão social*, a humanidade pelasgica regredirá da civilisação para a selvageria, e por isto se poz no vocabulo *successus* (antro, caverna), a ideia de *escorrêgo* (lapsus). Compara-se essa *regressão* ao vôo descendente de uma ave, que attingiu grandes alturas, e dessa arte nos previnem de que a nossa *andadura* (ingressus) é como um passo de carga para o *precipicio*. Isto justifica a synonymia estabelecida entre *ingressus* (passo, caminho, entrada), com *successus* (lapso, boqueirão). Eis o *segredo* que Prometheu só devia revelar a Jupiter depois que este o libertasse dos

grilhões (nervus), como para dizer que a verdade sobre o futuro da humanidade só poderia ser conhecida depois que a velha raça dos civilizados da terra se houvesse desatado dos *laços* da vida ou do *corpo* (nervus). *Grilhão* traduz-se por *vinculus*, *carcer*, e si a *Jupiter* competia livrar a victima do Caucaso das cadeias que o retinham, é que o *rei dos deuses* representava a maior dignidade do mundo antigo, e por *supremitas* (dignidade eminente) se designa tambem os *ultimos momentos da existencia*. Dahi a confusão entre *Plutão* e *Jupiter* (*Jupiter niger*), pois a potestade dos infernos era um symbolo da *morte* (*Orcus*).

Themis, a mãe de Prometheus, segundo Eschyles, é a *justiça primitiva*, mas que foi *despedida* (emissa) ou repulsada (repulsa) das praticas ordinarias da vida pelasgica. Por *Themis* chega-se a *thema* (horoscopo), e a ideia de *horoscopo* unida á palavra *astrum*, nos adverte sobre a distancia que medeia entre o homem de hoje e o reconhecimento do direito ou a execução indefectivel das leis. Como *thema* fale de *similhança*, *conjectura*, *fabula* (argumentum), já se vê que *Themis* não offerece muitas vezes aos seus cultores mais que a imagem ou arremêdo da verdadeira justiça (omnes fabulam facere). *Themis* ou *Clymene*, que fosse a progenitora do grande encarcerado da fabula, apura-se em todo caso de qualquer desses nomes uma indicação preciosa sobre um momento desconhecido ou perdido da historia da velha raça extincta. Em *Clymene* se encerra ainda a ideia de *pastelleria fina* (cluma, globulus), o que nos conduz á noticia da modificação soffrida pelo typo primitivo de nossa estirpe (dulciaria pistoris ars), e o deus que entra a resplandecer para os seus descendentes degenerados foi o mesmo que lhes

dispensou os dotes e louçanias com os prazeres do espirito (*bene de multis promereri*). *Promus*, diz o mesmo que *despenseiro* (*præbitor*) e na palavra *præbitio* se lê a ideia de *hospedagem* e de *agaçalho*, e não ha duvidar que o *economista* da familia pelasgica (*sumptuarius*), foi tão *sumptuoso* quanto *abrigado* (*sumptuosa dignitas*).

O grego *promêthês* denuncia a *previdencia* do genio que presidiu ao destino de nossa raça. Mas refere a fabula que *Prometheus* foi condemnado por *Jupiter* ao supplicio do Caucaso, ou, como disse Tertuliano, ás angustias e martyrios da *cruz*, porque *roubou o fogo do céu*, e este asserto ficou até agora ir comprehendido. A *parte do céu que encerra o fogo* é chamada *æther*, e por *æther* se designa o *ar* e a *luz*. Ora *lux* (*luz*) tem a traducção de *illustração*, *gloria*, *ornamento* e *lustre*, emquanto por *conceptus* (acção de tomar o fogo) se indica a *razão* e a *intelligencia*. *Ar*, diz por *aura* o mesmo que *alma*, *espirito*, de modo que o roubo de *Prometheus* (*conjicere ignem coeli*) se reduz a *prever o fogo celeste*, que deve incendiar o nosso planeta. Veremos mais longe que esta previsão existe, mas por emquanto attentemos para o motivo menos remoto da condemnação do deus (*conjicere lucem*), que se limita á posse de faculdades superiores, de uma razão esclarecida e providente. *Prospectus* (*previdencia*) fala tambem do *aspecto exterior*, e si *Jupiter*, como juiz ignaro, condemnou a *previdencia* de *Prometheus*, está claro que essa *condemnação* se resolve num *rebaixamento* do typo primitivo da raça a que pertencia o rei dos deuses (*premere prospectum*). *Retractare*, synonymo de *premere* (*condemnar*), nos informa dessa *tomada de posse* de uma fórmula característica, deprimida por circumstancias que já nos foram patenteadas. *Jupiter* é

o *caldo pôdre* (jus puter), em que foi temperado o sangue de uma natureza superior, e por isto a palavra já examinada (conceptus, *tomar fogo*), reúne á ideia de *geração* a de *florescencia*. A verdade é que o vidente do Caucaso insuflou a sua alma nas *figuras de barro*, que se nos tornam conhecidas pelas miniaturas encontradas nas cavernas do Egypto. Ainda vivemos e viveremos moralmente por elle, ou poderíamos exclamar com o poeta:

«Non! jamais de grands dieux fabricateurs de nains,
Ne pétriront cette âme en leurs avarés mains.»

Conta Hesiodo que Prometheus depositou uma scintella do fogo inextinguivel na *haste de uma ferula*. A *cannafrecha* (ferula) possui um amago inflammavel como polvora, e ella vale com *individuação* dessa classe de homens que veio para o Egypto da *costa* de Guiné (ferula, *ferae ora*). Mas *ferula* é synonymo de *virga* e esta palavra inscreve a *canna frecha* entre os *renovos* da humanidade recente, que descende de Bacchus.

De facto: por *tyrsus* (haste) se chega á indicação do *tyrso* de Bacchus, enquanto *corymbia* (haste da cannafrecha), nos mostra a viagem do *liber pater* (corymbia via) e o *cacho de hera*, que era emblema dessa divindade. Si *Prometheus*, como disse o poeta grego, depositou uma scintella do fogo inextinguivel na *haste da cannafrecha*, explica-se o facto pela transmissão dos lumes excelsos da intelligencia a esse ramo deformado da familia humana. *Favilla* (faisca) tambem designa a *cinza*, e já sabemos que a nova raça surgiu sobre a *fogueira mortuaria* (cinis) de seus protectores e amigos. Não esqueçamos que *hedera* (hera) mal occulta a noticia de

uma *era caprina* (hædi hera), o que se afirma ainda pela phrase conhecida de Plinius: *silenitium hederæ genus*.

Como a *ferula* seja designada pela locução *sceptrum paedagogorum*, é facil presumir o influxo pedagogico exercido sobre os Pelasgos pelos seus mestres civilisados. Os *esgalhos da velha arvore* (*ferula*), que são os mestiços oriundos do Egypto, ainda empunham o *bordão de arri-mo* (*ferula*), que se transformou em força e poder autoritario (*baculus*); mas a fragilidade da *canna frecha* nos adverte sobre a inconsistencia do despotismo ou ty-rannia exercida por nossa raça. Bem que *baculus* fale de *maço de ferro*, a experiencia nos mostra que elle pôde ser comparado á *canna frecha*, e não seria extraordinario que o vissemos arder nas mãos dos escorchadores de povos. Os versos do *Prometheu*, de Edgar Quinet, traduzem de algum modo a situação dos poderosos do nosso planeta.

«Oh! malgré votre foudre et votre inimitié,
Grands dieux! dieux tous puissants! vous me faites pitié !
Rien n'égale a mes yeux votre immense misère ;
Froidure, ardents soleils, pluie, aquilons, poussière,
Tout vous blesse et vous nuit, et rien ne vous défend.
Un roseau fait pencher votre front triomphant.
Vous vivez de fumée, ó pasteurs des nuages !
Vous vieillissez d'avance en lisant les présages !

A proposito do mytho de *Saturnus*, dissemos que pela phrase — *Caucasum induere* se exprime a ideia de *ficar deshumano, inexoravel*, como acontece aos povos da Europa, responsaveis por todos os cataclysmos moraes e politicos que soffrem as nações do occidente, sem

falarmos nas avánias sangrentas que elles pastorêam. A *cruz* do Caucaso, a que se refere o padre da Igreja, annunciava o advento de *Hercules*, o deus que deve romper as cadeias de *Prometheus*. Não precisamos dizer que se trata da *força*, para que appella o proletariado moderno, successor daquelle que encontrámos nas cavernas. Nós, sem o sabermos, assistimos aos trabalhos do Hercules fabuloso: *ærumna Hercules* (trabalhos de Hercules) diz que seremos invadidos pelo *desasoscego*, precursor da *prostração de animo* (*ærumna*), que se segue á *derrota*.

Trata-se do problema da *miseria* (*ærumna*), a que tantas vezes nos temos referido; mas a phrase *alicui canes exsolvere* (libertar alguém das cadeias) diz o mesmo que— *largar contra alguém a matilha*.

A *força*, com que se procurar resolver a mais tormentosa questão de nosso tempo (*vis canum*), tomará, como nos dizem, a fórma de uma invasão de molossos, e si algum ingenuo ignora ainda donde virá o perigo proximo ou futuro, ahi está a palavra *cruz*, que nol-o revela.

Statera (cruz) diz pelos seus elementos morphicos o mesmo que *statûs tela* (têa da riqueza), emquanto *libramentum* (synonimo de *statera*, (balança), allude a um estado de *nivel* e de *igualdade*. Será, portanto, na *situação mais prospera* (*status*), da *industria* (*fabrilis machina*) e em nossas sociedades vastamente niveladas, que se erguerá o espectro ensanguentado da revolta. Toda a sciencia do estadista deve convergir para crear e manter um estado de *equilibrio* (*statera*, *libramentum*) entre as duas forças que disputam a supremacia economica da terra. O momento propicio para esse trabalho de renova-

ção está perfeitamente assinalado pela expressão *crux pendula* (timão do carro). Quando o symbolo christão estremeceu sobre suas bases, e a crença religiosa tornou-se *inconstante* e *varia* (pendula), seria tempo para soffrear os impetus do egoismo mortifero, e tentar essa tarefa gigantesca, qual a que se encerra no restabelecimento do equilibrio social, perdido agora para sempre. Aquelles que detinham o *timão do carro*, os governos e partidos, não quizeram ver os raios que fulminam os paralyticos (*fulmen statûs*).

Não falámos do *figado atassalhado pelo abutre*, na legenda de Prometheus. Explica-se o caso, no passado, pelo *negro que se tornou bruno ou amarello escuro*, desde que o seu sangue se combinou com o do *branco*. Como das experiencias conhecidas, de Claude Bernard, resultasse a prova de que o *figado* é um *fabricante de assucar*, eis que a *pasteleria fina* (*dulciarii pistoris ars*), ou o alludido *elemento edulcorante* do sangue pelasgico, reaparece atravez da voracidade do *abutre*. *Vultur* (abutre) resolve-se em *vultus uri* (physiologia do boi selvagem, do uro); mas no *abutre* a fabula poz a imagem do *homem rapace*, que se alimenta da substancia alheia (*vultur*). No presente social é a *colera* (bilis) da classe proletaria convertida em feveras de carne tenra e saborosa, que o *passaro negro* arranca do figado da massa trabalhadora. *Hepar* (figado) dá-nos pela locução *epicus par*, a idéa de um *para epico*, renovando uma das significações de *statera* (balança, jugo). Sabe-se que *casal* (par), traduz-se por *jugu n*; donde podemos concluir, partindo da licção dos vocabulos, que a *escravidão* moderna (*jugum*), sem fazer esquecer as insurreições do Spartacus antigo, terá um desfecho *heroico* (*epicus*), onde se ouvirá o som da *trom-*

beta (tuba, poema heroico). O *Apocalypse*, que é a *revelação* dos arcanos até agora impenetráveis de nossa raça (criminis patefactio), encerra a epopéa prepostera que nos annunciam, e já começada pelos acontecimentos hodiernos.

Ainda uma vez se repete que a *alma pelasgica* é como uma infusão do espirito da raça culta, pois *jecur* (figado), resolve-se morphicamente em *genii cor e cor Secutoris* (coração do genio ou de Marte, vida, alma do genio ou de Marte). Esta circumstancia explica porque diversos povos teem o *figado* como a séde da *coragem*, do poder espiritual no homem. Houve quem fizesse derivar a palavra franceza *foie* (figado), de *focus* (fogo, brazeiro); mas, sem recusarmos a etymologia, lembremos que ella tambem se liga a *foedatus* (sujo, mutilado). A mais volumosa de todas as glandulas, e a unica a receber *sangue negro*, apparece na fabula de *Prometheus* como em estado de perpetuo renascimento. Isto nos adverte de que o *hepar recedivum* (figado renascente), devorado pelo abutre, será como o argumento sempre renovado de um *poema periodico*, consagrado á descripção dos factos e esperanças da classe proletaria. O nosso vocabulo *figado*, póde ser decomposto em *figuratus actus*, e esta locução nos fala da *representação por allegoria de uma peça theatral*. O *movimento* (actus), dos descendentes obscuros de Prometheus para livrar-se das garras de seus exploradores, não terminará por uma situação definitiva, resultado de victoria decisiva e completa; mas os luctadores, quebrando as cadeias que os manietam, serão ainda devorados pelo *passaro negro*, que é o symbolo de nossa raça. Os Latinos, para traduzirem a ideia de uma cousa incrível, usavam desta expressão allegorica: *profert jam*

cornua vultur (nascem cornos no abutre). Isto quer dizer que os exploradores da miseria haveriam por fim de desvendar (proferre) a parte cornea dessa natureza inexoravel, em que a *rapacidade humana* (vultur) tem fundado o edificio cambaleante de sua fortuna.

Que se trata no caso da *crise do trabalho*, dil-o ainda a palavra *arbor*, que falla de *cruz*. Os *ramos* ou *braços da arvore* (ramus) fazem referencia á *produção*, e a esta se liga a ideia de *soffrimento*, *supplicio*, *martyrio*, expressa pelo vocabulo *crux* (cruz). Por outro lado, *caudex* ou *codex* (tronco, raiz de arvore), encerra uma referencia áquelles que eram tratados como *asnos* ou burros de carga (caudex).

Em *codex*, por sua vez, se pôz a noção expressa por *opus* (obra), e desta arte ficamos advertidos da relação que se trava entre o *trabalho* ou a mão de obra, e o *soffrimento* das classes trabalhadoras.

As *leis* (*codex*), creadas pelo espirito estreito e cupido das classes governantes, são como as raizes desse velho infortunio, representado pelo symbolo christão. Pela *haste* da cruz (*robur*) faz-se menção da *força* e *robustez* das sociedades modernas, que residem na *industria* (*opus*, *opera*); mas esta pôde ser comparada ao *fiel da balança* (*scapus*, *haste*), que, devendo estar no *prumo* (*libramentum*), resente-se, entretanto, de qualquer differença no *peso* das conchas, e a proposito deve ser lembrado o conceito do poeta: *justum geminâ suspendere lance librae*.

A justiça deve intervir para crear e manter o equilibrio entre interesses oppostos.

O *deus* que foi condemnado ao *supplicio* da cruz é o mesmo *promissus deus* (Prometheus), da legenda

christã, mas que veio antes e de pois do Christo. O termo *mete* que se lê na palavra *Prometheus*, fixa a relação entre os dous extremos ou *balisas* (*metae*), e si encerra a ideia de *pavico*, *pavor* (*metus*), tambem a expressão *portare crucem* (levar a cruz) fala de *encerrar e causar dores torturantes, trazer pestes e flagellos*. Os *lenhos da cruz*, si rememoram o cruzamento de duas raças, que se operou mediante atrozes e indiziveis soffrimentos, e por isto correspondem sob a relação historica aos *obeliscos* (*trabs*), representam igualmente as *velas dessa não mysteriosa* (*trabs, malus*), em que deslisam para um futuro tragico e sangrento as populações do globo. Nós somos o povo da *Vera Cruz*, e si mais tarde saberemos por que ligaram semelhante denominação ás terras que habitamos, desde já podemos offerecer ás outras raças do planeta um especimen legitimo e não contrafeito do symbolo christão. A figura humana que a legenda fixa na cruz do Calvario tem as *mãos* trespassadas por *cravos*, mas *clavus* fala da *canna do leme*, que permanece ainda entre as mãos de uma classe restricta. *Manus confictae* (mãos trespassadas) vale por *obra arruinada* (*manus quassa*), ou *poder que se abala* e caminha para a derrocada, como as *fendas* adnunciam. E' preciso, portanto, ver nas *mãos do martyr* a historia do *governo* (*manus*) que caminhou até agora de baixo para cima, permanecendo immovel entre as *miserias* de uns (*extremum*) e a cynica *abastança* de outros (*cornu*). A victima immolada ás fúrias da população delirante deverá *resuscitar*, mas sob a fórma de um *deus* (*numen*), que é o pendor ou a *inclinação* natural de todos os homens (*numen*), para sahir de sua propria esphera e tornar-se omnipotente (*adhaerere lateri dei*). Mas o *resuscitado* desceu antes aos *Infernos* (*Dis*), e

Dis é também o *deus da riqueza*, de modo que o martyr de ha pouco passa a *nivelar-se* com seu inimigo de hontem (descendere ad Ditem), depois de lhe relevar os peccados, que se tornaram praticas ordinarias da vida (veniam dare admissis peccatis). Todos os delictos de uma geração vão assim pesar sobre a cabeça de outra, mas o *redemptor* não deixará jámais de ser *rendeiro* (redemptor), prova de que as *rendas e tributos* serão immortaes como a crença nos milagres.

Ao primeiro dia, os fanaticos matarão o *justo*, e sabe-se a significação de *justus* (que tem o que lhe pertence). Ao segundo dia, dar-lhe-hão sepultura, mas os *discipulos* (discipuli prioris diei), que cumpriram esse dever sagrado, já estarão de posse das doutrinas do mestre para arremedal-as (sectator). Ao terceiro dia, porém, resuscitará o *sepultado* (in vitam redire), porque não se perceberá a menor differença entre o *martyr* de hontem e o *deus* de hoje. O morto será assim renovado (restitui, restaurari), e subirá num *coche de nuvens* para o céu (curris triumphalis), porquanto está destinado também a desaparecer num *turbilhão de pó* (nubes), depois de viver em sonhos a vida inteira (captare nubes), como os dominadores que não vêem na *cruz* o seu futuro *supplicio*, mas apenas o *perdão* de suas grandes culpas.

Menandro dizia que *uma tocha accesa fôra o unico dom assignado a Prometheu*; mas não precisavamos sabel-o para descobrir a natureza da missão confiada ao inimigo de Jupiter. O elemento *mete*, do nome indicado, designa as *pyramides* (metae) e por *pyramis* se chega á noção de *fogueira do Messias* (pyra missi). Que o facho acceso de Prometheu viajou e viajará pelo mundo, dil-o a palavra *pyramis*, de outro modo decom-

posta (pyra missa). E podemos ajuntar uma nova circumstancia á que nos foi relatada. A *fogueira* de que se cogita é o futuro *cháos*, porque *congeries* (cháos) é synonymo de *pyra*. Podemos outrosim, satisfazer a curiosidade humana a respeito das victimas infalliveis do *incendio* da terra (ecpyrosis), representado, bem que de fôrma reduzida, pelas pyramides. O *Messias*, chamado *Christus*, faz parte de dous mundos differentes, sinão oppostos : o dos *ricos* e o dos *sordidos*; e por isto *unctus* (ungido) reúne as duas significações dispaes. Refere Hesiodo que Hercules matou o passaro que devorava o figado do vidente. Ahi se fala de *aguia* ou *abutre*, e si já expuzemos o que esta palavra nos suscitara, falta considerar o nome da *aguia*. *Aquila* diz o mesmo que *bandeira* ou estandarte das forças militares, e ninguem ignora que o *Hercules* proletario (herciscunda collisio) moureja e se esbofa para supplantar o abuso da *paç armada*. Pois bem : si a morte dos exercitos permanentes (aquila) não pôde ser afastada, consignemos, entretanto, que na phrase *corporare, conficere aquilam* (matar a aguia), se pôde ler com segurança : *incorporar o exercito*, para *aperfeçoal-o*. O proletariado não fará outra cousa si quizer viver e manter-se integro; o que ainda nos é revelado pelo termo *rom* da palavra *Prometheu*. *Rom* ou *rum* é a madre morphica donde se tirou o nome de *Roma*; pelo que somos informados da interdependencia que se trava entre a *têta* (rumen) ou a *rumiadura* (ruminatio), e o *brilho das armas* (lumen) ou da *gloria* militar.

Nos baixos relevos do Louvre e do Capitolio vê-se a Prometheus, que forja o corpo humano, enquanto *Athenê* insuffla-lhe a alma sob a fôrma de uma *borboleta*.

Sabe-se o que isto significa? *Prometheus*, na forja de que nos falam, tirou de si mesmo a scintilla que devia abrasar o homem (conflare corpus); e *Minerva*, que é a índole natural ou o genio da humanidade, deu-lhe a coragem (animus), sob a figura de uma barraca de guerra (papilio). Eis a borboleta (papilio), a que os Latinos também davam o nome de *pyrausta*, como para approximal-o de *pyra* e de *pyramis*. *Pyrausta* é a fogueira absorvida (pyra hausta), assim como *Minerva* (índole, natureza), é a palma vulgar (minuta herba), pois a deusa indicada preside a guerra, as sciencias e as manufacturas, que são o caminho trilhado de nossa humanidade decadente (vulgaris via).

Não precisamos accrescentar que as victorias antigas encurtaram-se (herba, palma minuta), segundo a medida de nossa inferioridade moral; e, por outro lado, que as guerras modernas, augmentando immensamente o seu poder mortifero pela intervenção da sciencia, terão de volver um dia a simples escaramuças (minutae herbae). Não ha, porém, fundamento para fiar da natureza humana uma reforma de seus habitos inveterados e a substituição da guerra pela concordia, como estado duradouro. As carnes da victima, cuja assignação dolosa, feita pelo vidente, gerou as coleras de Jupiter, representam o peso insupportavel que verga as espaldas do proletario. *Succidia* (carne espatifada), liga-se a *succidere* (succumbir ao peso), e *caro* é synonymo de *corpus* (corpo humano). *Jupiter*, que é o estado ou a organização social de todos os tempos, enchendo-se de flamejante furia contra *Prometheus*, disputava para seu uso a parte mais nutriente do corpo das victimas do trabalho, que é o musculo (musculus: carne), mas é preciso ver

nessa parte fibrosa do corpo uma allusão ás *machinas de guerra* (musculus). A disputa, portanto, entre os dous contendores visava, por sua vez, a posse exclusiva do *jus potestatis* ou direito de arrematar os homens sob uma fórmula imposta pela força das armas. E podemos, a proposito, repetir as palavras do *Messias*, que apparecem na legenda evangelica : « Em qualquer logar onde estiver o *corpo*, ahi se hão de ajuntar tambem as *aguias*. » (Math. XXIV, 28.)

Não percamos a intenção posta na synonymia entre *meta* (pyramide), e *chaos* (congeries). O *chaos* é tambem designado pelas vozes *massa* e *materia rudis*. Quanto a *massa*, diremos que é a mesma aparelhada para gerar a *phenix*, sob cujo involucro mal se occulta a noticia de um *nó final* (finis nexus). Entretanto, é curioso que additassem á significação de *massa* o nome dos *nichos abertos nas paredes*. As *paredes* representam os *carneiros pares*, *iguaes* (pares arietes), que figuram protegidos por uma *muralha* (murus), e as *urnas funerarias*, que eram ahi depositadas (hydria), offerecem a imagem da *bilha* dos bebedores, ladeada da *bolsa* para guardar dinheiro (loculus, loculamentum). Assim nos logares onde os pagãos fixavam a imagem de seus deuses, os novos senhores da terra collocaram dous utensilios menos sagrados, e não seria extranhavel que merecessem os novos idolos a mesma ou mais fervorosa adoração. De novo peçamos á imagem da *cruz* uma descripção abreviada do estado moral dos filhos de Prometheu na ultima estação de sua dolorosa romagem.

Gabalus (cruz, patibulo) attesta que haverá um *mourão da cabeça*, emquanto a *estagnação do espirito* (capitis palus) será um estado geral e dominante (caput).

Approximemos desse quadro a *fogueira*, de que tratámos ha pouco, e acharemos por *seri ignes* (fogueira) um complemento digno daquelle *summario doloroso*. A *China* (Seres), real ou apparente, transmigrará para o occidente (serus, longinquus), europeu ou americano, e a sombra das pyramides, escalavtradas pelo tempo, assignalará mais uma vez a morte dos velhos deuses. E' a *pedra dura* indicada pela palavra *decussis* (cruz obliqua), a qual encerra como um dos seus termos a voz que se traduz por *seixo* (cos). Veja-se bem: *cis decussam* (decussis), diz claramente: *para cá do rochedo abalado*, e como se trata do Caucaso, ficamos scientes de que o theatro onde a gloria dos *Seres* se mostrará radiante será o nosso occidente. Os olhos dos nossos futuros hospedes estão retratados na expressão *decussis*, porquanto a *cruz feita em aspas* ou obliqua põe no encalço da *decus decussum*, phrase equivalente a *oculi obliqui* (obliquidade dos olhos).

Convém notar que o elemento *cos* (de decussis) é variante de *caus*, por sua vez fórma diferenciada de *chaos*, sendo que esta palavra corresponde ao termo *cauc*, de *Caucasus* e pela synonymia a *congeries* (seri ignes).

Muitos outros recursos proporciona a linguagem para authenticar o vaticinio, que hemos resumido, de *Prome-theus*. Basta accrescentar que a *cruz alada* de Osiris dá testemunho dos invasores que o nosso occidente ainda desconhece. *Siris* de *Osiris* é nos restrictos termos das leis phoneticas a mesma palavra *Seres*, a que se ajuntou a expressão dos sentimentos que os Europeus affixam nas relações com os Chinezes (osus, *aborrecido*, *odiado*).

Por outro lado approximemos de *osus* as vozes *offensus*, *suspectus*, que offerecem a mesma significação dada,

e diga-se francamente si o vidente do Caucaso não esperava a hora que vai soando para os povos da Asia e da Europa, envolvidos numa atmosphera de odios e suspeitas? Si a luz, que está jorrando para todos os olhos, é ainda insufficiente, recorramos ao nome que se liga a *cruz em aspa* (cruz de S. André). *Andréas* (André), dá idéa de *valles cercados por todos os lados* (anthras), e quem não enxerga nessa imagem o paiz *cingido de altas muralhas*, que demora no extremo Oriente?

Mas a China terá alliados na invasão supposta: é o que nos revela o vocabulo *girgillus* (aspa), que se decompõe nos termos *gyrus gelús* (*carreira circular do gelo*). Sabe-se que *glacies* (gelo) diz o mesmo que *saevitás, barbaria, truculentia* (dureza, crueldade), mas a confederação futura dos povos orientaes nos vem denunciada pela locução *nimbi ligati* (gelo). Trata-se ahi de *columnas cerradas de soldados, de tempestades que se encadeiam*, em que a *dureza do bronze* (glacies) fará mais temiveis e mortiferas as *chuvas de arremecções* (nimbus). A Europa já experimentou as inclemencias de uma invasão tartara; mas aquella que nos vaticinam agora prende-se, como vimos, a uma situação nova dos povos occidentaes, enovelados e presos nas rotações de uma voragem interior que a barbaria afogará no sangue. O nome do vidente fala de *meta*, e por isto o quadro afflictivo que nos debuxam encerrará o periodo da civilização do planeta. O intuito da crise será assignalado pela *dobadoura*, como ainda nos revela a palavra *girgillus* (aspa), que acha na lingua franceza um complemento de valor historico. *Romper o géllo*, traduz-se por *débâcle*, naquelle idioma, e na phrase latina *rumpit g'acies* se pôde ler a noticia dessa nova barbaria, que deve estalar

de modo subito ou inesperado. Tambem o inglez poz em *reel* (dobadoura, aspa) a ideia de *sarilho* e de *contra-dança*, emquanto o verbo *to reel* diz o mesmo que *vacillare* e *labare* (cambalear, cahir).

Os archeologos dão noticia de uma cruz lapidea da época romano-byzantina, cujo typo se acha em Carew, na Inglaterra. Os ramos dessa cruz affectam a fôrma das machadinhas, e correspondem nos quatro lados á linha de uma circumferencia sob elles traçada com semelhança de calibre. Si conhecemos a significação mystica e prophetica da cruz, a ideia que se lhe annexa de *pedra*, leva a pensar na *força e vigencia do trabalho* (lapis—*laboris vis*), de que o Reino Unido representa, para assim dizer, o emporio universal. Isto tambem se affirma pela imagem da *circumferencia* e do *calibre*, ligados, como se acham na pratica, os destinos da navegação aos da industria fabril. A *cruz* de Malta reapparece atravez daquelle novo typo esculptural, como explicação do intuito a que obedeceu a formação da palavra *Malta*, reductivel a *mala alta* (calamidades, desgraças interiores, consideraveis, profundas). Desta arte, o achatamento e chanfradura das extremidades dos lenhos no symbolo maltense deixam adivinhar a marcha e os progressos da democracia (ad planum redigere), que terão de manifestar-se *finalmente* (in extremis), pela fôrma commentada na phrase latina—*rei oram patente introrsum hiatu incidere* (chanfrar). *Dolabra* (machadinha) fala tambem, por interpretação analytica, de *labios falsos*, *dolosos* (dolosa labra), como para dizer-nos que a *fraude* assenta entre as forças propulsoras do *trabalho* e da *produccão* (ramus, manus), que representam dous pólos contrarios, separados pela *arma dos victimarios*

(securis). O *calabre*, como dissemos, que circumda a *cruz de pedra* sem abrangel-a, exprime claramente a possibilidade de uma situação temerosa, pois a *roda* ou circumferencia deixa prever o momento da *revolução* (rota) e a materia de que foi fabricado o symbolo denuncia a *insensibilidade* (saxum, petra) dos que proclamam as virtudes sobrehumanas do christianismo.

Por isto o *calabre* não abarca as extremidades opostas da *cruz de Carew*: *rudens* (calabre) fala de *queixadas duras* (rudi dentes), como *lapis* (pedra) de *ineptos*, que são tanto os *insensíveis*, como os *soffredores*, os *crentes*, como os *sacerdotes*. Eis, pois, que se esclarece o mysterio da *cruz ingleza*, tão interessante para os archeologos, e o logar mesmo em que foi achado o monumento precioso adverte, pelo proprio nome, sobre o pensamento e a utilidade pratica dessa representação lapidea: *care you revolvency* (Carew), manda cogitar da *revolução*, que a *roda da fortuna* (gyrus), sob a fórma de *dobadoura* (girgillus, *gyri gyrus*) precipitará para o alto como as machinas ou manivellas que fazem esguichar as *aguas subterraneas* (girgillus), symbolo das *multidões* (unda) postas humildemente aos pés dos plutocratas e usurarios (puteum, arca).

LIVRO X

OS FUNDADORES DOS NOMOS.— A CARA PASMADA DOS HIQ.
— SPHYNGES: O QUE REPRESENTAM.— RESTAURAÇÃO
DA CHRONOLOGIA EGYPCIA.— AS DYNASTIAS E OS PATRES.
— O MOMENTO INICIAL DA DECADENCIA HUMANA.—
MENES, ATHOTH, CENCENES.— ACONTECIMENTOS DE TEN
E SUAS CONSEQUENCIAS.— RECONTRO ENTRE LYBIOS E
ETHIOPEs.— AS MULHERES ASIATICAS E A EDUCAÇÃO.—
CONSAGRAÇÃO DO PRIMEIRO TEMPLO.— ESCRAVIDÃO.—
A ESFERA MOVEL E A EXPLORAÇÃO DO INTERIOR DA
TERRA.— CHRONOLOGIA.

Diz a tradição que os fundadores dos nomos, como de todas as instituições do Egypto historico, foram os *Shesu-Hor*, equiparados aos deuses. Ora, o nome dessas supostas divindades significa *cisura* ou *cutilada* de *Horus* ou de *Hora*, a deusa da mocidade, que symbolisa a raça pelasgica. Note-se desde logo que *conditor* (fundador), designa tambem o *preparador de um guiçado*, e que os Pelasgos não tiveram, quanto á creação das leis e das instituições politicas, sinão o merito da nova *fórmula*, copiada dos factos anteriores, e calcada sobre as consequencias da conquista. Destruindo o que havia, os conquistadores não foram historiadores de si mesmos; mas, como *conditores rerum*, elles se tornaram responsaveis pela nova situação inaugurada, comparavel a um *esquiſe* ou ataúde (*conditorium*), construido por bacchantes. E' por isso que *conditum* fala de adega, e tambem de *vinho aromatisado*;

mas o *mos conditus* (costume estabelecido) serviu de norma para as fundações que denunciam o genio de uma raça culta, e portanto devem ser attribuidas aos mestres dos mestiços egypcios, que foram os Asiaticos.

Já sabemos, que *Horus* é o deus egypcio criado secretamente nas lagôas de *Buto*; e *Hora* ou *Hebe* lembra a *parvoice* (hebetudo) da mesma gente que se prostrou em adoração diante do crocodilo e das aves de rapina. O nome de *Hersilia*, a *Hebe* dos Latinos (*Hora*) resolve-se em *Ia* (filha de *Atlas* ou de *Midas*), que apparece como *dona da casa* ou symbolo da *fortuna* (hera), mas que se distingue physicamente pelo *nariç chato* ou rombo (silo).

A proprietaria do *Egypto*, que sahio do sopé da cordilheira do *Atlas*, e mostrava-se tão desgraciosa pelas linhas do nariz, foi, entretanto, a *creadora* de tudo quanto se attribue aos deuses, como o estabelecimento das primeiras leis civis, a descoberta das artes uteis e agradaveis ao homem, a invenção do papel e da escripta. Mas a *satyra* torna-se transparente mesmo pelo enunciado de semelhantes proposições, pois a invenção das leis civis suppõe que os respectivos inventores viviam como animaes insociaveis antes que ellas fossem promulgadas; e as artes uteis e agradaveis, confundem-se com os *artificios fraudulentos* (artes), que trazem vantagem para uns em detrimento de outros, como infelizmente acontece com todos os productos que são mercados.

Na linguagem das inscrições latinas, *inventor* era o provocador do achado ou descoberta; e neste sentido, é verdade que os Pelasgos inventaram leis, artes e religiões, pois tudo quanto se creou desde a conquista do *Egypto* retrata a physionomia dos dominadores da terra, que sahiram dos areaes africanos. *Inventio* (invenção) é

uma *figura* de rhetorica, que consiste em dispôr os materiaes do *discurso*. Ora, nós sabemos que os Ethiopes eram mudos de nascença, e que apprenderam a fallar com os brancos : dessa aproximação de factos resulta, portanto, um verdadeiro escarneo, aliás na altura da vaidade dos pavões do Egypto.

Si os deuses da nova éra descobriram o *papel*, é que *charta* (papel) diz o mesmo que *liber*, epitheto do deus das borracheiras (Liber). Não se pôde duvidar que as *furias do deus do thyrsos* assignalaram os progressos da raça lybio-ethiope numa das partes da rhetorica, que é chamada *poetica*. Finalmente, já que os *Shesu-Hor* descobriram a *escripta*, lembremos que *scriptum facere* se diz de quem *faz pagar tributo dos baldios*, e os Pelasgos, que revolviam o sólo para extrahir os metaes, enriqueciam-se, entretanto, á custa de um imposto, que elles deviam cobrar de si mesmos, como senhores, que eram, de toda a terra inculta. O que nós chamamos *baldio*, era o *ager conspaciuis*, para os Latinos; e o *pasto commun*, de que se fala, é exactamente todo o globo, desde que as manadas do Egypto vieram revolucionar os methodos agricolas, como cabras que trepam pelas cercas para atacar as eiras.

Quem pagava, em consequencia, o imposto sobre os baldios eram os vencidos, que não tinham aonde pôr as sementes e colher a nutrição. Si a terra ainda hoje pertence a poucos, o pasto, em compensação, é commun a toda a humanidade; mas comtanto que esta se alimente de raizes silvestres, como os porcos, cousa aliás tornada bem difficil, graças aos asphaltes que pavimentam as ruas das grandes cidades e ao aluguel elevado dos covis aonde habitam os miseraveis. Vejamos, porém, como eram governados os nomos.

Os governadores hereditarios desses districtos eram chamados *Hiq* e muitas vezes *monarchas* (mernut-tsâ-to, ou simplesmente, mernut-tât); mas isto pertence á phase politica da realeza, pois a esta cabia nomear os chefes dos nomos. *Hiq*, é morpnicamente *hip*, transmutação commum nos idiomas sabelicos, segundo a lição de Niebuhr e O. Müller, além de que os glotologos prendem á raiz sanskrita *ap* a palavra latina *aqua*. *Hibus* é um dos casos archaicos de *hic*, facto que mostra não ser estranha á lingua latina a rotação indicada daquelle som; sendo que nella se empregava *quippiam*, por *quidquam*. Assim, pela palavra egypcia se queria dizer *cavallo* ou *egua*, *caranguejo* ou *lagosta*. *Hippius* (equestre) era um dos sobrenomes de *Neptunus*, e não precisamos recordar a significação de *hippe* e *Hippe*.

O cometa *crinito* tinha o nome de *hippeus*, e desta arte, tudo se ajusta para provar-nos, que os governadores dos nomos eram tão temerosos, como são para o vulgo os cometas e outros phenomenos cosmicos. Importa, comtudo, observar que a palavra *ichneuma* poderia, por sua parte, fornecer o titulo conferido a esses delegados da autoridade real: o *rato do Egypto*, *inimigo do crocodilo*, lembra o *satrapa* da Persia, e eil-o que agora apparece em opposição ao antigo *pater*, decahido do seu antigo esplendor, desde o advento da realeza. E' de crer que semelhantes funcionarios participavam dos instinctos da *vespa* (*ichneuma*), e não tinham ainda perdido a *colla* caracteristica da raça (*icthyocolla*).

A *pedra preciosa amarella* (*icterias*), que já vimos indicada como remedio contra a *ictericia*, entrava por muito nas propriedades desses amuletos com que a monarchia se fazia mais respeitavel entre os antigos senhores absolutos

do paiz. Os patricios, quizessem ou não quizessem, deviam desoberar o figado diante desses simulacros da impiedade monarchica e fazer da bilis beberagem tonica. A outra designação onomatica, que recebiam esses soberanos dos nomos (mer-met-ts.i-to), resolve-se em *meracum metuendum* (Baccho formidavel), e em *testa allonila* (caveira ou cara pasmada). Sabe-se que *testa* é synonymo de *caput*, e *frons* diz o mesmo que *prior capitis pars* (rosto). Esses *Bacchus*, que se faziam temer pela cara pasmada, foram representados nas esculpturas que ainda se vêem entre as ruinas das cidades egypcias. E' a « nullidade da expressão », que se nota sobre muitas estatuas, e principalmente estampada na physionomia das sphynges. *Sphinxium* quer dizer *bugio*, e o que se chamava *sphinx* era um monstro que tinha a cabeça e mãos de mulher, corpo de cão, azas de ave, voz de homem, unhas de leão e cauda de dragão. A *mulher* allude ao *mú côr de bronze* (mulus aereus), e não sabemos que esses animaes tenham na physionomia algum signal de intelligencia. Entretanto, a *cabeça* dos Pelasgos era um prolongamento da dos seus mestres, e a *mulher* pôde significar a origem da cultura pelasgica (caput), assim como por ella se representa a *parcialidade* (pars) victoriosa, senhora do governo (caput). Isto mesmo se diz pelas *mãos femixis*, pois *manus* significa *poder* e a idéa expressa por *muliebris* é a de *pusillananimidade*. *Poder mulherigo*, *pusillanime*, mas que se caracterisava pela *violencia* (femineus), e lembremo-nos de que as *femineae calendae* eram as que tinham o nome do *deus da guerra* (Março), festejadas pelas mulheres romanas. Também na *fonte das ideias* (caput femineum) não havia *virilidade*, mas coordenação de tendencias subalternas, que nos tornam escravos das paixões.

O *corpo de cão* representa a *cade'a da familia* e da *tribu* (corporis canis, fôrma canina), instituições nascidas de um *lanço de dados* (canis), mas que redundaram em prejuizo da humanidade. Como *canis* signifique *golilha*, não se pôde desconhecer a propriedade da comparação, pois os homens vivem pela *familia* ou pela *raça* ajoujados como os cães. Devemos a funesta innovação, que se radicou, entretanto, nos costumes aos *homens da canicula* (canis), ou ao *peixe cão* de Guiné.

As *azas de passaro* supõem a creação do mytho de *Mercurius* (volucer deus), mas tambem servem para lembrar as *alas do exercito* (ala). A alma pelasgica é capaz de vôos, bem que terra á terra; mas elles dependem do *castigo*, da *dôr*, da *miseria*, da *perspectiva*, finalmente de um *mal* que nos ameace ou nos acabrunhe; e por isto *penna* (aza) é homophono de *poena*. As *azas de nossa especie* são como *braços cotos*, ou que se estendem apenas do hombro até ao cotovello (ala). Entretanto servem de *rêde* para apanhar *caça grossa* (ala).

A *voz de homem* dá ideia do *boi africano* (bos), chamado *Boschiman*; e convém notar que *Ia* (filha de Atlas) é a mesma palavra que, no grego, significa *voz* e *força*. Pela palavra *vox* nos advertiam os creadores das esphynges, que ellas são a imagem de nós todos (vos), e não esqueçamos que o *grito* ou *berro dos animaes* tambem se chama *vox*. Como *vox* signifique o mesmo que *nota*, acharemos por esta palavra latina a noção de *sig:al feito com a cabeça* e *com as mãos*, como faziam os nossos antepassados de Guiné, antes que aprendessem a falar por meio de *sons articulados*. E' força, portanto, reconhecer que a *humana vox* resolve-se em *vox humo*

manans (som que sahe da terra), e dá ideia do ruido prenunciador dos terremotos. Os Barbaros não falavam : *estrugiam*. Aquelles que assistiram aos grandes abalos de terra dizem que esta, no momento do cataclysmo, solta um som semelhante ao *mugido dos bois*, porém mais sinistro e prolongado.

As *garras de leão* falam das *unhas do caranguejo* (unguis leonis), e *unguis* significa tambem *concha* e *casco dos animaes*. Não duvidamos, porém, da natureza leonina das unhas, pois o animal fabuloso é o symbolo das nações pelasgicas, e ninguem ignora que estas são completas sob a relação da *concha* e do *esporão* (ad unguem facta natio). Os antigos chamavam *perfeitos* os homens que eram feitos para os trabalhos da *unha* (ad unguem factus homo); e será talvez difficil encontrar um personagem de alta importancia, que não se honre da semelhança com as *balroas*, no ponto de vista patriotico e politico, pelo menos. Quem não se quer parecer com o *harpão* toma a *fateixa* por modelo.

A *cauda de dragão* prova que os governadores do Egypto, ou, mais geralmente, os Pelasgos, formavam como a retaguarda de um exercito sempre em armas, ou que tinha as *bandeiras* desfraldadas (draco). Quanto aos delegados da realza, cuja caracteristica moral se reconstitue pela figura das esphynges, elles rastejavam como as *serpentes* (serpere), ou andavam de gatinhas. *Draco* (insignia da cohorte), fala tambem de um *vaso tortuoso para aquecer agua*, e como este esteja collocado na *cauda* do monstro, nota-se por isso que os prepostos da realza eram *zarolhos* (paetus), ou não olhavam para diante, padecendo de incandescencias, que

os tornavam turbulentos e colelicos. Olhavam pelas costas, porque não tinham nenhuma iniciativa propria, recebendo pelos golpes de *azorrague retorcido* as instrucções superiores: esta interpretação se deduz da significação da palavra *tortus* (brandido), equivalente á de *hastile crispatus*, servindo a *cauda do dragão* para designar a parte do corpo sobre a qual se applicava o *vasculho corrector* (cauda).

A *esphynge* é o mesmo bugio ethiope, mas que tem a cara apalermada, porque a novidade da realaleza excedeu a previsão dos *patres*. Mas veremos, que a instituição do governo monarchico só muito tarde surgiu no Egypto e foi de pouca duração. O paiz, considerado pelos historiadores como essencialmente monarchico, atravessou seculos e seculos de governo republicano, si este nome merece a dominação do patriciado ou da olygarchia dos proprietarios da terra. O monstro de que tratamos retrata a impressão daquelle, que se figura *pavore aut slupore defixus* (pregado no sólo pelo espanto e pela admiração).

No titulo dos governadores do Egypto, a que acima nos referimos, conciliou-se a noticia de dous factos distinctos: o do *terror inspirado pelos novos Bacchus*, que eram descendentes dos *patres*, e o da *velhice* (testa, calva), da raça que começava a mostrar os ossos (fórma ossea) no paiz de origem.

Para se entender o enigma da sphynge é preciso dividir mentalmente o monstro em duas partes ou metades, pondo a *cabeça* e as *mãos*, que symbolisam a *origem* e o *poder* da raça (caput, manus), numa das *parcialidades* (pars), que então dividiam o Egypto; e o *corpo* que representa a *nação* ou os governados (corpus), na outra;

pois a usurpação que sacudiu o jugo dos patricios foi obra de uma facção victoriosa. Assim, de um lado, ficavam a *estupidez* e o *espanto* (stupor), e do outro um *corpo sem cabeça*; mas este segundo retalho estava armado como um exercito, e, portanto, de melhor partido.

A *cauda do dragão* faz-nos perceber claramente que o exercito, figurado pela *bandeira militar* (draco) não é o da *conquista* ou primitivo, mas o que veio depois (postea), á semelhança do appendice caudato no animal. Os revolucionarios formavam uma segunda classe *inferior* (posteira), que se menciona depois da outra (posterior). Trata-se dos *Lybios* em relação aos *Ethiopes* (a aetate posterior), ou de *servidores*, conhecidos aliás por sua dedicação (omnes res posteriores ponere), mas que, se aventurando a um novo regimen, conseguiram supplantar os antigos dominadores do paiz.

Si dermos á palavra *mulier* a significação recebida ou commum, a expressão allegorica da *cabeça* na esphynge, é ainda verdadeira; porquanto, nas origens do patriciado estava a *mulher attonita*, regelada pela estupefacção; emquanto o Ethiope brutal fixava o *olhar morno* e feroz nas victimas de sua concupiscencia. Que os governadores do Egypto sahiram da casta dos *patres*, prova-se ainda pela segunda designação onomatica que lhes deram: *mer-nut-tât* (merus nutus tatæ: *pura vontade do aio*). *Nutus* significa *vontade*, e tambem *amor*; traducção que se esclarece, quando approximado aquelle vocabulo latino de *tata* (voz com que as crianças chamam pai). Dessa arte os delegados da realza são considerados como *crianças* em relação á casta mais velha, e ao mesmo tempo se diz que elles eram o *amor* ou o *mimo* de seus antigos amos e senhores.

Por *voluntas*, synonymo de *nutus*, se entende o *testamento* (ultima voluntas), e deste modo, aquelles que representavam a posteridade dos antigos dominadores apparecem sob a fórma de um *poder* ou de uma força, que sobrevive á morte da ascendencia ou á *quéda* do elemento antigo (*nutus*).

A *pura vontade paterna*, que se corporifica nessa nova classe governante, nos adverte de que a *alma* dos pais se transmittira aos filhos, ou, em outros termos, que os segundos eram do mesmo estôfo que os primeiros. As questões de successão e privilegio hereditario determinaram na India a revolução dos kchatryas contra os brahmanes; mas, no Egypto, não foram os filhos que se ergueram sobre a ruina dos progenitores, mas uma parte do patriciado, que absorveu a influencia da outra, cortando assim a serie da tradição.

Dizem que a historia das primeiras dynastias mythicas não foi registrada nos monumentos, mas esta omissão realmente não existe. A conquista pelasgica durou mil annos, e todo esse periodo está assignalado por obras e representações artisticas. Não faltam documentos para reconstruir a historia dessa época obscura, como estamos demonstrando.

Vamos considerar novamente o cyclo da conquista, porém de modo rapido e conciso, e as novas indicações, que teremos de examinar, servirão de contraprova para os resultados obtidos até agora. Convém prevenir que a palavra *rei* não deve ser tomada na accepção ordinaria, pois não se acharia nos primeiros tempos da existencia pelasgica essa autoridade suprema ou poder omnimodo, incontrastavel, que concentrou em si mesmo todas as forças da nação, sendo como um symbolo da unidade po-

litica e da integridade do territorio habitado pelo mesmo povo. Nada disso nos primeiros tempos, mas tantos *reis* quantas as familias sahidas de um certo numero de selvagens, os quaes se congregaram em fôrma de exercito, e mais tarde de *pandilha privilegiada*. *Rex (regis)* esculpe o nome grego da *serpente* (*echis*), e por *eggys* se traduzia a ideia de *junto, perto*, para indicar a presença do ophidio africano, mal disfarçado sob fôrma humana. Acha-se o radical de *echis* ou *eggys* em *Egyptus*, e esta simples approximação nos deixa perceber que a *realèza* nasceu no corredor do Nilo, aonde abundavam as *echidnas*. Assim, *rex* agglutinou os nomes, grego e latino, das *serpentes*, sendo que as *echidnas* habitam as margens daquelle rio africano.

Releva tambem notar que a palavra *dynastia* não tinha para os antigos a significação restricta que lhe damos: *dynastes* era para elles o *senhor da terra, o poderoso na cidade* e no *reino*. O nosso vocabulo *dynastia* fala da filha de *Atlas* (Ia), e de *poder* ou virtude da *lança* (*dynamia* *hastæ*), sendo que o *thyrsos* de Bacchus tambem se chamava *hastæ*. O *dynasta* era, portanto, o *pater*, nome identico em sanskritto, em grego e em latim, cuja significação antiga os historiadores já reconheceram, que é a de *poderoso, senhor de um dominio*, e equivalente á de *rex* (rei). Cada *dynastia* egypcia, e este facto é de importancia capital, figura como um *periodo decorrido*, desde os acontecimentos já narrados de *Ten*, até ao termo que se fixa em 26 (*dynastias*), e correspondente a 2600 annos. Cada *dynastia* vale por um *seculo*; e, para proval-o, basta considerar a palavra *dynasta*, onde o radical de *deni* (dez), se acha explicado por *dynamis* (raiz quadrada). Si elevarmos *dez* á segunda potencia, teremos *cem*. Cada *cyclo dynastico*

parece, entretanto, comprehender maior numero de annos, pois os reinados que apparecem no quadro de Manetho ou de Julius Africanus abrangem periodos diversos, que, sommados, elevam a mais de um seculo o cyclo de cada dynastia. Mas o caso se explica pela significação da palavra *aetas* (anno), que tambem traduz a ideia de *estação*. Os Asiaticos inscreveram sob a fórma de numeros indicações de outra natureza, nessas listas de monarchias, os quaes, por sua vez, não representam a existencia de um throno, mas acontecimentos dados sob a forma de nomes proprios. O ponto de partida da chronologia pelasgica é, como dissemos, o anno 11.007, do qual data a conquista do nomo de *Ten*. Cada seculo que se accrescenta a esse nucleo, corresponde não a uma successão de reinados, mas a *grupos de factos*, methodicamente distribuidos, tornando-se possivel, graças a esse processo, achar o ponto de junção entre a velha e a nova chronologia.

Os primeiros seculos da historia do Egypto são extranhos á instituição da monarchia, que entretanto surgiu no paiz depois de ultimada a conquista pelos Pelasgos em 12.000. Os *patres* e os acontecimentos em que elles figuraram enchem um largo periodo. A' medida que a arvore patricia multiplicava seus rebentos, estes se destacavam do tronco, e vinham implantar-se em novos territorios, donde outros gommos irradiavam para mais longe, e sob o ponto de vista dessas diversas camadas o *patriciado* assemelhava-se ao que chamam os botanicos associação ou confederação dos vegetaes, os quaes « se accumulam » e brotam, uns sobre os outros», estendendo-se sempre, mas mantida a vida collectiva pela seiva commum.

A vida, porém, dos cryptogamos assemelha-se um pouco á dos *porcos*, e não é sem razão que se proclama a

utilidade desses quadrupedes, mas sómente depois de mortos. Os vegetaes indicados formam com seus cadaveres a terra propria para a cultura ; mas é preciso que uma especie mais poderosa lhes succeda, sob pena de ficar o sólo improductivo. Do mesmo modo, entre todos os grupos pelasgicos um se destacava, para pôr em proveito o genio caracteristico da raça, creando centros mais vastos de influencia politica ao lado de nucleos secundarios, que mantinham a divisão e a discordia. Mas, afinal, essas aggregações particulares sentiram-se bastante fortes para multiplicar suas forças, como acontece no mundo vegetal ; e, em vez de associação pelo bem commum, havia tão sómente disposição para vingar o espaço e dilatar a massa inutil. Desse estado de cousas resultava uma situação violenta, uma atmosphera irrespiravel, para os specimens da verdadeira cultura, e afim de evitar que o homem fosse invadido pela natureza inconsciente, em vez de domal-a, foi de mister recorrer ao ferro e ao fogo, bem que o remedio acabasse por deixar vestigios sensiveis nos mais altos como nos mais baixos productos desse sólo, revolido pelo cataclysmo politico.

Como o mal sentido proviesse da dispersão das forças, do choque das vontades individuaes, a republica transformou-se afinal em monarchia ; e sobre o viveiro ou vasto tanque, aonde se arrumavam os rhizomas espessos, ora globulosos, ora alongados e horisontaes das nymphéas, imitativas da progressão dos individuos e dos grupos, surgiu um *repuxo*, agradavel para a vista, e commodo para aquelles que gostam de ver a agua regida pela lei dos vasos communicantes. Copiou-se naturalmente o *repuxo* dos molluscos acephalos, chamados *ascidias*, que só lançam agua sobre quem os inquieta. A realza é

como esse animal, que não marcha, de testa gelatinosa e coriacea, de manto muito espesso, com orifícios vermelhos; mas, si não passa do que chamam *odre marinho*, pois nos vem do golfo de Guiné, em compensação de sua inutilidade apparente, como *jacto de agua salgada*, serve para demonstrar que o *poder real* é de origem meptunina como as ostras e as molas.

O primeiro *rei* que, segundo Manetho, reinou no Egypto foi *Menes*, do qual já tratámos a proposito do nomo de Memphis. Trata-se de um *pater* ou da multidão de selvagens a que se filiam todas as dynastias da terra. *Mena* é, além do mais, *minatio* (acção de ameaçar), o que nos faz remontar aos primeiros tempos da revolta lybio-ethiope, quando o exercito auxiliar dos Asiaticos dava mostras de indisciplina, e preludiava os actos turbulentos que terminaram por uma catastrophe. Vamos servir-nos do *quadro das dynastias* de Manetho para restabelecer a historia do periodo que começa a 11.007 da chronologia asiatica.

Ao nome de *Menes* o historiador, citado oppõe o seguinte commentario: *ab Ispo Hippopotamo raptus*, como se lê no resumo ou compilação de Julius Africanus. Os interpretes não puderam penetrar no sentido real dessas palavras latinas; mas, como se verá em seguida, nenhuma difficuldade offerecem a quem já conheça as origens da historia do Egypto. A sigla transcripta resolve-se neste asserto: *desde que o hyppopotamo tirou ou despiu a pelle dura* (*ab hippopotamo raptus spoliis hispidi*). Trata-se da *gente pelloca*, *arripiada*, *escabrosa*, que é comparada aos hippopotamos por causa da sua ferocidade e humor damnhinho. Por *Menes* se deve entender não só a imminencia da aggressão, como tambem a

morte inesperada dos Asiaticos de Ten. De facto: moene (moenis) traduz a ideia de *morada de Plutão* e por *Orcus* nos exprimem as noções de *morte* e de *inferno*, além de achar-se naquella palavra a designação da cidade occupada pelas victimas dos selvagens (cidade murada). Por outro lado, a palavra *tentus* (ornado) é synonimo de *palliatus* (munido), e basta destacar a primeira syllaba daquelle vocabulo latino para se achar o nome de *Ten*. A *cidade munida* ou fortificada, cuja posição já foi indicada mais longe, demora ao sul do Egypto, e sabe-se que o hippopotamo habita o interior e sul da Africa.

Affirma-se que o *equus fluvialis* (hippopotamo), *despiu a pelle*, porque se cogita dos *Pelasgos*, cujo nome historico se prende a *pilhagem* (spolium), da cidade egypcia. Tambem elles soffreram desde então, como as serpentes, uma crise do tegumento externo (pellem laxare), e por isto os latinos ligavam ao nome do *escravo* (verna) a ideia que se encerra na palavra *vernatio* (propriedade de despir a pelle). Si quizermos conhecer precisamente a condição dos guardas de Ten, basta desarticular os elementos integrantes da palavra *Mexes* (ministrorum nexus).

Desse modo nos informam que os auxiliares dos brancos estavam ligados a estes por um *contracto* (nexus), e que eram tidos como *famulos* (minister); mas como *minister* incluia a mesma significação da phrase *aedis ops*, acharemos por essa approximação de palavras o nome do *Ethiope* (Ethiops). Tambem pela voz *hippopotamo* chegamos ao conhecimento do grão de intelligencia dos *Ethiopes* de Ten. O termo *hippo* conduz a *hypochisis* (cataracta), synonymo de *squama in oculis*,

donde se infere que a *crôsta* (squama) dos homens de Guiné, definida pela expressão *hispidi spoliî*, acima transcripta, seria, para os efeitos da visão, como uma *densa belida*, acompanhada de *fluxão ophthalmica* (sufusio oculorum).

Pelo *peixe* que nos indicam na palavra *squama* é preciso entender a *arvore* (arbor), que ainda estende seus ramos pelo planeta, por outro modo chamada *bacchus*. Os Latinos designavam por *oculus*, o *olho de boi*, e por *bos* chegaremos ao nome de *Boschimari*; e como *orbis* e *gemma* traduzam a ideia de *olho*, ahí fica bem discriminada a raça, que se vai reproduzindo (*gemma*), e donde sahiram os primeiros *soldados* da terra (*orbis*). O segundo termo da palavra *hippopotamo* (potamo), liga-se a *potamophylacia* (guarda de um rio) para indicar-nos os individuos que a providencia defensiva dos Asiaticos postou nas margens do *Nilo* (Potamia), e que sob muitas relações assemelhavam-se aos quadrupedes amphibios do Egypto. Si adaptarmos o mesmo termo *hippo* a *hypogeton* (planta aquatica), e restabelecermos o simile deduzido da ideia de *ophthalmia*, approximada, como vimos, do nome do *Boschiman* (bos), descobriremos pelo vocabulo *taurophthalmos* (alecrim) a designação 'geral dada aos descendentes dos Ethiopes, que mudaram de pelle (pelasgus). *Pelasgus* (alecrim) designa a planta que floresce principalmente nas proximidades do mar, a qual offerece a combinação de duas côres: o *luziâo* e o *esbranquiçado*. Trata-se de modificações do *verde* (crudus), e ninguem ignora que *crudus* é synonymo de *hispidus*, emquanto achamos por *sublucens* (luzidio) a noção de *côr menos carregada* (sublucere). O *ros marinus* (alecrim), que explica a ety-

mologia da palavra franceza *romarin*, põe-nos tambem diante de um *orvalho marinho*, por outro modo chamado *guttæ noctium*.

E' facil perceber que as *gottas da noite* são, para o sentido da historia, as *malhas da cegueira*, já indicadas pela noção de *cataracta*, pois em *guttæ* (malhas) se acha uma referencia á traição de *Ten*. *Tenus* ou *tendicula* é synonymo de *maculæ* (malhas), emquanto renovada a noção de *ólho* (orbis), chegamos ao conhecimento dos *autores* da acção criminosa (orbis), ou dos *soldados* traidores.

Não dissemos ainda que *Menes* ou *Mena* é o primeiro rei da *dynastia thinita*, mas por esta palavra se repete a indicação do nomo egypcio (thyne, Ten).

Entretanto, não percamos os novos signaes confirmativos da narração feita, pois o nome *Menes* conduz pelo termo *enes*, a *inescare* (illudir, lograr), a *inexus* (ligado), a *necare* (matar), noções estas que se ajustam para restabelecer a noticia do crime commetido pelos *colligados* de Ten. Suspendemos essa exploração, para, de passagem, mostrar que as mesmas linguas selvagens inscrevem a memoria dos acontecimentos relatados.

Assim é que os nossos Cherentes designam o *coração* pela palavra *daen*, que, approximada de *tenus* ou *tendicula*, vale como um testemunho das tendencias da alma pelasgica (cor). A *traição*, informam, reside no *coração* da raça que regrediu ao estado selvagem; e pôde-se dizer que esta tem o *inferno* dentro de si mesma, como se illage da comparação entre *daen* e *taenarus*. O tupico *tenning*, por sua vez, fala de *seccar*, noção esta que corresponde ao latim *urere* e *torrere* (queimar,

torrar), enquanto por *tinga* aquelle idioma designa o *alvo* ou *branco*, cujo martyrio aparelhado pelas chammas do incendio já nos foi mais de uma vez descripto neste livro.

O galibi *tintin* fala de martello, e si estudarmos a palavra *malleus* (martello), veremos que ella nos dá noticia de um *réo perverso* (malus reus), cuja maldade vem denunciada pelo tupico *temoti* (diabo). *Teng-ri* é palavra mongol, que se traduz por *céo e deus*, em geral (turco *tangrey*); mas *aura* (céo) tambem designa *lustre*, ao passo que *deustus* (donde deus) renova a ideia já enunciada de *abraçado, queimado*.

Aquelles que eram o *lustre* e a gloria da terra tiveram de estorcer-se nas chammas de Ten: é o que nos revela o vocabulo mongol. O siamez *thenada* (habitante dos mundos superiores) repete a indicação fornecida por *teng-ri* e *deustus*, enquanto o nome do *Charonte* dos Araucanos, *Tempulagy*, antecipa a noticia sobre os conductores da raça americana, que ainda reside na parte oéste do continente. No camé *tini* se pôz a ideia de *carne*; mas *corpus* (carne), relembra uma *roda de pessoas*, a que não é estranho o conhecido *iximigo d'alma*; ao passo que *viscus* (carne) corresponde á fórma nominativa de uma outra palavra designativa do *laço* e da *esparrella*. *Viscus* (carne, coração), enquanto lembra o *daen*, dos Cherentes, afirma que ha um *envoltorio* para a alma (tegmen), como existe uma parte mais recondita da terra (viscera terræ). Para exemplificação, bastam os factos que arrolámos; mas passemos dos selvagens para os Japonezes, tão sómente por tratar-se da sua *deusa da fortuna*. Chama-se *Janim-Tem* a *Fortuna* japoneza; e por *Janus imus tenûs*, vemos apontado o *genio*

do povo romano, tantas vezes considerado nas obras archeologicas de Canina. Trata-se de um *deus bifronte*, que os povos pelasgicos guardam dentro de si mesmos (imus Janus), e a ideia que se lhe associa, de *tenus*, é como uma advertencia sobre as *insidias* que nos inspira o amor das novidades, ou o desejo de brilhar no mundo. Si approximarmos a voz *Ten* do arabe *tina* (figo), completamos a nossa instrucção sobre o *Janus* da legenda. *Phycos*, homophono de *ficus* (figueira, figo), nos lembra o vestuario de nossos primeiros pais, visto como é variante de *fucus* (compostura para enganar).

Lê-se na lista de Manetho que *Menés*, isto é, a *turba estúpida* (manus nescia), reinou durante sessenta e dous annos. Mas em *regnare* se depôz a ideia de *exercer furores*, emquanto pelo verbo *perennare* (perpetuar-se) podemos representar o facto dessa longa vida reinante. Como se trata da existencia dos Pelasgos (*hispidi spoli raptus*), não podemos duvidar que ella se estenderá no planeta até a consummação dos seculos (*perennare*), e por isto o numero *sessenta e dous* occulta uma data mais precisa. De facto: *sexaginta* (sessenta), diz o mesmo que *abundans* (numeroso), e por *unda* (de undans), chegamos a descobrir o numero *onze* (undecim). Como se trata do *primeiro* rei da dynastia thinita (*caput*), a palavra *caput* nos dará pela synonymia a noção de *limite*, *termo*, e por isto a de *mil* (*milliarium*). Si apurarmos o numero de ordem do seculo (11.000), o vocabulo *sexaginta* resolve-se na phrase *hexas adjuncta* e como se trata de *sessenta e dous* (*hexas adjuncta duobus*), completamos a data enunciada de 11.008, que marca o apparecimento da raça pelasgica. Lembraremos que os acontecimentos de Ten realizaram-se em 11.007,

como dissemos, e deste modo mais uma vez se confirma a chronologia que restabelecemos. Vê-se que apóz o rapto das *Sabinas do Egypto* (111.007), a progenitura ethiope poude despir a pelle antiga e revestir nova, como nos denuncia a phrase latina de Julius Africanus : *ab hippopotamo hispidi spoliis raptus*.

E' facil descobrir pela palavra *sexageni* (sessenta) o juizo já emittido a respeito dos guardas infieis de Ten, e para tanto basta distribuir narrativamente os termos daquelle adjectivo numerico. *Sectoris agilis geniús* (sexageni) diz que os sicarios affirmaram o seu genio frivolo e vaidoso (*agilis*, *levis*) por assaltos á propriedade alheia (*sector zonarius*). Pelos annos dos reinados (*stationes*) os autores dessa chronica admiravel do Egypto nos informam de outras particularidades, como acabamos de notar ; mas as datas fixadas, que são como uma contra-prova historica e resumem ou confirmam a explicação fornecida pelos nomes dos dynastas, esclarecem tambem os problemas da chronologia, segundo a norma posta a descoberto no decurso de nosso estudo.

O segundo rei da *dynastia thynita*, conforme a lista de Manetho, foi *Athoth*, e por este nome chegaremos á noticia dos novos acontecimentos decorridos desde o assalto de Ten pelas *forças colligadas* de Lybios e Ethiopes (*Menes, nexus*) comparadas ás *Bachantes* (*maenas*) e a *Pan* (*maenalides*). Pelo termo *at* (de *Athoth*) nos designam o *povo policiado* do Egypto (*atticus*), creador das sciencias (*athenacum*), e cuja vida sumptuosa e magnifica (*attalicus*) tem o simile traçado pela fabula no mytho do famoso rei de Pergamo (*Attalus*). A felicidade fruida por essa gente incomparavel nos vem descripta por aquelle nome egypcio (*Athoth*), que se de-

compõe para formar a phrase *ad otium* (junto, quasi, da ventura). Mas, como o symbolismo dos nossos mestres é feito para uso dos Pelasgos, o nome *Athoth* offerece como Janus, uma dupla face para a interpretação historica; e por isto descobre-se em *Athoth* as raizes de *otium* (preguiça) e de *ater* (negro, funesto).

O supposto rei de Pergamo, ha pouco indicado, symbolisa o *freio* ou força *moderadora*, que era a *unica* existente em meio das tres raças que habitavam o Egypto. E esta explicação se deduz da palavra *Pergamus*, que encerra as madres da expressão *percarus camus* (camus unicus). O effeito moral produzido entre os Asiaticos pela rebelião de Ten vem attestado pela voz *percalefacere*, approximada de *Pergamus* e *percandidus*. A causa do mal inaudito se inscreve, por sua vez na palavra *perca*, o peixe fluviatil, que offerece semelhança com o bando guerreiro do Egypto pela *faxa e cinta vermelha* que o exornam. A noticia, que em meio dos encantos de uma vida innocente e casta, como se figura a do *Eden*, explodiu aos ouvidos da raça golpeada pela foice assassina, produziu a extraordinaria commoção que se descreve no vocabulo *percalefacere* (aquecer muito) equivalente de *incendere* (affligir, abraçar).

Quaes as medidas ou providencias dispostas pelos irmãos das victimas inultas? E' o que nos dirá, por certo, o mesmo nome de *Athoth*. O primeiro impeto levaria os offendidos a *esmagar e calcar aos pés* (atterere) mas *attenerere* tambem fala de *attenuar* ou diminuir, e a expressão *attestata fulmina* parece escripta para attestar o trabalho das consciências attribuladas nesse momento terrivel. Os Asiaticos viram no acto criminoso dos Negros como a confirmação de presagios anteriores, e já dissemos

que, em vista do procedimento incorrecto de *Menes*, os habitantes brancos do Egypto sentiam-se invadidos pelo presentimento da grande desgraça. Bem pensado o caso (*attendere*), a providencia que se affigurou mais justa aos Asiaticos foi a que nos denunciavam pelo verbo *attondere* (cortar á roda, desbastar).

Examine-se o nome *Athoth*, e ver-se-ha que elle dá ideia de um *todo que se junta* ou reúne (*addere totum*), e disto se conclue que as milicias egypcias estavam distribuidas pelo paiz, ou formavam guarnições separadas (as). Como não fosse possivel punir os Negros raptos, em attenção ás mulheres brancas que lhes serviam de escudo, os Asiaticos determinaram congregar as forças militares, que estavam dispersas, afim de dar-lhes um destino que as tornasse inoffensivas. Isto se collige do termo *ath*, que fala de *puro* (*aticus*) como para excluir os negros criminosos; e si consultarmos a palavra *addocere*, veremos mais claramente o escopo da gente branca, que timbrava agora em *accrecentar a instrução* da tribu malfetora. Para onde foram mudados os Ethiopes que formavam as guarnições (*bucolici milites*) do Egypto? O verbo *addere* (citado), tambem diz *introduzir*, e dahi o tentarmos restituir o nome do paiz ou logar que devia servir de degredo aos Ethiopes.

Acha-se o nome da região para onde foram dirigidos os futuros Abyssinios. *Atta* é palavra equivalente a (*pater*), como tratamento dado aos velhos; e por *abba* (*pater*) descobrimos o primeiro termo componente do vocabulo *Abassynia* ou *Abyssinia*. Quanto ao segundo termo, basta para desentranhal-o, achar o synonymo de *otium*, palavra esta que se ajusta ao elemento *ot*, de *Athoth*. Ora, *senium* ou *senia* (preguiça) que faz refe-

rencia aos *entes insupportaveis* (senia), liga-se ao primeiro termo achado, *abba*, para restituir o nome do paiz procurado. Por outro lado, a ideia de *todo* traduzida pela palavra *comprehensio*, mostra os desterrados quando foram *agarrados* pelos Asiaticos. A noção de *todo* retrata-se no vocabulo grego *pan*; e no mytho correspondente (de Pan), o celebre inventor da *flauta de sete canudos*, apparece manietado por fortes correias.

Em *septeni* (sete) lê-se o nome de *Ten*, o nomo da tragedia negra; e basta approximar o elemento *sep*, de *Sebazius* ou *Sabazius* para encontrar o *Sab*, tambem chamado *Ethiope* e *Boschiman*. Lembremos ainda que os *canudos* da flauta pastoril representam, segundo a linguagem popular, a decepção causada aos *Ethiopes* por esse recrutamento inesperado; e *fistula* (canudo) offerece testemunho sobre a *chaga incuravel* que os Latinos tambem chamavam *nomæ*, donde *nomades* (povos da Ethiopia).

A medida de segurança (*Athoth*, *tutatio*), tomada pelos Asiaticos, deu nascimento ao mytho de *Mercurius*. *Thot*, é o nome do *Mercurius* egypcio, e desta palavra latina se tira a lição de *castigo ao procedimento de Io* (merces curæ Ius). O primeiro mez do anno, consagrado a Janus, é tambem chamado *Thot*, em lingua egypcia; mas, como *thos*, fale de *chacal* ou *adibe*, lembremos de que este animal feroz occupa o meio entre o cão e o lobo, e deste modo somos informados das penas applicadas aos soldados recalcitrantes das margens do Nilo. *Canis*, dá ideia de *cadeias*, e *lupi*, de *freio muito duro* ou *bridão*. Eis como foi tratado o *lobo doirado* do Egypto, que se alimentava de cadaveres, como o seu modelo. Ao nome de *Athoth* ajunta Julius Africanus a

seguinte observação : *de anatomia libros scripsit*. Isto quer dizer que os Ethiopes, comparados aos chacaes, estavam acostumados a despedaçar os inimigos com que lutavam, e por isto adquiriram larga experiencia nas disseccções anatomicas. *Scribere* (escrever), traduz-se por *pintar e retratar*, e os *livros anatomicos* se transformam para o caso em *quadros* (tabulæ) em que apparecem membros cortados e sangrentos. E' de ver que o nome do *chacal* tirou-se de *sacarius* (mariola, homem do sacco), palavra propria para designar os soldados mercenarios da Africa.

Contra quem se exerciam os furores do adibe egypcio, nós já o sabemos ; porém a expressão *ad otium*, equivalente ao nome de *Athoth*, dá claramente a entender que no periodo do supposto segundo reinado houve ao lado do *repouso* o *desassocego* (ad otium, *contra a paz*). E si approximarmos daquella indicação o nome do mez de *Janeiro* em lingua egypcia (Thot), ficará estabelecido, não só que houve alternativas de *paz e de guerra*, como tambem derramamentos de sangue (menstruus, menstrua) entre as tribus do *arco* (janus).

O portuguez *adibe*, que se prende etymologicamente ao arabe *addibe* (lobo), formou-se por intermedio dos elementos *ad e ibis* ; e esta etymologia historica nos representa o *chacal* ao pé do *passaro sagrado*, a que os Egypcios davam o nome de *ibis*.

Esta ave alimenta-se, dizem, de *serpentes*, e a serpente africana era o Ethiope, como aliás nos informa a legenda do Eden.

Sabe-se que o nome de *Eva* dá pelo hebreu a ideia de *serpente*, assim como por *Adão* se entende naquella lingua a *terra vermelha*. Ora, por *terra* se designam

tambem os *homens* e os *povos*, e desta arte nos apontam as *tribus vermelhas* africanas, que eram *sanguinarias* (homo cruentus). A ibis apresenta na cabeça uma *pelle vermelha e rugosa*, e este carácter physico (caput cruentum, rugosum), traduz-se para a historia pela *indole aspera e cruenta* das populações libycas. As duas tribus, que vimos representadas pelo nome do *adibe* (ad ibem), encarnam-se, por sua vez, nos symbolos de *Adão* e *Eva*, mastrocando as condições respectivas, de *marido* e *mulher* (par, conjux).

O *Ethiope* passa a ser a *femea*, e o Libyo o *varão*, porque a supremacia adquirida pelo mando nas relações dos dous povos não fôra ainda estabelecida, e o *soldado* (Eva) tinha attrahido a *gente vermelha* (Adão) sob a fórma de *serpente*. E' curioso que semelhante mutação nos seja testificada pelo vocabulo que designa uma arvore brasileira, a qual lembra o nome da ibis egypcia. E' a *ibixuna*, tambem chamada *mutamba* (mutatio ambarum), a que se liga a noticia das *tribus alalicas* (mutæ) mas que expressavam o pensamento por meio de *signaes* ambiguos (ambages). *Ambages* é synonymo de *circuitio* (corredor), donde a evocação do mytho de Janus, que se enreda, já vimos, com a historia do reinado de *Athoth*. Nota-se ainda que a palavra *ibixuna* se resolve em *ibis sonax* (ibis estrondosa, retumbante) para retratar a linguagem dos Libyos, que se compunha de sons inarticulados e roucos. Por outro lado, o nome do *chacal* póde orientar-nos sobre os sons emitidos pela gente ethiope, que seriam semelhantes ao grito ululante do adibe.

Reinou *Athoth*, filho de Mena (soboles), 57 annos; mas este numero apparente vale por 12 (pentas ad-

juncta septem), segundo o methodo que fizemos conhecido.

Decorreram, pois, mais de tres annos desde os acontecimentos que o mytho de *Mena* personifica. *Ad otium*, em paz, de animo repousado, foi que os Asiaticos deliberaram a remessa de seus soldados selvagens para a Abyssinia. *Quinquagemi* (cincoenta) dá ideia de *purificar*, *limpar* (quinquare), e desta fórma somos inteirados de que os Ethiopes se tornaram uma causa, sempre renovada, de *impureza* (coinquinare). A noção de *podar*, *detonar*, a que antes nos referimos, está expressa por *coinquere* (coinctus, quintus), e as *arvores sagradas*, que foram desramadas pelos brancos do Egypto, são as *cruzes malditas*, *execrandas* (arbores sacræ) que tomaram a fórma de um escalpello anatomico, segundo nos disseram. A palavra *slatera* (cruz) repete a informação colhida do termo *merces* (castigo), que examinámos a proposito do mytho de *Mercurius* (merces curæ Ius). Si considerarmos por outra face o numero dado, notaremos que elle resume todas as particularidades ligadas ao supposto reinado de *Athoth*. *Septeni* (de 57) fornece por *seps* as noções de *serpente* (seps), de *siliado* e *circumscripto* (septus), de *rêde* (septum), de *portagem* (septum), que se ajustam perfeitamente para descrever a situação dos homens apanhados de surpresa para serem *postos em logar retirado* (sepositus).

A gente que se encarregou dessa remessa necessaria, está indicada por *tænia* (de septeni), palavra que fala de *faxa* e de *mitra*, e tambem de uma *lombriga muito alva*, assaz conhecida. *Lumbricus* (verme), desdobra-se em *lumbus recusus* (faça ou sangue rechaçado), e como pela palavra *lumbus* se alluda aos *rins*, lem-

bramos que a funcção desse órgão é de *expellir os venenos da economia animal*. Por outro lado, *vermis*, que se transmuda em *ver missum*, dá noticia dessa *juventude* que foi *posta fôra* do paiz, e faz referencia á *meretriz* (toga) egypcia, que mercadejava os seus favores ou serviços.

O logar para onde foram remettidos os soldados ethiopes faz-se conhecido pelo mesmo termo *taen*, que se adapta a *taenarus* (inferno), synonymo de *abyssus*. Para obter-se o nome *Abyssinia*, basta captar o elemento *eni*, de *septeni*, que entra num synonymo latino da palavra *inferno*. Assim, por *Ennaea*, epitheto de *Proserpina* (inferno), completamos o vocabulo requerido (*Abyssinia*). Seria desejavel saber donde nos salam os Asiaticos do Egypto, isto é, de que nomo ou cidade. Como tudo esteja previsto pelos nossos mestres, basta descobrir o synonymo de *totum* (todo), guiados pelo nome do rei *Athoth*. *Massa* (todo), diz o mesmo que *teba* (outeiro, monte), e assim ficamos informados de que os nossos antepassados da raça branca providenciaram de *Thebas*, em 11 . 019, para que as tropas ethiopes fossem enviadas para a Abyssinia ou Ethiopia. Mas veremos adiante que ellas deviam, pelos seus descendentes, voltar ao theatro de suas antigas façanhas.

Dezeseis annos são passados depois dos acontecimentos de Ten, quando começa o reinado do successor de *Athoth*, segundo Manetho. O nome desse supposto monarcha envolve uma nova informação, que deve ser mencionada. Os *patres* daquelle nomo egypcio, conquistado aos Asiaticos, entravam no uso e gozo do *acervo* (*totum attolere*), sem cogitar dos companheiros da empreza nefaria. São aquelles mesmos individuos

(attæ), que são indigitados atravez do nome de *Cencennes*, o terceiro rei da dynastia thinita. *Coenum* (de Cencennes), que lembra os *homens de estado desprezível*, accusados de *crime infamante*, semelhantes na côr da pelle ao *lôdo* do Nilo, estão agora em face dos seus complices, tambem comparaveis á *lama* dos charcos (coenum).

Eis o que nos diz o nome de *Cencennes*; mas, si o approximarmos ainda uma vez do de *Athoth*, podemos, graças ao mytho de *Atalanta*, dssignar mais claramente a raça que se mostrava veloz na carreira, *transformada por Jupiter em leôa*, si recorrermos ás translações allegoricas da fabula. Em vendo o *leão* tão perto do *lôdo*, os Francezes poderão cogitar da origem ignorada do seu vocabulo *lie* (sedimento, escoria), que recorda a *leôa* do Egypto (lea), mas já transformada na *lagosta* (crabe), em vista da dupla significação de *leo* (leão, caranguejo).

Depois que prestaram mão forte aos seus famigerados companheiros de fortuna, os Libyos, que seriam a *borra* das sociedades humanas, entraram a comprehender (*Athoth*, *atat*), que mereciam de ser contemplados na assignação dos bens conquistados em commum.

Isto mesmo nos diz o nome *Cencennes*, que fala de *doze* (seni, seni), e por *as* (todo divisivel em doze partes), approximado de *censeri*, se faz comprehender que os reclamantes *optavam* por uma nova *divisão* (sex, secare), e para isto deviam os antigos aquinhoados *dar a rol* o que possuiam (censeri totum). Devemos, portanto, identificar o mytho de *Atalanta*, com o *corpo de exercito* (ala), que se apresenta como *antagonista* do *patriciado* de Ten (atta). De parte a parte enve-

lheciam (senescere) os conjurados daquella noite terrivel ; mas os homens que formavam agora uma nova ordem de senadores (senatus), cerravam os olhos ás queixas de seus complices, que *definhavam* na miseria (senescere). Eis porque se corre a cortina do theatro (scena), para a representação de uma nova tragedia, em que figura o *cutelo* (sçena). O mesmo nome *Cencenes* diz pela terminação *nes*, que houve *mataança* (nex), e assim o *nò* ou travacão antiga dos facinoras (nexus), tornou-se como uma tunica de Nesso (*Nessus*), para as duas raças alliadas e rivaes.

Estamos em face dos *doze deuses consentes*, que tiveram origem no Egypto. O *senario*, por sua vez, figurado na theoria de Pythagoras, vem aqui a proposito para descrever a maneira porque foram divididos os bens roubados aos Asiaticos pelas tribus confederadas. Elle apparece no systema pythagorico sob a fórma de dous triangulos, cujos vertices, um se dirigia para o empyreo, e o outro para o nosso planeta. Esse *solido* emblematico fala da *familia* e da *tribu* (corpus), sendo que a primeira nasceu da segunda, e por isto as duas faces, de que se trata, dividem-se em *superior* e *inferior*. As *faces lateraes* do solido lembram o *ladrilho* (later), que imita a forma do *xadrez* (latrunculorum latus), e *latus* (lado) dá ideia de sociedade estreita, como a que unia *Libyos* e *Ethiopes*. *Latrunculus*, peça do jogo de xadrez, tambem chamado dos *ladrões*, designa igualmente *usurpadores* e *bandoleiros*, e *latus* (corpo) ou *res*, traz por *corpus* a ideia de *monte mór* ou *acervo* (universitas). Por *lateralis*, palavra derivada de *latus* e *later*, chegamos á causa do dissentimento (latus, *ventre*); mas a *roda dos facinorosos*, representada pelo solido, estava

em segurança (in solido), no momento em que se procedeu á partição dos bens roubados. *Solidus*, se diz do que é *substancial* e *nutritivo*, e tambem do *que se conserva* ou *é de guardar*, e como *solidus numerus* designe o *cubo*, vemos que por *cubare* se deixou entrever o *ajuste de contas* (solidæ rationes), que *pendeu para um lado* e foi tambem mais favoravel a certos individuos. *Cubus* (quadrado) conduz á *cubula* (bolo); e como se trate de um solido de *seis faces*, nota-se que a divisão do *bolo* foi mais vantajosa para os velhos (*seni, senex, attæ*), ou que estes apresentavam um *ventre* mais crescido (*latus, ilia*). Os *vertices* dos triangulos de Pythagoras referem uma ordem identica de factos, porquanto *vertex* traduz-se por *cabeça*, *maioral*, e tambem por *abysmo*, que é, no caso figurado, a voracidade dos proceres boschimans (*profundum*).

Os dous triangulos representam, portanto, os *seis lados* de maior projectura; mas *angulus*, synonymo de *gurges* (glotão, abysmo), e de *reflexus*, justifica a illação que tiramos do nome de *Cencenes*, porquanto leva a *dobrar o numero* (*reflectare*), representado por *seis*, e assim repete-se o algarismo *doze* (*reflectere*). Si a figura geometrica tem um dos vertices voltado para o *empyreo*, e o outro para o *planeta*, signal é que a *herança vaga* de Ten creou duas ordens de *abysmos*, para morada de *ricos* e *famintos* (*arces igneæ*). Os que olham para o *planeta* serão como *vagabundos* (*errones*), que blasphemam dos deuses celestes, e deste modo se estabelece a linha de separação entre os *fata* e os *famuli divi*.

A palavra *empyreo* vem das vozes gregas *en* e *pur* (no fogo) e foi no *fogo* que os novos bemaventurados

forjaram o seu futuro destino, como as plantas de succo adurente (empyrophyte) firmam a sua propriedade util pelas esfoladuras que vão produzindo. O mundo que se fez em *seis dias*, é esse mesmo que se fabricara por ordem de *seis luzes* (seni dies), mas nascido da *corrupção* (cœnum), que é também um lodo fecundante (cœnum Nili). A terminação *enes* ou *nes*, de *Cencenes*, prende-se a *necatio* ou *nex* (morte violenta), e a expressão conhecida de Suetonius — *veneno sibi perunxit pedes, et enecuit* —, data de um passado em que as *raízes* humanas (pedes) foram *postas ao fogo depois de ensopadas em azeite*, como aconteceu aos christãos do reinado de Nero. O *oleo santo* ainda figura nas recordações da população culta do orbe, como, entre outras, nos attesta a cerimonia do baptismo catholico.

As *seis cousas* que o *constructor do nosso universo* (opifex mundi), achou *boas*, foram as *propriias immundicias* (bona. cena), e note-se que *opifex* (creador) resolve-se para a linguagem em *fezes da força* (opis fex). Trata-se dos primeiros monopolisadores da *riqueza* (ops), sahidos dos charcos da Africa occidental e conhecidos mais tarde na historia pelo nome de Carios (caries, podridão). Para onde quer que nos voltemos, do alto de nossos preconceitos politicoos ou religiosos, o quadro que se desenrola á nossa vista attonita é o de um immenso estendal de misérias, que se multiplicam ainda ao infinito, graças ao pendor vicioso dos homens, quando manifestado pela supremacia indiscutivel do *ventre* (vertex) em todas as circumstancias e relações ordinarias da vida.

Não esgotamos a lição que nos offerecem pelo nome de *Cencenes*, e por isto recorramos ao elemento *cen* para descobrir que os antagonistas dos *patres* de Ten, sem em-

bargo de terem *consentido* (sinere) na espoliação de seus pretendidos direitos, tomavam agora um aspecto ameaçador e sinistro (sinister), e armavam-se para a lucta como a serpente para o jaculo (sinus). Si consultarmos o elemento *enc* (de Cencennes), notaremos que o ataque *estava imminente* (ingruere), e para evital-o tiveram os *patres* de dirigir aos seus confrades uma *carta circular* (encyclia), pedindo que *acudissem* (incidere), e cortassem a marcha da *gente impura* (incestos incidere). Dir-se-hia, ao ver reunidos esses velhos *Incas* do Egypto, que do tecto artezado das casas ricas baixara a *lancharia de folhas, fructos e flores* (encarpa), com que os estucadores as ornamentam. Esta circumstancia traz á memoria a palavra franceza *lambris*, cuja origem escapa aos etymologistas, mas que se formou por intermedio de *lama pressa* (lama comprimida), e equivale á expressão latina *cœnum strictum*, como para dizer que os *patres* thinitas (cœnum) apresentavam-se de *fileiras cerradas*. O grego *lampros* (claro, brilhante) entra na lingua franceza por *lampris* (lama pressa), nome de um *peixe* que offerece em seu todo certa combinação de côres, desde o lilaz e o azul de aço, até ao roseo, argenteo e vermelho. Esta ultima coloração figura nas *barbatanas*, donde se depreheende que os primitivos *filhos do sol* usavam de um *pennacho encarnado* (penna, *barbatana*, *pluma do capete*). E já que falamos nos *Incas*, lembremos que o *cordão* (auta), usado por elles na cabeça, era um symbolo de *auctoridade excessiva*, como nos prova a palavra latina *autarium* (cogulo), synonymo da expressão *apparatio ponderis*. Esse *cordão colorido*,—quem diria?— recorda o conhecido *bolo* (spira, libs), e a *cohorte*, que nos mostram em marcha contra os rebeldes de Ten, cujas *evo-*

luçes (spira) lhes asseguraram a victoria. A *camisola*, que, segundo Garcilaso de la Vega, vestiam os *Incas* e lhes chegava até aos joelhos, apparece-nos indicada pelo termo *enc*, do nome de *Cencenes* (encombona). E' de ver que as mulheres asiaticas deram aos seus novos maridos um fato proprio das *crianças*; e note-se que aquella *camisola* é chamada *uncu* pelos Peruvianos, e *cusma*, pelos Hespanhóes. *Incus* (de enc) é a *bigorna*, e esta palavra portugueza, de origem desconhecida, equivale por sua composição á phrase *bigamus ornatus* (bigamo enfeitado); de modo que a gente cuja cabeça imitava a dureza do ferro devia o seu vestuario mais simples ás *artes recurvas* (capere unco, hamo), dos passaros de rapina (*recurvus unguis*). O vocabulo empregado pelos Hespanhóes (*cusma*), para designar a *camisola* dos *filhos do sol*, repõe na scena da historia os homens que os Asiaticos deportaram para a Ethiopia, pois *Chus*, dado pela legenda como povoador dessa região africana, é o mesmo, sob a relação ethnica, agora representado no *grande tropel* de Ten (*chusma*). Por outro lado, o nome do *primeiro bigamo do mundo*, Lamech, recorda a *imagem da lama repudiada* (*lamæ missae echo*), a qual fôra transportada em janeiro de 11.019 para a localidade indicada, e *Mechir* designa o mez egypcio que corresponde á parte do primeiro e ultimo do anno (dezembro e janeiro).

Deixamos os *festões* (encarpa) do nomo thinita, quando surgiam aos olhos attonitos dos negros rebeldes. Os *patres* vestiam *fato novo* (encaeniare); e como a obra alludida dos estucadores esteja em potencia na palavra *lacunar*, o proverbio latino *lacunar spectare* (olhar para o tecto, estar pasmado), tem perfeita applicação ao caso de nossa narração. *Laquearium*, que designa tambem o

tecto artezoado, facilita o conhecimento do meio empregado pelos *patres* para subjugar os seus adversarios. Foi de uma *cilada* (laqueus) que elles se utilisaram para esse fim; e as *evoluções* (spira), de que tratámos ha pouco, foram dirigidas no sentido de *envolver* (spira) os homens que offereciam, por suas fileiras, o aspecto de um *bolo mal feito* (incondita spira).

O *ardor* dos Libyos (incendium, incalescere) assemelhava-se aos impetos do incendio, mas este póde ser cortado e circumscripto.

Qual os ventos que sopram nos estreitos (incolpiæ) a coragem inexperta (incapax), produz desastres e naufragios, tanto mais quando enfrenta com a sciencia disciplinada (incana disciplina). Os *veteranos* (incani) que marchavam a passos medidos segundo a toada das trombetas (incedere, intentio), foram tambem os primeiros *encantadores* da terra, e por isto *incensio* é synonymo de *artes monstrificæ* (artifícios monstruosos, encantamentos). Não se póde duvidar que os *Centauros* (Cencnes) seriam produzidos por uma especie de *bruxaria*, porquanto a *cavallaria*, nas guerras antigas, fazia as vezes de *matilha de lobos* lançados sobre o inimigo destroçado. A phrase de Cicero — *mitte ad Lupum ubi is nobis eas centurias conficiat*, não podia ser interpretada segundo o criterio historico, pois o *Lobo* de que trata o orador latino era para os antigos a *dissolução confusa dos elementos*, que formam os exercitos (chaus, chaos). Por outro lado, em *lupi* (lobos) se depoz a noção de *freio muito duro*, para representar os rigores da disciplina, que formavam as *centurias* romanas; e deste modo o *offerecimento da vida* tinha para os Latinos a significação de *bruxaria* ou *encantamento* (devotio vitæ).

Dessa correlação de sentidos nasceu a fabula dos *Centauros*, os homens que andavam como si fossem *cavallos*, isto é, obedecendo ao *freio* da disciplina e submissos á voz do commando, que lhes impunha o sacrificio da vida. Os *patres thinitas* marchavam a cavallo ou formavam uma *cohorte*, como nos informara a palavra *spira*, agora approximada do radical de *centaurus* (Cencenes). Imaginem-se as consequencias do recontro entre o ardor desordenado dos Libyos e a tactica vigorosa dos Ethiopes. Estes sahiram immunes do choque (*incolumis*), mas os seus contrarios foram destruidos, como informa o termo *nex* (matança), do nome *Cencenes*. Os Libyos estavam armados de *chuços*, como se colhe das significações de *scena* (especie de cutelo), e de *cultellus* (estaca de páo). A centuria ethiope fazia uso da *espada* (*ensis*, de *Cencenes*), emquanto a *multidão vermelha* não dispunha senão de pequenas *adagas* (*ensicula*). Isto melhor se verifica attendendo para a synonymia de *ensicula* (*sica*) designativa dos *esfomeados* (*siccus*, *Siculus*), comparada á de *ensis* (espada), nome de uma *constellação* (*signum*, *sidus*), indicação sufficiente para descobrir os homens das *senhas* e *bandeiras*, dados como *filhos do sol* (*sidus*). Os restos do exercito vencido tiveram varia fortuna, como nos dizem as vozes *incarcerare* e *encaustum*. A *marca de ferro quente* é, portanto, mais antiga do que suppunhamos. A obrigação da Lei das XII Taboas, conhecida pelo nome de *nexus*, nasceu nesse momento desconhecido da historia. Os Libyos da revolta jugulada foram *reduzidos á escravidão* (*nexum inire*).

Vem de molde o nome do mytho egypcio (Cencenes), para lançarmos uma nota sobre as mulheres asiaticas e a educação que ellas subministravam aos seus maridos,

sem esquecerem a pro genie estremecida. *Sentia*, a deusa da infancia, era a mesma que inspirava pensamentos. Por *encathesma* se entendia o *deposito de humor*, e com esta imagem apparentemente physica, vemos indicado o *thesouro de graças*, de que o sangue asiatico era como as arrhas nativas das nupcias. *Deposito* traduz-se por *thesaurus* ou *sponsio*, e esta palavra é a mesma que apparece atravez de *sponsa* e de *sponsalia*. A *camara nupcial* (*sponsale*) apparece como um *penhor da affeição*, que ligava a *maternidade á prole* (*pignus*), e, em face dessas victimas furiosamente arrastadas por selvagens luxuriosos e ebrios, vemos a candura das mulheres moralmente impollutas, que podiam dizer dos seus barbaros algozes: *dextram ei reconciliatæ gratiæ pignus obtulit* (estendeu-lhe a dextra como testemunho de reconciliação). O *humor brando*, a *serenidade de espirito*, são como adherencias da palavra *venia* (graça, indulgencia, perdão). *Humor* é synonymo de *sanguis* e de *vapor* (*chamma amorosa*), de modo que a ideia de *prole*, *descendencia* (*sanguis*) se acha ligada á de *luz*, conhecida a significação da palavra *dies* (humor de cada dia, claridade). Tambem *dies* fala de *antiguidade* (*senectus*), noção esta que se prende, por um lado, á *madureza*, e por outro, a *despedaçamento e ruina*. Foi no meio das *ruinas*, que vinham ameaçando o mundo antigo, já em *declínio* (*senectus*), que as mulheres asiaticas exerceram o seu messianismo, feito de clemencia e piedade. O *aspecto carregado* (*senectus*) desses homens bronzeados, que traziam na pelle como um reflexo sinistro das entranhas, não as entibiava na obra da redempção das almas, e vê-se que não tinham olhos para ver nos filhos o phenomeno traduzido por aquella palavra dolorosa. Se-

nectus, é a *pelle que despojam as serpentes*, mas as mãis embevecidas nos encantos da ternura, tentavam transformar a natureza mesma da raça nova ou dos *barbaros Pelasgos*.

Foi de mister toda a *suavidade da indole asiatica* (*morum suavitas*), para que se modificasse um pouco o *homem moroso*, de *costumes difficeis* (*homo difficilimus moribus*), que a linguagem profundamente imaginosa dos antigos traduzia pela palavra *intemperies* (mão humor). A *indisciplina* (*intemperies*) foi sempre a causa determinante do infortunio de nossa raça; e esta precisa, para accusar a força de seus designios, dos *arrebatamentos e furores* (*intemperiae*), que são como o traço de fogo na historia do planeta. Si indagarmos pelas disciplinas que entravam no programma do ensino domestico, ministrado pelas Asiaticas, abi temol-o conceituado pela palavra *encyclos* e pela ideia moderna de *educação integral*.

Aquelle ensino abrangia e comprehendia tudo, e o nome da deusa da infancia, *Sentia*, bem manifesta que elle se baseava sobre os *sentidos*, como queria J. J. Rousseau, para formar e consolidar o juizo (*sensus*), e dahi o ligar-se *sensus* (órgão sensorio), á noção de *ideia e pensamento*, passando por *sentimento e coração*. A educação intellectual visava a cultura dos *sentimentos*, mas a *sensibilidade*, como pensam os educadores e moralistas, não offerece uma base solida para a moral, por ser extremamente vacillante e pessoal. Os modernos souberam, é verdade, perscrutar o fundo da natureza pelasgica, mas antes delles as instituidoras do Egypto reconheciam aquella verdade, como prova o mesmo nome *Sentia*, que se resolve em *sensa enthea* (sentimentos, pensamentos violentos, furiosos).

Eis ahi os discipulos que as mulheres carinhosas e abnegadas do mundo primitivo quizeram affeição ás cogitações e sentimentos de sua grande raça. O *sensu divino* collidindo nos resaltos de sua exuberancia com o *espirito diabolico*, conseguiu deprimil-o, mas o não venceu de todo. Por *encyklios* depara-se a ideia tirada de *cyclus* (instrumento para cauterisar), donde se illage que a *chaga roedora* ou cancerosa do mundo antigo (nomae), foi submetida ao tratamento gradativo aconselhado por Hippocrates, mas terminou por *induração*. *Cauterisar* é, para a linguagem theologica, *endurecer*, e aqui se trata dos deuses da segunda camada do Egypto. Por *cauterio* se entende o *pincel* e a *pintura* (cauterium), e si esta ideia enreda-se com a de *letras* (tabella), a *acção de pintar o caracter distinctivo e os costumes* teve o nome latino de *characterismus*. Assim, somos informados pela voz *cauterium* de que a *indole* ethiope ou pelasgica offerencia semelhança com o *ferro* (cauterium, *cauteris humor*), mas em estado de *incandescencia*. Essa ethopea deixa presentir que a *educação litteraria* não raro subleva os impetos do caracter difficil e aggressivo; e por isto os povos da Europa, que timbram de mais civilisados da terra, podem explicar a sua nobiliarchia caucasica pela phrase, já citada, de *Caucasum induere* (fazer-se inextinguivel, endurecer-se). *Callejar-se e ser versado em alguma cousa*, são ideias que se travam no verbo *callare*, emquanto a funcção destructiva exercida pelos povos *causicos* está definida pelo effeito operante do *cauterio*. Quem *muito se endurece perdura*: é a triste lição moral que se colhe da palavra *perdurare*.

Vejamos ainda o que nos affirmam pela expressão transcripta: *deposito de humor* (encathesma). *Humores*,

offerece pela analyse de seus termos integrantes a noção de *mores humidi* (costumes frívolos, futeis). E' o retrato antecipado da grande maioria dos habitantes do planeta, que passam a vida no encalço de sombras e vãs chimeras. Entretanto, o synonymo de *humidus* (*riguus*) obriga a segundo exame a phrase de Solinus : *bos plurimo lacte rigua*, que traduzimos contra a fórma recebida : *vacca que refrigera com leite abundante*. E' um echo desse passado remotissimo, em que *Isis*, a vacca sagrada, symbolisava a grande raça de celicolas do Egypto. As mammas numerosas de *Isis* refrigeram ainda os ramos da arvore pelasgica, semelhante á *Igdrasil* da legenda scandinava, sempre verde e florida. Mas, si referirmos o symbolo aos deveres da educação ministrada pelas mulheres asiaticas, poderemos ver *Sentia a nutrir do proprio leite* os filhos immundos (*sentinosus*). O que, porém, devia mais affligir e atormentar (*sentire*) o animo dessas mães extremosas, seria o pendor *sinistro* da nova raça para os abusos de confiança e maxime para o furto. *Sinis*, dado como um *ladraão de Corintho*, morto por *Theseu*, representa um *facto intimo* (*Corinthus, intus cordis*), do temperamento pelasgico, e a ideia dessa *morte* fica explicada pela expressão *elatus these usus* (revelado pelo thesouro da experiencia). O *thesouro*, já sabemos, é o mesmo que nos indicaram pelo epitheto *thesis humoris* (deposito de humor), como foram chamadas as mulheres preadamitas.

Tendo sempre em vista o nome *Cencenes*, consultemos o termo *enc*, na palavra *enclima* (altura do pólo, latitude), para inteirar-nos de um facto notavel da historia primitiva. Trata-se de um acontecimento que produziu grande movimento entre os astrónomos antigos, si crermos no testemunho da palavra *suspectus* (altura), que

fala de *olhar para cima* e de admiração. A *confiança* da antiga raça na fixidade vertical de nosso planeta foi *abalada*, e a noção de um grande perigo surgiu com o resultado das observações feitas (*suspectare, suspectus*). A *obliquidade da eliptica*, não ha duvidar, coincidindo com chuvas abundantes (*inclinatio*) data dessa época, memoravel e funesta para a humanidade, da primeira leva. *Inclinatio coeli* (latitude) faz clara referencia á *obliquidade do pólo* (*polus, ceo*), e pela analyse autoptica do vocabulo *latitudo* se entra no conhecimento dos males experimentados pelos povos asiaticos. *Latitudo* diz o mesmo que *latere toto* (em todo o lado), e *latus*, synonymo de *pars*, diz pelas significações de *tronco do corpo* e *corpo* que a *gente da raiz* ou da *origem* do mundo (*radix, origo*) entrou a *declinar* ou viu approximar-se o *termo da vida* (*inclinatio, flexus*). Era *todo um lado* da humanidade, que vinha de ser assaltado pela perspectiva da morte em futuro mais ou menos proximo; porém a *decadencia* começava desde logo, decretoria, patente, irrevogavel.

Essa *diminuição de vida* (*inclinatio rerum*) acha o seu assento graphico na palavra *sublapsus*, que fala de *ir pendendo, fugindo, até esvaecer-se*. Em *clima coeli* (grãos de latitude), se depoz uma noticia sobre esse *momento critico da vida humana* (*climatericus*), então referido aos homens que haviam attingido ao auge da gloria e da ventura (*coelum*). *Clima* traduz-se por *sol*, donde se póde inferir que houve um decrescimento no calor solar (*inclinatio, flexus solis*), considerado mortifero para a maior parte dos habitantes do *planeta* (*orbis, axis, clima*). Por outro lado, *positio coeli* (clima), leva a pensar num *abaixamento da voz* (*positio*), e por *actio* (voz), se torna clara a ideia de *acção*. Assim fica defi-

nida a causa dessa decadencia concomitante ao phenomeno indicado: o sol não fornecia luz sufficiente para a existencia de certos organismos, e o mundo fossil deve ser contemporaneo dessa data memoravel. Cumpre accrescentar que a vida se tornava mais difficil na proporção da distancia do equador para os pólos, pois á semelhança dos grãos de latitude, o *ponto mais alto* coincidia exactamente com a morada menos habitavel (pejus: *peior, gráo mais alto*).

Deixámos os Ethiopes de Ten depois do combate que lhes deu a victoria, e esta, não dissemos ainda, foi commemorada por um *templo*. O caso vem narrado pelo vocabulo *encoenia*, approximado de *Cencenes*. A *dedicação de um templo* suppõe a escolha de um idolo, como nos revela a voz *delubrum* (templo, idolo de madeira). Referem Clemente de Alexandria e Eusebio que os idolos não foram durante algum tempo sinão pedaços de fôrma oblonga, chamados *pilares*. Sua côr mais commum era negra, e dahi seu nome grego *baitulia*. *Betula* é o nome latino do *bidoeiro*, e *dolon*, do *chuço*, de modo que a palavra *idolon* póde ser explicada pelo nome da arma que os Lybios manejaram contra os seus inimigos, e fôra *despedaçada* (*iduus dolon*).

O termo *tulia*, do vocabulo grego, prende-se por um lado a *tur*, que forma o radical de *turba*, e por outro lado, a *orea* (freio), não falando de *urion* ou *orion*, que nos repete o nome de uma constellação, já considerada (Espada). O *freio*, portanto, que os Ethiopes puderam applicar á *multidão revoltada* (turba), perpetuou-se sob as apparencias de *idolo*; ou, antes, o *chuço*, que nos apparece sob a fôrma abreviada de *lancêta* (enchiridion), foi collocado nos primeiros altares que se erigiram na

terra. Não precisamos renovar o estudo sobre a palavra *spira*, com que nos designam agora o *pilar*, da superstição ethiope. Por ella novamente se designam a *cohorte* victoriosa e a *circumvolução* ou manobra militar que deu o resultado previsto. A fórma *oblonga* da *lancêta* ou do ferro posto na extremidade da *estaca* (chuço), que era de *bidoeiro* (betula), attesta o *pequeno triumpho* alcançado pelos Ethiopes (ovatus). Os *pilares de pedra* ou *pegões* chamam-se *coluria*, e este vocabulo mal occulta a ideia de *freio escuro* (colorata ore), equivalente á de *nigrum fraenum* (brida dos negros). Lembremo-nos, entretanto, dos *cutelos* de obsidiana negra fabricados pelos Azteques: elles têm a forma de uma *lancêta* de cirurgião, e este lembra o anatomista do Egypto. O nome *Azteque*, por seu lado, diz o mesmo que *as tectus* (todo encoberto, defendido), e ahi se mostra o *acervo* dos Negros do Ten, causa de sanguinolenta contenda.

A *eclipse* «que», do nome *Azteque*, ajusta-se ao elemento *enc*, do nome *Cencenes*, e conduz á palavra *querela* (motivo de *queixa*), que nos dá ideia de uma *inscripção funebre*, e recorda o *panegyrista* indicado ainda pelo termo *enc* (encomiographus). Já se sabe que o *panegyrista* é o *corneteiro* (buccinator).

Resta confrontar o numero dos annos attribuido ao supposto reinado de *Cencenes*, com os resultados colhidos directamente pela analyse deste ultimo nome egypcio. Segundo Manetho, aquelle monarcha reinara *trinta e um annos*, o que suppõe mais *quatro annos* decorridos desde o apparecimento da raça pelasgica. *Tria juncta* ou *cincta uno*, diz que, durante o periodo indicado, é preciso ver *quatro cousas*, e por *quatuor* se allude ao mais notavel acontecimento da época (quassus tuor, vista

abalada). A commoção produzida pelo aspecto do astro solar manifesta-se atravez do numero dado; mas *triginta* e seus synonymos reconstituem toda a historia desse momento attribulado. *Tric* traduz a *embrulhada* (*tricae*), que foi a revolta da *gente vermelha* (*truculenta gens*), porquanto *truculentus* é palavra equivalente a *cruentus*, e dá ideia de homens ferozes, sanguinarios.

O que a principio parecia *cousa de nonada* (*tricae*), passou, como vimos, a revestir a feição de *tragedia* (*tricae, nenia*), ou terminou em *canto funebre*. *Rica*, designa o *carrapato* lybico, que foi esmagado pela *inflexibilidade* e solidez ethiope (*rigor*). De nada valeu para as victimas o *furor* da *acommettida* (*recalet furor*), pois tiveram de ser *recalcadas* (*recalcare*) pelos homens *calvos* (*recalvus*), e de *côr parda* (*recandescere, pallidus*), que viviam *recostados* (*recumbere*), como grandes senhores. O elemento *gint* (de *triginta*) designa claramente os individuos que foram *alistados como soldados*, e dados como *patres*. *Cinctus* reúne a noticia dos dous factos, ligando a ideia de *coroadado* á de *soldado*, e ao mesmo tempo deixa entrever as mulheres, que cobriam o rosto com o véo das flamines (*cincta*). Sabiamos que as mulheres asiaticas usavam uma especie de vestido largo e de fimbrias circulares (*cyclas*); agora nos informam que ellas escondiam o rosto num véo vermelho, como para ter diante das vistas do espirito a morte tragica de sua raça na memoravel noite de Ten. Por isto aquelle véo era de *côr vermelha alaranjada*: *ethiopes* e *lybios* confundiam-se nessa combinação chromatica.

O nome latino dos *Flamines* (*flamen*) liga-se ao de *asopro* e ao de *véo das noivas* (*flammeum*), porque os sacerdotes assim chamados eram como effigies memoriaes da

raça *acautelada, prudente e circumspecta* (cauta), que os acontecimentos fatalmente prenderam pelas mulheres violadas aos dominadores futuros do planeta. *Cauta* (asopro) une-se pela synonymia a *spiritus* ou *axima*, e *asoprar* traduz-se tambem por *suggerir, insinuar, inspirar*, de modo que a lembrança de *noivado apparelhado* pelas *chammas* (flamma) prende-se á das mulheres que transmittiram á geração de seus algozes as suavidades incomparaveis de sua alma. *Flamina tibix*, diziam os Latinos para representar os accentos melodiosos da flauta; e ninguem esqueceu, por certo, a magia desse instrumento divino, quando as nossas maguas o acompanham na calada da noite. A noite pelasgica encheu-se desses sons ineffaveis; e não é muito que os Persas dessem o nome de *assopro* á virtude miraculosa de Christo. Um poeta christão, V. Fortunatus, designou o *espirito santo*, da Egreja, pela palavra *flamen*; mas *sanctus spiritus*, é a *intelligentia augusta, poderosa, veneravel*, que vimos empenhada na obra ingente da reconstrucção do futuro humano. Ninguem mais achará deslocada a imagem da *pomba*, como symbolo do *espirito divino* (*Spiritus Sanctus*); entretanto, ella tambem foi chamada *Chaoniales*, e neste epitheto se deletreia a bella *ave cantora*, que sabe descobrir novas inflexões para cada crise confusa da existencia pelasgica (ales chaoui omnisona). E' que a vida humana acha na *poesia* os seus *auspicios* (ales, ales canorus), e o lado poetico de nossa alma, á semelhança da *pieria via*, considerada na fabula, transforma em passaro canoro o animal feroz que trouxemos do passado (varia).

Advirtamos, todavia, que o nome latino da *pomba* (columba) faz menção da *enfermidade* que assaltara os Asiaticos de Thebas, e com elles, segundo nos disseram,

toda a humanidade culta. Foi a *debilidade dos rins* (collis lumbago, tebæ lumbago) a causa do decrescimento espantoso da vida, notado nesse momento da historia dos velhos civilisados.

Estamos informados de que esse accidente nosologico foi vinculado pela sciencia antiga ao enfraquecimento do nucleo solar, e veremos si os numeros, que temos em vista, corroboram o juizo emitido por outras *palavras*. *Triginta*, por *triga*, faz pensar num *carro tirado por tres cavallos*, e *triplex* (tres) offerece a imagem da *tripode* de Apollos onde se proferiam os oraculos. Não precisamos dizer que, por *Apollo*, se particularisa o astro regente de nosso systema planetario (sol), e neste caso *orbita* (carro do sol) allude á *revolução* dos astros que estão ligados entre si por um mesmo systema de relações (plexus, de *triplex*). Mas *trica*, falla de *embaraço*, e esta palavra transporta-se para a lingua latina sob a forma de *molestia* (enfermidade, mancha).

Por outro lado, descobre-se que *cornipedes* (cavallos), fornece pela analyse a noção de *raizes do pharol*, donde se conclue a existencia de uma *lacuna* na orbita solar. O *carro do sol* é chamado *quadrigæ*, e aquelle que nos indicam pela palavra *triga*, é tirado apenas por tres cavallos. O astro soberano despendeu, portanto, uma quota de reserva combustivel (pedes corni), proporcional á força representada por um dos cavallos da equação. E foi por isto que se depoz no vocabulo *cornu* a imagem de um *vaso em que se guarda azeite*, cuja provisão se consumira, á semelhança do liquido escapado por um tubo de *funil* (cornu).

A ligação desse facto com a da vida de nosso planeta está definida pelo vocabulo *plexus* (de *triplex*), syno-

nimo de *nodus* (nó). Ora, *nodus* designa especialmente o ponto em que o *Zodiaco* corta o equador, e esta circumstancia põe-nos em face da observação já notada na *ecliptica* (*inclinatio coeli*), trazendo á memoria a noticia dos males produzidos entre os mais velhos habitantes da terra pelo phenomeno observado. Si houvesse ainda duvida sobre o rigor de nossa interpretação, bastaria para desfazel-a recorrer aos numeros com que operamos. *Cencennes*, como ficou indicado, vale por 66, e 31 representa os annos do reinado desse supposto monarcha. Acontece que o angulo da inclinação do eixo da terra sobre o plano da respectiva orbita é, mais ou menos, de 66° 33', donde se depreheende que os algarismos antes indicados (66, 31) representam a medida desse desvio na época assignalada pelos creadores da astronomia.

O *solido* ou *senario* de Pythagoras, de que tratamos, deve comprehender o calculo da obliquidade da *ecliptica*, e por isto o remettemos para os competentes. *Solidus* resolve-se, por força de nosso methodo, em *solitus* (orbita da terra), e *solidum* dá ideia da *entumescencia* ou projectura que se nota no equador do nosso planeta (*solitumor*), além de falar particularmente de terra *firme*. Tambem por *solidus* se designa a moeda de ouro, cujo valor varia segundo o peso; e nesta imagem vemos os termos de uma *avaliação* (*pretium*, ouro; aestimatio, *valor*), que se basêa no peso respectivo dos dous objectos comparados (a terra e o sol).

A *tumescencia* do equador deixaria suppôr a firmeza da terra (*erectio firma*), si uma causa extranha não determinasse a obliquidade daquelle circulo; e esta se descobre numa *desigualdade*, que é, nos termos da comparação feita, a base da differença entre o *peso* e o *valor*

da moeda. *Valor* é *pondus* (peso), e como a *terra* tenha por emblema o *angulo* (versura), que representa os movimentos combinados dos planetas, achamo-nos em presença de um *emprestimo* em *moeda*, cuja realização depende do uso da *balança* (orbis). Ora, *orbis* designa o *sol*, que é o *emprestador* na transacção supposta; donde se conclue que a *terra* se inclina na medida do peso que leva (nutus), enquanto o dispensador do ouro se despoja ou se esvasia. Como os planetas tidos por *vagabundos* (errones) não restituem o que recebem por *emprestimo* (versura), podemos prenunciar a futura *bancarota* (creditoribus decoquere), do grande *banqueiro*, ao passo que os devedores insolvaveis accumulam as verbas do seu passivo para a liquidação final. Eis porque os eclipses deviam inspirar terror aos que conheciam os segredos do céu e da terra; elles são como a imagem de um *esgotamento* (defectio), que se prende ao phenomeno da obliquidade da ecliptica.

Poz-se na palavra *angulus* a noção de *logar retirado* (secessus), e por *secessus* nos designam a *região profunda* onde reinam o *silencio* e a *solidão*. Si analysarmos a composição daquelle vocabulo latino (angulus), depararemos com os termos *angustus chorus* (ajuntamendo estreito, apertado), e *cavea* (ajuntamento) fala de *abertura*. Estas approximações de palavras resultam do exame suscitado pelo vocabulo *trigonus* (triangulo), que se prende ao radical de *triginta* (trinta), e lembra os *triangulos* do emblema pythagorico. A *figura* de que parece cogitar o enigma do philosopho italico vem apontada pelo derivado de *vertex* (vertice), *vertigo*, nome da *esphera movel*. Mas o *empyreo*, de que alli se fala, representa uma parte mais elevada dos céos aonde gyram os astros, de

modo que a *terra*, symbolisada num dos triangulos do problema, se acha para com o fóco central na relação supposta pela segunda lei de Kepler.

E' da *terra*, ou do *logar retirado*, que offerece o aspecto de uma *aggregação cerrada*, onde se nota uma *abertura*, que nos occuparemos, para dar conhecimento de um esforço supremo dos antigos civilisados. A *esphera*, que se dividiu em 360° deixa entrever a idade da terra computada pelo estudo das camadas interiores. Já decompozemos a palavra *angulus*, mas resta approximar o termo *gulus* de *collus* para achar a descripção de certo *instrumento de couro para torturas*. Ora, *mundus* designa os *instrumentos*, em geral, e a ideia expressa por *corium* é a mesma que se representa pela voz portugueza *camada*. Já se adivinha quaes as *torturas* applicadas por intermedio das *camadas subterraneas*, que foram exploradas pelos Asiaticos. Comparemos agora com o resultado colhido da analyse das palavras aquelle que se occulta na significação do vocabulo *gradus* (gráo), acima enunciado. *Gradus* diz o mesmo que *degráo* e *excavação feita com alvião ou picarêta*. Não precisamos accusar o nome do *fructo do pinheiro* (*conus*), que forma o segundo elemento significativo de *trigonus*. Esse *fructo* apresenta realmente a fórmula de uma *aggregação de camadas*, estreitamente cingidas, e que termina por uma parte mais tumida.

Eis ahi uma descripção precisa do elemento em que o genio audacioso dos antigos penetrou com sacrificio que apenas pôde ser imaginado. Por isto a *pinha* era entre elles o emblema da *intrepidez*.

Si indagarmos pelo resultado dessa empreza temeraria ou incrível, achal-o-hemos na fixação da idade da terra.

Os 360° da esphera resolvem-se em 360.000 annos; porquanto *articulus* (gráo), é o nome tambem da época, e *aetas* (época) tem a significação de *saeculum*, entendendo-se por *seculo* o periodo de *mil annos*, como é corrente na lingua latina. Depois de effectuado esse computo, decorreram novos *periodos geologicos* ou *seculos de mil annos*, mas é facil apurar, como veremos mais longe, a idade actual de nosso planeta. Seria curiosa a narração que fizessem os nossos maiores de sua viagem ao interior da terra, mas é possível reconstitui-la em seus traços geraes, bem que o façamos de modo succinto, por necessidade de abreviar. Ainda por *vertigo* se nos depara a ideia de *turbilhão*, de *redomoinho* e pelo respectivo synonymo, a de *pé de vento misturado de relampagos* (typhon).

Esse movimento gyratorio, que imita o de um tufão sinistramente illuminado por chammas, está retratado pela palavra *volumen* (turbilhão), que fala das *roscas da serpente*, formada de *fumo e fogo*. *Vertex* ou *vortex* acrescenta a ideia de *pego*, *voragem*, ligando-a, por seu lado, á de *profundezça* (barathrum). Distingue-se em *vertigo* o radical de *ignis* (fogo), de modo que a caverna do interior da terra lembra um *alto resvaladouro* (barathrum), onde se estampa ao mesmo tempo o caracter de *pantano* (vorago) e de *mar revolto* (turbo).

O abysmo phantastico não se move silenciosamente: estruge e lança de si com impeto os corpos que o attingem (turbo). Essa força energica de projecção (turbo), assemelha-se aos movimentos rotatorios do fuso empregado nas ceremonias magicas (turbo), e as ondas que se elevam desse tremedal chaotico lembram uma multidão desvairada que alguma cousa sobressalta ou impelle em des-

ordem (turbo). As nuvens e vapores que cobrem a face do chãos estão indicadas pela palavra *nubes* (turbilhão), e alli reina a *obscuridade*, mas não absoluta, pois *nubes* dá ideia de *estiofo fino* e *transparente*. Ha, pois, nas profundidades do globo um *hiato* (hiatus), ou *garganta* (ingluvies), cuja forma deve imitar a do *angulo* (versura), movimentada no sentido circular e conico.

O aspecto das materias em fusão está retratado pela palavra *unda* (turbilhão), approximada de *ignis* (unda ignis): é o da *lava inflammada*, característico este tambem assinalado pelo termo *gono* (de *trigonus*), que forma um vocabulo bem conhecido da sciencia medica. Os soffrimentos physicos assaltaram em chusma aos exploradores do mundo subterraneo, como se illage da appproximação entre *gradus* e *clades*. *Vertigo* accusa os incommodos menores, que gradativamente foram avultando : *tonturas*, *vagados*, *verligens*.

Os leitores de Hippocrates não sabem ainda qual a molestia que elle denominou *tiphus*. Entretanto, o latim *tiphus*, fala de *intumescimento*, *inchacção* e já vimos que *typhon* descreve o *redomoinho* do interior da terra. Trata-se de um erethismo das funcções organicas (erectio), que se manifesta pela turgescencia dos tecidos e altera ou perturba a vida do cerebro (turgere). Dahi o symptoma de ordem moral, que se inscreve nas palavras *turgidus* e *turgere*, para não citar o vocabulo *tumor*, que tambem designa o sentimento da soberba (tiphus). Nós conheciamos o *mal das montanhas*, mas não tinhamos noticia da molestia que ataca nas altas profundidades do sólo, e dahi o embaraço causado pela palavra *tiphus*, usada por Hippocrates. Não percamos, entretanto, a lição da palavra *tiphus*, que se decompõe nos termos *typi fusio* (der-

retimento da figura), como para dizer que o calor central da terra é tão elevado, que pôde fundir o corpo humano (*personæ fusio*). Informam-nos igualmente que nessa temperatura a agua se vaporisa (*inflatio*), e, por associação de ideias, podemos attribuir a fôrma entumecida do globo terraqueo aos gases que se accumulam nas maiores distancias da superficie, facto que se denuncia aliás no vocabulo *empneumatosis* (inchação). Vê-se além disso que *tumor* (inchação) é synonymo de *vesica* (bexiga), e por este synonymo somos conduzidos a considerar a terra como uma grande *empola*, que ameaça estalar, como parcialmente nos indicam os accidentes sismicos.

Seria desejavel que pudesse mos achar os vestigios dessa obra gigantesca, como se afigura a excavação necessaria para dar ingresso ás camadas mais profundas do globo.

O genio da raça illustre, que vai patenteando aos nossos olhos attonitos os arcanos ainda intactos da sciencia, traçou num vasto diagramma a lições de luz perenne, a historia de suas emprezas e descobertas, e sómente á nossa incapacidade devemos a ignorancia, em que nos mantivemos até agora, das maravilhas do passado. Mas, uma vez, como sempre, o providente methodo de exposição (*ratione et via*), adoptado pelos nossos guias, faz brotar da simples comparação de factos o conhecimento desejado. A excavação de que tratamos existe, e se acha localisada na Chaldea, como nos informa o nome biblico de Babilonia, *Senaar*. Não basta que achemos na voz *Se:naar* os dous elementos visiveis em *Cencenes* e *triceni* (trinta), isto é, *cen*, syllaba que vem reduplicada nesse nome egypcio. O rigor de nosso methodo não se adstringe a taes similitudes, que aliás conduzem o interprete na via das descobertas. A palavra *Senaar* reproduz a noção, já con-

siderada, de *ajuntamento* ou *roda de espectadores* (scena), emquanto a terminação *ar*, que se mostra em *ara*, suscita a ideia de *logar alto*. Ora, *si altus* também significa *profundo*, a fôrma *naris* (de *Senaar*) diz *abertura* ou boeiro (hiatus, bucca), de modo que da comparação feita resalta a imagem de uma descida na terra, considerada a ideia accessoria de *espectadores* (specûs tacti actor).

Aquelles que penetram no *antro* ou *abysmo* do subsólo (specus actores) estão perfeitamente designados pelo nome hebraico de *Babylonia*; e este, por sua vez, confirma as deducções que tirámos do vocabulo *Senaar*. De facto, o hebreu *babel* é vertido pela nossa palavra *confusão*, e *turba* (confusão) repete a noção já conhecida de *turbilhão*, *redomoinho*. Em *fusio* (de *confusio*) está, por sua vez, reiterada a circumstancia da *fusão* ou derretimento dos corpos no interior da terra; ao passo que a fôrma latina *babulus* (tolo) encontra por *fungus* (tolo, tumor) a indicação, já repassada, de *inchação*, *perturbação de espirito*, além da de *fermentação* ou de *estado ameaçador das cousas* (tumor). E não esgotamos o veio que puzeram á mercê do interprete: a palavra *Chaldæa*, por *calda* ou *caldaria*, representa o *liquido quente* posto na *estufa*, *suadouro* ou *caldeira* subterranea; ao passo que o segundo termo daquelle nome (daea) ajuntado a *metros*, restitue a noção de *perda*, já indicada por *clades* (diâmetros). *Perda*, traduz-se por *incendium* (cousa abrazada) e *pestis* (epidemia), o que nos confirma sobre a noticia dos padecimentos supportados pelos exploradores do mundo subterraneo.

A noção de *peste*, expressa por *diametros*, corresponde á que se encerra na palavra *Proserpina*, nome da *deusa* (dea) que a fabula collocou nas entranhas da terra. Os ele-

mentos que se agglutinam no vocabulo *Proserpina* são indicativos da existencia de um *proscenio*, em que serpeja uma *hydra de cornos* (*proscenium serpis pennatæ*), e si os *cornos* alludem aos *pharóes* que illuminam a scena phantastica das infimas camadas do globo, a *serpente* é a mesma *peste* (*pestis*), de que falavamos ha pouco.

Pennata (que tem pontas ou bicos) é palavra equivalente a *tribulata*, e a *forte tribu* (*tribus lata*), que se faz *ouvir ao longe* (*lata*), é aquella que se *corôa de lumes* (*bulata*), e offerece o aspecto de um rebanho de *empolas*, no *fervedouro* do reino infernal (*bullæ*). Por *daea* somos conduzidos a *dialis* (*aereo*, do ar), e mal se pôde cogitar do pensamento que approxima aquella palavra latina de *Chaldaea*. Devemos pensar numa derogação da lei geral da attracção dos corpos, em virtude da qual os exploradores se viram suspensos no ar?

Em todo caso, os Latinos tinham a expressão *sub nube* para traduzir a ideia que se encerra em *dialis*. Já dissemos que *nubes* (*nuvens*), é synonymo de *vertex* e *turbo* (*turbilhão*), e si fala tambem de *chusma*, *tropel*, confirmando as deducções que tiramos de outros vocabulos (*tribus bulata*), accrescenta a noção de *fumaça*, de *vapores*, de *obscuridade*, para mais uma vez completar o quadro que vamos debuxando a largos traços.

Os exploradores do centro da terra estiveram *debaixo* e *acima* da *nuvem* (*sub nube*) que circumda os fogos do abysmo revolto e retumbante. Nota-se por *chalaré* (approximação de *Chaldaea*) a mesma indicação de *ter no ar*, *ter suspenso* (*tollere sub nube*), e por *tenere* (*segurar, agarrar, conservar*) se chega a comprehender que os intrepidos viajantes das regiões subterraneas sentiram-se impellidos por o alto pela mesma força de projecção, já indicada por

outras palavras. A *serpente atormentada* (serpens tribulata), que se enrosca e retorce no fundo do *pego chammejante*, lança das fauces hiantes um vento impetuoso, semelhante ao furacão. Os exploradores estão, felizmente, designados pela palavra *ardea* (tirada de Chaldea), pois, nessa emergencia indescriptivel, pareceriam *garças* suspensas sobre um mar de fogo.

Deteríamos, por superfluo, o exame das palavras, si ellas não subministrassem novas explicações com a menção de circumstancias ainda não conhecidas. Assim é, que o hebreu *kasdim*, referido pelos philologos ao nome latino dos *Chaldeus* (Chaldaei), diz o mesmo que *circumstancia da inchação* (casus tumoris), e se liga á significação de *pestis* (serpente, epidemia), pela ideia de *enfermidade e morte* (casus). Mas não é tudo : o termo *dim* (de kasdim), conduz a *timor* (horror), e a *demidium* (metade), não falando de *demidius* (cortado pela metade). O *horror*, que nos deixam presentir, assaltou os viajantes em *meio* de sua empreza (dimissio), e a *expedição* viu diminuido, em proporções extraordinarias, o pessoal que a compunha. Sómente *metade* dos expedicionarios chegou ao *termo de seu destino* (casus). Foi uma *submersão* (demersio), seguida de larga *ceifa* de vidas (demessus), mas os sobreviventes puderam, cortando e cahindo (demetere, demessus), realisar o intuito que os levara para o reino das trevas (demere casum). Esse resultado liga-se, por certo, ás medidas accusadas pela divisão da esphera (demetare), e não precisamos accrescentar que ella é bem pouco apreciada pelos modernos. Os *grãos* representam as *camadas* que formam a massa total do planeta, e dahi o numero de periodos geologicos assignalado por aquella velha divisão. A solução desse problema scientifico, que até agora passou

despercebido aos olhos mais perscrutadores, prende-se á memoria de soffrimentos indiziveis. O cão que a fabula pôz como guarda da porta do inferno, *Cerberó*, é o emblema idealizado da horrorosa catastrophe que abalou as almas em toda a superficie da terra. *Cerberó* diz, através da lingua egypcia, o mesmo que gritos das entranhas da terra (*ceri*, *gritos* ; *ber*, *fosso*).

Aquelles que acompanham o desdobramento desses factos ineditos, perguntarão curiosos, si não poderá ser mais precisamente indicado o sitio de onde partiram os exploradores do mar subterraneo. Felizmente é possível responder affirmativamente, graças aos trabalhos de archeologia que nos facilitam o estudo da questão pre-supposta. J. Oppert, cujas explorações por conta do governo francez são conhecidas, descreve o sitio onde foi encontrada Babel. O centro escolhido para as investigações do sabio franco-allemao foi *Hillah* ou *Helat-El-Feilha*, povoação levantada sobre as margens do Euphrates, e onde se viam as collinas artificiaes denominadas *Tell Amrabn-Ali*, el *Kasr* (o castello) e *Babel*. El *Kasr* (o castello), intervallado de *Amran* por um valle de grande profundidade, forma-se por uma accumulacão de cones, em numero, pelo menos, de 300, cujas bases conjunctas imitam a figura de um quadrado quasi perfeito, de angulos orientados na direcção dos pontos cardeaes. *Babel*, que demora ao norte de *Kasr*, vem assim descripta por Oppert: « Figure-se uma enorme massa de 180 metros de comprimento e 40 de altura, accumulada por mão humana num terreno perfeitamente plano, cujo aspecto ainda torna mais salientes as dimensões colossaes da ruina. As faces septentrional e occidental de *Babel* estão mutiladas. Falta todo o *canto* de noroeste, de modo

que o plano actual representa um trapezio bastante informe. Na parte septentrional da face occidental destaca-se do edificio uma como lingua, formada por uma grande incisão (ou um golfo para assim dizer), a qual, pelo seu pequeno declive, dá facil accesso á plataforma desmantelada deste montão de tijolos... Quem chega acima acha um pequeno planalto accidentado : a primeira cousa que avista é uma especie de plaino, que tem perto de 40 metros de largura, e no qual se reconhecem vestigios de excavações feitas para extrahir tijolos.»

Sem esforço podemos reduzir todos os nomes registrados na descripção das ruinas de Babylonia a signaes indicativos dessa viagem inaudita realizada pelos antigos habitantes do globo. *Hillah* repete as informações deduzidas de *elatio* (inchação), e pelo significado de *soberba*, põe o interprete no caminho das excavações feitas para a viagem subterranea (superbia, *super vi.â*). A variante (*Hellat-el-Feitha*), como nome da povoação, diz o mesmo que *elatio lateris* (inchação do corpo), sendo que *elatio*, fala tambem do *sahimento* ou *enterro*, e *funus* (enterro), lembra a *matança* ou *flagello*, attestados, como vimos, por outros vocabulos. O termo *el*, do composto onomastico, tanto se approxima de *elatio* como de *elegia*, mas descreve principalmente o phenomeno, já considerado, de serem os exploradores *lançados para fóra* da caverna, que iam excavando sob seus passos (*elatio*, *electrum*, *elidere*, *eligere*), e tome-se nota de *electrum* (*ambar* = *ambagis*, *par*). Por outro lado, em *Feitha* se acha a descripção desse *retiro de aspecto horrivel* (*foeditas thalami*), que se descobre sob as camadas superiores da terra, e *thalamus* (leito), é synonymo de *corium* e *stragulum*. A collina *Tell-Amranbn-Ali* representa a *terra*, que actuou sobre os viajan-

tes como *arma de arremesso* (tellus, telum) e como *tela* (têa), seja synonymo de *cassis*, ahi temos as *emboscadas*, de que se armara o mundo subterraneo contra os seus profanadores. *Cassis* (capacete), faz crer que os exploradores se muniram deapparelhos que lembram os escaphandros, para atravessar regiões saturadas de vapores mephiticos (foeditas odoris). *Amran*, diz o mesmo que *em torno do verdugo* (am lanionem), e esta palavra portugueza é transcrição perfeita de *perduco* (conduzo ao fim). Por *am lanam* (Amran), nos representam os expedicionarios envolvidos pelas *nuvens* que cobrem a face do mar igneo. Eram nuvens *semelhantes a flocos de lã*, e *glebula* (floco) mostra que o *terreno* (gleba), ou a *greda* que forma as raizes do subsolo, offerece o aspecto da *agua fervente* (bullae), e que se eleva em bolhas. Não precisamos dizer que por *nubes* se reproduz a ideia de *turbilhão* assim como que a palavra *floccus* (floco), por um lado, lembra a *ceifa* da morte entre os membros da expedição (frugalitas), e por outro, a temperatura elevada que fundia os homens e as cousas (cusio). A *fabricação da moeda* indicada pelo vocabulo *cusio* é a mesma rememorada pelo nome da *doença* desconhecida dos modernos e classificada por Hippocrates (tiphus).

Fabrica (fabricação), equivale a *forjas*, e *typus*, é synonymo de *moneta* (moeda). Passemos ao elemento *ibi* do composto transcripto: elle resolve-se na phrase *hi bernus naris* (abertura propria para invernadouro), mas de onde sobem *tempestades*. O *som rouco da ibis* inscreve-se tambem no termo *ibna*, emquanto pelo nome. *Ali* se allude a *perturbação* e *desvario* (alienatio), que já vimos indicados por *turgere* e *turgidus*, e são symptomas cerebraes da molestia descripta. Si prendermos

o elemento *Ali* á palavra *alitude* (sustentação), renovaremos por *sustentatio* a ideia de *levantar ao ar* (sustinere) e por *sagina* (alimento), a de *engrossado* (saginatius), factos estes que estão muitas vezes assignalados no percurso de nosso exame.

Como ficou dito, uma das collinas artificiaes da Babylonía denomina-se *Kasr* (castello). *Casus acritudinis* (exito da força), é o que nos revelam por aquelle nome; mas *acritas* tambem fala de *agrura*, e *casus*, de *enfermidade e morte*.

Estas ideias estão ligadas na significação de *acerbitas* (agouro), que accrescenta a de *infecção* ou *empestação*. Trata-se de uma *calamidade* (acerbitas), que assaltou inesperadamente (casus), os exploradores corajosos e tenazes. Si analysarmos o vocabulo *castellum* (castello), notaremos que elle reúne a ideia de *fogo* (lumen), a de cousa *immaculada* (castum). E' que ha no seio da terra um thesouro de *lux intacta* (intemerata), mas que jorra e se expande como uma fonte ou reservatorio d'agua derivado por aqueductos. Castellum, fala de *observatorio*, e o *quadrado*, lembrado por essa palavra latina, apparece na descripção transcripta, formado por uma successão de *cones*, em numero não inferior a 300.

Seria 360, quaes os grãos da esphera, o numero de *cones*, e não teremos perdido de vista que o mar subterraneo imita pelos seus *turbilhões* ou redomoinhos (turbo), as *cimeiras dos capaceles* (conus).

E' como um pelago formado de grandes *pinhas illuminadas*, que se movem circularmente. Mas, pela imagem do *castello* tambem nos advertem de que os exploradores *fortificavam* os logares por onde immergiam no abysmo, e, assim, as excavações feitas iam preparando

asilos (arx), ou pontos de parada. Os pontos cardeaes a que correspondem os angulos do *quadrado*, alludem ás *portas* que levam da superficie ás camadas inferiores da terra, pois *punctum* (ponto), diz o mesmo que *pene-tratio* (acção de furar), e *cardinalis* (pertencente á couceira), é synonimo de *praecipuus* (superior, que tem o primeiro lugar). Quatro *portas* no andar superior da construcção deixam penetrar nos *canaes* interiores (*punctum*, *canalis*, fossa), e a ideia de *pedestal* ou peanha expressa por *quadra* (quadrado), conduz a *crepido* (beira da estrada), palavra esta que designa os *marachões*, chamados *cones* pelo autor da descripção.

Os meatos, que dão ingresso á secção subterranea, correspondem, portanto, aos pontos cardeaes, ou se ligam aos vertices dos angulos-daquella figura geometrica.

Não nos occuparemos mais da palavra *Babel*, mas do aspecto que hoje offerecem as suas ruinas. O plano actual, que ellas occupam, assemelha-se, como nos disseram, a um *trapesio bastante informe*. Ligada, como se acha, a nossa palavra *trapesio* ao grego *trapeza* (mesa), descobriremos por *mensa*, já a indicação conhecida, de *logar alto* ou profundo (ara, altus), já a de *cepo de açougue*, que reproduz uma das significações encerradas no vocabulo *lanio* (verdugo, carniceiro). Fazemos entender por essas approximações que os logares visitados pelos exploradores do interior da terra podiam ser comparados á pedra onde os açougueiros decepam as victimas. A mudança operada pelo tempo sobre a formosa cidade está prevista pela voz latina *trapezita* (cambista, banqueiro), que conduz a *mutatio* (cambio, mudança). O desenho informe do *trapesio*, acima indi-

cado, fala de uma *carta geographica* e de um *registro*, que foram *supprimidos* (truncus), e tal é a condição da soberba cidade da margem do Euphrates, si nos lembrarmos da ignorancia reinante entre os archeologos sobre sua situação real, e da perda dos livros da historia assyria, que se tenta reconstruir pelos monumentos (mensa, tabula trunca).

Finalmente o balcão do cambista (argentaria mensa), transformou-se na *choupana* (pergula), e por *tablinum* (balcão), synonymo de *caulæ*, se vem ao conhecimento das *cavidades*, que o nome de *Babel*, ou de seu derivado *babylø* (cambista), facilmente nos revelara. O mesmo nome de *Euphrates* mal occulta a noticia dessa viagem ao seio da terra. *Evectus thesem fracturâ*, diz que alguém atravessou até as raizes do solo por uma fractura (thesis, sedimen, limus). Isto se fez *compassadamente*, como nos informa a significação de *thesis*.

Os thesouros do nosso *Morro do Castello* estão as-signalados por *thesis*, synonymo de *thesaurus*. Trata-se no caso de uma excavação como aquella que nos foi denunciada? Não nos demoremos neste novo exame, e concluamos o da descripção feita por J. Oppert. Sob a relação historica, já sabemos o que exprime o *trapezio*; resta dizer que elle assignala um *aterro* (trapeza, *trabe pisatio*), ou *terra calcada*. O *solo frequentado* ou habitado (solum calcatum), que ahi nos apresentam, é tambem aquelle que serviu de *habitação* (trabs), para os seus exploradores. Verifica-se, pois, que os primeiros povoadores do globo viveram nas cavernas, como aliás ficou demonstrado a proposito do mytho de *Prometheus*. A *lingua*, formada por uma grande incisão, que se nota na parte septentrional da face occidental de Babel, como

ficou descripto, si representa a *ponta* ou *unha da alavanca* (lingua), utilizada pelos excavadores, lembra também o *arrojo* e *pertinacia* de quem realizou essa fabulosa viagem aos recessos do subsolo (*cervix*). Entretanto, *cervix* (lingua de terra), fala das *vicissitudes de uma escora bifurcada* (*cervi vices*), noção esta que se explica pelas obras de apoio e consolidação que foi de mister effectuar em todo o trajecto da descida subterranea. *Adminiculum* (escora), fala de *tudo em que uma cousa se apoia, sustenta e firma*, achando-se por *fulcimentum* (espeque) a ideia de *contraforte*. Trata-se de *columnas* (fulmenta), que formaram *galerias* (*syrinx*), pois *parastata* (escora), incluye a significação de *fustes e pilastras*. A *bifurcação da escora* mostra que o caminho seguido foi consolidado por contrafortes exigidos em lados oppostos (*bivium*), e, apesar dessa segurança, offerecia perigos (*anceps*). Não precisamos insistir sobre a *incisão*, que formava a *lingua de terra*; entretanto, *segmentum* (incisura), é synonymo de *limbus* (rede para caça), de onde partimos para a ideia de *golfo* (*sinus*), invocada pela descripção transcripta para melhor representar a fôrma da *lingua de terra*. Assim voltamos ao principio de nossa narração: *golfo* traduz-se por *angulus, cháos, vorago, borathrum*, e ahí temos o *turbilhão* e a *voragem* que vimos no fundo dos abysmos da terra. *Ocão de tres cabeças*, que guardava a porta do inferno, symbolisa, ao mesmo tempo, a *escora bem fundada* (*Cerberus, cervus verus*), que nos mostraram nas fauces do canal subterraneo, e os *vertices* do triangulo (*vertex*), que, segundo vimos, são o emblema da *esphera movel*, sem falarmos da fôrma distinctiva do *mar igneo*, que se agita e rebôa nas entranhas de nosso planeta.

O nome da *plataforma*, empregado na descrição, deixa entender que a *estrada percorrida pelos exploradores*, foi devidamente *calçada* (*stratum*). *Stratura*, synonymo de *stratum*, liga a ideia de *camada* á de *calceteria*, enquanto *tribunal* (plataforma) traz á memoria a *tribu*, que nos mostraram nos infimos stratos do solo (*tribus naris*), e designa o braço do Euphrates lançado sobre Babylonia (Nal, Narraga). Si ficou demonstrado que a celebre cidade da Asia foi construida sobre os aterros executados pelos excavadores do mundo subterraneo, convém tornar patente que *Delphos*, na Grecia, tambem occulta os vestigios de uma obra colossal e semelhante. Deve-se ao archeologo Foucart uma noticia sobre o adyto de Delphos, do qual fazem parte os subterraneos por elle percorridos apenas em tres de suas camaras. Ahi residia o oraculo, que, segundo Strabão e Longino, fazia passar para o alto um *sopro inspirador*. Os moradores do paiz visitaram outr'ora muitas camaras desse famoso subterraneo, hoje soterradas.

Aquelles que sondam essas ruinas estão longe de referil-as á empreza realizada pelos homens da primeira raça; mas bastaria desarticular os termos componentes da palavra *oraculum*, para atinar com o segredo que se vela sob escombros. *Pescoço na terra* (*orâ collum*) é o que, á primeira vista, nos revela o vocabulo latino; mas *ingluvies* (pescoço), tambem fala de *voracidade*, ideia representada igualmente por *hiatus* e *vortex* (abertura, turbilhão). A sinuosidade caprichosa das construcções de *Delphos* tambem levariam a pensar no *golfo* (*sinus*, *vorago*), que é o typo da *voragem* descoberta no intimo da terra. O *sopro inspirador* do oraculo representa o *tufão subterraneo*, que *eleva os corpos*, e por *adimpletor*

(inspirador) descreve-se o phenomeno da *tumescencia* (adimplere), tantas vezes indicado pelas palavras *tumor* e *tiphus*. Os *antros propheticos* são chamados *vocalia antra* (antros que falam); mas *vocalis* tambem significa *sonoro, relumbante*, e não teremos esquecido a voz tonitruante do mar subterraneo. *Spiraculum* (abertura, respiradouro) traduz-se por *sopro divino, inspiração*; emquanto *spiramen* (abertura, sôpro do vento) inscreve a ideia de *cheiro, emanação*, e as pestes que flagellam a humanidade são como visitas das *poteslades* (spiramentum), que habitam as cavernas do globo.

Inspiração divina, corresponde á locução latina *aetherii ignes* (fogos aereos), sendo que a ideia de *ar* se exara na expressão *profundum liquidum* (liquido interior, profundo). Poderíamos tambem verter por *os* e *convexa*, a noção de *ar*; emquanto a primeira palavra diz o mesmo que *bocca* e *abertura*, e a segunda *cavidades* e *cavaduras*. *Inspirado*, é *motus percussus* (deslocado, batido de rijo, transportado, desvairado), de modo que tudo se ajusta para converter o *oraculo* da cidade grega em accidentes, já conhecidos, de uma viagem ao golfo do inferno mythologico.

Basta considerar a redução morphica do nome de *Delphos* (deleta fossa), para descobrir a primitiva applicação do antro de Apollo. A *excavação apagada* ou destruida mostra-se ainda em um plano inferior, e mais tarde attrahirá os cuidados da sciencia que a tornou conhecida, sem comtudo comprehendel-a. A fórma grega *Delphoi* acha sua explicação por *deltam foedare* (mutilar o triangulo) porque se poz na palavra *cuneus*, triangulo, a noção de *assembléa*, e já vimos pelo vocabulo *cavea* (ajuntamento de espectadores) uma descripção das *camadas da*

terra, que foram excavadas. A *ordo sedilium*, que nos é decifrada pela palavra *cuneus*, representa uma *ordem* ou serie de *assentos*, e *pulvinus* (assento) é a *terra que se levanta entre dous regos*, chamada *talhão*. Ahi se descobre o processo empregado para a descida : dous regos obliquos formariam com o taboleiro central triangulos sempre renovados, cujas bases se oppunham, como aliás se collige da allegoria geometrica posta sob o nome de Pythagoras. O ensejo é proprio para definir a figura mysteriosa do philosopho da escola italica, e ella se desvanece pela logica, si assim podemos dizer, do seu proprio nome. *Pictus acutus chorus orâ rasâ* (côro violento gravado na terra aberta), eis em que se resolve a palavra *Pythagoras*. Sabemos o que seja o *côro* indicado : é o *ajuntamento das camadas* da terra, que foi sondada pelos exploradores da raça extincta (*chorus actorum specûs*), Mas tambem o *concerto dos astros* é designado pela voz *chorus* ; e por isto o philosopho mostrava-se tão addicto ás applicações numericas (*numerus*, *cadencia*). Sabe-se que Pythagoras recommendava a seus discipulos de absterem-se das *favas*.

E' curioso que pelo nome da *fava* do Egypto (*colocassium*) se restitua a noticia dos acontecimentos, já relatados, da historia do mundo plutonico. *Colo casus humi* (calamidade na garganta da terra), eis o que se occulta sob a textura da palavra *colocassium* (fava). Desse modo, a recommendação seria inutil, pois os alumnos do sabio indicado não emprehenderem jámais uma expedição de tanto perigo e de pouco resultado. Pela noção de *garganta* (*collum*), chega-se á de *lua* (luna, *garganta*), cujo aspecto frio e merencorio nos deixa pensar na *influencia* (*spiramen*), exercida pela terra

sobre seu satellite. Essa *influencia* (pondus) liga-se á lei de *gravidade*, já um pouco intervertida nas relações entre o sol e o nosso planeta. E' de presumir que a lua seja actuada pela mesma causa que se denuncia no phenomeno da obliquidade da ecliptica terrestre. A terra esvasia-se á semelhança do *grande magnete* de Kepler, e a lua vai deixando ver as entranhas devastadas. Releva accentuar que a *vasilha de azeite*, posta pela palavra *cornu*, no sol e no interior de nosso globo, representa uma *força electrica e vulcanica*. *Succus* (azeite), diz o mesmo que *força*, e liga-se morphicamente a *succinum* (alambre), synonymo de *electrum*, ao passo que *crater* (vasilha de azeite), designa a *caverna do vulcão*. O nosso vocabulo *ambar*, póde ser decomposto nos termos *ambagis par* (par do circuito), e os physicos sabem o que isto significa.

Achar a chronologia dos factos não é menos util que relacional-os, e por isto tratemos de restabelecer a época da exploração realizada no interior do globo. Por prender-se a *sex* (seis), e ao nome de *Cencenes*, tomemos a palavra *sectura* (excavação), a qual, pelo primeiro termo, mostra o numero indicado. Segundo o rigor de nossos processos, teriamos de considerar o segundo termo (ext), que equivale a *hexas* (seis); mas precisamos notar que este algarismo é excluido, já pela significação de *extra* (fôra), já pela fôrma de *sect* (sectari, sectus). *Tur* (de *sectura*), conduz a *tollere* (tirar, supprimir); e *ura* é a mesma voz *ora* (região), synonymo de *regio* (limite), donde *mil* (milliarium). Apura-se, portanto, *seis mil*, que seria a data do acontecimento relatado. Precisamos, comtudo, submeter á contraprova o resultado de nosso exame; e para isto recorramos ao nome da *região*

onde foram descobertas as ruínas de Babel, e com ellas o logar da descida subterranea. O nome *Ila* é transcripção exacta de *aera* (época), mas por *il* ou *ir* formamos *ira* (enfado), synonymo de *senium*, e deste modo, chegamos ao numero *seis* (seni). O segundo termo de *Ila lá* (latus) é palavra que corresponde pela significação a *regio* (limite), e deste modo se apura a noção de *mil* (miliarium). Aos 6.000 annos da chronologia asiatica, portanto, o interior da terra foi visitado pela raça desaparecida. Procuremos agora computar a idade do homem sobre o planeta. Neste intuito, consideremos o nome *Cencenes*, que fala do *lôdo* (coenum coeni), e approximado de *sinus* (centro), faz allusão á *humanidade* (de medio). *Senium in senio nexi* (Cencenes) diz por *in senio* o mesmo que se exprime pela phrase *in aetate* (algumas vezes, ha muito tempo), emquanto *quondam* (algumas vezes) fala de *outr'ora* e de *tempo futuro*. Mas, como o *numero de vezes* esteja determinado na locução *in senio senii* (seis), teremos de achar apenas o producto de *seis* por *seis*, emquanto tiramos de *sinus* a ideia complementar de *marco* ou limite (miliarium). 36.000 annos, eis o espaço da *posse temporaria* (nexum) do planeta pelo homem; e mais tarde veremos o que lhe resta a viver, segundo os calculos e medidas dos nossos antepassados da raça culta. Devemos lembrar que o *reinado de Cencenes* marca a data de 11.024 (C. A.)

FIM DO 1º VOLUME

